3 1761 07830678 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/vidaprodigiozaep00fran

VIDA PRODIGIOZA,

E PORTENTOZOS MILAGRES

DO

GLORIOZO THAUMATURGO

S. FRANCISCO DE PAULA,

FUNDADOR DA ORDEM DOS MINIMOS,

Em que ſe referem os progreſſos do ſeu Inſtituto, e ſe dá huma ſummaria noticia das ſuas Provincias, e Conventos:

E tambem dos Varoens mais diſtinctos em virtudes, e letras, que nelles floreceraõ:

Extrahida dos Eſcritores da Vida do meſmo Santo.

OBRA POSTHUMA

COMPOSTA PELO REVERENDISSIMO PADRE MESTRE

Fr. FRANCISCO DE PAULA BOSSIO,

Lente Jubilado na Sagrada Theologia, e Vigario Geral, que foi dos Religiozos Minimos neſtes Reinos de Portugal.

DADA Aª LUZ PELO REVERENDISSIMO PADRE

Fr. THOMAZ DE AQUINO,

Prégador Jubilado, e actual Vigario Geral nos meſmos Reinos.

E DEDICADA

Aª MUITO ALTA, E MUITO PODEROZA SENHORA

D. MARIANNA VICTORIA,

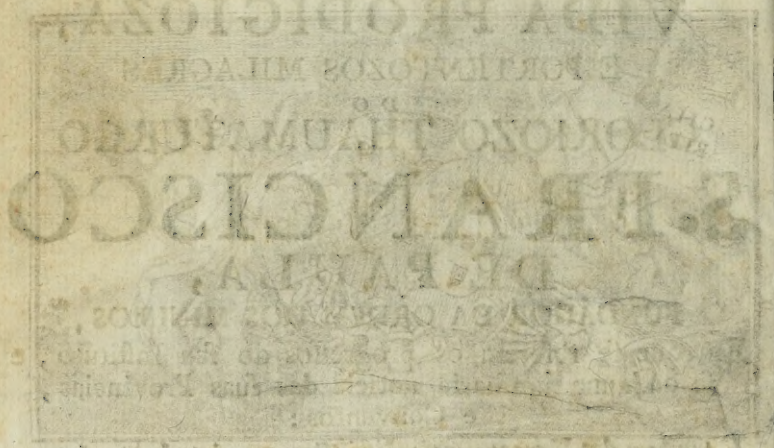
RAINHA MÃI, NOSSA SENHORA.

LISBOA

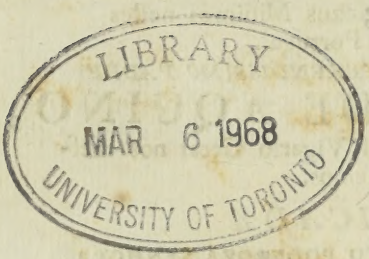
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo,

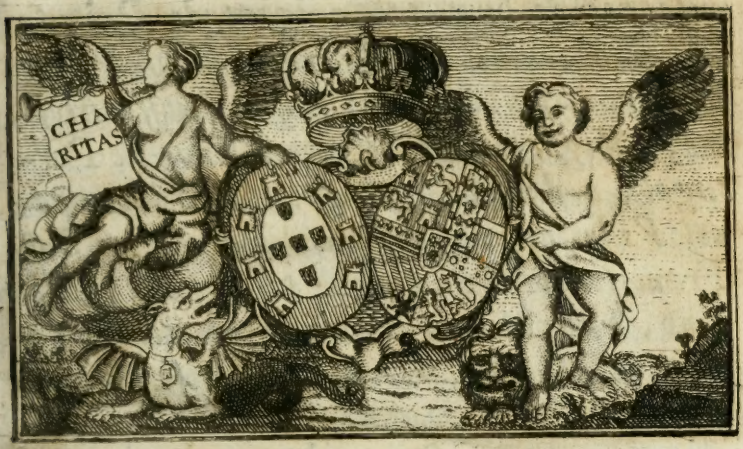
Impreſſor da Real Meza Cenſoria. Anno 1779.

Com licença da meſma Real Meza.



BX
4700
F78F7





SENHORA.

Impulſos de huma cordial devoçaõ, vehementes dezejos de ſeus devotos, e total obrigaçaõ de filho em proclamar as virtudes ſublimes, e portentozos

milagres de hum taõ agigantado Pai, ſe moveo o animo do Reverendiſſimo Padre Fr. Franciſco de Paula Boſſio, noſſo Meſtre, e Vigario Geral neſtes Reinos de Portugal, a dar á luz a grande, e incompavel Vida do noſſo Santo Patriarca Saõ Franciſco de Paula, que pelos ſeus prodigios, e virtudes, admirou os ſeculos decimo quinto, e parte do decimo ſexto, em que floreceo.

E como os ſeus ardentes dezejos naõ tiveraõ a felicidade de ver na ſua vida completa a impreſſaõ do ſeu trabalho, ficámos incumbidos de dar á luz os partos das ſuas taréfas, buſcando em V. MAGESTADE o azylo, e reſpeito, para que corra ſem nota, livre da mordacidade, a que ſe expoem os que pela eſtampa daõ a conhecer o fundo dos ſeus talentos, e achaõ tergiverſaçaõ, oppoziçaõ, e impugnaçaõ no modo de entender os ſeus eſcritos.

Naõ tivéramos, SENHORA, a ouzadia de pôr na prezença de V. MAGESTADE eſta Dedicatoria, ſe no meſmo Auctor naõ viſſemos huma inſinuaçaõ, que era do beneplacito de V. MAGESTADE, e já que confeſſamos a divida ſempre eſtavel, por iſſo achamos o obzequio dimi-

diminuto : porem como a occaziaõ ſe nos reprezenta taõ propicia , para deſafogar algum tanto o noſſo expreſſado reconbecimento , com iſto damos hum publico teſtemunho do quanto he indelevel a memoria , que perſiſte nos coraçoens de todos os Minimos deſta Vice-Provincia ; pois experimentamos de dia em dia em V. MAGESTADE huma Protectora a mais benéfica , huma Mãi a mais amavel , e huma RAINHA a mais zeloza da gloria de DEOS , e da noſſa Regular Obſervancia.

Por ventura naõ nos ha de ſer gratiſſimo hum preceito , que determinadamente ſe ordena ſó com o fim unico de manifeſtar , que quem o impoz , e os que lhe obedecemos , ſabem conbecer , e eſtimar (ſe naõ condignamente correſponder) ao menos manifeſtar , que he parte do juſto agradecimento , a beneficencia generoza , a amavel bondade , o zelo ſanto de tal Protectora , de tal Mãi , e de taõ alta RAINHA?

He indiſpenſavel , SENHORA , e nos lizongeamos , que o ſeu complemento ha de ſer a V. MAGESTADE aceito ; porque ainda que com elle extrahamos dos abyſmos , em que pertendeo eſconder a ſua humildade com outras muitas virtudes ,

eſtas bellas prendas, que formaõ o caracter da ſua grande alma; e cauzemos á ſua modeſtia muito, em que ſe mortificar; tambem penetra V. MAGESTADE como taõ altamente inſtruida, e Religioza, que a obediencia deve ſer cega, e que o naõ he muito, quando reparada; que o favorecido ſendo mudo no incidente de fallar, he ſobre deſattento ingrato; que ao agradecimento he permittido na neceſſidade de ſe naõ exercitar no valor das maõs, o implorar o auxilio da lingua.

Deſculpe por eſta vez, SENHORA, a humildade, e modeſtia de V. MAGESTADE eſte arrojo, por quanto ſeria muito eſtranha, e expoſta a qualquer ſuſpeita, a noſſa obrigaçaõ, por eſquecida; e na verdade ſe julgaria aſſim ſe prezentando-ſe-nos eſta ocaziaõ, a mais opportuna para inſinualla, emmudecera-mos. Permitta V. MAGESTADE, que ſejamos os Minimos reconhecidos a quem tanto ha ſido ſempre com os Minimos benéfica; conceda-nos publicar, que apenas haverá algum, que naõ haja experimentado particularmente os effeitos da ſua beneficencia generoza: até os mudos, e duros marmores, e Real Templo deſte ſeu Convento,

que

que tem a dita de ſer huma minima porçaõ dos ſeus Eſtados, o acclamaõ em Padroens conſtantes, reedificados aquelles, e eſte condecorado com preciozas alfaias, tudo evidencias da ſua Real munificencia; e naõ a outro principio devemos entender, e publicamente referir aquelles dias de pio obſequio, e gloria ſanta, com que V. MAGESTADE vizita, e honra com a ſua Real prezença, e da mais Auguſta, e Real Familia eſta ſua magnifica Igreja.

Mas nada diſto deve ſuſpender aos que reflectirem, que V. MAGESTADE voluntariamente profeſſou ſer verdadeira filha deſte Santo Patriarca, applicando ſempre ſeu elevado eſpirito a hum eſpecial eſtudo, para gravar na ſua grande alma as virtudes do meſmo Santo. E havendo V. MAGESTADE herdado, juuto com o ſangue, de todos os Principes do Mundo Catholico as acçoens mais religiozas, e os affectos mais puros da piedade, recopilando todas eſtas no ſeu Real animo, ſe eléva ſobre todos os ſeus gloriozos Aſcendentes, e fórma V. MAGESTADE hum heroico modelo, para as Reaes Peſſoas do prezente, e futuros ſeculos. Eſta conſtante piedade, e devoçaõ de V. MAGESTA-

DE he taõ notoria, que ſeus fieis Vaſſallos a teſtificaçaõ, os eſtranhos a invejaõ, e em todas as partes do Mundo com admiraçaõ ſe reconhece.

Deſtas ſingulares virtudes, devoçaõ, e piedade, com que ſe adorna o Real Coraçaõ de V. MAGESTADE, naſce a generoza beneficencia, a bondade amavel, e o zelo ſanto, com que V. MAGESTADE ſe ha dignado manifeſtar-ſe Protectora, Mãi, e RAINHA noſſa. Aſſim agradecidos o reconhecemos, e reconhecidos o publicamos na frente deſta obra, que damos á luz, para que ſobre os fins ſantos, que na ſua impreſſaõ nos havemos propoſto, ſeja eterno monumento da dignaçaõ da ſua Real grandeza com os filhos de taõ diſtincto Patriarca; e do noſſo agradecimento, do noſſo reſpeito, e do noſſo amor filial a V. MAGESTADE. Sirva-ſe de a aceitar grata, pois nella lhe prezentamos os coraçoens de todos os ſeus favorecidos, os Minimos deſta Vice-Provincia de Portugal, cheios de ſinceridade, e de candura, redundantes de humildes rendimentos, e reſpeitos ſinceros; e abrazados de hum viviſſimo dezejo, de que premiando o Omnipotente DEOS o que nós apenas podemos reco-

reconhecer, e publicar; proſpére, e diláte a importante, e precioza vida de V. MAGESTADE os muitos annos, que pode, e inceſſantemente lhe pedimos, e ha de miſter eſta noſſa Vice-Provincia de Portugal.

Beijaõ as Reaes maõs de V. MAGESTADE, FIDELISSIMA.

Seus mais obrigados, e ficis Vaſſallos,

O Vigario Geral dos Minimos, e toda a ſua Communidade.

PRO-

PROLOGO AO LEITOR

DO MESMO AUCTOR.

HA muitos annos, que intentamos dar ao publico eſta Hiſtoria da Vida do noſſo Santo Patriarca: porém offerecendo-ſe o Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Joaõ Alvares de Guſmaõ a tomar eſte trabalho pela grande devoçaõ, que tem ao meſmo Santo, nos fez deſiſtir deſta empreza, porque formavamos o juizo, que ſeria obra mais bem aceita de todos pela ſua grande erudiçaõ. Mas como as ſuas continuadas doenças, e queixas habituaes o impoſſibilitáraõ de executar ſeus dezejos, nos vimos obrigados a renovar a antiga idéa, que nos haviamos propoſto, valendo-nos de varios Auctores, que eſcreveraõ as acçoens do noſſo Santo. Nos pontos de Hiſtoria tomámos o que nos pareceo mais veroſimil, e mais bem fundado na Bulla do Summo Pontifice Leaõ X. expedida para ſua Canonizaçaõ, e na Relaçaõ, que fez o Cardeal Simoneta na prezença do meſmo Papa naquella occaziaõ.

Se

Se o Leitor naõ achar na prezente Hiſtoria aquella naturalidade, que pede o Dialecto Portuguez, pode deſculparnos: attendendo, que naõ naſcemos neſte Reino, e as linguas de qualquer naçaõ nunca os eſtranhos as fallaõ com toda a perfeiçaõ, como os naturaes: por cujo motivo pedimos nos aceitem com boa vontade eſta obra, que offerecemos ao publico, para ſatisfazer á devoçaõ dos fieis, que nos obrigáraõ a eſcrevella.

Devemos tambem advertir, que os noſſos Religiozos antigos ſe deſcuidáraõ em deixar-nos documentos mais extenſos: talvez, porque ſe occupavaõ mais em imitar o noſſo Santo Fundador, que em eſcrever as ſuas acçoens. Da vida interior do meſmo Santo nenhuma, ou pouca noticia temos; porque até os Proceſſos, que ſe fizeraõ para a ſua Canonizaçaõ, a citada Bulla de Leaõ X., e a Relaçaõ do Simoneta, nada dizem do que ſe paſſou entre Deos, e o Santo: dos continuados extazes, que teve no decurſo de ſua vida ainda houve teſtemunhas, que os prezenciaſſem; mas dos favores, e mimos, que receberia nelles, aſſim no tempo que eſteve no dezerto, como

como nas mais partes, aonde aſſiſtio, naõ houve quem os referiſſe. O certo he, que das ſuas heroicas virtudes, e prodigiozas acçoens podemos inferir com ſegurança, que foi hum dos Servos de Deos, que militáraõ neſta mortal vida, que experimentou os effeitos da Divina Graça com mais mimo.

PRO-

PROTESTAÇAÕ DO AUCTOR.

OBedecendo humildemente aos Decretos Pontificios, e principalmente aos do Summo Pontifice Urbano VIII, e aos reſpeitaveis Eſtatutos da Santa Inquiſiçaõ; proteſto, e declaro, que he minha tençaõ, que quanto eſcrevi neſta Hiſtoria da Vida, e Milagres do meu Santo Patriarca S. Franciſco de Paula, e dos Veneraveis Religiozos deſta Ordem, que naõ foi approvado pela Santa Igreja Romana, naõ tenha, nem ſe lhe dê mais fé, do que aquella, que ſe coſtuma dar ás Hiſtorias fundadas ſobre a auctoridade humana. E deſde agora revogo tudo o que for contra os ſobreditos Decretos, ſujeitando-me á correcçaõ dos Doutores da Santa Madre Igreja, como ſeu obedientiſſimo filho.

Fr. Franciſco de Paula Boſſio.

INDI-

INDICE

Dos Livros, em que se divide, e dos Capitulos, que comprehende esta obra.

LIVRO I. *Em que se trata desde sua Conceiçaõ, até que deu principio á Fundaçaõ de sua Religiaõ.*

Capitulo I. *Em que se dá huma breve noticia do estado do Mundo, quando o Santo nasceu.* pagina 1.

Cap. II. *Patria, Pais, e nascimento do nosso Santo.* pag. 4.

Cap. III. *Infancia do Santo em Caza de seus Pais, e primicias de suas Virtudes.* pag. 7.

Cap. VI. *Sua educaçaõ no Convento dos PP. Menores da Cidade de S. Marcos.* pag. 12.

Cap. V. *Sua peregrinaçaõ ao Convento de Assiz, Roma, e outros lugares Santos.* pag. 19.

Cap. VI. *Retira-se ao dezerto, onde esteve seis annos continuos.* pag. 21.

Cap. VII. *Aos desanove annos de sua idade principia Francisco a fundar a Ordem dos Minimos.* pag. 25.

Cap. VIII. *Dá Francisco principio á sua primeira Igreja: apparecelhe S. Francisco de Assiz; e muda de idéa na fundaçaõ.* pag. 30.

Cap. IX. *Aceita Francisco mais Companheiros.* pag. 32.

Cap. X. *Milagres, que o nosso Santo obrou nesta fundaçaõ de Paula.* pag. 36.

Cap. XI. *Continuaõ os milagres, que o Santo fez, durante esta obra.* pag. 44.

Cap. XII. *Regra, ou norma de vida, que deu aos primeiros Religiozos: Capello, que recebeu do Ceo: e escudo da Caridade dado por hum Anjo.* pag. 47.

Cap. XIII. *Varias enfermidades, que milagrozamente cura.* pag. 51.

Cap. XIV. *Referem-se varios milagres de cegos, aos quaes deu vista: surdos restituidos ao ouvido: e mudos, que receberaõ a falla.* pag. 64.

Cap. XV. *Sára aleijados, leprozos; e livra muitos endemoninhados.* pag. 66.

Cap. XVI. *Penétra o Santo coizas occultas, e succeſſos acontecidos em partes muito diſtantes; e declara coizas, que haviaõ de ſucceder.* pag. 71.

Cap. XVII. *Enfermidades, que cura com remedios contrarios*

rios á Medicina: è outros milagres; que obra. pag. 76.
Cap. XVIII. *Virtudes, que practica nos ſeus milagres: converſoẽs, que faz com ſuas virtudes: almas, que melhóra com ſeus exemplos.* pag. 81.

LIVRO II. *Da Vida do Patriarca S. Franciſco de Paula, Fundador da Ordem dos Minimos, em que ſe tratão as acçoẽs prodigiozas do Santo, deſde que ſahio de Paula para Paterno, até á Fundaçaõ do Convento de Cotrone.*
Cap. I. *Parte o Santo de Paula, chega a Paterno, e funda a ſegunda Caza, ou Convento.* pag. 87.
Cap. II. *Milagres, que Franciſco obra por ſi meſmo: milagres, que em ſeu nome faz obrar aos Religiozos neſta ſegunda Caza, que funda.* pag. 92.
Cap. III. *Plantas, que faz naſcer, e creſcer em hum inſtante: comida, que multiplica com milagres: com o cuſpo, e com os dedos fórma de huma poſta de carne as feiçoẽs de hum perfeito menino* pag. 97.
Cap. IV. *Mortos, que reſuſcita: moribundos, aos quaes ſegúra a vida.* pag. 104.
Cap. V. *Cura toda a qualidade de enfermidades: e converte a muitos peccadores, trazendo-os á penitencia.* pag. 110.
Cap. VI. *Fecunda muitas mulheres eſtereis; e a outras livra nos partos perigozos.* pag. 116.
Cap. VII. *Parte o Santo de Paterno a Eſpezzano, aonde funda ſua terceira Caza.* pag. 120.
Cap. VIII. *Parte de Eſpezzano, chega a Corilhano, fundaçaõ da quarta Caza da Religiaõ.* pag. 125.
Cap. IX. *Vida, com que ſe conduzio em Corilhano: e prodigios, que obrou.* pag. 130.
Cap. X. *Volta a Eſpezzano: jornada, que faz a Paterno.* pag. 133.
Cap. XI. *Fundaçaõ do Convento de Cotrone: Religiozos, que mandou para eſte effeito: milagres, que fizeraõ na obra.* pag. 137.

LIVRO III. *Da Vida do noſſo Santo Patriarca S. Franciſco de Paula: em que ſe trata deſde que ſahio da Calabria até que partio de Roma para ir ao Reino de França.*
Cap. I. *Partida do Santo da Calabria para o Reino de Sicilia: milagres, que obrou neſta jornada: paſſagem do Faro de Meſſina ſobre o ſeu manto.* pag. 140.

Cap.

Cap. II. *Chegada do Santo a Sicilia: e milagres, que obra em Meſſina.* pag. 145.
Cap. III. *Chega o Santo a Milazzo: funda hum Convento, e obra muitos milagres.* pag. 147.
Cap. IV. *Torna o Santo a Paterno: obra trezentos milagres em hum dia.* pag. 152.
Cap. V. *Fundaçaõ do Convento de Maida na Calabria ſuperior: manda hum Companheiro ſeu para o fundar: e outros milagres, que fez em Paterno, onde continuou ſua rezidencia.* pag. 154.
Cap. VI. *Volta o Santo á Cidade de Paula: o Papa Paulo II. manda hum ſeu Legado para ſe informar da Vida de Franciſco: e muitos milagres, que eſte obrou.* pag. 157.
Cap. VII. *Approvaçaõ da ſua Religiaõ, que alcançou do Arcebiſpo de Coſſencia, e confirmaçaõ della de Xiſto IV.* pag. 161.
Cap. VIII. *Retira-ſe o Santo a Paterno: Perſeguiçaõ, que contra elle ſe levantou no Reino de Napoles: virtude, com que a rebateu: e milagres, com os quaes Deos o preſervou.* pag. 166.
Cap. IX. *Cerco de Otranto pelos Turcos, que Franciſco profetizou: liberdade da Praça, que ſe alcançou em virtude das oraçõẽs do Santo.* pag. 172.
Cap. X. *Pertende Luiz XI. de França, que o Santo vá a ſeu Reino: intereſſa-ſe nella materia Fernando I. Rey de Napoles, para que aceitáſſe eſte offerecimento.* pag 178.
Cap. XI. *Manda o Papa, que vá o Santo a França: e a promptidaõ em obedecer-lhe.* pag. 180.
Cap. XII. *Parte o Santo da Calabria: jornada, que fez a Napoles: milagres, que fez na ſua partida, e na jornada.* pag. 182.
Cap. XIII. *Solenne apparato, com que ElRey Fernando o recebeu em a Cidade de Napoles: virtudes, que exercitou; e milagres, que fez.* pag. 188.
Cap. XIV. *Partida, que fez o Santo de Napoles para Roma: honras, que recebeu do Pontifice.* pag. 194.
Cap. XV. *Profecias, que fez em Roma: virtudes, que manifeſtou, e milagres, que occorréraõ.* pag. 199.
Cap. XVI. *Partida de Roma: viagem até Genova: milagres, que fez nella viagem.* pag 204.

LIVRO IV. *Em que ſe trata desde que chegou a França até ſeu glorioſo tranſito.*

Cap. I. *Chegada a França: milagres, que obra na jorna-*

da pelos lugares, por onde paſſa: applauzos, com que o receberaõ em todas as terras. pag. 208.

Cap. II. *Recebimento, com que hoſpedou ao Santo o Delfim: e honras, com as quaes o tratou ElRey de França.* pag. 217.

Cap. III. *Modo, com que ſe conduzio Franciſco na Corte: virtudes, que practicou, e milagres, que obrou nella.* pag. 221.

Cap. IV. *Perſeguiçaõ, que teve Franciſco na Corte: paciencia, com que a ſupportou: e milagres, com os quaes a venceu.* pag. 227.

Cap. V. *Colloquios, que teve o Santo com ElRey: penitencias, que lhe fez fazer: e morte da Mageſtade, que lhe fez goſtozamente eſperar.* pag. 234.

Cap. VI. *Morte de Luiz XI.: ſubida de Carlos VIII. ao Throno: obras de Franciſco aſſim na morte daquelle, como no governo deſte.* pag 237.

Cap. VII. *Conventos, que aceita em França: e Religiozos, que recebe.* pag. 240.

Cap. VIII. *Modo milagrozo, com que entrou a noſſa Religiaõ nas Heſpanhas: Conventos, que ſe fundáraõ: e Religiozos, que florecéraõ* pag. 245.

Cap. IX. *Diláta-ſe a noſſa Religiaõ em Alemanha.* pag. 253.

Cap. X. *Beneficios, que fez o noſſo Santo a Carlos VIII. e á ſua Corôa.* pag. 255

Cap. XI *Funda outros Conventos aſſim na Italia, como na França: milagres, que obra, e mercês, que recebe de Deos.* pag. 257.

Cap. XII. *Eſtéreis, que ſe fecundáraõ na França com as oraçoẽs do Santo: milagres nos partos: e enfermos, que recuperáraõ a ſaude.* pag. 263.

Cap. XIII. *Reſolve-ſe Franciſco voltar a Calabria: Luiz XII. lho impede: quanto obrou o Cardeal de Amboyſe.* pag. 270.

Cap. XIV. *Profecias, que fez na França: novos milagres, que obra.* pag. 273.

Cap. XV. *Novos Conventos, que funda em França no Reinado de Luiz XII.: novos Conventos, que ſe fundáraõ na Italia pelos ſeus Religiozos.* pag. 281.

Cap. XVI. *Novas Regras, que fórma para a ſua Religiaõ: titulo de Minimos dalo pelo Summo Pontifice.* pag. 284.

Cap. XVII. *Ultima enfermidade do Santo: e predicçaõ, que fez da ſua morte.* pag. 288.

Cap. XVIII. *Seu glorioſo Tranſito.* pag. 291.

LI-

LIVRO V. *Da Vida de S. Francisco de Paula, em que se trata da sua sepultura, e mais prodigios posthumos do mesmo glorioso Santo, e da sua Canonizaçaõ.*
Cap. I. *Em que se refére sua sepultura, e os milagres, que nella se experimentáraõ.* pag. 294.
Cap. II. *Primeira informaçaõ da Vida do Santo, que se tirou a requerimento da Rainha de França por ordem do Papa Julio II.* pag. 298.
Cap. III. *Beatificaçaõ do Santo declarada pelo Papa Leaõ X.* pag 302.
Cap. IV. *Em que se escrevem as Cartas, quẽ se mandáraõ a Roma para supplicar a sua Canonizaçaõ.* pag. 304.
Carta I. *De ElRey Francisco I. ao Papa.* Ibidem.
Carta II. *Do mesmo Rey para os Cardeaes.* pag. 305.
Carta III. *Da Rainha D. Claudia ao Papa.* pag. 306.
Carta IV. *Da mesma Rainha ao Collegio dos Cardeaes.* pag. 307.
Carta V. *Da mesma Rainha D. Claudia ao Papa.* pag. 308.
Carta VI. *Da mesma Rainha Claudia aos Cardeaes.* pag. 309.
Carta VII. *De Francisco I. Rey de França ao Papa.* Ibidem.
Carta VIII. *Da Rainha D. Claudia ao Papa.* pag. 311.
Carta IX. *De Carlos de Bourbon Duque de Alvernia ao Papa.* pag. 312.
Carta X. *Da Duqueza de Bourbon, e de Alvernia ao Papa.* Ibidem.
Carta XI. *De Filisberta Duqueza de Saboya ao Papa.* pag. 313.
Carta XII. *De Carlos Duque de Alenzaõ aos Cardeaes.* pag. 314.
Carta XIII. *Do mesmo Duque ao Papa.* Ibidem.
Carta XIV. *Do Bispo de Grenoble ao Papa.* pag. 315.
Carta XV. *Da Camera de Scigliano ao Papa.* pag. 317.
Carta XVI. *Da Camera de S. Braz ao Papa.* pag. 318.
Carta XVII. *Da Terra de Regina ao Papa.* pag. 319.
Carta XVIII. *Da Cidade de Amantéa ao Papa.* pag. 320.
Carta XIX. *Da Cidade de Montalto ao Papa.* pag. 321.
Carta XX. *De Luiz de Aquino Baraõ de Castilhone ao Papa* pag. 322.
Carta XXI. *De Vicente Carrafa Conde de Grotterria ao Papa.* pag. 323.
Carta XXII. *Da Terra de Mayda ao Papa.* pag. 325.
Carta XXIII. *Do Conde de Arena ao Papa.* pag. 326.
Carta XXIV. *Da Cidade de Paula ao Papa.* pag. 330.
Carta XXV. *Da Cidade de Paterno ao Papa.* pag. 331.

Car-

Carta XXVI. *Da Terra de Altilia ao Papa.* pag. 332.
Carta XXVII. *Da Cidade de Coſſencia ao Papa.* pag. 333.
Carta XXVIII. *Da Cidade de Catanzaro ao Papa.* pag. 334.
Carta XXIX. *Do Viſconde, e da Cidade de Nicaſtro ao Papa.* pag. 335.
Cap. V. *Novos Proceſſos, que ſe fizéraõ para a ſua Canonizaçaõ: novos milagres, que Franciſco fez neſte tempo.* pag. 336.
Cap. VI. *Franciſco I. Rey de França promóve ſua Canonizaçaõ á cerca do Papa Leaõ X.* pag. 339.
Cap. VII. *Foi o corpo do Santo deitado em huma fogueira pelos Hereges: e prodigios, que fez.* pag. 343.
Cap. VIII. *Dá-ſe noticia da determinaçaõ dos Vigarios de JESU Chriſto á cerca da feſta, e Officio do Santo.* pag. 346.
Cap. IX. *Cidades, que elegéraõ o noſſo Santo por Patrono: beneficios, que recebéraõ aſſim eſtas, como os Principes da protecçaõ de Franciſco.* pag. 349.
Cap. X. *Mortos reſuſcitados: moribundos, que ſe livraõ da morte: e enfermos, que recupéraõ a ſaude.* pag. 355.
Cap. XI. *Mulheres fecundadas, e felicidades nos partos pela devoçaõ de S Franciſco de Paula.* pag. 364.
Cap. XII. *Maravilhas, que ſe experimentáraõ com ſeu patrocinio em varias partes do mundo.* pag. 368.
Cap. XIII. *Appariçõés, que fez aos ſeus devotos, e graças, que lhes diſpenſou.* pag. 372.
Cap. XIV. *Formidaveis ameaços, que faz, a quem naõ reſpeita ſuas cazas; e caſtigos, que deu, aos que deſprezaõ ſeus filhos.* pag. 378.
Cap. XV. *Tempeſtades do mar, que ſerena: chuvas, que mandou em beneficio das terras: abundancia de colheita nos campos pelo ſeu patrocinio.* pag. 385.
Cap. XVI. *Captivos, que põem em liberdade: varias enfermidades, que cura.* pag. 391.
Cap. XVII. *Peccadores, que reduz á penitencia: innocentes, que preſerva do peccado.* pag. 395.
Cap. XVIII. *Livra muitos endemoninhados: ſoccorre a todo genero de neceſſidades.* pag. 398.
Cap. XIX. *Seu Patrocinio milagroſo nas demandas, e outros prodigios, que experimentaõ ſeus devotos.* pag. 402.
Cap. XX. *Milagres, que obra com ſuas reliquias, com ſuas aguas, e outros mais prodigios.* pag. 403.

LIVRO VI. *Tratado Appendix, onde se dá huma resumida noticia de todas as Provincias, e Conventos desta Ordem.* pag. 408.
Conventos da Provincia intitulada de S. Francisco de Paula na Calabria inferior, ou Citerior. pag. 409.
Provincia de Turs, fundada pelo noſſo Santo. pag. 424.
Provincia de Meſſina. pag. 437.
Provincia de Paris. pag. 444.
Provincia de Genova. pag. 451.
Provincia de Aquitania. pag. 454.
Provincia de Granada. pag. 457.
Provincia de Napoles. pag. 457.
Provincia de Apulha, ou Terra de Bari. pag. 469.
Provincia das duas Caſtellas. pag. 470.
Provincia de Calabria ulterior, ou ſuperior. pag. 476.
Provincia de Leaõ. pag. 485.
Provincia de Valença. pag. 491.
Provincia de Teſcana. pag. 498.
Provincia de Catalunha. pag. 502.
Provincia de Provença, e Languedoc. pag. 505.
Provincia de Campania. pag. 511.
Provincia de Palermo. pag. 513.
Provincia de Sevilha. pag. 520.
Provincia de Lombardia. pag. 545.
Provincia de Malhorca. pag. 549.
Provincia de Loreto. pag. 551.
Provincia de Aragaõ. pag. 555.
Provincia de Flandres. pag. 559.
Provincia de Lorena. pag. 561.
Provincia de Veneza. pag. 563.
Provincia de Milaõ. pag. 567.
Provincia do Condado de Borgonha. pag. 570.
Provincia do Ducado de Borgonha. pag. 571.
Provincia de Alemanha. pag. 573.
Provincia de Saboya. pag. 575.
Provincia Romana, ou Baſilicata. pag. 577.
Conventos Romanos. Ibidem.
Convento de Lima. pag. 578.
Convento de Lisboa. pag. 579.

Erra-

Pag. 4. reg. 20. aindaque da mesma.	que, aindaque da mesma.
reg. 20. e 21. rama, e de Vienna.	rama: e Vienna.
reg. 26. resposiones.	resposione.
Pag. 6. reg. 34. a memoria.	a sua memoria.
Pag. 11. reg. ultim. contestas.	contestes.
Pag. 15. reg. 1. assistentia.	assistencia.
Pag. 34. reg. 26. Porem o o nosso Santo.	Porem o nosso Santo.
reg. ultim. prudendia.	prudencia.
Pag. 35. reg. 21. Sepezzano.	Espezzano.
reg. ultim. á Portaira.	á Portaria.
Pag. 40. reg. 18. final Cruz.	final da Cruz.
Pap. 42. reg. 3. eminente.	imminente.
reg. 5. oras.	horas.
Pag. 45. reg. 3. este refere.	este milagre refere.
reg. 15. del Alimena.	de Limena.
reg. 22. e para que.	para que.
Pag. 51. reg. 33. Viten.	Viton.
reg. ultim. Commento.	Commentata.
Pag. 52. reg. 1. fedito.	fetido.
reg. 20. Cruxifixo.	Crucifixo.
Pag. 54. reg. 7. computo das oras, se averigou, que no mesmo instante o nosso Santo.	computo das horas, se averiguou, que no mesmo instante, que o nosso Santo.
reg. 14. moribunpo.	moribundo.
Pag. 56. reg. 3. quratos.	quartos.
Pag. 58. reg. 15. vizivel.	invizivel.
Pag. 62. reg. 6. est.	este.
Pag. 64. reg. 22. ancedente.	antecedente.
Pag. 65. reg. ultim. a Santo.	o Santo.
Pap. 66. reg. 7. lallar.	fallar.
Pag. 73. reg. 3. admittio.	admitto.
Pag. 85. reg. 36. ancedentes.	antecedentes.
Pap. 88. reg. 19. Cossenssia.	Cossencia.
Pag. 92. reg. 23. vervade.	verdade.
reg. 28. pricnipiou.	principiou.
Pag. 95. reg. 22. espeçada.	espedaçada.
reg. 34. pancadadas.	pancadas.
Pag. 100. reg. 11. obra.	obrava.
Pag. 104. reg. 2. taõ formozo.	hum menino taõ formozo.

***

Pag.

Pag. 112. reg. 22. trabalhador, que trilhou.	trabalhador trilhou.
Pag. 112. reg. 25. pedra, que.	pedra ; pois.
Pag. 123. reg. 11. Franciſco, uzando.	Franciſco uzava.
reg. 27. filho Franciſco : depois.	filho : Franciſco depois.
Pag. 135. reg. 36. Principes da terra.	Principáes da terra.
Pag. 143. reg. 30. muto.	muito.
Pag. 147. reg. 28. da ſuas.	das ſuas.
reg. 32. do Heróes.	dos Heróes.
Pag. 152. reg. 10. Rieno.	Reino.
Pag. 153. reg. 20. Deſpovoão-ſe.	Deſpovoavaõ-ſe.
reg. 32. duzentos no meſmo dia.	duzentos milagres no meſmo dia.
Pag. 154. reg. 4. energumnos.	energumenos.
Pag. 160. reg. 18. o podemos paticar.	o poderemos practicar.
Pag. 160. reg. 18. Vendo Monſenhor Adorni &c. até-repugnava.	leia-ſe em letra redonda, e naõ grifa eſte periodo.
Pag. 162. reg. 18. de S. Franciſco.	de Fr. Franciſco.
Pag. 163. reg. 32. Santo com eſta.	Santo ſatisfeito com eſta.
Pag. 164. reg. 17. Reliqiaõ.	Religiaõ.
Pag. 170. reg. 15. procurias.	procuráes.
Pag. 172. reg. 12. que alcanſou.	que ſe alcançou.
Pag. 174. reg. 31. Catáſtorfe.	Catáſtrofe.
Pag. 198. reg. ult. epiſt.	epitom.
Pag. 246. reg. penult. uas.	nas.
Pag. 255. reg. 1. 355.	255.
Pag. 273. reg. 27. Profecia.	Profecias.
Pag. 286. reg. 26. 1505.	1506.
Pag. 291. reg. 15. XVII.	XVIII.
Pag. 302. reg. ult. ſinco.	quatro.
Pag. 336. reg. 12. traducſaõ.	traducçaõ.
reg. 20. accidental, qua elle meſmo.	accidental ; como para cumprir com o exceſſivo goſto, e empenho, que elle meſmo.
Pag. 340. reg. 6. da vida.	deſta vida.
reg. 25. celebraõ-ſe.	celebráraõ-ſe.
Pag. 342. reg. 9. Canonizaõ.	Canonizaçaõ.
Pag. 347. reg. 19. onze annos depois	onze annos antes.
reg. 22. Meſtre do do ſacro.	Meſtre do ſacro.
Pag. 348. reg. 1. huove.	houve.
reg. 27. Maio.	Novembro.

reg.

reg. 35. em 22. de Fevereiro.	em 22. de Janeiro.
Pag. 360. reg. 30. Canonizaõ.	Canonizaçaõ.
Pag. 370. reg. penult. aos ſeos com Concidadoẽs.	aos ſeos Concidadaõs.
Pag. 409. reg. 31. Frincifco.	Franciſco.
Pag. 439. reg. 28. Covento.	Convento.
Pag. 444. reg. 31. alfomadinha.	almofadinha.
Pag. 458. reg. penult. de toda a pobreza. Do Conveto de Malaga naõ ſe ſabe a era.	de tóda a pobreza neſte Convento de Malaga : naõ ſe ſabe a era.
Pag. 459. reg. 10. 1492.	1495.
Pag. 463. reg. 26. Eavendp.	havendo.
Pag. 495. reg. 19. ferovroza.	fervoroza.
Pag. 508. reg. 23. partum.	raptum.
Pag. 530. reg. 3. qus.	que.
Pag. 538. reg. 18. benceõ.	bençaõ.
Pag. 548. reg 23. os Duque.	os Duques.
Pag. 549. reg. 7. Regio.	Reggio.
reg. 17. A meſma ignorancia temos dos Conventos ſeguintes.	ponhaſe em letra redonda eſte periodo, e continuado á regra antecedente.
reg. 20. Convento de Regio.	ponhaſe em letra grifa; aſſim: *Convento de Reggio*, 1697.
reg. 20. deve ſer outro Regio, diſtincto do que já referimos na Provincia de Apulha; pois dá ſua fundaçaõ em 1697.	ponha-ſe eſte periodo em paragrafo á parte, aſſim. Deve ſer outro Reggio diſtincto do Rhegio, que já referimos na Provincia da Calabria ſuperior: pois a fundaçaõ deſte ſegundo ſe dá em 1697.
Pag. 556. reg. ult. enfarmaria.	enfermaria.
Pag. 561. reg. 9. até que o Duque.	até o Duque.
reg. 10. do nome, e fez voto.	do nome, que fez voto.
Pag. 564. reg. 32. es eſcrituras.	as eſcrituras.

VIDA
DO
GLORIOZO PATRIARCA
S. FRANCISCO
DE PAULA,

Fundador da Penitente Ordem dos Minimos.

LIVRO I.

Em que ſe trata deſde ſua Conceiçaõ até que deu principio á Fundaçaõ de ſua Religiaõ.

CAPITULO I.

Em que ſe dá huma breve noticia do eſtado do Mundo quando o Santo naſceu.

APENAS ſe havia completado o terceiro luſtro do ſeculo decimo quinto depois do humano reſgate, quando todo o Mundo ſe achava agitado de negociaçoens criticas, e perigozas contingencias, que com difficuldade ſe poderiaõ achar juntas outras ſimilhantes em os ſeculos antecedentes. As que naõ eraõ funeſtas ameaçavaõ ruina, e todas ſe faziaõ formida-

veis. Todas as Potencias fluctuavaõ entre as tempeſtuozas ondas das guerras, ſediçoens, calamidades, herezias, e outras deſordens, que occupavaõ o cuidado dos gabinetes das Cortes da Europa para ſerenar taõ geral tormenta. Regia neſte tempo o Imperio do Oriente Manoel II., filho de Andronico III., e imperava no Occidente Sigiſmundo Rei de Hungria, e de Bohemia, filho de Carlos IV., e irmaõ de Wenceſlao, que tambem eſtava reveſtido do meſmo caracter. Opprimia Bajaceto o Imperio do Oriente com ſanguinolentas, e obſtinadas guerras, conduzindo ſuas armas até pôr ſitio ſobre a cidade de Conſtantinopla. Neſte conflicto o Imperador Manoel ſe vio obrigado a pedir os ſoccorros dos Reis de França, e de Inglaterra, com os quaes ſe promettia, ao menos, livrar-ſe da conſternaçaõ, que lhe ameaçava ſua total ruina, com a perda da Coroa. Por outro lado Sigiſmundo quanto era reputado valerozo na arte Militar, outro tanto mais era combatido dos infortunios da guerra. Aſſim na Hungria, como na Bohémia, ſe achou conſtrangido a confeſſar que as palmas, e louros das victorias naõ eſtaõ vinculados aos mais animozos; reconhecendo que para vencer naõ baſta a juſtificada cauza no theatro da guerra.

Reinando na França Carlos VI., e Henrique V. em Inglaterra, eraõ mais lamentaveis neſtes dois Reinos as revoluçoens. Ambas as Naçoens iguaes em valor naõ queriaõ ceder da porfia, com que continuavaõ as crueldades na guerra. Naõ foraõ menores as deſordens, que inquietavaõ a Heſpanha entre Joaõ II. Rei de Caſtella, e Fernando Rei de Aragaõ, cauzadas pela prizaõ do Infante D. Henrique de Aragaõ, irmaõ de El-Rei Fernando, e prizioneiro do de Caſtella, augmentando-ſe mais eſte fogo a influxos de El-Rei de Navarra. Joanna II. Rainha de Napoles tambem eſtava ſujeita juntamente com ſeu Reino, e alguma parte mais da Italia, a ſoffrer as maiores adverſidades da fortuna, originadas pelas pertenſoens

de

de Luiz de Anjou. Sob e tudo a Igreja Romana, que havia tempos andava agitada por cauza de hum ſciſma ſuſtentado eſcandalozamente, mais de quarenta annos, por tres pertendentes da Tiára, a ſaber Joaõ XXIII. ou XXII., como contaõ outros, Gregorio XII., e Benedicto XIII. no Concilio de Conſtancia, em que foi eleito Otton Colona, que tomou o nome de Martinho V. por cauza de haver-ſe feito eſta eleiçaõ o dia 11 de Novembro, em que a Igreja celebra a feſta do Santo Biſpo, foi Deos ſervido dar á Igreja Catholica o principio da ſerenidade, que todos ſuſpiravaõ, mandando ao mundo a S. Franciſco de Paula, como Precurſor da paz, que ſe havia de eſtabelecer no Concilio, que ſe celebrou no anno ſeguinte, no qual foraõ condemnados, e queimados os Hereziarchas Joaõ Hus, e Jeronymo de Praga.

Naſceu pois meu gloriozo Patriarca em huma ſexta feira, que era da terceira ſemana da Quareſma, chamada da Samaritana, dia 27 de Março do anno de 1416: eſta he a opiniaõ mais certa, que achamos em todos os noſſos Eſcritores, e pela tradiçaõ antiga, em que todos elles ſe fundaraõ, naõ obſtante que o Papebroquio diſſeſſe, deſcrevendo a vida do meu Santo Fundador, que naſcera em o anno de 1437, fazendo o calculo dos annos de ſua vida errado, e diminuto: mas como ficou convencido por huma Apologia, que deu ao prelo o noſſo Reverendiſſimo Padre Fr. Franciſco Giry, e ſe retratou do que havia eſcrito antecedentemente, eſtá tirada toda a duvida, que podia haver neſta materia (*a*).

(*a*) Libenter hic profitebor, quod lecta Diſſertatione Chronologica, quam pro communi, & antiqua ſententia de anno natali, & ætate S. Franciſci de Paula contra novam a me propoſitam compoſuit, & anno 1680 Pariſiis vulgavit Franciſcus Gyri ejuſdem Ordinis in Provincia Franciæ Provincialis, liquido agnoverim eas, quas convincentes credidi auctoritates, & rationes, non omnino eſſe tales, quin rationabili,

CAPITULO II.

Patria, Pais, e naſcimento do noſſo Santo.

HUMA das Provincias mais ferteis, que compoem o Reino de Napoles, he a Calabria, que antigamente ſe intitulava a Magna Grecia, e depois ſe dividio em duas Provincias com o nome de Calabria Citerior, e Calabria Ulterior. Na Calabria Citerior eſtá ſituada a Cidade de Paula, ditozo berço de Franciſco, que da ſua meſma patria quiz tomar o appellido, talvez por deſprezar a vaidade, que podia originar-ſe de uzar o da ſua illuſtre familia dos Aleſſios, ou dos Foſcaldos.

Neſta Cidade, em aquelle tempo villa, fundada nas praias das ultimas cóſtas do mar Tyrrheno, viviaõ os nobres, e honeſtos conſortes Jacome Martolilha de Aleſſio (filho de Bartholomeu Aleſſio) tomando o appellido de Martolilha para ſe diſtinguir de outro Jacome de Aleſſio natural da meſma cidade, ainda que da meſma familia, era de outra rama, e de Vienna de Foſcaldo, natural da villa do meſmo nome, pouco diſtante de Paula. A exemplar virtude aſſim de Jacome, como de Vienna, ſervia a todo o povo de eſpelho para regular, e moderar ſeus coſtumes. Eraõ taõ rezignados na vontade de Deos, que ain-

---

nabili, & perquam veroſimili reſponſiones occurſum iis ſit ab Auctore prælaudato; atque adeo nihil obſtare me cuiquam, quominus communem ſententiam ſequatur: ipſe ſane in eamdem nunc vel eo magis propendeo, quominus volenti animo ab illa in Aprili receſſi. Cæterum, ut præteream alia, fateor non prorſus exemptum mihi ſcrupulum, relictum ex illa tam grandi ætate, quam Birgittæ Matri Andreæ, & Angelæ de Aleſſo concedere cogitur vir ſane perſpicax. Acta SS. Bolland. tom. 7. menſe Maio pag. 658. num. 20. in vita S. Greg. Nazian. a Patre Papebroquio ſcripta.

ainda que ſe achavaõ privados do fructo do matrimonio, naõ ſentiaõ maior deſconſolaçaõ, porque ſe perſuadiaõ que naõ ſeriaõ dignos de receber eſta mercê do Senhor. Reconhecendo-ſe com pequeno, ou nenhum merecimento, conduzindo-ſe com huma vida obſervante dos Preceitos da Lei Divina, e da Igreja, naõ deixavaõ de repetir ſuas ſupplicas a Deos, ſe dignaſſe conceder-lhes hum filho; e para que eſta petiçaõ tiveſſe melhor deſpacho, procuraraõ o valimento de S. Franciſco de Aſſis; ao qual eſcolheraõ por Patrono do voto, que fizeraõ ao meſmo Senhor, que, ſe lhes concedia hum filho varaõ, lhe poriaõ o nome de Franciſco, em obſequio ao Santo de Aſſis, e em tendo idade competente ſerviria por eſpaço de hum anno aos Religiozos da familia Serafica em algum dos ſeus Conventos, veſtido com o habito de devoçaõ da meſma Ordem. Ainda que fundavaõ todas as eſperanças neſte Santo Patriarca, como deſconfiavaõ de ſi proprios, dobravaõ as oraçoens, multiplicavaõ os jejuns, as penitencias, e as eſmolas (*b*), para ſe fazerem dignos da mercê, que pediaõ. Foi Deos ſervido attender a ſuas lagrimas; e para dar huma geral noticia a todos os moradores de Paula, quiz que ſua conceiçaõ foſſe annunciada com hum raro fenómeno, e naõ natural, mas ſim prodigiozo. Entre as trevas de huma eſcura noite, ſobre a madrugada, appareceu ſobre o tecto da caza de Jacome Martolilha huma lavareda de fogo, que parecia reduziria a cinzas todo o edificio, e igualmente illuminava toda a Cidade. Cheios de admiraçaõ todos os vizinhos ſem penetrar a cauza deſte celeſtial fogo, que ardia, e naõ queimava, como o que obſervou Moyzes no monte Oreb, romperaõ com vozes o ſilencio da noite, alguns poſſuidos de ſuſto, outros impellidos da curiozidade de averiguar a cauza, e todos ſorprehendidos da novidade, fizeraõ interromper o ſomno aos que eſtavaõ en-

(*b*) Perrimezzi Notas in vita Anon. p. 35.

tregados no mais profundo deſcanſo. O meſmo Jacome de Martolilha ſe vio obrigado a ſahir á rua para ver, e obſervar a cauza do alvoroço do povo. Todos, os que correraõ a ſerem teſtimunhas deſte prodigio, canſavaõ ſeus entendimentos com varios diſcurſos para indagar a cauza; mas como a Filozofia humana naõ alcançava a deſcobrilla, confeſſando ſua ignorancia, recorriaõ aos ineſcrutaveis juizos de Deos.

Aſſim foi Deos ſervido annunciar ao mundo a conceiçaõ deſte grande Santo, que com ſua luz havia de illuſtrar o ſeculo do ſeu tempo ſubmergido em taõ denſas trevas; ou que ſeria a eſtrella, que havia de illuminar as gentes, como expreſſou Leaõ X. na Bulla da Canonizaçaõ do Santo (*c*). Naõ paſſaraõ muitos dias que os piedozos conſortes ſe firmaſſem na eſperança de haver Deos deſpachado ſua petiçaõ, tendo Vienna evidentes ſinaes de haver concebido; e como naõ perderaõ da memoria o prodigiozo fogo, que appareceu no tecto de ſuas cazas, ſe perſuadiraõ ſeria myſteriozo annuncio do futuro parto. Tendo prezente o beneficio, que dezejavaõ vello completo, naõ ceſſavaõ de dar graças ao Senhor, e de renovar os exercicios de piedade, e as ſupplicas com mais efficacia.

Sobre a madrugada do dia 27 de Março, Sexta feira da Samaritana, como já diſſemos, naſceu Franciſco ao mundo. Naõ ficou riſcado da memoria do Santo eſte dia aſſim em ſua vida, como depois do ſeu gloriozo tranſito. Em toda a ſua vida ſempre venerou os dias de Sexta feira, por ſerem dedicados á memoria da Morte, e Paixaõ do Redemptor, ſeguindo ſempre os paſſos de JESUS Chriſto, para o imitar até morrer no meſmo dia, e na meſma hora, que a Igreja celebra a memoria. Depois do ſeu tranſito deve a Cidade de Paula a S. Franciſco de Paula o livrar-ſe do

(*c*) Præſentis temporis caliginem ſuæ lampadis fulgore mirabiliter illuſtravit ad illuminationem gentium, tanquam rutilum ſydus. Bulla Canoniſat. M. S. fol. 1. verſ.

do formidavel terremoto succedido no dia 27 de Março do anno de 1637 ; no qual ficarão ambas as Calabrias totalmente arruinadas com geral estrago, e mortandade.

Neste plauzivel dia , e na caza , em que moravão os devotos Pais do nosso Santo , escolhida por Deos para obrar tantos prodigios , nasceu Francisco. Na mesma hora , que respirou o ar da terra , descerão os Anjos do Ceo para celebrar o parto com concertos de muzica (*d*). A consolação , e alegria , com que ouvirão os piedozos pais os éccos dos Espiritos Angelicos , vendo com seus olhos o dezejado fructo do Matrimonio , que havia annos pedirão com lagrimas a Deos , he muito verosimel , que os sorprehendesse de jubilo , e igualmente de admiração dos sonoros canticos ; e succedesse em Paula o que refere S. Lucas dos Montanhezes da Judéa com o nascimento do Precursor do Messias.

CAPITULO III.

Infancia do Santo em caza de seus Pais , e primicias de suas virtudes.

NASCIDO Francisco para o mundo , e poucos dias depois para o Ceo , recebendo com a agua Baptismal as enchentes da Divina graça , não deu muito trabalho a seus Pais na creação ; porque assim como tomou o Ceo a seu cargo annuncialo por Santo antes do nascimento , assim tambem teve o cuidado de manifestalo Santo depois de nascido. Não se passarão muitos mezes que Deos não quizesse augmentar o merecimento de Jacob , e Vienna , dando-lhes occazião de exercitar suas virtudes , especialmente a

A iv paci-

(*d*) Sancto Francisco de Paula in parvo oppidulo nato, hymnodia personuit Angelica, sicut Christo nato. N. P. Nicolaus Bovillar apud Toscan. p. 13.

paciencia, e conformidade com a Divina vontade. Sobreveio no olho eſquerdo do menino Franciſco hum tumor de tal qualidade, que, ſegundo a arte da Cirurgia, além de ſer perigozo, naõ deixava eſperanças de ſalvar-lhe a viſta. Os remedios naõ produziaõ o effeito; o cuidado era fruſtrado; e em lugar das dezejadas melhoras, cada dia ſe achava mais adiantado o mal.

Deſenganados ſeus Pais dos remedios humanos, recorreraõ aos Divinos. Banhados em lagrimas, reveſtidos de fé, e com profunda humildade ſupplicaraõ a ſeu Protector S. Franciſco de Aſſís, ſe dignaſſe interceder com Deos para livrar ſeu afilhado daquelle imminente perigo. De commum acordo fizeraõ voto, que ſe o menino tornaſſe a cobrar o antigo deſembaraço na viſta, lhe veſtiriaõ o habito da Religiaõ Serafica por devoçaõ, e ſerviria hum anno inteiro em algum dos Conventos da Ordem; ratificando deſte modo a promeſſa, que já tinhaõ feito para conſeguirem eſte feliciſſimo fructo do Matrimonio; e naõ ſe achava cumprida a dita promeſſa, por naõ ter até eſte tempo idade competente. Attendeu Deos aos votos deſtes afflictos Pais, ficando Franciſco livre do tumor, ainda que por algum tempo teve huma pequena fiſtula para lembrança do beneficio, que acabavaõ de receber.

Era taõ parco o alimento, que recebia dos peitos de ſua Mãi, que ſe podia dizer, que ſe contentava com o precizo para conſervar a vida. Parece, que deſde eſte tempo dava a entender a todos quanto havia de ſer auſtero, e penitente: foraõ as primeiras palavras, que articulou repetidas vezes, os ſantiſſimos Nomes de JESUS, e MARIA; porque naõ ſe deſcuidavaõ ſeus Pais em dar-lhe, junto com os primeiros alimentos, a devída noticia dos rudimentos da Fé Catholica. Recahiaõ eſtes ſobre o coraçaõ de Franciſco, como ſello impreſſo em branda cera, que com difficuldade ſe riſca. Ainda balbuciente repetia as oraçoens

çoens do Padre noſſo, e Ave Maria com rara devoçaõ, dando a entender a todos, que acompanhava com o entendimento quanto proferia a lingua, regulando o tom das vozes com o ſignificado dellas, ſem deixar duvida, que naſciaõ do affecto do coraçaõ, e do interior do ſeu eſpirito.

Por eſte motivo naõ tiveraõ muito trabalho na ſua educaçaõ os piedozos, e Catholicos Pais. Baſtavaõ os exemplos das ſuas acçoens devotas para Franciſco naõ ſó imitalas, mas ainda excedelas com grande admiraçaõ de todos. Mais de huma vez ſe viraõ obrigados a confeſſar as peſſoas familiares da caza de Jacob, e Vienna, que todas as acçoens deſte menino naõ cabiaõ na eſfera humana. Eſta continuaçaõ de prodigios deſde ſua conceiçaõ, e naſcimento ſegurava a todos os moradores de Paula, que tinhaõ noticia das raras acçoens de Franciſco, que o Ceo confirmava com novos prodigios os antecedentes prognoſticos, e que manifeſtava com outros prognoſticos os futuros ſucceſſos.

O que mais obrigava a attençaõ de todos era o modo, com que chorava eſte menino, muito differente dos mais de ſua idade. Nas occazioens, em que o conſideravaõ afflicto, diſplicente, por alguma cauza natural, moſtrava ſentimento com madureza ſem derramar lagrimas, de tal modo que mais parecia homem ſerio, que menino tenro. Os motivos puerís, que produzem as lagrimas dos coraçoens dos infantes, naõ tiravaõ fructo algum do peito de Franciſco; mas quando ouvia fallar nos ſciſmas, e herezias, que davaõ cuidado á Igreja Catholica, convertia ſeus olhos em duas copiozas fontes de lagrimas; o que fazia crer a todos, que Deos anticipou em Franciſco o conhecimento para reflectir ſobre os trabalhos, que com grande afflicçaõ padecia a Igreja. Por eſta cauza, deſde aquella idade, e depois que ſe adiantou nos annos, lhe chamavaõ todos ſeus compatriotas o novo Jeremias, porque manifeſtava com

ſuas

ſuas lagrimas a pena, que penetrava ſeu coraçaõ. Vendo actualmente, ou profeticamente a nova Jeruſalém cercada de grandes perigos, com luctuozos Threnos implorava o remedio opportuno, obrigando aos homens com ſeu exemplo a recorrer a Deos com preces para alcançar a ſerenidade dezejada. Foraõ taõ efficazes ſuas lagrimas em mover a Divina clemencia, que, eſtando Deos juſtamente indignado pelas culpas do mundo, ſuſpendeu os raios da ſua ira; e foi ſeu exemplo taõ poderozo, que abrandou a dureza dos coraçoens humanos, fazendo-os mudar de coſtumes, reconhecendo ſuas culpas.

Creſciaõ com os annos as virtudes, exhalando ſempre o ſuave cheiro da ſantidade. Todos os dias gaſtava a maior parte do tempo em repetir as oraçoens, que ſeus Pais lhe enſinaraõ, com profunda humildade, poſto de joelhos com grande veneraçaõ. Era taõ zelozo do culto Divino, que algumas vezes, vendo que outros rezavaõ o Terço de noſſa Senhora ſentados, ou paſſeando, naõ ſe podia conter, que naõ reprehendeſſe a irreverencia, que commettiaõ, dizendo-lhes que quando ſe fallava com Deos, ou com ſua Mãi Santiſſima, naõ deviaõ eſtar com as cabeças cobertas, mas ſim de joelhos, e com todo o reſpeito; porque ſe deſte modo uzavaõ na prezença dos grandes da terra, com muito maior motivo o deviaõ praticar com o Rei dos Reis, e com os grandes do Reino do Ceo. Algumas vezes eſtendia ſeus braços em fórma de Cruz para rezar a Eſtaçaõ; mas em todas as occazioens, em que rezava, naõ deixava de elevar os olhos ao Ceo, onde conſiderava os preciozos thezouros, que eſperava alcançar no fim de ſua vida. Aborrecia naturalmente todo o divertimento, ainda aquelles mais innocentes, e proprios da ſua idade: quando concorria com ſeus contemporaneos, os ſantificava com converſas ſérias, argumentando, e diſcorrendo ſobre os rudimentos da Fé (*e*). Nunca

(*e*) Toſcano p. 19. Perrim. p. 9.

ca foi pela ſua vontade a divertimentos licitos do mundo : dando a conhecer a ſeus Pais huma interior repugnancia a todos elles , indo mais por condeſcender com a vontade paterna , que por lizonjear ſeu proprio goſto. Ouvia infallivelmente Miſſa todos os dias , e naõ perdia as occazioens de frequentar as Igrejas, eſpecialmente quando tinha noticia que ſe havia de prégar , ou fazer outra qualquer funçaõ. Sempre em eſtes actos apparecia com o roſtro cheio de reſplandores ; por cujos motivos lhe chamavaõ todos o menino Santo. Jejuava continuamente , porque ſó huma vez ao dia tomava alimento , que de ordinario era paõ , e alguma fruta : mas eſta naõ lhe ſendo dada por ſeus Pais , naõ a comia até averiguar de donde era adquirida , porque tinha grande medo naõ foſſe furtada (*f*). De noite , além de dormir pouco , naõ dava a ſeu corpo outro deſcanſo, ſenaõ ſobre o chaõ , e o reſto paſſava em continuada oraçaõ. Neſta , deſde aquella tenra idade , teve varios extaſes , e obrou, deſde aquelle tempo , varios milagres (*g*).

Naõ podia deixar de ſer perfeito eſte menino , ſendo filho de huns Pais taõ pios, que mais pareciaõ Religiozos auſteros, que Seculares cazados. Conſta das teſtimunhas , que depozeraõ no Proceſſo , que ſe fez para a Canonizaçaõ do noſſo Santo na Cidade de Coſſencia , capital daquelle Arcebiſpado , em cuja Dieceze eſtá incluida a Cidade de Paula , a grande virtude , que reſplandecia neſtes dois conſortes. Entre outras , a teſtimunha vigeſima quinta depoz ſobre o quarto artigo do Interrogatorio , que Jacome nunca ſe alimentou ſenaõ de comidas Quareſmaes deſde que o havia conhecido , e tratado ; e que ſempre o vira andar deſcalſo , e veſtido de hum panno muito ordinario : de Vienna de Foſcaldo ſua mulher quatro teſtimunhas conteſtas affirmaraõ haver-ſe conduzido eſta dito-

(*f*) Vit. Anon. Ms. fol. 1. p. 1.
(*g*) N. P. Higueras Regra rubric. Epit. S. Fr. de P. § 3.

ditoza Mãi com huma vida muito exemplar, e cheia de ſantidade. Talvez que ſobre eſte fundamento o Auctor da Vida anonyma do noſſo Santo diſſeſſe, que Vienna vinte annos antes de ſua morte tivera revelaçaõ Divina do dia certo do ſeu fallecimento (*g*): o certo he que hum fructo taõ raro naõ podia produzir-ſe de outro tronco, que naõ foſſe eſpecial em virtudes.

CAPITULO IV.

Sua educaçaõ no Convento dos PP. Menores da Cidade de S. Marcos.

Até' idade de doze annos, naõ completos, occupou Franciſco o tempo neſtes pios, e ſantos exercicios, quando ſeus Pais lembrados do voto, que fizeraõ a Deos, e da promeſſa a ſeu Patrono S. Franciſco de Aſſís na occaziaõ, que Franciſco teve o tumor no olho eſquerdo, como diſſemos no capitulo antecedente, parecendo-lhes que era tempo de cumprillo, porque já notavaõ tinha ſeu filho ſufficiente corpo para poder ſervir aos Religiozos do Convento da Ordem Serafica, cuidaraõ em diſpor ſua jornada para a Cidade de S. Marcos, Cidade Epiſcopal, que diſta quinze milhas de Paula. Manifeſtaraõ o voto a Franciſco para que déſſe ſeu conſentimento, o qual naõ tardou em dallo mais tempo, ſenaõ o que gaſtaraõ ſeus Pais em lhe expôr a obrigaçaõ, em que eſtavaõ empenhados: offerecendo-ſe logo, como victima innocente, ao ſacrificio com inexplicavel alegria.

Chegado o dia determinado da jornada, a pozeraõ em pratica com grande uniformidade, e devoçaõ. Aſſim que entraraõ na Igreja daquelle Convento dos PP.

(*g*) Deus tantam gratiam largitus eſt matri ipſius, ut ſciverit diem, in qua mori debebat, viginti annis ante mortem ſuam. Ita in Vit. Anon. p. mihi 37.

PP. Menores, e procuraraõ ao P. Guardiaõ, que em aquelle tempo era o P. Fr. Antonio de Cantazaro, naõ foi precizo a eſte dizerlhe o motivo da ſua romaria; porque exercendo o meſmo cargo de Prelado no Convento de S. Lucido, quatro milhas diſtante de Paula, foi conſultado pelos Pais de Franciſco ſobre eſte voto; e vendo que traziaõ comſigo o menino, entendeu logo a cauza de ſua vinda. Celebrou-ſe a entrega deſta ineſtimavel joya por ambos os conſortes, que religiozamente queriaõ cumprir ſeu voto; e veſtindo Franciſco o habito de devoçaõ para continuar com elle por eſpaço de hum anno, ſegundo a promeſſa, naõ podiaõ conter as lagrimas de ambas as partes. Jacob, e Vienna eſtavaõ cheios de jubilo, por ter chegado o tempo de offerecer a Deos o filho, que milagrozamente haviaõ alcançado, e depois prezervado na viſta, por interceſſaõ do Patriarca Serafico; e o P. Guardiaõ com ſua Communidade, por ter na ſua companhia hum menino de tanta eſperança, que em taõ pouca idade moſtrava a ſantidade futura. Hum ſó motivo deſconſolava ambas as partes, que era a duraçaõ do tempo, que Franciſco havia de morar naquelle Convento. Os Pais ſentiaõ a ſaudade, que lhes cauzaria a auzencia de hum anno, que ſeu amado filho devia eſtar fóra da ſua companhia; e os PP. Menores ſentiaõ o breve eſpaço de hum anno, que haviaõ guardar aquelle preciozo thezouro de virtudes.

Deſpediraõ-ſe Jacob, e Vienna do ſeu amado filho, deixando-o ſaudozos debaixo da tutella do Meſtre dos Noviços daquelle Convento, para lhe dar as inſtrucçoens neceſſarias da fórma que, como pupillo, devia ſervir aos Religiozos da Communidade. Naõ foi precizo muito trabalho ao Meſtre para a educaçaõ de Franciſco, porque vendo-ſe eſte na Caza de Deos logo ſe dedicou ao ſeu ſerviço com maior actividade; continuando naõ ſó os devotos exercicios, que praticava em caza de ſeus Pais, mas tambem adiantando-

ſe

ſe cada dia mais em heroicas virtudes. A oraçaõ era continuada, e quando a obediencia lha fazia interromper, occupando-o em outros miniſterios no diſcurſo do dia, compenſava eſte tempo á noite roubando-o ao neceſſario deſcanſo do corpo. O modo de orar era ſempre de joelhos com os braços abertos, em fórma de cruz: algumas vezes que desfalleciaõ ſuas tenras forças, e canſavaõ os braços com eſte exercicio, punhaſe debruços com a boca no chaõ, até que ſentindo algum alivio tornava a continuar o modo antecedente. Neſte exercicio de oraçaõ perdia muitas vezes os ſentidos arrebados com a força da contemplaçaõ; naõ foraõ poucas as occazioens, que os Religiozos daquelle Convento o viraõ taõ elevado, que para fazelo tornar á ſenſibilidade externa lhes era precizo movello com violencia.

Concedia a ſeu corpo muito menos deſcanſo, que lhe permittia em caza de ſeus Pais, paſſando muitas noites em continuada oraçaõ, ou vigilia, entretido com outros exercicios ſantos. A terra núa era ſua cama, e huma dura pedra ſua cabeceira. Indiſpenſavelmente todas as noites macerava ſuas carnes com aſperiſſimas diſciplinas, deixando eſtas as paredes, e chaõ rubricadas com ſeu innocente ſangue. Paõ, e agua era ſeu coſtumado alimento. Quando a obediencia o mandava a algum peditorio fóra da terra, accreſcentava para conduto algumas hervas, as quaes comia cruas ſem tempero algum, e era de tal qualidade, por ſerem das incultas, que naſcem no campo, que mais ſerviaõ de mortificaçaõ á gula, pela ſua inſipidez, e amargor, que de lizonja ao appetite.

Dentro do Convento queria abranger todos os exercicios de humildade, procurando-os com avareza ſanta, e ſumma alegria, ſem permittir aos Religiozos deſtinados para aquelles miniſterios, que os executaſſem. Quando na enfermaria havia algum enfermo de cuidado, ou que padecia alguma moleſtia, que

cau

cauzava aſco, era ſua aſſiſtentia mais vigilante, lavando-lhes os pannos cheios de materias com ſuas proprias maõs, e com a lingua lhes alimpava as chagas. Na cozinha naõ conſentia, que peſſoa alguma a varreſſe, nem lavaſſe os pratos, caldeirões, e mais vazilhas, que ſerviaõ naquella officina, fazendo eſtudo particular, que toda ella eſtiveſſe com muito aſſeio, para que os Religiozos ficaſſem bem ſervidos. Seu maior goſto era, que os ſugeitos, que pela obediencia eſtavaõ encarregados deſtas occupações, deſcanſaſſem do trabalho, ſegurando lhes que elle daria conta das ſuas obrigações com ſatisfaçaõ da Communidade.

Era incanſavel no aſſeio da Igreja, e Sacriſtia, porque continuamente ſe deſvelava na ſua limpeza, já varrendo, já alimpando os Altares com raro cuidado. Naõ conſentia, que neſte trabalho peſſoa alguma tiveſſe parte, tomando ſobre ſi toda a fadiga, ſem deixar o exercicio de ajudar ás Miſſas, que a todas acodia ao meſmo tempo indiſpenſavelmente, ſupprindo com milagres o que naõ podia abranger com ſuas forças naturaes. Tres foraõ as occazioens mais notadas dos Auctores, que eſcreveraõ a vida do noſſo Santo Patriarca, que por ſerem taõ raras eſtas acçoens naõ podemos deixar de as referir, para as vincular aos mais prodigios, que Deos obrou, tomando por inſtrumento a Franciſco, deſde que entrou no Convento de S. Marcos, e pela continuaçaõ do tempo, que nelle aſſiſtio, para dar cumprimento ao voto, que fizeraõ ſeus Pais.

O primeiro prodigio, que admiraraõ os Religiozos daquella familia Serafica, foi quando o viraõ occupado ajudando ás Miſſas na Igreja, e ao meſmo tempo varrendo, e preparando o Refeitorio para a Communidade ir jantar. Ficaraõ todos taõ ſorprendidos deſte facto, que alguns ſe perſuadiraõ podia ſer engano da viſta; mas depois de averiguada a verdade formaraõ o conceito, de que neſte menino repetia

Deos

Deos o que havia obrado em Santo Antonio, filho dignissimo da Ordem Serafica, quando estando prégando na Italia, ao mesmo tempo appareceu em Lisboa para livrar a seu Pai da morte, como se lê na sua vida.

Foi o segundo que no tempo, em que se cantava a Missa Conventual, faltarão na Sacristia brazas para o thuribulo, e mandando o P. Sacristão a Francisco buscalas á cozinha, como nesta não achasse modo de tiralas da fornalha, nem vazilha, em que as trazer, tomou Francisco as brazas com suas proprias mãos, e mettendo-as no seio, como se fossem rozas, as conduzio á Sacristia sem offensa alguma; tirando-as depois do peito, as foi pondo no thuribulo com a mesma facilidade, com que as havia tomado na cozinha. Os Religiozos, que prezenciarão esta tão rara maravilha, cheios de susto pela singularidade do prodigio, lhe perguntarão como havia feito similhante acção. Com muito socego respondeu o menino Santo: *Como me havia esquecido levar comigo o thuribulo para trazer as brazas, não achando outro modo de conduzillas, Deos me lembrou este meio para acodir á falta imminente no culto Divino, e no sacrosanto Sacrificio da Missa.*

Succedeu o terceiro em huma occazião, que faltando o cozinheiro, o P. Guardião, talvez para provar a virtude de Francisco, lhe recommendou cuidasse de fazer o jantar para a Communidade. Aceitou o nosso Santo esta incumbencia com summa alegria, por ter motivo de exercitar a obediencia. Porém este novo encargo nada lhe embaraçou as outras occupaçoens, em que empregava o tempo, especialmente o ajudar ás Missas: parecendo-lhe hum dia muito cedo para pôr o jantar ao lume, preparou o caldeirão com a comida, que devia servir á Communidade, e o deixou sobre as cinzas frias, e no em tanto que não erão horas de accender lume, foi-se para a Igreja, onde, entregando-se á oração, foi arrebatado em espirito com hum

hum dos ſeos coſtumados extaſes. Chegou o tempo de tocar ao refeitorio, e como entraſſem os Religiozos na cozinha, naõ vendo lume acezo, e o jantar ainda por cozer, deraõ parte do ſucceſſo ao Padre Guardiaõ. Mandou eſte que procuraſſem a Franciſco, e o conduziſſem á ſua prezença. Em vaõ o procuráraõ por todo o Convento, até que foraõ á Igreja, onde o viraõ dentro de huma Capella, elevado do chaõ altura de hum covado com as maõs poſtas, e olhos fitos no Ceo, em acto de eſtar de joelhos: nem o eſtrondo, que fizeraõ os Religiozos quando entraraõ na Igreja, nem as vozes, com as quaes lhe bradavaõ, o fizeraõ tornar a ſi; até que lhe intimáraõ a ordem do Prelado, com a qual, como quem acorda de hum ſomno profundo, deſceu ao chaõ, e ſe levantou obediente, hindo logo deitar-ſe aos pés do Padre Guardiaõ. Eſte ſem ſe dar por entendido da falta, em que Franciſco tinha cahido, entrou junto com a Communidade ao refeitorio cantando as coſtumadas preces, e oraçoẽs; e tomando os aſſentos correſpondentes nas mezas eſperou a comida, a qual naõ tardou mais tempo do coſtumado, porque logo que o noſſo Santo entrou na cozinha, deſprovida de lume, como já diſſemos, fez o ſinal da Cruz ſobre o caldeiraõ, e logo ficou o jantar prompto, e ſazonado, o qual foi elle ſem demora repartindo pelos Religiozos da Communidade.

Eſtas próvas acreditáraõ a virtude de Franciſco naquelle Clauſtro, e admirando todos ſuas acçoẽs ſe animavaõ a ſerem perfeitos, e ſe inclinavaõ á devoçaõ. Naõ eraõ ſó os Religiozos, os que formavaõ grande conceito da ſantidade de Franciſco; mas tambem todos os moradores da Cidade de S. Marcos, e dos povos circumvizinhos, porque o cheiro de ſuas virtudes hia tranſcendendo a toda a parte. Nem cauzava admiraçaõ que o Prelado daquelle Convento deſſe tanta eſtimaçaõ a eſte thezouro, porque era Confeſſor deſte Menino, e de ſeus Pais havia muitos annos,

deſde que foi Guardiaõ no Convento de S. Lucido ; e ſendo hum Religiozo de grande eſpirito, digno diſcipulo de S. Jacome da Marca , e intimo amigo de S. Bernardino de Sena , chegou a ſondar o fundo de ſua alma ; e eſte foi o motivo, porque ſeus Pais o leváraõ ao Convento de S. Marcos , que diſtava quinze milhas , podendo cumprir ſeu voto no Convento de S. Lucido, que diſtava ſó quatro milhas. O Biſpo deſta Cidade de S. Marcos , que naquelle tempo era o ſenhor Dom Luiz Imbriaco , Monge que foi da eſclarecida Ordem de S. Bento, e natural da Cidade de Napoles (*h*), quazi todos os dias hia ao Convento para ver a Franciſco , com quem tinha largas converſas, e tratava muitos negocios de grande pezo , fazendo ſingular confiança no ſeu parecer.

Completo o anno , e ſatisfeito o voto , vendo os Religiozos que eſte Menino ſe devia reſtituir a ſua caza , entráraõ a perſuadir-lhe quizeſſe ficar na ſua companhia , entrando no noviciado para profeſſar naquella Ordem Serafica. Porém como Franciſco eſtiveſſe já deſtinado por Deos para ſer Patriarca de huma nova Religiaõ , que havia de ſervir de ornato á Igreja Catholica , reſpondia a todas eſtas propoſtas, que naõ era vontade do Altiſſimo ſer elle filho da Familia Serafica. Eſtas reſpoſtas eraõ outras tantas ſétas, que feriaõ os coraçoẽs dos Religiozos, conſiderando que brevemente ficariaõ privados da prezença daquelle Menino ſanto , que Deos depozitou no ſeu Convento para ſervir de exemplar a todos elles na obſervancia da vida Religioza, e em procurar a perfeiçaõ das virtudes. Sendo ſeu deſtino , no diſcurſo daquelle anno , ſervir aos Religiozos com o trabalho corporal , naõ ſó ſatisfez eſta parte; mas tambem lhes ſervio de modelo para regular ſeus eſpiritos.

Havendo chegado ſeus Pais em procura do ſeu amavel filho , para reſtituir-ſe na ſua companhia a ſua caza ,

(*h*) Not. Perrim. p. 65.

caza, naõ pondéro as demonſtraçoẽs de affecto, e alegria, que neſta occaziaõ moſtrariaõ eſtes dous conſortes vendo ſeu voto ſatisfeito, e que era chegado o tempo de tornar á poſſe daquelle ineſtimavel thezouro; porque o Leitor póde conſiderar quaes ſeriaõ os colloquios, que teriaõ entre ſi quando chegáraõ a aviſtar-ſe. Como Franciſco conheceſſe a intençaõ de ſeus Pais, naõ pode deixar de manifeſtar-lhes o grande dezejo, que tinha, antes de voltar para ſua caza, de ir vizitar o ſepulcro do ſeu Protector S. Franciſco de Aſſís, e a Igreja da Porciuncula, cujo Orago he N. Senhora dos Anjos, de quem era ſummamente devoto. Condeſcendéraõ Jacob, e Vienna com a vontade de Franciſco, e com grande complacencia lhe promettéraõ dar cumprimento á ſua petiçaõ cheia de devoçaõ, e piedade; e para dar maior extenſaõ a ſeus dezejos ſantos, lhe fizeraõ entender que hiriaõ a Roma vizitar os ſacroſantos Lugares, e os Santuarios, que a Igreja Catholica venéra naquella Metropole da Chriſtandade.

CAPITULO V.

Sua peregrinaçaõ ao Convento de Aſſís, Roma, e outros Lugares ſantos.

PARTINDO eſtes ſantos Romeiros do Convento da Cidade de S. Marcos, principiáraõ ſua jornada tomando a eſtrada, que os devia conduzir ao Convento de Aſſís, para depois ir a Roma, ſegundo affirma o Auctor da Vida Anonyma (*i*). Outros Eſcritores nos dizem, que primeiro foraõ a Roma, e depois tomáraõ o caminho do Convento de Aſſís. Mas diſto naõ pertendemos formar queſtaõ, porque

(*i*) Et tranſeundo per Aſſiſium, venit Romam ad viſitanda loca ſancta p. 57.
Toſcano, Maggiolo, e Perrimezzi.

nada importa á noſſa Hiſtoria. O certo he que foraõ a pé vizitar todos eſtes lugares, e em cada hum deſtes ſantuarios derramáraõ muitas lagrimas de devoçaõ. Alguns dos noſſos Hiſtoriadores referem que eſtando eſtes devotos peregrinos em Roma, encontrando em huma rua deſta Cidade a hum Cardeal (*k*) acompanhado com ſeu eſtado, perguntou Franciſco a ſeus Pais, ſe os Apoſtolos quando andáraõ pelas meſmas ruas daquella Cidade levavaõ tanto acompanhamento, e ſe uzavaõ de tanto fauſto? Naõ fez o noſſo Santo eſta pergunta taõ de manſo, que naõ ouviſſe o Cardeal: pelo que eſte, voltando-ſe com promptidaõ para o Menino, diſſe: *Naõ vos eſcandalizeis deſta pompa, meu Menino; porque ſe andáſſemos de outra ſorte, o eſtado Apoſtolico ſeria deſprezado, e vilipendiado dos Seculares* (*l*). Naõ podemos deixar de admirar o grande zelo de Franciſco em reparar ſobre a differença, que havia no tratamento daquelle Cardeal, do que uzavaõ os Apoſtolos; e igualmente devemos notar a benignidade deſte Purpurado, que talvez conhecendo, por inſpiraçaõ Divina, o interior do noſſo Santo menino, lhe déſſe ſatisfaçaõ á ſua pergunta, que reſpirava o grande amor, que deſde aquelle tempo tinha á pobreza.

Neſta meſma jornada, ſeguindo o que nos referem os noſſos Eſcritores, paſſaraõ eſtes devotos romeiros pela ſerra chamada Monteluco, perto da Cidade de Eſpoleto, entre cujas brenhas tinhaõ ſua morada huns Ermitões, aos quaes deu principio, e methodo de vida o Abbade Iſaac de Antiochia no anno de 550. da Era de Chriſto. Com eſtes Solitarios teve Franciſco dilatada converſa, examinando com miudeza a fórma dos habitos, e o modo, com que viviaõ,

(*k*) Juliano Ceſarino. Notat. de Perrim. fol. 66.

(*l*) Fili, ne ſcandalizéris; ſi enim aliter nos faceremus, ſtatus Apoſtolicus aliquatenus a ſæcularibus deſpiceretur, & vilipenderetur. Vit. Anon. p. 57. & verſa.

viaõ, e ſe conſervavaõ naquelle Ermo. Foraõ depois ao Monte Caſſino, onde vizitáraõ os Monges do Patriarca S. Bento: e como ouviſſe referir deſte Santo, que, deſde a idade de quatorze annos, deixou o mimo de ſua caza, abandonou as eſtimaçoens de ſeus Pais, renunciou as liberdades, que poſſuia, deixou os eſtados, e deſprezou as riquezas por fogir das occazioẽs perigozas do mundo, retirou-ſe ao Subláco, para tratar ſó com Deos, e fazer penitencia; ficou taõ inclinado áquella vida, que parece que deſde aquella hora aſſentou comſigo querer ſer ſeu imitador, porque deu baſtantes provas do affecto, com que eſtava goſtozo entre aquellas aſperezas da ſerra: o que ſe confirma pelo ſucceſſo do ſeguinte capitulo.

CAPITULO VI.

Retira-ſe ao dezerto, onde eſteve ſeis annos continuos.

VOLTANDO pois da ſua romaria eſtes devotos peregrinos, aſſim que chegaraõ a aviſtar a Cidade de Paula, declarou Franciſco a ſeus Pais o penſamento, que havia concebido, de retirar-ſe ao dezerto para obſervar huma vida ſolitaria. Naõ deixou eſta rezoluçaõ inopinada de ſorprehender os animos dos dous conſortes, que com ſumma alegria tornavaõ para ſua caza, com a ſatisfaçaõ de eſtar já de poſſe daquella ineſtimavel joia, que Deos lhes havia concedido: mas como deſde ſua conceiçaõ, e naſcimento tinhaõ obſervado tantos prodigios, entenderaõ que a idéa, que lhes acabava de expor ſeu filho, naõ era propria ſua, mas ſim inſpirada por Deos; em cuja vontade ſe reſignaraõ, condeſcendendo á ſupplica, que, com profunda humildade lhes fez Franciſco. Poſto eſte de joelhos com toda a veneraçaõ, e reſpeito lhes pedio a bençaõ, que lha deraõ acompanhada de muitas lagrimas de ternura. Ficou o Menino naquelle ſitio; e ſeus Pais continuaraõ ſeu deſtino até Paula, onde ſen-

do vizitados de todos os parentes, e amigos, e vizinhos, logo por eſtes foraõ perguntados pelo filho. Eraõ outras tantas ſétas eſtas perguntas, que penetravaõ os coraçoẽs de Jacob, e de Vienna, os quaes, banhados em lagrimas de ſaudade natural, reſpondiaõ, que Franciſco por fogir ás lizonjas do mundo ſe havia retirado ao Ermo, onde queria ter mais frequente communicaçaõ com Deos; a cuja vontade ſe ſugeitavaõ, porque conheciaõ que o meſmo Senhor, que lho concedeu por filho, dirigia ſeus paſſos para ſeguir ſuas altiſſimas idéas.

O ſitio, em que ficou, e que eſcolheu para ſua primeira morada, foi junto ao rio Iſca, meia legoa diſtante da Cidade de Paula: mas como viſſe depois, que eſte ſitio eſtava perto da eſtrada, e que a continuaçaõ dos paſſageiros lhe ſervia de incommodo, perturbando-lhe ſeus exercicios, ſe retirou á outra banda do meſmo rio, onde eſtava hum grande boſque de arvoredo, e mata, que occultavaõ huma pequena cova de huma brenha. Neſta, que eſtava cercada, e coberta de ſilvas, e abrolhos, depozitou ſeu corpo para o mortificar com continuas aſperezas. Era taõ pequena eſta cova, que bem merecia o nome de ſepultura, porque naõ ſe podia voltar dentro della; e para fazella algum tanto maior ſe valeu de huma enxada, dando-lhe mais fundo. O tecto, e paredes das ilhargas eraõ humas rochas duras, que deſtillavaõ continuamente agua pela immediaçaõ da que corria de varias fontes precipitadas entre penedos, para ſe ajuntar com as do rio. Ainda hoje ſe conſerva eſta cova, mas de outro modo, pelas muitas obras, que nella ſe fizeraõ, ſem lhe mudar nada do ſeu antigo ſer, aſſim na largura, como no fundo. No groſſo de huma parede embotiraõ huma Imagem de pedra do noſſo Santo, poſto de joelhos adorando huma Cruz.

Neſte lugar taõ aſpero, inculto, e tenebrozo ficou Franciſco ſepultado em vida, em companhia de todas ſuas acçoẽs heroicas, que nelle praticou, por

naõ

naõ haver outras testemunhas, que as prezenciassem mais que as arvores, e os penedos. Póde ficar ao juizo do pio Leitor o discorrer quaes seriaõ, regulandose pelas antecedencias, e o que depois referiremos no discurso da sua vida O Autor da Vida Anonyma affirma, que o Padre Fr. Balthazar de Espino, primeiro Sacerdote da nova Ordem, e Confessor do nosso Santo, lhe dissera, que Francisco no discurso de quatro annos, naõ comeu outra couza mais, que hervas silvestres cruas (*m*). O nosso Illustrissimo Perrimezzi, e o P. Toscano referem, que o nosso Santo Patriarca no discurso dos seis annos, que viveu solitario, teve vehementes tentaçoens diabolicas; o que nos parece verdade, porque o inimigo commum naõ levaria a bem tantas penitencias, e mortificaçoẽs, com as quaes lhe fazia guerra. Entre outras, que referem, singularizaõ o cazo de apparecer-lhe o demonio naquelle sitio em varias figuras de Fantasma para desalojallo do Ermo: mas como deste modo naõ podesse conseguir sua idéa, lhe appareceu depois em figura de huma Matrona formoza, profanamente trajada; e admirada primeiramente da aspereza de sua vida em sitio taõ inculto, só proprio para féras, lhe propoz que era huma grande temeridade o que fazia em idade taõ tenra, pois que ainda naõ tinha completado os quatorze annos quando entrou no dezerto; que suas disciplinas, e mortificaçoẽs, que fazia, naõ estavaõ reguladas pela prudencia humana; e que este methodo, que seguia, era huma especie de loucura, fazendo injuria á sua mocidade, enterrando-se em vida em huma cova, por fogir da communicaçaõ das gentes, com a qual podia civilizarse, e viver como homem, e naõ como bruto. He ve-

 rosimil,

(*m*) Et sicut narravit mihi Fr. Balthasar de Spino Doctor in utroque, Confessor Papæ Innocentii, mansit præfatus bonus Pater per spatium quatuor annorum, non manducando nisi herbas crudas in campestribus crescentes. Perrim. Notat. Vit. Anonym. p. 70.

rohmil, que com eſtas, e outras lizonjas, proprias do infernal inimigo, foſſe o noſſo Santo tentado ao meſmo tempo, que o demonio lhe appareceu em figura de mulher, provocando-o para lhe fazer perder a pureza do ſeu eſpirito; o que ſe collige do facto, que ſe ſeguio, que deſcrevem os meſmos AA., talvez por informaçaõ do meſmo P. Balthazar de Eſpino, que depois ficaria em tradiçaõ.

Vendo-ſe o noſſo Santo perſeguido deſta taõ forte tentaçaõ, lembrado que neſta qualidade de batalhas naõ ſe alcança a victoria ſenaõ com a fuga, e retirando-ſe da frente do inimigo, correu ao rio, e ſepultou-ſe nas ſuas correntes, onde eſteve até que ſe apagáraõ de todo algumas faiſcas da ſenſualidade, que o podiaõ combater. Naõ temos teſtemunhas deſte cazo; mas devemos dar crédito á tradiçaõ, que ſempre ſe conſervou depozitada nos noſſos clauſtros, originada ou de alguns particulares, que revelaſſe o P. Confeſſor, que o ouvia de confiſſaõ no diſcurſo dos ſeis annos, que foi morador daquelle dezerto; ou de algumas memorias, que deixaſſe o P. Balthazar de Eſpino, que, depois que tomou o habito, e ſe ordenou de Sacerdote, foi ſeu Confeſſor, e intimo amigo do noſſo Santo, conferindo com elle todas ſuas duvidas, por ſer hum ſugeito de muita prudencia, formado em ambos os Direitos: e fazia Franciſco tanta confiança na ſua literatura, que o levou comſigo a França, e de lá o mandou a Roma a tratar varios negocios pertencentes a eſta Ordem com o caracter de Procurador Geral; em cujo cargo exerceu tambem o de Confeſſor do Pontifice Innocencio VIII. até á morte do meſmo Papa, que deixando outro em ſeu lugar ſe retirou a França, onde eſteve até o tranſito do noſſo Santo Patriarca, que voltou á Italia, onde morreu no Convento de Paula.

CA-

CAPITULO VII.

Aos dezanove annos de ſua idade principía Franciſco a fundar a Ordem dos Minimos.

DIVULGARAM-SE por todos os contornos da Cidade de Paula as aſperiſſimas penitencias de Franciſco, havendo ſido os primeiros deſcobridores deſte Santo ſolitario huns nobres ſugeitos, que foraõ divertirſe com o exercicio da caça, do modo que agora referiremos. Naõ querendo já Deos, que tantos portentos de virtudes eſtiveſſem mais tempo occultos, proporcionou modo de publicar ao mundo a ſantidade do ſeu ſervo. Seguindo eſtes nobres caçadores hum veado, ou huma corſa, correu eſta para o boſque onde eſtava o Santo, e entrando na cova ſe eſcondeu debaixo da tunica de Franciſco, que eſtava de joelhos extatico. Os caẽs chegáraõ até á cóva, mas naõ ſe atreveraõ paſſar a diante; até que chegáraõ os caçadores ſeus donos, que admiraraõ os dous prodigios, a ſaber, deſcobrir primeiramente aquelle occulto Anacoreta em extaze com a força da contemplaçaõ dos Myſterios Sagrados; e em ſegundo lugar domeſticado o veado, procurando azilo debaixo dos habitos deſte penitente incognito. Naõ quizéraõ eſtes caçadores nem diſtrahir a Franciſco da ſua oraçaõ, nem offender ao veado, que havia procurado taõ ſagrado refugio, contentando-ſe com publicar o ſucceſſo por toda a parte, por onde paſſaraõ. Eſte veado, ou corſa, viveu muito tempo na companhia do noſſo Santo, e depois que ſe fundou o primeiro Convento de Paula morreu; em cujo lugar ſuccedeu o cordeiro, ao qual o meſmo Santo chamava Martinello.

Cheios de admiraçaõ eſtes caçadores dos prodigios, que prezenciaraõ, ſe fizeraõ pregoeiros das virtudes de Franciſco: e como o ſuave cheiro da ſua ſantidade penetraſſe o coraçaõ das Cidades, e Povos

vizinhos, corriaõ todos os moradores daquelles diſtrictos para admirar eſte novo Baptiſta, e adorar as maravilhas de Deos obradas neſte ſanto Mancebo. O boſque ſe converteu em huma Cidade populoza com o concurſo das gentes, que procuravaõ ver, e fallar com eſte novo Solitario. Ficava eſte ſorprendido da naõ eſperada novidade; parecendo-lhe que podia ſer artificio do Inferno para tirallo do ſocego, e humildade, em que vivia, perturbando-lhe ſeus ſantos exercicios: pelo que recorria a Deos para que lhe declaraſſe ſua vontade, e lhe inſpiraſſe o que foſſe mais do ſeu agrado. Foi o meſmo Senhor ſervido fazer-lhe entender quanto era do ſeu Divino agrado, que ſerviſſe de exemplar aos homens do mundo, communicando a todos ſuas virtudes, e inſtruindo aos mortaes, para que ſeguiſſem o verdadeiro caminho da ſalvaçaõ.

Conhecida por Franciſco eſta Divina idéa, rodeado de todas as qualidades de gente, que o procuravaõ á porfia, e animado de hum fervorozo zelo das almas, deu principio a ſeus ſermoẽs, tomando por aſſumpto o deſprezo, que ſe devia fazer do mundo pela ſua inconſtancia; e que ſó Deos, e ſeus bens ſaõ eternos, e permanentes. Todos ſeus ſermoẽs eſtavaõ cheios de deſenganos Catholicos, e todo ſeu fim era exhortar, como outro Baptiſta, á verdadeira penitencia. Proferia eſtas verdades Evangelicas com tanto eſpirito, que inflammava os coraçoẽs dos ouvintes; e como eſtava macilento no ſemblante, e mortificado por todo o corpo com as continuas auſteridades, que praticava, faziaõ maior impreſſaõ ſuas palavras. Naõ podemos duvidar que eſtas tomavaõ maior valor com os augmentos da Divina Graça, que Deos ſe dignava repartir com Franciſco, e com ſeus ouvintes para obrar com mais efficacia, e colher abundantes fructos. Todos, os que o ouviaõ fallar a primeira vez, naõ podiaõ apartar-ſe da ſua prezença, e á porfia ſe offereciaõ ficar naquelle dezerto, naõ ſó para o acompanhar, mas tambem para o ſeguir no

metho-

methodo de vida. Mas como o noſſo Santo, ainda que moço, conhecia muito bem, que Deos para ſeu ſerviço naõ quer que todos ſejaõ Eremitas, ſenaõ aquelles, que, como Senhor, eſcolhe para eſte deſtino; perſuadia a cada hum de per ſi, que para tomar eſtas rezoluçoens devia preceder conſelho maduro, depois de muita oraçaõ a Deos, para inſpirar o mais acertado, e igualmente fazer hum rigorozo exame das proprias forças para ſuſtentar o pezo da penitencia.

Naõ eſtavaõ ainda completos os ſeis annos deſte retiro ao dezerto, nem Franciſco tinha completado o decimo nono de ſua idade, quando principiou a admittir companheiros para moradores daquellas brenhas. Corria o anno de 1435 da Era vulgar, quando deu ordem de fazer huma Ermida, que foi a primeira Igreja do Convento, que deu principio a toda a Religiaõ dos Minimos. Como naõ podia fazer eſta Ermida ſem conſentimento do Ordinario, pedio licença ao Arcebiſpo de Coſſencia, a quem pertencia aquelle territorio. Fez o requerimento ſupplicando, lhe concedeſſe faculdade para conſtruir huma Capellinha para ter oraçaõ com ſeus novos companheiros, e algumas céllas, nas quaes eſtes ſe acomodaſſem com maior retiro, poſto que até áquelle tempo viviaõ em humas palhoças, que elles meſmos fizéraõ por ordem do noſſo Santo, para ſe defenderem da inclemencia do tempo, e occultar-ſe de algum modo da multidaõ do povo, que concorria áquelle ſitio, e que lhes perturbava ſeus ſantos exercicios.

Ficou o Arcebiſpo admirado dos elevados penſamentos de Franciſco; e naõ obſtante que logo ſe moſtrou inclinado a conceder-lhe quanto pedia, quiz ſempre examinar ſeu eſpirito com todo o cuidado para rezolver com maior madureza. Naõ podemos deixar de conſiderar aqui ſer eſte ſucceſſo huma das maiores maravilhas, que Deos obrou na Peſſoa do meu Santo Patriarca: conſtituillo Fundador de huma Religiaõ em idade taõ tenra, pois ainda naõ havia completado

do

do quatro luſtros; por cuja cauza, apenas podiá ſer mediano diſcipulo. O que mais admira, he haver tomado a ſeu cargo huma empreza, que de ordinario traz comſigo innumeraveis contradicçoẽs, tanto pela novidade de huma vida taõ auſtéra, como pelas muitas difficuldades, que occorrem aos que a devem praticar, e obſervar. Venceu Franciſco tudo, conſeguindo ſua idéa ſem obſtaculo, nem impedimento algum, continuando-a do meſmo modo, com toda a felicidade.

Acabadas as diligencias, que mandou fazer o Arcebiſpo para provar o eſpirito de Franciſco, de cuja virtude ficou admirado, lhe concedeu goſtozo a licença para fazer quanto lhe pedia. O nome deſte Arcebiſpo era Bernardino Caracioli, homem de muita virtude, e letras, Tio de Pyrrho Caracioli, que lhe ſuccedeu no Biſpado, e deu ao noſſo Santo a approvaçaõ das primeiras Conſtituiçoens, como veremos no ſeu lugar (*n*). Tambem devemos notar, que o noſſo Santo, quando ſahio do Convento de S. Franciſco da Cidade de S. Marcos, naõ deſpio a tunica de burel, que ſeus Pais lhe fizeraõ para ſatisfazer o voto, mas veſtido com a meſma tunica foi á romaria, e com ella ſe retirou ao Ermo. Eſta meſma, que lhe ſervio todo o tempo, que ſe conſervou ſolitario, e que he de côr parda de hum panno muito ordinario, que correſponde a ſaragoça; ſe acha guardada entre outras reliquias no Convento de S. Luiz de Palacio da Cidade de Napoles.

Logo que voltou o noſſo Santo com o deſpacho do Ordinario a ſeu retiro, de tantas peſſoas, que concorrêraõ para admirar ſua ſantidade, e ſe offereciaõ para ſerem ſeus diſcipulos, e companheiros, naõ eſcolheu mais que tres para dar principio á ſua fundaçaõ. Eraõ eſtes Florentino de Paula, Angelo Saracina, e Nicolao de S. Lucido, todos homens illite-

(*n*) Toſcano pag. 49.

illiteratos ; por cujo motivo permanecêraõ ſempre no eſtado de Converſos , ainda que eraõ de muita virtude. A eſtes tres companheiros deu Franciſco com o titulo de Eremitas penitentes humas taes regras para ſe governar , que , naõ obſtante ſerem ſuaves reſpectivamente ao que o Santo praticava , ſempre ſua obſervancia era muito aſpera , e auſtéra. Animados do exemplo do ſeu novo Fundador , naõ ſó executavaõ o que eſte lhes preſcreveu , mas tambem com ſanta emulaçaõ procuravaõ imitallo com todas as ſuas forças.

Viviaõ de eſmolas , que algumas peſſoas lhes levavaõ ao meſmo retiro , onde moravaõ ſolitarios. Naõ aceitavaõ deſtas eſmolas mais que paõ , e ſó aquella porçaõ ſufficiente para alimentar-ſe aquelle dia. O conduto eraõ as hervas , que o campo produzia ; e a bebida as aguas do rio vizinho ; por cujo motivo naõ ſe fazia lume , nem ſe gaſtava tempo em temperar guizados. A fórma dos habitos era ſimilhante ao de Franciſco , ſem uzar de capello , por quanto o noſſo Santo naõ uzou delle até que lhe foi dado por Deos , mediante hum Anjo , que lho levou talhado da meſma fórma como hoje veſte toda a noſſa Ordem. Andavaõ deſcalços , ſem uzar de ſandalias , nem tamancos , como depois andáraõ os ſucceſſores quando ſe approvou a primeira Regra , de cuja obſervancia foi a noſſa Religiaõ diſpenſada pelos Prelados , attendendo ao rigor da vida quareſmal , pelos annos de 1600 , como diz o N. Peyrinis (*o*). Finalmente o modo de vida , que eſtes primeiros ſugeitos obſervavaõ , deſempenhava o titulo de Penitentes , que o Santo Padre lhes havia adjudicado , ſupportando com tanta alegria as mortificaçoẽs , que nunca ſe lhes conhecia no ſemblante triſteza alguma , reſpondendo com affabilidade a todos ,

(*o*) Omnes unanimiter , conſiderata humana fragilitate , attenta auſteritate vitæ quadrageſimalis , diſcrete diſpenſarunt. Peyrinis Tom. de Relig. Subd. q. 1. cap. 8. § 4. Dic. 3. p. 22. mihi.

todos, ſem gaſtar mais palavras, que as precizas. Todos, os que movidos de huma devota curiozidade hiaõ vizitar eſte Santuario, ſentiaõ dentro do ſeu peito hum ardente dezejo de ficar em companhia daquelles Ermitães, e voltavaõ para ſuas cazas cheios de edificaçaõ, á viſta daquelles exemplares de penitencia.

CAPITULO VIII.

Dá Franciſco principio á ſua primeira Igreja: apparece-lhe S. Franciſco de Aſſís; e muda de idéa na fundaçaõ.

DENTRO dos coraçoẽs dos que corriaõ ao dezerto, para ſerem teſtimunhas de tantas virtudes, eſtavaõ em igual parallelo a admiraçaõ de tantos exemplares, e o dezejo de imitallos. Apenas refectiaõ ſobre tantos prodigios, quando ſe achavaõ ſeus affectos cativos de huma fervoroza inclinaçaõ de ſerem moradores daquelles boſques, e companheiros dos que nelles aſſiſtiaõ. Com eſte motivo deu o noſſo Santo principio a conſtruir huma nova Ermida; porque a Capella, de que fallámos, já naõ conſentia maior numero, nem os commodos, que eſtavaõ feitos, podiaõ abrigar mais ſogeitos. Cada dia ſe viaõ novos pertendentes, que, para ſe fazerem mais attendiveis ſuas petiçoẽs, ſe offereciaõ a ſerem operarios, acarretando pedra, e outros materiaes pelas ſuas proprias maõs, ſó com intuito de ſerem admittidos na companhia de Franciſco, que roubava os coraçoẽs a todos.

Depois de principiada eſta Ermida, ſegundo o riſco, que o meſmo Santo tinha formado, regulandoſe pelas eſmolas, que lhe haviaõ offerecido; he tradiçaõ conſtante, a qual todos noſſos Eſcritores affirmaõ, que eſtando eſta Ermida com os alicerces abertos, lhe appareceu o Patriarca S. Franciſco de Aſſís, mandado por Deos, para lhe advertir, que aquella obra, que havia principiado, era muito pequena para huma fami-

familia taõ creſcida, que devia ter em breves annos; e que aquelle Convento no tempo futuro havia de ſer cabeça de huma Religiaõ baſtantemente dilatada. Corrobóra eſte facto a teſtemunha 37 do Proceſſo Conſentino, o nobre Antonio Mendolilha de Paula, que ſendo examinado ſobre o artigo 9., debaixo de juramento, diſſe (*p*), que elle meſmo teſtemunha, em companhia de ſeu meſtre, e de ſeus condiſcipulos, e coetaneos, eſtando na prezença de Franciſco, dentro da Igreja do ſeu Convento, chegou hum Religiozo do habito da Ordem Serafica, e perguntou ao noſſo Santo, que fazia? Ao que reſpondeu Franciſco, que eſtava edificando huma Igreja. A eſta reſpoſta diſſe o Religiozo Franciſcano: *Que Igreja he eſta taõ pequena?* Reſpondeu novamente o noſſo Santo: *Como hei de fazella maior, ſe eu naõ poſſo?* Mas a iſto replicou o Religiozo: *Naõ cuideis diſſo*; *Deos proverá*: e mandou demolir hum muro, que eſtava já feito, e riſcando maior Igreja deſappareceu aquelle Religiozo, ſem dizer mais nada; e os circunſtantes, naõ havendo viſto de donde tinha vindo o tal Religiozo, nem para

(*p*) Nobilis Antonius Mendolilla de Paula teſtis examinatus, cum juramento ſuper 9, omiſſis aliis, dixit, quòd cùm ipſe teſtis unà cum præceptore ſuo, & aliis diſcipulis coætaneis ſuis eſſet cum Fratre Franciſco præfato in Eccleſia Monaſterii ſui, cujus Eccleſiæ murus in parte erat factus, ſupervenit quidam Frater indutus habitu S. Franciſci, interrogavitque, quid faceret? Reſpondit dictus Frater Franciſcus, ſe ædificare Eccleſiam. Dixit Frater ille: Quæ Eccleſia eſt iſta, quam ædificatis? nam eſt admodum parva. Reſponditque dictus Frater Franciſcus: Quomodò volo eam ædificare maiorem, cùm non poſſim? Reſpondit Frater ille: Non curetis: Deus providebit. Fecitque demoliri murum factum, deſignavitque Eccleſiam maiorem; ſtatimque Frater ille diſceſſit, nihil dicens; ignorabaturque unde venerat, & quo ibat; adeò, quòd ipſe teſtis, & cæteri omnes crediderunt fuiſſe hominem miſſum a Deo. Ita Perrim. in Diſſert. 8. p. mihi 143.

para onde foi, ficáraõ perſuadidos a que fora mandado por Deos. Eſta diſpoziçaõ a confirma a meſma teſtemunha com o que logo ſuccedeu. Paſſados poucos dias, procuráraõ ao noſſo Santo dous nobres ſugeitos naturaes de Coſſencia; hum delles, affirma o P. Toſcano, era Jacob de Tarſia, Baraõ de Belmonte (*q*), e lhe offerecêraõ grande ſomma de dinheiro para as obras, e gado para acarretar os materiaes.

Depois, diziamos, de principiada a Ermida, ſegundo o riſco, que o Santo tinha formado, ſupoſta a appariçaõ do Patriarca S. Franciſco de Aſſís, e vendo-ſe com avultadas eſmólas, que os Fiéis lhe davaõ, ſeguio a idéa dada pelo ſeu Patrono, a quem queria dedicar a meſma Igreja, em memoria dos muitos beneficios, que pela ſua interceſſaõ havia recebido do Ceo; mas depois a dedicou a MARIA Santiſſima, debaixo do titulo de N. Senhora dos Anjos. O Arcebiſpo de Coſſencia Pyrrho Caracioli, ſobrinho do ſeu anteceſſor Bernardino Caracioli, quiz deitar a primeira pedra deſta nova Igreja com as ceremonias ſolemnes coſtumadas, aſſiſtindo a eſta funçaõ numerozo concurſo de Cavalheiros, e peſſoas diſtinctas de todas as Cidades circumvizinhas. Dentro de breve tempo ſe adiantou tanto eſta obra da Igreja, que ſe poz em termos de celebrar-ſe nella os Officios Divinos.

CAPITULO IX.

Aceita Franciſco mais companheiros.

TAL era a perfeiçaõ, que Franciſco, deſde ſeu naſcimento, ſe propoz como regra infallivel no ſeu modo de obrar, que todas ſuas acçoẽs foraõ comformes, e coherentes áquelles ſantos principios. Naõ intentou que a ſua nova Religiaõ ſe fundaſſe com ſugeitos de alta eſtirpe, mas ſim que naſceſſe, e ſe

(*q*) Toſcan. pag. 55.

e ſe eſtabeleceſſe com fundamentos de humilde eſtéra para imitar o Redemptor, que quando quiz formar o Collegio Apoſtolico naõ procurou homens eminentes de Authoridade, nem conſtituidos em dignidades do mundo, para ſervir de bazes a toda a Igreja Catholica; mas ſim huns pobres peſcadores, ſobre os quaes ſe eſtrearaõ as Primicias do Eſpirito Santo, e fortalecidos com a Divina Graça, derramando o ſangue de ſuas veias authorizaraõ com ſua doctrina os Dogmas da Fé de JESUS Chriſto.

Naõ attendia o noſſo Santo ao naſcimento das peſſoas para os aceitar á ſua nova Religiaõ. Naõ procurava ſugeitos de ſangue illuſtre, nem os mais diſtinctos em letras, mas ſim aquelles, que conhecia mais humildes de eſpirito, dos quaes ſe promettia avultados progreſſos na vida penitente, e na perfeiçaõ das virtudes. Por eſte motivo os tres primeiros companheiros, que admittio, que foraõ, como já dicemos, Fr. Florentino de Paula, Fr. Angelo de Aleparto, natural da Serracina, Dieceſis de Caſſano, e Fr. Nicolao natural da Cidade de S. Lucido todos tomaraõ o habito para Religiozos Leigos, porque eraõ homens ignorantes de letras, mas muito ſabios em virtudes, eſpecialmente o Fr. Nicolao de S. Lucido na virtude da paciencia foi inimitavel. Eſtes tres mereceraõ ſerem teſtimunhas de hum grande extaſis, que Franciſco teve depois de acabada a Igreja, como diremos no ſeu lugar.

Aceitou depois o noſſo Santo a Fr. Joaõ de S. Lucido para o meſmo miniſterio de Leigo, porque como era filho de Pais muito pobres, quando apenas podia andar o applicaraõ ſeus Pais ao trabalho do campo; por cujo motivo ſe havia criado ruſticamente, porém com ſantos coſtumes. Com eſtes, e huma grande innocencia, ou candidez de eſpirito lhe foi menos dificultozo tomar o exemplo do noſſo Santo, e ſeguir ſuas inſtrucçoẽs, ſahindo inſigne na virtude da oraçaõ, que continuamente tinha, ainda no tempo que

a obediencia o occupava nos miniſterios mais humildes do Convento.

Seguio-ſe a eſte Fr. Balthazar de Eſpino, natural de Paula, que foi o primeiro que ſe ordenou de Sacerdote, de quem já fallamos no fim do Capitulo 6. deſta Hiſtoria. Foi depois aceitado a tomar o habito Fr. Franciſco Mayorana natural de Fiumefredo, terra do Biſpado de Tropéa, diſtante oito milhas da Cidade de Paula, para Religiozo do coro. A eſte ſe ſeguio Fr. Joaõ Genovez, natural da meſma Cidade de Paula, que tambem ſe ordenou, e foi Religiozo de huma vida inculpavel, muito exemplar, e penitente. Foraõ tambem admittidos Fr. Antonio del Buono natural da meſma terra de Fiumefredo, grande penitente, e muito devoto de MARIA Santiſſima, Fr. Bernardino de Otranto natural de Cropolati, terra do Biſpado de Baſſano, de naſcimento illuſtre, porém muito mais nobre em virtude. Eſte foi aceito pelo noſſo Santo duas vezes, a primeira foi neſta occaziaõ, mas como elle era herdeiro, e Morgado de ſua caza, ſeu Pai quando teve noticia que havia tomado o habito de Eremita deſta nova Religiaõ, mandou aos outros filhos, Irmaõs de Fr. Bernardino para que o deſperſuadiſſem daquella rezoluçaõ, como de facto o alcançaraõ voltando com elles a caza. Porém o o noſſo Santo quando Bernardino ſe deſpedio lhe diſſe, que naõ tardaria muito tempo que naõ tornaſſe á ſua companhia, como ſuccedeu dentro de breve tempo; depois de eſtar em ſua caza ſe auzentou della disfarçado com os veſtidos de hum pobre mendigo, que trocou pelos ſeus, e pedindo perdaõ ao Santo lhe ſupplicou o quizeſſe admittir novamente ao ſeu gremio. Foi tambem Sacerdote de muita virtude, de quem Franciſco formava grande conceito; eſcolhendo-o para ſeu Confeſſor o levou com ſigo a França, e quando eſtava o Santo para paſſar deſta vida á eternidade lhe entregou o governo da Religiaõ pela ſua grande prudendia, e capacidade. Tomou o habito

depois

depois deſte , Fr. Angelo de Carlo natural de Longobardi , terra do Biſpado de Tropea , que ſendo cativado dos Mouros morreu martyr confeſſando conſtantemente a Fé de Jesus Chriſto.

Todos eſtes ſeis Sacerdotes , ou aceitos para eſte miniſterio , junto com os quatro primeiros , que tomaraõ o habito para Leigos , foraõ admittidos pelo noſſo Santo em Paula ; e para completar o numero de doze á imitaçaõ de Jesus Chriſto , a reſpeito do Apoſtolado , aceitou depois em Paterno a Fr. Paulo , que tomou o appelido de ſua meſma Patria , donde veſtio o habito , depois de ir em companhia do Santo á meſma Cidade para fundar o Convento , naõ obſtante que alguns dos noſſos AA. digaõ que quando o noſſo Patriarca foi a Paterno fundar , Fr. Paulo , que o acompanhou , já tinha veſtido o habito , e que com elle foi á ſua Patria. O ultimo foi o P. Fr. Joaõ Cadurio natural da Roca Bernarda terra do Biſpado de S. Severino , que lhe deu o habito em o Convento de Sepezzano depois de haver obrado com elle hum milagre , que pela ſua raridade referiremos neſte lugar

Eſtava Joaõ Cadurio ordenado de Menores , e pertendia cazar com huma ſenhora de maior eſféra que ſua qualidade pedia , porém como os parentes lhe ajuſtaraõ cazamento com hum Cavalheiro de outra terra , depois de celebrado o Matrimonio fez a ſenhora jornada acompanhada dos ſeus parentes para a caza de ſeu marido. Naõ podia Joaõ ſofrer eſta auzencia ſobre o diſgoſto , que teve de celebrar-ſe o cazamento com outra peſſoa ; cativo da ſua paixaõ determinou ſeguir á ſenhora na jornada com idéa menos licita , e como toda eſta comitiva devia paſſar por Eſpezzano , ſe anticipou para fazer eſpera á noiva neſta terra. O noſſo Santo duas horas antes que elle chegaſſe advertio ao Porteiro do Convento , que ainda naõ eſtava de todo acabado , que tomaſſe ſentido que havia de chegar á Portaira hum eſtudante menoriſta a pedir

agua , e que logo que entraſſe para dentro lhe fechaſſe a porta impedindo lhe a ſahida , até lhe dar parte. Naõ faltou o Porteiro ás ordens , que lhe havia dado Franciſco ; porque imediatamente que ſuccedeu o cazo de apparecer Joaõ Cadurio pedindo hum pucaro de agua , por eſtar mais ſequiozo da ſua paixaõ, que pelo canſaço da jornada , ſe vio com a porta fechada , e impedido para ſair. Com eſte motivo ſe voltou muito enfadado contra o Porteiro , mas durou-lhe pouco tempo a colera ; porque vindo Franciſco á portaria depois de ouvir a cauza de ſeu enfado , lhe foi relatando qual era a cauza da ſua vinda áquella terra , manifeſtando-lhe o mizeravel eſtado de ſua conſciencia , e logo tocando-lhe com o dedo o ouvido direito ſahio deſte hum bicho felpudo , e avermelhado de cumprimento de hum pé , que exhalava de ſi hum fetido inſuportavel. Quando Joaõ Cadurio vio no chaõ aquelle horrendo bicho , que havia ſahido do ſeu ouvido , voltando-ſe ao noſſo Santo confeſſou ſua loucura , e lhe ſupplicou que queria tomar o habito da ſua Religiaõ, derramando copiozas lagrimas de arrependimento , pelo que antecedentemente tinha obrado. Eſte depois que tomou o habito foi muito penitente , e acompanhou a Franciſco na jornada de França.

CAPITULO X.

Milagres , que o noſſo Santo obrou neſta fundaçaõ de Paula.

HAVENDO referido os nomes , e numero dos companheiros , que Franciſco eſcolheo na Italia , para dar principio á ſua nova Ordem , devemos referir os prodigios , que neſte Convento de Paula obrou Deos pelos ſeus merecimentos. Creſcido o numero dos diſcipulos ſe applicou o noſſo Santo a conſtruir hum Convento regular com ſufficientes céllas , clauſtros , e mais officinas precizas , aproveitando

do as eſmolas, que contribuiaõ os Fiéis com o ſocorro dos milagres. Apenas ſe acha pedra alguma em aquelle edeficio, aſſim da Igreja, como do Convento, que naõ eſteja marcada com algum prodigio. Por eſte motivo todos os que vizitaſſem eſta Igreja, ou entraſſem no Convento de Paula, deviaõ naõ ſó venerar o lugar, que o Santo habitou, mas tambem beijar as pedras, e os mais materiaes, que compoem taõ prodigiozas obras.

Para ſe dar á execuçaõ o riſco, que S. Franciſco de Aſſís havia delineado, quando appareceo ao noſſo Santo Paula, era precizo arrazar hum pedaço de ſerra, que eſtava junto a hum ſitio plano, que ſe havia eſcolhido para ſe edificar eſte Convento. Naõ era baſtante eſta planicie para a extençaõ, que pedia a planta, e para o deſvaſte da ſerra, e deſentulho della ſe havia de fazer conſideravel deſpeza, além do muito tempo, que havia de conſumir eſte trabalho. Para vencer tudo em breves minutos chegou-ſe Franciſco á ſerra, e lhe mandou em nome de Deos, e por caridade, que ſe retiraſſe daquelle ſitio para dar ſuficiente lugar a poder-ſe conſtruir a Igreja, na qual ſe devia adorar ao meſmo Senhor, e o Convento onde deviaõ morar ſeus ſervos. Apenas proferio o noſſo Santo eſtas palavras ſe afaſtou a ſerra, e aquella parte que impedia a obra ſe precipitou nas margens do rio. Iſca feita em pedaços proporcionados para ſervirem de alvenaria. Mas como ficaſſe outro penedo da parte da planicie, que eſtava ſolinhado de mais tempo, e faltando-lhe o incoſto da ſerra ameaçava ruina, fazendo grande eſtrago ſe cahiſſe naõ ſó ſobre os muros da Igreja, mas tambem matando a toda a gente, que andava trabalhando; fazendo Franciſco o ſinal da Cruz, por modo de bençaõ, ficou o penedo ſuſpenſo no ar até ao prezente, que ainda ſe conſerva do meſmo modo com admiraçaõ de todos (*r*).

(*r*) Perrim. in vit. S. P. N.

Suavaõ tres trabalhadores ſem poder alcançar ſuas forças para fazer rodar hum carrinho, que trazia pedras de muito pezo, quando viſta pelo noſſo Santo a neceſſidade, que havia de maior numero de gente, chegou-ſe ao carrinho, e mandando pôr os tres trabalhadores a hum lado, e elle ſó da outra parte, o fez andar com tanta ligeireza, como ſe ſe applicaſſe maior numero de forças, advertindo que os tres trabalhadores confeſſaraõ depois que elles nenhuma diligencia fizeraõ para conduzir as pedras, porque toda eſta manobra foi ſó de Franciſco, cuja virtude valia por muitos mais. Como com a retirada da ſerra, e precipitaçaõ della ſobre o rio ficaraõ as pedras quebradas, e proporcionadas á medida, ſegundo pedia a obra, como já diſſemos, eſcolheu o noſſo Santo huma muito grande para a torre da Igreja, e diſſe a hum trabalhador que a pozeſſe aos ombros para a levar a ſeu deſtino. Deſanimado o trabalhador pela grandeza da pedra, e ſeu pezo, que ſeria de alguns quintaes, lhe reſpondeo que ſuas forças naõ alcançavaõ para tanto carrego, que era precizo mais gente para a conduzir. Naõ ſerá precizo, reſpondeo Franciſco, e fazendo o final da Cruz ſobre a pedra, mandou que a carregaſſe; e levantando-a do chaõ com ſuas proprias maõs a poz ſobre os ombros do trabalhador, que a conduzio até aſſima dos andames com ligeireza (*s*).

Nicolao Picardi coetaneo do Santo, por haver naſcido na meſma noute, que elle veio ao Mundo, acompanhando a Franciſco á praia, e vendo eſte que eſtava huma pedra branca em figura de columna, que fazia treze palmos de comprimento, e mais de tres de diametro; foi convidado pelo meſmo Santo para que o ajudaſſe a levar aquella pedra, que lhe era muito neceſſaria para a ſua obra. Dando Nicolao hum ar de rizo lhe reſpondeo, para carregar eſta pedra

(*s*) Idem loc. cit.

pedra he precizo hum carro, e muita gente para a pôr em ſima delle. Para que conheças quanto he poderoza a virtude da Fé, replicou o noſſo Santo, e quanto he valente o merecimento da obediencia, agora tu ſó has de levar a pedra, porque eu te mando em nome de Deos que a ponhas ao ombro, e a conduzas ao Convento. Obedeceu promptamente Nicolao, e aſſim que poz as maõs na columna achou-a taõ leve que podia levala a ſeu deſtino debaixo do braço. Eſta meſma pedra he a que actualmente ſerve de pedeſtal a huma Cruz de ferro, que eſtá no adro do meſmo Convento (*t*).

Huma mulher, que, havia trinta annos eſtava entrevada, natural de Cotrono, Cidade da Calabria Superior, ſe fez conduzir deſde ſua terra em hum carro até Paula, por naõ poder ir de outro modo, e fazendo ſua ſupplica ao noſſo Santo lhe alcançaſſe de Deos ſaude. Proguntando-lhe Franciſco que enfirmidade padecia, e informado da queixa lhe mandou que ſe levantaſſe, e que foſſe acarretar pedra para a obra. A todos os circunſtantes lhe parecia impoſſivel que eſta mulher podeſſe executar a receita, mas ella logo ſe levantou com deſembaraço, e acarretou pedra em quantidade, como ſe nunca padeceſſe doença alguma (*u*).

Vendo o noſſo Santo que os caboqueiros andavaõ com grande trabalho nos bancos da pedreira, uzando de cunhas de ferro, e de maças para quebrar as pedras, lhes diſſe que naõ ſabiaõ partir pedra, e tirando a hum delles a marra da maõ deſcarregou o golpe ſobre hum penedo, que logo ficou partido em muitos bocados como ſe pertendia pelos caboqueiros (*x*).

Certo Fidalgo que tinha o titulo de Baraõ Senhor de terras, que tratava ſeus ſubditos com pouco

C iv amor,

(*t*) Idem. (*u*) Idem.
(*x*) Perrimez. in vit. S. P. N. p. mihi 31. col. 1.

amor, e alguma crueldade, ainda convaleſcente de huma graviſſima doença foi pedir a Franciſco ſua bençaõ, e que lhe alcançaſſe de Deos perfeita ſaude. Logo que o noſſo Santo o vio conhecendo mais a enfirmidade do ſeu eſpirito, que a do ſeu corpo, para que ficaſſe ſaõ da queixa, que padecia ſua alma, igualmente com a temporal, lhe mandou por caridade que carregaſſe com huma pedra, e a levaſſe á obra. O Baraõ, que ſe achava deſtituido de forças lhe reſpondeu que naõ podia com pezo taõ grande; a cuja reſpoſta replicou Franciſco: *He verdade, como tambem he verdade ſer intoleravel aos voſſos ſubditos o pezo de tantos tributos, que vós lhe impozeſtes. Ora por caridade procurai aliviallos, Je que reis que Deos vos alivie do pezo dos voſſos peccados.* Promettendo o Fidalgo fazer quanto o Santo lhe diſſe; depois deſte fazer o ſinal Cruz com o bordaõ ſobre a pedra, carregou com ella, e a conduzio com ligeireza até á obra. Eſta pedra, na qual ainda ſe conſerva impreſſa a Cruz, que o noſſo Sento lhe imprimio, mandou o meſmo Santo que ſe pozeſſe ſobre huma columna de pedra branca diante da porta da Igreja, para Padraõ perpetuo do milagre, e para avizar aos Senhores, que tem ſubditos naõ os vexem com imprudentes pençoẽs (*y*).

Das pedras paſſemos a outros materiaes. Eſtavaõ na Guarda, terra diſtante outo milhas de Paula, algumas vigas deſtinadas para eſta nova Igreja, foi noſſo Santo acompanhado de muita gente em hum batel para as conduzir por mar. Entraraõ logo no trabalho, e depois de havellas carregado ſó faltava huma, que pela ſua groſſura, e comprimento, naõ ſe podia embarcar, porque neceſſitava de mais gente para eſta manobra, pois apenas os que eſtavaõ a podiaõ mover do ſeu lugar. Viſta eſta difficuldade por Franciſco mandou que foſſem todos jantar para cobrar

(*y*) Toſcan. in vit. S. P. N. pag. mihi 59.

brar maiores forças, debilitadas do trabalho; e quando voltaraõ depois de comer acharaõ a viga dentro do batel. Admirados deſte ſucceſſo proguntaraõ ao noſſo Santo quem havia feito aquelle trabalho? ao que o meſmo Santo reſpondeu: *A Divina Graça me ajudou para o vencer.*

Em outra occaziaõ fez carregaſ a Joaõ da Roca, natural de S. Lucido, duas traves muito groſſas, e compridas, huma ſobre os ombros, e outra debaixo do braço, e deſte modo foi por huma ſerra abaixo conduzillas até á obra, que era baſtantemente longe. Eſtas meſmas traves eſtavaõ determinadas conduzillas em hum carro, mas os carreiros conſiderando ſeu pezo, e a aſpereza da ſerra, naõ quizeraõ carregallas com medo de matar os bois.

Naõ podendo pôr ſobre o carro huma viga pela ſua grandeza, e pezadez por falta de gente, que neſta occaziaõ era pouca para eſte trabalho; chegou o noſſo Santo, e ſuſpendendo-a no ar com ſuas proprias maõs a carregou com muita facilidade, ſem outro ſoccorro humano, que o ajudaſſe. Algumas varas, que ſe cortáraõ para o abarrotado da Igreja ſendo pela ſua natureza algumas dellas tortas, quando foi precizo apparelhallas para ſervirem na obra ſe acharaõ deſempenadas, e direitas, ſem deſperdicio algum no comprimento. O tronco de huma arvore, que daria trabalho a mais de dez homens ſua conducçaõ, o levou o noſſo Santo deſde a borda de hum rio, aonde naõ podiaõ chegar carros pelas muitas barrocas até á planicie.

Os prodigios, que obrou com o fogo, naõ foraõ menos maravilhozos. Eſtava hum forno de cal na ſua maior força de cozer quando repararaõ os officiaes, que havia aberto huma fenda taõ grande, que ameaçava ruina, muito proximo a cahir, de cujo ſucceſſo naõ ſó ſe ſeguia a perda da cal, que ainda naõ eſtava bem cozida, mas tambem o pegar fogo a huma méda de lenha deſtinada para o meſmo forno, e a quantidade

tidade de madeira preparada para a obra. Recorreraõ a Franciſco para lhe dar parte deſte eminente perigo, o qual com muita ſerenidade de eſpirito lhes diſſe que foſſem jantar, pois eraõ já oras, que elle daria o remedio. Logo que deſapegou a gente do trabalho entrou o noſſo Santo no forno, havendo-ſe munido primeiramente com o ſinal da Cruz ſobre o peito, e concertou as pedras tapando a fenda, que abrio a força do fogo, e logo ſahio delle, ſem trazer ſinal algum de haver eſtado entre as chamas, pizando o fogo. Toda a gente, que andava trabalhando na obra, foraõ teſtemunhas deſte milagre, pois eſtiveraõ obſervando quanto o Santo fez de hum ſitio occulto. No ſitio onde eſtava eſte forno pelo tempo adiante fizeraõ os noſſos Religiozos huma Capella, e da terra do ſeu chaõ diſtribuhiaõ em papelinhos para os enfermos, e tambem mandavaõ amaſſar pucaros de barro para o meſmo effeito, e todas as Sextas feiras neſta Capella ſe cantava huma Ladainha pelos noſſos Religiozos em louvor do noſſo Santo, com grande concurſo do povo. Ainda aos foraſteiros, que vaõ vizitar aquele Santuario ſe lhes moſtra eſta Capella, na qual, movidos da devoçaõ, deixaõ ſuas prendas (z).

Em outra occaziaõ Matheus Caputo, natural de Paterno o vio tirar do forno huma pedra feita em braza, e com ſuas proprias maõs levalla ao ſitio onde era precizo cal, ſem lezaõ alguma. De outro forno ardendo ſahiaõ as labaredas por varias bocas, e para tapar eſtas mandou que lhe levaſſem huma pouca de terra, que pôs ſobre ellas, e acalcou com ſeus pés a terra ſobre as fendas, que ficaraõ vedadas deſte modo. Muitas vezes levava nas maõs as brazas da cozinha, ou para a ſua cella, ou para outras partes. Com ſeu álito acendia muitas vezes as alampadas da Igreja, e as vellas dos Altares. As meſmas vellas

(z) Perrimez. Not. 1. pag. mihi 105. 106.

vellas apagadas ſe acendiaõ eſtando o Santo diſtante, á viſta de outra vella aceza, que trazia nas maõs. Com ſeus proprios dedos tocava o pavio das alampadas, e ficavaõ acezas; para produzir eſte effeito baſtou em huma occaziaõ tocar a alampada com o cordaõ para dar luz (*aa*).

Foi tambem admiravel com o elemento da agua. No ſitio, em que ſe eſtava fazendo eſta obra, naõ havia mais agua que a do rio, que ficava baſtantemente diſtante, cauzando muito diſcomodo aos trabalhadores, que hiaõ buſcalla para beber, e para o aviamento da obra. Conciderando o noſſo Santo eſtes inconvenientes diſſe, falando com a gente do trabalho: *Fazei voſſa obrigaçaõ, que ſem dar voſſas paſſadas até ao rio vos hei de prover de agua com abundancia*: proferindo eſtas palavras, com ſeu bordaõ deu huma pancada ſobre huma penha, que eſtava entre elles, e logo rebentou hum cano de agua criſtalina. Eſta fonte ainda hoje ſe conſerva em figura de concha ruſticamente feita pela natureza, e nunca ſe lhe nóta diminuiçaõ, por muita, que ſe tire ainda nas occazioẽs de maior concurſo, como ſuccede nas Feſtas mais ſolemnes do anno, que por devoçaõ vaõ beber agua deſta fonte todas as peſſoas da Cidade, e ſeus contornos, com o motivo de virem á noſſa Igreja aos Officios Divinos.

Em huma ſerra de Fuſcaldo, aonde havia hido Franciſco com baſtante gente para fazer hum córte de madeiras para ſua obra, ſendo o ſitio muito árido, e falto de agua, naõ podiaõ ſuportar o trabalho, que lhes cauzava a ſede. Reprezentaraõ todos ao Santo que diſcorrendo por toda a ſerra, naõ deſcobriraõ fonte alguma para ſeu uzo para dar providencia. Naõ teve eſta mais demora ſenaõ em quanto Franciſco cravou ſeu bordaõ na terra, e o tirou della, ſahindo logo do furo huma telha de agua muito

(*aa*) Perrimez. in vita S. P. N. l. 1. cap. 9. p. mihi 32.

to clara, que ainda hoje corre do meſmo modo com o nome das Aguas de S. Franciſco de Paula.

CAPITULO XI.

Continuaõ os milagres, que o Santo fez, durante eſta obra.

SUCEDEO haver huma grande careſtia de paõ no tempo, em que andavaõ eſtas obras, que aſſim na Cidade de Paula, como nos mais lugares circumvezinhos, ainda as familias mais abaſtadas, e poderozas da Calabria apenas alcançavaõ a ter o neceſſario para ſeu ſuſtento, prohibindo-lhes o poderem fazer eſmolas deſte genero a grande falta de trigo. Como o noſſo Santo dava de comer a toda a gente, que andava trabalhando nas ſuas obras, e chegando hum dia as oras de jantar, ſem haver couza alguma diſpoſta para dar a eſtes homens, entrou a levantarſe entre elles hum ſuſurro, e huma murmuraçaõ contra o Santo, dizendo que, ſe naõ podia ſuſtentallos, que ſe deixaſſe de fazer obras, porque elles naõ podiaõ trabalhar ſem comer. Naõ obſtante que Franciſco os confortava com boas palavras, dizendo-lhe que tiveſſem confiança em Deos, que os havia de ſoccorrer, naõ ſe aquietavaõ os animos daquella gente ruſtica, que ainda naõ conheciaõ a virtude do noſſo Santo. Improvizamente chegou hum cavallo carregado com huns ſaccos de paõ cozido, taõ quente como ſe naquelle inſtante ſahiſſe do forno, ſem ver nenhum dos circunſtantes por onde veio, nem peſſoa alguma, que o guiaſſe o viraõ parado na portaria do Convento. Recebeu Franciſco eſta eſmola, e depois de dar graças a Deos pela ſua infinita Providencia, deſtribuhio o paõ por toda a gente de trabalho, ficando todos naõ ſó ſatisfeitos, mas tambem paſmados com o prodigio; o qual foi cauza que deſde aquella ora confiaſſem mais na Providencia Divi-

Divina, e nos merecimentos do ſeu ſervo (*bb*).

Similhante a eſte refere outro o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi em outra occaziaõ que ainda durava a meſma careſtia. Eſtando o noſſo Santo deſprovido de paõ chegou hum homem deſconhecido, e dando-lhe dous paẽs alvos deſapareceo. Diſtribuhio o noſſo Santo eſtes dous paẽs por todos o officiaes, e trabalhadores, que ſe occupavaõ na obra, e depois de ficarem ſaciados ainda viraõ nas maõs de Franciſco muita quantidade de bocados, que ſobejáraõ.

O Miniſtro de quem ordinariamente ſe ſervia Deos para ſoccorrer ao noſſo Santo, aſſim para ſuas obras, como para o ſuſtento dos que trabalhavaõ nellas, e tambem dos Religiozos, era Simaõ del Alimena Illuſtre Cavalheiro natural de Montalto. Era eſte taõ amigo de Franciſco que de toda a parte onde ſe achava ſempre mandava avultadas eſmolas, ou de dinheiro, ou de legumes, ou paõ, e outras couzas mais. Mandando em huma occaziaõ dezoito ducados de ouro, paõ, legumes, nozes, e caſtanhas, e para que foſſe eſta eſmola mais ſegura a remetteu por dous criados de ſua caza. Quando eſtes chegaraõ ao alto da ſerra ſe viraõ acommettidos de ſinco ladroẽs, que logo os prenderaõ aos troncos de humas arvores, e de quanto traziaõ entraraõ a fazer banquete. Querendo partir hum paõ naõ foi poſſivel entrar-lhe a faca, nem os dentes, naõ obſtante ſer elle mole, amaçado de proximo. Com eſte motivo hum dos criados quiz dar a conhecer ao ladraõ, com algumas palavras, que Deos ſabe vingar os ultrajes, que ſe fazem a ſeus ſervos. Porém o ladraõ, obſtinado na ſua malicia, tomando nas maõs huma arma de fogo, a diſparou contra o tal criado, com tanta infelicidade ſua, e de ſeus companheiros, que dando as balas no tronco de huma faia, e cahindo eſta arvore ſobre os quatro, ficáraõ mortos, e elle quebrou huma

(*bb*) Maggiol. in vit. S. P. N. pag. 34.

huma perna. Sucedeo paſſar neſte meſmo tempo o Governador de Montalto, que informando-ſe do cazo mandou que os quatro mortos ficaſſem pendurados nas arvores daquella ſerra, e o que ficou vivo com a perna quebrada o levaſſem á Cidade para o enforcar: e os criados de Simaõ del Alimena ſeguiraõ ſua jornada, entregando a eſmola ao noſſo Santo, que deu graças a Deos por tantos beneficios (*cc*).

Eſtando Simaõ del Alimena longe da Calabria, experimentando Franciſco a falta das ſuas eſmolas, que cuſtumava mandar aquelle grande devoto, e bom amigo, falando com ſeus Religiozos diſſe: *Bem ſe conhece que o noſſo Simaõ naõ eſtá perto de nós, pois as eſmolas, que chegaõ a noſſa caza, ſaõ muito eſcaſſas.* Apenas acabou de proferir eſtas palavras, eſtando na Igreja, quando ſe ouvio de todos os que o acompanhavaõ hum grande eſtrondo procedido de huma Pêga, que hia voando dentro da meſma Igreja, e aſſim que chegou ſobre o ſitio onde o Santo eſtava deixou cahir huma bolça, que trazia nas unhas; na qual ſe acháraõ ſincoenta ducados de ouro com huma carta de Simaõ del Alimena, eſcrita para o meſmo Santo naquelle meſmo inſtante, em que Franciſco havia falado nelle. Outros muitos cazos deſtes deixamos de referir, por naõ cauzar enfado ao Leitor (*dd*).

CA-

(*cc*) Idem pag. 34.
(*dd*) Perrimez. in eodem loco.

CAPITULO XII.

Regra, ou norma de vida, que deo aos primeiros Religiozos: Capel'o, que recebeo do Ceo: e eſcudo da caridade dado por hum Anjo.

ANTES de entrarmos a deſcrever a norma de vida, que o noſſo Santo deo a ſeus companheiros, he precizo referirmos hum rapto, ou extaſis, que teve. Eſtando Franciſco trabalhando no ſitio do Altar mor preparando com ſuas proprias maõs o lugar onde ſe havia de fundar o Altar, havendo hido os Religiozos ao refeitorio jantar, ſegundo o coſtume, como Franciſco ainda no meſmo acto de trabalhar naõ deixava a contemplaçaõ dos Divinos Miſterios, eſpecialmente o da Eucariſtia, internouſe tanto nelle, que arrebatado de hum extaſis, ſe elevou da terra em altura de ſeis covados. Durou eſte rapto tanto tempo que ſahindo os Religiozos da meza, e hindo á Igreja para continuar ſeu trabalho viraõ todas as paredes illuminadas de hum grande reflexo de luz, que rodeava o corpo do noſſo Santo, deſpedindo raios de fogo celeſtial, a cara inflamada, e da boca exhalava labaredas de amor de Deos nos ſuſpiros, que dava: a pequeno intervalo de tempo lhe ouviraõ articular interpoladamente: *Oh Deos caridade, oh Deos caridade.* Finalmente ſobre ſua cabeça ſe deixava ver tres coroas de luzes muito reſplandecentes, que com ſeus raios formavaõ huma figura de Tiara. Taõ admirados ficáraõ os Religiozos deſta taõ rara vizaõ, que nem ſe atreveraõ a chamalo, nem a entrar no trabalho, que deviaõ fazer, até que o meſmo Santo acabado o extaſis tornou a ſi, e perſuadindo-ſe que peſſoa nenhuma o tinha viſto continuou o que eſtava fazendo. Deſte rapto foraõ teſtimunhas,

munhas , como já deixamos dito , ſeus tres primeiros companheiros, Fr. Florentino de Paula , Fr. Angelo de Seracina , e Fr. Nicolao de S. Lucido , que ajudavaõ ao Santo no meſmo trabalho da Igreja. He tradiçaõ entre os noſſos eſcritores , que neſta occaziaõ lhe revelou Deos a norma da noſſa regra , porque naõ tardou muito tempo , depois deſte rapto , que naõ entraſſe a eſcrever , e conſultar com alguns dos meſmos Religiozos prudentes , e Letrados , que havia aceitado até áquelle tempo , algumas duvidas , que ſobre certos pontos ſe lhe offereciaõ.

O certo he que alcançou o ſaber era vontade de Deos que ſeus filhos deviaõ dilatar-ſe por todas as partes do Mundo Catholico para bem das almas , e debaixo deſta idéa eſcreveo humas regras , com as quaes ſe governaſſe a Religiaõ no futuro com boa economia dos membros , que deviaõ compolla. Para o acerto della conſultava frequentemente a Deos na continuada oraçaõ , pedindo lhe inſpiraſſe o methodo mais proprio para a maior honra , e gloria do ſeu Santo nome , e utilidade das almas , em ordem que a Mageſtade Divina ficaſſe bem ſervida , e o proximo edificado com o modo de vida , que ſeus filhos deviaõ profeſſar. Ao meſmo tempo que fazia os apontamentos deſta regra os mandava executar por ſeus ſubditos , para fazer hum enſaio das forças dos ſeus filhos , porque pertendia delles a obſervancia ſem maior trabalho , e penitencia , que a todos foſſe ſuportavel. Quanto era auſtéro comſigo meſmo , tanto mais era benigno com os mais. Bem conhecia que a norma , que elle ſeguia na ſua penitente vida , naõ podiaõ ſeus Religiozos obſervala. Buſcava modo de ſuavizar a aſpereza das mortificaçoẽs com modificada prudencia. Por eſta cauza eſcreveu tres regras para os Religiozos , que todas approvou , como diremos no ſeu lugar.

Neſta primeira regra , que parece ſervio de enſaio ás outras duas , naõ impoz mais preceitos que

os

que os tres votos communs ás outras Religioẽs ; a saber obediencia , pobreza , e castidade , porém exhortava a observancia da vida quaresmal , prohibindo naõ com preceito , mas sim por modo de conselho directivo o uzo de carnes , ovos , leites , manteigas , e mais lacticinios , ou criundos de todos estes generos , salvo em tempo de enfermidade com ordem do Medico , e licença do Prelado. Determinou tambem que , além dos jejuns da Igreja universal , jejuassem todas as Sextas feiras do anno , exceptuando a que occorresse em dia do Natal de N. Senhor Jesus Christo , e todas as quartas feiras , menos as que succedem desde o dia mencionado do Natal até ao dia da Purificaçaõ de N. Senhora , e desde a Paschoa da Resurreiçaõ até a Paschoa do Espirito Santo. Além destes jejuns mandou que desde o dia dous do mez de Novembro até á vespera do Natal igualmente jejuassem. Mas estas , e outras mais mortificaçoẽs , que determinou assim nesta primeira Regra , como nas outras duas , exceptuando os votos , naõ quiz que obrigassem a peccado , como consta de todas ellas , por cujo motivo fez huma lei penal , á qual lhe deu o titulo de Correctorio , onde determina os castigos temporaes , que os Prelados devem dar aos subditos transgressores , individuando os cazos , e as penitencias , que se devem impor ; deixando ao arbitrio prudente dos Superiores aggravallas , ou moderallas , attendida a qualidade da culpa , e da pessoa , que nella delinquir , evitando deste modo , e com estas determinaçoẽs algumas penitencias , que podesse inventar a paxaõ humana contra a ordem da Caridade.

Determinou que os habitos fossem de lãa sem tinta , de cor parda pela sua natureza , os quaes hoje saõ negros uniformemente para evitar alguma variedade , que havia com a diversidade das Naçoẽs , e Provincias , nas quaes naõ se achavaõ generos de igual cor para todos. De huma tunica de cor parda se vestiraõ todos os companheiros do nosso Santo cingindo

hum cordaõ de lãa com ſinco nos, como uza hoje toda a Religiaõ Minima, porém ainda naõ tinhaõ Capello, nem eſcapulario, como agora. Para rezolver, e determinar a fórma do capello retirou-ſe Franciſco ao boſque, antigo retiro, onde, como outro Moyzés no monte Sina, recebia as leis do Senhor, e pondoſſe em oraçaõ para que Deos lhe inſpiraſſe o que devia de mandar, e determinar a ſeus filhos. Nimguem dá noticia do que paſſou entre Deos, e o Santo; mas como quando voltou ao Convento, ſahindo daquelle ſitio do ſeu retiro, já trazia veſtido o eſcapulario, e capello, na meſma fórma que hoje uzaõ todos ſeus Religiozos; he veroſimil que Deos lhe deſſe a norma, e que os Anjos lho talhaſſem, e veſtiſſem, maiormente porque eſte meſmo capello, original dos outros, ſe conſerva hoje no ſantuario de Paula taõ flamante como ſenaõ tiveſſe uzo, e exhalando hum ſuaviſſimo cheiro taõ perigrino, que naõ ſe pode comparar com os aromas da terra.

Determinada toda a fórma do habito, que devia adornar a ſeus filhos, naõ obſtante haver-lhes dado regra para obſervar, faltava eſtar approvada, o que fez com auctoridade do Arcebiſpo de Coſſencia Pirro Caracioli, como ſe vê na ſua Bulla de 30 de Novembro do anno de 1471, no ſetimo anno do Pontificado de Paulo II., que principia *Decet nos ex officio*, até que depois ſe approvou, e confirmou por Xiſto IV, como referiremos mais adiante, no ſeu lugar. He tradiçaõ inveterada entre os noſſos eſcritores, que no meſmo tempo que andava tratando do eſtabelecimento da ſua Religiaõ em Paula, eſtando no ſeu amado retiro do boſque em oraçaõ, lhe apparecera MARIA Santiſſima rodeada de luzes, e acompanhada de Anjos, entre os quaes o Arcanjo S. Miguel trazia hum eſcudo, ou tarja de campo azul, no qual eſtava gravada em letras de ouro a palavra *Caritas*, cujo eſcudo o meſmo Arcanjo imprimio no peito do noſſo Santo, e no entanto que os outros eſpiri-

eſpiritos celeſtiaes alternavaõ ſonoros canticos, S. Miguel diſſe a Franciſco: *Eſtas ſeraõ as armas da tua Religiaõ* (*ee*).

Naõ podia deixar Deos de conceder eſta inſignia, tendo o noſſo Santo por aſcendente a caridade, que Deos lha preparara *ab æterno* em ſua predeſtinaçaõ para que apenas raiaſſe em ſua alma a luz da razaõ, fielmente cooperaſſe á graça prevenida, como prodigiozamente deſempenhou; todos ſeus penſamentos, todas ſuas palavras, e obras reſpiravaõ fervor, diziaõ relaçaõ a Deos, e os dirigia ao meſmo Senhor para ſua maior honra, e gloria. Da ſua boca naõ ſe ouvia outra couza mais frequentemente que *por caridade*, *e em caridade*; a unica couza, que continuamente pedia a Deos era amalo, e em premio deſta mercê naõ pedia outra couza ſenaõ amalo mais; eſte meſmo amor fazia inflamar ſeu peito em huma ardente caridade para com o proximo, e foi eſta taõ poderoza que o obrigou a ſahir do ermo para ſe empregar em beneficio das almas. Os progreſſos deſta caridade pode o Leitor conhecelos dos capitulos ſeguintes.

CAPITULO XIII.

Varias enfermidades, que milagrozamente cura.

JACOB de Tarcia Baraõ de Belmonte, aquelle meſmo Cavalheiro, que affirmaõ noſſos eſcritores dera huma avultada eſmola para dar principio á Igreja depois da appariçaõ de S. Franciſco de Aſſis, como referimos no capitulo VIII., padecia inſuportaveis dores, por cauza de huma grande chaga, que tinha em huma perna, que naõ ſó lhe empedia o andar,

(*ee*) Paſſarello, Montoya, Morales, Du Vivier, Viten omnes apud Toſcan. p. 109. N. Simon Martines, & alii apud Hygueras f. 21. epitome vit. S. P. N. F. de P. in Regula commento Perrimez. p. mihi 38.

car, mas tambem o horrendo fedito, que exhalava ainda a elle meſmo ſe fazia intoleravel. Havendo procurado os melhores profeſſores da Cirurgia, nenhum lhe applicou remedio, que deſſe eſperanças de melhora, deſenganando-o todos que naõ ſe podia curar. Rezolveu-ſe o Baraõ a procurar o Santo hindo peſſoalmente ao ſeu Convento, acompanhado da Baroneza ſua mulher; e como naõ podeſſe entrar na Igreja por lho impedirem as dores, que padecia; foi Franciſco á caza da hoſpedagem, e viſta a chaga lhe diſſe: *Eſta enfermidade he incuravel: porém ſe quereis conſeguir a ſaude, he precizo ter huma fé firme em Noſſo Senhor JESUS Chriſto*; e voltando-ſe depois a hum dos Religiozos, que eſtavaõ com elle, lhe diſſe: *Por caridade hide buſcar a erva unglica cavallina (aſſim chamada em aquella terra) e huma pequena porçaõ de pó do chaõ da minha cella*: em quanto o Religiozo foi buſcar eſtes remedios da receita, foi o noſſo Santo fazer oraçaõ diante de huma Imagem do Cruxifixo, que eſtava junto á porta da Igreja, e voltando feito o ſinal da Cruz ſobre a chaga, lhe applicou huma pitada de pó de ſua cella, e tres folhas da erva, que havia mandado buſcar, advertindo ao Baraõ o meſmo que via fazer devia praticar duas, ou tres vezes, depois de voltar a ſua caza; dando-lhe para eſte effeito porçaõ da erva, e do pó do chaõ de ſua cella, recommendando-lhe a fé, que devia ter neſte remedio. Deſpedido o Baraõ do noſſo Santo com ſumma caridade, e amor o pozéraõ ſeus criados dentro da liteira para tornar a ſua caza: eſtando a diſtancia de meio caminho andado parecendo-lhe ao Fidalgo que a chaga naõ o moleſtava com dores, como antigamente, e mandando parar a liteira ſe poz a pé para fazer a experiencia; apenas ſahio da liteira, poſto o pé no chaõ, principiou a dar ſeus paſſos deſembaraçadamente, e mandando deſcobrir a perna achou a chaga totalmente curada, havendo ficado hum pequeno ſinal della. Derramando todos

dos muitas lagrimas de alegria por cauza deſte prodigio, chegou o Baraõ, e toda ſua comitiva a Coſſencia, onde, com a fama do milagre, foi vizitado de todas as peſſoas da Cidade com grande jubilo. O Cirurgiaõ do Baraõ informado da receita, que lhe applicou Franciſco, quiz uzar da meſma erva untgica cavallina com outras chagas da méſma qualidade, que ſe lhe offereceraõ para as curar, perſuadindo-ſe ter alguma virtude occulta, que elle naõ ſoubeſſe, mas achou que aquella erva nenhuma virtude tinha para curar chagas, e ſó nas maõs de Franciſco obrava prodigios (*ff*).

Com o filho do meſmo Baraõ chamado Galeazzo unico herdeiro de ſua caza obrou outro milagre. Foi eſte Fidalgo acommettido de huma graviſſima doença, que dentro de ſinco dias ficou ſem fala, nos braços da morte, ſem lhe poderem valer as medicinas, que os Medicos lhe applicáraõ, e já diſtituhido dos remedios humanos, determinou o Baraõ ſeu Pai recorrer ao Santo pelo meio do ſeu Mordomo, porque naõ queria auzentar-ſe de caza em aquella afflicçaõ. Chegando o criado do Baraõ á prezença de Franciſco deu o recado de ſeu amo, acompanhado de lagrimas, expreſſando o ſentimento, que penetrava o coraçaõ do Fidalgo com a perda do ſeu Morgado. Depois de eſtar o noſſo Santo emformado de tudo mandou aos Religiozos o levaſſem ao refeitorio para lhe dar de almoçar. No entanto que ſe deu á execuçaõ eſta ordem ſe retirou Franciſco á ſua cella, e paſſados poucos minutos voltou ao refeitorio onde eſtava o Mordomo, e lhe diſſe: *Já Deos N. Senhor attendeu os dezejos de voſſo amo; ſeu filho eſtava proximo a eſpirar, mas já recobrou a ſaude; porém quando vós chegardes a caza dizei-lhe que por caridade dê as devidas graças a Deos, e que procure cada vez mais ſer bom catholico, e ao enfermo da-*

 reis

(*ff*) Toſcan pag. 110.

reis eſtes dous biſcoutinhos, e eſtas duas raizes. Aſſim prometteu dar cumprimento a tudo o Mordomo, o qual, chegando a caza, achou as lagrimas convertidas em parabens, e o doente reſtabelecido. Referio ao Baraõ quanto lhe ſuccedeu com o Santo, e fazendo-ſe o computo das oras, ſe averigou que no meſmo inſtante o noſſo Santo ſegurou ao Mordomo a ſaude de Galeazzo; ſe vio eſte livre de todo o perigo; e como o enfermo comeſſe o prezente, que Franciſco lhe mandou, logo ſe lhe tirou o faſtio, que ainda lhe tinha ficado levantando-ſe da cama ao ſegundo dia, como ſe naõ tiveſſe padecido doença alguma (*gg*).

Joaõ de Franco peſſoa nobre da terra de S. Lucido, tendo ſeu Pai moribunpo, mandou a hum cunhado ſeu, chamado Nicolao, foſſe procurar o noſſo Santo para que rogaſſe a Deos pela ſaude de ſeu Pai, promettendo-lhe que, ſe melhoraſſe, daria toda a cera neceſſaria para o uzo da ſua Igreja. Aſſim que chegou Nicolao ao Convento lhe ſahio ao encontro Franciſco dizendo-lhe; *Eu já ſei o motivo de voſſa vinda; Joaõ vos mandou pela ſaude de ſeu Pai: que naõ tema, que naõ ha de morrer deſta vez; e porque teve hum bom Patrono Deos N. Senhor lhe fez eſta mercê; quando voltareis a caza o achareis de diſtinto modo que o deixaſteis, porém ſeraõ poucos ſeus annos de vida.* Tornando Nicolao a caza achou certo quanto o Santo lhe diſſe, e reflectindo ſobre o tempo ſe verificou que no meſmo inſtante, que eſtava Nicolao ouvindo as palavras de Franciſco experimentou o doente as melhoras; pedio de comer, e ſentou-ſe ſobre a cama, totalmente bom, e immediatamente cumprio ſua promeſſa, mandando ao Convento toda a cera preciza; porém naõ ſe paſſáraõ quatro annos (como o noſſo Santo prediſſe) que deu a alma ao Creador. Ao meſmo Joaõ, poucos dias depois, lhe ſuccedeu outro cazo, que teve contrario ſucceſ-

(*gg*) Toſcan. in vit. S. P. N. pag. 112.

ſucceſſo ao primeiro. Adoeceu gravemente huma ſua irmãa donzela, a quem eſtimava muito, e mandando, como da outra vez, a ſeu cunhado Nicolao para ſupplicar ao Santo intercedeſſe pela ſaude da enferma; logo que Franciſco vio a Nicolao lhe diſſe: *Vos mandou Joaõ por cauza de ſua irmãa, que eſta doente? Ora, por caridade, tornai a caza; e dizei-lhe que faça conta que nunca teve tal irmãa, porque MARIA Santiſſima, e a glorioza Santa Catharina a querem na ſua companhia, nem ſe póde evitar que faça eſta jornada de preça.* No dia ſeguinte deixou eſta donzela de viver entre os mortaes (*hh*).

A Marqueza de Geraci Dona Policena havendo padecido, por muitos tempos, hum fluxo de ſangue perdeu a vontade de comer por tal modo, que já o eſtomago naõ conſentia alimento algum; eſtando já alguns dias deſta ſorte, e com huma febre continua taõ obſtinada que ſem querer obedecer a nenhum remedio a reduzio a deploravel eſtado, ſem poder eſperar mais que o ultimo eſtrago. Deſpedida dos Medicos, que a deixáraõ em total deſamparo, tomou a rezoluçaõ de ir buſcar a Franciſco, de cuja fama eſtava a Marqueza baſtantemente informada. Animada de huma grande fé, e da firme eſperança nos prodigios, que Deos obrava pelo ſeu ſervo, emprehendeu a jornada á Cidade de Paula em huma liteira acompanhada de muitos Fidalgos ſeus parentes, e de ſeus criados. Revelou Deos ao noſſo Santo eſta determinaçaõ da Marqueza, e humas poucas oras, antes que chegaſſe, mandou aos Religiozos preparaſſem as cazas das hoſpedarias, e levaſſem lume para as aquecer (porque eſte ſucceſſo foi no inverno, e fazia muito frio) por ordem da Marqueza ſe anticipou ſeu Mordomo a dar parte a Franciſco da chegada deſta Senhora, com ſua comitiva, e do eſtado, em que ſe achava ſua ama. Aſſim que o Santo recebeu eſte recado

(*hh*) Toſcan. in vit. S. P. N. ibid.

reſpondeu que já ſabia de ſua vinda, cauzada pela grande doença, que padecia; por cujo motivo mandara preparar, e abrigar os quratos das hoſpedarias: de cuja reſpoſta ficou o mordomo admirado. Finalmente chegou a Marqueza, foi recebida, e tratada do noſſo Santo na hoſpedagem com a caridade coſtumada; e chegadas as horas de jantar mandou Franciſco pôr as mezas aſſim para a ſenhora, como para a comitiva, e na meza da Fidalga mandou pôr hum prato de favas ſeccas, guizado, que naquelle dia ſe fez para a Communidade, e era o commum, e mais uzado pelos noſſos Religiozos. Como hum dos criados viſſe ſervir na meza de ſua ama hum prato taõ ruſtico, e ordinario, entrou a murmurar com os companheiros, eſtranhando que a huma Senhora taõ enferma, e de compleiçaõ delicada ſe lhe deſſe eſta qualidade de iguaria, ouvio o noſſo Santo eſte ſuſurro, e voltando-ſe para o criado diſſe: *Por caridade tende paciencia*; *que Deos proverá.* Apenas articulou eſtas palavras logo ſe vio a meza toda coberta de variedade de guizados de peixes exquizitos. Ficáraõ todos ſorprendidos do prodigio, maiormente porque naquella occaziaõ havia alguns dias que o mar andava tempeſtuozo, ſem conſentir peſcaria alguma. O que augmentou a admiraçaõ foi que acabando todos de jantar com inteira ſatisfaçaõ, ſe viraõ os pratos cheios, do meſmo modo, que appareceraõ na meza, ſem lhes faltar nada. A' viſta deſte portento, tomou a Marqueza confiança de ſupplicar a Franciſco que lhe valeſſe para alcançar-lhe de Deos reſtabelecimento da ſua ſaude; a cuja petiçaõ reſpondeu o noſſo Santo que eſperaſſe na Mizericordia Divina que lhe completaria ſeus dezejos; mandou-lhe que comeſſe algumas frutas, e humas ervas, que lhe deu, e logo experimentou melhoras conhecidas, e em breves horas ficou totalmente livre das moleſtias, que padecia. Para dar graças a Deos deſte beneficio, e por naõ ſeparar-ſe taõ ſedo da prezença do ſeu interceſſor, ſe demo-

demorou a Marqueza tres dias, nos quaes foi teſtimunha de mais de mil prodigios, que o Santo obrou, porque com a fama do milagre antecedente, que logo ſe divulgou por todos os contornos da Cidade, vieraõ mais de mil peſſoas procurar o remedio das ſuas enfermidades (*ii*). Já ſenaõ contavaõ ſenaõ aos centos, como depozeraõ as teſtimunhas que ſe perguntaraõ para formar os proceſſos para a ſua canonizaçaõ.

Eraõ taõ frequentes que já naõ ſe cuidava em authenticalos, porque naõ havia tempo para admirar a facilidade, com que os obrava; e nós, por naõ cançarmos ao pio Leitor, naõ referiremos ſenaõ os mais principaes. Dando principio a eſtes com fazer mençaõ de quatro, nos quaes reſuſcitou alguns mortos; muitos foraõ os que o noſſo Santo obrou deſta qualidade, mas ficamos ſatisfeitos de eſcrever os mais particulares, deixando os mais em ſilencio. Invejozo o Demonio do ſéquito, que havia adquirido Franciſco com a fama de ſuas virtudes, havendo concorrido de todas as partes innumeravel gente, naõ ſó para receber graças, e mercês de Deos, pela ſua interceſſaõ, mas tambem para ter o goſto de trabalhar nas ſuas obras por devoçaõ, dando-ſe por ditozos ocupar-ſe em acarretar pedra, e outros materiaes para o Convento; eſtando os Officiaes, e mais gente ocupados com fervor nos ſeus reſpectivos miniſterios ſe quebráraõ, por arte diabolica, todas as eſpias do maſtro, ao qual eſtavaõ encoſtados, e ainda atados alguns andames, e cahindo no chaõ levou comſigo as taboas dos andames, as pedras, que eſtavaõ ſobre elles, e a gente do trabalho, arruinando parte das paredes freſcas acabadas de galgar. Foi tal o motim, que cauzou eſte ſucceſſo, que todos os que o prezenciaraõ, ſe perſuadiraõ que todos os Officiaes, e trabalhadores ficavaõ mortos, e a bom eſcapar com pernas,

(*ii*) Maggiolo in vit. S. P. N. pag. 20. & 21.

nas , e braços quebrados. Porém a caridade de Franciſco , que conheceu a malicia do Demonio , no entanto que eſte maquinava cortar as eſpias , e deitar a terra os andames , recorreu a Deos , ſegundo ſeu coſtume , para triumfar do inimigo com oportuno remedio. Naõ ſe achou peſſoa alguma offendida deſte deſaſtre , menos hum moſſo , que por mandado de ſeus Pais foi trabalhar a eſta obra , que ſe achou morto: Choravaõ todos a infelicidade deſte homem , porém Franciſco neſta occaziaõ fez reſplandecer mais a infinita Mizericordia de Deos, moſtrando quanto era poderoza a Divina Graça communicada aos juſtos. Eſtavaõ todos chorando a morte deſte moſſo quando chegou o noſſo Santo , que logo ſe fez vizivel para porſe em oraçaõ , e paſſados poucos minutos appareceu , chegando-ſe na prezença de todos junto ao corpo , ſe poz , como outro Elizeu , ſobre elle ; e com ſeu alito o reſtituhio á vida , e immediatamente o mandou levantar, dizendo-lhe que foſſe continuar ſeu trabalho. A' viſta deſte taõ raro prodigio aſſim eſte moſſo, como os mais , que andavaõ na obra , com inexplicavel alegria, e maior fervor ſe applicáraõ ás ſuas ocupaçoẽs , ſeguros que Franciſco os protegia , e prezervava dos deſaſtres.

Para eſcrevermos o ſeguinte milagre nos he precizo decidir primeiro huma queſtaõ , que anda debatida entre os Hiſtoriadores da Vida do noſſo Santo. Affirmaõ alguns que eſte tivera huma irmãa chamada Brizida , e outros dizem ſer ſó ſua prima , fundandoſe os primeiros em que o Santo lhe dava o tratamento de ſorella , que na lingua Italiana quer dizer irmãa , porém nós , ſeguindo aos ſegundos , que ſaõ os que ſe chegaõ mais á veroſimilidade , fundados no que affirmaõ univerſalmente todos os eſcritores , que o Santo foi filho unico , e que os Pais depois de havelo alcançado de Deos prodigiozamente , e criado por ſua Mãi a ſeus peitos , como deixamos dito no capitulo II., fizeraõ voto de caſtidade de commum acor-

acordo (*kk*). Achamos que he mais viroſimil que eſta mulher chamada Brizida era ſua prima, ou ſua parenta, e que lhe dava o tratamento de ſorella, ou irmãa, *lato modo*, como vemos tambem praticado neſte Reino entre parentes tratar-ſe com a expreſſaõ de manos, ou manas, ſem ſerem irmaõs carnaes (*ll*).

Eſta parenta, ou thia, como affirma o noſſo P. Lucas de Montoya (*mm*) teve hum filho chamado Nicolao, a quem amava mais que aos outros. Havendo eſte tido inſpiraçaõ Divina para tomar o habito, que veſtia ſeu Santo parente, ou thio, e manifeſtando eſte penſamento a ſua Mãi naõ ſeguio a vocaçaõ, por cauza do grande amor, que lhe moſtrava, e lhe deſvaneceu eſta determinaçaõ com motivos temporaes. O noſſo Santo ſendo ſabedor deſte ſucceſſo, avizou a ſua parenta naõ fizeſſe violencia á inclinaçaõ de ſeu filho, porque era huma evidente reziſtencia ás inſpiraçoẽs do Ceo de donde podia juſtamente temer algum caſtigo por eſte motivo. Porém Brizida, que eſtava cega do amor maternal, deſprezando o avizo do Santo, continuou em deſperſuadir ſeu filho para que naõ ſeguiſſe a idéa de ſer Religiozo. Naõ paſſou muito tempo que foi Nicolao acommettido de huma febre muito aguda, que em breves dias o reduzio aos ultimos termos da vida. Neſte grande conflicto Brizida penetrada de ſentimento, banhada em lagrimas recorreu a ſeu parente Franciſco, argumentando-lhe, ſegun-

---

(*kk*) Maggiolio in vit. S. P. N. pag. 22.

(*ll*) Lucas Montoya in chronic. Generali. liber 1. cap. 1. § 2. pag. mihi 6. colun. 2.

(*mm*) Et bona mater tenerè eum enutrivit propriis mamillis, ut illi infunderet bonam indolem, & ipſa cum Jacobo conſiderantes quod parum eis proficeret ſoboles concipere, vixerunt ſimul per ſpatium triginta annorum in voto caſtitatis ſine ulla corruptione carnis, quæ nihil prodeſt. Sed exemp. S. Pauli ſtudebant redigere carnem ſpiritui in jejuniis, vigiliis &c. Vit. Anonyma S. P. N. in Not. Perrimez. pag. 36.

ſegundo as leis do parenteſco, para o obrigar a alcançar de Deos as melhoras do filho, dizendo-lhe: *Se vós tendes obrado tantos prodigios com os eſtranhos, que nunca viſteis, porque naõ vos intereſſareis com Deos para alcançar a ſaude a favor do meu filho, que além da caridade, os vinculos do ſangue fazem força para eſte empenho?*

O Santo, que attendia ſó á honra, e gloria de Deos, ſem fazer cazo dos ſuſpiros, lagrimas, e ſupplicas de ſua parenta Brizida, reſpondeo a eſta com ſemblante ſevero, e voz grave: *Va-ſe embora; que tem provocado contra ſi, e contra ſeu filho a ira de Deos: como naõ quiz attender á vontade do Senhor, agora ſe fez indigna de poderem ſer ouvidas as ſuas ſupplicas.* Com eſta reſpoſta taõ deſabrida voltou Brizida a ſua caza, aonde foi teſtemunha da morte do ſeu amado filho, a cujo cadaver trataraõ de dar ſepultura. Aſſim que chegou o corpo á Igreja appareceo Franciſco, que quiz aſſiſtir a eſte acto. Brizida, e os mais parentes renovaraõ as lagrimas, e as ſupplicas ao Santo para que ſe moveſſe a piedade, e intercedeſſe pela vida do ſeu ſobrinho Nicolao.

Compadecido Franciſco de tantos clamores logo que ſe acabaraõ os officios, quando eſtavaõ para dar o corpo á ſepultura, mandou a todos que ſe retiraſſem, e até aos meſmos Religiozos deſpois; e tomando entre ſeus braços o cadaver o levou para a ſua cella, officina de grandes prodigios, aonde o teve tres dias. Neſtes eſteve o noſſo Santo em continua oraçaõ para merecer de Deos o reſuſcitar ſeu ſobrinho defunto. No quarto dia mandou chamar a ſua parenta Brizida, e diante de muita gente, que eſperavaõ da virtude de Franciſco o milagre, diſſe: *Sabei que já Deos ſe dignou reſuſcitar voſſo filho, porém com a condiçaõ que no futuro haveis de cumprir ſua Divina vontade, deixando-lhe veſtir eſte ſanto habito para ſerviço do meſmo Senhor.* A Mãi, que dezejava ver ſeu filho com extremoza ſaudade, lhe reſpondeo, que ſe reſi-

reſignava, e ſugeitava ás deſpoziçoẽs do Altiſſimo em tudo. Logo Franciſco partio para a ſua cella onde, fazendo o ſinal da Cruz ſobre o cadaver do ſeu ſobrinho, o reſuſcitou, e levantando-ſe eſte já vivo lhe veſtio o Santo o habito, e o levou comſigo á Igreja onde todos juntos deraõ as graças ao Omnipotente, eſpecialmente Brizida, que naõ ceſſava de chorar com lagrimas de alegria o ver ſeu filho vivo, e louvando a Deos, pela mercê que havia recebido.

Reſuſcitou outro defunto com a meſma facilidade, e admiraçaõ das gentes: cahio de hum ſitio muito alto hum homem chamado Caſello, e como ficaſſe logo morto, o Santo nos ſeus braços o levou á Igreja, aonde pondo o cadaver diante do Altar mor orou a Deos, e logo levantando-ſe deitou agua benta ſobre o corpo, e depois ſua bençaõ, e extendendo a maõ pegou no braço de Caſello, e lhe diſſe: *Em nome de JESUS Chriſto levantate por caridade*; e recebeo o homem nova vida. Domingos Sappio natural da terra de Rigina Biſpado de Bizignano, eſtando cortando hum pinheiro, lhe cahio eſte em ſima de tal ſorte que logo lhe tirou a vida. Foi Franciſco chamado para acodir a eſta neceſſidade, e depois de fazer oraçaõ a Deos, ſegundo o ſeu coſtume, lhe deo hum brado, com o qual logo ſe levantou o homem, e continuou no ſeu trabalho.

Das peſſoas humanas paſſemos aos animaes, que depois de mortos, lhes deo Franciſco nova vida: referiremos, em primeiro lugar, hum cordeirinho, que o Santo havia criado dando-lhe bocadinhos de paõ, e ſeguia ſeus paſſos por toda a parte por onde hia ſeu bemfeitor; eſte ſuccedeo á corſa, que o Santo conſervou deſde que ſe foi omiſiar a ſeus pés fogindo dos caçadores, como já diſſemos, e lhe tinha poſto o nome de Martinello, a cujo nome logo que ouvia o cordeiro, acodia á prezença de quem o chamava. A gente, que andava trabalhando na obra, deixando-ſe levar do appetite da gula, ſumiraõ o cordeiro,

deiro, e o mataraõ para o comer; naõ querendo ſer deſcubertos do furto, a pelle, e os oſſos do referido cordeiro, depois de havelo comido, os deitaraõ no forno da cal, que ſe eſtava cozendo, para que ſe reduziſſem a cinzas. Naõ faltou quem diceſſe ao Santo eſt ſuceſſo; mas Franciſco ſurrindo-ſe diſſe: *Meu Martinello be taõ obediente á minha voz, que em eu o chamando logo cá ha de vir.* Chegou-ſe Franciſco á boca do forno, e bradou dizendo: *Martinello, vem cá fóra.* Logo no meſmo inſtante appareceo Martinello balando na boca do forno, e ſeguio ao Santo, como antecedentemente coſtumava fazer, ficando todos os que andavaõ na obra admirados do ſucceſſo; e os que o tinhaõ furtado, e comido recorreraõ ao Santo pedindo-lhe perdaõ do mal, que tinhaõ obrado, e ſupplicando-lhe quizeſſe ſer medianeiro para com Deos, alcançando-lhes deſte o perdaõ de ſuas culpas.

Divulgado eſte milagre por toda a parte, Joaõ de Franco, a quem lhe morreo hum cordeiro, montou acavallo pondo á garupa o cordeiro, e foi buſcar o Santo com animo de que lho reſuſcitaſſe, dizendo comſigo: *Se Franciſco reſuſcitou hum cordeiro depois de o haverem comido, e conſomidos os oſſos, e a pelle em hum forno ardendo, quero ver ſe reſſucita eſte cordeiro*; apenas fez comſigo eſte diſcurſo, ſentio bolir, e ouvio balar o cordeiro, que tinha á garupa; e achando-o vivo deixou de fazer a ſua jornada.

Naõ foi menos prodigiozo com os peixes: haviaõ mandado de prezente a Franciſco huma truta, á qual o Santo poz o nome de Antonella, e deitando-a naquella fonte milagroza, que o Santo fez brotar de huma pedra, que tinha fórma de concha junto ao Convento de Paula, como já diſſemos, com ſuas proprias maõs lhe dava por alimento todos os dias humas migalhas de paõ, domeſticando-a de tal ſorte que conſentia que qualquer lhe pegaſſe. Obſervando eſte prodigio hum Clerigo natural da Cidade de Paula, movi-

movido da ſua gula, determinou furtarlha; e pondo iſto em execuçaõ a levou para caza, e a mandou frigir para a comer: como o Santo foſſe á fonte para darlhe ſua coſtumada raçaõ, e como naõ achaſſe a Antonella; profeticamente ſoube que o Clerigo a havia furtado para a comer: mandou logo hum Religiozo a ſua caza para que lhe diſſeſſe que lhe reſtituiſſe ſua truta Antonelia. Negou o Clerigo o furto dizendo, que elle naõ ſabia de tal truta: voltou o Religiozo com eſta reſpoſta, e o Santo, logo que o vio, diſſe ao Religiozo: *Ide outra vez lá, e dizei-lhe que por caridade me mande a minha truta Antonella, que já a eſtas horas eſtá frita para elle a comer.* O Clerigo, que naõ eſperava eſta replica, em lugar de reconhecer o mal, que tinha obrado, emfureceu-ſe, e hindo buſcar a truta, já frita, atirou com ella ao meio do chaõ dizendo: *Ahi tendes a truta, levaia a quem vos mandou*: como ſe fez a truta em pedaços quando o Clerigo atirou com ella ao chaõ, teve o Religiozo a paciencia de ajuntar todas as migalhas do peixe, como lhe tinha advertido antecedentemente o Santo, e as levou a Franciſco. Eſte, aſſim que lhe entregou o Religiozo a truta nas ſuas maõs diſſe: *Minha Antonella, eſta he a pena de quem he goloza, como tu; quizeſtes comer as migalhas de paõ, que te dava o Clerigo, e eſte te apanhou para te por neſte eſtado; ora pois torna a viver, e naõ te fies com facilidade daqui em diante*: deitoulhe a ſua bençaõ com a qual reſuſcitou a truta, e a deitou outra vez na fonte onde, ſegundo a tradiçaõ dos noſſos Religiozos, dizem o eſcritores da ordem ſe conſervou viva até que o Santo morreu em França, que fazendo o computo do dia, em que deſapareceo, foi no meſmo tempo, em que o Santo eſpirou.

Huma peſſoa rica natural da Cidade de Coſſencia quiz obzequiar o Santo levando-lhe de prezente huma cambada de peixes: logo que Franciſco recebeo o prezente diſſe a hum ſugeito, que lhos levou, que lhe

lhe agradecia muito o favor, porém que naõ havia razaõ de haver morto aquelles peixes innocentes, que naõ tinhaõ feito mal algum, e dizendo iſto foi tirando os peixes hum a hum, e botando-os na fonte nadaraõ, e viveraõ muitos annos.

Devia Franciſco hoſpedar ao Arcebiſpo de Coſſencia para jantar no ſeu Convento de Paula, e naõ tendo peixe algum appareceo hum devoto, que lhe levou quantidade delle. Deo logo ordem o Santo a eſcamalos, e lavalos com ſuas proprias maõs, e o primeiro peixe, que tomou para o eſcamar, entrou a dar ſaltos nas maõs de Franciſco; eſte vendo o movimento do peixe diſſe: *Por caridade ſe queres viver mais tempo pedeme a graça da vida*; e dizendo eſtas palavras deitou o peixe na fonte, aonde entrou a nadar, e continuou a viver, ficando os outros mortos, que ſerviraõ para o jantar do ſeu grande bemfeitor.

CAPITULO XIV.

Referem-ſe varios milagres de cegos, aos quaes deo viſta, ſurdos reſtituhidos ao ouvido, e mudos, que receberaõ a falla.

MUITO nos detivemos no capitulo ancedente, e muito mais pediaõ os milagres obrados por Franciſco no tempo, que ſe demorou a fabrica da ſua Igreja, e Convento de Paula: mas attendendo á brevidade, que nós temos propoſto neſta obra, deixamos de referir baſtantes da meſma qualidade, que eſcreveraõ noſſos Auctores, para dar lugar a referir outros de eſpecie diferente. Fallaremos primeiramente dos cegos, dando noticia de alguns dos muitos, aos quaes o Santo deu viſta.

Julia Caralini naſceo cega na Cidade de Paula, e até idade de dezaſete annos ficou privada da viſta: Por eſta cauza vivia ſeu Pai, por nome Antonio, muito deſconſolado; depois de haver conſultado a Medecina,

dicina, e praticado muitos remedios ſem fructo algum, recorreo a Franciſco, a cuja prezença levou ſua filha para movelo a maior piedade: eſtava em aquella occaziaõ o Santo apanhando humas ervas na cerca, e das que tinha na maõ, aſſim que vio a cega diante de ſi, lhe applicou huma folha nos olhos, fazendo ſobre eſtes o ſinal da Cruz, e demorando hum breve tempo a folha para que naõ cahiſſe; logo que o Santo retirou ſeus dedos, cahio a folha, e ficou Julia com a viſta muito perfeita. Com ervas, que applicava, ou mandava applicar aos olhos, deo viſta a muitas peſſoas. A Joaõ Calendino para recuperar a viſta, que havia perdido com huma grande fluxaõ, que lhe ſobreveio, lhe applicou hum bocado de cera: a outros ſarou ſó com o ſignal da Cruz; deſte modo deo viſta a muitos; entre eſtes a huma peſſoa, que havia ſete annos eſtava cega; depois de fazer-lhe o ſignal da Cruz ſobre os olhos lhe mandou que foſſe ouvir Miſſa, que ſe principiava; eſtando o Sacerdote na elevaçaõ da Hoſtia conſagrada principiou a ver, ficando dahi por diante com a viſta muito perfeita. Deitando nos olhos dos cegos agua benta ficaraõ muitos reſtituhidos á viſta natural.

Sem aplicar couza alguma nos olhos curou muitos cegos, ſó com mandar que viſſem. A hum tanoeiro, que eſtando trabalhando lhe ſaltou hum olho fóra com a violencia da ponta de hum arco, que lhe deo a pancada; havendo o Santo mandado apanhar o olho, que havia cahido no chaõ já rebentado, e deſfeita ſua natural eſtructura, com ſuas meſmas maõs lho poz no ſeu lugar, ficando ſem ferida alguma, e com a viſta muito clara. Com o ſucco de humas ervas deo viſta a outros muitos. Baſte por agora referir eſtes milagres, que em outra parte ſe devem repetir mais.

Os ſurdos, e os mudos, que curou neſte ſitio, foraõ innumeraveis. Aprezentaraõ-lhe hum dia hum rapaz ſurdo, e mudo de naſcimento; mandou a San-

to que o levaſſem á Sacriſtia, aonde ordenou que pozeſſem pegadas em huma das paredes tres vellas, e que as accendeſſem; logo ſe poz o Santo, e os mais circunſtantes de joelhos a orar; apenas principiaraõ ſua oraçaõ cahio huma vella, e o rapaz, vendo-a cahir, diſſe em voz alta: *Cahio huma vella, vaõ acodir*; e continuou a lallar, e ouvir todo o tempo de ſua vida com deſembaraço. Huma rapariga, de idade de doze annos, foi levada á prezença do Santo, por ſer ſurda, e muda *a nativitate*; Franciſco aſſim que ouvio as ſupplicas dos ſeus parentes, ſe poz de joelhos, e depois de orar algum tempo ſe levantou, e chegando-ſe ao pé da menina, fazendo-lhe o ſignal da Cruz ſobre a boca, e ouvidos lhe diſſe: *Por caridade, menina, diga em voz alta trez vezes JESUS*, logo articulou o Santiſſimo Nome de Jesus, como o Santo lhe mandou, ficando livre, e deſempedida na falla, e no ouvido.

CAPITULO XV.

Sara aleijados, leprozos, e livra muitos endemoninhados.

A Natureza humana ſujeita a tantas enfermidades pela herança do peccado de Adaõ, achava em Franciſco virtude, que ſervia de remedio á toda a eſpecie de doença, ſendo o Medico commum dos que naõ achavaõ medicamentos para ſuas queixas. Principiando pelos aleijados referiremos de hum Religiozo de outra Religiaõ, o qual havia dez annos, que naõ podia ter-ſe nas pernas por grande debilidade, que tinha nellas; e vindo á prezença de Franciſco, mandou que o pozeſſem em pé, e lhe carregaſſem pedras ás coſtas, dizendo-lhe: *Vá, leve eſſas pedras para os andames a dar aviamento aos officiaes de alvineo, que eſtaõ trabalhando.* Naõ foi precizo mais para

para que o Religiozo naõ ſó andaſſe, mas que correſſe carregado com as ditas pedras.

Joaõ Catanio chorava a deſgraça de hum filho ſeu, que de idade bem tenra eſtava aleijado dos pés, incapaz de poder dar hum paſſo: cheio de muita fé o mandou levar nos braços de hum criado ſeu á prezença de Franciſco; eſte logo lhe mandou veſtir hum habito de devoçaõ de ſua Ordem, e logo lhe foi concertando com ſuas maõs os pés, e as pernas, pondo-o deſempedido para andar com ligeireza. Huma mulher, que ſe achava impoſſibilitada a andar, por cauza de ter os nervos das pernas encolhidos ſem carne, e ſómente com a pelle ſobre as canellas, por cujo motivo lhe ſerviaõ os joelhos de pés para poder andar, havendo ſido aprezentada a Franciſco para que remediaſſe aquella queixa, logo que a vio mandou que ſe aſſentaſſe, e depois de algum tempo, que eſteve deſta ſorte, a mandou levantar em pé; o que fez com grande agilidade, e Franciſco lhe diſſe que ſe foſſe embora para ſua caza a tratar da ſua vida.

Clara Carbonele donzella de conhecida nobreza da Cidade de Paula, perdeo naõ ſó o uzo das maõs, mas tambem o dos pés, de ſorte que além de eſtar privada de andar naõ podia com ſuas proprias maõs levar o alimento neceſſario á boca. Praticaraõ ſeus amorozos Pais todas as diligencias para a reſtituir á ſaude; e como nenhum dos remedios aproveitaſſe, determinaraõ levala á prezença de Franciſco ſeu compatriota, o qual logo lhe deitou agua benta, e dahi lhe deo humas ortigas para que as aperta-ſe nas maõs. Com iſto a mandou embora para ſua caza nos braços da meſma peſſoa, que a trouxe: no meio do caminho diſſe a tal donzella, que queria por-ſe no chaõ; eſtando neſte, principiou a andar pelo ſeu pé deſembaraçadamente, e logo ſentio tacto, e força nas maõs, livre de toda a aleijaõ, de ſorte que andou a pé o reſto do caminho até ſua caza.

Naõ foraõ de menos admiraçaõ os prodigios,

que obrou com os leprozos. Marcello Cardila natural de Coſſenſia, cobrio-ſe por todo o corpo de huma qualidade de lepra, que chegou a privalo da falla. Vendo-o ſeus parentes neſte eſtado taõ deploravel, determinaraõ pollo em humas andas, levalo a Paula á prezença de Franciſco: eſte, movido de compaixaõ, logo que o vio lhe perguntou ſe queria ſer ſaõ? E como Marcello naõ podia fallar, por acenos lhe deo a entender que ſim: poz-ſe Franciſco diante do Altar a fazer oraçaõ, a qual acabada, foi ao enfermo, e pegando-lhe pela maõ o poz em pé, ficando immediatamente limpo das chagas, e lepra, que tinha por todo o ſeu corpo. A outro homem natural de Torano, Biſpado de Bizignano, que eſtava coberto de lepra detpedindo do ſeu corpo hum fetido inſupportavel foi conduzido a Paula para buſcar ſeu remedio em Franciſco; mandou eſte que o metteſſem no rio Iſca, que corria naquella vizinhança, e lhe lavaſſem todo o corpo: executou-ſe aſſim, e logo que ſahio do rio ſe achou inteiramente ſaõ da lepra ſem ficar-lhe final algum da tal queixa.

Outros muitos podiamos nós referir, que ſe achaõ eſcritos pelos noſſos Auctores, mas por agora hiremos a referir alguns prodigios obrados com os Energumenos. Huma mulher da terra de Regina, Biſpado de Bizignano, eſtava poſſeſſa, e foi levada a Paula para que Franciſco a livraſſe deſte trabalho: deo o Santo a commiſſaõ a hum Sacerdote da ſua Ordem para que lhe fizeſſe os exorciſmos determinados pela Igreja. Mas como o Demonio ſe obſtinaſſe (permittindo-o Deos aſſim) e naõ quizeſſe ſahir do corpo daquella creatura; ſe vio o Sacerdote obrigado a chamar a Franciſco para que o ajudaſſe com ſua virtude. Eſtava o Demonio pertinaz com ſua coſtumada ſoberba; mas aſſim que chegou Franciſco, que com auctoridade lhe diſſe: *Eu te mando, beſta infernal, em Nome da Santiſſima Trindade, que logo ſaias do corpo deſta creatura, deixando-a livre de todo o tormento*: apenas pro-

pronunciou o Santo eſtas palavras immediatamente ſe vio a mulher livre da vexaçaõ do Demonio.

Outro homem chamado Domingos, natural da terra de Arena, Biſpado de Mileto, ſe achava, havia muitos annos, invadido do eſpirito maligno, havendo ouvido de huma mulher, que em ſua caza referio os prodigios, que Franciſco obrava, determinaraõ ſeus parentes levalo a Paula: chegando ao Convento, dez homens naõ podiaõ conduzir á Igreja a Domingos, porque forcejava para fogir daquelle lugar, e naõ apparecer na prezença de Franciſco; porém eſte, ſahindo ao encontro de Domingos, lhe deo tres figos paſſados para que os comeſſe, mandando ao meſmo tempo com imperio ao Demonio, dizendo-lhe: *Em Nome de JESUS Chriſto Nazareno vaite logo ao lugar dos teus tormentos.* E immediatamente ficou Domingos livre do eſpirito maligno, que o atormentava. Algumas vezes os Demonios, quando ſuccediaõ ſemelhantes lanços, louvavaõ a Franciſco, e outras vezes o injuriavaõ proferindo mil infamias; porém o Santo aſſim como ſe ria das injurias, aſſim deſprezava os louvores, e ſó cuidava em livrar as creaturas da vexaçaõ, que padeciaõ.

Huma moça donzella, que eſtava poſſeſſa, foi conduzida á Igreja da nova fundaçaõ; aſſim que o Demonio, que atormentava aquella donzella, ſe vio na prezença de Franciſco, entrou a deſcompolo chamando-lhe barbado, remendado, e golozo de hervas, e raizes. O Santo, rindo-ſe deſtas deſcompoſturas, lhe perguntou quem era? ao que reſpondeo o Demonio, que elle era hum ſó; porém que havia legioẽs unidas, parte das quaes eſtavaõ naquelle corpo, e parte eſtavaõ em hum outeiro alli vizinho, em figura de corvos negros. Tornou Franciſco a perguntar qual era a idéa de eſtarem alli, e que pertendiaõ fazer? reſpondeo o Demonio: *Queremos deſtruhir a Italia: Quem volo impede*, replicou Franciſco; entaõ uzou o Demonio da lizonja dizendo: *A tua humildade he o*

impedimento , que temos para naõ pôr em pratica o que queremos executar. A eſtas palavras , proferidas pelo Pai das mentiras , levantou Franciſco a voz com grande imperio , e lhe diſſe : *Calla , traidor infame , e mentirozo.* Seguindo depois outras perguntas , e reſpoſtas mais ; finalmente Franciſco lhe mandou que deixaſſe livre aquelle corpo ; e querendo o Demonio ſahir por hum olho da creatura , Franciſco naõ lho permittio : pedio depois a eſte lhe deſſe licença de ficar de póſſe daquella creatura , ao menos tres dias , o que tambem o Santo naõ conſentio. Finalmente foi obrigado a ſahir logo com tal violencia , que a pobre donzella cahio em terra morta , ſendo precizo que o Santo obraſſe novo milagre em reſtituhir-lhe a vida.

De outro lugar foi trazida á prezença do Santo huma eſpiritada , a qual aſſim que a entroduziraõ na Igreja , e vio a Franciſco , em altos gritos entrou a proferir muitas vezes : *Aquelle he o meu inimigo.* Franciſco , vendo que havia muito concurſo de gente , por entaõ naõ quiz fazer couza alguma ; entregou a alguns Sacerdotes da ſua Ordem eſta mulher para que a exorcizaſſem. Porém ainda que eſtes uzaſſem do antidoto diſpoſto pela Igreja para ſemelhantes queixas , o Demonio moſtrando ſua inſeparavel ſoberba diſſe : *Eu naõ temo a nenhum de vós ; quem me faz tremer , e me cauza horror he aquelle voſſo Padre.* A eſtas vozes acodio Franciſco , e em nome do Creador mandou que logo deixaſſe na ſua liberdade aquella pobre mulher. Finalmente , por naõ ſermos mais extenſos , foi taõ grande o dominio , que teve Franciſco ſobre os Demonios , que naõ ſó por ſi meſmo , mas tambem pelos ſeus filhos , uzando do ſeu nome os afugentava. Conduziraõ ao novo Convento de Paula huma nobre donzella , a qual , havia tempos , eſtava vexada do eſpirito maligno padecendo muitos tormentos contrarios á honeſtidade do ſexo. Logo que Franciſco a vio entrar na ſua Igreja mandou a dous Religiozos diſſeſ-

ſem

ſem áquelles Demonios que deixaſſem livre a creatura, que atormentavaõ. Aſſim o executaraõ os dous obedientes filhos do Santo, intimando-lhes a ordem, que Franciſco lhes deo. Naõ foi precizo mais para que a nobre donzella ficaſſe inteiramente livre dos Demonios, que a vexavaõ; mas eſtes, cheios de ira, e raiva ſahiraõ fazendo eſtrondo, e dando deſcompaſſados gritos, com os quaes manifeſtaraõ a vergonhoza retirada.

CAPITULO XVI.

Penetra o Santo couzas occultas, e ſucceſſos acontecidos em partes muito diſtantes, e declara couzas, que haviaõ de ſucceder.

ERA quazi ordinario coſtume no noſſo Santo conhecer quanto ſe paſſava occultamente dentro dos coraçoẽs dos homens, ainda dos que eſtavaõ diſtantes, que naõ ſe pode negar que deſde o tempo, que ſahio do ermo, lhe concedeo Deos o dom de profecia. Naõ obſtante termos referido alguns milagres, que moſtraõ claramente eſta prerogativa; naõ queremos deixar de referir outros para darmos goſto aos devotos leitores, que quanto mais milagres, e prodigios ſem de Franciſco, tanto mais dezejaõ ouvir, ou ler, para darem graças ao Altiſſimo de mandar á terra hum homem, que parecia hum Vice-Deos no poder.

Hum trabalhador dos que andavaõ na obra do Convento de Paula, eſtimulado de ſua gula, furtou huns figos lampos de huma arvore, que eſtava na cerca do meſmo Convento: outro trabalhador, que foi teſtemunha do furto, parecendo-lhe eſta acçaõ indigna, denunciou ao Santo o ſucceſſo; naõ obſtante eſtar Franciſco ſciente do cazo, porque Deos lho havia revelado, fazendo-ſe ignorante delle, mandou chamar ao trabalhador á ſua prezença diante do outro, que o accuzou, para arguilo da culpa; como

eſta a pertendeſſe occultar o comprehendido no furto, fazendo mentirozo ao accuzador; o Santo ſe chegou a hum caldeiraõ de agua, que eſtava fervendo no lume, e mettendo ſuas maõs dentro diſſe para o ladraõ dos figos para lhe fazer confeſſar o furto, e convencêlo: *Se tu eſtás innocente, como dizes, mette tuas maõs dentro deſta agua; que eu te ſeguro que naõ receberás offenſa alguma, aſſim como eu naõ ſinto moleſtia em conſervalas aqui dentro.* O trabalhador naõ ſe quiz expor a eſta experiencia, confeſſou ſua culpa, pedindo perdaõ a Franciſco do mal, que tinha obrado.

Levou hum homem de Paula hum prezente de figos ao Santo, porém os havia furtado de huma vinha contigua: apenas Franciſco vio o prezente diſſe ao homem: *Vós dais aquillo, que naõ he voſſo; entendeis que com eſte mimo mereceis agradecimentos, quando vos fazeis digno de caſtigo. Fazer eſmolas do que ſe adquirio illicitamente, he querer fazer a Deos cumplice do delicto: eſte Senhor naõ agradece o que vós naõ podeis dar, antes deve caſtigar-vos porque o tiraſteis iujuſtamente, e porque o deſteis com dezafogo, ſem pejo algum.*

Mais curiozo foi o deſcobrimento, que fez, do furto de outros pomos a hum homem natural de Belmonte, Biſpado de Tropéa, que lhos levou de mimo. Tinha eſte homem hum filho gravemente enfermo; determinou ir buſcar ao Santo para ſupplicar-lhe quizeſſe alcançar de Deos as melhoras de ſeu filho: querendo levar algum mimo, a titulo de eſmola para o Convento de Franciſco, apanhou algumas frutas do ſeu jardim; porém parecendo-lhe eſtas poucas, entrou em prédio do ſeu vizinho, onde acabou de encher o ceſto. Chegou a Paula, prezentou a fruta ao Santo, o qual logo mandou vir dous ceſtos, em hum dos quaes fez deitar as frutas do jardim do homem, e no outro as que tinha furtado do ſeu vizinho. Voltando-ſe depois para o homem lhe diſſe: *Vós vindes procu-*

procurar a saude corporal do vosso filho ao mesmo tempo que offendeis a vossa alma. Eu vos aceito a fruta deste cesto, porque he vossa; e naõ admittio a outra, que vós deveis restituir a seu dono. Naõ vos succeda outra vez que para adquirir algum beneficio temporal ofendais a Deos com detrimento da vossa alma: vosso filho, quando voltareis a caza, o achareis totalmente saõ; e vós procurai pedir perdaõ a Deos de vossa culpa, depois de restituir o alheio.

Passou pelo Convento de Paula hum Sacerdote, que hindo a terras mais remotas, com a noticia dos milagres que obrava Francisco, quiz ser seu hospede: o Santo o recebeo com a sua costumada affabilidade, e depois de haver jantado tomaraõ a conversa sobre as virtudes das hervas, das quaes fallava o nosso Santo com extensa noticia, particularmente de huma, da qual dizia Francisco maravilhas. Como o Clerigo Sacerdote tivesse a curiozidade de perguntar-lhe onde havia aprendido tanta noticia da Botanica, que naõ se pode adquirir sem hum grande estudo, respondeo o Santo: *Que as mesmas hervas manifestavaõ suas virdes aos que caminhaõ pela estrada da perfeiçaõ Catholica no serviço de Deos.* Ainda que o Sacerdote conhecia ser verdade quanto Francisco dizia, sempre lhe ficava o escrupulo de parecer-lhe que eraõ palavras hypocritas. Penetrando o Santo os pensamentos do Clerigo, e lendo no seu coraçaõ a duvida, em que estava, levantou-se, conduzio ao Sacerdote á cozinha, aonde tomando entre suas maõs humas brazas lhe disse: *Este elemento taõ indómito a que fim vos parece que Deos o creou senaõ para serviço do homem?* A' vista deste prodigio logo o Sacerdote se poz de joelhos, e inflamado de hum ardente dezejo de deixar o mundo, lhe pedio quizesse vestir-lhe o santo habito. Porém Francisco depois de hum maduro exame, lhe approvou a vocaçaõ, mas lhe disse que devia tomar o habito da Ordem Serafica, mandando-o a Cossencia ao Convento dos Menores, aonde profes-

sou,

lou, vivendo com muita obſervancia, e morrendo depois de muitos annos com ſinaes de heroica virtude.

A Marqueza de Geraci, da qual temos feito mençaõ neſte livro, eſtando ſeu marido Henrique de Aragaõ graviſſimamente enfermo, mandou hum criado a rogar ao Santo quizeſſe pedir a Deos a ſaude do Marquez. Aſſim que chegou o criado para fallar a Franciſco, eſte ſem tomar o recado, reſpondeo ao menſageiro que era eſcuzado fazer remedio algum á queixa, que padecia o Marquez; porque eſte devia morrer daquella doença, que aſſim o havia Deos determinado. Naõ obſtante, para dar alguma conſolaçaõ á Marqueza lhe eſcreveo huma carta, e lhe mandou alguns remedios de ervas, dizendo-lhe que de pouco, ou nada ſerviriaõ ao enfermo. Tudo ſe verificou, porque depois de haverem os Medicos eſgotado os remedios da arte, deraõ ao enfermo o ultimo deſengano da vida.

A meſma Marqueza de Geraci mandou ſeu Mordomo para fazer huma vizita ao Santo em ſeu nome: muitas horas antes delle chegar, mandou Franciſco que ſe accendeſſe lume nas hoſpedarias, porque eſperava hum hoſpede em eſtaçaõ invernoza, que era no mez de Janeiro. Logo que chegou o Mordomo lhe diſſe Franciſco: *Eu já ſabia que tu vinhas fazer-me huma vizita por mandado da Marqueza; por cujo motivo mandei fazer lume nas hoſpedarias: vaite a agazalhar, que faz muito frio.* Chegaraõ as horas de jantar: e como o Mordomo quizeſſe comer carne, o Santo naõ lho permitio. Naõ havia peixe no Convento para dar ao hoſpede, nem eſperanças de havelo, por eſtar o mar muito tempeſtuozo; porém Franciſco, depois de fazer huma breve oraçaõ a Deos, mandou ao moço foſſe a praya buſcar peixe. Pareceo-lhe que Franciſco eſtava gracejando, e naõ foi logo executar o que ſe lhe tinha mandado. Vendo o Santo que ao moço ſe lhe fazia impoſſivel achar peixe por cauza do tempo invernozo, lhe diſſe ſegunda vez: *Vai á praya,*

e

e traze hum peixe, que lá eſtá. Finalmente executou o moço as ordens de Franciſco, e chegando ao mar achou na borda hum xerne, que teria perto de duas arrobas; pegando nelle o levou ao Convento, com que ſe fez o jantar para o hoſpede, e Religiozos daquelle Convento.

Acommetteo huma graviſſima dor em huma perna a Jordaõ de Paula, que naõ o deixava andar. Era eſte moço muito inquieto, e deſobediente a ſua Mãi, a quem por vezes tinha roubado para ſeus divertimentos illicitos. Chegando á prezença de Franciſco para pedir-lhe a dezejada ſaude, apenas lhe formou a ſupplica quando o Santo lhe diſſe: *A dor, que vós padeceis neſſa perna, he effeito dos voſſos peccados: Deos vos trata aſſim como vós tratais a voſſa Mãi, a quem deveis reverenciar, e obedecer com reſpeito depois de Deos; lembrai-vos das deſobediencias, e nenhum reſpeito, que lhe guardaſteis, que ainda hontem a ultrajaſteis gravemente: ſabei que aos filhos deſobedientes, como vós, o Creador naõ ſó lhes tira a ſaude, mas tambem lhes abbrevia a vida.* Acabada eſta admoeſtaçaõ, mandou-lhe que carregaſſe huma trave, e a levaſſe para a obra, achando-ſe com eſta receita totalmente ſaõ, naõ ſó do corpo, mas tambem da alma.

Seria dilatar-nos muito ſe entraſſemos no empenho de querer referir neſte lugar todos os cazos, em que o Santo moſtrou o dom de profecia, maiormente que em alguns milagres, que já referimos, ſe acha eſta virtude baſtantemente conhecida, com pouca reflexaõ, que faça o leitor. Porém naõ deixemos de referir por ultimo deſte capitulo o cazo, que ſuccedeo a huma mulher viuva, á qual o Santo aconſelhou que naõ cazaſſe ſegunda vez, porque em breves dias ficaria outra vez viuva. Naõ ſeguio eſta o conſelho do Santo, pois ſeguindo ſeu proprio dictame, tomou novamente o eſtado do Matrimonio. Paſſando-ſe os dias do noivado, mataraõ ao marido, e ficou a mulher ſegunda vez viuva, como o Santo havia profetizado.

CA-

CAPITULO XVII.

Enfermidades, que cura com remedios contrarios á Medicina: e outros milagres que obra.

REFERIMOS atégora os ſucceſſos milagrozos, que Franciſco obrou em Paula pela ſua virtude, ſem repugnancia da natureza. Porém agora eſcreveremos alguns, que ſe podem chamar maravilhas dos milagres pela incoherencia, e incompatibilidade dos remedios, que applicava ás queixas dos doentes, que, durante a fundaçaõ do Convento de Paula, experimentaraõ a ſuſpirada ſaude.

Hum homem natural de Paterno, que eſtava quazi cego de hum grande defluxo, que lhe cahio nos olhos, tendo eſtes naõ ſó aggravados, mas tambem muito inchados, de tal ſorte que prometia a total ruina da viſta, fez jornada a Paula para procurar a ſaude da maõ do noſſo Santo: eſte logo que lhe foi prezente a enfermidade, que o homem padecia, tomou hum bocado de lona, e molhando-a na agua benta metteo-a na cal virgem, e com ella fez hum emplaſto, que applicou aos olhos do doente, fazendo ſobre elles o ſinal da Cruz. Baſtou iſto para que ao enfermo, dentro de breves horas, ſe lhe tiraſſe a inchaçaõ, e todo o embaraço, que tinha na viſta, a qual conſervou perfeitamente dahi por diante. He certo que a cal tanto naõ pode ajudar a clarificar a viſta, que ſe cahem alguns pós della nos olhos, baſtará para logo os inflamar; porém Franciſco obrava milagres applicando remedios encontrados, para manifeſtar a Omnipotencia Divina.

Muitas vezes mandava aos enfermos, que naõ podiaõ mover-ſe por cauza de eſtarem entrevados, que andaſſem para recuperar a ſaude. Aſſim ſuccedeo a Salvador de Boym, natural de Bolhano, Diocezi de Coſſencia, que eſtando, havia muitos tempos, na cama

cama ſem ſe poder virar a nenhum dos lados, ſem adjutorio ; afflicto com dores de ciatica, ou de reumatiſmo eſpalhado por todo o corpo, fazendo-ſe conduzir em humas andas á prezença de Franciſco para implorar a ſaude dezejada ; o Santo lhe mandou que ſe levantaſſe, e fizeſſe exercicio andando pelo campo. O enfermo, que naõ podia voltar-ſé, entendeo que eſte remedio, que Franciſco lhe dava, era mais por gracejar, que para alcançar melhoras ; e com eſta idéa, que concebeo, naõ ſe levantou da cama, nem experimentou melhora alguma. Paſſados huns dias, renovou ſua ſupplica ao Santo, o qual lhe reſpondeu : *Eu já te dava a ſaude, mas tu naõ quizeſtes aceitala : mandavate levantar para que andaſſes, e fizeſſes exercicio : como naõ quizeſtes executalo, por iſſo te achas da meſma fórma : pois agora levantate, e vai cortar aquella ceregeira, que já eſtá ſecca, e naõ dará mais fructo.* Salvador, logo que ouvio eſtas palavras do Santo, executou quanto lhe foi mandado ; levantando-ſe da cama com admiravel ligeireza cortou a arvore, e ficou totalmente ſaõ.

Semelhante a eſte foi o milagre, que obrou com Antonio Odoardo, o qual padecia humas ſezoẽs muito impertinentes, que ſem obedecerem a remedio algum da Medicina, havia tres mezes que o affligiaõ. Com a noticia da virtude de Franciſco recorreo ao Convento de Paula ; e como o noſſo Santo eſtiveſſe com huma enchada na maõ concertando as margens do rio Iſca, que com as enchentes trasbordou a agua com perigo de inundar o Convento ; informado da queixa que padecia lhe diſſe : *Por caridade toma eſta enchada, e ajudame a fazer eſta obra.* Antonio, que eſtava muito fraco pelas continuas ſezoẽs que padecia, lhe reſpondeo que ſeu mal naõ lhe permitia ſemelhante trabalho : mas Franciſco lhe replicou : *Antes eſte trabalho he muito util para a tua queixa* ; pegou o enfermo na enchada, e trabalhando com ella boas duas horas, ſe achou bom. Deo os agradecimentos ao Santo,

to, e eſte dando-lhe alguns graõs, e raizes de ervas, lhe diſſe que cozeſſe tudo junto, e as comeſſe, ſe queria que naõ lhe tornaſſem as ſezoẽs.

Em huma occaziaõ era precizo dar banho a hum Religiozo da Ordem; e como naõ achaſſe Franciſco lume na cozinha, vio que alli perto eſtavaõ duas pedras em braza, que deitaraõ fóra do forno da cal; foi logo buſcalas, e pondo-as com ſuas maõs debaixo do caldeiraõ, logo entrou a agua a ferver, e ſem demora alguma acodio com o banho ao ſeu Religiozo, como ſe a agua eſtiveſſe antecedentemente no lume muito tempo. Eſtava o noſſo Santo hum dia na cozinha fregindo peixe, que havia de dar aos ſeus Religiozos para comerem, e eſtando a frigideira cheia de peixe, teve hum rapto com a força da meditaçaõ, na qual eſtava continuamente, de ſorte que o peixe ficou torrado. Tornando a ſi, e vendo daquella ſorte a frigideira, metteo as maõs dentro della, e pegando no peixe ficou eſte bem frito ſem damno algum. Mandou em outra occaziaõ a Fr. Joaõ de S. Lucido que pozeſſe a cozer no caldeiraõ legumes para a gente da obra: poz Fr. Joaõ o caldeiraõ com os legumes na fornalha, e lhe eſqueceo accender o lume; chegaraõ as horas do jantar, quando foi Franciſco á cozinha, e deſcobrindo a panela todos viraõ eſtava fervendo, e os legumes bem cozidos, ſem ter dentro da fornalha mais que cinzas frias. Eſta panela conſerva-ſe ainda no Convento de Paula para memoria de tantos, e taõ raros prodigios que nella obrou o noſſo Santo.

Antonio Milhariſe natural de Paula, poz fogo a hum cercado ſeu; lavrou de tal ſorte o lume, que ſaltando ás fazendas vizinhas, hia reduzindo a cinzas todos os prédios daquelle contorno: naõ eſtava muito longe Franciſco, que conhecendo o perigo, correo com velocidade, e entrando no meio das labaredas com ſeus proprios pés apagou parte do incendio, e outra parte com ſuas maõs; livrando deſte modo as fazendas dos ſeus vizinhos. Pedro Barba da meſma Cidade

de de Paula, que ſervia o officio de Eſcrivaõ, tomou de renda a armaçaõ dos atuns daquelles mares, porém com taõ pouca fortuna, que apenas a peſcaria chegava a cobrir as deſpezas, que tinha feito; mandou hum criado ſeu a ſupplicar a Franciſco abençoaſſe aquelles mares, para elle poder tirar algum lucro do negocio, que trazia entre maõs: pelo meſmo criado lhe mandou huma véla benta, dizendo-lhe que deitaſſe novamente as redes, e que ficaria conſolado; aſſim o executou Pedro Barba, e aſſim ſe verificou o que o Santo mandou dizer: tirando o lanço ſe acharaõ as redes taõ cheias de peixe, que a gente naõ podia com elle.

Teſtificou o Conde de Arena haver ouvido a hum Sacerdote, que á inſtancia de dous nobres conſortes, que dezejavaõ ſuceſſaõ de ſua caza, foi buſcar a Franciſco para que ſupplicaſſe a Deos lhes concedeſſe o fructo dezejado do Matrimonio: ouvindo o Santo a embaxada reſpondeo ao Clerigo: *Dizei aos voſſos amigos, que vaõ á figueira, que tem no quintal, que nella acharáõ dous figos; hum branco, e outro preto; o branco comerá o marido, e o preto a mulher: mas que em primeiro lugar ſe reconciliem com Deos pondo-ſe em graça pelo meio dos Sacramentos, e que tenhaõ fé que o meſmo Senhor lhes concederá o bom deſpacho de ſua petiçaõ.* O Clerigo quando ouvio eſta reſpoſta fez o conceito que o Santo lhe reſpondia jocoſerio, porque conhecia que os figos naõ podiaõ ter virtude para fazer conceber; e ſendo no mez de Janeiro a eſtaçaõ, em que eſtavaõ, muito menos poderia a figueira produzir fructo algum: mas Franciſco, que penetrou o coraçaõ do Sacerdote, lhe diſſe: *Ide, fazei quanto vos diſſe, ſe quereis dar conſolaçaõ aos voſſos amigos; porém cuidado que a mulher naõ faça por onde tenha algum deſmancho.* Voltou o Clerigo com eſta reſpoſta a caza dos nobres conſortes ſeus amigos, os quaes hindo logo ao quintal, acharaõ huma rama da figueira coberta de folhas com dous figos, hum branco, e outro preto, como

o Santo tinha dito; e havendo-os comido do meſmo mõdo, que ſe lhes mandou, logo ſe achou a mulher com a novidade de haver concebido: porem paſſados huns mezes foraõ aſſiſtir a hum baile, para onde foraõ convidados, e dançando a mulher naquelle feſtim, ſe lhe ſeguio o máo ſucceſſo. Mandaraõ novamente rogar a Franciſco, o qual lhes reſpondeo, que a ſua ingratidaõ os fazia indignos de receber outra vez a graça, que naõ ſouberaõ aproveitar.

Eſtando hum dia o Santo na ſua cella tratando com Deos, andava hum navio fluctuando entre as ondas do mar tempeſtuozo, com o riſco de dar á coſta nos rochedos das praias de Paula: avizaraõ deſte perigo a Franciſco; o qual chegando a ſua janella, e deitando a bençaõ ſobre o mar, logo eſte ſe ſerenou deixando vir ao porto a embarcaçaõ ſem perigo. Como a gente da náo vieſſe dar os agradecimentos a Franciſco, eſte lhe diſſe: *Ide, e fazei voſſa viagem logo, que experimentareis ventos favoraveis, chegando com felicidade ás voſſas cazas*: o que tudo ſe verificou, como o Santo prediſſe. A hum Religiozo ſeu, que lhe tinha mordido huma vibora, o ſarou logo, e atando-lhe huma fita de naſtro ſobre a mordedura, lhe diſſe: *Meu filho, nós temos o privilegio de Deos para naõ nos fazer damno algum o veneno deſtes bichos.* Porém como os circunſtantes diziaõ, que naõ era mordedura de vibora, mas ſim huma picada de hum eſpinho o que cauzava as dores ao Religiozo; fez o noſſo Santo que tornaſſe a experimentar as meſmas dores, que ſentia antecedentemente; e recorrendo ſegunda vez ao Santo lhe reſpondeo: *Vós eſtais já ſaõ da mordedura da vibora; Deos vos mandou outra vez as dores para que eſtes, que foraõ hontem incredulos, hoje ſejaõ fieis.* Deſte modo curou o Religiozo do damno, que tinha recebido no ſeu corpo, e aos circunſtantes ſarou com a fé a doença dos ſeus eſpiritos.

CA-

CAPITULO XVIII.

Virtudes, que pratíca nos ſeus milagres: converſoẽs, que faz com ſuas virtudes: almas, que melhora com ſeus exemplos.

SERIA hum penſamento muito baxo dos homens, que ſe perſuadiſſem que os milagres, que obra Deos pelos ſeus Santos, ſó tinhaõ por objecto hum formozo entretinimento da viſta, provocar a admiraçaõ dos diſcurſos com a novidade, ſem outro fim ſobrenatural, que pulſa ao coraçaõ humano para acreditar a virtude dos meſmos Santos, ou para confirmar-nos na fé, que muitas vezes ſe acha quazi extincta, ou para moſtrar ao Mundo parte do premio, que a Omnipotencia dá a ſeus eſcolhidos. De todos os milagres, que em ſua vida obrou Franciſco, podemos arguir ſuas grandes virtudes, com cuja prática ao meſmo tempo que fazia beneficio ao proximo, augmentava as forças do ſeu eſpirito: por cujo motivo devemos admirar as virtudes dos ſeus milagres, e os milagres das meſmas virtudes. Havia no Convento de Paula huma cerca, como coſtumaõ ter todos os noſſos Conventos para hortaliça muito neceſſaria á noſſa vida quareſmal; dentro deſta cerca fez o noſſo Santo huma pequena horta, que ſe lhe podia dar o titulo da horta dos milagres, porque todas as plantas, que produzia, eraõ milagrozas. Com ſuas proprias maõs cavava a terra, renovava a planta, e a regava em beneficio alheio, e com trabalho ſeu. Neſta terra ſe achavaõ de todas as qualidades de ervas, que ſerviaõ para remedio dos enfermos, como o meſmo Santo dizia; mas na realidade naõ tinhaõ mais virtude, que a que Franciſco lhe dava para encobrir ſua propria virtude, querendo que atribuiſſem a cauza natural as curas, que com applicaçaõ das ervas fazia com o adjutorio ſobrena-

tural : eſta horta era ſeu divertimento quando ſe achava deſocupado de outros trabalhos : neſte ſitio muitas vezes elevando ſeu eſpirito em Deos , ardendo em caridade experimentava ſeus raptos.

Eſtando pois hum dia em hum valle da cerca cavando , rodou de hum outeiro vizinho hum carro , e cahindo ſobre Franciſco lhe quebrou as coſtellas. Correo ao eſtrondo toda a gente da obra ; e achando ao noſſo Santo debaixo do carro ſem movimento algum , o conſideraraõ morto ; levaraõ-no em braços ao Convento , aonde principiou a fallar , dizendo : *Por caridade he precizo que Fr. corpo eſteja trinta ou quarenta dias extendido ſobre eſtas taboas , porque eſta he a vontade de Deos.* Aſſim ſuccedeo : eſteve todo o eſpaço de quarenta dias immovel ſobre as toſcas taboas , nas quaes o pozeraõ contra ſua vontade. Completo o tempo mencionado perto da meia noute , as taboas , em que eſtava deitado de coſtas , começaraõ a tremer com grande impeto , que já Franciſco naõ ſe podia ſuſtentar ſobre ellas. Levantou-ſe totalmente ſaõ , ſem haver uzado de remedio algum.

O meſtre da obra , que ſe chamava Antonio de Donato , e morava em huma cella do meſmo Convento para maior commodidade do ſeu trabalho , levantando-ſe hum dia muito cedo logo depois da Aurora , entendendo ſeria mais tarde , ſahindo do ſeu cubiculo para dar ordem aos materiaes , que haviaõ de ſervir aquelle dia , encontrou ao noſſo Santo ; o qual perguntando-lhe aonde hia taõ cedo , depois de ouvir a reſpoſta lhe mandou ſe recolheſſe outra vez a ſeu cubiculo até ſer de dia. Suſpeitando o meſtre que Franciſco queria obrar algum dos ſeus coſtumados prodigios , moſtrou , que obedecia voltando para ſua hoſpedagem ; mas logo foi ſeguindo ſeus paſſos para obſervalo. Chegou a perdelo de viſta , e depois de hum breve tempo o vio em hum valle junto ao Convento. Naõ foi pequena a admiraçaõ , que lhe cauzou quando em hum inſtante vio todo o valle illuminado , ardendo

do em labaredas de fogo. Concebeo deſta vizaõ tal medo do Santo, que o obrigou recolher-ſe ao ſeu cubiculo. Eſtava Franciſco todo elevado em Deos, e eſte manifeſtava ſempre com novos portentos a eſtreita uniaõ, e a continua converſa, que ſuſtentava com ſeu Servo. As labaredas, que illuminavaõ aquelle boſque, eraõ procedidas da ardente caridade, que abrazava o coraçaõ de Franciſco, que, naõ cabendo dentro do ſeu peito, procurava os campos para o deſafogo.

Já diſſemos que ſempre andou deſcalço: por cujo motivo devemos notar que, andando pizando abrolhos, e lodos, ſempre ſe lhe viraõ os pés muito limpos, e ſem ferida alguma. Paſſou em huma occaziaõ por hum ſitio cheio de eſpinhos, aonde os bois naõ poderaõ entrar; e como foſſe precizo fazer eſtrada neſte lugar para ſerviço da obra, elle meſmo desbaſtou, e alimpou todo o caminho dos abrolhos, e matos cheios de eſpinhos, ſem receber offenſa alguma. Cavando ſeus Religiozos para tirar pedra de huma pedreira por dar aviamento aos alvineos, deraõ com hum enxame de beſpas; temendo os Religiozos as picadas deſtes inſectos, recorreraõ ao noſſo Santo, que andava occupado com o repartimento dos cubiculos do Convento. Ouvida a novidade, foi á pedreira, e mandou a todos os circunſtantes que ſe retiraſſem: obedeceraõ ás ordens de Franciſco, excepto hum, que ſe deixou ficar eſcondido, que vio ao noſſo Santo que, apanhando huma por huma as beſpas todas, as hia pondo na aba da tunica, que tinha regaçada; e aſſim que as ajuntou todas, foi deitalas em huma mata, que ficava perto daquelle ſitio, no qual nunca mais as viraõ.

Naõ tem numero, nem he facil reduzir a algariſmo a multidaõ de peſſoas, que mudaraõ de coſtumes, e reformaraõ ſuas acçoẽs, ſó á viſta dos milagres de Franciſco: a huns deſcobrindo os ſegredos mais occultos de ſuas conſciencias, e a outros ſocorrendo-os nas ſuas enfermidades do corpo, ſarando ao meſ-

mo tempo as queixas da alma. Aonde naõ baſtavaõ ſuas virtudes para compungir os coraçoẽs, obrava prodigios para liquidalos, ainda que foſſem pedras na dureza : daqui ſe ſeguia que eſtes ſe rendiaõ obrigados da ternura , ou conſtrangidos do medo : de hum , e outro modo ſempre os diſpunha para fazer tudo quanto Franciſco lhes mandava para maior gloria de Deos, e para ſeu proprio bem. Ordenava a huns, que procuraſſem purificar ſuas conſciencias , ſe queriaõ ſarar das enfermidades , que experimentavaõ nos ſeus corpos ; aconſelhava a outros que com os jejuns de paõ, e agua ſe cançaſſem primeiro em ſatisfazer ſuas culpas: a outros preſcrevia que mudaſſem de conducta no modo de vida , ſe dezejavaõ melhorar : a outros mandava que com as vizitas das Igrejas ſe lembraſſem de Deos , de quem moſtravaõ eſtarem eſquecidos pelas obras , que praticavaõ : finalmente a outros dizia que todos os males, quantos ſe experimentaõ neſte mundo, procedem dos peccados ; ſe queriaõ ſer prezervados, procuraſſem evitar commetter outros daquelles peccados de novo ; e ſe dezejavaõ recuperar a ſaude , que ſe dedicaſſem a chorar as culpas antecedentes.

Melhorou com ſeus exemplos a muitas almas, entre as quaes devem ter o primeiro lugar ſeus illuſtres Pais , que, além da grande piedade , de que eſtavaõ adornados , alcançaraõ a felicidade de ter hum filho por natureza , que nos ultimos annos de ſua vida chegou a ſer ſeu Pai no eſpirito. Vienna , ditoza Mãi de Franciſco, ſe ſujeitou a viver toda dedicada a Deos debaixo da direcçaõ de ſeu ſanto filho , acabando ſeus dias com felicidade , porque na ſua morte lhe aſſiſtio Franciſco , o qual a mandou ſepultar na Igreja deſta primeira fundaçaõ de Paula , havendo profeſſado o habito da Ordem Terceira , que ſeu meſmo filho havia inſtituido. Seu Pai , depois da morte de Vienna , abandonando totalmente o mundo , do qual tinha , havia muitos annos , apartado ſeu coraçaõ ; tomou o habito de Oblato , e profeſſou nas maõs de

Fran-

Franciſco, ſeu ſanto filho: viveo Jacob Martolilha noventa e ſinco annos, taõ cheio de virtudes, como de dias; morreu eſte feliz homem nos braços de ſeu amado filho, fazendo-ſe digno das bençaõs de Deos, e das aclamaçoẽs dos homens por haver illuſtrado ſua idade naõ ſó com a nobreza do ſeu ſangue, mas tambem com os exemplos de ſuas continuas virtudes: como tambem por haver provído a futura idade com as memorias das maravilhas de ſeu filho; eſpirou no meſmo tempo, em que os ſinos, depois do ſol poſto, avizavaõ ao povo rezar a ſaudaçaõ Angelica, que vulgarmente ſe diz *Ave Marias*, ſendo amantiſſimo, e devotiſſimo deſta ſoberana Rainha dos Anjos. Na manhãa ſeguinte divulgada pela Cidade a morte, ou, para melhor dizer, o tranſito deſte exemplariſſimo Religiozo; concorreraõ com grande ancia todos os moradores de Paula para lhe bejar os pés, ſupondo piedozamente, e inferindo de ſuas virtudes eſtaria já de poſſe dos bens eternos, que o Creador tem preparado para premio dos que neſta vida com fidelidade o ſervem: foi ſepultado junto á ſua feliz conſorte no meſmo Convento de Paula, ſendo eſtes os primeiros mortaes eſpolios que, como em preciozo relicario ſe conſervaõ naquella Igreja para memoria da poſteridade, e para a veneraçaõ privada dos Fieis.

Por naõ dilatar-nos em referir o exceſſivo numero dos ſujeitos, que com os exemplos de Franciſco melhoravaõ ſeus eſpiritos, me contentarei ſó em deſcrever os primeiros filhos, que o Santo agregou a ſi, cujos nomes ficaõ já expreſſados; os quaes ſeguindo o exemplo de Franciſco ſe aperfeiçoaraõ no caminho da virtude. Poſſo aqui fazer tambem lembrança de alguns Eccleziaſticos, os quaes ſó com tratar, e fallar ao Santo, melhoraraõ com muita ventagem ſeus eſpiritos. De alguns temos feito eſpecial memoria nos capitulos ancedentes, referindo alguns milagres, que Franciſco obrou em beneficio da ſua ſaude, e para excitalos á virtude. Se quizeſſemos fallar de todos, era

precizo dizer, que quantos tiveraõ a felicidade de ver a Franciſco, de converſalo, e conſultalo, todos foraõ melhorados nas ſuas almas; porque a efficacia das ſuas virtudes, ou os tirava do abyſmo da culpa para as delicias da graça, ou os fazia melhorar neſta; augmentando-lhes o merecimento com as obras de piedade, ás quaes os obrigava com ſeu exemplo.

LIVRO II.

Da Vida do Patriarca S. Franciſco de Paula Fundador da Ordem dos Minimos, em que ſe trataõ as acçoens prodigiozas do Santo, deſde que ſahio de Paula para Paterno, até á Fundaçaõ do Convento de Cotroni.

CAPITULO I.

Parte o Santo de Paula, chega a Paterno, e funda a ſegunda Caza, ou Convento.

JA' a fama das heroicas acçoẽs de Franciſco em altos gritos publicou os ſeus ſobrenaturaes portentos, e o applauzo univerſal de ſua ſantidade naõ cabendo nos confins de Paula, paſſaraõ a partes mais remotas para fazer notorio ſeu merecimento, e celebre ſeu nome. De toda a parte partiaõ aſſim homens, como mulheres, aſſim illuſtres, como plebeos; e para dizelo de huma vez, os póvos inteiros procurando a Franciſco para implorar mercês, e alcançar remedios das ſuas incuraveis queixas, alguns buſcavaõ ſeu patrocinio nas neceſſidades mais graves, outros ſe conduziaõ á ſua prezença para admirar as mais raras maravilhas, que já eraõ ordinarias pelo uzo; e outros finalmente para ſerem teſtemunhas da facilidade, com que ſua virtude obrava os milagres. Por toda a parte ſe ouviaõ os eccos dos louvores, que as linguas articulavaõ aplaudindo ſua ſantidade.

Entre a multidaõ de peſſoas, que a eſte effeito foraõ a Paula, Paulo Rendacio natural de Paterno, homem de virtude naõ vulgar, dotado de entendimento, e de ſciencia mais que ordinaria, logo que vio, fallou, e tratou ao noſſo Santo, concebeo taõ alta eſtimaçaõ delle, e nutrio no ſeu coraçaõ tanto affecto, que ſe lhe fez impoſſivel poder-ſe apartar de Franciſco. Alguns Auctores querem que em Paula pediſſe, e recebeſſe o habito do Santo; outros porém referem havelo recebido depois de chegar a Paterno; aonde naõ ſó o admittio no numero dos ſeus Alumnos, mas tambem lhe confiou ſeus ſegredos. O certo he que ou foſſe ſecular antes de chegar a Paterno, ou foſſe já Religiozo, elle foi o principal inſtrumento, e o primeiro motor da jornada, que o Santo emprehendeo para eſta ſegunda fundaçaõ.

He Paterno huma das mais nobres, e ricas Villas, que tem na ſua vizinhança a Cidade de Coſſenſſia, tanto pela ſua antiguidade, como pela muita riqueza do grande numero dos ſeus moradores, fazendo-ſe merecedora do titulo de Cidade, mais que de Villa, pela ſua avultada povoaçaõ. Ouvindo Franciſco a Paulo Rendacio, que naquella ſua patria ſe podia fazer huma grande colheita de almas para o Ceo, ſe plantaſſe naquella terra huma ſó colonia daquelle novo inſtituto, e recebendo de todos os vizinhos, que compunhaõ aquella Villa multiplicados, e continuos convites, nos quaes manifeſtaraõ os extremozos dezejos, de que hum homem taõ ſanto como Franciſco chegaſſe a pizar aquella terra, perſuadidos alcançariaõ do Ceo todas ſuas felicidades com eſte beneficio, deixando-lhes para penhor da eterna bençaõ alguma parte dos filhos, que com tanta felicidade creſciaõ em numero, e virtudes. Conſultando primeiro eſte negocio com Deos, ſegundo ſeu inſeparavel coſtume, determinou a jornada, a qual acabada com o dia chegou a Paterno: porém antes que entraſſe neſte povo, ſe encontrou com hum grande numero

mero de gente, que ſahio a recebelo. Foi eſte o mais nobre, e devoto eſpectaculo, que ſe pode imaginar, porque era inexplicavel a alegria de todos, que naõ cabendo dentro de ſeus peitos, ſe manifeſtava: brotando lagrimas ſe davaõ mutuamente os parabens de ter entre elles a Franciſco; e com grande alvoroço cheios de reverencia lhe bejavaõ as maõs, o habito, e os pés; e os que naõ podiaõ chegar a praticar algum deſtes actos, ſe davaõ por ditozos em bejar a terra, que o Santo havia pizado. Outros cantavaõ hymnos, e louvores a Deos para moſtrar o agradecimento de beneficio taõ ſingular; e formando todos hum numerozo, e devoto acompanhamento o conduziraõ até aos muros de Paterno.

Deſde eſte ſitio ſe formou huma ſolemne prociſſaõ, com a qual levaraõ ao Santo até á Igreja Matriz. Os que por legitimo impedimento naõ poderaõ ſair de ſuas cazas, corriaõ as ruas, por onde o Santo devia paſſar, com grande ancia, e com a meſma chegavaõ ás janellas todas as peſſoas impoſſibilitadas de ſair á rua. Naõ era ſó a gente de Paterno a que compunha eſte numerozo concurſo, mas ſim grande parte dos póvos vezinhos. Eſtavaõ as ruas taõ occupadas, que algumas vezes lhe foi precizo a Franciſco ceder ao numerozo impeto do povo para naõ ficar opprimido entre elle. Logo que chegou á Igreja Matriz deo as correſpondentes graças ao Dador de todos os beneficios, por havelo conduzido áquella terra livre de todo o perigo, e por ter chegado a huma Villa, na qual andavaõ á porfia o amor de Deos com a piedade dos coraçoẽs.

Deſtinaraõ para ſua aſſiſtencia huma ermida ſita entre os quatro caſtellos, que ſervem de coroa áquella Villa; junto a eſta pequena Igreja ſe achavaõ alguns cubiculos, que algum dia occupavaõ os Frades chamados da Diſciplina. Fizeraõ os naturaes de Paterno ceſſáõ de tudo a Franciſco para que podeſſe acomodar-ſe junto com alguns Religiozos, que em

ſua

ſua companhia vieraõ de Paula, até que podeſſe conſtruir maior Igreja, e Convento mais amplo. Naõ tardou muitos dias que naõ deſſem principio a eſta obra, porque naõ eraõ ſó as eſmolas copiozas, que continuamente recebia de todas a partes, mas tambem hum grande numero de peſſoas, que ſe offereciaõ para trabalhar, havendo entre eſtas muitas diſtinctas, que pertendiaõ occupar-ſe, applicando ſuas proprias maõs ao trabalho para fazer merecimento na prezença de Franciſco, a quem adoravaõ como a Vice-Deos: os filhos de Paterno entre os mais ſe deſtinguiraõ aſſim no ſuſtento do Santo com ſua pequena familia, por muitos tempos, como em ſerem os primeiros, e os mais principaes para os ſoccorros, e trabalho da obra.

Naõ falta quem diga que o Arcebiſpo de Coſſenſſia poz a primeira pedra, obſervando todas as ſolemnidades, que para ſemelhantes funçoẽs preſcreve o Ceremonial Romano. O certo he que Franciſco inſpirado por Deos, alcançando do Arcebiſpo as licenças neceſſarias, por tres vezes em aquelle meſmo dia prégou ao povo, que ſe moſtrava dependente de ſua voz; porque foi tal o fructo que recolheo, que hum grande numero dos ouvintes tomou a rezoluçaõ de abandonar as culpas, e abraçar as virtudes.

Entrou depois a repartir entre todo o povo huma quantidade de fruta, que milagrozamente achou em huma freſta daquella Ermida, ſem nunca ſe ter podido averiguar, nem donde veio, nem quem a conduzio áquelle ſitio. Além de ſerem muito ſaborozas, ſe lhes deſcobrio a virtude de ſerem remedio para muitas enfermidades: entre outras, nove peſſoas, que padeciaõ accidentes, chamados vulgarmente de gota coral, recuperaraõ ſua ſaude, ſegundo a depoziçaõ das teſtemunhas do proceſſo da ſua canonizaçaõ. Quiz o Santo com a repartiçaõ deſta fruta dar huma alegria univerſal ao povo, aſſim como em ſemelhantes funçoẽs ſe coſtuma deitar dinheiro, ou medalhas, quan-

quando saõ pessoas grandes os auctores desta qualidade de obras.

Fallaremos agora com mais particularidade da fundaçaõ desta segunda caza da Religiaõ de Francisco, rezervando para o capitulo seguinte referir os grandes milagres que nella obrou, os quaes foraõ taes, e tantos, que, segundo as vozes commũas de todos os escritores da Ordem, o Convento de Paterno se deve intitular o Convento dos milagres. O orago da nova Igreja he a Senhora da Annunciada, titulo, que alguns querem fosse da antiga pequena Igreja dos Frades da Disciplina; o qual o Santo quiz conservar na que fabricou de novo em obzequio de MARIA Santissima, e do Mysterio da Encarnaçaõ do Verbo, mostrando a grande devoçaõ, que tinha a esta soberana Rainha, dedicando-lhe as duas primeiras Igrejas debaixo dos seus Divinos auspicios: a de Paula com o titulo da Senhora dos Anjos, como dissemos no seu lugar, e esta de Paterno com o da Annunciada.

Junto a esta Igreja edificou o Convento com hum claustro competente, e só com hum braço de dormitorio, que de huma, e outra parte tem suficientes cellas. Depois se lhe acrescentou outro braço com outras competentes cellas, que se chama o dormitorio novo. Distante do Convento se acha a enfermaria segundo o antigo costume da nossa Ordem, e conselho do Santo expressado na Regra, que actualmente observa a Religiaõ Minima. Muito mais longe se conserva ainda a cella, ou pequena caza, onde Francisco affistia em hum angulo da cerca solitario, para unir-se com Deos: acha-se prezentemente feita ermida, á qual todas as Sextas feiras do anno se dirige huma Via Sacra pela Communidade. O pavimento está coberto de huns estrados de taboas em reverencia do muito sangue, com o qual o rubricou Francisco com asperissimas disciplinas, que ainda hoje, levantando-se alguns dos estrados, que de propozito se fizeraõ, se vê o sangue taõ rubicundo como se fosse acabado de derramar.

O

O que ſe faz mais digno de admiraçaõ ſobre tudo, em eſta nova fundaçaõ, aſſim da Igreja, como do Convento, he que ſe edificaraõ com hum continuo exercicio de virtudes, que praticaraõ os que contribuiraõ com as deſpezas, e com o trabalho corporal, e finalmente com quotidianos milagres, que o Santo obrou, que naõ houve dia algum, em quanto durou a obra, que naõ ſe admiraſſem novos prodigios. Por eſte motivo ſe deve notar a devoçaõ terna, o amor á ſoledade, e retiro, a interna compunçaõ, que ainda no tempo prezente inſpiraõ aquelles muros, naõ ſó aos Religiozos que lá moraõ, mas ainda aos que de fóra vaõ vizitar eſte ſantuario; de tal ſorte que apenas entraõ pelas portas, ou da Igreja, ou do Convento, ſentem todos hum ſagrado movimento no eſpirito, que os inclina com inexplicavel affecto áquelle retiro, imprimindo nos coraçoẽs huma ſobrenatural piedade.

CAPITULO II.

Milagres, que Franciſco obra por ſi meſmo: milagres, que em ſeu nome faz obrar aos Religiozos neſta ſegunda caza, que funda.

NAõ podemos na vervade fallar do Convento de Paterno ſem referirmos em cada palavra hum milagre; porque foraõ eſtes taõ ordinarios, e taõ uzuaes, que bem ſe pode dizer que excederaõ ao numero das pedras, que compoem aquelles edificios. Em Paula pricnipiou Franciſco a abrir as maõs para obrar maravilhas com abundancia; mas em Paterno as teve ſempre abertas para formar torrentes de prodigios; de tal ſorte, que ſe nos proceſſos feitos para ſua canonizaçaõ ſe quizeſſem eſcrever todos, naõ ſe chegaria ao fim delles com facilidade. Seria impraticavel empreza ſe quizeſſemos referir com miudeza todos os milagres, que em Paterno obrou o Santo. Faremos

remos ſó memoria de alguns, que referem os noſſos eſcritores, ou tirados dos proceſſos de ſua vida, que ſe fizeraõ juridicamente para ſua canonizaçaõ, ou pela noticia que por tradiçaõ adquiriraõ dos primeiros Religiozos companheiros do noſſo Santo. Deſtes poucos, de que fazemos aqui lembrança, poderá inferir o devoto leitor quanto obraria Deos pelos meritos do Santo em outros innumeraveis, que neſte ſitio admiraraõ os moradores de Paterno.

Eſcolhido, e determinado o ſitio para a fundaçaõ deſte Convento, ſe achou campo baſtante para ſe executar a planta, que os arquitectos fizeraõ, e ſó ſe dezejava maior extençaõ na planicie, que eſtava occupada por hum outeiro, que cuſtaria muita deſpeza, e naõ menos trabalho o deſentulho: eſcolhendo Franciſco o meio mais breve, recorre á Divina Omnipotencia, e com hum milagre remedea tudo. A' viſta de todos principiou a mover-ſe o outeiro com hum fluxo, e refluxo, e continuando eſte movimento hia desfazendo-ſe, e ſomindo-ſe no ſeu meſmo centro com perceptivel pauza, como ſe tiveſſe por baixo alguma cova do ſeu meſmo tamanho, onde ſe enterrar, de ſorte que em breves horas o meſmo outeiro ſervio de planicie para receber a parte, que lhe tocava dos alicerces dentro do ſeu centro. Obrado eſte prodigio, e abertos os fundamentos, ſegundo o riſco, neceſſitavaõ os officiaes de pedra para os encher, de area, e agua para fabricar. Franciſco, que naõ ſoffria demoras no ſerviço de Deos, deo logo providencia a tudo, dando tres pancadas na terra com ſeu bordaõ em tres diſtinctos lugares, dizendo aos officiaes: *Aqui neſte ſitio, cavando, achareis a pedra neceſſaria; em eſtoutro achareis area; e finalmente neſte ultimo, fazendo huma cova com a enchada, deſcobrireis agua com abundancia.* Tudo ſe executou, e tudo ſe verificou como o Santo havia predicto, achando todos os materiaes milagrozamente ſem maior fadiga.

Faltava a cal; e para dar providencia, obrou tam-

tambem outro prodigio. Mandou Franciſco fazer dous fornos, hum para cozer telha, e outro para cal; ao primeiro ordenou que ſe lhe déſſe fogo á tarde, e ao ſegundo naõ ſe lhe poz fogo algum: mas ao outro dia pela manhãa ambos os fornos ſe acharaõ cozidos, e mandou aos trabalhadores, que tiraſſem do forno as telhas porque já eſtavaõ cozidas. Naõ tiveraõ duvida em executar o que o Santo havia mandado; porque no dia antecedente viraõ que ſe tinha applicado fogo áquelle forno; mas como tambem lhes mandaſſe tirar cal do forno, que eſtava cheio de pedra ſem ſe lhe haver poſto fogo para ſe cozer, reſponderaõ os trabalhadores: *Como quer Fr. Franciſco que tiremos cal de hum forno, que ainda naõ teve lume, nem lenha para principiar-ſe a cozer? Naõ importa*, replicou o Santo, *ſe as telhas eſtaõ cozidas, tambem a cal eſtará feita; naõ gaſtemos mais tempo, vamos ao trabalho.* Obedeceraõ os trabalhadores, e foraõ tirando do forno a cal taõ cozida como ſe houveſſe ardido muitos dias.

Eſtava hum grande numero de gente trabalhando em hum córte de madeiras em huma ſerra naõ muito longe de Paterno. O calor da eſtaçaõ, por ſer de veraõ, e o trabalho cauzava inſuportavel ſede a todos: naõ encontrando perto fonte alguma, aonde podeſſem refrigerar-ſe, recorreraõ ao Santo com as eſperanças da ſua milagroza providencia. Naõ ſe enganaraõ, porque Franciſco, apenas ouvio a neceſſidade, deo logo huma pancada com o ſeu bordaõ ſobre a terra, e della fez brotar huma fonte: eſta meſma agua depois mandou que ſe encaminhaſſe ao Convento para uzo dos ſeus Religiozos; e fazendo os officiaes cano para correr eſta agua, encontraraõ no caminho, que faziaõ, hum penedo, que impedia o curſo das aguas. Manifeſtando eſte embaraço ao Santo, mandou ao penedo que ſe apartaſſe daquelle ſitio para que as aguas ſeguiſſem ſeu curſo: obedeceo a rocha, e com felicidade chegaraõ as aguas a ſeu deſtino.

De-

Devia-ſe pôr ſobre a porta da Igreja huma arquitrave lavrada de huma pedra inteiriça ; forão os officiaes , e trabalhadores para conduzir a pedra , e colocala no ſeu lugar ; mas como o Demonio , inimigo declarado de Franciſco , e , por conſeguinte , de ſuas obras , tomaſſe a figura de trabalhador , chegando-ſe á pedra com a ſua malicia , a fez immovel de ſorte que toda a gente , que andava na obra , não a podérão mover : conhecendo o Santo a cauza , e que o Demonio ſe eſtava rindo deſte mal que cauzava , chegando-ſe á pedra chamou áquelle eſpirito maligno , transformado em figura humana , e lhe diſſe : *Péga tu deſſe lado, que eu pegarei deſte*: entre ambos levarão a pedra até á porta da Igreja, onde o Demonio deixando-a cahir de pancada ſobre hum páo , ſe partio a pedra ao meio. Ficarão todos penetrados de ſentimento por ver aquella peça , que já não podia ſervir , e pela dificuldade , que havia de achar outra da meſma grandeza. *Não vos deſconſoleis* , diſſe o Santo a todos os circunſtantes, *que iſto ſe remedea com facilidade* tocando a pedra com ſuas maõs no lugar , em que eſtava eſpeçada , logo a reunio , deixando-a inteira ; ainda que ſempre lhe ficou á moſtra o fio , por onde havia quebrado , como actualmente ſe eſtá vendo no ſitio onde eſtá colocada ſobre a porta da Igreja.

Dez juntas de bois metterão em hum carro para puxar huma trave de grandeza deſmarcada. Não podião eſtas juntas com o pezo, de ſorte que ficarão eſtacadas ſem poder dar hum paſſo para diante : chegou Franciſco , e vendo que as forças daquelles animaes não alcançavão a puxar pela trave, mandou tirar as nove juntas , e que deixaſſem ſó huma , e dando tres pancadadas ſobre a trave com huma vara , que tinha nas maõs , mandou picar os bois , os quaes com muita ligeireza conduzirão a trave ao ſeu deſtino.

Prendeo o fogo na mata onde andavaõ cortando madeiras para a obra, e vendo o Santo que as labaredas

baredas hiaõ chegando para o ſitio onde eſtavaõ os páos já preparados para o ſerviço do Convento, levantando a voz diſſe, olhando para as chammas: *Queimai o que for voſſo, e deixai o alheio.* Baſtou iſto para naõ paſſar o fogo mais adiante, e apagar-ſe. Em outra occaziaõ eſtavaõ dezoito traves em toſco, e no outro dia ſe acharaõ todas lavradas. Havia hum grande numero de páos, que eſtavaõ tortos, e os acharaõ todos direitos: porém devemos aqui fazer particular mençaõ do que ſuccedeo com huma trave, que achando-ſe mais curta do que era precizo para cavalgar ſobre as paredes, em que ſe devia pôr, de ſorte que poſta ſobre a parede de hum lado naõ alcançava a outra; chamou o Santo aos officiaes de carpinteiro, e lhes mandou que puxaſſem do ſeu lado a trave em quanto elle puxava do outro; e deſte modo eſtendeu o páo quanto era precizo para ſervir.

Eſtavaõ hum dia os Religiozos filhos de Franciſco muito afflictos, porque havendo cortado grande porçaõ de madeira de huma charneca, aonde ſe achavaõ, naõ tinhaõ modo de conduzila para a obra deſte Convento. Viraõ que alli perto andavaõ paſtando huns novilhos de hum homem chamado Jacome Montoro natural da Cidade de Nicaſtro; foraõ dous dos ditos Religiozos fallar a eſte ſujeito para que lhe mandaſſe conduzir aquellas madeiras pelos ſeus bois; mas como ſe eſcuzaſſe de deferir-lhes á ſua petiçaõ dizendo que os bois naõ eſtavaõ capazes de pollos á canga por ſerem novilhos ſem eſtarem amanſados; replicaraõ os Religiozos que naõ importava que os bois foſſem bravos, e indomitos, porque elles ſe promettiaõ em nome do ſeu Padre Fr. Franciſco, que conduziriaõ a carga a ſeu deſtino ſem repugnancia. Verificouſe com o effeito o que os Religiozos haviaõ dito com fé no ſeu Santo Patriarca; porque foraõ, com conſentimento de ſeu dono buſcar os novilhos, que, como manſos cordeiros, levaraõ ao carro, o qual conduziraõ carregado até á obra.

Procu-

Procuraraõ os officiaes da obra com grande preſſa ao Santo para lhe dar parte que o forno da cal, que ſe eſtava cozendo, ameaçava ruina, por quanto huma pedra grande, que ſuſtentava o forno, com a violencia do fogo eſtava fóra do ſeu lugar, com evidente perigo de cahir tudo no chaõ. Naõ ſe alterou o Santo com eſta noticia, e chegando-ſe á viſta do forno deo hum bordaõ, que trazia na maõ, a hum Religiozo ſeu, chamado Santolino, a quem mandou entraſſe dentro do forno, e lhe pozeſſe o bordaõ por eſpeque para reparar a ruina que ameaçava. Executou Santolino quanto Franciſco lhe havia ordenado, ſahindo do forno ſem lezaõ alguma. Naõ parou aqui o milagre: no dia ſeguinte acabado de cozer eſte forno, logo que ſe apagaraõ as labaredas, mandou a ſeus Religiozos, e trabalhadores que cada qual foſſe com hum ceſto para tirar a cal do forno, que o queria deſocupado para logo empedralo de novo, e cozer outra fornada, que era muito preciza. Acabando de proferir eſta ordem tomou o Santo hum ceſto, e foi o primeiro que entrou no forno para tirar a cal, que ainda eſtava em braza, ſem experimentar nem elle, nem ſeus Religiozos lezaõ alguma.

CAPITULO III.

Plantas, que faz naſcer, e creſcer em hum inſtante: comida, que multiplica com milagres: com o cuſpo, e com os dedos fórma de huma poſta de carne as feiçoẽs de hum perfeito menino.

PODERA' facilmente ſucceder que algum dos leitores deſte livro naõ faça goſto deſta hiſtoria por ver tantos milagres accumulados huns ſobre os outros, repetindo hum grande numero delles ſem introducçaõ; mas podemos ſegurar que muitos mais dei-

xamos de referir, por cauza da brevidade: e deve attender o leitor que a vida exterior do noſſo Santo Patriarca foi hum milagre continuado, e ſe podia reputar por milagre algum breve tempo que naõ fizeſſe milagres. A noſſa mente em referilos naõ he outra mais que excitar a eſperança dos Fiéis, para que confiem no ſeu patrocinio applicando os meios, que o meſmo Santo fazia obſervar aos que receberaõ beneficios do Ceo pela ſua maõ. Eſcreveremos neſte capitulo os milagres com alguma diſtinçaõ para fazermos a liçaõ menos faſtidioza.

Eſtava já todo o vigamento do tecto prompto, e quando ſe foi armar ſe achou que faltava huma trave; para procurar eſta foi Franciſco buſcar a hum homem, que tinha huma erdade, que ſe compunha de caſtanheiros, e como naõ o achaſſe em caza, empregou ſuas ſupplicas na mulher: eſta ouvindo a neceſſidade urgente, que lhe reprezentava o Santo, lhe ofereceo, politicamente, naõ ſó a trave que pedia, mas ainda toda a erdade. Com eſta permiſſaõ foi Franciſco com huma comitiva de ſerradores á erdade para cortar o páo, que era precizo. Apenas emprehendeo o Santo o caminho da erdade, quando o dono della voltando para ſua caza, e referindo-lhe ſua mulher a petiçaõ, que Franciſco lhe tinha feito, e o mais que havia ſuccedido; entrou a encher-ſe de colera, procedida de ſua avareza, contra a mulher, porque concedeo a licença de cortar aquelle páo. Depois de muitos gritos, e de razoẽs pezadas, que teve com ſua mulher, foi elle meſmo á erdade com animo de eſtorvar o corte ſe naõ eſtiveſſe feito, ou, ao menos, de naõ deixar-lho levar ſem pagar-lhe ſeu juſto preço. Chegou com effeito á erdade onde achou já cortado o caſtanheiro, e com eſte motivo improperou aos ſerradores, queixando-ſe, ao meſmo tempo, de Franciſco, que ſó com licença de ſua mulher entraſſe no ſeu prédio a fazer aquelle córte, e que de nenhum modo deixaria ſahir o páo ſem lhe pagar. Como Franciſco

ciſco já ſe havia reſtituhido ao Convento foraõ levar-lhe a noticia do que ſe paſſava, ao meſmo tempo que a mulher eſtava referindo-lhe o ſuccedido com o marido, que a maltratou com palavras. Procurou o Santo conſolala promettendo-lhe que ſeu marido applacaria a colera, e ficaria ſatisfeito do emporte do caſtanheiro, que ſe tinha cortado, e logõ partio para a erdade onde achou o dono della ainda baſtantemente enfadado altercando com os ſerradores: chamou ao homem, e lhe diſſe: *Amigo, eu naõ mandei cortar ſenaõ hum páo, naõ para meu ſerviço, mas ſim para o de Deos, perſuado-me que ficareis ſatisfeito com vos dar ſete caſtanheiros em lugar de hum.* Immediatamente que acabou de proferir eſtas palavras tirou da manga ſete caſtanhas ſeccas, ás quaes fazendo outros tantos buracos com o ſeu bordaõ as plantou em competente diſtancia; apenas as havia enterrado ſe viraõ produzir ſete caſtanheiros, que, á viſta de todos, creſceraõ em poucos momentos, como ſe tiveſſem paſſado muitos annos depois de plantados. Ao ver eſte portento raro o dono da erdade poz-ſe de joelhos aos pés de Franciſco pedindo-lhe perdaõ de todo o ſuccedido, e offerecendo-lhe toda a mata a ſeu diſpor. Eſtes meſmos caſtanheiros, excepto dous, que a piedade dos devotos conſomio levando-os em bocados para reliquias, ſe conſervaõ hoje dentro da noſſa cerca daquelle Convento, que prezentemente poſſuhe a referida mata, e no muro, que correſponde ao ſitio onde eſtaõ eſtes ſinco caſtanheiros, os noſſos Religiozos fizeraõ hum nicho, aonde collocaraõ a imagem do Santo para memoria deſte milagre, o qual ainda hoje ſe faz lembrado pela quantidade de fructo, que eſtas ſinco arvores produzem mais que as outras, ſervindo as caſtanhas de remedios para muitos doentes; e alguns pedaços de ſua rama, lavrando delles cruzes, ſe diſtribuem pelos noſſos Religiozos a varios devotos, que experimentaõ com ellas muitos prodigios.

Ha tambem na cerca do Convento de Paterno, além dos caſtanheiros que acabamos de referir, nogueiras, macieiras, e pereiras, que ſe lhes dá o titulo de arvores do Santo, porque ſeus fructos ſervem de remedio a muitos doentes, aſſim como diſſemos das caſtanhas; he muito veroſimil que todos eſtes vegetaveis tiveſſem a meſma origem que os caſtanheiros: naõ temos achado couza alguma, que certifique iſto nos AA. nem antigos, nem modernos; temos porém a tradiçaõ de tantos annos, que nos affirma ſerem plantadas pela meſma maõ do Santo, o qual obra tantos milagres a cada paſſo, de tal modo que parecia eſtava brincando com a natureza, uzando da virtude ſobrenatural, que Deos lhe tinha conferido, ao parecer das gentes, ſem neceſſidade, repetindo os meſmos prodigios em muitas partes, de ſorte que ſe notaõ alguns taõ ſemelhantes que ſó os diſtingue o lugar, e o tempo, em que foraõ executados, por cujo motivo deixamos muitos, que poderáõ entender os leitores ſerem os meſmos, pela ſemelhança, que tem entre ſi.

Foraõ ſem numero os milagres que obrou, multiplicando os comeſtiveis. Eſtavaõ dentro, e fóra do Convento de Paterno perto de tres mil peſſoas, que recorreraõ ao Santo para buſcar remedio de ſuas queixas; coſtumava Franciſco naõ deixar ir peſſoa alguma, das que hiaõ procura-lo, ſem dar-lhe alguma refeiçaõ corporal, depois de os conſolar no eſpirito; naõ tendo naquella occaziaõ couza alguma, com que refrigerar a tanta gente, mandou a Fr. Joaõ de S. Lucido que déſſe de comer, e beber a todo aquelle povo. Apenas Fr. Joaõ ouvio o que o Santo lhe ordenava, reſpondeo com profundo reſpeito: *Aonde, meu Padre, acharei provimento para dar de comer a tanta gente? naõ temos em caza mais que hum ceſto pequeno de paõ, e hum fraſco de vinho; huma, e outra couza deve ſervir no noſſo refeitorio para dar de jantar aos Religiozos; ſe quereis que ſe diſtribua,*

bua , além de ficarmos ſem nada , naõ pode chegar taõ pouco para taõ grande numero de peſſoas : ſorrio-ſe o Santo do reparo de Fr. Joaõ, e lhe mandou que foſſe buſcar o ceſto de paõ, e o fraſco de vinho, que Deos poderia fazer que chegaſſe a todos com abundancia : no entanto poz-ſe de joelhos em quanto fez huma breve oraçaõ ao todo Poderozo, e chegando o Religiozo, deitou ſua bençaõ ſobre o paõ, e o vinho, e foi logo diſtribuindo a todos, aſſim homens, como mulheres , ficando todos ſatisfeitos, e achando a meſma quantidade de paõ no ceſto , e o fraſco cheio de vinho , de ſorte que depois de haverem jantado os Religiozos , ainda alcançou para toda a gente , que andava trabalhando na obra.

Eſte meſmo milagre repetio em outras occazioẽs: huma dellas foi que eſtando vinte homens cortando madeiras para a meſma obra , e naõ tendo mais que hum pequeno paõ , com eſte jantáraõ todos , e lhes ficou para merendar com ſatisfaçaõ , ſendo-lhes eſte alimento taõ ſubſtanciozo que em hum ſó dia fizeraõ trabalho taõ grande , que outros naõ poderiaõ vencer em hum mez inteiro. Outra foi quando cincoenta trabalhadores, que eſtavaõ occupados em huma ſerra por conta do Santo , e tardando eſte em mandar-lhes o jantar , ſegundo ſeu coſtume; como eſta tardança foſſe cauza de murmurar do deſcuido de Franciſco ; appareceo pela eſtrada vizinha á dita ſerra hum homem bem conhecido dos taes trabalhadores , o qual , deſviando-ſe do caminho , procurou a ſombra de huma arvore junto ao ſitio onde eſtavaõ os que trabalhavaõ; e tirando do ſeu alforge hum paõ, e huma borracha de vinho para jantar , offereceo delle aos cincoenta homens , que alli ſe achavaõ : naõ obſtante que eſtes repugnavaõ aceitar a offerta , a inſtancias do tal paſſageiro , condeſcenderaõ em o acompanhar comendo todos do paõ , e bebendo do vinho , ſem achar nunca diminuiçaõ em huma , e outra couza : e depois de eſtarem todos muito ſatisfeitos , repentinamente deſ-

appareceo o homem, ficando todos admirados, porque chegaraõ a conhecer ſer eſta providencia de Deos, alcançada pelo Santo.

Huma pequena pipa de vinho eſtava na adega do Convento, que apenas poderia chegar a hum mez para o gaſto diario dos Religiozos; fez o Santo que duraſſe ſeis mezes, bebendo delle naõ ſó a Communidade, mas tambem a gente da obra, os pobres, os hoſpedes, e todos os que por alli paſſavaõ. Hum alqueire de legumes fez que duraſſe muitos mezes, cozendo-ſe todos os dias para os trabalhadores, peregrinos, e mendigos. Hum ceſtinho de fruta, que huma mulher devota lhe havia offerecido, a diſtribuhio dando com abundancia a duzentas peſſoas, que comeraõ della, ficando depois cheio o tal ceſtinho. Huma panela de legumes, que eſtava guizada ſó para ſeus Religiozos, fez que alcançaſſe a toda a gente, que andava na obra, que depois de eſtarem todos ſatisfeitos ſe achou a panela intacta. Huma ſelada, que o meſmo Santo temperou para dar de merendar a dous ſugeitos de Soréto, depois de eſtarem baſtantemente ſatisfeitos, ſe achou o prato como ſe o naõ tiveſſem tocado, e do meſmo modo o paõ, e o vinho, que ſervio neſta meza.

Trezentos homens, que andavaõ occupados na obra deſte Convento, eſtavaõ baſtantemente queixozos do Santo, porque naõ havia que dar-lhes de comer mais que huma pequena porçaõ de caſtanhas, e favas; mas logo appareceo Antonio Montovano de Altilia, lugar da Dioceze de Coſſencia, que lhe offereceu dous ſaccos de paõ, e huma pequena porçaõ de vinho, com que ficaraõ todos ſaciados maravilhozamente; alcançando ainda a hum grande numero de pobres, que ficaraõ remediados. Com hum ſó figo ſecco deo de comer a vinte homens, que andavaõ trabalhando no Convento de Paterno, e depois de eſtarem todos ſatisfeitos ſe achou o figo inteiro nas maõs do Santo á viſta de todos, que foraõ teſtemunhas no proceſ-

proceſſo de ſua Canonizaçaõ ; cujo milagre affirmaraõ haver o Santo repetido em outras tres occazioẽs. Tambem com hum ſó paõ ſatisfez abundantemente a trezentos trabalhadores , ficando-lhe nas maõs a maior parte delle , depois de ſaciados.

Depois de haver referido todos eſtes milagres , e deixado muitos mais da meſma eſpécie que nos levaria muito tempo em eſcreve-los , referiremos hum , que , pela ſua ſingularidade , ſe faz mais admiravel. Hum cavalheiro natural de Coſlencia da familia dos Roques , havendo cazado com huma ſenhora baſtantemente virtuoza , eſtava muito ſatisfeito daquella aliança , porque , poucos tempos depois de haver celebrado o Matrimonio , tinha evidentes eſperanças de alcançar o dezejado fructo para ſucceſſaõ da ſua caza ; mas chegando-ſe o tempo do parto , em lugar de dar á luz huma criança , arrojou de ſi hum monſtro , ou , para melhor dizer , huma poſta de carne , que naõ tinha figura humana do peito para ſima. Lembrou-lhe ao nobre , e illuſtre Pai a ſantidade de Franciſco para remedio da grande deſconſolaçaõ dos dous conſortes , juſtamente magoados , pela infelicidade do ſucceſſo. Com effeito recorreo ao Santo o referido cavalheiro fazendo jornada para Paterno , que ſó diſtava quatro milhas , levando com ſigo o monſtruozo parto , com a eſperança de que emendaria Franciſco os defeitos da natureza. Naõ eſtava o magoado , e nobre Pai muito longe de Paterno quando encontrou hum ſujeito natural deſta terra , por nome Franciſco Arbio , com o qual tinha amizade , e rogando-lhe quizeſſe acompanha-lo para lhe facilitar a entrada com o Santo , foraõ ambos ao Convento , aonde naõ foi preciſo que gaſtaſſe tempo o cavalheiro em referir o ſucceſſo , porque logo que lhe apprezentou o parto , lhe diſſe Franciſco , que reprimiſſe ſuas lagrimas , e que confiaſſe em Deos , cuja gloria devia reſplandecer naquelle monſtro. Poz-ſe o Santo em oraçaõ , e acabada eſta , molhou os ſeus dedos com cuſpo , e com elles foi formando

mando naquella póſta de carne olhos, nariz, boca, e as mais feiçoẽs, rezultando taõ formozo, que o mais deſtro pintor naõ poderia fingir. Com eſte taõ raro prodigio ficou o nobre Pai cheio de huma inexplicavel alegria, e Franciſco Arbio, teſtemunha jurada no proceſſo da Canonizaçaõ do Santo, que depoz eſte cazo cheio de admiraçaõ.

CAPITULO IV.

Mortos, que reſuſcita: moribundos, aos quaes ſegura a vida.

A Virtude de fazer milagres, que deu o Omnipotente a Franciſco, naõ foi limitada nem aos lugares, nem ao tempo, nem ás peſſoas, porque com toda a qualidade deſtas, em todo o tempo, e em todo o lugar obrou prodigios. Naõ ceſſamos de ſupplicar ao pio leitor naõ nos critique referir as maravilhas do noſſo Santo Patriarca, repetidas por elle com muita ſemelhança das que antecedentemente eſcrevemos, porque como vamos ſeguindo a ſerie Chronologica dos annos, para ſeguirmos a meſma ordem nas fundaçoẽs dos Conventos ſe nos faz precizo eſcrever os milagres, que em cada huma das terras, reſpective, obrou Deos pelos meritos de Franciſco. No primeiro livro referimos alguns dos muitos, que obrou em Paterno.

Tenlia o primeiro lugar o que experimentou Thomaz de Torres duas vezes reſuſcitado por Franciſco: era Thomaz carpinteiro de machado, que trabalhava por conta do Santo, e eſtando hum dia cortando pelo pé huma grande arvore de caſtanho, cahio-lhe eſta em ſima da cabeça que o privou logo da vida; eſtando prezente o Santo a eſte ſucceſſo mandou que todos os circunſtantes ſe retiraſſem, e logo, havendo feito huma breve oraçaõ a Deos, mandou levantar a Thomaz, o qual como ainda tinha o machado

chado na maõ com toda a ligeireza tornou, de todo ſaõ, a decepar outro caſtanheiro, como ſenaõ tiveſſe experimentado couza alguma. Eſte meſmo, paſſados dias, eſtando fazendo o andame para o campanario da Igreja, cahio daquella altura, que era de cincoenta pés geometricos, ficando ſeu corpo, além de morto, deſconjuntado. Naõ eſtava néſſe tempo Franciſco prezente, mas acodio ao eſtrondo, e ás vozes, que deraõ os que trabalhavaõ na meſma obra, e informando-ſe do cazo, com ar de rizo diſſe: *Thomaz naõ morreu, eſtá dormindo; eu o vou acordar, porque quem trabalha na caza de Deos, naõ pode morrer de diſgraça*: e chegando-ſe ao pé do cadaver diſſe: *O' Thomaz, acorda, e vai trabalhar.* O que executou eſte com toda a promptidaõ ſubindo outra vez ao andame para acabalo.

Outros dous officiaes, que cahiraõ de hum andame muito alto, hum dos quaes ſe chamava Leonardo, que trabalhava no arco da Capella mor, de donde cahio com ſeu companheiro, dizendo-lhes o Santo que ſe levantaſſem, foraõ reſtituhidos á vida. No tempo que ſe abriraõ os alicerces da Igreja eſtavaõ dous trabalhadores dentro do cabouco para o profundar, e como eſtiveſſe na borda huma ruma de pedras, eſtas com ſeu pezo quebraraõ a terra, e todas juntas ſepultaraõ os dous homens, que andavaõ cavando, privando-os da vida: correo o Santo junto com a mais gente da obra, que ouviraõ o eſtrondo, que fizeraõ as pedras quando cahiraõ dentro do alicerce, e achando os homens ſepultados mandou tirar a terra, e as pedras, que os cobriaõ, e ſe acharaõ os dous trabalhadores vivos, ſem lezaõ alguma, que continuaraõ logo o ſeu trabalho, para o qual os animou o Santo, dizendo que quem trabalha nas obras de Deos, naõ pode experimentar infelicidade alguma; porém os dous homens conhecendo o grande prodigio, que com elles havia Franciſco obrado, pondo-ſe de joelhos lhe deraõ os agradecimentos de reſtitui-los á vida.

Foraõ

Foraõ huns caçadores de Paterno a huma ſerra vizinha em procura de caça, e acharaõ a hum homem morto em hum valle, o qual morrera ſepultado debaixo da neve, que, havia dias, tinha cahido; movidos de piedade conduziraõ o cadaver a Paterno, e o levaraõ á prezença do Santo ſupplicando lhe ſe compadeceſſe daquelle pobre, que elles acharaõ ſuffocado no valle da ſerra: naõ ſe demorou o Santo em reſuſcitar eſte homem, porque havendo feito a coſtumada oraçaõ a Deos, deitou ſobre o corpo frio agua benta, e depois fazendo ſobre o meſmo o ſignal da cruz lhe diſſe: *Amigo, em nome de JESUS Chriſto Nazareno levanta-te, e anda por caridade*: obedeceo promptamente o defunto; levantou-ſe, andou, e fallando diſſe o dia de ſua morte opprimido da força da neve, que fazendo o computo ſe averiguou haver deſaſete dias, que eſtava privado da vida. A hum homem natural de Paterno por nome Thomaz, e barbeiro de profiſſaõ, que o levavaõ para entrega-lo á ſepultura, encontrando-ſe o Santo com a prociſſaõ deſte enterro, lhe deo hum brado para que ſe levantaſſe, e o reſtituhio á vida. A huma menina, que o Demonio tinha ſuffocado no berço, levando-a a enterrar, o Santo impedio a ſepultaſſem, porque chegando-ſe ao pé della fez ſahir do ſeu corpo o eſpirito maligno, que a matou, e continuou a viver dahi por diante.

Façamos agora paſſagem dos mortos aos moribundos, que livrou. Em Paterno ſe achava gravemente enfermo, com mortal doença, Luiz Paladini, Auditor Regio, e nobre morador de Lecce terra de Otranto, ao qual aſſiſtiaõ tres inſignes, e doutos Medicos, havia já hum mez; e conhecendo eſtes a obſtinaçaõ da enfermidade, que fazia inutil a arte, entregaraõ o doente á diſcriçaõ da natureza: ſua mulher vendo o marido em deſamparo tomou a rezoluçaõ de mandar hum proprio a Franciſco para que lhe acodiſſe neſta grande magoa, que lhe penetrava o coraçaõ. Chegando o menſageiro á prezença do Santo,

to, depois de informado da queixa, mandou que molhando duas fatias de paõ em vinagre as impoaſſem com pimenta, canella, cravo, e gingivre, e lhe applicaſſem huma fatia ſobre as coſtas, e a outra ſobre o eſtomago do enfermo. Ouvindo a mulher a receita, que Franciſco havia ordenado, naõ quiz polla em execuçaõ ſem conſultar os Medicos, os quaes aſſim que ficaraõ ſcientes do tal remedio, naõ ſe poderaõ conter que naõ blasfemaſſem contra o Santo, mas no entanto o doente hia cada dia peior, e gravando-ſe mais; chegou ás portas da morte. Tornou a mulher a mandar o proprio a Franciſco, o qual aſſim que o vio lhe diſſe: *Eu ſei muito bem porque tornas cá; volta para caza, e dize a quem te mandou, que quem naõ crê em Deos, naõ merece receber graça alguma; ſe quer que ſeu marido fique ſaõ, que faça o remedio, que lhe mandei dizer.* Tornou o proprio com eſte recado, á viſta do qual a mulher executou a receita das duas fatias de paõ na fórma que o Santo lhe tinha mandado, e logo o enfermo, que eſtava já ungido, e agonizante, repentinamente experimentou melhoras, dormindo, e comendo ás ſuas horas competentes, com grande admiraçaõ dos Medicos, e com extremada alegria da mulher.

Joaõ Bombino, homem cavalheiro, natural de Coſſencia, havia recebido na teſta hum couce de hum macho, que o privava da vida por inſtantes; por cujo motivo nenhum Cirurgiaõ ſe queria encarregar da cura, receando lhe eſpiraſſe nas maõs. Neſtes termos o Pai penetrado do mais vivo ſentimento pela falta do ſeu filho Joaõ, recorreo ao Santo, mandando que o conduziſſem ao Convento de Paterno já moribundo. Aſſim que eſte chegou á prezença de Franciſco, pondo-ſe o Pai de joelhos lhe ſupplicou quizeſſe dar remedio para ſeu filho eſcapar da morte, viſto nenhum Cirurgiaõ querer curar aquella mortal ferida. A eſta ſupplica reſpondeu o Santo que o levaſſem a Paulo de La Cava, para que o curaſſe, naõ obſtante ſer eſte hum

dos

dos Cirurgioẽs , que recuzou fazer a cura antecedentemente ; logo que lhe diſſeraõ que Franciſco o mandava , tomou a ſeu cargo executar quanto ſe lhe mandava , experimentando hum ſucceſſo taõ feliz , que em breves dias o deo por ſaõ , ſem adjutorio da arte , como o meſmo Paulo de La Cava depoz no juramento , que deo quando ſe formou o proceſſo para a canonizaçaõ do meſmo Santo.

Com huns poucos confeitos deo melhoras a hum primo de Alexandre Caruſo , natural de Paterno , o qual depois que ficou deſpedido dos Medicos , ſupplicou ao Santo lho reſtituhiſſe á perfeita ſaude. Com duas maçãs deo vida a hum criado de hum ſujeito de Paterno , que eſtava eſpirando, havendo-lhe ſupplicado ſeu amo quizeſſe compadecer-ſe daquelle pobre criado , que naõ achava já remedio na terra ; por dous Religiozos lhe mandou as duas maçãs para que o enfermo as comeſſe , e logo ficou totalmente ſaõ. A mulher de Guilherme de Torres , natural de Paterno , eſtava já agonizando ſem eſperanças de vida , quando foi ſeu marido buſcar ao Santo para implorar o auxilio da ſua virtude a favor da doente , e como Franciſco lhe diſſeſſe , que , ſe queria que a mulher tiveſſe ſaude , era precizo que elle levaſſe ás coſtas dez pedras para a obra : Guilherme , que eſtava afflicto com o cuidado de ſua conſorte , reſpondeo-lhe : *O' Padre , quer que eu perca aqui o tempo com acarretar pedra , quando eſtá minha mulher para eſpirar ?* e dizendo iſto com ar de enfadado , foi-ſe embora eſperançado que os remedios da medicina podeſſem valer para alivio da doente ; porém como naõ aproveitaſſem , e cada vez ſe achava a mulher em peior eſtado , naõ teve mais remedio ſenaõ voltar á prezença de Franciſco para renovar ſua ſupplica. A eſta ſegunda petiçaõ lhe reſpondeo o Santo , que foſſe para caza que acharia a mulher fóra de todo o perigo ; o que ſe verificou , e dahi por diante trabalhou de graça na obra da Igreja , e Convento.

Nico-

Nicolao Monaco tinha ſua mulher doente com perigo de vida, e como a enferma eſtava impoſſibilitada de ir á prezença do Santo, rogou a ſeu marido que lhe trouxeſſe algum bocado de habito do Santo, promettendo-ſe com eſta reliquia a ſaude. Foi Nicolao fallar a Franciſco expondo-lhe a petiçaõ de ſua mulher, á qual deferio, dando-lhe o cordaõ, que trazia cingido, e dizendo-lhe: *Vai, leva-lhe eſte cordaõ; que Deos proverá outro.* Apenas Nicolao poz nas maõs da mulher o cordaõ do Santo, ſe achou a enferma livre de febre, e totalmente ſãa. Naõ parou aqui o milagre. Como o Santo ficou ſem cordaõ, diſſe a hum Religiozo ſeu chamado Fr. Antonio, que pegaſſe na enxada, e cavaſſe em hum ſitio, que o meſmo Santo demarcou dentro da orta; que alli acharia hum cordaõ proporcionado para ſeu uzo. Fr. Antonio fez o que Franciſco lhe mandou; e a pouca diligencia achou hum cordaõ novo, o qual preparou, fazendo-lhe os nós coſtumados, e o levou ao Santo, dizendo-lhe: *O' meu Padre, vós tinheis enterrado hum cordaõ taõ bom?* ao que reſpondeo o Santo: *Deos provê de tudo nas neceſſidades.*

Franciſco Taccone, natural de Coſſencia, foi buſcar ao Santo a Paterno para vizita-lo, e ao tempo de deſpedir-ſe, ſe armou huma trovoada muito grande de chuva, trovoẽs, e relampagos; naõ permittio o Santo que ſe foſſe embora ſem o tempo ſerenar. Porém parecendo-lhe a Franciſco Taccone tempo opportuno para ſua retirada, deſpedio-ſe do Santo, que lhe deitou agua benta, porque eſtavaõ ambos na Igreja, e montou a cavallo. Chegou a huma ribeira, que com a trovoada tinha tomado muita agua: logo que entrou nella, vio-ſe em grande perigo de vida, porque a beſta logo perdendo pé hia junto com o cavalleiro pela agua abaixo. Vendo-ſe neſte riſco invocou o nome do Santo, e logo ſe achou da outra banda da ribeira ſem lezaõ alguma.

Naõ foi menos o que ſuccedeo a Antonio Merino

rino, natural de Paterno, que voltando de huma jornada de noute perdeo a eſtrada em huma charneca, e ſe encaminhava para huma barroca muito alta ſem ſaber por donde hia pela eſcuridade da noite. O Santo, que por inſpiraçaõ Divina ſoube deſte perigo, mandou dous Religiozos, que ſahiſſem a toda a preſſa para deſviar daquelle perigo a Antonio Marino. Quando os Religiozos chegaraõ, eſtava muito perto do precipicio, e ouvindo bradar ſe aſſuſtou, entendendo Antonio que ſeriaõ ladroẽs; porém os Religiozos o animaraõ, dizendo-lhe que o Santo os tinha mandado para livra-lo daquelle perigo, que elle ignorava, conhecendo depois quanto perto eſtava de perder a vida. Ainda paſſou mais adiante o milagre, que ſendo muito diſtante do Convento o ſitio, em que ſe achava Antonio Merino, tanto eſte, como os Religiozos, naõ deraõ mais que tres, ou quatro paſſos quando ſe acharaõ dentro do Convento, aonde Antonio, de joelhos, agradeceo ao Santo o beneficio.

CAPITULO V.

Cura toda a qualidade de enfermidades: e converte a muitos peccadores, trazendo-os á penitencia.

NINGUEM pode duvidar, que a virtude do noſſo Santo Patriarca foi taõ univerſal, que alcançava a curar todas as enfermidades, ainda que para occultar eſta ſobrenatural prerogativa ſe ſervia de ervas, e outras couzas mais, para que ſe attribuiſſe á cauza natural o remedio; porém com iſto meſmo ſe manifeſtava mais elevada a virtude do Santo, porque os remedios, de que uzava para occultar ſua ſantidade, naõ tinhaõ coherencia, e muitas vezes eraõ oppoſtos ás queixas, das quaes ſe livravaõ. Aſſim ſuccedeo eſtando Franciſco em huma mata aſſiſtindo a hum córte de madeiras, que mandou fazer para o Con-

Convento de Paterno, lhe appareceo Jacob Curto, natural do meſmo lugar, para lhe reprezentar que huma cunhada ſua, chamada Angela, ſe achava baſtantemente afflicta com huma retençaõ de ourina, que a levou ás portas da morte. Antes que Jacob lhe propozeſſe couza alguma á cerca da doença de ſua cunhada, lhe diſſe o Santo: *Eu já ſei que vens procurar-me por conta da queixa, que padece tua cunhada, e que queres que te dê alguma couza para levar-lhe, que lhe ſirva de remedio; aqui naõ tenho nada para te dar*; mas ao meſmo tempo voltando-ſe para huma ilharga, achou huma carvalheira (arvore, que naquella mata naõ havia, e foi produzida repentinamente) e eſtendendo o braço, tirou o Santo humas poucas de bollotas, ſendo fóra do tempo, e entregando-as a Jacob, lhe diſſe: *Vai a tua cunhada que coma eſſa fruta, que logo ſe achará boa*; o que ſe verificou immediatamente.

Alexandre Caputo ſe achava baſtantemente opprimido com a violencia de hum grande defluxo, que huma noute ſe vio quazi ſuffocado: o meſmo Santo pelas ſuas proprias maõs lhe deo de comer, e depois o mandou deitar debaixo de huma arvore, fazendo-lhe a cabeceira de ramos de ortelãa; e com iſto ſe vio livre totalmente da queixa, que padecia. Só com o cheiro deſta meſma erva curou as dores de enxaqueca a huma mulher, que naõ podia mover a cabeça. Com o ſumo da meſma erva curou muitas enfermidades; livrou a mulher de André Celeſte, natural de Paterno, de huma graviſſima doença, mandando-lhe por ſeu marido huma raiz de huma erva, a qual mandou que a applicaſſem ao nariz da enferma; eſta logo conciliou ſomno, e quando acordou ſe achou totalmente recuperada. Huma mulher que naõ podia andar de aleijada, recorrendo ao Santo, eſte lhe mandou que levaſſe hum ceſto de arêa para a obra deſde hum valle até ao Convento; executou a receita, e logo andou livremente ſem muletas.

Hum

Hum ſujeito amigo do Santo, chamado Antonio, natural de Nicaſtro, tendo ſeu filho muito doente, foi procurar a Franciſco para ſupplicar-lhe déſſe ſaude ao filho, que eſtava em perigo de vida. Ainda naõ tinha expoſto a queixa, quando o Santo lhe deo hum biſcoutinho, e huma maçãa para leva-la ao doente, e lhe diſſe que como devia paſſar pelo rio ſanto, junto á ponte da parte de ſima levantaſſe huma pedra debaixo da qual acharia tres caranguejos, hum que lho applicaſſem na teſta, e os dous hum em cada braço, que logo ſe acharia bom. Partio com eſta receita Antonio, e chegando á ponte do rio ſanto levantou a pedra, achou os tres caranguejos, e fez tudo o mais, que Franciſco lhe havia ordenado, conſeguindo com eſte remedio a ſaude de ſeu filho. Com agua cozida com humas ervas, que o meſmo Santo moſtrou, curou a huma mulher gravemente enferma. A Franciſco de Flores livrou de humas quartãas impertinentes, mandando-lhe que comeſſe ervilhas pequenas com a bainha. O azeite da alampada da Igreja era o balſamo mais excellente, com que curava todas as feridas: como ſuccedeo quando hum trabalhador, que trilhou huma maõ com o golpe de huma marra, que recebeo por deſcuido de hum official de cabouqueiro, que trabalhava ao pé delle quebrando huma pedra, que eſtando Franciſco prezente logo mandou buſcar azeite da alampada, e pondo-lho ſobre a maõ no meſmo inſtante ficou de todo bom, de ſorte que continuou ſeu trabalho.

A hum official de pedreiro eſtando trabalhando lhe cahio ſobre hum pé huma pedra, que lhe pizou, e quebrou huns oſſos; Franciſco logo lhe applicou huma folha de hum caſtanheiro, que eſtava perto, e ſó com eſte remedio ficou ſaõ. Bernardino de Flora eſtando trabalhando junto a outro, que cortava hum páo com hum machado, ſaltando eſte fóra do cabo cahio ſobre Bernardino, partindo-lhe a cabeça; acodio o Santo, e lha apertou entre ſuas maõs, por alguns

guns momentos, e ficou naõ ſó ſaõ, mas ſem final algum da ferida. Hum carpinteiro trabalhando com huma enxó, deu o golpe em falſo, e quebrou a perna, de ſorte que naõ lhe ficou mais que hum bocadinho de carne pegada: levantou-ſe o Santo, e tomando humas folhas de huma erva, que eſtava naquelle ſitio, logo ficou ſaõ de todo, que pode continuar com ſeu trabalho.

Seria nunca acabar ſe quizeſſemos continuar em referir todos os milagres, que achamos eſcritos por varios Auctores da noſſa Ordem, que comprovaõ a virtude univerſal, e efficaz, com que Franciſco, uzando de meios naturaes, que naõ tinhaõ mais virtude que aquella, que elle lhe dava, para occultar, movido de ſua profunda humildade, as maravilhas de Deos, que o eſcolheo para inſtrumento de taõ multiplicados prodigios; com os quaes corroborava na fé aos bons Catholicos, e reduzia á verdadeira penitencia os peccadores. Deſta eſpecie de milagres, que o Santo obrou na converſaõ de alguns, que viviaõ diſtrahidos, fallaremos agora.

Luiz Paladino, de quem antecedentemente temos fallado, Auditor de Coſſencia, a quem o Santo curou de huma enfermidade graviſſima; lhe adoeceu hum filho, a quem elle muito amava, e como ſe adiantou a doença, mandou hum menſageiro ao Santo pedindo quizeſſe intereſſar-ſe para impetrar a ſaude, que tanto dezejava para ſeu filho Franciſco: depois de receber o recado, reſpondeo ao menſageiro: *Dirás ao Auditor que procure ſer bom Catholico, ſe quer que viva ſeu filho, a quem tanto ama: que adminiſtre Juſtiça com a inteireza, que pede ſeu cargo, em beneficio do bem commum: que naõ procure os bens alheios, ſe naõ quer perder os ſeus proprios; que eu lhe prometto que ſeu filho naõ ha de morrer por agora, e que elle conſeguirá a ſalvaçaõ eterna.* Eſta correcçaõ produzio tanto effeito que ſegurou a vida do enfermo, e melhorou a alma do Pai, que mudou totalmente de ſiſtema na ſua occupaçaõ.

Entre trezentos homens de trabalho, que conduzio Franciſco a huma ſerra para fazer hum corte de madeiras, havia muitos, que viviaõ habitualmente em culpas mortaes: como Franciſco tinha claro conhecimento do eſtado das almas, vendo nellas, com ſeu eſpirito, as deformidades do peccado, aſſim como com os olhos corporaes conhecia as peſſoas, movido de hum juſto zelo, nas horas de deſcanço entrou a prégar-lhes com tal energia, e efficacia tomando por aſſumpto os damnos, que cauza o vicio, que todos os que ſe achavaõ comprehendidos nas culpas, apenas voltaraõ para o Convento procuráraõ confeſſar-ſe com verdadeiro arrependimento de haver offendido a Deos, e com huma conſtante rezoluçaõ de abandonar a vida, que até alli ſeguiraõ arraſtrados de ſuas paixoẽs. Foi eſta converſaõ cauza para que outros muitos mudaſſem de coſtumes.

A hum homem, que padecia grandes dores por todo o corpo, ſem poder averiguar a cauza dellas, nem achar remedio, que o aliviaſſe, recorrendo ao Santo, o ſarou, dizendo-lhe que fizeſſe huma boa confiſſaõ, que deixaſſe de uzurpar a fazenda alheia, contentando-ſe com a que tinha adquirido, e poderia adquirir com o ſeu ſuor, que deſta ſorte ficaria livre de ſuas queixas: derramando muitas lagrimas prometteo o homem executar quanto o Santo lhe dizia, e logo experimentou as melhoras. Outro ſujeito, que ſe achava quazi cego de hum olho, e eſtava totalmente cego na alma pelas muitas culpas, que havia commettido, perſeverando nellas; procurando a Franciſco para obter remedio da viſta corporal, ouvio de ſua boca que trataſſe de deixar os vicios, nos quaes jazia ſepultado, ſe queria ver-ſe livre da queixa, que padecia nos olhos, e continuou o Santo a pratica correctiva deſcobrindo-lhe os particulares de ſua conſciencia, fazendo-lhe lembrança dos peccados mais occultos, que gravavaõ, e cativavaõ ſua alma. Deſte modo reduzio a huma vida exemplar aquelle homem

que

que logo ſe achou bom da queixa, que padecia nos olhos.

Converſando em huma occaziaõ Franciſco com dous homens letrados ſobre os peccados, que os homens ordinariamente commettem no mundo, eſquecendo-ſe de Deos, e de ſuas almas; ponderou com tanta efficacia o riſco, que correm as almas com eſta conducta, e diſcorreo ſobre a materia com tanto zelo, que os dous letrados, achando-ſe comprehendidos naquellas culpas, entraraõ a olhar-ſe reciprocamente, parecendo-lhes que o Santo eſtava lendo quanto occultavaõ ſuas conſciencias, e movidos ambos da força das expreſſoẽs de Franciſco ſe pozeraõ de joelhos a ſeus pés, pedindo-lhe, lhes quizeſſe dar conſelho para alcançar a ſalvaçaõ eterna; ao que reſpondeo o Santo: *Amay a Deos, e ao proximo, e vos ſalvareis*: aſſim o prometteraõ; mas naõ o obſervaraõ, porque hum delles, chamado Antonio de Atilia, eſquecendo-ſe do avizo, e naõ cuidando de obſervar a promeſſa, continuou no ſeu antigo modo de vida. Foi hum dia o Santo a caza deſte a fallar-lhe em hum negocio, e deſpedindo-ſe depois de have-lo evacuado, eſtando já na rua foi chamado a toda a preſſa para que acodiſſe a Antonio, que eſtava ſuffocando-ſe por inſtantes com huma repentina fluxaõ, que o opprimia. Mandou o Santo que lhe introduziſſem em o nariz huma palha, com a qual logo ſe achou bom; e confeſſou que havia tres annos que naõ ſe tinha chegado ao Sacramento da Penitencia, conhecendo que eſta foi a cauza daquelle perigo mortal, em que ſe vio.

Ainda que o noſſo Santo Patriarca naõ havia eſtudado nem humanas, nem Divinas letras, em muitas occazioẽs, que ajuntava numero de peſſoas nos campos, ou ſerras, onde lhe era precizo demorar-ſe algum tempo por conta das obras, occupava-ſe em prégar-lhes, enchendo com eſte exercicio o tempo, que deviaõ deſcançar do trabalho; eraõ ſuas palavras taõ efficazes que produziaõ hum grande fructo nas al-

mas, igual ao zelo, com que temeava a Palavra de Deos. Achou-se prezente hum dia a estas costumadas praticas Francisco de Flores, homem bastantemente instruhido, e naõ de ordinario nascimento, o qual ouvindo a Francisco expor o Evangelho proprio daquelle dia, com reflexoẽs muito particulares, ficou surprendido, e naõ menos admirado quando continuando o discurso com eloquencia corroborava as clauzulas com copia de textos da Escritura Sagrada, e com abundancia de doutrina tirada dos Santos Padres, como se tivesse estudado nas Universidades; do que inferio Francisco de Flores que o Santo estava dotado de huma sciencia infuza, que Deos lhe havia dado em beneficio das almas para conquista-las ao Reino do Ceo; porque todos os dias naõ se via outra couza mais que conversoẽs de peccadores convencidos pela força das palavras do nosso Santo.

CAPITULO VI.

Fecunda muitas mulheres estereis, e a outras livra nos partos perigozos.

A Benignidade do nosso Santo Patriarca naõ satisfeita com livrar das doenças aos que as padeciaõ; naõ contente com dar vida, e arrancar dos braços da morte aos que se achavaõ agonizando; e naõ limitando a sua virtude em fazer renascer para a graça aos que estavaõ sepultados na culpa; a estendeo em fazer nascer ao mundo muitas pessoas, que ou naõ teriaõ nascido, ou padeceriaõ morte, antes de receber a agua baptismal. A esterilidade attestará que as supplicas de Francisco fizeraõ conceber, e dar á luz os fétos a muitas Matronas, que dezejavaõ succeder; acodindo igualmente com opportunos remedios sobrenaturaes aos perigos, que nos partos experimentavaõ as fecundadas. Naõ sei se Francisco tinha particular complacencia em obrar milagres deste

deſte genero por ſer filho de huma Mãi eſteril, que concebeo pela interceſſaõ de outro Franciſco, e foi livrado pelo meſmo Protector do perigo, que teve, ainda que naõ no parto, depois de naſcido. O certo he que todas as peſſoas do ſexo feminino, que dezejavaõ fructo do Matrimonio, e as que ſe viraõ em perigo nas occazioẽs de parir, recommendando-ſe ao noſſo Santo, aſſim na ſua vida, como depois da ſua feliz morte, obtiveraõ proſperidades iguaes a ſeus reſpectivos dezejos.

Naõ ſerá facil reduzir a numero os prodigios deſta qualidade, que o Santo obrou; baſta dizer que foraõ outros tantos, quantas foraõ as petiçoẽs das que implorараõ ſeu patrocinio, ſe acazo naõ lhos impedia algum obſtaculo eſpiritual, que as fazia indignas de alcançarem mercês do Ceo: como ſuccedeo áquella Matrona, que primeiro referimos no livro antecedente, a quem mandou comer hum figo, e outro ao marido; deixando para ſeu lugar os que obrou em França, e os poſthumos, ſó eſcreveremos neſte capitulo alguns dos que ſe admiraraõ em Paterno, naõ obſtante que os noſſos Eſcritores tiveraõ grande deſcuido em referi-los com individuaçaõ. Na vida Anonyma ſe refere de huma mulher já velha, incapaz de ter filhos, por eſtar avançada em idade, que fallando com o Santo, lhe expoz a deſconſolaçaõ que padecia, porque, ſendo baſtantemente rica de bens do mundo, naõ teve nunca ſucceſſaõ, a quem deixaſſe herdeiros das fazendas. Ouvindo Franciſco eſtes lamentos lhe reſpondeo: *Por caridade vai com Deos; que o meſmo Senhor dará providencia* (*ff*). Naõ ſe paſſou muito tempo que naõ ſe verificaſſe a profecia, dando á luz hum menino muito perfeito, a quem a Mãi, em agradecimento do beneficio, na pia baptiſmal lhe mandou pór o nome de Franciſco; o que manifeſtou a meſma mulher velha ao Auctor da vida Anonyma, que

(*ff*) Vit. Anon. p. 156. § 5.

eſcreveo eſte ſucceſſo, o qual ainda que naõ expreſſa o lugar onde o Santo obrou eſte milagre, parece que ſeria em Paterno.

De outras refere Perrimezzi, que conceberaõ ſó com fazer-lhes o Santo o ſinal da Cruz ſobre ſeus veſtidos; e outras ſó com o contacto de algum bocado de habito, ou outra qualquer reliquia, que o Santo lhes dava, conſervando-a com fé, e grande devoçaõ. Tambem refere de outras, que tendo queixa natural, que lhes impedia conceber, o Santo milagrozamente as curava, conſeguindo deſte modo a ſucceſſaõ que dezejavaõ. Alcançava a virtude de Franciſco onde naõ podia a arte da Medicina, fecundando naõ ſó as que, pelo obſtaculo de ſuas queixas, eſtavaõ impedidas, mas tambem as que pelo defeito da natureza, ſegundo as regras do mechaniſmo, eſtavaõ impoſſibilitadas.

Naõ foi menos prodigioza a virtude, com que acodia aos perigos dos partos, fazendo que os mais difficultozos foſſem os mais felices. Eſtava em Paterno huma mulher, que havendo padecido humas grandes dores naõ podia parir; de ſorte que havia vinte, e quatro horas que eſtava opprimida, e já ſem falla; além de duas comadres, que lhe eſtavaõ aſſiſtindo, foraõ chamados Medicos para lhe acodir com os remedios da arte; mas como nada eſtes foſſem uteis, Lucas Perbe, filho deſta mulher, foi buſcar o Santo ao Convento para referir-lhe o perigo, em que ſe achava ſua Mãi; ao que Franciſco reſpondeo, que ſocegaſſe ſeu eſpirito, que ainda naõ era chegada a hora do parto: voltou Lucas para caza cheio deſta eſperança; mas apenas entrou nella quando ouvio a ſentença, que os Medicos, e as comadres proferiraõ contra ſua Mãi, naõ lhe dando mais vida que de huma hora, pelos ſimptômas, que haviaõ obſervado: com eſta novidade, que Lucas naõ eſperava, recorreo novamente ao Convento derramando lagrimas porque havia perdido toda a eſperança. Appareceo-lhe o San-

Santo ; e lhe diſſe : *Por caridade naõ temas : reprime tuas lagrimas ; que dentro de huma hora parirá tua Mãi.* Voltou para caza , onde referio o que havia paſſado com Franciſco : porém as comadres , ouvindo iſto , lhe diſſeraõ que naõ chegaria a hora que ſua Mãi naõ eſtiveſſe defunta , pois já moſtrava os ſinaes de cadaver : vio-ſe Lucas obrigado a ir terceira vez a buſcar o patrocinio de Franciſco , dizendo-lhe que ſua Mãi já era morta : *Naõ* : reſpondeo o Santo , *naõ he morta , eſtá viva ; e neſte inſtante deo a luz huma perfeita menina.* Voava o Lucas Perre com alegria , que lhe cauzaraõ as palavras do Santo , para ſua caza , aonde achou verificado quanto Franciſco tinha dito ; de cujo beneficio foi logo dar os agradecimentos correſpondentes.

Foi precizo que Franciſco de noute foſſe de Paterno para Paula , levando na ſua companhia dous dos ſeus Religiozos , os quaes pela eſcuridade da noute , e porque o caminho naõ era muito bom , em hum lugarejo chamado Teſſano accenderaõ hum archote , com cuja luz foi o Santo conhecido de huma viuva , que hia procura-lo para que quizeſſe ſocorrer a huma ſua parenta , que havia tres dias que ſe achava opprimida com as dores do parto , e actualmente luctava com as ancias da morte. Movido a piedade Franciſco tirou da manga huma pequena vella de cera branca , e dando-a á viuva lhe diſſe que a levaſſe á mulher ſua parenta , e a accendeſſe , pondo-lha deſte modo á cabeceira da cama. Voltou a viuva , e executando quanto o Santo lhe ordenou , deo logo ſua parenta a luz hum perfeito menino. Com vellas ſemelhantes obrou depois muitos milagres nas occazioẽs de partos difficultozos , naõ menos na Calabria que na França , como referiremos no ſeu lugar , ſervindo-ſe ſua humildade deſtas vellas , que , com o motivo de ſerem bentas , occultavaõ a virtude de ſua ſantidade.

A outras muitas Matronas ſoccorreo nas afflicçoẽs dos partos , mandando-lhes comer frutas , ou re-

 metten-

mettendo lhes algum bocado do seu habito, que applicado sobre o ventre immediatamente sahia do trabalho. Daqui procede a grande devoçaõ, que em toda a Italia, França, e Hespanha todas as Matronas professaõ ao nosso Santo Patriarca procurando seu patrocinio, e alguma reliquia, que pelo regular he o cordaõ bento pelos Religiozos da Ordem; porque a experiencia tem mostrado que cingidas desta reliquia, como naõ lhes falte a fé, alcançaraõ felicidade nos seus partos.

CAPITULO VII.

Parte o Santo de Paterno a Spezzano, aonde fundou sua terceira Caza.

HAVIA já nove annos que Francisco, depois de sahir de Paula, assistia em Paterno, onde morou continuamente com pequena interrupçaõ de tempo em todos estes annos; ainda que correo por toda a Calabria a fama das suas virtudes, pelas quaes era procurado de todas as Cidades, e Villas della: nos lugares mais vizinhos, aonde o Santo assistia, faziaõ maior impressaõ seus milagres, e com mais força se avivava a fé dos Fieis. Todos dezejavaõ gozar da sua prezença, e á porfia applicavaõ as diligencias para que nas suas terras se demorasse com a sua assistencia, porém, entre todos, os moradores da terra de Spezzano mostravaõ maior interesse em possuir a companhia de Francisco. Mandou a Camera, pelo meio de dous sujeitos mais distinctos da terra, expressar seus devotos dezejos, e humildes supplicas, as quaes recebeo o Santo com affabilidade, determinando sua jornada para aquella terra, deixando bem provido o Convento de Paterno.

He Spezzano huma terra junta ao rio Jovino sujeita á jurisdiçaõ espiritual, e temporal da Cidade de Cossencia, da qual dista quatro milhas, e dezaseis

do

do mar Tyrrheno. Eſta terra he diſtincta de outra do meſmo nome ; porém vulgarmente chamada Spezzano pequena ; como com effeito he menos populoza que eſta , da qual fallamos. No anno de 1453. entrou o noſſo Santo em Spezzano , terra muito nobre pelos ſeus moradores , que muitos deſcendem de illuſtres familias muito antigas , e quando naõ tiveſſe eſta nobreza , baſtava haver dado á Religiaõ Minima hum numero de ſujeitos , que pelas ſuas letras , e virtudes acreditaraõ o habito , e illuſtraraõ ſua patria. Naõ me demoro em deſcrever as lagrimas , que derramaraõ os de Paterno acompanhando ao Santo neſta jornada , porque ſe pode inferir da alegria , que manifeſtaraõ quando entrou a primeira vez neſte lugar , e tambem dos beneficios , que de ſua grande caridade experimentaraõ. O certo he que ſe encontraraõ duas prociſſoẽs com affectos oppoſtos: os moradores de Paterno , penetrados do ſentimento da auzencia do Santo , regavaõ com lagrimas a eſtrada , por onde o acompanhavaõ : e os de Spezzano , cheios de alegria , ſe davaõ mutuamente os parabens da felicidade , que ſe promettiaõ com a prezença de Franciſco na ſua terra. Sahio com Cruz alçada todo o Clero de ambas as Paroquias de Spezzano a receber o Santo , conduzindo-o primeiramenre á Matriz , e logo á outra Igreja ; em ambas , no meſmo tempo , que ſe demorou Franciſco orando , ſe notou huma grande contenda entre muitas peſſoas do povo , procurando cada qual chegar perto do ſitio , onde eſtava o Santo para ſatisfazer ſua devoçaõ , beijando-lhe o habito , porque naõ o poderaõ conſeguir pelo caminho , pelo embaraço de ſuas occupaçoẽs.

Paſſados poucos dias , com as licenças neceſſarias do Arcebiſpo de Coſſencia , eſcolheo o Santo ſitio para ſua fundaçaõ em huma eminencia , que domina toda a Villa. Formado o riſco aſſim do Convento , como da Igreja , e dando principio á obra , naõ houve peſſoa alguma de ambos os ſexos , e de todas

as

as idades ; que naõ foſſem a offerecer-ſe para o trabalho ; de ſorte que em breve tempo , com admiraçaõ de todos , ficou acabado o Convento , e a Igreja , a qual fundou com a invocaçaõ da Santiſſima Trindade. Quem poderá referir a immenſidade de milagres , que obrou Franciſco , durante eſta obra , que naõ ſeja notado de importuno em repetir os meſmos milagres , que eſcrevemos nas fundaçoẽs antecedentes? porque ſaõ entre ſi taõ ſemelhantes , que naõ tem outra differença mais que os ſitios , o tempo , e as peſſoas , com as quaes os obrou. Naõ obſtante eſte reparo , para ſatisfaçaõ dos devotos , referiremos alguns copiados dos noſſos Eſcritores , que os acharaõ na depoziçaõ das teſtimunhas , que juraraõ no proceſſo Coſſentino.

Em huma ſerra , perto de Spezzano , havia o Santo mandado cortar huma trave do comprimento de cincoenta pés , que devia ſervir para o refeitorio do ſeu novo Convento ; para a conducçaõ della naõ ſe achavaõ bois , porque quem os tinha os naõ queria empreſtar com medo do caminho , que era muito eſcabrozo , além de ſer ladeira , baſtantemente rápida , que junto com o pezo da trave , ameaçava infelicidade no tranſporte : encontrando Franciſco a Giojeto Valente , com quem havia contrahido amizade particular , lhe pedio huma junta de bois para a conducçaõ da trave ; mas eſte lhe reſpondeo que naõ tinha ſenaõ dous touros , que ainda naõ eſtavaõ manſos , por cujo motivo naõ eraõ capazes para aquelle trabalho : *Naõ importa* , diſſe o Santo , *eu os farei ſervir.* Mandou buſcar os dous touros , que , pondo-os no carro , levaraõ a carga , como ſe foſſem já domados ; porém aſſim que chegaraõ ao mais aſpero do caminho , dando o carro hum ſalavanco cahio a trave , e quebrou a perna a hum dos bois. Afflictos com eſte ſucceſſo os carreiros , e trabalhadores , que acompanhavaõ o carro , chamaraõ a Franciſco , o qual vendo o boi no chaõ cheio de ſangue , diſſe : *Iſto naõ ſerá nada* : e tocando com

com ſeu bordaõ a perna quebrada, mandou que ſe levantaſſe para continuar o reſto do caminho, que lhe faltava para conduzir a trave a ſeu deſtino; o que fez com promptidaõ, ſem ſe lhe conhecer final algum de fractura.

Expozeraõ a Franciſco os trabalhadores, que andavaõ occupados no forno da cal, a grande afflicçaõ, que padeciaõ com huma ardente ſede, pela falta de agua, que havia naquelle ſitio: immediatamente lhe reprezentaraõ a neceſſidade, voltou-ſe o Santo a hum delles, que eſtava com huma enxada na maõ, dizendo-lhe: *Cava no ſitio onde tens os pés; que acharás baſtante agua.* Naõ foi precizo muito trabalho; apenas cavou a terra no ſitio ſinalado, logo ſahio hum torno de agua criſtalina, com a qual todos ficaraõ refrigerados. Eſte milagre referem de outro modo outros Hiſtoriadores de ſua vida, dizendo que o meſmo Santo cavou a terra com a enxada, dando huma pancada em huma pedra, da qual fez naſcer huma fonte; e aſſim o daõ a entender as teſtimunhas, juridicamente interrogadas, no citado Proceſſo. O certo he, que aquellas milagrozas aguas foraõ augmentadas com lagrimas da ternura, que derramaraõ todos, os que ſe achavaõ prezentes; e muito mais foraõ veneradas, depois que a devoçaõ dos Fieis experimentou muitos prodigios com as meſmas aguas applicadas a varias doenças.

Da terra de Frebiſacce, Diocezi de Caſſano, foi a Spezzano hum homem nobre, por nome Gregorio, pertendendo do Santo remedio da hydropizia, que havia muitos tempos lhe eſtava ameaçando a morte, porque eſtava taõ inchado que parecia hum monſtro; deixando admirados aos Medicos ter vivido tanto tempo com aquella queixa: Fallou a Franciſco reprezentando-lhe que, ſe melhorava da enfermidade, era ſeu animo permanecer toda ſua vida na ſua companhia, tomando o habito da Religiaõ, que andava fundando. Achou no Santo huma grande affabilidade, dando-lhe ſua maõ, e foi conduzindo-o até

ao Convento, aonde fazendo-lhe o final da Cruz; vomitou Gregorio huma grande quantidade de agua choca: baſtou iſto para ficar inteiramente ſaõ, e com boas cores, como ſenaõ tiveſſe padecido couza alguma: proſtrou-ſe Gregorio aos pés de Franciſco para lhos beijar em reconhecimento de beneficio taõ ſingular, e para ſupplicar-lhe o quizeſſe admittir no numero dos ſeus diſcipulos, o que lhe foi concedido.

Com eſtes poucos milagres ſe pode formar a idéa dos muitos, e innumeraveis, que o Santo obrou em eſta fundaçaõ de Spezzano, porque naõ queremos cançar a paciencia do leitor em repeti-los com individuaçaõ. Baſta dizer que Franciſco em todos os lugares, e em todos os tempos foi ſemelhante a ſi meſmo. Foraõ infinitas as peſſoas, que ſoccorreo em annos de careſtia, alimentando-as á força de milagres: os pobres, que diariamente chegavaõ á portaria, naõ pediaõ a titulo de eſmola, mas ſim como divida, a caridade, com a qual o Santo lhes ſatisfazia a fome. Neſta occaziaõ, que todas as Calabrias experimentaraõ taõ grande flagello de huma extrema neceſſidade, pela falta geral de todo o alimento, ſe viraõ obrigados todos os moradores das terras, aonde o Santo aſſiſtia, e das ſuas vizinhanças, a confeſſar que Franciſco foi mandado por Deos para Provedor dos povos, aos quaes ſoccorria, ſem excepçaõ de peſſoas, com maõ larga, multiplicando tudo o comeſtivel para livra-los da morte.

Com o ſuave cheiro de ſuas virtudes attrahio a muitas peſſoas, das quaes fallaremos mais adiante, para veſtir o ſanto habito. O mais, que todos admiravaõ, era que aſſim em Franciſco, como nos ſeus companheiros, viaõ unidas a aſpereza com a ſerenidade, e alegria: eraõ asperos comſigo meſmos, e muito benignos com as peſſoas, que tratavaõ. Seus roſtros ao meſmo tempo que manifeſtavaõ a auſteridade, em que viviaõ, moſtravaõ huma tanta alegria, com a qual, penetrando os coraçoẽs de todos, experimentavaõ huma

ma grande conſolaçaõ : deſte modo ficavaõ cativos de hum amor ſanto, que naõ lhes permittia ſeparar ſe da ſua prezença. As praticas, e converſas familiares destes homens cheios de virtude, produziaõ nas almas huma milagroza mudança de coſtumes, e hum efficaz arrependimento das culpas, de ſorte que multiplicavaõ os moradores do Ceo.

CAPITULO VIII.

Parte de Spezzano, chega a Corilhano, fundaçaõ da quarta Caza da Religiaõ.

SO' cinco annos ſe demorou Franciſco em Spezzano; porém, em eſte luſtro ſó, obrou tantos prodigios, que baſtavaõ para fazer illuſtre aquella terra, que ſe pode gloriar, e ainda jactar de ſer a mais feliz do mundo. No anno 1458 da Era do Redemptor, e 43 da idade do noſſo Santo Patriarca, fazendo maior écchо por toda a parte a fama de ſuas virtudes, chegou á noticia das maiores peſſoas titulares de Calabria, as quaes o procuravaõ com grande inſtancia, para que quizeſſe nos ſeus feudos fundar eſta nova colonia da Igreja : o mais intereſſado neſta pertençaõ, e quem moſtrou maior devoçaõ, foi Bernardino San Severino, o qual depois foi terceiro Principe de Bizignano, e VIII. Conde de Tricarico, ainda que em aquelle tempo ſó gozava o titulo de Claromonte, e Principe de Roſſano, por parte da mulher herdeira deſta Caza. Era eſte filho de Hieronymo San Severino, II. Principe de Bizignano, VII. Conde de Tricarico, e ſobrinho de Lucas San Severino, o qual, no anno de 1457, comprando a Cidade de Bizignano, foi o primeiro, que tomou o titulo de Principe daquella Cidade.

A rezidencia de Bernardino San Severino, em aquelle tempo, era em Corilhano, como ſenhor della, onde vivia em companhia de ſua mulher Dona Leonor

nor Piccolomini, filha de Antonio I. Duque de Amalfi, e de Dona Maria Marzano, Princeza de Roſſano; cujo Eſtado comprehendia a Villa de Corilhano; deſcendente, pela parte materna, de Fernando I. Rei de Napoles, e pela paterna de Pio II., e Pio III., ambos Pontifices da Igreja, todos da illuſtre familia de Piccolomini, que teve ſeu primeiro ſolar em Sena.

Eſtá Corilhano fundada no ſitio mais ameno da ribeira do mar Ionio; hoje ſe acha ſujeita, com o titulo de Ducado, á familia Saluzzi, deſcendente de Angelo Saluzzi, Doge que foi da Republica de Genova, que comprou eſta terra da Caza San Severino. Os moradores ſaõ inclinados igualmente ás virtudes, e á piedade. A eſta Villa, ou Cidade, como querem alguns Hiſtoriadores, chegou Franciſco, a rogos de Bernardino San Severino, e de Dona Leonor Piccolomini, e tambem de todo o Clero, que junto com todo o povo unanimemente ſe offereceraõ para tudo o neceſſario para a fundaçaõ do Convento, havendo precedido a licença opportuna do Arcebiſpo de Roſſano. Foi recebido com as meſmas honras, e acclamaçoẽs, que deſcrevemos nas antecedentes, e ſe lhe havia preparado o palacio do Principe San Severino para ſua hoſpedagem; mas o Santo naõ quiz permanecer nelle, nem ſó hum dia, dizendo que quartos taõ magnificos naõ eraõ para hum ſolitario. Com permiſſo do Principe, que o hoſpedava, ſe retirou a hum pequeno valle pouco diſtante do Palacio, e naõ muito longe do lugar. Entre o arvoredo, que cobria o valle, fabricou, com ſuas proprias maõs, huma cazinha, que lhe ſervia de pequena Ermida, ou Capella, aonde, converſando ſó com Deos, conſultava quanto devia obrar no futuro.

Junto a eſta Ermida, em hum ſitio mais eminente, determinou fundar o Convento, quarta Caza de ſua nova Ordem. Condeſcenderaõ em primeiro lugar a eſta determinaçaõ de Franciſco os ſenhores da Villa, que logo deraõ todo o adjutorio para ſe cor-

cortar huma mata de arvoredo, que coroava aquella eminencia; em ſegundo lugar todos os moradores de ambos os ſexos, aſſim Ecclezíaſticos, como ſeculares, que com mutua emulaçaõ ſe davaõ preſſa em acarretar todos os materiaes para a obra, de ſorte que podemos dizer que eſte Convento naõ ſó ſe edificou com o ſoccorro dos milagres, que o Santo obrou, como logo veremos; mas tambem com os auxilios da piedade, mortificaçaõ, e humildade dos devotos moradores deſta Villa: que ao meſmo tempo, que concorriaõ com a caridade para fabricar hum Templo, e Caza, aonde Deos havia de ſer adorado, formavaõ outro maior edificio dentro dos ſeus eſpiritos com os merecimentos, que adquiriaõ, praticando eſtas virtudes.

Dedicou eſta Igreja á Santiſſima Trindade, como a antecedente, querendo Franciſco que naõ ſó foſſem ambas ſemelhantes na invocaçaõ, mas tambem na grandeza, e modello. Naõ deſamparou o Santo ſua pobre cazinha, aonde dormia ſobre o chaõ, tendo por cabeceira huma pedra, que ainda hoje ſe conſerva para a veneraçaõ publica dos Fieis. Neſta meſma caza paſſava em oraçaõ as horas deſoccupadas do trabalho da obra, entregando-ſe a huma altiſſima contemplaçaõ para deſafogo de ſua ardente caridade. Aſſim que foi canonizado, deſta caza ſe fez huma Ermidinha, aonde concorre grande numero de devotos para impetrar mercês de Deos por interceſſaõ do do meſmo Santo.

Chegado o dia de lançar a primeira pedra da Igreja, ſuſpendendo Franciſco com ſuas maõs a pedra, que devia ſer a primeira do alicerce, perguntou a todos os circunſtantes ſe tinhaõ lembrança que algum dia entraſſe em aquella terra o poder dos Turcos, ou Mouros para a ſaquear; ou ſe experimentaraõ que aos ſeus campos chegaſſe a praga da lagoſta, vulgarmente chamada gafanhotos, para os deſtroir? Como lhe reſpondeſſem que naõ, continuou o Santo:

Ha-

Haveis de ſaber que quando eſta pedra fraquejar na poſteridade, os moradores deſta Villa experimentaráõ todas eſtas infelicidades, vendo-ſe combatidos deſtes inimigos : e dizendo eſtas palavras, deitou dentro do alicerce a pedra. Verificou-ſe eſta profecia no anno de 1596, que por cauza de huma contenda, que teve o Ordinario com os principaes do povo, occazionada ſobre materia de juriſdicçaõ, eſteve a noſſa Igreja interdita : no meſmo tempo deſte ſucceſſo ſe viraõ os campos cobertos de nuvens de lagoſta, que aſſollaraõ ſearas, vinhas, e plantas, cujo eſtrago choraraõ com copiozas lagrimas todos os habitadores do paiz. Entre eſtes Adriaõ Magri, que ſe lembrou da profecia de Franciſco, que havia adquirido por tradiçaõ, animou aos ſeus compatriotas a procurar o remedio, que, por inſpiraçaõ Divina, o acharaõ na Igreja do noſſo Convento, abrindo as portas della, entendendo a predicçaõ do Santo, naõ no material da pedra, mas ſim no formal ; porque ſe faltava ao culto Divino por cauza do interdito ; cuja intelligencia ſe comprovou logo que ſe levantou o interdito, vendo-ſe as denſas nuvens de lagoſtas voar para o mar, aonde as vomitou o eſto marinho, depois de mortas.

Naõ paſſou muito tempo que os Turcos naõ deſembarcaſſem nas praias de Corilhano, para ſaquea-la, hum grande numero de gente conduzida por huma formidavel armada de galés : vinte e ſinco deraõ fundo no ſitio chamado Cupo, para eſte deſembarque, o qual effeituado, aſſollaraõ todos os campos, deſtrohiraõ as fazendas, roubaraõ os gados, e chegando perto dos muros da Villa ſe admiraraõ dous milagres, que obrou o noſſo Santo a favor do ſeu Convento, e em defeza daquella terra. Fogiraõ todos os Religiozos com o temor dos barbaros, menos hum, que ſua idade avançada naõ lhe permittio ſegui-los na fuga. Naõ ceſſava eſte de ſupplicar a ſeu Santo Patriarca o defendeſſe, e livraſſe tambem o Convento dos inſultos, que ſe podiaõ temer daquelles inimigos da Fé Catho-

Catholica, pois bem via que aſſim a Igreja, como elle, eſtavaõ em deſamparo. Apenas acabou de proferir eſtas ſupplicas lhe appareceo o Santo, vizivelmente, animando-o, e conſolando-o para que depozeſſe o medo; e para que eſtiveſſe mais ſeguro lhe mandou que apontuaſſe a porta principal, ou portaria do Convento com huma cana; que, ainda que vieſſem os Turcos forceja-la, naõ a poderiaõ abrir. Huma grande parte daquelles barbaros correraõ ao Convento, levados da ambiçaõ de ſaquea-lo; acommetteraõ á portaria, applicando todas ſuas forças para a meter dentro, e procuraraõ varios modos de abri-la, mas nunca lhes foi poſſivel pode-lo conſeguir, até que deſanimados ſe retiraraõ. Ainda ſe conſerva no Convento de Corilhano hum grande pedaço deſta milagroza cana, que a piedade dos devotos adornou com varias obras de filagrana para conſervar a memoria.

Eſte foi o patrocinio, que manifeſtou em defeza de ſua propria caza; vamos agora a referir o que obrou em beneficio dos moradores da Villa de Corilhano. Aſſim que chegaraõ os Turcos aos muros da Cidade, como todo o povo ſe pozeſſe em defeza ſobre elles, para lhes impedir o aſſalto, havendo accommettido algumas vezes, deſte modo, as muralhas ſruſtradamente, até que carregou maior numero de barbaros, que vieraõ de refreſco para reforçar os que eſtavaõ com o empenho de eſcalar os muros da Villa, com cuja novidade deſanimaraõ os patricios de Corilhano de tal ſorte que já eſtavaõ na idéa de fugir, porque conheciaõ naõ ter partido contra tanta força. Neſte meſmo tempo chegou a anima-los hum patricio anciaõ, dizendo-lhes que continuaſſem com a peleja em defeza da patria, que S. Franciſco de Paula ſeu Protector havia tomado as armas para os livrar. Baſtou eſta voz para recobrarem todos valor, com o qual rechaçaraõ os inimigos com tanta conſtancia que ſe viraõ obrigados a deziſtir da empreza, com perda de muita gente, que ficou morta, e morreriaõ

todos ſe o General dos Turcos, conhecendo a diminuiçaõ dos ſeus ſoldados, naõ mandaſſe tocar á retirada, que foi vergonhoza, e precipitada, porque no meſmo tempo viraõ, lá no alto de hum outeiro, hum grande exercito que a toda a preſſa vinha em ſoccorro dos ſitiados. Eſtes milagres ainda que ſuccederaõ tantos annos depois da morte do Santo, julgamos conveniente eſcreve-los aqui para ir coherente com a profecia, que fez, quando lançou a primeira pedra, da qual fallava, entendendo nella naõ o material, mas ſim o formal daquella Igreja.

CAPITULO IX.

Vida, com que ſe conduzio em Corilhano: e prodigios, que obrou.

SE a fama das virtudes de Franciſco o fez ſer dezejado de Corilhano, eſtando longe de ſeus muros; a experiencia do ſeu modo de vida fez que todos ſeus moradores o amaſſem com extremo quando gozavaõ da ſua companhia. Vivia como Anacoreta, e juntamente como Apoſtolo; porque no ſeu pequeno retiro naõ ceſſava de mortificar ſeu corpo para elevar ſeu eſpirito em Deos, com quem tanto mais procurava unir-ſe, quanto mais ſe entregava aos rigores da penitencia. Quanto obrava tudo era em beneficio do proximo, e para maior gloria de Deos. Naõ ficando ſatisfeito de prégar com o exemplo neſta terra, prégou com as palavras, com as quaes, convencendo os entendimentos, movia os coraçoẽs, de ſorte que foraõ innumeraveis as peſſoas, que converteo do eſtado da culpa. Baſta dizer que havendo achado aquelle povo, quando veio, qual horrorozo boſque, e intrincado labirintho de vicios, vivendo entre elles, como ſe os homens foſſem feras, o mudou em hum deliciozo jardim de virtudes, que repentinamente floreceraõ, com admiraçaõ dos eſtranhos, e utilidade dos natu-

naturaes daquella terra. Reconciliou muitos animos obstinados, e envelhecidos no odio, e inimizade mortal; unindo-os de tal fórma que parecia que a todos os animava só hum espirito. Foraõ sem numero as restituiçoẽs, que se fizeraõ, assim como haviaõ sido frequentes as uzuras, e furtos antecedentes. As mulheres daquelle paiz passaraõ de huma vida vaidoza, ao centro da honestidade, e modestia.

Entre estas, segundo escreve hum Historiador antiquissimo de sua vida, havia huma, que havendo perdido de todo o temor de Deos, vivia escandalozamente, fazendo profissaõ da feitiçaria; havia dezasete annos que naõ se occupava em outro officio mais que em matar innocentes, sem nunca chegar-se aos Sacramentos da Igreja. Movida da sua curiozidade, ou por alguma idéa da sua depravada malicia, entrou hum dia na Igreja, que mandava fabricar Francisco, o qual, logo que a vio, chegando-se perto della com voz submissa lhe fez relaçaõ do seu modo de vida, e o imminente castigo, que lhe esperava, se com o arrependimento de taõ graves culpas, naõ procurava satisfazer a Magestade Divina que, até áquella hora, a esperou á penitencia. Cheia de horror, e de confuzaõ esta mulher, ouvindo a relaçaõ de seus execrandos delictos, que só por have-los Deos revelado, se podiaõ saber, naõ teve valor para os negar, concebendo no seu coraçaõ hum justo temor de que a ira de Deos descarregasse o ultimo golpe para sua ruina, prorrompendo em copiozas lagrimas, e ardentes suspiros, detestou, e abominou todos seus peccados, fazendo huma verdadeira confissaõ, á qual se seguiraõ asperissimas penitencias, que muitas fez publicamente, dando huma inteira satisfaçaõ a Deos offendido, e ao mundo escandalizado, com a total mudança de costumes.

Para naõ fazer esta liçaõ fastidioza, naõ referiremos o grande numero de milagres, que o Santo obrou na fabrica desta fundaçaõ; porque além de se-

rem muitos, tem baſtante ſemelhança com os já referidos ; baſta dizer que quando Franciſco achava difficuldade nas emprezas , recorria aos milagres para as vencer. A Villa de Corilhano, ainda que ſeus ſuburbios eraõ abundantes de agua , dentro dos muros experimentava grande falta , e por eſtar ſituada em terra montuoza , ſe fazia difficil conduzila perto , ſem conſideravel diſpendio. A fonte , que eſtava mais chegada diſtava huma legoa da Villa , mas naõ era praticavel faze-la correr encanada por toda eſta diſtancia deſde o alto de huma ſerra, aonde naſcia, até á Villa ; porque eſtava embaraçada com varios outeiros de rocha , que naõ cauzaraõ pequena deſpeza em ſe romper parte della em outras occazioẽs , que os moradores da Villa intentaraõ conduzi-la ; até que deſanimaraõ , e abandonaraõ a empreza. Como o Convento padecia a meſma falta , foi o Santo peſſoalmente á ſerra , obſervou a fonte , deitou-lhe ſua bençaõ , e em nome de JESUS Chriſto mandou ás aguas que o ſeguiſſem. Foi fazendo com ſeu bordaõ hum riſco , por onde as aguas deviaõ correr ; as quaes em nada ſe deſviaraõ do caminho , que o Santo lhes ſinalou até ao Convento, de donde foi conduzida ás praças da Villa : ainda hoje corre do meſmo modo maravilhozo , deſcendo aos valles , e ſobindo a alturas ſem haver-lhe feito os moradores da terra mais obra , que cobri-la com canos por todas as partes que foi conduzida por Franciſco , de quem tomaraõ o titulo ; pois vulgarmente lhe chamaõ as Aguas novas de S. Franciſco de Paula (*gg*).

Reſtituhio a perfeita ſaude ao Principe de Bizignano , Pedro Antonio San Severino , filho de Bernardino San Severino , que eſtava já deſconfiado dos Medicos de hum accidente de Apoplexia. A huma mulher paralitica , que havia muitos annos eſtava na cama inpoſſibilitada a mover-ſe de todo hum lado , por conta

(*gg*) Magiolo pag. 47. 48.

ta do accidente de paralyzia, que com toda a força, lhe ſobreveio; mandou-a levantar da cama. Deo viſta a dous cegos, fazendo ſó o final da Cruz ſobre as capellas dos olhos de hum, e ao outro dizendo-lhe que naõ era grave ſua enfermidade. Em fim muitas mais maravilhas obrou, porém ſeguindo a idéa da brevidade, que nos temos propoſto neſta obra, as omittimos.

CAPITULO X.

Volta a Spezzano: jornada, que faz a Paterno.

A Vida, que paſſava Franciſco na ſua pequena Ermida, fabricada pelas ſuas meſmas maõs, cõmo já diſſemos, ſeparado da communicaçaõ dos homens, e unido com Deos, era o motivo mais forte, que podia obriga-lo a demorar-ſe mais tempo em Corilhano; porém a grande eſtimaçaõ, com a qual o veneravaõ os Senhores San Severinos, e os obzequios que univerſalmente lhe tributavaõ aſſim os naturaes da terra, como os foraſteiros, que ſe achavaõ em Corilhano, eraõ outras tantas cauzas, que lhe faziaõ força para ſair daquella amada cazinha. Naõ podia ſoffrer a humildade do ſeu coraçaõ tantos aplauzos, naſcidos das ſuas meſmas prodigiozas acçoẽs; accuzando de perſeguidores da ſua peſſoa aos que, fazendo juſtiça a ſuas virtudes, o procuravaõ para congratular-ſe com ſua prezença.

Perto de dous annos ſe demorou em Corilhano, de donde no anno de 1460 aos 45 de ſua idade, deſpedindo-ſe dos Senhores San Severinos, e de todos os Cidadoẽs, partio para Spezzano. Naõ obſtante que ſe apartava deſta Cidade, ſempre lhe ficou o coraçaõ, levando impreſſo hum grande amor a eſta ſua quarta caza, e aos ſeus bemfeitores, como o moſtrou na carta, que eſcreveo de França á Sereniſſima Princeza de Bizignano Dona Leonor Piccolomini, a qual he fielmente traduzida como ſe ſegue.

„ A' Sereniſſima Princeza de Bizignano (dizia o „ ſobreſcrito, e dentro) „ Sereniſſima Princeza, rece- „ bi muita conſolaçaõ da ſanta caridade, que fez a „ Deos, e a noſſa Caza da Santiſſima Trindade, e a „ todos os Conventos, que ſe achaõ no voſſo Eſtado. „ Alcancei huma Bulla de Sua Santidade, em que „ concede indulgencia plenaria, huma vez no anno, „ a todos os Irmaõs Religiozos, Procuradores, Ter- „ ceiros, e Terceiras da noſſa Ordem: e porque voſ- „ ſa Senhoria junto com o Sereniſſimo Principe ſeu „ marido participem deſtas graças, e indulgencias, os „ conſtituho, e nomeio Procuradores deſſe noſſo Con- „ vento da Santiſſima Trindade de Corilhano, e de „ todos os mais, que temos neſſa Provincia, para que „ voſſa Senhoria poſſa tratar dos noſſos negocios, co- „ mo noſſa peſſoa, e fazer obſervar noſſas Conſtitui- „ çoẽs, e ſuſtentar a ſanta Congregaçaõ dos pobres „ Ermitaõs, em ſerviço de Deos noſſo Creador, e do „ proximo. Tenha voſſa Senhoria o animo poſto em „ Chriſto; que elle, pela ſua ſanta Clemencia, lhe „ ha de illuminar os olhos do eſpirito, e de ſeus fi- „ lhos em paz. Deos ſeja com voſco: de Turs em „ ſeis de Junho de 1482. De voſſa Senhoria indigno „ orador, Fr. Franciſco de Paula, pobre Ermitaõ.

Eſta carta original, ſegundo affirma o noſſo Reverendiſſimo Padre Fr. Lucas de Montoya, Chroniſta da Ordem, ſe achava dentro de hum Relicario de prata, em poder do Senhor Octavio Bonante, Fidalgo de Corilhano, que a conſervava com muita veneraçaõ; e a copia della ſe conſerva no noſſo Convento de Corilhano; que os Religiozos, naõ obſtante eſtar em idioma Francez, e já muito maltratada pela ſua antiguidade, a trasladaraõ do melhor modo que poderaõ.

Tornando ao fio da hiſtoria: deixou Franciſco no Convento de Corilhano os Religiozos precizos para continuar naquelle paiz os exemplos de virtude, que elle havia praticado. Naõ lhes foi taõ ſenſivel a pena

pena da auzencia do Santo, ficando na Cidade ſeus filhos, que lhes ſerviaõ de conſolaçaõ, porque todos os moradores daquella terra veneravaõ em cada hum delles a viva Imagem de Franciſco, cuja humildade, retiro, e caridade ſe admirava reproduzida nos eſpiritos deſtes alumnos. Conſervaraõ ſempre huma grande eſtimaçaõ do povo, e creſceo tanto a devoçaõ dos Fieis, que em breves annos fundaraõ baſtante renda para ſeu ſuſtento, além das eſmolas; de ſorte que ſendo eſte o quarto Convento, que o noſſo Santo Patriarca fundou, entre o numero dos que compoem aquella Provincia, ſe conta tambem em quarto lugar, pelo computo das rendas, que desfruta.

Voltou Franciſco a Spezzano, aonde foi recebido com inexplicavel alegria de todos, eſpecialmente dos ſeus Religiozos, os quaes ſe haviaõ conduzido de tal modo que o Santo teve que louvar-lhes a regular obſervancia, pelo que reſpeitava ao Convento, e ao zelo do culto Divino pelo que pertencia á Igreja. Todos os moradores de Spezzano foraõ cumprimenta-lo com muitos obſequios; e como ſe promettiaõ maior aſſiſtencia do Santo em aquelle Convento, chegaraõ a ſupplicar-lhe quizeſſe fazer verdadeiras ſuas eſperanças; porém Franciſco eſcuzou-ſe dizendo, que lhe era precizo ir a Paterno, de donde o chamavaõ, para dar alguma conſolaçaõ aſſim aos Religiozos, como aos Paternezes.

Neſte pouco tempo, que ſe demorou em Spezzano, recebeo carta do Governador do Caſtello de Cotrone, Cavalheiro natural de Navarra, da familia dos Pinneros, o qual lhe rogava quizeſſe fundar huma Caza de ſua Ordem naquella antiga Cidade. Aceitou o Santo a offerta, porém dilatou o po-la em execuçaõ até quando voltaſſe a Paterno, aonde foi, poucos dias depois, como diremos logo. Deſpedio-ſe do Convento de Spezzano, e de todos os Principes da terra para fazer jornada a Paterno, aonde foi recebido com muita alegria de todo o povo. Logo ſe en-

tregou ao ſeu coſtumado exercicio, obrando maravilhas fechado dentro da ſua pequena Ermida ſituada na cerca, como já diſſemos, em continua conferencia com Deos. He digno de todo o ſentimento naõ haver noticia alguma dos favores, que recebia do meſmo Senhor neſtas occazioẽs, que ſe recluzava para deſembaraçar ſe dos tumultos do mundo, e empregar todo o ſeu eſpirito na contemplaçaõ dos bens eternos; porque naõ houve Eſcritor algum, que deixaſſe memoria de ſua vida interior, ou porque Deos naõ quiz, ou porque o meſmo Santo, pela ſua humildade, pediſſe ao meſmo Senhor naõ ſe divulgaſſem os mimos, com que o tratava. Naõ obſtante, da vida exterior de Franciſco podemos inferir ſeu valimento, os favores, que desfrutava do Altiſſimo, e os abrazados colloquios, com os quaes deſafogaria ſua incomparavel caridade.

Eſtando hum dia dentro da ſua Ermida, foraõ algumas peſſoas para lhe fallar; como viſſem a porta fechada, movidos da curiozidade, obſervaraõ pela fechadura, e viraõ a Franciſco elevado em alta contemplaçaõ; por cujo motivo naõ quizeraõ inquieta-lo, e foraõ dar huma volta á praça de Paterno para fazer horas cómodas de lhe fallar. Logo que entraraõ na praça viraõ o Santo converſando com alguns devotos. Parecendo-lhes impoſſivel o que eſtavaõ vendo, porque naturalmente naõ ſe compadecia eſtar fechado dentro da Ermida em oraçaõ, como elles o tinhaõ viſto, e eſtar na praça converſando; voltaraõ outra vez á Ermida para certificar-ſe da viſta antecedente, e o acharaõ do meſmo modo em contemplaçaõ como o tinhaõ viſto da primeira vez.

CA-

CAPITULO XI.

Fundaçaõ do Convento de Cotrone: Religiozos, que mandou para eſte effeito: milagres, que fizeraõ na obra.

ESTA' Cotrone ſituada á viſta do mar Ionio, que banha os muros deſta antiga Cidade illuſtre aſſim nas armas, como nas letras, as quaes tiveraõ grande nome pelo celebre Pythagoras, que no ſeu centro abrio Eſcolas para tantos Filoſofos, que ſe gloriaõ de ſerem ſeus diſcipulos. Recebeo a Lei Evangelica logo nos ſeus primeiros preludios, e a conſervou ſempre com conſtancia. A eſta Fé correſpondeo ſua piedade, como atteſtaõ as multiplicadas Cazas conſagradas ao culto Divino, muitas das quaes occupadas com familias Religiozas. Entre eſtas quizeraõ os Cidadoẽs que tambem tiveſſe ſeu lugar a nova Religiaõ de Franciſco; cujo patrocinio procuraraõ para ſua defeza, obrigados da fama de ſuas virtudes. Para que eſtes dezejos tiveſſem feliz effeito commetteraõ o manejo deſte negocio ao Governador das Armas da Cidade, que, como diſſemos, era hum Cavalheiro Heſpanhol, chamado vulgarmente o Senhor de Navarra, que eſcreveo ao Santo.

Aſſim que eſte chegou a Paterno communicou a pertençaõ dos moradores de Cotrone ao Padre Fr. Paulo de Paterno, o qual, vendo a carta do Governador, lhe aconſelhou que aceitaſſe a offerta da fundaçaõ. Ambos recorreraõ a Deos para conſultar ſua Divina approvaçaõ, a qual pelos effeitos alcançaraõ; porque paſſados alguns dias, determinou o Santo que o Padre Paulo foſſe o Fundador deſta nova planta. Chegado a Cotrone eſte Vice-Fundador, foi recebido com grandes honras, moſtrando aſſim o Governador, como o Senado, e todo o povo huma grande complacencia. Deo-ſe principio no dia 4 de Maio de 1460

á

á obra deſte Convento. O ſitio, que deſtinaraõ para elle, naõ foi muito longe dos muros da Cidade: o titulo, ou invocaçaõ foi de JESUS MARIA. Como o Governador concorreo para eſta obra com eſmolas mais avultadas, o Santo lhe eſcreveo a ſeguinte carta.

„ Nobiliſſimo, e Devotiſſimo Senhor; o Padre „ Fr. Paulo de Paterno me tem declarado o grande „ dezejo, que tendes de augmentar o numero dos Ser- „ vos do Senhor, conſtruhindo-lhe huma Caza na Ci- „ dade de Cotrone: o que me tem conſolado com „ extremo, porque ſerá Deos mais louvado neſſe lu- „ gar, e nos adquire hum novo ſitio, aonde todos „ os dias ſerá adorado no Santo Sacrificio da Miſſa. „ Seja o meſmo Senhor ſempre bemdito, e louvado „ por haver-nos perſuadido a huma empreza taõ ge- „ neroza, e have-la poſto em execuçaõ com tanta „ brevidade. Deos ſeja a voſſa recompenſa, e eu lhe „ ſupplicarei, que vos conceda ver nos voſſos dias eſſa „ ſanta Caza florecer em ſantidade, eſperando tem- „ po opportuno para irmos vizitar-vos, e dar-vos mil „ agradecimentos das voſſas abundantes caridades, e „ eſmolas. Eu fico, Nobiliſſimo Senhor, voſſo per- „ petuo, e obediente ſervo. De Spezzano 9 de Maio „ de 1460. O pobre Fr. Franciſco de Paula, mini- „ mo dos Minimos ſervos de JESUS Chriſto bemdito.

Deſta carta ſe infere, que logo que Franciſco mandou ao Padre Paulo de Paterno, partio para a Cidade de Spezzano.

O Padre Paulo entregando-ſe todo ao cuidado da obra da Igreja, e do Convento, naõ omittio couza alguma para cumprir com as obrigaçoẽs, que lhe tinha recommendado Franciſco, em cuja eſcola approveitou tanto, que nada punha em execuçaõ que naõ conſultaſſe primeiro com Deos; conduzindo-ſe de tal modo, que tudo foi da approvaçaõ do Santo, da ſatisfaçaõ dos moradores de Cotrone, os quaes ſe confeſſavaõ muito obrigados; porque naõ ſó edificou hum Templo material, mas ſim muitos eſpirituaes nas almas

mas daquelles Cidadaõs, tanto com ſeu exemplo, como com ſuas palavras, que enterneciaõ os coraçoẽs mais duros. Moſtrou Deos quanto ſe comprazia das obras do Padre Paulo, que as illuſtrou com varios milagres para confirmar na devoçaõ do ſanto habito aos naturaes de Cotrone. Affirmaõ os noſſos Auctores que o Senhor foi ſervido obrar muitos prodigios neſta fundaçaõ, porém individualmente naõ referem mais que hum, que eſcreveremos do modo, que ſe ſegue.

Tinha o Padre Fr. Paulo huma amendoa nas ſuas maõs, fez ſobre ella o final da Cruz, que lhe ficou impreſſa, e logo a plantou na terra; naſceo della huma frondoza arvore que, a ſeu tempo natural, produzia todas as amendoas com o meſmo final da Cruz, e ſerviaõ de remedio a muitas enfermidades. Conſervou-ſe muitos annos eſta arvore para teſtimunha das virtudes deſte Servo de Deos.

LIVRO III.

Da Vida do noſſo Santo Patriarca S. Franciſco de Paula : em que ſe trata desde que ſahio da Calabria até que partio de Roma para ir ao Reino de França.

CAPITULO I.

Partida do Santo da Calabria para o Reino de Sicilia : milagres , que obrou neſta jornada : paſſagem do Faro de Meſſina ſobre o ſeu manto.

FORAÕ atégora as Calabrias o theatro, em que reprezentamos as heroicas acçoẽs de Franciſco , as quaes naõ cabendo no eſtreito ambito daquellas duas Provincias , foi precizo dilata-las a Reino mais vaſto , qual he o da Sicilia , famozo pela variedade da gente , que o habitou , e pela multidaõ dos Reinantes , que o dominaraõ ; e naõ menos illuſtre pela amenidade do clima , que ſempre produzio multiplicados fructos de ſciencia , e nobreza muito diſtincta em armas , e ſangue ; taõ rica pela fertilidade dos ſeus campos , que algum dia teve o nome de Celleiro da Italia pela abundancia de trigos. Os Filozofos mais famigerados da Antiguidade abriraõ neſta Ilha ſuas Eſcolas , ou tiveraõ nella ſeu berço. Depois que recebeo as luzes da Fé pelo Apoſtolo das Gentes , nenhuma tempeſtade fez impreſ-

impreſſaõ na ſua conſtancia, a qual, ſegura na ancora da Lei Evangelica, ſempre moſtrou labaredas de ſua caridade, porque excedeo no numero dos Santos ao dos Filozofos, que produzio.

Naõ temos noticia certa que os Sicilianos rogaſſem ao Santo para ir fundar naquelle Reino, porque encontramos variedade nos AA. neſta materia. O certo he que por vontade Divina determinou o Santo ir a Milazzo com o zelo da ſalvaçaõ das almas. No anno de 1464, e 49 de ſua idade, ſahio de Paterno para tranſportar-ſe á Sicilia: por todo o continente fez ſua jornada a pé; que ſendo no mais rigorozo do inverno naõ deixaria de ſer baſtantemente penoza, cortando ſerras, paſſando rios, e deſcendo valles. Levou comſigo dous companheiros, os quaes foraõ Fr. Joaõ de S. Lucido, Religiozo de conſciencia muito candida, e o Padre Fr. Paulo de Paterno Rendace, que já havia concluido a ſua comiſſaõ da fundaçaõ do Convento de Cotrone.

Os milagres, que o Santo obrou neſta jornada, ſegundo a voz commua dos noſſos Eſcritores, foraõ muitos, mas a meſma multidaõ os confundio de tal ſorte, que naõ deſcreveraõ ſenaõ os de maior nota, dos quaes referiremos os ſeguintes. Chegando Franciſco a hum ſitio chamado Borrello, appareceraõ nove peſſoas da terra de Arena, que diſſeraõ faziaõ jornada para as praias de Terranova: como era a meſma eſtrada, que o Santo ſeguia, foraõ todos juntos. A poucos paſſos lhes pedio que por caridade lhe quizeſſem dar hum bocado de paõ: reſpondendo os viajantes a verdade que naõ traziaõ paõ algum nos alforges; replicou o Santo que viſſem bem, porque naõ havia duvida que traziaõ comſigo paõ dentro dos alforges. Todos os referidos viajantes affirmavaõ com maior actividade que naõ tinhaõ, e que elles eſtavaõ em igual neceſſidade pela falta, que experimentavaõ. A eſtas reſpoſtas diſſe o Santo a hum delles chamado Nicolao, *Dai-me voſſos alforges, que dentro delles ha paõ.* Naõ

teve

teve duvida alguma Nicolao em dar-lhe os alforges, dentro dos quaes mettendo Franciſco a maõ, tirou hum paõ, que ainda eſtava taõ quente como ſe tiveſſe ſahido em aquelle inſtante do forno. Deixou a todos admirados a novidade do cazo, porque todos ſabiaõ que naõ levavaõ paõ algum, bem que o eſtar o paõ taõ quente, além de atteſtar ſua verdade, os certificava do milagre, que o Santo obrou com elles. Naõ parou aqui o prodigio: tomou Franciſco o paõ nas ſuas maõs, deitou-lhe a bençaõ, e diſtribuindo-o por todos, depois de ficarem bem ſatisfeitos, ficou o paõ inteiro, do qual foraõ comendo até que chegaraõ a Cotona, aonde deſpedindo-ſe do Santo levaraõ ainda baſtante para ſuas cazas.

Aſſim que chegou Franciſco a Cotona, deixando a companhia dos nove homens, que continuaraõ ſua jornada mais adiante, vio que eſtava huma embarcaçaõ na praia, que tinha vindo de Sicilia a carregar madeiras, e eſtava já preparando-ſe para partir: como naõ podeſſe ir de outro modo áquella Ilha ſenaõ embarcado, por dividi-la da terra firme hum canal chamado vulgarmente o Faro de Meſſina, ſitio muito perigozo para os navegantes pelos vortices, que tem; vio-ſe obrigado Franciſco a pedir ao arraes lhe fizeſſe a caridade de tranſporta-lo com ſeus dous companheiros á Cidade de Milazzo, que ficava defronte de Cotona. O arraes, que naõ conhecia o Santo, e naõ ſe inclinava a ſer caritativo, por permiſſaõ Divina lhe pedio o frete para o paſſar. A pobreza, que Franciſco, e ſeus companheiros profeſſavaõ, os privou de embarcarem, porque o arraes naõ quiz conduzilos ſem pagar-lhe o frete. Mandou o arraes levantar ferro, e ſoltar as vellas, deixando na praia ao Santo. Voltando-ſe eſte aos ſeus companheiros, lhes diſſe: *Deos proverá embarcaçaõ*; e logo tirou o manto dos hombros, e o extendeo ſobre as aguas. Fr. Joaõ de S. Lucido que, como diſſemos, era de hum coraçaõ cheio de ſimplicidade, perguntou ao Santo

que

que determinava fazer ? Declarando-lhe Franciſco ſua tençaõ, reſpondeo Fr. Joaõ: *O' Padre, para eſſe effeito melhor ſerá o meu manto, que he mais novo, e de panno mais forte; que o voſſo manto, além de ſer velho, eſtá remendado, e naõ reſiſtirá tanto ás ondas.* No entanto o noſſo Santo levantando os olhos ao Ceo, abençoando as aguas, embarcou ſobre ſeu manto, e atando huma ponta deſte ao ſeu bordaõ armou huma vella; ſendo o maſtro, e antena o meſmo bordaõ, mandou embarcar ſeus dous companheiros, com os quaes fez muito feliz viagem até ás praias de Milazzo.

Se os moradores de Cotona ficaraõ ſorprendidos de ver huma embarcaçaõ taõ dezuzada, o arraes, e mais marinheiros, que naõ quizeraõ tranſportar o Santo, além de admirados, derramando lagrimas ſupplicavaõ em altas vozes quizeſſe vir ao ſeu barco para continuar a viagem; mas Franciſco naõ quiz admittir a offerta, porque navegava mais ſeguro, dando a conhecer a todos quanto he poderoza a virtude para com Deos. Eſte milagre foi authenticado por duas teſtimunhas, que ſe interrogaraõ no Proceſſo, que ſe fez para ſua Canonizaçaõ, e a Sé Apoſtolica mandou que ſe pozeſſe nas liçoẽs de ſeu Officio. Renovou-ſe a memoria deſte milagre depois de ſua morte, ſegundo eſcreve o Padre Montoya na ſua Chronica da Ordem, referindo-ſe á tradiçaõ dos noſſos antigos Religiozos do Reino de Sicilia. Aquelle meſmo arraes, que naõ quiz paſſar ao noſſo Santo da terra firme á Ilha de Sicilia, ſobreviveo a Franciſco até depois da ſua Canonizaçaõ; e ſendo morador de Milazzo, já muto velho, por cujo motivo naõ embarcava, hia todos os dias ao noſſo Convento, e pondo-ſe de joelhos no Altar do Santo derramava copiozas lagrimas, pedindo-lhe perdaõ da pouca caridade, que com elle teve quando naõ quiz admitti-lo no ſeu barco. Como obſervaſſe eſtas deprecaçoẽs do velho o Padre Fr. Mattheus de Ancona, Religiozo de muito eſpirito, chegou hum dia a perguntar-lhe qual era a cauza da ſua

atflic-

afflicçaõ , pedindo-lhe lha communicaſſe, que elle lhe promettia algum remedio. A eſtas palavras reſpondeo o velho : *Naõ faço nada, meu Padre , em desfazer-me em lagrimas , porque nunca poderei ſatisfazer a culpa taõ vil , e baixa , que commetti negando o meu barco para a paſſagem , que fez ſeu Santo Patriarca no Faro de Meſſina , porque naõ tinha com que pagar-me o frete ; eu ſou o meſmo que , ſem caridade , naõ quiz admittir ſua ſanta companhia , vendo-o depois com meus olhos navegar ſobre ſeu manto acompanhado de dous Religiozos : e agora que o vemos já canonizado entre os Santos , venho aqui a eſta ſua Caza para lhe pedir perdaõ , e para que interceda por mim ao todo Poderozo, alcançando-me a remiſſaõ das minhas graviſſimas culpas.* Conſolou Fr. Mattheus ao velho , de cuja boca ouviraõ mais Religiozos nos dias ſeguintes a meſma narrativa , acompanhada de copiozas lagrimas. Gregorio XIII. mandou que ſe pintaſſe eſte milagre da paſſagem do Faro , que o Santo fez , em huma das ſalas do Vaticano , chamada hoje Gregoriana , aonde ainda ſe conſerva para memoria. Naõ poſſo deixar de notar com o Illuſtriſſimo Perrimezzi , que ſendo aquelle canal muito tempeſtuozo , e por conta dos ſeus vortices ſepultura de muitas embarcaçoẽs ; deſde que o Santo paſſou por elle ſe acha mais ſereno , e experimentaõ menos perigo os navegantes. O manto , acabada a viagem , ficou enxuto , e ſe conſerva hoje no noſſo Convento de S. Luiz da Cidade de Napoles.

CAPITULO II.

Chegada do Santo a Sicilia: e milagres, que obra em Meſſina.

DESEMBARCANDO o noſſo Santo nas praias da Sicilia junto a hum pequeno lugar perto de Meſſina, onde eſtá huma Ermida com o titulo da Senhora da Gruta, ſegundo querem alguns dos noſſos eſcritores, ſeguindo a tradiçaõ de toda aquella gente do paiz que nos parece mais verofimel pelo milagre, que ſe ſeguio, o qual naõ tem coherencia com a opiniaõ contraria de haver deſembarcado em Milazzo. O certo he que todas as praias eſtavaõ cheias de muito numero de peſſoas de todas as qualidades, que correraõ para admirar eſta prodigioza náo inventada por taõ celebre piloto. A' porfia andavaõ todos para cada qual ſer o primeiro em bejar-lhe os pés; até os meſmos marinheiros, junto com o arraes, que chegaraõ a deſembarcar muito depois do Santo, foraõ deitar-ſe a ſeus pés para pedir-lhe perdaõ de haver-lhe negado a paſſagem pela avareza do frete. Porém Franciſco aſſim como naõ ſahio do eſtreito ambito da ſua profunda humildade, movido dos applauzos do povo; aſſim tambem correſpondeu com affabilidade ás confiſſoẽs, que os marinheiros fizeraõ da ſua pouca caridade, recommendando a huns, e a outros que glorificaſſem a Omnipotencia Divina, principal Auctor de quanto tinhaõ viſto, e admirado, pois que elle naõ era mais que hum vil inſtrumento, do qual Deos ſe ſervia para manifeſtar ſeu infinito poder.

Deſembaraçou-ſe com brevidade do meio de todo aquelle concurſo de gente, que veio recebello com applauzos; porque o ſeu coraçaõ humilde naõ ſe lizongeava de ſemelhantes obzequios; e retirou-ſe a hum ſitio chamado o Poço dos enforcados, que era hum campo onde eſtavaõ as forcas, nas quaes a juſtiça

mandava executar o ultimo ſupplicio dos criminozos. Ainda eſtava pendente de hum deſtes patibulos hum corpo de hum homem, que já havia tres dias tinha padecido morte. Logo que o Santo vio eſte cadaver, movido da ſua inimitavel piedade diſſe a algumas peſſoas que o ſeguiraõ, que deſataſſem aquelle corpo morto da forca. Mas como pelo medo das penas impoſtas pela juſtiça ninguem ſe atreveſſe a executallo, chegando-ſe perto da forca mandou a Fr. Joaõ de S. Lucido que foſſe cortar os baraços da forca. Obedeceu logo Fr. Joaõ ſobindo pela eſcada, no entanto que o Santo levantando os olhos ao Ceo diſſe: *Em nome da Santiſſima Trindade, Fr. Joaõ, corta eſſes baraços*, aſſim que Fr. Joaõ os cortou cahio nos braços do Santo o cadaver, e no meſmo inſtante recebeu nova vida, com a qual o primeiro acto, que praticou, foi por-ſe de joelhos aos pés do ſeu bemfeitor para lhe agradecer beneficio taõ particular. Naõ ſó recebeu nova vida corporal, mas tambem eſpiritual: porque entrando no conhecimento do mizeravel eſtado, em que ſe vio, deſenganado do mundo tomou a rezoluçaõ de naõ apartar-ſe da companhia de Franciſco, a quem pedio o ſanto habito, o qual o Santo lhe concedeu em qualidade de Donado, empregando o reſto de ſua vida em continuas penitencias, com as quaes alcanſou morte mais feliz que a antecedente.

Do ſitio do Poço dos enforcados dirigio o Santo ſeus paſſos para outro lugar da meſma praia, onde eſtava huma antiga Igreja intitulada o Santo Sepulcro. Parando nella fez huma profecia, dizendo a ſeus dous companheiros: *Neſte ſitio ſe ha de fundar hum Convento deſta Religiaõ*: o que ſe verificou no anno de 1503, ainda em ſua vida, quatro annos antes do ſeu tranſito, que depois ſe fez Collegio hum dos mais celebres que tem a noſſa Ordem; cuja Igreja manifeſta a grande piedade dos moradores de Meſſina, os quaes imprimiraõ a devoçaõ para com Franciſco de tal ſorte, que deſde aquelle tempo naõ lhe daõ outro titu-

tituló, quando ſe offerece fallar delle, ſenaõ o do noſſo Santo Padre; como ſe todos os Meſſinezes foſſem profeſſos na noſſa Religiaõ, querendo que os tratem como filhos da Ordem pela devoçaõ, e amor que tem ao ſanto habito, ao qual veneraõ por tal modo, que quando ſe encontraõ com algum Religiozo deſta Sagrada familia coſtumaõ ſalvallos com a palavra Latina *Benedicite*, do meſmo modo que os noſſos Religiozos ſalvaõ aos Superiores, ou a outros Padres graduados, quando ſe encontraõ em qualquer parte.

Naõ temos certeza que Franciſco entraſſe neſta occaziaõ em a Cidade de Meſſina; porque os que eſcreveraõ ſuas acçoẽs naõ deixaraõ baſtante clareza: porém nos parece veroſimel que o milagre da paſſagem do Faro obrigaria aos Meſſinezes a ſahir fóra da Cidade a cortejar o Santo, que deſembarcou nas praias vizinhas, e lhe offereceriaõ hoſpedagem, a qual naõ deixaria de aceitar Franciſco para conſolar aos Cidadoẽs, que haviaõ de ſer depois taõ devotos, e taõ honradores dos ſeus filhos, como actualmente ſe experimenta. O certo he que pouco tempo ſe demorou por eſtes ſitios, porque ſua jornada ſe dirigia a Millazzo, donde o mandaraõ rogar para que ſe dignaſſe ir áquella Cidade.

CAPITULO III.

Chega o Santo a Millazzo, funda hum Convento, e obra muitos milagres.

DA Cidade de Meſſina, ou da ſuas vizinhanſas partio Franciſco por terra com ſeus dous companheiros para a Cidade de Millazzo, a qual, ſegundo a fama dos antigos, naõ he menos ornada de honra pela grandeza do Heróes que a fundaraõ, que pela gloria dos que a regeneraraõ na Fé Catholica. Gloria-ſe de ter fundado ſeus primeiros alicerces hum dos netos de Noé, e de ter recebido as primeiras luzes

zes do Evangelho do immediato ſucceſſor de JESUS Chriſto. Pouco menos antiga he a cadeira Epiſcopal, da qual ſe lê que S. Lino mandou a Aureliano para a reger, e no texto Concilio geral ſe acha eſcrito que preſidia ſua Igreja em qualidade de Biſpo hum ſugeito chamado Joaõ. As guerras dos Carthaginezes, os incendios dos Godos, e os barbaros inſultos dos Sarracenos poderaõ deſtruir a memoria das grandezas deſta Cidade, que naõ exiſtem ſenaõ em huma tradiçaõ immemoravel.

Logo que em Millazzo ſe divulgou a noticia da chegada de Franciſco, ſahiraõ todas as peſſoas da Cidade com grande alvoroço a buſcallo com applauzos, e obzequios, os quaes agradeceu o Santo, porque conhecia que todas as honras, que recebia, eraõ naſcidas de hum affecto ſincero, que ardia nos coraçoẽs dos Cidadoẽs. Chegou o Santo a eſta Cidade no anno de 1465: he tradiçaõ que deſde o tempo, em que deſembarcou Franciſco nas praias de Sicilia até que principiou a fundaçaõ deſte Convento, foi varias vezes a huma pequena povoaçaõ chamada o Poço de Goto, onde moravaõ ſeus parentes da familia dos Aleſios; dos quaes alguns aſſiſtiaõ em Millazzo, conhecidos pelo titulo dos ſenhores da Rocca, que todos cortejaraõ ao Santo com grandes honras, gloriando-ſe de eſtarem introncados na arvore da ſua genealogia.

O ſitio, que eſcolheu para fundar ſeu Convento, era fóra das portas da Cidade, principiando primeiramente pela Igreja, á qual deu o titulo de JESUS MARIA. Todos os moradores concorreraõ a eſta obra com huma ardente caridade, e inexplicavel trabalho, porque naõ ceſſavaõ de dar avultadas eſmolas, e andavaõ á profia em acarretar materiaes com ſuas proprias maõs, reputando-ſe por ditozos quantos ſe occupavaõ neſtes exercicios. Os milagres que Franciſco obrou na fundaçaõ deſte Convento foraõ innumeraveis, e taõ raros, que devem ter o terceiro lugar a reſpeito dos prodigios, que ſe admiraraõ nas outras fundaçoẽs. Contaremos

remos alguns dos mais raros para ſatisfaçaõ dos devotos que os dezejaõ.

A Igreja deſte Convento, ſegundo a commua tradiçaõ, foi edificada ſem abrir alicerces, ſuſtentando-ſe até ao prezente do meſmo modo, de ſorte que podemos dizer que toda a Igreja he hum milagre continuado. Neſta meſma Igreja ſe vem duas pedras, que o Santo tirou de hum poço, do qual logo falaremos, e ſe pozeraõ em hum angulo da meſma, que actualmente ſe achaõ reſguardadas com huns cancellos de ferro, por entre os quaes a piedade dos Fiéis tira algum pó dellas para curar muitas doenças, naõ ſendo praticavel tirar laſca alguma dellas, porque naõ cedem á força dos inſtrumentos coſtumados, e proporcionados para cortar pedra. Conſerva-ſe hum *ſoli Deo* do noſſo Santo, que todas as ſextas feiras do anno ſe expóem á veneraçaõ publica, concorrendo hum grande numero de gente á noſſa Igreja por eſta cauza. Tambem ſe conſerva hum lenſo, que o meſmo Franciſco havia feito para ſeu uzo; junto com eſte hum annel, ou argola de oſſo, que trazia á cintura para ſervir-lhe de fiador ás contas que ſempre levava comſigo. Finalmente ſe conſerva o primeiro ſello daquelle Convento, que o meſmo Santo mandou fazer, ajudando a gravallo no tempo que alli aſſiſtio.

Como a Cidade de Millazzo tem falta de aguas doces, ſendo todas as que ſe tiraõ dos póços ſalobre pela vizinhanſa do mar, querendo o noſſo Santo prover o Convento de agua mandou nelle abrir hum poço, do qual tirou as duas pedras, das quaes diſſemos ſe conſervaõ na Igreja; diſſe aos trabalhadores que provaſſem a agua que acharaõ, os quaes junto com outras peſſoas da Cidade, e alguns dos ſeus Religiozos, que a provaraõ, diſſeraõ a Franciſco que a agua era ſalobre: logo foi o Santo á borda do poço, e deitando ſua bençaõ ſobre as aguas, mandou novamente que as provaſſem; como todos as achaſſem doces, diſſe Franciſco, voltando para todos, os que eſtavaõ pe-

prezentes : *Haveis de ſaber que eſtas aguas ſe haõ de conſervar doces capazes de ſe beberem até que eſte Convento tenha huma ciſterna para ſeu uzo ; porque em chegando eſte tempo tornaraõ a ſer ſalobres como eraõ dantes.* Verificou-ſe eſta profecia quatorze annos depois , que concluida a ciſterna , e tendo baſtante agua para o uzo dos Religiozos , tornaraõ as aguas do poço a ſeu antigo eſtado , que , já naõ ſervindo para o miniſterio deſtinado , ſervem para conſolaçaõ dos enfermos , que por devoçaõ as bebem para experimentar melhoras prodigiozas nas ſuas queixas , por cujo motivo continuadamente ſe tiraõ deſte poço naõ ſó para a Cidade de Millazzo , mas tambem para todos os povos vizinhos.

Neſte Convento ſe achaõ dous ſinos dignos de fazer-ſe memoria delles , aſſim pela origem , que tiveraõ , como pelos prodigios que com elles ſe experimentaõ. Hum delles mandou fundir o noſſo Santo Padre de huma quantidade de metal de moeda falſa , que ElRey Fernando I. de Napoles mandou confiſcar , e depois determinou que ſe déſſe a Franciſco para empregalla em alguma obra de ſuas Igrejas. O outro foi feito de eſmolas , que deraõ huns marinheiros , que achando-ſe em perigo de naufragar no mar Adriatico , logo que fizeraõ eſta promeſſa experimentaraõ bonanſa. Mas naõ foi neſta occaziaõ que cumpriraõ com o voto ; porque chegando ao deſejado porto ſe eſqueceraõ do que haviaõ promettido. Paſſados alguns tempos a meſma náo com a meſma tripulaçaõ fizeraõ outra viagem para o mencionado mar ; e experimentando outra tempeſtade maior que a antecedente , lembrados do voto , que naõ tinhaõ cumprido , pediraõ com todas as véras perdaõ a Deos da omiſſaõ , e proteſtaraõ a ſatisfaçaõ da promeſſa , ratificando-a ; da qual acçaõ ſe ſeguio livrarem-ſe do naufragio , e alcanſarem proſperidade no reſto da viagem até chegarem á ſua patria , onde logo deraõ á execuçaõ quanto haviaõ promettido , mandando fazer hum ſino,

que

que collocaraõ no campanario do noſſo Convento; o qual ainda que hoje ſe intitula, e he conhecido pelo Convento de S. Franciſco de Paula, eſtes ſinos naõ perderaõ o nome primitivo do meſmo Convento, pois vulgarmente lhes chamaõ os ſinos de JESUS MARIA.

Saõ eſtes ainda hoje taõ prodigiozos, que, em havendo tempeſtade no mar, com o ecco delles ſe ſerena. Tem ſido innumeraveis as embarcaçoẽs, que ſe viraõ em perigo de ficarem ſepultadas nas ondas, e logo que ouviraõ a voz dos ſinos do noſſo Convento ſe acharaõ milagrozamente dentro do porto, como ſe as impelliſſem com a maõ: por cujo motivo todos os marinheiros daquellas terras conſervaõ huma grande fé com eſtes ſinos, pelos muitos prodigios, que com elles experimentaõ todos os dias.

Eſtando Franciſco neſte Convento, lhe deraõ de eſmola dous touros, que o dono tirou da ſua vaccada para eſte effeito: logo que ao Santo ſe lhes fez a offerta, os mandou vir á ſua prezença, ſem ſer precizo mais que pôr-lhes a maõ para os amanſar, como ſe foſſem domeſticados muitos annos: depois conhecendo em eſpirito que eraõ precizos no Convento de Paterno, determinou mandallos por hum portentozo modo: eſcreveu em hum bocado de papel eſtas palavras: *Ao Padre Corrector do Convento de Paterno*; e logo atou eſte eſcrito nas armas de hum delles, e lhes mandou que ſe foſſem embora. Apenas o Santo os mandou, immediatamente correraõ para a praia; e entrando no mar vadearaõ a nado todo o canal chamado Faro de Meſſina: aportaraõ ás praias de Calabria, donde ſeguiraõ ſua derrota até Paterno. Entraraõ neſta Cidade, e naõ pararaõ ſenaõ na portaria do Convento; que eſtando eſta fechada, do modo poſſivel deraõ ſignal para que lha abriſſem dando ſeus mugidos, com cuja novidade chegou o Padre Corrector daquelle Convento á portaria, e logo que os touros viraõ a portaria aberta ſe pozeraõ de joelhos diante do Prelado, a quem o boi, que trazia o eſcrito, abaixando a cabeça,

deo a entender que aquelle eſcrito era para elle. Deſatou o Padre Correctòr o papel, que vio eſtava atado em huma das armas; conheceu a letra do Santo, admirou o prodigio, prezumindo o facto pela experiencia de outros muitos, que tinha viſto.

Em todo o tempo que ſe demorou o Santo em Millazzo naõ foi pequeno o fructo, que fez com ſeus Sermoẽs, convertendo infinidade de peccadores, aſſim naturaes daquella terra, como foraſteiros, que concorriaõ de todo o Rieno á fama de ſuas virtudes. De muitos lugares aſſim Cidades, como Villas daquella Ilha lhe offereceraõ fundaçoẽs, rogando-lhe com inſtancia quizeſſe eſtabelecer Conventos da ſua Ordem; mas ſua reſpoſta naõ era outra ſenaõ que a ſeu tempo ſe fariaõ. Com effeito creſceu tanto o numero dos Conventos na Sicilia, que bem podiaõ formar duas Provincias, como no ſeu lugar veremos. Todos os Conventos além de eſtarem dotados com copiozas rendas para o ſuſtento dos Religiozos, ſaõ de eſtructura naõ ordinaria tanto as Igrejas como os clauſtros; neſtes ſempre floreceraõ Religiozos de grandes virtudes, e de letras naõ ordinarias, como demonſtrou a experiencia, pois deſta Provincia ſahiraõ muitos ſugeitos para os primeiros empregos da Religiaõ.

CAPITULO IV.

Torna o Santo a Paterno, obra trezentos milagres em hum dia.

PERTO de tres annos inteiros honrou Franciſco com ſua prezença a Cidade de Millazo, e com eſta demora toda a Sicilia, porque deſde a Cidade onde aſſiſtia fez muitas jornadas para varias terras do Reino, correndo a maior parte delle para acodir ás neceſſidades do proximo com ſua ardente caridade, e para guiar infinitas almas ao Ceo. No anno de 1468, e 53 de ſua idade, principiou a fallar na ſua retirada

da-

daquella Cidade, ainda que achou grande repugnancia em toda a gente da terra, que naõ queriaõ deixallo ir: naõ obſtante executou ſua partida depois de deixar o Convento bem provido de Religiozos, aos quaes recommendou o cuidado das almas daquella Cidade.

Partio finalmente de Millazzo, embarcando nas praias em huma embarcaçaõ que hia a Cotona, aonde havendo chegado com felicidade, achou muito numero de gente, que foraõ a buſcallo com grande alegria dizendo: *He chegado o Santo Padre: aqui eſtá o Santo Padre.* Com eſtas vozes, e repetidos vivas celebraraõ os de Cotona ſeu deſembarque, lembrados que das meſmas praias o viraõ ſair ſobre ſeu pobre manto ſurcando as aguas daquelle eſtreito. Pouco tempo ſe demorou neſte lugar, porque ſeguio logo ſua jornada para Paterno a pé, como tinha vindo. Por todas as partes, por onde paſſava, recebia ſincéras demonſtraçoẽs de amor, e obzequios de ternura. Deſpovoaõ-ſe os lugares para o acompanhar, conſiderando-ſe ditozos os que chegavaõ a bejar-lhe a fimbria do habito. A todos agradecia eſte cortejo com ſemblante alegre, e coraçaõ magnanimo: conſolando a huns, e ſoccorrendo a outros, obrigava a todos a ſerem pregoeiros dos beneficios que diſtribuia.

Depois de alguns dias de jornada chegou a Paterno, onde o eſtavaõ eſperando com grande impaciencia pela multidaõ de enfermos, que ſuſpiravaõ pela ſaude, que ſó ſe promettiaõ alcanſalla com a prezença de Franciſco, como de facto a alcançaraõ ſegundo ſeu dezejo. A teſtimunha quinta do proceſſo de Coſſencia jurou ter prezenciado perto de duzentos no meſmo dia obrados na Igreja do Convento de Paterno, além de outros mais que depozeraõ outras teſtimunhas, que ſegundo affirma o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi foraõ mais de trezentos em hum ſó dia. Ainda que noſſos eſcritores referem muitos deſtes de todas as qualidades de queixas, naõ nos atrevemos a referillos

los pela extenſaõ que dariamos a eſta obra, e tambem por naõ canſar ao leitor com a repetiçaõ dos milagres, que o Santo obrou com ſurdos, mudos, alejados, paralyticos, energumnos, e outras enfirmidades incuraveis, que o Santo curou applicando hervas, dando vélas bentas, mandando acarretar pedra, e outros materiaes, para aperfeiçoar as obras do Convento, ordenando a algumas peſſoas que varreſſem a caza, ou a Igreja.

Baſta dizer que Deos, ſervindo-ſe de Franciſco como inſtrumento, manifeſtava a todo o mundo ſua Omnipotencia, dando a entender a todos quanto eſtimava ſeu ſervo, pois lhe concedia virtude de obrar tantos prodigios, uzando de huns meios, que nenhuma coherencia tinhaõ com as queixas, que moleſtavaõ aos enfermos; naõ tendo outra idéa Franciſco quando fazia eſtes milagres mais que a maior gloria de Deos, em cujo amor ardia ſeu peito, naõ omittindo diligencia alguma para exaltar ſeu Santiſſimo Nome, e em procurar o bem eſpiritual das almas remidas com o precioziſſimo ſangue de ſeu Santiſſimo Filho, para que, aproveitando-ſe todos da obra da redempçaõ, chegaſſem a alcanſar o fim della.

CAPITULO V.

Fundaçaõ do Convento de Mayda na Calabria Superior: manda hum companheiro ſeu para o fundar: e outros milagres que fez em Paterno, onde continuou ſua rezidencia.

HE Mayda huma terra da ſuperior Calabria, comprehendida na Dioceze de Nicaſtro ſituada outo milhas diſtante do mar Thyrreno debaixo de hum clima muito ameno, rodeada de muitas Povoaçoẽs, que com abundancia de fructos, e com a planicie dos ſeus campos a engradecem, e fazem illuſtre.

luſtre. Dentro de ſeus muros habita grande numero de familias de diſtincta nobreza aſſim no ſangue, como nas armas; naõ ſendo menos ornada de peſſoas muito ricas de fazendas, ſem haver deixado de produzir em todos os ſeculos ſujeitos mui bem inſtruidos em todas as ſciencias. Seu numerozo, e devoto Povo por muitas vezes intentou conduzir a Franciſco a Mayda para fundar hum Convento: ultimamente, ainda que naõ poderaõ conſeguir o gozar da ſua prezença, alcanſaraõ que mandaſſe hum Religiozo da ſua Ordem para eſte effeito.

Foi eſte o Padre Fr. Franciſco Mayorana, hum dos primeiros companheiros do Santo, natural de Fiumefredo, terra diſtante outo milhas da Cidade de Paula, ſugeita ao prezente á Dioceze de Tropéa. Alguns eſcritores querem que ſoſſe nativo da Cidade de S. Marcos, e outros da de Coſſencia; porém na fundaçaõ do Convento de S. Luiz de Napoles, de cujo Convento foi Corrector, moſtra-ſe claramente que Fiumefredo foi ſua patria. Era de genio muito amavel; quanto era benigno, e compaſſivo com os mais, tanto era aſpero, e rigorozo comſigo meſmo, ſendo ſuas penitencias, além de continuadas, taõ fortes que declinavaõ em crueldade. Nas contemplaçoẽs, que tinha ordinariamente, ſe lhe notaraõ alguns raptos, elevando-ſe ſeu corpo da terra em baſtante altura; nas meſmas occazioẽs ſe moſtrava ſeu roſto rodeado de luz, e huma pomba branca, que lhe fallava ao ouvido. O noſſo Santo Patriarca fez huma grande eſtimaçaõ deſte Padre, conſultando-lhe os negocios de maior ponderaçaõ, porque conhecia o elevado dos ſeus talentos, e huma rara prudencia em todas as emprezas, que ſe lhe recommendavaõ.

Entre ellas deve ter ſeu lugar a fundaçaõ deſte Convento de Mayda, que Franciſco naõ quiz fiar de outro para effectualla mandando-o de Paterno onde eſtava no anno de 1469, tendo o noſſo Santo 54 de idade. Partio o Padre Mayorana com eſta commiſſaõ: e aſſim que chegou a Mayda foi recebido com inexplica-

plicaveis honras, e alegria univerſal de todo o Povo; conſiderando na ſua peſſoa as virtudes, e ſantidade de quem o mandava. Naõ ſe enganaraõ no todo, porque obſervando depois os raros coſtumes deſte Padre, a docilidade do ſeu genio, e o fundo dos talentos, que adornavaõ ſeu eſpirito, ſe confirmaraõ no conceito, que aquelle Commiſſario de Franciſco tinha merecimentos dignos de toda a veneraçaõ, e ſe fazia objecto do amor de todos que o converſavaõ, porque ſuas palavras reſpiravaõ huma caridade ardente, que dava a entender havella bebido do peito do ſeu Santo Patriarca.

Deu principio á fundaçaõ deitando os fundamentos della em hum ſitio baſtantemente dilatado, e muito commodo para com brevidade aperfeiçoalla. Fundou a Igreja debaixo do titulo de JESUS, e MARIA, ſeguindo as ordens de Franciſco. Alguns AA. inferem do proceſſo, que ſe fez em Sorreto, na Calabria ſuperior para o effeito da canonizaçaõ do noſſo Santo, que eſte antes de partir para o Reino de França fora ao Convento de Mayda: o que evidentemente ſe moſtra ſer engano; porque dando os meſmos AA. eſta fundaçaõ no anno de 1496, havendo partido para França de donde naõ ſahio mais até ſua morte no anno de 1482, naõ he compativel que eſta fundaçaõ ſe effectuaſſe eſtando o Santo em Paterno naõ havendo voltado a Italia, como affirmaõ todos os eſcritores da Ordem: pelo qual o cómputo, que nós ſeguimos neſta Hiſtoria, nos parece mais verdadeiro.

No entanto que o Padre Mayorana por commiſſaõ de Franciſco continuava a fundaçaõ do Convento de Mayda, naõ deixava o Santo, que neſſe tempo aſſiſtia em Paterno, de obrar ſeus coſtumados prodigios, dos quaes fazem mençaõ os proceſſos mandados tirar pela Sé Apoſtolica. Franciſco Pulhano, natural de Paterno, depoz que o Santo apagou hum incendio mandando ao fogo que por caridade naõ queimaſſe huma pouca de madeira, que devia ſervir para ſeu Convento; tambem jurou que, ſem haver lume na cozinha,

nha, se cozerão os legumes, que haviaõ de comer os Religiozos. O caldeirão se conserva ainda no Convento de Paterno, assim como se conserva em o Convento de Paula; porque ambos servem de memoria de tantos prodigios, que o Santo obrou nesta especie. Huma pessoa secular devota desta Ordem levou ao nosso refeitorio deste Convento occultamente huma pouca de carne para a comer, e quando a tirou do bolso para este effeito, a achou cheia de bichos com hum fetido insupportavel, de sorte que todos ficaraõ admirados do prodigio, e advertidos para que nunca mais se introduzissem nos nossos refeitorios comidas, que naõ fossem quaresmaes, porque este milagre tambem se experimentou em o Convento de Paula, e outros mais.

CAPITULO VI.

Volta o Santo á Cidade de Paula: o Papa Paulo II. manda hum seu Legado para se informar da vida de Francisco: e muitos milagres que este obrou.

No anno de 1470, tendo Francisco 55 de idade, foi chamado de huma senhora da Cidade de Paula, que mandou a Paterno para este effeito a Nicolau Carbonelli, e Joaõ Micelli, por cauza de certo negocio, que lhe precizava consultar com o Santo. Partio este de Paterno, onde fazia maior assistencia, para ir á sua patria, aonde quazi no mesmo tempo chegou hum legado Apostolico, que mandou o Pontifice, que naquelle tempo occupava a cadeira de S. Pedro, Paulo II., porque queria averiguar com huma exacta informaçaõ as vozes, que por toda a parte corriaõ das virtudes de Francisco. As noticias da santidade deste serviaõ para aquelle Pontifice de grande alivio entre as afflicçoẽs, que occupavaõ seu intendimento, cauzadas dos infaustos progressos, que os Turcos

cos fizeraõ em Negroponte, e na Morea, e os Hereges na Bohemia. Além das que havia adquirido por varias peſſoas muito diſtinctas, naturaes das Calabrias, com maior extenſaõ expendeu eſtas noticias o Arcebiſpo de Coſſencia, que naquelle tempo era Pyrrho Caracioli, ſobrinho de Bernardino Caracioli ſeu anteceſſor, do qual fallamos no principio da primeira fundaçaõ.

Pareceu-lhe ao Papa que naõ devia deſprezar eſtas informaçoẽs, e que pediaõ maior aviriguaçaõ pela gravidade da materia: pelo que rezolveu mandar hum Prelado domeſtico em qualidade de Legado, para que ouvindo o que nas Calabrias ſe dizia de Franciſco, e vendo o que eſte obrava, podeſſe dar huma relaçaõ veridica. Era o ſugeito, a quem o Papa deu eſta commiſſaõ, Monſenhor Hieronymo Adorni, nobre Genovez, o qual partindo de Roma com cartas para o Arcebiſpo Pyrrho, onde declarava o Pontifice a cauza daquella legacía; chegou a S. Lucido, terra diſtante ſó quatro milhas de Paula, em occaziaõ que ſe achava o Arcebiſpo naquella terra: hoſpedou na ſua meſma caza ao Monſenhor com o tratamento igual a ſeu caracter, e com demonſtraçoẽs de amor ſincero. Aſſim que o Arcebiſpo Pyrrho ſoube da cauza da commiſſaõ do Monſenhor Adorni, ſe encheu de inexplicavel alegria por ter chegado a occaziaõ de abrir Deos o caminho para fazer patente ao mundo as virtudes de Franciſco, a quem tanto venerava, e para augmento da ſua Religiaõ, pela qual intereſſava todo ſeu affecto.

Deu a entender Monſenhor Adorni ao Arcebiſpo que era precizo ir com elle a Paula para que ambos fizeſſem hum exame rigorozo ſobre a materia deſta commiſſaõ, porém o Arcebiſpo por entaõ ſe abſteve de acompanhallo por reſpeitos politicos, e deu-lhe por companheiro a Dom Carlos de Perri, Conigo da ſua Igreja Catedral. Partio o Legado de S. Lucido para Paula, hoſpedou-ſe no Convento junto com o Conigo, que havendo entrado pela Igreja viraõ a Franciſco, que, por eſtar todo attento ao ſacrificio da Miſſa,

que

que ſe eſtava celebrando, naõ deu fé do Monſenhor; o qual aſſim que poz os olhos no Santo, naõ ſe pode conter que naõ foſſe por-ſe de joelhos diante delle para lhe bejar a maõ. Com eſta acçaõ levantando-ſe Franciſco, repugnando dar a maõ diſſe: *Monſenhor, naõ he razaõ que hum Miniſtro de JESUS Chriſto com trinta e tres annos de exercicio de taõ alto Miniſterio beje a minha maõ; eu devo bejar as ſuas, que no decurſo de tantos annos trataraõ o verdadeiro corpo do Senhor Sacramentado.*

Com eſta reſpoſta ficou Monſenhor Adorni ſorprendido; porque naõ tendo Franciſco conhecimento; nem noticia alguma do Monſenhor, logo ouvio de ſua boca os annos certos, que eſtava reveſtido da dignidade Sacerdotal; o que lhe ſervia de huma prova muito relevante para certificar-ſe da ſua ſantidade. Naõ obſtante para dar á execuçaõ em fórma legal a commiſſaõ da ſua legacia em negocio de tanta ponderaçaõ, tomou aſſumpto para ter huma converſa particular com o Santo no ſeu cubiculo, onde examinou ſeu modo de vida, as penitencias aſperiſſimas, com as quaes mortificava ſeu corpo, e que idéa ſe tinha propoſto para a vida, que deviaõ obſervar ſeus Religiozos. E como o Monſenhor formaſſe juizo que as forças humanas naõ poderiaõ reſiſtir a taõ grande mortificaçaõ, diſſe ao Santo: *He precizo conſiderar que a natureza humana eſtá hoje taõ debilitada, que naõ pode ſupportar o rigor da vida, que ſeguiraõ os Chriſtaõs da primitiva Igreja: o voſſo fervor naõ he medida correſpondente ás forças dos voſſos alumnos: deve-ſe conſultar a prudencia antes de eſcrever as leis, que deve obſervar hum corpo de Religiaõ; naõ he praticavel que as naturezas dos que a compoem ſejaõ taõ robuſtas, que poſſaõ ſuſtentar-ſe com huma vida quareſmal continua. Os Fundadores de outras Religioẽs, ainda que eſtabeleceraõ regras de penitencia, as moderaraõ á medida das forças humanas. Seguir o methodo, que eſtes procuraraõ, he o caminho mais ſeguro para a obſer-*

obſervancia; *porque quem pertende entrar nella, com eſta novidade de vida ſe expoem ou ao temor de naõ poder continualla, ou ao perigo da inobſervancia.* Com eſtas, e outras ſimilhantes palavras fallou o Monſenhor ao Santo.

Como fazia muito frio por ſer a eſtaçaõ, em que eſtavaõ, nos mezes de Inverno, para commodo do Legado mandou Franciſco vir a ſeu cubiculo hum brazeiro de lume para aquecer a caza. Apenas o Monſenhor acabou ſeu diſcurſo, tomou o Santo nas ſuas maõs humas brazas acezas, e conſervando-as nas palmas como ſe foſſem rozas, reſpondeu: *Monſenhor, haveis de ſaber que para quem devéras ama a Deos nenhuma coiza lhe he impoſſivel. Todas as creaturas obedecem a quem obedece ao Supremo Creador. Amemos a Deos, e tudo ſerá facil: naõ ſó naõ duvidaremos em crer o que parece impoſſivel que outros façaõ, mas nós meſmos o podemos paticar: Vendo Monſenhor Adorni taõ maravilhozo prodigio, ſe poz de joelhos; e deſte modo eſteve até que bejou as maõs a Franciſco, que o repugnava.* Queria o Santo pela ſua profunda humildade auzentar-ſe da prezença do Legado; mas eſte o mandou ſentar novamente, e continuou a converſa perguntando-lhe quanto tempo duraria õ as guerras civís, que agitavaõ a Cidade de Genova; ao que promptamente reſpondeu Franciſco: *Monſenhor, as guerras ainda haõ de durar ſeſſenta annos, pouco mais ou menos; e depois alcanſará ſua liberdade*: eſta profecia eſcreveu o Monſenhor na ſuas notas, que depois de ſua morte hum ſobrinho ſeu, que as herdou, confrontando o ſucceſſo com a memoria eſcrita por ſeu tio Monſenhor Adorni, achou verificado quanto o Santo havia profetizado.

Terminadas as conferencias, o Legado junto com o Conigo ſe deſpediraõ de Franciſco: voltaraõ para S. Lucido onde eſtava o Arcebiſpo impaciente por ſaber o ſuccedido no exame, que fez o legado Apoſtolico. Referindo eſte o que tinha viſto, e ouvido, ponderan-

derando ambos tudo, aſſentaraõ firmemente que Franciſco era Santo dos de grande nota : mas o Arcebiſpo naõ ficou ſatisfeito com eſta diligencia feita pelo Monſenhor ; quiz que ouviſſe outras peſſoas muito diſtinctas , que podiaõ atteſtar as acçoẽs heroicas do Santo. Entre ellas foi chamado o Baraõ de Belmonte , e ſeu filho ; tambem o Padre Antonio Scozzeta , e outros muitos , que depozeraõ fielmente as maravilhas , que experimentaraõ nas ſuas meſmas peſſoas , e em outras muitas , que tinhaõ viſto obrar ao Santo.

Acabadas eſtas informaçoẽs, foi Monſenhor Adorni aos pés do Papa para lhas reprezentar , confirmando-as com atteſtaçaõ de haver ſido teſtimunha ocular de muitos prodigios. Concebeu o Pontifice hum grande affecto a Franciſco por cauza deſta relaçaõ do Monſenhor ; e determinou logo favorecer ſua Minima familia : para que tiveſſe felizes progreſſos concedeu-lhe graças , e privilegios para que Franciſco a podeſſe extender nos paizes onde eſtava já eſtabelecida , e dilatalla onde ainda naõ eſtava fundada. Porém eſtas idéas do Pontifice naõ tiveraõ felicidade no ſucceſſo , porque ſua intempeſtiva morte embaraçou a execuçaõ. Com eſte accidente Monſenhor Adorni , que ficou com grande affecto , renunciando todos ſeus cargos , quiz acompanhar ao Santo veſtindo o habito da ſua Religiaõ , onde profeſſou , e perſeverou até á morte , dando provas de ſuas extraordinarias virtudes.

CAPITULO VII.

Approvaçaõ da ſua Religiaõ , que alcanſou do Arcebiſpo de Coſſencia , e confirmaçaõ della de Xiſto IV.

DEPOIS que partio de S. Lucído para Roma Monſenhor Adorni , ficou no animo do Arcebiſpo Pyrrho hum conceito mais conſtante da ſantidade de Franciſco , corroborando ſeu juizo as atteſtaçoẽs

veridicas das peſſoas que ſe examinaraõ. Nutrindo no ſeu coraçaõ hum ardente dezejo de promover os progreſſos do novo Inſtituto, tomou a rezoluçaõ de dar ao Santo huma approvaçaõ *in ſcriptis* pelo que reſpeitava á ſua Dioceze, para que com ella formaſſe ſeu requerimento na Curia Romana, e alcanſaſſe com mais facilidade a confirmaçaõ Pontificia. No meſmo tempo, que o Arcebiſpo Pyrrho havia determinado executar eſta idéa, intentou Franciſco fazer huma ſupplica ao meſmo Ordinario, pedindo-lhe ſua approvaçaõ: e para eſte effeito foi a S. Lucido, onde eſtava o Arcebiſpo. Aſſim que eſte ouvio as intençoẽs de Franciſco, logo lhe mandou paſſar o Diploma que principia: *Decet nos ex officio*, que ſe acha no noſſo Bullario com a data do ultimo de Novembro de 1471, no qual o Arcebiſpo Pyrrho approvou o noſſo Inſtituto, declarando-o verdadeira Religiaõ, debaixo do meſmo titulo, que o Santo lhe impoz, de Penitentes de S. Franciſco de Paula. Communicou-lhe todos os privilegios, que as outras Religioẽs gozavaõ na ſua Dioceze; izentou-a da ſua juriſdicçaõ, ſujeitando-a immediatamente á Sé Apoſtolica, conferindo a dignidade de Geral da Ordem na peſſoa de Franciſco, por terſido o Fundador della.

Naõ podia fazer mais o meſmo Fundador, ſe tiveſſe poderes Pontificios. Em reconhecimento de beneficio taõ ſingular os noſſos Religiozos no Convento, que depois ſe edificou na Cidade de Coſſencia, lhe erigiraõ monumentos publicos para conſervar a memoria deſte bemfeitor. Alcanſados eſtes Diplomas, cuidou Franciſco em mandar a Roma para ſupplicar á Séde Apoſtolica a confirmaçaõ dos privilegios, que o Arcebiſpo Pyrrho lhe tinha concedido pelo que reſpeitava ſó a ſua Dioceze, para poder com auctoridade Pontificia extender ſua Religiaõ em outros Biſpados. Occupava neſte tempo a cadeira de S. Pedro Xiſto IV., natural de Savona da Ribeira de Genova, da familia de la Rovere, da Ordem Serafica pela ſua profiſſaõ. Eſtava eſte Pontifice muito bem informado de quanto man-

mondou fazer por Momſenhor Adorni ſeu anteceſſor Paulo II., para averiguar as virtudes do noſſo Santo: e ſeguindo o meſmo affecto do ſeu Predeceſſor para com a nova Religiaõ, havendo ido a Roma o Padre Fr. Balthazar Spino para tratar eſtes negocios da Ordem, levando muitas recommendaçoẽs do Arcebiſpo Pyrrho para ſeus amigos daquella Corte, alcanſou com brevidade audiencia de ſua Santidade, o qual formou hum grande conceito deſte Padre, porque nelle notou huma grande prudencia, e naõ vulgar literatura. Prezentou-lhe o Padre Spino o requerimento de Franciſco, que ſupplicava a confirmaçaõ das graças concedidas pelo Arcebiſpo Pyrrho, para que em todo o mundo Catholico ſe podeſſe ampliar ſua Religiaõ depois de approvada pela Séde Apoſtolica.

Xiſto IV., viſto o que allegava o Padre Fr. Balthazar Spino por parte do ſeu Santo Patriarca, e da ſua nova familia, para certificar-ſe mais do que havia concedido o Arcebiſpo Pyrrho pelo que reſpeitava á ſua Dioceze, expedio huma Bulla que principia: *Iis, quæ piorum locorum*, com a data de 19 de Junho de 1473, na qual dava commiſſaõ a Gofredo de Caſtro Biſpo da Cidade de S. Marcos para examinar o Diploma do Arcebiſpo Pyrrho, dando-lhe poderes (ſe o julgaſſe, e reputaſſe dentro dos termos da razao) de approvar, e confirmar todos os privilegios concedidos. Praticou o Biſpo de S. Marcos todas as diligencias precizas para eſte exame; e achando que quanto havia concedido Pyrrho a favor de Franciſco, tudo era juſto, a approvou, e confirmou com auctoridade Pontificia em virtude da Bulla do Papa.

Naõ ficou o noſſo Santo com eſta confirmaçaõ: fez com o Biſpo de S. Marcos que eſcreveſſe ao Pontifice huma nova informaçaõ, onde déſſe conta a ſua Santidade de tudo quanto havia averiguado, relatando individualmente o eſtado, em que ſe achava aquella familia de Penitentes, para poder alcanſar outra Bulla de confirmaçaõ immediatamente do Papa. Como naõ

teve duvida o Biſpo de S. Marcos em fazer quanto Franciſco lhe pedio, logo ſe mandaraõ os papéis a Roma, onde o Padre Spino em huma audiencia os prezentou a Xiſto IV. Com ſummo goſto, e com toda a benignidade aceitou o Pontifice o novo requerimento de Franciſco com os documentos do Biſpo de S. Marcos, e ſe dignou expedir huma Bulla, que principia: *Apoſtolica Sedes*, em 27 de Maio de 1474, confirmando quanto o Arcebiſpo Pyrrho havia concedido, e approvando a noſſa Religiaõ *ex certa ſcientia*, uzando do ſeu pleno poder, e declarando ſer ſua vontade que Franciſco foſſe Geral perpetuo da ſua Religiaõ. Quando voltou de Roma o Padre Spino, que deu conta da ſua commiſſaõ, ficou Franciſco cheio de jubilo por cauza de tudo o que havia alcanſado da Séde Apoſtolica; menos o de ſer elle Geral perpetuo da ſua Reliqiaõ: por cujo motivo eſcreveu logo a Roma renunciando o cargo, dando os motivos, que lhe dictava ſua profunda humildade: pois allegava na ſua ſupplica que era homem illiterato, que naõ eſtava condecorado com Ordens Sacras pela ſua ignorancia; ſem conhecimento do mundo, e ſem capacidade para reger huma Religiaõ de homens doutos, e qualificados, dos quaes ſe podia eſcolher algum, que foſſe mais proporcionado, como o era o Padre Fr. Balthazar Spino, que eſtava dotado de ſciencia, experiencia, e virtudes.

Viſta ſua renuncia por Xiſto IV., naõ a quiz aceitar, antes lhe mandou expreſſamente que governaſſe ſua Religiaõ com o cargo de Geral della, até que a Séde Apoſtolica naõ mandaſſe o contrario. Com eſta reſpoſta preceptiva do Papa ſujeitou ſua vontade continuando a cruz do governo, para elle muito penoza, porque naõ appetecia mais que o continuado retiro para converſar com Deos. Todos ſeus ſubditos ficaraõ muito ſatisfeitos com eſta determinaçaõ do Pontifice, porque todos dezejavaõ viver debaixo da meſma norma, com a qual os havia criado: ſendo ſeu eſpi-

eſpirito cheio de virtude, uzava da bondade, e da aſpereza com prudencia.

He precizo aqui advertir que em eſtas approvaçoẽs, que teve do ſeu Inſtituto aſſim do Arcebiſpo Pyrrho, como do Papa Xiſto, naõ approvou nenhuma regra de ſua Ordem, porque as fez depois. Fez ſómente alguns Eſtatutos, que conſultou com o Padre Spino eſtando na Calabria depois que Pyrrho lhe deu a approvaçaõ; mas delles naõ fazem mençaõ nem a Bulla de Pyrrho, nem as duas Conſtituiçoẽs de Xiſto. No Pontificado de Alexandre VI. eſtando já em França, fez a primeira Regra, que eſte Papa confirmou; depois fez a ſegunda para emendar a primeira; e tambem fez a terceira, que ſubrogou á ſegunda; e todas confirmou o meſmo Pontifice. Ultimamente no Reinado de Julio II. fez, e approvou a quarta, e ultima Regra, que foi a que teve vigor, como diremosno ſeu lugar.

Até ao tempo que Alexandre VI. approvou a primeira Regra, que deu o titulo de Minimos aos filhos de Franciſco, a requerimento ſeu, correu eſta ſagrada familia debaixo do nome de Eremitas Penitentes, como conſta da Bulla de Pyrrho nas duas Conſtituiçoẽs de Xiſto IV., e ultimamente da confirmaçaõ de Innocencio VIII. obſervavaõ os tres votos communs ás mais Religioẽs; e ainda que guardavaõ a vida quareſmal, naõ era por obrigaçaõ do voto, nem por Conſtituiçoẽs, porque o Papa Xiſto, nem ainda debaixo deſte titulo, quiz approvar a obſervancia da vida quareſmal. Todos os noſſos univerſalmente a ſeguiaõ pelo coſtume, e como conſelho dado pelo Santo Patriarca, até que Alexandre VI. na approvaçaõ da primeira Regra, e das outras duas, que o Santo fez, permitio que ſe obſervaſſe, mas ſem obrigaçaõ de preceito. Julio II. quando approvou a quarta, e ultima Regra, obrigou aos Religiozos a obſervalla com voto ſolemne.

CAPITULO VIII.

Retira-ſe o Santo a Paterno. Perſeguiçaõ, que contra elle ſe levantou no Reino de Napoles: virtude, com que a rebateu: e milagres, com os quaes Deos o prezervou.

COMO Franciſco, depois que alcanſou a Bulla de confirmaçaõ do Arcebiſpo Pyrrho em S. Lucido, ſe retirou para o Convento de Paula, onde eſteve todo o tempo que o Padre Spino ſe demorou em Roma para negociar as Bullas Pontificias, que referimos; depois que voltou o Padre Spino, intentou, e alcanſou licenſa do meſmo Pyrrho para ampliar mais a Igreja do Convento de Paula, ou para melhor dizer, huma nova Igreja junto á que eſtava feita. Devemos aqui declarar o que paſſou com eſtas Igrejas deſte Convento, para evitar a confuzaõ, com que eſcreveraõ noſſos AA. A' primeira Igreja, ou Eremida, que Franciſco fez com adjutorio de ſeus Pais, juntou tres pequenos cubiculos, como já diſſemos, onde aſſiſtiaõ os tres primeiros companheiros, que aceitou ſem ſair do dezerto. Como a Capella era muito pequena, ainda para taõ pouca gente, intentou fazer outra maior, porque hia creſcendo o numero dos Eremitas: e quando eſtava abrindo os alicerces para eſte effeito, lhe appareceu S. Franciſco de Aſſís, dando-lhe o riſco de huma Igreja maior; o que o Santo executou: mas como eſta ainda naõ era ſufficiente para o concurſo do povo que concorria, foi prezizo, ſem deſtroir nada da Igreja deſenhada por S. Franciſco de Aſſís, acreſcentar eſta com huma nave correſpondente á que eſtava feita.

Havia já convidado para lanſar a primeira pedra deſta obra ao Arcebiſpo Pyrrho, o qual foi a Paula para eſte effeito. Deu Franciſco á execuçaõ o ſeu dezignio; e concluida a obra, ſe retirou a Paterno. Antes

tes de partir do Convento de Paula chegaraõ a eſte Convento dous Eremitaẽs da Marca de Ancona, ſupplicando ao Santo os quizeſſe admittir para Religiozos daquella Congregaçaõ: examinou Franciſco o eſpirito de ambos, e achando ſó em hum humildade, obediencia, e modeſtia em quanto ſe lhe mandava fazer: veſtio-lhe o habito, e deſpedio ao outro dizendo-lhe que ainda naõ era tempo para elle tomar o habito: exaſperado com eſta dilaçaõ o Eremitaõ vomitou muitas blasfemias contra o Santo, e ultimamente ſe avanſou contra elle com huma faca para o matar (*gg*). Franciſco naõ fez outra diligencia mais que dizer: *Pára em nome de JESUS Chriſto*: a eſtas palavras ficou o homem immovel como morto. Todos os Religiozos rogaraõ ao Santo por aquelle mizeravel, e logo ſe reſtituio ao movimento, e á fala, mas naõ ficou emendado deſte caſtigo: porque dando humas vozes deſcompaſſadas, originadas da ſua ſumma ſuberba, continuou em deſcompor a Franciſco, e aos mais Religiozos, chamando-lhes hypocritas, e feiticeiros: appareceraõ repentinamente dous corvos, que chegando-ſe á cara deſte mizeravel lhe tiraraõ os olhos. Naõ ficou emendada a ſua ſuberba com eſte caſtigo, antes mais exaſperado augmentava os gritos, até que dando huma voz horroroza diſſe: *Oh diabo, leva-me já para o inferno, pois eſtou ſem olhos*: logo ſe vio voar pelos ares para o mar vizinho, onde ficou ſepultado. A eſte mizeravel eſtado, ou a outro ſimilhante, chegaõ os que naõ procuraõ abater a ſuberba.

Chegado o Santo ao Convento de Paterno, ſe lhe offereceu huma fundaçaõ na Cidade de Caſtellamar, com repetidos convites, que lhe fizeraõ ſeus moradores. Como havia alcanſado as licenſas Pontificias para extender ſua Religiaõ por toda a parte, naõ teve duvida alguma em aceitalla. Eſtá ſituada eſta Cidade em hum ſitio muito ameno das praias do mar Tirrheno,

 defron-

(*gg*) Perrim. pag. 143.

defronte da Cidade de Napoles, da qual diſta ſó dezoito milhas Italianas; he baſtantemente povoada, e muito adornada de nobreza, e muito mais illuſtrada pela piedade dos ſeus Cidadoẽs, que, havendo mandado Franciſco alguns dos ſeus Religiozos para pôr em pratica eſta fundaçaõ, os hoſpedaraõ com inexplicavel caridade, e devoçaõ. Dominava o mar vizinho hum outeiro, no qual eſtava ſituada huma Paroquia, cujo titulo era de Santa Maria de Puzzano, porque a Imagem da Senhora, que ainda hoje ſe venera com grande devoçaõ dos Fieis pelos muitos milagres, que experimentaõ, foi achada dentro de hum poço deſcoberta por huns marinheiros, que guiados de huma celeſtial luz acharaõ dentro deſte poço aquelle preciozo thezouro.

Fizeraõ doaçaõ deſta Igreja aos noſſos Religiozos os Cidadoẽs de Caſtellamar: e como naõ havia baſtantes commodos nas cazas, que eſtavaõ immediatas á Igreja, e pertenciaõ á meſma; ſe deu ordem para principiar hum Convento onde podeſſe morar ſufficiente numero de Religiozos. As diſpezas deſta obra eraõ á cuſta do Senado, ainda que ajudaraõ os particulares com ſuas eſmolas; e em breves tempos ficou a obra quazi perfeita. Como o inferno naõ pode ſofrer que as obras de Deos tenhaõ feliz progreſſo, porque ſempre conſidera que as almas nas Igrejas, e nos Conventos ſe livraõ mais facilmente dos ſeus enganos; armou o demonio hum enredo para impedir as idéas de Franciſco. Foi eſte accuzado de Regulo; na prezença de ElRey de Napoles, Fernando I. do nome; pois naõ contentando-ſe de haver fundado tantos Conventos na Calabria ſem licenſa Regia, tinha o atrevimento de conſtruir outro á viſta da Corte; do que ſe inferia ſeu diſpotiſmo, e a pouca ſantidade, que tinha eſte eremitaõ, naõ ſendo ſenaõ hum hypocrita, que abuzava da Real clemencia.

Ainda que ElRey Fernando era inclinado ao Santo pelas noticias, que tinha de ſuas grandes virtudes,

des, attendendo ao que ſe lhe reprezentava contra a auctoridade Regia, naõ pôde diſpenſar-ſe de mandar lavrar hum Decreto, no qual mandava exterminado fóra do Reino a Franciſco com todos ſeus Alumnos, e que ſe demoliſſem todos os Conventos, que eſtavaõ edificados. O Cardial de Aragaõ, ſeu filho, mandou que no ſitio onde eſtava o Convento de Caſtellamar, ſe lhe fizeſſe huma caza de campo para ſeu uzo: e o Duque de Calabria, ſeu Primogenito, naõ deixou deſcanſar a ElRey ſeu Pai até que tomaſſe a rezoluçaõ de maior caſtigo contra aquelle Eremitaõ, que ſe moſtrava taõ independente, e abſoluto nas fundaçoẽs de ſuas colonias, abuzando da diſſimulaçaõ, que até alli ſe uzou com elle.

Teve noticia Franciſco da indignaçaõ de ElRey Fernando, e de toda a familia Real: mas olhando á ſua innocencia, que nunca ſe lhe propoz a idéa de faltar ao reſpeito devido a ſeu Soberano, conſolava-ſe em acompanhar a JESUS Chriſto no Calvario, havendo-o ſeguido até alli no Monte Tabor: rezignouſe na vontade de Deos, em quem confiava manifeſtaſſe na prezenſa de ElRey a ſua innocente conducta. Eſte ſilencio, com que Franciſco ſe ſubordinava ás determinaçoẽs do ſeu Soberano, foi reprezentado no Throno da Mageſtade muito pelo contrario da verdade, dizendo que aquelle eremitaõ naõ reconhecia a Fernando por ſeu Rey, que naõ queria obedecer ás ſuas ordens, e cada vez ſe fazia mais indigno de commizeraçaõ.

Com eſta informaçaõ logo mandou ElRey a hum Capitaõ das ſuas galés, que com huma eſcolta de ſoldados foſſe prender a Franciſco em qualquer parte que o achaſſe, e o conduziſſe algemado a Napoles, onde ſe lhe daria o caſtigo merecido. Partio o Capitaõ para Paterno com huma companhia de ſoldados. E logo que chegou ao Convento, o mandou cercar: entrou dentro com alguns ſoldados em procura do Santo; e como eſte, aſſim que lhe diſſeraõ que eſtavaõ deitando cordaõ ao Convento, foi para a Igreja, e ſe poz de joe-

joelhos diante do Altar mor onde eſtava o Sacrario, dizendo aos ſeus Religiozos que naõ tiveſſem medo algum, que Deos ſerenaria aquella tormenta, que o inferno havia movido; mas que era vontade do Altiſſimo que ſe executaſſem as ordens, que ElRey juſtamente tinha expedido: correu o Capitaõ todo o Convento, e naõ achando nelle a Franciſco foi á Igreja, onde duas, ou tres vezes paſſou acompanhado dos ſoldados taõ perto delle que lhe pizaraõ o habito, mas naõ o viraõ, porque Deos o fez invizivel a ſeus olhos: até que vendo o Santo que queriaõ ultrajar a ſeus filhos em deſpique de naõ acharem a quem procuravaõ; levantou-ſe Franciſco do ſitio onde eſtava de joelhos, procurou aos ſoldados, e perguntou-lhes: *A quem procurias?* Diſſeraõ os ſoldados: *Procuramos ao Eremitaõ Franciſco.* Reſpondeu o Santo com fala branda: *Eu ſou o humilde Franciſco.* Apenas proferio eſtas palavras, cahiraõ todos no chaõ como mortos ao ecco de ſua voz. Mandou-lhes o Santo que ſe levantaſſem: e de ſoldados valorozos ſe converteraõ em manſos cordeiros; pozeraõ-ſe de joelhos para lhe bejar os pés, e naõ ſe quizeraõ levantar até que naõ lhes perdoaſſe. Mandou-lhes o Santo que ſe levantaſſem: e tratando-os com muita affabibilidade lhes diſſe: *Haveis de ſaber que ElRey por agora naõ neceſſita de mim; eu naõ quero dar eſte diſgoſto a meus filhos ſeparando-me delles: podeis voltar em paz. Mas antes da voſſa partida haveis de ir ao meu refeitorio para ſupportar o trabalho da jornada.*

Naõ havia naquella occaziaõ no Convento mais que dous pequenos paés, e hum fraſco de vinho. Levantou o Santo os olhos ao Ceo, deitou ſua benſaõ ſobre a meza, e multiplicou-ſe o paõ, e o vinho de tal ſorte, que depois de eſtarem os ſoldados ſatisfeitos, chegou para o jantar dos Religiozos. Com eſta maravilha acabaraõ de acreditar os ſoldados ſua grande virtude, e ſe confirmaraõ no conceito, que antecedentemente haviaõ formado com a noticia dos ſeus mila-

milagres. Deo-lhes o Santo humas coroas, e vellas bentas para que as levaſſem de mimo a ElRey, e a todas as peſſoas Reaes: e tambem eſtas palavras: *Dizei a ElRey meu Senhor que procure aplacar a ira de Deos, que lhe eſtá ameaçando hum grande caſtigo, que o ha de pôr em perigo de perder a vida, e o Reino* (*hh*). Acompanhou ao Capitaõ, e a ſua companhia com toda a urbanidade até á porta do Convento com a meſma ſerenidade de eſpirito, como ſe deſpediſſe huma vizita muito honroza.

Chegado o Capitaõ á Corte de Napoles fez huma exacta relaçaõ a ElRey de quanto lhe tinha ſuccedido com o Santo; o que produzio no ſeu Real coraçaõ hum affecto taõ grande, e tal devoçaõ com os ſeus Religiozos, que logo mandou expedir hum Alvará ampliſſimo, no qual concedia a Franciſco faculdade para que naõ ſó o naõ inquietaſſem nas fundaçoẽs, que tinha feito, mas que podeſſe fundar os Conventos, que quizeſſe dentro do ſeu Reino. O original deſta licenſa Regia ſe guarda actualmente no Arquivo do noſſo Convento de Paula, como affirma o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi, que o lera. Naõ ficou Fernando ſatisfeito com eſta demonſtraçaõ; quiz que dentro da ſua meſma Corte ſe lhe déſſe ſitio para fundar hum Convento. Para eſte effeito mandou Franciſco dous Religiozos: que ſendo recebidos por ElRey com grandes honras, e dando-lhes faculdade de eſcolher o lugar para a fundaçaõ, naõ quizeraõ edificar o Convento dentro da Cidade, e ſe contentaraõ de conſtroillo junto a huma pequena Eremida dedicada a S. Luiz, e S. Martinho, que eſtava dentro de hum grande arvoredo perto da Cidade, que depois pelo decurſo dos annos ficou no melhor ſitio daquella Cidade defronte do Palacio Real, como diremos quando chegarmos á deſcripſaõ dos Conventos.

O Convento de Caſtellamar naõ ſe nos reſtituio

(*hh*) Toſcan. pag. 283. Perrimez. pag. 147.

io neſta occaziaõ por attenſaõ ao Cardial de Aragaõ, que mandou fazer ſeu Palacio, ou caza de campo, como já diſſemos: mas no Reinado de Fernando o Catholico, ſendo Vice-Rey de Napoles Dom Gonſalo Fernandes de Cordova, chamado o Gram Capitaõ, no anno de 1506, hum anno antes da morte do noſſo Santo Patriarca, pela devoçaõ, que tinha com o Santo, o reſtituio á noſſa Religiaõ, que actualmente o poſſue, como veremos no ſeu lugar.

CAPITULO IX.

Cerco de Otranto pelos Turcos, que Franciſco profetizou: liberdade da praça, que alcanſou em virtude das oraçoẽs do Santo.

HE digna de memoria a profecia, que o noſſo Santo fez ſobre a Cidade de Otranto. Porque eſtando no ſeu Convento de Paterno, olhando para aquella parte, onde eſtá ſituada Otranto, derramando copiozas lagrimas dizia: *Oh infeliz Cidade, de quantos cadaveres te vejo cheia, quanto ſangue Catholico ſe ha de derramar dentro de ti!* Seus Religiozos, que ouviraõ eſtas palavras, e obſervaraõ nelle huma grande afflicçaõ de eſpirito, lhe pediraõ lhes quizeſſe declarar a cauza. Naõ a occultou o Santo neſta occaziaõ, manifeſtou-lhes quanto havia de ſucceder com a armada dos Turcos; que tudo ſe verificou dentro de tres mezes. Iſto meſmo queria Franciſco dar a entender a ElRey de Napoles quando diſſe ao Capitaõ, que foi prendello ao Convento de Paterno, que fizeſſe prezente a S. Mageſtade que procuraſſe aplacar a ira de Deos, que lhe eſtava ameaçando hum grande caſtigo: e depois em huma carta, que eſcreveu á meſma Mageſtade, avizou do perigo, em que eſtava aquella Cidade, e o modo de evitallo (*ii*) antes

(*ii*) Perrimez. pag. 148.

tes que as forſas Othomanas a ſurprendeſſem indefeza. Muito tempo antes de ſucceder eſta invazaõ do Turco mandou aos ſeus Religiozos Sacerdotes diſſeſſem na Miſſa a colléćta : *Contra perſecutores Eccleſiæ.* A outras muitas peſſoas revelou Franciſco eſta profeſcia, entre as quaes foi o Biſpo de Nicaſtro , a quem o Santo mandou dizer pelo Beneficiado Jacob Guerreiro, que mandaſſe fazer preces , e mandaſſe ao Clero que na Miſſa diſſeſſe a colléćta mencionada, porque os Turcos eſtavaõ muito proximos a entrar no Reino de Napoles.

Regía o Sceptro Othomano naquelle tempo Mahomet II., o qual baſtantemente indignado de que ſuas armas debaixo da conducta de Moſir General Baxá levantaſſem vergonhozamente o cerco da ilha de Rhodes, intentou recuperar a honra com outra empreza, na qual ſe promettia melhor fortuna. Fez pois ſair dos ſeus portos cento e ſincoenta vellas debaixo do comando do Baxá Agomet , chamado por outro nome o Quelii, e ideou para deſafogo do ſeu furor invadir o Reino de Napoles , dando principio pela importante praça de Otranto. Deſembarcou hum grande numero de cavallaria, e muito maior de infantaria, e lhe poz o ſitio por mar, e por terra. Ainda que foi grande o valor dos que defendiaõ a Cidade , pois pelejavaõ pela Patria, e pela Fé, naõ obſtante , eraõ maiores as forſas, que a combatiaõ. Depois de ſoffrer deſaſete dias de cerco derramando muito ſangue Catholico, ficou a praça rendida ao jugo barbaro dos inimigos de Jesus Chriſto : e porque os Turcos ſe fizeraõ ſenhores della por aſſalto , naõ omittiraõ crueldade alguma , que naõ praticaſſem. Onde naõ ſe via arder o fogo , ſe via o ſangue ; junto com eſte corriaõ as cinzas miſturadas. Mais de quatorze mil Catholicos foraõ victimas dos crueis alfanges Agarenos , que em hum valle os fizeraõ em pedaços ; e ſobre hum outeiro mais de ſetecentos ſacrificaraõ as vidas pela Fé Catholica. O primeiro, que alcanſou a palma deſta glorioza

rioza morte, foi o Arcebiſpo, que para animar as ſuas ovelhas moſtrou maior valor, e precedia a todos nos maiores perigos. Em todo o tempo do cerco até que perdeu a vida reveſtido dos habitos Pontificios naõ ſe apartava das muralhas, animando a todos com ardente zelo, aſſim com o exemplo, como com a voz. Era eſte Prelado o alvo aonde atiravaõ todos aquelles barbaros, hum dos quaes com huma catana lhe ſeparou a cabeça do corpo eſtando de joelhos; e outros que naõ poderaõ jactar-ſe deſta inhumanidade excogitaraõ outra maior, partindo o corpo do Arcebiſpo em duas ametades de alto a baixo com hum inſtrumento de pau em odio da ſua dignidade.

Dignou-ſe Deos dar a todos huma atteſtaçaõ da conſtancia deſte Paſtor. Depois que lhe fizeraõ o corpo em duas partes, ſe conſervaraõ eſtas de joelhos do meſmo modo, que eſtavaõ unidas; e deſta ſorte perſeveraraõ até que os ſetecentos Catholicos, que o acompanhavaõ acabaraõ, gloriozamente a vida nas maõs dos Turcos; e ainda que eſtes procuraraõ com impurroẽs deitallo no chaõ, naõ poderaõ conſeguillo. Neſte meſmo outeiro, chamado deſde aquelle tempo dos *Martyres*, ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem. Sabia, e prudente rezoluçaõ daquelles Cidadoẽs foi o querer fazer mais veneravel aquelle outeiro, onde receberaõ a coroa do martyrio tantas almas, com edificar nelle hum Templo, e hum Convento da familia de Franciſco, que tantas lagrimas derramou profetizando eſte eſtrago, e tantas oraçoẽs empregou para alcanſar de Deos o livramento eſta Cidade do poder Saraceno.

No entanto que ſuccedia eſta catáſtorfe, ElRey Fernando eſquecendo-ſe de certas differenſas, que tinha com a Corte de Roma, e com a Republica de Veneza, mandou ſeus Embaxadores a huma, e outra parte, e tambem a todas as Potencias de Italia, pedindo ſoccorros contra o inimigo commum, que já tinha poſto o pé ſobre o Reino de Napoles, donde lhe ſeria menos difficultozo extender-ſe e fazer-ſe ſenhor

do

do mar, e da terra. Ao meſmo tempo expedio por mar huma armada commandada pelo Capitaõ Villamarin; o qual encontrando-ſe com algumas vellas dos Turcos, parte dellas aprezou, e parte as obrigou a fogir. Mandou tambem por terra ao Duque de Calabria ſeu filho com hum exercito para os combater por ambas as partes; do que rezultou maior perda dos Chriſtaõs, que dos Turcos. Hum dos Generaes, ou Marichaes ſubalternos era o Conde de Arena: devendo eſtes partir dos ſeus Eſtados para nnir-ſe com o exercito do Duque, paſſando por Paterno, e lembrando-ſe que aſſim como Franciſco havia profetizado a infelicidade de Otranto, tambem lhe daria noticia do ſucceſſo, que teriaõ as armas Catholicas naquella campanha; foi ao Convento: onde falando com o Santo, ſupplicando-lhe o encommendaſſe a Deos nas ſuas oraçoẽs, lhe reſpondeu: *Por caridade, Senhor Conde, vá combater, com a benſaõ de Deos, os inimigos do ſeu ſanto nome; que ſem duvida ſempre vos ha de aſſiſtir, e voltareis a caza victoriozo.* Apenas acabou de proferir eſtas palavras, lhe deu huma vella benta para eſcudo defenſivo de todo o perigo; e o meſmo fez a todos os ſoldados, que acompanhavaõ ao Conde, menos hum, que rindo-ſe do defenſivo, que diſtribuia Franciſco, naõ quiz aceitar a vella, a quem o Santo diſſe: *O' filho, queira Deos que por deſprezares o Divino adjutorio naõ te ſucceda algum damno.* Mandou ao Padre Fr. Joaõ Genovês que acompanhaſſe ao Conde em toda a ſua jornada, e na campanha.

Chegando o Conde á viſta de Otranto, lhe foi precizo logo empregar-ſe no ſitio della para deſalojar os Turcos, que a dominavaõ. Naõ foraõ poucos os perigos, que em diſtinctas occazioẽs experimentou pela obſtinada reziſtencia dos Mahometanos; porém ſempre eſcapou delles com felicidade. O fogo, que faziaõ os Turcos deſde a praça ſendo muito activo, nunca o offendeu: as ballas, que cahiraõ como chuva ſobre as tendas do exercito, nunca o tocaraõ: nem eſpada alguma

guma o ferio. Por todo o exercito Napolitano correu huma certa infermidade epidemica ; mas o Conde foi della prezervado: vinha a cahir sobre sua cabeça huma granada , mas a maior distancia se apagou ; e o que mais he , nenhum dos soldados , que aceitaraõ a vella, que Francisco lhes havia dado, morreu nesta guerra, excepto aquelle, que naõ quiz recebella; que em castigo do desprezo da offerta, naõ só morreu mizeravelmente , mas logo ficou seu cadaver com tal fetido, que ninguem podia supportallo. Hum dos Capitaẽs, que estavaõ incorporados na ala do exercito , que commandava o Conde de Arena, havendo recebido em hum conflicto hum tiro de balla , lhe quebrou a cana do braço; retirando-o seus soldados do campo para o curarem , julgaraõ os Cirurgioẽs que se lhe devia cortar, porque estava todo o osso feito em migalhas: antes desta operaçaõ chegou o Padre Fr. Joaõ Genovês a vizitallo; e como o visse com aquelle trabalho, depois de confortallo com espirituaes exhortaçoẽs, lhe disse que lhe mostrasse o braço : sobre o qual fez o Padre Genovês o signal da cruz , e lhe disse que deitasse fóra todas as ataduras, porque o braço estava saõ: immediatamente se achou o Capitaõ livre das dores , e movia o braço sem embaraço algum: observando isto o Padre Fr. Joaõ Genovês lhe disse: *Por caridade levantai-vos dessa cama , e tornai ao vosso posto para combater com maior valor os inimigos da nossa santa Fé.*

Naõ he facil explicar quanto animou a todo o exercito este milagre obrado em virtude das oraçoẽs do Santo por hum filho seu. Em todo o tempo que durou a campanha naõ sahio Francisco do seu cubiculo, onde naõ cessava de implorar ao Senhor dos exercitos a restauraçaõ de Otranto com copiozas lagrimas, sem admittir alimento algum , nem conversaçaõ humana. Poucos dias antes de abandonarem os Turcos a praça , se deixou ver com rosto alegre, com cuja novidade esperaraõ os Religiozos algum feliz successo. Naõ se enga-

enganaraõ ; porque ſegurou-lhes que em breves dias ficaria a Cidade de Otranto livre do pezado jugo dos Turcos como ſe verificou. Poucas eſperanſas favoreciaõ ao exercito Catholico para deſalojar os Mouros daquella praça, a qual defendiaõ com extraordinarias forſas, quando chegou a improviza noticia da morte de Mahomet II., que o mandou aſſaſſinar ſeu filho Bajaſſeto para elle ſobir ao Throno. Eſte avizo produzio huma conſternaçaõ na guarniçaõ da Cidade, que logo trataraõ capitular para entregalla, deſconfiando que lhes naõ chegaſſe o ſoccorro, que eſperavaõ, pela novidade ſuccedida em Conſtantinopla, onde conſideravaõ huma total revoluçaõ, e mudanſa de gabinete.

Rendeu-ſe finalmente a praça com as capitulaçoẽs, que ſe aſſignaraõ por ambas as partes belligerantes: embarcaraõ os Turcos precipitadamente para Conſtantinopla: antes de chegarem encontraraõ huma poderoza armada de vinte e ſinco mil homens, que hia ſoccorrellos ; mas como já tinhaõ abandonado a praça ; ſe viraõ obrigados a voltar ambas as armadas para ſeus portos. Naõ ſe pode deixar de referir que foi huma grande providencia de Deos, alcanſada pelas oraçoẽs de Franciſco, que os Turcos ſenhores da praça deſanimaſſem ; e que a armada deſtinada para ſoccorrellos foſſe demorando ſua partida para que ficaſſe a Cidade de Otranto na ſua antiga liberdade debaixo do dominio do ſeu legitimo Rey.

CAPITULO X.

Pertende Luiz XI. de Franſa que o Santo vá a ſeu Reino: intereſſa-ſe neſta materia Fernando I. Rey de Napoles para que aceitaſſe eſte offerecimento.

CINGIA neſte tempo a Coroa de Franſa Luiz XI., filho de Carlos VII. Foi dos maiores Reys que governou aquella Monarquia, de genio raro, ſagaz, e animozo, famoziſſimo na arte da guerra; finalmente dotado de muitas prendas dignas de louvor, e proprias de hum Principe, como affirma Filippe de Comines ſeu hiſtoriador (*kk*). Nos ultimos annos de ſua vida no anno de 1480, eſtando ceando lhe ſobrevio hum accidente, que o poz em perigo de morte, porque ficou privado da fala, e dos ſentidos, até que á forſa dos remedios tornou a ſi. Mandou que o conduziſſem ao Palacio de Pleſſis, junto a Turs, na Provincia de Turena; onde com o medo da morte naõ deixou de praticar todas as diligencias poſſiveis para prolongar a vida. Naõ achando o alivio, que deſejava, na arte da Medicina; tendo noticia da grande virtude, e dos prodigios de Franciſco, concebeu huma ardente eſperanſa de ſuas melhoras, ſe pode ſſe conſeguir ter no ſeu Reino, e na ſua companhia a eſte Santo Varaõ. Andou procurando o modo de o conſeguir: e finalmente ſe rezolveu eſcrever a ElRey de Napoles Fernando I. para que com ſua auctoridade obrigaſſe a Franciſco a partir de ſua patria para o Reino de Franſa para conſolar hum Rey, que eſtava ſuſpirando pela ſaude: e para reforſar mais ſeu empenho, mandou Luiz com caracter de Inviado a Fernando Guynot de Buſſiere. Levou eſte as cartas Credenciaes de ElRey ſeu Amo, e as entregou a ElRey Fernando.

(*kk*) Livro 1. c. 10. apud Toſcano pag. 297.

do, em companhia de Mattheus Coppola, homem de negocio Napolitano, que achando-ſe em Franſa deu a ElRey Luiz mais extenſa noticia das virtudes do Santo; por cujo motivo quiz o meſmo Senhor que foſſe na companhia do ſeu Embaxador. Viſto por Fernando o empenho de ElRey de Franſa com grande ſentimento ſeu, porque já conhecia perfeitamente a ſantidade de Franciſco, eſcreveu ao Santo o empenho, em que ſe achava, e as offertas, que lhe fazia aquelle Monarca, dando-lhe faculdade para poder fundar no ſeu Reino quantos Conventos quizeſſe á cuſta da fazenda Real, e finalmente ſeu Real patrocinio em tudo quanto Franciſco intentaſſe. Naõ fez novidade alguma no coraçaõ do Santo eſta Carta de ElRey de Napoles, porque já havia muitos tempos que diſſe por diverſas occazioẽs aos ſeus Religiozos que chegaria dia, em que havia de ir com alguns companheiros a Reino, onde naõ entenderiaõ a lingua, nem os moradores daquella terra perceberiaõ a ſua.

Reſpondeu Franciſco a eſtas cartas dizendo que ſendo Geral de ſua Ordem, naõ ſe rezolvia a partir ſem ordem expreſſa do Papa. Além diſto que naõ reconhecia na ſua peſſoa virtude alguma, que podeſſe ſatisfazer a ElRey Luiz, de quem prezumia que fazia todas eſtas diligencias por informaçoẽs de algumas peſſoas, que lhe quizeraõ dar enganadamente eſperanſas á ſua ſaude; mas que elle naõ tinha merecimentos para com Deos para lha alcanſar. Entre os tumultos da Corte naõ poderia conſervar aquelle ſocego, que achava na pobreza do ſeu clauſtro. Hum pobre Eremitaõ naõ era digno de pôr-ſe na prezenſa de hum Rey, que conſiderava com maior reſpeito na terra; e finalmente que ſua idade avanſada naõ lhe permittia emprender jornada taõ dilatada. Naõ obſtante, quando foſſe vontade de Deos, naõ ſe eximiria de executallo.

Moſtrou ElRey Fernando eſta repoſta do Santo ao Inviado de Franſa com interior alegria, porque dezejava conſervar dentro do ſeu Reino o ineſtimavel

thezouro de hum homem taõ virtuozo; e diſſe a Fernando Guynot de Buſſiere: *Se ElRey voſſo Amo quer a Franciſco no ſeu Reino, naõ tem outro meio, que ſeguir, ſenaõ pedir ao Papa que lho mande, porque eu naõ poſſo mandar fóra do meu Reino hum vaſſallo, que de todos os mais he venerado por Santo, e naõ quero privar a meus ſubditos deſta eſpiritual conſolaçaõ, na qual naõ deixo de ter a maior parte.* Eſcreveu o Inviado á ſua Corte quanto lhe tinha ſuccedido neſte negocio, para que ElRey determinaſſe o que devia fazer: e no emtanto eſperou ſuas ordens na Corte de Napoles.

CAPITULO XI.

Manda o Papa que vá o Santo a Franſa: e a promptidaõ em obedecer-lhe.

NAõ paſſou muito tempo que naõ recebeſſe o Inviado a carta de officio para o Papa mandada por ſeu Rey, que ardia na impaciencia de ver na ſua Corte a Franciſco, de quem todos os dias ouvia falar maiores prodigios: e como a Sua Mageſtade ſe lhe augmentavaõ cada vez mais ſuas queixas, creſciaõ á correſpondencia os dezejos do remedio, que conſiderava na chegada do Santo. Naõ contentandoſe ElRey Luiz XI. com as diligencias mandadas praticar pelo ſeu Inviado á cerca de ElRey de Napoles, nomeou para Embaxador da Corte Romana ao Senhor de Baldricur, Marechal dos ſeus exercitos, e Governador de huma das Provincias do Reino, homem muito politico, e de grande eſfera para tratar eſte negocio taõ importante á ſaude de hum Monarca. Partio o Marechal de Franſa para Roma, onde achou a Monſiur Guynot de Buſſiere, que eſtava tratando do meſmo negocio deſde que recebeu as cartas Credenciaes em Napoles, como diſſemos no capitulo antecedente. Conferiraõ ambos os Miniſtros de ElRey de Fran-

Franſa ſobre a materia; e determinaraõ, para ganhar tempo, prezentar-ſe ambos á audiencia do Papa para que eſte ſe viſſe obrigado a mandar a Franciſco por obediencia.

Ouvio Xiſto IV. pelos Miniſtros Regios os dezejos de ElRey Luiz com grande goſto; e logo expedio as ordens neceſſarias, nas quaes mandava que logo logo partiſſe Franciſco para o Reino de Franſa ſem demora alguma; e para evitar toda, a que podia ſucceder neſta jornada, entregou as cartas, em fórma de Breve, a Monſiur Guynot de Buſſiere, para que foſſe á Calabria, e as entregaſſe em maõ propria, e que ambos vieſſem a Roma, donde deviaõ partir para aquelle Reino.

Chegou o Inviado a Paula; onde, como querem alguns Eſcritores, eſtava o Santo; outros referem que eſtava neſſe tempo em Paterno: mas nós naõ faremos aqui queſtaõ ſobre eſta materia. O certo he que chegando Monſiur Guynot ao Convento, lhe entregou os Breves Pontificios, os quaes recebeu Franciſco com ſumma veneraçaõ, e profunda humildade, cuja virtude ſe augmentou mais no coraçaõ do Santo quando os leu, porque todas ſuas clauzulas eſtavaõ cheias de reſpeito, e veneraçaõ. Entre outras referem os noſſos Eſcritores a ſeguinte: *Seja ſervido, veneravel ſervo de Deos, que ſedo nos vejamos em Roma, onde o eſtamos eſperando com grande dezejo* Naõ ſe demorou Franciſco em dar a reſpoſta, nem em cuidar della, porque logo diſſe: *He vontade de Deos expreſſada pelo ſeu Vigario na terra: he precizo obedecer com toda a rezignaçaõ.*

Queria Monſiur de Buſſiere que o Santo embarcaſſe na galera, em que tinha vindo; mas eſcuzou-ſe Franciſco a iſto, dizendo que elle era Geral de ſua Religiaõ, e ſe lhe fazia precizo que antes da ſua partida vizitaſſe ao menos os Conventos mais vizinhos da ſua pequena familia, para cujo governo devia recommendar a algum Religiozo que cuidaſſe delles, e ſup-

prille ſua auzencia em toda a Italia. Tambem lhe era indiſpenſavel concluir certos negocios, que eſtavaõ pendentes aſſim em Paula, como em Paterno: e finalmente que a ternura, com que amava a ſeus filhos, e eſtes lhe correſpondiaõ, naõ permittia que ſe ſeparaſſe delles ſem lhes deixar algumas inſtrucçoẽs neceſſarias para uzarem dellas nos cazos emergentes. A eſtas razoẽs cheias de madureza cedeu o Inviado: e recommendando ao Santo naõ ſe demoraſſe com eſtas diſpoziçoẽs, embarcou em Paula na meſma galera para Napoles, onde contou a ElRey Fernando quanto havia paſſado com Franciſco; o modo como alcanſou de Xiſto IV. o mandar ao Santo; e a ſumma obediencia deſte, que ficou com a reſoluçaõ de fazer ſua jornada por terra até áquella Corte. Ficou ElRey Fernando ſatisfeito, attendendo ao empenho de ElRey de Franſa; ainda que diſplicente por lhe faltar do ſeu Reino hum vaſſallo de tanto merecimento. Determinou logo hum ſumptuozo apparato para receber a Franciſco, como veremos mais adiante.

CAPITULO XII.

Parte o Santo da Calabria: jornada que fez a Napoles: milagres, que fez na ſua partida, e na jornada.

APENAS Monſiur de Buſſyere ſahio do Convento de Paula para embarcar, convocou Franciſco toda ſua Communidade para dar-lhe noticia da ſua partida para Napoles, e depois a Roma, e finalmente a Franſa. Naõ podia deixar de ſorprender os animos dos Religiozos eſta improviza noticia: mas o Santo lendo no ſemblante de todos os ſeus Religiozos a grande magoa, que lhes penetrava os coraçoẽs; lhes reprezentou que eraõ da vontade de Deos aquellas jornadas, e que devia conformar-ſe, e elles tambem rezignar-ſe em todas as determinaçoẽs Divinas: exhortou

hortou a todos para ſe conſervarem obſervantes das Leis, e do exemplo, que lhes tinha dado, em quanto naõ eſtabelecia Regra, como depois fez: recommendou-lhes a caridade fraternal, e que ſempre tiveſſem prezente que o fim primeiro, e ultimo, que os obrigou a deixar o ſeculo, e procurar o clauſtro, naõ foi outro mais que adquirir a virtude, e alcanſar a ſalvaçaõ eterna. Para eſte effeito, e para conſeguir eſtes fructos, os chamou Deos á Religiaõ, onde deviaõ viver ſubordinados á ſua Divina vontade, com huma total indifferenſa da propria; que deſte modo gozariaõ neſta vida hum Ceo anticipado, porque eſquecidos de todos os intereſſes terrenos, naõ cuidariaõ mais que nos de Deos, e das ſuas almas.

Acabada eſta pratica cheia de caridade, nomeou ao Padre Fr. Paulo de Paterno para Vigario Geral de todos os Conventos de Italia, concedendo-lhe todas ſuas faculdades, naõ ſó para o governo dos que eſtavaõ fundados, mas tambem para aceitar, e fundar os outros, que occorreſſem uteis ao ſerviço de Deos, e em beneficio dos Fieis. Eſcolheu os Religiozos, que devia levar na ſua companhia neſta jornada, que foraõ o Padre Fr. Bernardino de Otranto de Cropulato, ſeu Confeſſor, o Padre Fr. Joaõ Cadurio de Roca Bernarda, e ſeu ſobrinho Fr. Nicolau Aleſſio, filho de ſua prima Brigida, do qual referimos no livro primeiro que o Santo reſuſcitou depois de quatro dias morto, e lhe veſtio o ſanto habito.

A Mãi deſte Religiozo, logo que teve a noticia da partida de Franciſco, e de ſeu filho, foi ao Convento buſcar a ambos banhada em lagrimas de ternura, e com expreſſoẽs maviozas ſupplicou ao Santo lhe quizeſſe deixar alguma prenda para alivio da ſua ſaudade. Franciſco, que naõ poſſuia coiza alguma, que podeſſe dar em penhor do affecto, com que amava ſua prima, tirou hum dente queixal de ſua boca, e lho deu, dizendo-lhe: *Que promettia tẽlla ſempre prezente nas ſuas oraçoẽs; e eſta era a melhor prova,*

e a mais certa expreſſaõ, que podia exhibir do ſeu amor. Para ſua lembranſa lhe deixava aquelle dente, que ſendo huma minima parte do ſeu corpo, comprehendia mais que outra qualquer prenda, que naõ foſſe propria: além de que a ſua pobreza lhe perſuadia ballantemente que naõ tendo coiza alguma que foſſe ſua, para dar-lhe alguma outra coiza, ſe a tiveſſe, ſeria tirando-a de ſi meſmo.

Eſte dente ſe conſerva prezentemente em hum reliquario de prata no Convento de Paula, e obra muitos prodigios, eſpecialmente com os que padecem dores de dentes. Depois de alguns annos de eſtar em poſſe deſta reliquia os noſſos Religiozos de Paula, que a expoem á publica veneraçaõ dos Fieis, chegou áquella Cidade huma mulher com grande oſtentaçaõ, fingindo ſer de illuſtre naſcimento: indo vizitar a noſſa Igreja pedio lhe deixaſſem bejar as reliquias do Santo, que ſe conſervaõ nella: aſſim que chegou a bejar eſta, partio-ſe o dente com grande admiraçaõ de todos, e confuzaõ da mulher, que deſcobrio ſer de baixa eſfera, e de vida pouco honeſta: mas com eſte prodigio fez logo huma confiſſaõ geral, e trocou ſeus maus coſtumes em aſperas penitencias para ſatisfazer ſuas culpas, nas quaes andava ſubmergida tantos annos.

Deſpedido Franciſco do Convento de Paula, tomou com ſeus companheiros o caminho de Paterno, aonde chegou no meſmo dia. O alvoroço, com que os Religiozos coſtumavaõ receber ſeu Santo Patriarca, ſe lhes commutou em lagrimas tanto que ſouberaõ os motivos de ſua vinda, naõ podendo levar com paciencia que ſe auzentaſſe para terras taõ remotas ſeu Pai, e Fundador. Mas eſte fazendo-lhes outra pratica ſimilhante á que havia feito em Paula, os conſolou, e corroborou na rezignaçaõ com a vontade de Deos. Entre os ſeculares moradores deſta Cidade, Paulo da Porta era intimo amigo do Santo; e indo eſte a ſua caza deſpedir-ſe, depois de moſtrar hum inconſolavel ſentimento, lhe pedio lhe quizeſſe deixar alguma coiza

za para reliquia, e memoria ſua, pois que já naõ lhe ficavaõ eſperanſas de tornallo a ver. Tirou Franciſco hum merendeiro da manga, dizendo que o levava para provimento de ſua jornada: e quando o recebeu Paulo da Porta notou que deitava hum cheiro taõ ſuave, e huma cor taõ eſtranha, que naõ parecia natural: mandou-o guardar dentro de huma caixa ſeparada, onde eſteve por eſpaço de ſinco annos; no fim dos quaes, havendo huma grande careſtia de paõ, a mulher de Paulo naõ tendo outro recurſo, diſtribuio o merendeiro pela familia, que ſe compunha de doze peſſoas, ficando todas ſatisfeitas, quando naõ poderia alcanſar nem para huma ſó, pela razaõ natural.

Finalmente partio Franciſco de Paterno, e deſpedindo-ſe de todos os ſeus Religiozos dos mais Conventos, tomou a eſtrada de Napoles por Caſtrovillar, e por Morano. No meio do caminho deſtes dous lugares ſobio a huma ſerra, donde ſe deſcobre a maior parte das campinas da Calabria, que dahi por diante já ſenaõ podem aviſtar, e deitou ſua benſaõ deſde o alto della: eſtava na ſerra hum penedo, ſobre o qual poz os pés quando deitou a benſaõ, que conſervou por muitos annos o ſignal das pégadas com grande veneraçaõ dos que viajavaõ por aquelle ſitio, até que hum Religiozo da noſſa Ordem, natural de Morano, o mandou conduzir ao noſſo Collegio de Roma, que pertence a eſta Provincia de Calabria, e foi fundado ſó para os Calabrezes debaixo do titulo de S. Franciſco de Paula. Porém depois pelas grandes, e inceſſantes inſtancias do Principe de Scalea Dom Troiano Spinelli, lhe foi concedido, conſervando-o muitos annos no ſeu Palacio: finalmente eſteve na Sacriſtia dos PP. Menores de Morano, que o guardavaõ com grande veneraçaõ: o Illuſtriſſimo Perrimezzi o vio, e beijou, ha mais de ſincoenta annos, no ſitio onde eſtá com grande veneraçaõ de todos.

Seguindo Franciſco ſua jornada chegou a huma terra chamada Caſtellucio; onde como aos que viajavaõ

vaõ com o Santo lhes faltaſſe o vinho, que traziaõ para ſeu provimento, naõ tendo dinheiro, com que o comprar, foi Franciſco pedillo de eſmola a hum vizinho daquella terra; o qual lhe reſpondeu que naõ tinha, porque huma pipa, que tinha em caza para ſeu gaſto, havia já dias eſtava vazia. Mas o Santo lhe replicou que foſſe, que algum acharia na pipa. Vendo o homem o bom modo, e affabilidade do Santo, e a neceſſidade, com que pedia a eſmola, foi ver ſe a pipa teria ainda alguma pinga de vinho, com que ſoccorrer aquelles viajantes; mas apenas chegou á torneira achou eſtava a pipa cheia, e com grande admiraçaõ entrou a gritar com alegria, e a chorar com ternura, chamando a todos os vizinhos para ſerem teſtimunhas daquelle prodigio, e para terem a felicidade de bejar os pés a Franciſco, como elle tinha feito.

Paſſou depois o Santo a Laurea, terra populoza da Dioceze de Policaſtro, illuſtrada naõ ha muitos annos com a Purpura do Cardeal Lourenſo Brancati, conhecido pelo de Laurea, por ter ſido eſta ſeu berço: entrando neſte lugar reparou que o jumentinho, que ſervia de azimel para alivio da jornada dos ſeus companheiros, eſtava desferrado; chegou-ſe a hum ferrador rogando-lhe o quizeſſe ferrar; naõ teve duvida o ferrador de executar logo o que Franciſco lhe pedia, mas immediatamente acabou de ferrar pedio-lhe o importe do cabedal, e trabalho, que tinha poſto; ao que reſpondeu o Santo que elle naõ poſſuia dinheiro algum; que recebia tudo por caridade; e que no Ceo acharia o premio daquella eſmola. Ardeu o ferrador com eſtas palavras, perſuadindo-ſe que era induſtria, com a qual pertendia lograllo; e enchendo-ſe de colera prorompeu em palavras injuriozas contra o Santo, e ſeus companheiros, accreſcentando que ſe naõ tinha dinheiro para lhe ſatisfazer ſeu trabalho, e o mais, que deviaõ pagar, naõ o occupaſſem. Franciſco obſervando o enfado do ferrador naõ lhe reſpondeu coiza alguma; voltou-ſe para o jumento, ao qual

qual coſtumava dar o nome de Martinello, e lhe diſſe: *Meu Martinello, eſte homem quer que eu lhe pague; eu naõ tenho dinheiro: para que naõ ſe enfade mais, reſtitue-lhe as ferraduras; que andarás ſem ellas até que Deos mande alguma providencia*: immediatamente ſacodio o jumento as ferraduras dos pés, e das maõs, que cahiraõ no chaõ, como ſenaõ as tiveſſe cravadas nos calcos. Envergonhou-ſe o ferrador á viſta de taõ raro ſucceſſo, e cheio de confuzaõ ſe proſtrou aos pés do Santo ſupplicando-lhe que lhe permittiſſe ferrallo de novo; mas Franciſco recuzou a offerta; e chegando a outro lugar vizinho, chamado Lagonero, outro ferrador mais caritativo o ferrou de graça.

Foi continuando ſua jornada até á Cidade de Salerno, onde foi hoſpedado em caza de huma familia illuſtre do appellido de Capograſſi, a qual familia eſtava proxima á extinguir-ſe, porque quantos filhos dava á luz a conſorte deſte Fidalgo, que poſſuia a caza, tantos lhe morriaõ em menor idade. Lamentando-ſe eſte Morgado da ſua infelicidade com ſeu hoſpede Franciſco, eſte o conſolou promettendo-lhe que brevemente teria numeroza ſucceſſaõ; porém que ao primeiro filho, que naſceſſe lhe pozeſſe, o nome de Franciſco MARIA, e aos mais os nomes, que quizeſſe, com tanto que todos tiveſſem o ſobrenome de MARIA. Com eſta promeſſa ficou ſatisfeito o Morgado, e muito mais quando vio verificada a profecia do Santo, de tal ſorte que em breves annos ſe achou baſtantemente extendida eſta familia, conſervando ſeu antigo decóro, e eſtimaçaõ de todos os Cidadoẽs. A caza, onde paſſou o Santo a noute, ſe venera no meſmo Palacio ſervindo de Oratorio, cujo painel do Altar he huma imagem do meſmo Santo, que todos adoraõ com ſumma devoçaõ.

Neſta Cidade de Salerno quiz ElRey Fernando que ſe déſſe principio ao apparato para o recebimento de Franciſco, como diremos no capitulo ſeguinte; e ago-

agora referiremos algumas acçoẽs, e profecias que ô Santo fez. Logo que ſahio pela porta chamada da Cadeia, diſſe que alli ſe havia de fundar hum Convento da noſſa Ordem, como ſuccedeu no anno de 1516, que o Principe de Salerno Roberto San Severino juntamente com o Senado da Camera da Cidade verificaraõ a profecia. Quando chegou á Cidade da Cava ſe eſtavaõ acabando de abrir os fundamentos de huma Igreja; e ſendo rogado para que quizeſſe lanſar a primeira pedra daquelle edificio, reſpondeu que com muito boa vontade o faria, porque chegaria tempo, em que aquella Igreja ſeria da noſſa Ordem, como ſe verificou no anno de 1581, que os moradores do lugar a offereceraõ aos noſſos Religiozos para fundarem hum Convento.

CAPITULO XIII.

Solemne apparato, com que ElRey Fernando o recebeu em a Cidade de Napoles: virtudes que exercitou; e milagres, que fez.

DISSEMOS que logo que chegou o Santo á Cidade de Salerno, quiz ElRey dar principio ás honras para ſeu recebimento. Determinou que em todas as praças publicas da Cidade de Napoles, por onde o Santo devia paſſar, ſe fizeſſem arcos triunfantes, e outras maquinas, que ſe coſtumaõ erigir em as occazioẽs das maiores feſtas; para cuja ſumptuozidade concorreraõ com genorozo affecto todos os Cidadoẽs, e moradores daquella Corte, entre os quaes ſe diſtinguio Monſiur de Buſſiere Inviado de ElRey de Franſa para manifeſtar a todos o grande intereſſe, que tomava na ſua chegada por parte de ElRey ſeu Amo. Mandou que juntos com eſte Inviado foſſem á Cidade de Salerno dous Fidalgos de ſua Corte para que todos tres cumprimentaſſem a Franciſco; Monſiur de Buſſiere por parte de ElRey de Franſa, e os dous

dous por parte da Mageſtade Napolitana, e vieſſem acompanhando-o até á Corte.

Junto ás portas de Salerno ſe executou eſta ceremonia com grande alegria do innumeravel povo, que ſeguia a Franciſco acclamando-o por Santo. Continuaraõ a jornada até Napoles, em cujas portas eſtava ElRey com toda a familia Real acompanhada da Corte. A porta, que determinou ElRey para eſta ceremonia, era a chamada Capuana, na qual fez tambem ſua entrada de triunfo Affonſo Angioini quando voltou victoriozo dos Mouros de Tunes; para que a todos conſtaſſe que recebia a Franciſco dentro de ſua Corte com a maior diſtinçaõ, que podia uzar hum Monarca com outro ſeu igual. Aſſim que o Santo chegou á mencionada porta de Capuana entre o Inviado de Franſa, e os Fidalgos, que o acompanharaõ deſde Salerno, á diſtancia de ſinco, ou ſeis paſſos ſahio ElRey com todos ſeus filhos fóra da porta, e lhe deu hum amorozo abraço, ao qual correſpondeu Franciſco com as expreſſoẽs mais cordiaes, e com a fórma mais obſequioza do ſeu reſpeito. Todos os Principes filhos de Fernando ſe pozeraõ de joelhos para uzarem com devoçaõ, e ternura os actos mais amorozos, e reverentes, aos quaes imitaraõ os Cidadoẽs, que compunhaõ o corpo do Senado, e os Fidalgos da Corte. Todas as Communidades Religiozas, que eſtavaõ prezentes, praticaraõ as acçoẽs mais humildes, demonſtrando ſua grande veneraçaõ, tomando-lhe a benſaõ de joelhos, e beijando-lhe os pés, porque o conſideravaõ por hum homem mandado por Deos para remedio do mundo. Finalmente ordenou-ſe huma ſolemne prociſſaõ deſde aquella porta até ao Caſtello novo, onde eſtava em aquelle tempo o Palacio Regio. Por todas as ruas, pelas quaes paſſava eſte luzidiſſimo acompanhamento, era tanto o concurſo do povo, que ſe deveu á diligencia do Principe de Taranto naõ ficar o Santo opprimido da gente, que á porfia procurava chegar para lhe bejar ao menos a fimbria do habito. As janellas de todas

as

as cazas, que eſtavaõ ricamente armadas, ſe viaõ cheias de toda a qualidade de peſſoas, que perdendo as leis da civilidade, ſe introduziaõ para ver o pobre Eremitaõ, que paſſava por aquelles ſitios.

Entre todos eſtes applauzos, honras, e obzequios univerſalmente tributados a Franciſco, naõ deſcahio eſte hum ponto da ſua profunda humildade, ſendo o objecto unico da admiraçaõ de todos. Attribuia a Deos, e referia á ſua gloria todos os actos, que com elle praticavaõ, conſiderando-ſe o mais indigno entre os homens com huma inalteravel modeſtia acompanhada de gravidade. Chegou á praça do Caſtello, onde eſtavaõ formados os Regimentos, que o receberaõ com triplicada ſalva; e paſſando ao Palacio foi conduzido por ElRey, que ſempre o acompanhou, dando-lhe ſua maõ direita, ao quarto, que mandou preparar para ſua hoſpedagem. Naõ ficou Franciſco ſatisfeito em ſer hoſpedado no Palacio, porque eſtaria mais goſtozo ficando no hoſpicio, onde mandou ElRey accommodar ſeus Religiozos companheiros: mas a doce violencia de Fernando, que naõ queria ſeparar-ſe da ſua companhia de dia, e de noute, o obrigou a ſujeitar-ſe. A Rainha Dona Izabel, e a Infanta ſua filha, aſſim que o Santo entrou no Paço, ſe deraõ préſſa para buſcallo, e bejar-lhe o habito; com demonſtraçoẽs de ſingular ternura, e devoçaõ lhe fizeraõ muitas perguntas, ás quaes, naõ ſendo Franciſco homem criado na Corte, deu reſpoſtas taõ politicas, que admiravaõ aos que eſtavaõ mais bem inſtruidos. O conhecimento deſte homem Santo, que chegou a ter ElRey Fernando, o obrigou a duvidar do cumprimento da palavra, que tinha dado a ElRei de Franſa; porque ſentia no ſeu Real animo huma grande repugnancia em deixar ſahir fóra do ſeu Reino hum vaſſallo, no qual Deos havia depozitado todas as virtudes.

Para que eſtas brilhaſſem mais á viſta de toda a Corte, permittio a Mageſtade Divina que Fernando entraſſe no empenho de provallas com varias experiencias

cias. Mandou que ſe lhe fizeſſe huma cama de colchoẽs de plumas: e tanto que lhe pareceraõ horas que Franciſco eſtaria recolhido, foi á porta do ſeu quarto para obſervallo ſe eſtava deitado na cama, que ſe lhe havia preparado: mas apenas chegou vio pelas fendas da porta huma luz taõ eſtranha dentro do quarto, que o ſorprendeu parecendo-lhe hum grande incendio: obſervou pelo buraco da fechadura a cauza de taõ rara claridade, e vio ao Santo em extaſe, elevado ſeis covados do chaõ, e rodeado de hum celeſtial reſplandor, que circumdava todo ſeu corpo, tendo o roſto taõ abrazado, que parecia exhalava lavaredas de fogo; e ultimamente ouvio hum ſuave, e ſonoro concerto de Muzica de choros Angelicos, que applaudiaõ a caridade, em que ardia o peito daquelle abrazado ſerafim de Paula: deſta ſorte ſe confirmou no conceito, que tinha formado pelas muitas informaçoẽs, que atteſtáraõ o raro das ſuas heroicas virtudes.

Naõ ficou ElRey Fernando ſocegado com eſta prova; quiz experimentar a ſua abſtinencia ſe era taõ rigoroza como o informáraõ. Convidou-o muitas vezes para a ſua meza; mas ſempre Franciſco ſe eſcuzou, dizendo que naõ era digno de ſentar-ſe á meza com hum Monarca, de quem era inutil, e indigno vaſſallo. Naõ podendo ElRey conſeguir o que pertendia, a horas de jantar mandou-lhe por hum pagem hum prato da ſua meza com huns peixes fritos para que os comeſſe; o Santo, logo que ſe lhe prezentou o prato, deitou ſua benſaõ ſobre os peixes, e reſuſcitando-os diſſe ao pagem: *Ide, dizei a ElRey que eu lhe agradeço o mimo, com que me trata; que aſſim como eſtes pexinhos vaõ com vida, aſſim tambem ſeria do agrado de Deos que alguns dos que eſtaõ prezos nas cadeias, recebeſſem ſua liberdade; que ainda que naõ eſtaõ mortos, eſtaõ ſepultados no eſquecimento dos Miniſtros, que lhes roubaõ ſua juſtiça.*

Ultimamente intentou Fernando provar a ſua pobreza mandando-lhe de prezente huma grande bandeja

deja de prata, cheia de muita quantidade de dinheiro: e para occultar mais a idéa deſta experiencia, que intentava fazer, mandou ao criado, que lhe levava eſta offerta, que diſſeſſe ao Santo que ſe ſerviſſe daquella ſomma de dinheiro para a obra do ſeu Convento, que eſtava principiado fóra dos muros da Cidade. Demorou-ſe o criado por induſtria de ElRey, que quiz achar-ſe prezente ao tempo que lhe déſſe o recado, para obſervar no ſemblante de Franciſco os movimentos do ſeu coraçaõ deſintereſſado ſe era como lhe diziaõ. Penetrando o Santo as idéas de ElRey, e em occaziaõ taõ opportuna, manifeſtou Franciſco á meſma Mageſtade quanto até alli diſſimulou digno de advertencia ſobre ſeu governo para alcanſar a ſalvaçaõ eterna. Tomando huma moeda de ouro nas ſuas maõs a partio pelo meio, e ſahindo das duas ametades baſtante ſangue, voltou-ſe Franciſco a Fernando dizendo-lhe: *Oh Senhor, eſte ſangue, que ſahe das entranhas deſta moeda, he o ſangue dos pobres vaſſallos; naõ pode ſer do agrado de Deos o methodo, com que V. Mageſtade ſe tem conduzido no ſeu Reinado.* E ſobre eſta materia lhe foi deſcobrindo muitos ſegredos, os mais occultos da conſciencia de ElRey, dando-lhe avizos ſaudaveis para ſua ſalvaçaõ; até que concluio dizendo que em breve tempo perderia a Coroa, porque naõ ſe havia emendado com os repetidos avizos, que teve do Ceo, ſendo hum delles a perda de Otranto conquiſtada pelos Turcos, que milagrozamente foi recuperada, e reſtituida a ſeu dominio.

Com liberdade falou Franciſco a ElRey Fernando, o qual immediatamente eſquecendo-ſe do caracter da Mageſtade, e conſiderando-ſe peccador, ſe proſtrou aos pés do Santo ſupplicando-lhe oraſſe a Deos por elle para naõ perder a ſalvaçaõ eterna. Antes do Santo partir de Napoles mandou ElRey chamar hum pintor para retratar a Franciſco: e como eſte repugnaria deixar-ſe retratar, foi precizo que o pintor obſervaſſe a fizionomia do Santo pelas fendas do quarto,

em

em que aſſiſtia. Eſtando neſta diligencia vio a Franciſco coroado de eſtrellas : dando parte diſto a Fernando, mandou que do meſmo modo o retrataſſe: eſta pintura veio depois a poſſuilla o Duque de Montalto, que a deu para a Igreja do noſſo Convento de S. Luiz, onde actualmente ſe conſerva.

Inſtou ElRey ao Santo quizeſſe fundar dentro da Cidade hum Convento, porque o que ſe havia principiado eſtava em hum dezerto expoſto aos inſultos dos ladroẽs : mas Franciſco reſpondeu que chegaria tempo, em que aquelle ſitio ſeria o bairro mais nobre daquella Corte: o que ſe verificou no tempo, em que foi Vice-Rey de Napoles Dom Pedro de Toledo, que mandou fabricar hum Palacio para a ſua rezidencia, e dos ſeus ſucceſſores no meſmo ſitio, que actualmente fórma huma face da praça, que ſe compoem dos edificios mais nobres da Corte, ſendo hum delles o noſſo Convento de S. Luiz, como diremos no ſeu lugar.

Neſtes poucos dias, que ſe demorou neſta Corte de Napoles, obrou muitos milagres, dos quaes ſó referiremos alguns. Achava-ſe em Napoles o filho de Tiberio Judiciſſa, natural de Spezzano, grande bemfeitor do noſſo Convento de ſua terra, o qual foi a offerecer-ſe ao Santo para acompanhallo ao Reino de Franſa. Ficou Franciſco algum tempo ſuſpenſo a eſta propoſta, e depois perguntou a eſte mancebo ſe ouvia tocar alguns ſinos? Reſpondendo-lhe que naõ, tomou o Santo ao mancebo por hum braço, e o levou á janella, onde lhe tornou a fazer a meſma pergunta; á qual reſpondeu que ouvia os ſinos da ſua Freguezia de Spezzano: reperguntando-lhe ſe ſabia a cauza, porque dobravaõ, e dando o mancebo em repoſta que a ignorava, lhe diſſe o Santo: *Os ſinos de Spezzano dobraõ pela morte de teu Pai, e te eſtaõ chamando para cuidares nos intereſſes de tua caza ; vai para ella, e deixa-te de acompanhar-me, rezignando-te na vontade de Deos.* Fez logo jornada o mancebo para a Ca-

labria: e chegando a ſua caza achou certo tudo quanto o Santo lhe havia dito em Napoles.

Em hum dos quartos Reaes prendeu fogo, e ſe foi ateando o incendio, que ameaçava grande ruina: ſahio logo Franciſco a acodir, e conhecendo ſer obra do demonio, a quem coſtumava chamar Malataſca, animou a toda a gente para que ajudaſſem a apagallo: eſtando todos applicados a eſta manobra viraõ a Franciſco, que com ſuas meſmas maõs ás braçadas deitava o fogo pelas janellas, deixando deſte modo em breves minutos apagado todo o incendio. Eſte meſmo quarto no tempo prezente ſe acha convertido em huma devota Capella, conſervando a memoria deſte prodigio.

CAPITULO XIV.

Partida, que fez o Santo de Napoles para Roma: honras que recebeu do Pontifice.

PASSADAS duas ſemanas, que eſteve Franciſco em Napoles, ainda que pareceſſe muito tempo para o empenho de Monſiur de Buſſiere, que naõ deſçanſava de ſolicitar com inſtancia ſua partida; eraõ poucos dias de demora para o dezejo de Fernando que procurava os meios de differilla. Mandou ElRey preparar huma galera para tranſportar o Santo até a Franſa, devendo fazer ſua digreſſaõ a Roma. Nomeou para Commandante a Federico Principe de Taranto e para o acompanhar até Franſa a Franciſco Galeota, com o qual deviaõ ir, como foraõ, outros Fidalgos, que nomeou o Senado para eſte meſmo fim, para o ſervir, cujos nomes naõ ſe achaõ regiſtados nas memorias, que deraõ noticia aos noſſos Eſcritores. Deſpedindo-ſe o Santo de ElRey Fernando lhe renovou a memoria da inconſtancia da vida, e da certeza da morte, expreſſando-lhe quanto dezejava ſua ſalvaçaõ, e que para a conſeguir nunca ſe eſqueceſſe qu

era homem ſujeito á vontade da Mageſtade Divina; de cujo dominio naõ podia eximir-ſe, ainda que eſtava reveſtido do caracter de Rey. Eſtes, e outros avizos muito importantes aos intereſſes de ſua alma, recebeu Fernando com grande devoçaõ, ficando-lhe impreſſos no ſeu animo, como manifeſtou depois pelas obras.

Todo o corpo do Senado paſſou a procurar a Franciſco para augurar-lhe feliz viagem, e para lhe offerecer os ſeis Cavalheiros, que deputou para o acompanhar em toda ſua jornada. Finalmente ElRey Fernando quiz coroar o obzequio, que até alli fez ao Santo, acompanhando-o com as meſmas honras, que o recebeu, conduzindo-o na ſua companhia até ao bordo da galera, que o havia de tranſportar a Roma, e depois a Franſa. Quando ſe deſpedio para voltar á terra, ſe pôs ElRey de joelhos para lhe bejar a maõ, e lhe bejaria os pés, ſe lho permittiſſe o caracter da Mageſtade, e a humildade de Franciſco lho naõ impediſſe. Voltando-ſe ao Embaxador de Franſa lhe falou deſte modo: *Dizei a ElRey voſſo amo que fico privado da mais precioza joia do meu Reino: bem póde perſuadir-ſe que igual fineza naõ a faria, ſe naõ me obrigaſſe a grande eſtimaçaõ, que faço da ſua ſaude, ſendo intereſſado nella como na minha propria.*

No fim de Fevereiro de 1482 ſoltaraõ as velas, e com feliz ſucceſſo chegaraõ á enſeada de Treveri; onde, acommettendo-os huma grande tormenta, ſe viraõ em perigo de naufragar: e ſem duvida ficariaõ todos ſubmergidos, ſe a galera com a violencia das ondas naõ encalhaſſe em hum banco de arêa, onde era maior o perigo, ainda que menos inſtantaneo. Todos deſanimados neſte conflicto naõ tinhaõ outra eſperança mais que trazer na ſua companhia a Franciſco; ao qual foraõ procurar dentro da camera occupado no ſeu coſtumado exercicio de orar, para implorar opportuno remedio em taõ evidente perigo. Sahio do ſeu retiro, vio os animos de todos turbados do ſuſto, que

os obrigava a derramar copiozas lagrimas; e com ſemblante ſereno diſſe: *Se quereis ſalvar-vos, he precizo que eu entre no mar.* Acabadas de proferir eſtas palavras, deitou ſua benſaõ ſobre as aguas, e entrando nellas applicou ſeus hombros á galera, e a deſencalhou da arêa: continuou depois a caminhar Franciſco ſobre as meſmas aguas a pé enxuto até ao porto de Oſtia, onde foi tambem conduzida a galera á forſa de remo com felicidade, porque eſtavaõ os mares ſocegados.

Depois de reſtabelecidos neſte porto do trabalhozo ſuſto, que experimentaraõ, continuaraõ ſua viagem até ao rio Tibre, e daqui a Roma, onde deſembarcando Franciſco, na primeira Igreja, que encontrou, foi dar as graças ao Altiſſimo dos beneficios recebidos na viagem. Paſſou depois com toda a ſua comitiva, que lhe faziaõ Corte, ao Palacio do Marechal Baldicourt Embaxador da Mageſtade Chriſtianiſſima na Curia Romana. Foraõ innumeraveis as vizitas, que teve de toda a Corte, já informada de ſuas raras virtudes, naõ ſó pela fama publica, mas tambem pelo que havia referido Monſenhor Adorni quando voltou de Paula, acabada a commiſſaõ, da qual eſtava encarregado por Paulo II., como já diſſemos. Ajuſtou-ſe o dia, em que devia ir á audiencia do Papa, que foi na manhãa ſeguinte; e foi conduzido ao Palacio do Vaticano pelo Embaxador o Marechal Baldicourt, acompanhado de Monſiur de Buſſiere, do Principe de Taranto, dos Cavalheiros Napolitanos, e de muitos Prelados aſſim deſta naçaõ, como Francezes, que quizeraõ obzequiar ſuas virtudes, e tambem lizongear as duas Potencias taõ empenhadas nas honras de Franciſco.

Foi recebido na antecamera Pontificia de hum grande numero de Prelados com expreſſoẽs de eſtimaçaõ, e reverencia; e logo pelos meſmos foi introduzido á ſalla de audiencia, onde achou no ſeu throno a Xiſto IV., a quem, immediatamente que o aviſtou, adorou, proſtrando-ſe no chaõ com profundo reſpeito

to, repetindo eſtas meſmas adoraçoẽs por tres vezes, até que chegou ao throno, onde bejando-lhe o pé, banhado em lagrimas manifeſtou com frazes cheias de virtude os ſincéros affectos de ſua humildade, confeſſando-ſe indigno de chegar a ſer admittido na prezenſa de hum Vice-Deos na terra, devendo-ſe eſte beneficio, que lhe concedia, á ſumma benignidade Pontificia, que ſe dignava chegaſſe aos pés de huma dignidade taõ alta hum pobre Eremitaõ indigno de eſtar entre os homens.

Deu-lhe os agradecimentos com humildes expreſſoẽs da approvaçaõ, que foi ſervido dar á ſua Ordem; inferindo da Apoſtolica beneficencia ſer ſua Religiaõ do agrado de Deos, pois que ſeu Vigario na terra a approvava. Concluio rezignando-ſe todo na ſua vontade, porque eſtava certo que era o unico orgaõ, por onde o Altiſſimo communica ſuas Divinas idéas; offerecendo-ſe para victima naõ ſó elle, mas tambem todos ſeus Alumnos com profunda obediencia. O Pontifice naõ apartou hum inſtante os olhos do ſemblante de Franciſco, no emtanto que eſteve falando, para obſervar ſeu modo, e ponderar ſuas palavras. Aſſim que acabou ſua fala, naõ ſe pôde Xiſto IV. conter que antes de reſponder-lhe lhe naõ manifeſtaſſe ſeu affecto com lagrimas de ternura, conſiderando que eſtava a ſeus pés hum homem, em cujas maõs depozitou Deos o poder ſobre tudo o creado: e fazendo argumento da modeſtia do ſeu roſto, da gravidade do aſpecto, e da humildade de ſuas palavras, inferio o ineſtimavel fundo de ſuas virtudes, que ſe encerravaõ naquella grande alma. Movido de hum devoto impulſo extendeu os braços, e o honrou com hum benigniſſimo abraço: e mandando-o levantar quiz que ſe aſſentaſſe a ſeu lado em huma cadeira, acompanhando eſtas raras finezas com as expreſſoẽs mais affectuozas, ſegurando-lhe a grande eſtimaçaõ, que fazia da ſua peſſoa. Deu depois Sua Santidade audiencia a toda a comitiva de Franciſco, e mandou a eſte que lhe era precizo ter

com elle algumas conferencias sobre alguns negocios de muito pezo.

Por tres vezes foi admittido do Papa a audiencia secreta, gastando em cada huma tres, ou quatro horas. O Senhor de Argenton, Escritor daquelles tempos, affirma que o Pontifice naõ só deu assento a Francisco na audiencia publica na prezença dos Cardiaes, mas tambem em todas as outras lhe continuou as mesmas honras. Na primeira audiencia secreta foraõ assumpto da conferencia os negocios pertencentes á Igreja Catholica, procurando os meios mais opportunos para seus interesses, e a felicidade no governo della, pedindo-lhe o soccorro de suas oraçoẽs, e seu conselho para o acerto. Depois quiz o Pontifice ouvir da boca de Francisco, com toda a individuaçaõ, o principio, e progressos da nova Ordem, que Francisco andava estabelecendo, que lhe deu huma grande complacencia. Na segunda audiencia quiz Xisto IV. honrallo dando-lhe a entender que era seu animo conferir-lhe as Ordens Sacras: porém a humildade de Francisco recuzou esta offerta, considerando-se indigno de huma dignidade taõ alta como he a do Sacerdocio, supplicando ao Papa quizesse admittir sua escuza, porque conhecia que suas forças naõ podiaõ chegar a satisfazer as obrigaçoẽs deste cargo. Naõ continuou o Pontifice sua instancia por naõ disgostallo, porém deu-lhe faculdade para benzer coroas, veronicas, vellas, e outras coizas mais: e se queremos dar credito a hum dos nossos Escritores antigos, tambem lhe deu faculdade de conceder indulgencias (*ll*); o que se deve entender nos termos, em que costumaõ os Papas fazer estas graças ás pessoas leigas, que carecem de jurisdicçaõ Ecclesiastica. Na terceira conferencia se tratou do voto da vida quaresmal, que devia observar-se na sua Religiaõ; como diremos no capitulo seguinte.

CA-

(*ll*) Lanovio citado por Toscano. Vit. S. Franc. de Paul. l. 3. c. 4. p. 335. Hyguera epist. Vit. S. P. N. p. 27.

CAPITULO XV.

Profecias, que fez em Roma : virtudes que manifeſtou, e milagres, que occorreraõ.

NA ultima audiencia ſecreta, que teve Franciſco do Papa, ſe tratou da confirmaçaõ das Conſtituiçoẽs, que havia feito para ſua nova Religiaõ. Havia o noſſo Santo ideado eſtabelecer por voto a obſervancia da vida quareſmal; por quanto eſte methodo ſe havia obſervado, ainda que ſem preceito, por todos os Religiozos até áquelle tempo, ſómente por imitar a auſteridade do ſeu Fundador. Como eſte dezejaſſe perpetuar eſta obſervancia, queria fazer hum particular Eſtatuto, mandando com preceito ſeguir eſta abſtinencia de carnes, e lacticinios; e para maior duraçaõ, e merecimento dos ſeus filhos, inſtava em que foſſe voto ſolemne feito no acto da profiſſaõ igualmente com os outros, que ſe fazem nas outras Religioẽs, para que a ſua tiveſſe eſte diſtinctivo das mais, que compoem, e adornaõ a Igreja Militante.

Eſte foi ſeu heroico penſamento concebido deſde os crepuſculos do naſcimento da ſua Ordem. Para que todos conheceſſem ſer eſta idéa do agrado de Deos, dava por fundamento ter eſta empreza huma grande contradicçaõ dos homens, e huma oppoziçaõ do demonio, que naõ ceſſava de eſtorvalla com perſeguiçoẽs. Monſenhor Adorni, que, como já diſſemos, foi mandado por Paulo II. a Paula, foi o primeiro que procurou deſperſuadir ao noſſo Santo eſta rezoluçaõ como impoſſivel de por-ſe em execuçaõ, pela debilidade da natureza, com a qual ſe diminuiriaõ as forſas do eſpirito. Mas Franciſco com tomar entre ſuas maõs as brazas ardendo, ſuſtentando as por muito tempo, lhe fez conhecer que naõ era taõ impoſſivel como lhe parecia; e que para quem ama a Deos, como eſperava de ſeus filhos, nada lhe ſeria difficultozo.

Vencida eſta primeira duvida dos homens, lhe foi precizo a Franciſco vencer outra maior do demonio, que lhe appareceu hum dia no ſeu pequeno cubiculo, eſtando em oraçaõ. Inſinuando ſe eſte infernal inimigo como Anjo do Senhor, todo cheio de luzes, como ſe foſſe mandado por Deos para illuminar ſeu entendimento ſobre eſta materia, lhe diſſe: *As ſingularidades ſempre ſaõ perigozas. Para evitar os damnos, que pod m experimentar teus filhos, ſegue a norma de tantos herões, que fundaraõ familias Religiozas, contentando-ſe que eſtas obſervem ſó os tres votos. Franciſco de Aſſis tambem teve a idéa de impôr eſte graviſſimo pezo a ſeus filhos; porém deſenganou-ſe reflectindo nas poucas forças humanas, que naõ ſaõ capazes de ſupportar tanta auſteridade. He muito temeraria a rezoluçaõ, que queres tomar, porque deſanimará aos eſpiritos mais fervorozos, e ſerá pouco menos que impoſſivel o praticalla, porque todos haõ de desfalecer.* Eſtas, ou outras ſimilhantes, foraõ as palavras, com que o demonio procurou retirar a Franciſco do penſamento, que havia concebido á cerca da vida quareſmal; porém ficou fruſtrada ſua diligencia, e illuzo ſeu artificio; porque o Santo conheceu logo o engano, e quem era ſeu auctor: o qual vendo-ſe deſcoberto pela ſantidade de Franciſco, cheio de confuzaõ voltou para o inferno para inventar nova idéa, que praticou eſtando o Santo em Franſa, como diremos no ſeu lugar tratando deſte voto quareſmal.

Finalmente tambem Xiſto IV. repugnou approvar-lhe eſte voto; porém permittio que obſervaſſem ſeus Religiozos a vida quareſmal ſem voto, nem preceito, como até alli o haviaõ praticado; deixando aſſim meſmo de approvar naquelle tempo a Regra, que Franciſco lhe offereceu, para conſiderar ſobre ella com maior madureza. Neſta ultima audiencia ſe achava tambem prezente com o Papa o Cardial Juliano de la Ruvera ſeu ſobrinho: e voltando-ſe Franciſco para o Pontifice, depois que o deſenganou de dar-lhe a approva-

provaçaõ da Regra, lhe diſſe: *Beatiſſimo Padre, aqui eſtá quem a ſeu tempo me ha de conceder o que Voſſa Santidade agora me nega.* Foi eſta huma das profecias, que fez o Santo em Roma, que ſe verificou quando o referido Cardial de la Ruvera ſubio ao throno Pontificio, tomando o nome de Julio II., que confirmou ſua ultima Regra, em que eſtábeleceu a vida quareſmal por voto, havendo approvado as tres Regras antecedentes Alexandre VI., nas quaes naõ obrigava a vida quareſmal nem com voto, nem com preceito, mas ſim como conſelho.

Deſte modo profetizou o Pontificado de Julio II., e por outro modo mais graciozo o Pontificado de Leaõ X., ſucceſſor de Julio. Lourenſo de Medicis, que ſe achava naquella occaziaõ em Roma, movido de huma devota curiozidade, foi para ver ao noſſo Santo a caza do Embaxador de Franſa, por modo de vizita politica; levou comſigo hum filho ſeu, chamado Joaõ, que teria ſeis, ou ſete annos de idade, ao qual diſſe ſeu Pai que foſſe bejar a maõ a Franciſco, a quem deu o titulo de Santo. Chegando o menino a praticar eſte acto inſinuado pelo Pai, diſſe Franciſco: *Sim, meu menino, quando tu fores Papa, eu ſerei Santo.* Eſta foi outra profecia, que principiou a verificar-ſe quando chegou Joaõ de Medicis a ter dezoito annos de idade, que Innocencio VIII. lhe deu a Purpura; e declarou-ſe mais quando pela morte de Julio II., de idade de 37 annos, foi eleito Pontifice, tomando o nome de Leaõ X., que no primeiro anno do ſeu Pontificado declarou a Franciſco por Beato, e no ſeptimo o canonizou ſolemnemente entre o numero dos Santos.

Outra profecia fez em huma occaziaõ que hia para o Palacio do Vaticano acompanhado do Embaxador Marechal de Franſa, e dos ſeus Religiozos companheiros. Diſſe a eſtes quando aviſtaraõ o Monte Pincio: *Sobre aquelle monte naõ ſe paſſaráõ muitos annos, que ſenaõ funde hum Convento da noſſa Ordem, ſe Deos for ſervido.* Verificou-ſe eſta profecia doze annos

nos depois, que Carlos VIII. de Franſa mandou comprar aquelle ſitio para edificar hum Convento intitulado a *Trindade dos Montes*, hoje Collegio dos mais famozos da Religiaõ, e dos mais ſumptuozos da Corte Romana, como diremos no ſeu lugar.

Paſſemos agora a ponderar as virtudes, que manifeſtou a todos em os dias, que aſſiſtio em Roma. Entre ellas deve ter o primeiro lugar a humildade, que moſtrou entre as ſingulares honras, que recebeu do Pontifice Xiſto IV., que o fez ſentar a ſeu lado, tratando-o familiarmente, e conſultando com elle negocios de muito pezo, ſem que o acommetteſſe nem a mais leve ſombra de vaidade, ou de complacencia. As vizitas dos Cardiaes, os obzequios dos Prelados, o cortejo dos Principes naõ poderaõ jactar-ſe de haver alcanſado o mais minimo affecto daquelle animo ſuperior a todas as pompas da terra; e ſómente prezo ás das glorias, que achava, e desfrutava ao pé da Cruz, onde conſiderava pendente o Redemptor. Finalmente os applauzos do povo devoto, que faziaõ ecco por toda a parte acclamando-o por Santo, naõ ſó naõ os ouvia, mas tambem nunca poderaõ penetrar ſeu coraçaõ ſempre occupado com huma ardente caridade, que abrazava ſeu peito.

A obediencia, da qual fez hum inteiro holocauſto aos pés do Summo Sacerdote em aquelle tempo, que entrou no Ermo, jurou novamente com os mais votos na prezenſa de Xiſto, fazendo eſpecial memoria della. Ainda que naõ lhe quiz conceder a approvaçaõ da primeira Regra, naõ moſtrou ſignal algum de diſplicencia; porque conſiderava que Deos tem diſpoſto no Ceo quanto ſeu Vigario determina na terra, e que a meſma Mageſtade Divina naõ concede os dezejos, e pertenſoẽs humanas, ſenaõ quando he conveniente ſegundo ſuas altiſſimas idéas, e ſegundo as leis da ſua incomprehenſivel providencia. Deſpindo-ſe do amor proprio, ainda em as ſupplicas, que fez á Séde Apoſtolica, que lhe pareciaõ do ſerviço de Deos,

ſe

ſe ſubordinava ás reſpoſtas do ſeu Oraculo, ſem a mais minima repugnancia. Em recuzar a dignidade Sacerdotal, deu a entender que naõ era ſugeito capaz de recebella; porque pezando a qualidade do cargo com a fragilidade humana, ſe conſiderava indigno. O meſmo Pontifice ſe vio obrigado a ceder do empenho, que tinha em conferir-lhe as Ordens, attendendo á prudencia, com que ſe eſcuzou, e admirando ſeu profundo abatimento. Maior admiraçaõ concebeu o Papa quando, tratando com elle dos negocios, que em aquelle tempo davaõ cuidado a toda a Igreja, rezolvia as duvidas, deixando ſatisfeitos os intereſſes da Séde Apoſtolica, ſem diſgoſtar aos Principes na ſuas pertenſoens, como ſe toda a ſua vida tiveſſe manejado negocios deſta natureza.

Quiz Deos illuſtrar a ſantidade de Franciſco em Roma fazendo alguns milagres, dos quaes ſó referiremos hum. Eſtando já promptos para partir de Roma, a galera, em que devia embarcar o Santo com ſua comitiva, ſe achava encalhada no porto de Oſtia pela falta das aguas do Tibre. Medindo o Piloto huma, e muitas vezes a altura das aguas, ſempre achava muito pouco fundo para a galera poder nadar: uzou de todas as induſtrias maritimas para deſencalhalla; mas todas as manobras lhe ſahiaõ fruſtradas, porque as aguas naõ creſciaõ em altura ſufficiente para poder navegar. Soube deſte trabalho Franciſco, e diſſe ao Piloto que mediſſe o fundo: como eſte já o havia medido muitas vezes, lhe reſpondeu que era eſcuzada a diligencia; que já havia averiguado que naõ tinha agua baſtante para nadar a galera, e que já havia obſervado que naõ vinhaõ aguas do monte, como dezejava, para achar o fundo neceſſario. Naõ obſtante, replicou Franciſco que tornaſſe a medir o fundo; que lhe parecia acharia agua com abundancia. E tomando nas ſuas maõs o prumo, deitou-lhe a benſaõ, e o entregou ao Piloto, que naõ queria aceitallo, porque lhe parecia diligencia eſcuzada; mas mandou-lhe expreſſamente

mente que mediſſe a altura das aguas. Obedeceu o Piloto, e achou que o rio havia creſcido ſeis palmos de altura de agua, que tinha antecedentemente; de ſorte, que logo ſe deu ordem a pôr tudo prompto para a partida.

CAPITULO XVI.

Partida de Roma: viagem até Genova: milagres que fez neſta viagem.

DESPEDINDO-SE Franciſco do Papa Xiſto bejou o pé a Sua Santidade junto com ſeus Religiozos, e toda ſua comitiva, o Principe de Taranto, Monſiur de Buſſiere, e os Cavalheiros Napolitanos. Naõ faltou o Pontifice em continuar-lhe as meſmas honras, com as quaes o principiou a tratar, recommendando-lhe os negocios da Igreja, para que com ſuas oraçoẽs alcanſaſſe de Deos a felicidade, que dezejava. Finalmente deixou Franciſco ſeu coraçaõ com os oſculos, que deu nos pés de Xiſto IV., a quem ſupplicou tomaſſe debaixo do ſeu patrocinio a ſua Minima familia. Deſpedio-ſe tambem dos Cardiaes, dos Prelados, e dos Principes, que o honraraõ com ſuas vizitas, e foraõ todos a embarcar ao porto de Oſtia, onde eſtava ſurta a galera. Soltou eſta ſuas vellas, e com felicidade chegaraõ á altura de Genova. Aſſim que o noſſo Santo aviſtou eſta Cidade diſſe aos ſeus Religiozos, que o acompanhavaõ: *Em aquelle deliciozo monte, que eſtá á parte direita da Cidade, chamado Monte Caldetto, ou Monteſano, naõ ſe paſſaráõ muitos annos que ſenaõ funde hum Convento deſta Ordem, cuja Igreja terá o titulo de JESUS MARIA.* Eſta profecia naõ tardou em verificar-ſe, porque no anno de 1494 a piedade dos Genovezes fundou hum magnifico Convento.

Entraraõ no porto de Genova: e deſembarcando Franciſco com todos os paſſageiros, foi hoſpedado no Pala-

Palacio, que hoje he do Principe d'Oria, aonde toda a Nobreza daquella Cidade foi cumprimentallo fazendo-lhe os maiores obzequios de eſtimaçaõ, e reverencia. Para a continuaçaõ de ſua viagem lhe offereceraõ ſuas galeras; mas Franciſco agradecendo-lhes a offerta, naõ quiz aceitalla, porque naõ queria dar motivo de queixa a ElRey, que o mandou embarcar naquella, que até alli o havia conduzido. Deſpedio-ſe de todos deixando-lhes nos ſeus coraçoẽs impreſſo hum ardente dezejo de ter na ſua Republica huma caza, em que moraſſem ſeus filhos, cuja modeſtia, e humildade lhes havia roubado os affectos.

Embarcaraõ novamente na galera, e tomaraõ o rumo para o Reino de Franſa, navegando ao longo da terra chamada a Ribeira de Genova da parte do poente. Aſſim que entraraõ nos mares de Franſa levantou-ſe taõ horroroza tormenta, que os obrigou chegar a huma enſeada, ancorando-ſe perto de terra, até ceſſar a tempeſtade. Recuperados os marinheiros do ſuſto, que lhes ameaçava ruina, experimentaraõ outra maior: aviſtaraõ na ſua poppa huma vella, cujo caſco era hum corſario dos Mouros, de cujas maõs naõ tinhaõ eſperanſas de eſcapar, porque o vento era contrario, e naõ podiaõ ſervir-ſe das vellas, os remeiros eſtavaõ canſados do trabalho, que paſſaraõ antecedentemente, e os Mouros remavaõ com toda a forſa ſobre elles para os cativar. Neſta afflicçaõ taõ deſeſperada Monſiur de Buſſiere foi buſcar o Santo, que eſtava fechado na camera occupado no ſeu coſtumado exercicio da oraçaõ; e dando-lhe noticia do perigo, em que ſe achavaõ, ſahio logo da camera; e vendo que o corſario Argelino eſtava já taõ perto da galera, que lhe ouvia o ecco das vozes, que davaõ celebrando a victoria antes da conquiſta da preza, mandou ao Piloto da galera que ſoltaſſe as vellas: e voltando-ſe para o reſto da gente diſſe: *Vamos navegando com a paz de Deos; que nenhum de nós receberá damno algum.* Proferidas eſtas palavras, ficou o

corſa-

corſario immovel; ainda que lhe aſſiſtia vento favoravel, e tinha todas as vellas baſtantemente inchadas, naõ avançava nem meio palmo de mar, como ſe eſtiveſſe encalhado entre penedos, ou como ſe o mar ſe tiveſſe convertido em duro marmore. Pelo contrario a galera voava com vento taõ proſpero, que em breves horas chegaraõ á cóſta de Provenſa, perdendo de viſta o corſario, e eſcapando do cativeiro, que os havia poſto em grande ſuſto.

Cheios de incomparavel alegria de ſe verem livres de dous lances, que os pozeraõ em conſternaçaõ, chegaraõ a pôr a proa ao porto de Tolon; mas como neſte naõ ſe lhe déſſe licenſa para deſembarcarem por cauza da peſte, que nos portos vizinhos ſe havia originado com a vinda de hum navio eſtrangeiro, que eſtava inficionado, paſſaraõ ao porto de Marſelha; onde achando o meſmo impedimento, tomaraõ a rezoluçaõ de voltar atraz, e fazer deſembarque ſecretamente em alguma praia, porque Monſiur de Buſſiere naõ ſoffria demoras pelo empenho que tinha de levar Franciſco á prezenſa de ElRey Luiz ſeu Amo. Coſtearaõ com eſta idéa a ribeira de Falleizes (*mm*), e chegando á viſta de Bormes (*nn*), tiveraõ noticia que tambem eſte porto eſtava impedido pela meſma cauza da peſte. O Piloto naõ queria chegar com a galera á terra pelo medo da artilharia das fortalezas, que lhe fizeraõ ſignal de apartar-ſe; e ainda que o Santo lhe dizia que botaſſe em terra aos paſſageiros ſem ſuſto,

---

(*mm*) Eſta parece ſer huma Enſeada, que faz deſde Antibo até duas ilhas, que fazem frente a Tolon.

(*nn*) Eſta terra parece que mudou o nome, porque naõ ſe acha nos mappas; e ſó ſe vê Frejus, que ſegundo affirma o A. do Diccionario portatil, antigamente tinha hum bom porto, que hoje eſtá entupido. Dict. Geograf. Port. traduzido do Inglez por Monſiur Echart, augmentado por Monſiur Voſgien impreſſo em Pariz 1763.

ſuſto, que lhe naõ lhe ſuccederia mal algum, nunca quiz executallo.

Vendo Franciſco a repugnancia do Piloto, ſe poz em oraçaõ, e immediatamente ſe levantou huma grande tempeſtade, que ſem poder reziſtir-lhe o cuidado, e diligencia humana, a impulſos das ondas chegou a galera á praia, onde naõ lhes podiaõ fazer damno da praça de Bormes pela diſtancia, que hia da Cidade ao cabo Colombo, onde deſembarcou Franciſco com toda ſua comitiva para continuar ſua jornada, como veremos no livro ſeguinte.

LIVRO IV.

Em que ſe trata deſde que chegou a Franſa ate ſeu gloriozo tranzito.

CAPITULO I.

Chegada a Franſa : milagres que obra na jornada pelos lugares, por onde paſſa : applauzos, com que o receberaõ em todas as terras.

O Primeiro paſſo, que deu Franciſco pondo os pés na terra de Franſa, foi illuſtrado com hum milagre. Deſembarcou da galera, que o conduzio deſde a Cidade de Napoles, como já diſſemos ; e deſembarcando no cabo Colombo nas praias de Bormes, poz ſeus pés ſobre huma pedra, na qual deixou impreſſas ſuas pégadas, aſſim como as deixou em outra pedra quando partindo da Calabria, junto a Morano, ſobindo ſobre ella deitou ſua benſaõ a toda aquella Provincia, condecorando com o meſmo milagre a terra do ſeu naſcimento, e a que havia de ſer ſua ſepultura, para que ſe conheceſſe que as mais terras, que pizou, naõ lhe deviaõ ſervir ſenaõ de paſſagem ; mas aſſim a Calabria, como a Franſa foraõ as que tiveraõ mais permanencia na ſua demora, a cujo reſpeito deixou impreſſas ſuas pégadas para atteſtaçaõ dos ſeculos futuros. Se na Calabria ſe conſerva a pedra com grande veneraçaõ, como já diſſemos, tambem eſta ſe acha no noſſo Convento de Bormes admirando todos o prodigio em ambas.

Acompanhado de toda ſua comitiva deſde o cabo

cabo Colombo, dirigio Franciſco ſeus paſſos á Cidade de Bormes. Porém achando as portas fechadas por cauza do contagio, que todas aquellas vizinhanſas padeciaõ, fizeraõ chamada para que lhes abriſſem as portas. Foraõ fruſtradas as palavras, e ſupplicas, que a eſte effeito empregaraõ com as ſentinelas, porque tinhaõ ordem muito rigoroza para naõ permittir a entrada a peſſoa alguma. Monſiur de Buſſiere querendo uzar da ſua auctoridade naõ foi obedecido; porque os ſoldados, que guardavaõ a porta, naõ podiaõ tranſgredir as ordens. A' viſta deſta repugnancia, rezolveu-ſe Franciſco chegar á porta; e armado com a ſua coſtumada confianſa em Deos, diſſe aos que guardavaõ, e impediaõ a entrada: *Por caridade deixai-nos entrar, porque Deos he comnoſco*: immediatamente ſe abriraõ as portas ao ecco deſtas vozes, e com virtude ſuperior ficou vencida a reziſtencia dos Bormezes franqueando-lhe a entrada.

Eſte prodigio moveu a curiozidade dos Bormezes para entrarem na averiguaçaõ da qualidade deſte homem, que tanto imperio tinha ſobre ſeus eſpiritos, fazendo-ſe obedecer com tanta promptidaõ de quem naõ era conhecido; e alcanſando diſtincta noticia dos que o acompanhavaõ, ſe foraõ juntando para recebelo na ſua patria com demonſtraçoẽs de jubilo. Cada qual procurava ſer o primeiro em pôr-ſe de joelhos, e bejar-lhe a maõ, adorando ſuas virtudes. Entre eſtes applauzos foraõ conduzindo pelas ruas da Cidade a Franciſco, o qual paſſando por huma Igreja, cujo Titular era S. Roque, entrou dentro para dar graças ao Dador de todos os bens, dos beneficios, que havia recebido na ſua viagem, e ſupplicar-lhe lhe continuaſſe a ſanta graça para maior honra, e gloria do meſmo Senhor, unico objecto de todos ſeus penſamentos, e de todas ſuas acçoẽs.

Eſtando Franciſco neſta Igreja de S. Roque orando, como andavaõ reparando o tecto, renovando algumas naves, que o tempo tinha gaſtado, vio que eſtava mui-

ta quantidade de gente para levantar huma viga, e pôlla no seu lugar; mas a sua grandeza, e seu pezo naõ permittia ás forsas de toda aquella gente o movella, porque pedia dobradas maõs das que estavaõ trabalhando nesta manobra. O Santo, que naõ soffria demoras nas obras dedicadas a Deos, chegou-se á trave, sem ser rogado, porque ainda naõ estava bem conhecida a sua virtude; e tocando-a com suas maõs disse: *Por caridade que deveis servir na caza de Deos sem fadiga*: animou a todos os operarios para que se applicassem ao trabalho, que com facilidade a levariaõ a seu destino. Assim o experimentaraõ, porque acharaõ a trave taõ leve como se fosse huma folha de taboado. Naõ se contentava Francisco com obrar milagres desta natureza na fabrica de suas proprias Igrejas; extendia sua inimitavel caridade ás alheias; nem esperava que o rogassem para este effeito, bastava conhecer serem obras dedicadas a Deos para acodir com todo o zelo.

O ecco deste milagre fez tanta impressaõ nos animos dos Bormezes, que immediatamente correraõ todos a prostrar-se aos pés do Santo, supplicando-lhe que com suas oraçoẽs fizesse cessar o flagello da peste, que affligia todo seu paiz, que já estava quazi dezerto pela muita mortandade dos moradores delle. Attendeu Francisco ás lagrimas, e lamentos dos Bormezes, e passou logo ao Lazareto, onde achou grande numero de doentes, sobre os quaes deitou sua benssaõ, remedio taõ efficaz, que instantaneamente ficaraõ todos saõs; e todos os mais, que naõ tinhaõ adoecido, ficaraõ prezervados desta epidemia, pondo Deos termo ao flagello, que até alli havia descarregado sobre os vizinhos daquellas terras. Com este milagre remunerou aos Bormezes sua hospedagem. E naõ ficando Francisco satisfeito do prodigio, que com elles obrou naquella ocaziaõ, extendeu o mesmo milagre aos seculos futuros; porque se tem feito a observaçaõ que em outras occazioẽs, que aquella Provincia se vio accom-

mettid

mettida da peſte, a Cidade de Bormes, e ſeu termo ſempre ſe conſervou illeza deſte contagio: e o mais he, que todo o homem natural de Bormes, ainda que paſſaſſe, ou eſtiveſſe em alguma terra inficionada deſte mal contagiozo, ficava prezervado delle. Corre huma conſtante tradiçaõ entre os moradores deſte paiz que naõ ha memoria, que depois que o Santo obrou eſte milagre, algum dos ſeus naturaes morreſſe de peſte.

Obrigados os Bormezes a eſte beneficio, pois todos deviaõ ſuas vidas a Franciſco, naõ havia coiza alguma, que naõ praticaſſem em ſeu obzequio. O Governador o hoſpedou no ſeu Palacio com generozidade, uzando com elle das honras mais diſtinctas. Os Cidadoẽs lhe quizeraõ dar o titulo de ſeu Protector; mas naõ o podendo alcanſar em ſua vida, o executaraõ logo depois de canonizado, conſtruindo hum magnifico templo dedicado ao meſmo Santo, e depois fabricaraõ hum Convento para os noſſos Religiozos junto á meſma Igreja, querendo ter a Franciſco por Protector no Ceo, e a ſeus filhos para cuſtodias da ſua devoçaõ na terra. Ficou taõ impreſſa a memoria deſte milagre nos Bormezes, que todos os annos celebraraõ huma feſta ao meſmo Santo na Igreja do noſſo Convento, onde a devoçaõ competia com a pompa, com a qual pertendiaõ moſtrar a todos o agradecimento dos ſeus generozos animos. Eſte Convento hoje naõ exiſte, porque os noſſos Religiozos o deixaraõ por alguns incommodos, que nelle experimentavaõ.

Hum dia depois de ſua chegada a eſta Cidade foi Franciſco ao porto, onde eſtava já ſurta a galera, que o havia conduzido; e dando os agradecimentos ao Cautaõ, abenſoou a toda a chuſma, dando a cada hum dos marinheiros, e forſados huma vella benta, e ſaudaveis conſelhos, ſegundo o eſtado de cada hum. Partio a galera para o porto de Marſelha; onde contando o ſuccedido em Bormes, naõ tiveraõ duvida alguma em dar-lhe pratica, deixando deſembarcar ſua gente

para reſtaurar-ſe dos trabalhos, e incommodos do mar. Neſte porto eſperou a galera ao Principe de Taranto, e aos Cavalheiros Napolitanos até á ſua volta de Pariz, aonde foraõ com o Santo ſeguindo as ordens de ElRey de Napoles, que lhes mandou o acompanhaſſem até á prezenſa de ElRey Luiz, a quem de ſua parte deviaõ falar.

A aſſiſtencia, que Franciſco fez na Cidade de Bormes, foi illuſtrada com repetidos milagres, dos quaes referiremos alguns. O Inviado Monſiur de Buſſiere levou hum dia ao Santo a hum lugar maritimo perto da Cidade, onde o Conſul de Bormes, chamado Alleto, lhe fez prezente de alguns peixes miudos: agradeceu Franciſco o mimo; porém uzando da ſua innata caridade, vendo aquelles peixes taõ pequenos, os botou outra vez no mar, onde continuaraõ ſua vida depois de haver padecido a morte. Depois de ſuccedido eſte milagre, que admirou a todos, quiz o Conſul convidar ao Santo para que em ſua caza comeſſe alguma coiza; e no entanto que ſe dava ordem a preparar a meza, eſtava Franciſco ſentado em huma pedra junto á porta da rua. Os Bormezes com ſanta cobiça lhe foraõ cortando o habito aos pedaços até aos joelhos, com o pretexto de bejar-lhe a maõ, havendo-ſe juntado grande numero de gente para eſte effeito: porém quando ſe levantou da pedra, em que eſtava ſentado, todos lhe viraõ o habito inteiro como ſenaõ lhe tiveſſem tirado coiza alguma delle. Eſta pedra conſerva-ſe na Capella da Confraria, ou Irmandade dos Penitentes para memoria deſte milagre.

Entrando depois na caza do Conſul para receber o convite, que lhe tinha feito, deixou huma prenda a mais eſtimavel para prova do ſeu agradecimento. Prometteu que naquella caza nunca faltaria abundancia de tudo o neceſſario para ſuſtento da vida humana; porque aſſim o havia pedido a Deos; e eſte Senhor lhe deſpachou a petiçaõ concedendo-lhe a graça, que verificou a experiencia. Finalmente determinando partir

tir de Bormes, todo o povo ſe juntou perto da caza, em que eſtava Franciſco, eſperando ſua benſaõ quando ſaiſſe. Para fogir deſte cortejo, com o qual pertendiaõ os Bormezes deſpedillo, ſe fez o Santo invizivel; ſahio das cazas eſtando as portas fechadas, e paſſando pelo meio de todo o povo, foi viſto depois na eſtrada, que devia continuar para ſua jornada.

Monſiur de Buſſiere, que em toda a viagem eſteve obſervando com grande cuidado as acçoẽs de Franciſco, conſiderando o teor de ſua vida, e admirando a frequencia dos ſeus milagres, concebeu huma altiſſima idéa da ſua ſantidade, e naõ ceſſava de publicar por toda a parte, em que ſe achava, o altiſſimo conceito, que fazia de Franciſco, a quem chamava o Homem de Deos. Mandou, logo que deſembarcou nas praias de Franſa, a Joaõ Moreau pela poſta, para dar avizo á Mageſtade Chriſtianiſſima da chegada do Santo áquelle Reino. Havendo chegado á prezenſa de ElRey Joaõ Moreau, além de dar-lhe parte de eſtar Franciſco dentro do ſeu Reino, lhe referio os prodigios, que havia obſervado, e admirado. Ficou eſte Monarca taõ ſatisfeito deſtas noticias, que lhe mandou dar doze mil eſcudos de alviçaras, e a ſeu irmaõ Pedro Moreau lhe concedeu hum Biſpado, que eſtava vago.

Divulgada por toda a Corte, e depois por toda a Franſa a chegada de Franciſco, e a fama da ſua ſantidade; e ſabendo-ſe a grande eſtimaçaõ, que ElRey fazia de ter já no ſeu Reino hum homem ſanto, por cujos merecimentos eſperava alcanſar de Deos a dezejada ſaude; deſpovoavaõ-ſe os lugares para procural-lo. De Bormes paſſou a Frejús, Cidade da Provenía, onde tambem fez experimentar os effeitos da ſua ardente caridade. Eſtava a Cidade pouco menos que dezerta por cauza da peſte, que matou muita gente; e para evitar eſte perigo fogio hum grande numero do reſto dos moradores: mas fazendo Franciſco o ſignal da Cruz ſobre a Cidade, ficou totalmente livre deſte

flagello, e em breves dias tornou a povoar-se. Em agradecimento deste beneficio os Cidadoẽs no anno de 1490, ainda vivendo o Santo, fizeraõ hum Convento da nossa Ordem, dedicando a Igreja á Senhora da Piedade. Neste Convento, que foi conservado pelos nossos Religiozos em grande estimaçaõ, se celebraraõ tres Capitulos geraes: porém no anno 1571 o deixaraõ por cauza das muitas doenças, dando faculdade aos PP. Menores que tomassem posse delle; e se retiraraõ á Cidade de Aix, Capital da Provença.

O methodo, que observou Francisco na sua jornada, foi deste modo: Hia a pé entre seus companheiros, os quaes celebravaõ todos os dias o Santo Sacrificio da Missa, e nesta o Santo commungava: e depois de findar as costumadas oraçoẽs para dar graças ao Senhor, e implorar seu Divino auxilio, continuavaõ sua jornada, na qual a maior parte do tempo empregavaõ em conferencias espirituaes, cantar psalmos, e rezar muitas devoçoẽs particulares.

Saindo da Provença entraraõ no Delfinado. Em huma terra desta Provincia, que os nossos AA. naõ nomeaõ, padecia o povo grande penuria de agua. Constando aos moradores a grande virtude de Francisco, lhe rogaraõ quizesse alcansar-lhe de Deos alguma providencia para remedio de taõ grande necessidade: movido o Santo da sua caridade, que nunca deixou de consolar os afflictos, levantou os olhos ao Ceo, e dirigindo suas supplicas ao todo Poderozo, com seu bordaõ deu huma pancada na terra, e logo fez brotar huma copiozissima fonte de agua crystallina, que além de servir para uzo de todo o povo, serve tambem para remedio de todas as enfermidades a todos, os que a bebem com fé.

Nesta jornada devendo partir huma manhãa de hum Castello, sahio Francisco da sua hospedagem, e entrou em huma Igreja vizinha para orar: internou-se de tal sorte neste exercicio, que absorto em Deos se esqueceu da jornada, da comitiva, que o esperava e d

e de ſi meſmo. Monſiur de Buſſiere já canſado de eſperar mandou hum ſeu criado avizar ao Santo, porque já era tarde para partir ; mas entrando o criado na Igreja, e procurando a Franciſco por toda ella, naõ o achou, ou por melhor dizer, naõ o vio. Como o criado déſſe por noticia a Monſiur de Buſſiere que o Santo naõ apparecia, ſurprendido da novidade, que affligia o eſpirito deſte Fidalgo, formou o conceito, que Franciſco tiveſſe voltado para Italia ; por cujo motivo eſtava inconſolavel, porque naõ ſabia que meio devia ſeguir para ſatisfazer a ElRey ſeu Amo. Porém o P. Fr. Bernardino de Cropolato advertio a Monſiur de Buſſiere, que o Santo era coſtumado fazer-ſe invizivel eſtando em oraçaõ, para que naõ o diſtrahiſſem daquelle exercicio : com cuja noticia ficou Monſiur de Buſſiere mais ſocegado. Foraõ todos para a Igreja : e eſquadrinhando por toda a parte, naõ foi poſſivel vêllo ; até que finalizada a oraçaõ, ſe lhes manifeſtou, ſaindo-lhes ao encontro, que lhes cauzou extremada alegria.

Continuaraõ ſua jornada até Leaõ, onde foi recebido com grandes applauzos, ſendo acclamado por Santo de todo o povo. He de advertir que immediatamente ſoube ElRey Chriſtianiſſimo da chegada de Franciſco a ſeu Reino, mandou huma ordem circular para que em todas as Cidades, Villas, e Caſtellos, por onde paſſaſſe, o recebeſſem fóra das portas com aſſiſtencia do Clero, Senado, e Nobreza, uzando o meſmo Ceremonial, que ſe obſerva com os Legados Apoſtolicos. Em virtude deſta ordem em todas as partes foi recebido com a meſma magnificencia, e foi cumprimentado por parte de ElRey pelos Fidalgos, que o meſmo Senhor havia mandado para que fizeſſem eſta diligencia. Quanto mais ſe adiantava Franciſco pelo interior da Franſa, tanto mais ſe fazia viſtozo ſeu acompanhamento ; porque de todas as partes o acompanhavaõ, naõ ſó para dar á execuçaõ as ordens Regias ; mas tambem pelo amor, que concebiaõ nos

ſeus animos logo que tiveraõ noticia de ſuas virtudes.

Faziaõ creſcer tambem o numero da comitiva os multiplicados milagres, que obrava: porque por todas as partes, pelas quaes paſſava, levavaõ os moradores daquellas terras os enfermos ás ruas, e ás eſtradas para alcanſar-lhes a ſaude, que recuperavaõ com a bençaõ do Santo, e muitas vezes ſó com a viſta: ficavaõ os lugares dezertos, e ſe viaõ os campos cobertos de gente eſperando que Franciſco paſſaſſe para deſtructar algum beneficio dos innumeraveis, que diſtribuia. Atteſtaraõ Monſiur de Buſſiere, o Principe de Taranto, e os dous Fidalgos Napolitanos, que acompanharaõ ao Santo, que em toda a jornada aſſim no mar, como em terra, deſde que ſahiraõ de Napoles até á Corte de Franſa, naõ paſſou dia algum que Franciſco naõ obraſſe algum milagre; e alguns dias, além de ſerem eſtes muitos, eraõ de grande nota.

Naõ ſatisfeitos os povos, por onde paſſava, com alcanſar de Franciſco remedio para ſeus males, ſoccorro para ſuas neceſſidades, e alivio em todas ſuas afflicçoẽs, procuravaõ tambem com ſanta avareza raſgarlhe o habito, e manto, e cortar-lhe o cordaõ para ficarem com alguma reliquia ſua; mas ainda que por muitas vezes ſuccedeſſe eſte genero de deſpojo, naõ ſe conhecia a falta, porque ſempre ſe viaõ inteiros habito, manto, e cordaõ; como ſenaõ lhe tiveſſem cortado coiza alguma. Daqui procede que na Franſa ſaõ taõ abundantes as reliquias do Santo, aſſim as que ſe conſervaõ nas noſſas Igrejas, como as que ſe guardaraõ com grande veneraçaõ nas cazas particulares vinculadas aos Morgados.

CA-

CAPITULO II.

Recebimento, com que hoſpedou ao Santo o Delfim: e honras, com as quaes o tratou ElRey de Franſa.

CARLOS, Delfim de Franſa, Primogenito de Luiz XI., que pela morte deſte ſubio ao Throno com o nome de Carlos VIII., quando Franciſco chegou a Franſa ſe achava no Caſtello de Amboize; onde tendo noticia da ſua proxima vinda, ſahio do Caſtello, e da Cidade acompanhado de toda a Nobreza de Blois, e de Turenne, e foi fóra de portas até á eſtrada perto do rio Loire, onde encontrou o Santo, a cujos pés logo ſe proſtrou, pedindo-lhe ſua benſaõ com grande veneraçaõ, e reſpeito. Praticou o Delfim neſte encontro todas as demonſtraçoẽs de reſpeito, e affecto ſincero; ás quaes correſpondeu Franciſco com expreſſoẽs de agradecimento, e humildade: foi hoſpedado por eſte Principe aquella noute no Palacio do Caſtello com a magnificencia correſpondente á generozidade do Delfim empenhado nas melhoras de ElRey ſeu Pai.

Na manhãa ſeguinte deſpedindo-ſe do Delphim partio de Amboize, e dirigio ſua jornada para o Palacio de Pleſſis, pouco diſtante da Cidade de Turs. Em aquelle Palacio, ou caza de campo, eſtava ElRey eſperando a Franciſco, que chegou com toda ſua comitiva na fórma ſeguinte. Hia diante de todos o noſſo Santo levando a ſeus dous lados a Monſiur de Buſſiere, e ao Principe de Taranto; ſeguiaõ-ſe depois os Religiozos ſeus companheiros, aos quaes faziaõ Corte os Fidalgos Napolitanos; e depois ſe ſeguiaõ os criados de todos eſtes Senhores, que com a d verſidade das librés faziaõ mais viſtozo eſte acompanhamento.

ElRey Chriſtianiſſimo havia já diſpoſto huma decoroza, e mageſtoza pompa correſpondente á ſua Real

Real piedade. Mandou que o Caſtello fizeſſe huma ſalva com a deſcarga da artilharia, como ſe coſtumavaõ receber os Legados do Papa; ordenou que ſe formaſſe huma prociſſaõ ſolemne de todos os Religiozos, que foraõ com Cruz alſada, e o Clero em acto de Communidade: logo ſe ſeguia ElRey, que naõ obſtante eſtar doente, hia a pé acompanhado de toda ſua Corte veſtida de gala, e em traje de ceremonia, como coſtumava uzar nas maiores funſoẽs. Finalmente ſeguia-ſe a guarda, e detrás deſta huma immenſidade de povo, que naõ ceſſava de dar vivas, e acclamaçoẽs a Franciſco chamando-lhe o Homem Santo.

Avanſou-ſe eſte acompanhamento, ou prociſſaõ huma milha diſtante do Palacio, onde ElRey mandou fazer alto para eſperar a Franciſco, que poucos minutos tardou em chegar. A pequena diſtancia fez ElRey tres continencias; e acabada a ultima ſe poz de joelhos a ſeus pés para lhe tomar a benſaõ. Feita eſta ceremonia, ſe levantou ElRey, e lhe deu hum amorozo abraço acompanhado com profundo reſpeito, e veneraçaõ; ao que correſpondeu o Santo com o modo mais obzequiozo, que lhe podia dictar a humildade do ſeu coraçaõ. Queria proſtrar-ſe aos pés de ElRey para bejar lhe a maõ; mas naõ lhe foi permittido pela meſma Mageſtade, que o ſuſteve nos ſeus braços. O Senhor de Argenton eſcrevendo eſte recebimento, diz que ElRey Chriſtianiſſimo proteſtou queria uzar com Franciſco do meſmo ceremonial, que ſe devia uzar com o meſmo Papa, ſe foſſe a ſeu Reino: e affirma eſta determinaçaõ de ElRey como teſtimunha de viſta, e de ouvido.

O dia 24 de Abril do anno de 1482 foi eſte felís recebimento, memoravel nos Annaes de Franſa, por ſe achar regiſtado nos livros mais autenticos daquelle Reino. Levando ElRey a Franciſco a ſeu lado direito, o conduzio até ao Paço, aonde o acompanhou até ao quarto, que mandou preparar para ſua hoſpedagem, que eſtava ſituado junto a huma Capella de

S.

S. Mattheus, onde devia rezidir o Santo até que ElRey lhe mandaſſe fazer Convento ſufficiente, dando logo commiſſaõ a Monſiur de Buſſiere, que gozava o emprego de Védor da Caza Real, e a Pedro Brizonet Thezoureiro Geral das rendas, para prover tudo o neceſſario á conſtrucçaõ da obra, dando-ſe-lhe logo principio. Cuidava de tal ſorte ElRey no tratamento de Franciſco, que mandou a ſeus criados que lhe aſſiſtiſſem como á ſua meſma peſſoa, para manifeſtar a todos a grande eſtimaçaõ que delle fazia.

Depois de determinada a norma, que ſe devia ſeguir no tratamento, e hoſpedagem que ſe devia fazer a Franciſco, quiz ElRey manifeſtar ſua generozidade com as peſſoas que o acompanharaõ. No ſeu meſmo Palacio mandou hoſpedar ao Principe de Taranto, dando humas grandes provas de eſtimaçaõ; e em outro quarto do meſmo Palacio mandou que aſſiſtiſſem os Cavalheiros Napolitanos deputados pelo Senado para acompanhar a Franciſco; ordenando que todos foſſem tratados com grandeza. Chegou o dia, em que deviaõ todos eſtes Fidalgos partir deſta Corte para reſtituir-ſe á de Napoles: e como as admiraveis virtudes de Franciſco haviaõ penetrado o intimo dos ſeus coraçoẽs, naõ ſabiaõ o modo, com que ſe haviaõ de deſpedir do Santo, fazendo-ſe-lhes muito duro ſeparar-ſe da prezenſa daquelle thezouro de ſantidade; augmentando-lhes mais a pena da ſua ſaudade a conſideraçaõ de que talvez naõ tornaſſem ſeus olhos a vêllo na ſua Patria, onde tanto o dezejavaõ. Porém o Santo procurou mitigar-lhes o ſentimento, diſtribuindo entre elles varias prendas para memoria. Ao Principe de Taranto deu huma tunica, e hum capello, que o meſmo Principe antecedentemente lhe havia pedido, e huma tigella de pau, da qual ſe havia ſervido em toda a jornada. Como eſte Principe devia ir á Cidade de Valenſa com o caracter de Vice-Rey daquelle Reino, levou comſigo eſtas reliquias, que depois as deixou a ſua irmãa D. Julia de Aragaõ, Fundado-

dadora que foi depois do noſſo Convento de Valenſa, conſervando-ſe nelle as meſmas reliquias com grande veneraçaõ. Ao Cavalheiro Franciſco Galeota deu hum reliquario, que os noſſos AA. naõ dizem a qualidade das reliquias, que continha; mas ſim que ſe conſerva em grande eſtimaçaõ na familia deſcendente deſte Fidalgo, a quem prometteu o Santo quando lhe deu eſta prenda, que nenhuma peſſoa de ſua caza havia de morrer ſem Sacramentos; cuja promeſſa atteſtaõ todos da familia deſta caza haver-ſe verificado até ao tempo proximo, ſegundo refere o Illuſtriſſimo Perrimezzi (*oo*), gozando deſte privilegio ainda os da linha tranſverſal, como atteſta o meſmo A., os quaes foraõ Simaõ, e Luiz Galeota, que aſſiſtiaõ na Calabria Citerior; por cujo motivo tambem eſtes eſcreveraõ a Leaõ X. quando ſe tratava da Canonizaçaõ do Santo.

Partiraõ da Corte de Franſa os Fidalgos: e o Principe de Taranto tomou a eſtrada, que o devia conduzir ao Reino de Valenſa; e os outros ſeguiaõ ſua jornada a Marſelha, onde eſtava eſperando a galera para ſe conduzirem a Napoles. Logo que chegaraõ os Fidalgos ao porto de Marſelha embarcaraõ ſobre a galera, que em breve tempo ſe fizeraõ á vélla pondo a proa em demanda de Napoles; mas a poucas horas de navegaçaõ lhes ſobreveio huma horroroza tempeſtade, que poz a galera em perigo de ſubmergir-ſe. Neſta afflicçaõ, que cauzou a todos grande ſuſto, hum dos forſados achou os ſóccos, ou ſandalias de Franciſco, que tinhaõ eſquecido na galera; e tomando-os na maõ diſſe: *Eſtes ſaõ os ſóccos daquelle Eremitaõ, que bem podia ter-me livrado deſte inferno ſó com huma palavra, que tiveſſe falado, e naõ quiz fazello: pois agora em revindicta deitarei ao mar os ſeus ſóccos.* Proferindo eſtas palavras, executou o meſmo, que dizia: mas apenas cahiraõ os ſóccos ſobre o mar ſerenou-ſe repentinamente a tempeſta-

(*oo*) Perrim. in Vita S. Franciſci de Paula pag. 189.

peſtade, ficando as aguas taõ ſocegadas como ſenaõ houveſſe precedido tormenta alguma, de ſorte que continuaraõ com felicidade a viagem até Napoles.

CAPITULO III.

Modo, com que ſe conduzio Franciſco na Corte: virtudes que praticou, e milagres que obrou nella.

CAUZOU tanta admiraçaõ a todas as peſſoas da Corte o modo, com que vivia Franciſco no Palacio, de tal ſorte que o Senhor de Argenton, Eſcritor daquelle tempo, diſſe do noſſo Santo: Que tratava com os Principes, como ſe foſſe naſcido, e criado naquella Corte. Nada póde cauzar-nos admiraçaõ depois de termos viſto em outras partes que todas as virtudes tinhaõ ſua rezidencia no coraçaõ de Franciſco. Na Corte pois teve novo campo para manifeſtar ao mundo as virtudes, que até alli naõ eraõ conhecidas, as quaes foraõ huma ſabedoria rara nos ſeus diſcurſos, huma prudencia nas ſuas reſpoſtas, huma politica naõ commua, tratando aos Grandes, e converſando com os Privados. Sabendo todos que Franciſco naõ havia cultivado os eſtudos, nem teve a mais minima tintura das maximas das Cortes, nem eſtava verſado na civilidade dos Principes, naõ podia deixar de ſurprender os animos de todos os Miniſtros, e Fidalgos. O mencionado Eſcritor ſe vio obrigado a confeſſar que Franciſco naõ deixava de ter inſpiraçaõ Divina aſſim em proferir as palavras que dizia, como nas acçoẽs que moſtrava; porque lhe parecia impoſſivel que ſem auxilio do Eſpirito Santo podeſſe falar nas materias, que ſe lhe tocavaõ, muito alheias da ſua criaçaõ, e naſcimento.

Devemos aqui notar que ElRey Luiz deſde a primeira vez, que falou a Franciſco, naõ lhe deu outro nome ſenaõ o de Bom Homem; e com eſte titulo ſem-

ſempre foi tratado aſſim de ElRey, como de todos os Grandes: por cujo motivo os noſſos Religiozos em Franſa ſaõ conhecidos pelo nome de Bons Homens. Eſte titulo, ou nome impoſto a Franciſco pelo Rey Chriſtianiſſimo, e tranſcendente a todos ſeus Alumnos em aquelle Reino, foi cauza de que o Senhor de Argenton quando eſcreveu, ignorando o nome do noſſo Santo, lhe chamaſſe Roberto, equivocando-ſe com outro deſte nome, filho da noſſa Sagrada familia, como ſe pode ver no Tomo das Diſſertaçoẽs do Illuſtriſſimo Perrimezzi (*pp*) ſobre a vida do noſſo Santo Padre; ou talvez foſſe eſte erro do amanuenſe, ou do impreſſor.

Deſte nome de Bom Homem, que deſde o principio lhe impoz ElRey Luiz, e depois confirmado pelos ſeus ſucceſſores, e de toda a Corte, ſe póde inferir qual ſeria o modo de vida, com que ſe conduzia Franciſco na Corte; onde naõ aſſiſtio de paſſagem, como lhe ſuccedeu em Napoles; e em Roma que ſe demorou poucos dias, nos quaes apenas houve tempo de o ver, ſem admittir a brevidade da ſua aſſiſtencia que ſe obſervaſſem ſuas acçoẽs: mas como na Corte de Franſa a prolongada demora deu maior commodidade aos curiozos de averiguar ſe as acçoẽs de Franciſco correſpondiaõ á fama, que antes da ſua chegada fazia grande figura nos Palacios, naõ omittiraõ os genios criticos diligencia alguma para examinar naõ ſó as obras; mas ainda os penſamentos do noſſo Santo, procurando penetrar o fundo da ſuas intenſoẽs, que pelos mal intencionados eraõ reputadas cheias de hypocrizia.

Uzou Franciſco, ou, por melhor dizer, continuou no uzo de huma ſevera cenſura contra ſi meſmo, ſem que os favores do Rey, nem os applauzos da Corte o deſviaſſem hum ápice do ſeu coſtumado rigor. Ainda que andava entre as honras, e os obzequios, que

(*pp*) Diſſert. I.

que todos lhe tributavaõ, ſeu coraçaõ ſempre eſtava deſpido de toda a vaidade : ſeu eſpirito humilde recebia grande mortificaçaõ na aſſiſtencia das Reaes grandezas ; e foi eſta huma continuada prova de ſuas virtudes, vivendo ſempre como pobre Eremitaõ entre as pompas da Corte. As multiplicadas iguarias, que ElRey mandava ſervir á ſua meza, naõ ſerviaõ mais que de adorno della, e naõ davaõ a Franciſco outra couza mais que o augmento da ſua rigoroza abſtinencia.

Dezejava hum retiro mais occulto para poder deſafogar ſeu peito abrazado em caridade Divina : mas naõ faltou a providencia do Omnipotente em offerecer-lhe hum lugar opportuno para completar ſeus dezejos. Eſtava o Palacio Real junto ao boſque de huma tapada, ou couto, que ElRey tinha para ſeu recreio; extendia eſte boſque hum braço mais remoto para onde ſe hia por huma porta ſecréta. Indo hum dia Franciſco pelo meſmo boſque procurando ſitio entre as arvores, onde podeſſe achar algum retiro para ſua oraçaõ; a poucos paſſos achou hum pequeno cubiculo feito pela meſma natureza, tecido de troncos, e ramos das arvores, cuja entrada eſtava coberta de abrolhos, e eſpinhos. Ficou muito ſatisfeito Franciſco com eſte deſcobrimento, porque podia entrar, e ſair commodamente cada vez que lhe foſſe precizo : procurou a chave da porta particular, ou ſecréta, por onde ſe communicava, ou ſe entrava do Palacio ao boſque, para ſer menos viſto dos familiares, quando ſe quizeſſe retirar a eſte novo dezerto, onde achava todo o ſeu deſcanſo, e a guardou em ſeu poder.

A primeira vez que ſe vio neſte pequeno retiro conſtruido pela providencia Divina a expenſas da natureza, achando-ſe com ſeu eſpirito recolhido longe dos eſtrondos da Corte, e ſepultado na ſua amada ſoledade, podemos inferir qual ſeria a conſolaçaõ do ſeu abrazado eſpirito. He de crer que bejaria ternamente o chaõ, que ainda que eſtava tecido de eſpinhos,

nhos, para Franciſco ſeriaõ outras tantas rozas, porque o defendiaõ de ſer viſto dos homens, e lhe faziaõ ſombra para unir-ſe mais eſtreitamente com Deos. Reſpirava com liberdade ſeu coraçaõ inflammado entre as paredes tecidas de troncos, e folhas de arvoredo, ſem o perigo de ſer ouvido das creaturas humanas, que lhe ſerviaõ de embaraço para tratar particularmente com Deos em amorozos colloquios: gozava por fim das delicias do Ceo neſte ſitio entre os horrores de hum ruſtico ſilencio, e as aſperezas da ſelva.

Neſte retiro ſe eſcondia frequentemente naõ ſó de dia, mas tambem de noute; e algumas vezes ſe deixava ficar alguns dias conſecutivos, nos quaes naõ tomava outro alimento mais que o que recebia ſua alma na continuada contemplaçaõ; neſta empregava a maior parte do tempo. Deſte modo com maior liberdade dobrava as diſciplinas, com as quaes fervorozamente domava ſeu corpo para compenſar o tempo da jornada, na qual naõ póde uzar deſta ſua coſtumada mortificaçaõ. Ainda que naõ temos noticia individual da vida interior do Santo, naõ podemos deixar de inferir quaes ſeriaõ os adiantamentos do ſeu eſpirito, attendendo ás antecedencias de ſua vida, e o ter-ſe viſto todos os abrolhos, e eſpinhos, que guarneciaõ aquelle retiro, rubricados com ſeu ſangue. Podemos dizer ſem receio algum que neſte ſitio renovou todos os rigores, que havia uzado tantos annos no dezerto antes de principiar a fundaçaõ de ſua Ordem; tratando-ſe entre as lizonjas da Corte com os rigores de penitente, e entre as politicas dos Palacios com os deſenganos do mundo.

Além das celeſtiaes luzes, com as quaes adornava Deos ſeu eſpirito, todos lhe notavaõ hum grande fundo de prudencia humana, com a qual tratava os negocios de maior ponderaçaõ, como póde ver o curiozo intelligente na carta, que lhe eſcreveu Xiſto IV. com a data de 16 de Agoſto do anno de 1483 no anno XII. do ſeu Pontificado, regiſtada no livro dos

Bre-

Breves, de donde a copiou Oderico Raynaldo, e deſte o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi, que trasladou no Tomo das Notas da Vida Anonyma do meſmo Santo pag. 218 (*qq*): da qual carta, e de outra antecedente

P

(*qq*) REGI FRANCIÆ.

„ CAriſſime in Chriſto Fili noſter. Quoniam Celſitudinis
„ tuæ incolumitatem, & felicem ſtatum ſemper optavi-
„ mus, & optamus, mandamus dilecto Filio Franciſco de
„ Paula, quem ad Te venire juſſimus, per duo Brevia al-
„ legata, in altero in virtute ſanctæ obedientiæ, in altero ſub
„ excommunicationis pœna, ut omni cura, ſtudio, & dili-
„ gentia Deum orare non deſinat pro bona diſpoſitione, &
„ optimo ſtatu Celſitudinis tuæ, non obſtantibus quibuſcum-
„ que perſuaſionibus, quæ forſan ei in contrarium ab aliis
„ factæ eſſent. Itaque poterit Majeſtas tua alterum ex ipſis
„ Brevibus, quod tibi magis videbitur, ipſi Fr. Franciſco
„ reddere. Nos quoque non omittimus ipſi Deo ſupplica-
„ re, ut Celſitudinem tuam in ea, quam deſiderat, valetu-
„ dine, & felici regimine conſervet. & manuteneat; etiam-
„ ſi aliud per Nos contra hoc Tibi faciendum videbitur.

Aliam priuſquam de his loqueretur, attulerat Raynaldus Epiſtolam, quam idem Xiſtus IV. Franciſco dederat, occaſione accepta ab iis, quæ Ludovicus contra Venetos, pro Apoſtolicæ Sedis obedientia, geſſerat. Poſtquam tota Venetorum ditio fuerat a Xiſto Eccleſiaſtico interdicto multata, Veneti ad futurum Concilium provocarunt; miſſiſque in Gallias, & Hiſpanias Oratoribus, adverſus Xiſtum Reges illos incitare conati ſunt. At Ludovicus XI. Francorum Rex tantum abfuit, ut Venetis aſſentiretur, quod potius eam a Xiſto in Venetos ſententiam jam pridem latam, in ſolemni hominum frequentia promulgari mandavit. Gratiſſimum hoc filialis erga Eccleſiam obſequii ſpecimen, quod Primogenitus Eccleſiæ filius exhibuerat, habuit Xiſtus; quapropter plurimas Regi gratias egit, Sanctoque Patri Franciſco provinciam dedit, quod aſſerit Raynaldus, *Ut Regem hortaretur, ne venientem ad ſe Venetum Oratorem audiret, donec Pontificii, & fœderatorum Principum Oratores ad aulam regiam perveniſſent.* Hæc omnia in altera comprehenduntur epiſtola, quam Franciſco Xiſtus direxit; ex lib. Brev. an. 12. Xiſti, pag. 739. deſumpſit Raynaldus, & ex ipſo nos hic exſcripſimus.

FRA-

te eſcrita a ElRey Chriſtianiſſimo, ſe póde inferir quanta confianſa fazia do noſſo Santo o Vigario de Chriſto em negocios de tanto pezo, como eraõ os que continhaõ as ditas cartas, para o governo da Igreja: e em outras materias veremos outros cazos, que acreditaõ ſua grande prudencia.

Dos milagres, que Franciſco obrou na Corte, falaremos mais extenſamente em varios lugares deſte livro, contentando-nos neſte capitulo falar ſó que em todo o tempo que viveu Luiz XI. depois da ſua chegada a Franſa, quazi todas as acçoẽs do noſſo Santo foraõ milagrozas, e obradas com idéa de diſpor a ElRey para alcanſar a ſalvaçaõ eterna. Naõ foi huma vez ſó que ſe vio dentro do boſque elevado no ar, rodeado de raios, e com o roſto cheio de gloria. Em huma deſtas occazioẽs, que naõ foraõ poucas, foi teſtimunha deſte raro prodigio o meſmo Rey Luiz acompanhado da Duqueza de Bourbon ſua filha, e com a Corte de Damas, e Fidalgos, que os ſeguiaõ; naõ

FRATRI FRANCISCO DE PAULA.

„ Dilecte Fili ſalutem &c. Agimus Majeſtati Regiæ gra-
„ tias, quod Bullam cenſurarum contra Venetos editam
„ tam benigne in Regnis ſuis publicari mandavit: ſuper quo
„ etiam volumus, ut tu noſtro nomine, quando cum illius
„ Majeſtate eris, itidem facias, & gratias illi agas, eam-
„ que horteris, ut, ſi Orator Venetorum, qui iſtuc venturus
„ dicitur, juſtificationes noſtras mendaciis, & oblocutioni-
„ bus refellere volet, ne audiatur, aut fides ei adhibeatur,
„ vel ſaltem nulla capiatur deliberatio, donec noſtri, &
„ confœderatorum noſtrorum Oratores, quos miſſuri prope-
„ diem ſumus, iſtuc perveniant; qui etiam juſtitiam noſtram
„ aperient, & Majeſtatem Regiam plenius informabunt:
„ Conſtitutiones vero tuas confirmabimus; & de hoc bono
„ ſis animo. Proſequere modo, & Deum pro incolumita-
„ te ejuſdem Regis ora, ſicuti Nos hic fieri facimus: & ad
„ venerabilem Fratrem Archiepiſcopum Turonenſem ſcripſi-
„ mus, ut per totum Franciæ Regnum idem fieri faciat
„ Dat. Romæ die XVI. Auguſti MCCCCLXXXII. Pon-
„ tificatus noſtri anno XII.

naõ permittindo eſte Monarca a nenhum da comitiva que lhe embaraçaſſe, ou divertiſſe a ſua contemplaçaõ. Neſta occaziaõ viraõ todos ao noſſo Santo elevado mais de duas varas ſobre a copa das arvores daquelle ſitio, eſtando o contorno, ao parecer, ardendo em lavaredas de fogo á imitaçaõ da ſarſa de Oreb.

CAPITULO IV.

Perſeguiçaõ, que teve Franciſco na Corte; paciencia, com que a ſupportou; e milagres, com os quaes a venceu.

VENDO o demonio que nada aproveitavaõ as lizonjas da Corte para minar o coraçaõ de Franciſco, poz em campo ſuas maquinas para aterrallo. As grandes honras, com as quaes ElRey Chriſtianiſſimo coroava as virtudes do noſſo Santo, ſerviraõ de inſtrumento ao inferno para armar huma nunca viſta perſeguiçaõ da ſantidade. Aſſiſtia, havia tempos, á enfermidade de ElRey hum Medico, que tinha por nome Jacob Cotier, natural de Borgonha: apoderando-ſe do coraçaõ deſte o inimigo commum lhe fez conceber huma incomparavel inveja das eſtimaçoẽs, que recebia Franciſco aſſim de ElRey, como de toda a Corte; e pelo conſeguinte nutria dentro do ſeu peito hum odio mortal contra o meſmo Santo. O grande dezejo, que ElRey tinha de dilatar ſua vida, e recuperar a ſaude, o fazia idólatra de quem lhe dava eſperanſas ao ſeu dezejo. Já por eſte motivo, e já pelo temor, em que vivia, de que deſgoſtando S. Mageſtade ao Medico, poderia eſte abbreviar-lhe os dias com alguma bebida violenta, adorava a meſma maõ, que lhe poderia cauzar a morte, ainda que naõ lhe podeſſe prolongar a vida.

Cheio de ciume eſte Medico, porque receava que ſuas receitas, á viſta da virtude de Franciſco, naõ tiveſſem o valor, em que elle as eſtimava, e deſ-

cahiſſe da graça, em que até alli ſe achava conſervado; entrou na idéa de malquiſtar ao Santo com ElRey: e para empregar com mais commodo ſeus malevolos dezignios, que lhe ſubminiſtrava o demonio, procurou primeiro deſacreditallo com a Corte, cenſurando todas ſuas acçoẽs. O retiro, que o Santo procurou no boſque da tapada de Pleſſis, aonde ſe recolhia muito a miudo para unir-ſe eſtreitamente com Deos, na lingua do Medico era hum eſpeciozo pretexto, que Franciſco havia buſcado para dar lugar á ſua gula, e ao deſcanſo do ſeu corpo. Dizia aos Grandes, que o aſpecto penitente, que o noſſo Santo moſtrava no Palacio aſſim em comer pouco, ou nada, como em naõ dormir, ou dormir mal, e outras mortificaçoẽs exteriores, que lhe viaõ fazer; dentro do boſque as deſcontava comendo á ſua ſatisfaçaõ iguarias muito delicadas, e entregando-ſe ao ſomno para faciar ſua ociozidade; que naõ deſſem credito ás ſuas virtudes, porque naſciaõ de huma refinada hypocrizia; que quanto mais uzava dellas, tanto maior era a aſtucia, com que enganava a todos. Confirmava todas eſtas calumnias com dizer que aquelle Ermitaõ era hum homem ignorante; que mal podia ſer virtuozo, naõ havendo eſtudado os rudimentos da ſabedoria humana, que ſervem de degrau, e abrem a paſſagem para alcanſar as verdades eternas.

Depois de ſemear por toda a parte eſtas calumnias, intentou eſte Medico adiantar ſua idéa, aſſaltando o Real animo da Mageſtade para fazello deſcahir da alta eſtimaçaõ, na qual o tinha collocado naõ menos a fama, que a experiencia das ſuas heroicas virtudes; tomando por fundamento naõ ter Franciſco obrado coiza alguma em beneficio da ſaude, que a meſma Mageſtade tanto dezejava, e por cujo motivo com tanto empenho o mandou vir de Italia. Naõ ſe atreveu logo em infamar ao Santo na prezenſa de ElRey; mas valendo-ſe da arte, que ſua natural aſtucia lhe tinha enſinado, entrou a lizonjear a ElRey dizendo

do, que quantas acçoẽs havia obſervado em aquelle Ermitaõ Italiano, todas lhe pareciaõ coherentes com as regras da virtude; mas que o noſſo entendimento humano eſtá ſujeito a muitos enganos, e naõ he facil podellos conhecer, ſenaõ pelo meio de algumas provas, e tentativas naõ eſperadas, pelas quaes ſe podem inferir as idéas do coraçaõ humano, quẽ com difficuldade ſe penetraõ eſtando na boa fé, depois de havermos formado bom conceito da peſſoa, com quem tratamos. Deſte modo falou o Medico a ElRey, accreſcentando que ſe Franciſco até alli tiveſſe enganado a S. Mageſtade, merecia diſculpa o engano, porque ſeguia a publica voz, e fama, que corria por toda a Italia; mas a continuaçaõ deſte bom conceito dilatando a experiencia das provas de ſua virtude, nunca poderia livrar a S. Mageſtade da nota de fanático, e muito crédulo, pois ſe fiava de hum homem eſtranho, entregando-ſe todo a ſeu arbitrio ſem haver precedido hum rigorozo exame do fundo de hum ſugeito, de quem diziaõ curava todas as enfermidades; mas que até alli em nada moſtrou ſua virtude pelo que reſpeitava ás moleſtias, que S. Mageſtade padecia. Os remedios da Medicina, que ſe lhe applicaraõ, ainda que naõ produziraõ todo o effeito que ſe dezejava, ao menos lhe conſervavaõ a vida; mas a virtude de Franciſco naõ havia obrado novidade alguma, que mereceſſe a mais minima attenſaõ.

Com eſte diſcurſo, que formou o Medico a ElRey Luiz, lhe imprimio no coraçaõ huma eſpecie de deſconfianſa, que lhe moveu a formar ſuas duvidas á cerca da ſantidade de Franciſco. E conhecendo o Medico o Real animo do Monarca alguma coiza vacillante, entrou a pôr-lhe a qualidade das provas, com as quaes podia examinar o eſpirito daquelle Ermitaõ. Foi a primeira mandar ao noſſo Santo de prezente huma banca de prata lavrada, gravada ao buril com varias hiſtorias, que nella ſe reprezentavaõ, e toda ella guarnecida de huma bordadura de ouro, que lhe

ſervia de franja. Sobre eſta banca mandou ElRey pôr em roda huma baxella de prata dourada, cujo lavor excedia na eſtimaçaõ ao meſmo metal, de que eſtava formada. Eſte prezente, digno de hum Principe para outro, mandou ElRey que o levaſſem a Franciſco para ſeu uzo, dizendo-lhe que lhe remettia aquella meza para ſervir-ſe della junto com a baxella.

O noſſo Santo, que já havia tempos que conhecia a grande inveja, e odio luciferino, que reinava no coraçaõ do Medico, naõ ignorava tudo quanto tecia contra elle á cerca de ElRey Chriſtianiſſimo. Sabia que o tinha infamado na prezenſa da Corte, e que procurava deſacreditallo na prezenſa do Monarca: mas tudo iſto naõ lhe dava oppreſſaõ alguma, nem o apartava hum ápice da ſerenidade de eſpirito com que ſempre viveu. Chegou o magnifico prezente ao quarto de Franciſco, dando-ſe-lhe o recado da parte da Mageſtade; reſpondeu ao criado: *Direis a ElRey meu Senhor que a vida dos Ermitoẽs he totalmente differente da dos Principes: para eſtes ainda as ſuperfluidades naõ baſtaõ em ſeu ſerviço; e para os Ermitoẽs ainda a falta do precizo os deixa muito ſatisfeitos. Nem eu, nem os meus Religiozos eſtamos coſtumados a ſervir-nos de prata na meza: e ficamos muito contentes uzando das tigelas de pau, ſegundo o noſſo coſtume de tantos annos.*

Naõ baſtou o deſengano deſta repoſta para confundir o animo do Medico, que naõ ceſſava de procurar novas idéas para deſacreditar a virtude do noſſo Santo. Influio novamente no animo de ElRey que lhe mandaſſe huma baxella de eſtanho finiſſimo; inſtruindo elle meſmo ao criado de S. Mageſtade o recado, que lhe havia de dar. Foi o menſageiro com eſte ſegundo prezente, e diſſe a Franciſco, ſeguindo a inſtrucçaõ do Medico, que bem conhecia S. Mageſtade que era improprio para hum Ermitaõ huma baxella de prata; porém para emendar eſta inadvertencia lhe mandava eſſa de eſtanho; que

naõ

naõ devia deixar de aceitalla, pois naõ ſe oppunha á pobreza o uzo della, por ſer hum metal muito inferior. Porém Franciſco reſpondeu que ainda aquella era muito precioza para hum Ermitaõ; que as baxellas, que os Principes naõ tem em eſtimaçaõ pelo pouco valor do metal, para os pobres ſaõ de muito valor, e contrarias á ſua profiſſaõ. Por cujo motivo humildemente ſupplicava á meſma Mageſtade lhe permittiſſe continuar no uzo das vazilhas, e tigellas de madeira.

Ainda eſta reſpoſta naõ baſtou para abater a obſtinada ſuberba do Medico, e fazello deziſtir do ſeu malevolo empenho. Reforſou ſua malevola idéa, dizendo a ElRey que bem conhecia que aquelles prezentes eraõ totalmente oppoſtos ao eſtado de Ermitaõ, que moſtrava Franciſco ao mundo, e que para ir coherente com ſua hypocrizia naõ devia aceitar para naõ ficar deſcoberta ſua ficçaõ; por cujo motivo ſe deviaõ fazer outros prezentes ricos, mas devotos para que ficaſſe palliada a riqueza com a devoçaõ; que ſó deſte modo ſe podia averiguar ſe era verdadeira ſua virtude. Condeſcendeu ElRey a eſte novo arbitrio: e mandou que lhe levaſſem huma Imagem da Senhora, lavrada de ouro finiſſimo, e cravejada de diamantes, avaliada em deſaſete mil eſcudos; dizendo que lhe mandava S. Mageſtade de prezente aquella Imagem da Senhora para a collocar em alguma Igreja de ſua Ordem, ou no ſeu Oratorio particular.

Agradeceu Franciſco o affecto da Mageſtade; mas naõ aceitou a magnificencia do prezente; reſpondendo que elle naõ tinha poſto ſua devoçaõ no preciozo daquella Imagem em quanto ao metal, e pedras, de que eſtava conſtruida; mas ſim reverenciava, e dava ſeus humildes cultos ao original, para cuja lembranſa lhe baſtava huma eſtampa, ou regiſto de papel. O menſageiro, que era o eſmoler de Luiz XI., ouvindo eſta reſpoſta do noſſo Santo, lhe replicou que ſe acazo naõ queria collocar aquella Imagem no ſeu oratorio particular, ao menos a conſervaſſe em

ſeu poder para a collocar na Igreja do ſeu Convento de Pleſſis, que por ordem Regia ſe havia de conſtruir. Reſpondeu a eſta replica Franciſco, que elle dezejava que as Igrejas de ſua Ordem eſtiveſſem adornadas de virtudes para excitar a devoçaõ, e piedade dos Fieis, para o que a prata, e o ouro naõ eraõ os meios mais proporcionados. Finalmente replicando-lhe o eſmoler Regio, que naõ deixaſſe de aceitar aquelle prezente, que S. Mageſtade lhe fazia, pois já era terceiro, que lhe mandava; e que parecia mal recuzallo como havia feito com os antecedentes; que quando naõ quizeſſe collocalla em alguma Igreja, podia vendella, e do ſeu producto diſtribuir eſmolas aos pobres: naõ achou eſta replica lugar algum no coraçaõ de Franciſco cheio de ſolida virtude; porque logo reſpondeu, que S. Mageſtade Chriſtianiſſima tinha muitos eſmoleres, por cujas maõs podia aliviar a pobreza dos ſeus vaſſallos, ſem que ſe ſerviſſe da ſua peſſoa, pois para eſte effeito ſe conſiderava inutil. E com eſta reſpoſta deſpedio o prezente, e ao conductor delle.

He veroſimil que com eſtas reſpoſtas cheias de deſenganos ſe perſuadiſſem aſſim ElRey, como o Medico, que dolozamente o aconſelhava neſta parte, que o animo de Franciſco naõ fazia apreço algum dos bens, e riquezas deſte mundo. Porém como o Medico eſtava inteiramente preoccupado de huma grande oppoziçaõ ao noſſo Santo; naõ ſe deu por convencido, antes procurou nova idéa para tentallo. Diſſe a ElRey que os prezentes, que até alli lhe havia mandado, pela ſua riqueza, e por intervenſaõ de terceira peſſoa para os conduzir, poderiaõ ſer motivos de naõ havellos aceitado; que ſeria bom S. Mageſtade experimentaſſe, eſtando ſó com o Santo, offerecer-lhe alguma ſomma de dinheiro debaixo de algum pretexto de piedade. Aſſim o executou ElRey Luiz. Eſtando hum dia ſó com Franciſco no ſeu gabinete lhe offereceu hum ſaquinho de moedas de ouro, dizendo-lhe que guardaſſe aquella eſmola, que lhe fazia, que poderia

appli-

applicalla para mandar conſtruir hum Convento em Roma, pois que o meſmo Santo o dezejava; e era juſto que em aquella Metropole da Chriſtandade tiveſſe hum Convento de ſua Ordem. A propoſta da Mageſtade parecia muito pia, e a dadiva era magnifica; mas Franciſco, que penetrava naõ ſó o coraçaõ Regio, mas tambem as idéas do Medico, que o aconſelhava, lhe reſpondeu que S. Mageſtade podia empregar aquelle dinheiro em ſoccorro de alguns vaſſallos pobres para alliviallos nas oppreſſoẽs, em que ſe achavaõ; porque iſto meſmo lhe poderia ſervir de meio para alcanſar de Deos o perdaõ de ſuas culpas, com as quaes tinha gravada ſua conſciencia; que attendeſſe á ſua ſalvaçaõ, e que ſe deixaſſe de dar ouvidos a quem o queria conduzir para o inferno com ſimilhantes conſelhos: ainda que dezejava ter hum Convento em Roma, conſiderava que eſtava em primeiro lugar ſoccorrer a pobreza, e neceſſidade dos ſeus vaſſallos, nos quaes empregava melhor aquella eſmola, e outras muitas, que devia fazer para alliviallos em quanto podeſſe, pois que era naõ ſó Rey, mas tambem Pai delles.

Deu-ſe ElRey por convencido com eſte ultimo deſengano do Santo: e proſtrando-ſe a ſeus pés confeſſou-ſe culpado em ſeguir os dictames do Medico, que o aconſelhava para tentar repetidas vezes a conſtancia de ſua ſolida virtude. Mandou Luiz chamar o Medico: e referindo-lhe o ſucceſſo, lhe fez conhecer, com baſtante rubor ſeu, que de nada valeraõ ſuas idéas, pois que o animo de Franciſco era ſuperior a tudo. Diſſimulou o Medico a ſua paixaõ: e para lizonjear o animo de ElRey reprimio ſua lingua deixando de falar mal do Santo; mas nunca perdia a occaziaõ de empregar o veneno em ſeu deſabono.

Eſtando hum dia ElRey jantando, ſe introduzio a converſa da aſpereza de vida, com que ſe conduzia Franciſco, eſpecialmente na abſtinencia O Medico, que ſempre aſſiſtia á meza quando a Mageſtade comia,

nua, naõ póde conter a inveja, e obrigado della diſſe: *Tudo quanto eſſe homem faz he huma apparencia, com que engana ao mundo; porque eu ſei que eſcondidamente ſatisfaz ſua gula com pratos delicados: e V. Mageſtade pode fazer a experiencia.* Mandou logo ElRey que hum criado levaſſe a Franciſco hum prato com dous peixes grandes, que eſtavaõ na meza; e que lhe diſſeſſe que a meſma Mageſtade lhe mandava aquelle prezente para elle comer junto com ſeus Religiozos. Naõ aceitou Franciſco o mimo, e reſpondeu ao criado: *Dizei a ElRey meu Senhor que as iguarias do meu uzo, e dos meus Religiozos naõ ſaõ taõ delicadas, pois que nos contentamos com humas ſardinhas, e hum prato de legumes, e que com iſto ficamos muito ſatisfeitos.* Acabou ElRey de confirmar o conceito, que tinha formado da virtude de Franciſco; e o Medico totalmente envergonhado de ver fruſtrados ſeus intentos taõ malevolos.

CAPITULO V.

Colloquios que teve o Santo com ElRey: penitencias, que lhe fez fazer: e morte da Mageſtade, que lhe fez goſtozamente eſperar.

As provas, que a Mageſtade Chriſtianiſſima fez ſobre as virtudes de Franciſco, foraõ outras tantas atteſtaçoẽs authenticas, e irrefragaveis, que a experiencia lhe poz á ſua viſta para acreditallo por verdadeiro ſervo de Deos: e como cada vez creſcia mais no coraçaõ de ElRey o reſpeito, com que o tratava, e o amor, com que o venerava, naõ ſe podia ſeparar da ſua companhia: todos os dias tinha continuas conferencias com o Santo ſem rezervar coiza alguma, que naõ lhe communicaſſe para valerſe do ſeu conſelho: e nas occazioẽs, em que Franciſco naõ eſtava na ſua prezenſa, hia S. Mageſtade buſcallo no ſeu retiro; porque ſentia huma grande violencia

cia no ſeu eſpirito Real quando naõ eſtava acompanhado do noſſo Santo.

Naõ deixava eſte de uzar do ſeu coſtumado zelo, falando a ElRey com liberdade, porque naõ attendia a outro fim mais que á ſalvaçaõ de ſua alma. Conſiderava que Deos naõ o mandou da Calabria ao Reino de Franſa para adquirir a eſtimaçaõ dos homens, ou para lucrar riquezas de paizes eſtranhos; mas ſim para conquiſtar para o Ceo a alma daquelle Monarca, que poſſuido de hum grande dezejo de recuperar a ſaude temporal, naõ meditava, nem reflectia ſobre a eternidade. Eſte era o empenho de Franciſco, e o unico objecto dos ſeus cuidados. Procurava todos os modos para deſenganar a ElRey, retirando-o do affecto natural das coizas do mundo, e inclinando ſeu Real animo a aſpirar aos bens celeſtiaes. Manejava eſte negocio taõ importante com hum methodo taõ delicado, que unia a aſpereza dos deſenganos com a doçura de ſuas reſpoſtas, de tal modo que ſem cauzar perturbaçaõ no animo de ElRey dezejozo de reſtituirſe á ſaude temporal, o conduzia a rezignarſe na vontade de Deos, e aſpirar ſó á vida eterna. Ponderou-lhe a inconſtancia deſte mundo, e a duraçaõ das promeſſas de JESUS Chriſto; tirando deſtas conferencias continuadas tanto fructo, que prorompendo ElRey em hum copiozo choro, derramando rios de lagrimas, ſe entregou nas maõs de Franciſco, proteſtando que eſtava prompto para executar quanto lhe aconſelhaſſe para deſencarregar ſua conſciencia, ſatisfazer a Deos, e alcanſar ſua Divina graça.

Toda a Corte foi teſtimunha da total mudanſa de ElRey Chriſtianiſſimo; e todo o Reino experimentou os effeitos della. Porém, naõ ficando ſatisfeito S. Mageſtade em ſeguir os dictames do noſſo Santo pelo que reſpeitava ao governo do Reino, de noute occultamente hia procurar a Franciſco no ſeu retiro, e na ſua companhia fazia aſperas penitencias: com ſuas proprias maõs flagellava ſeu corpo até derramar ſangue;

gue: muitos dias da ſemana j juava rigorozamente, naõ obſtante a frugalidade de ſua meza. As eſmolas eraõ continuas, e avultadas. Em muitas partes mandou edificar Igrejas, e reparar as que eſtavaõ arruinadas, adornando-as com magnificencia de Rey, e com piedade de penitente. A' inſtancia de Franciſco tambem mandou que em todas as Igrejas ſe déſſe ao meio dia ſignal para ſe rezar a ſalutaçaõ Angelica, como ſe coſtumava fazer nos crepuſculos nocturnos, e matutinos; devoçaõ, que ainda naõ eſtava naquelle tempo introduzida na Franſa; e por ordem Regia ſe obſervou logo em todo o Reino. Finalmente he tradiçaõ entre os noſſos Religiozos, que Luiz XI. profeſſou a noſſa Terceira Ordem; a qual ainda que em aquelle tempo naõ tinha approvaçaõ Apoſtolica, já o noſſo Santo Patriarca a mandava obſervar a muitas peſſoas por devoçaõ.

Alegrava-ſe o coraçaõ de Franciſco vendo na Real peſſoa de Luiz renovado o exemplo de David, ao qual havia ſeguido errante, e depois o imitava penitente. Diſpoſto deſte modo ElRey Chriſtianiſſimo, e inclinado a todas as obras de piedade, fazia huma grande confidencia do noſſo Santo, e pelo ſeu conſelho mandou ſuſpender a guerra, que ſuas armas faziaõ a ElRey de Aragaõ diſputando o Condado de Roſſilhaõ, e Sardanha; cuja reſtituiçaõ ſe fez no Reinado ſeguinte por ſeu filho Carlos VIII., como veremos no ſeu lugar. Como as conferencias, que S. Mageſtade tinha com Franciſco, eraõ continuadas, dizendo-lhe o noſſo Santo que Deos havia determinado alguns flagellos ſobre o Reino de Franſa, teve ElRey a curiozidade de perguntar-lhe quaes eraõ; porque conhecia que ſeus peccados pela ſua gravidade mereciaõ que foſſem muito fortes. Satisfez Franciſco á pergunta de ElRey, dizendo que o Reino de Franſa ſeria acommettido da herezia; o que principiou a verificar-ſe no Reinado de Franciſco I., e de Henrique II., e continuou com grande forſa até ao Reinado de

de Luiz XIV., que a perſeguio com toda a actividade.

Naõ ſe arrependeu Luiz XI. em mandar vir de Italia ao noſſo Santo, naõ obſtante naõ ter conſeguido ſeu intento de adquirir a ſaude corporal, porque alcanſou maior felicidade pondo-ſe nos termos de ſegurar a coroa eterna pelas oraçoẽs de Franciſco. Já naõ lhe cauzava horror a morte, antes em algum modo a dezejava para gozar de melhor vida. Rezignado porém na vontade de Deos mandou chamar ao Delphim, que eſtava no Caſtello de Amboize; entregou-lhe as redeas do governo do Reino, recommendando lhe as manejaſſe com juſtiça, e prudencia. Procurou eſquecer-ſe do caracter da Mageſtade; e abraçando a vida de penitente naõ cuidava em outra coiza mais, que em ſubſanar ſua conſciencia. Conſiderava toda ſua felicidade em falar com Franciſco ſobre a morte, que eſperava como termo de ſuas penas. Chegou a confeſſar na prezenſa de toda a Corte o engano, em que viveu, ſeguindo as vaidades do mundo; e com hum conhecimento claro da inconſtancia deſta vida, ſó aſpirava a reinar no Ceo.

CAPITULO VI.

Morte de Luiz XI.: ſubida de Carlos VIII. ao Throno: obras de Franciſco aſſim na morte daquelle, como no governo deſte.

AVIZINHANDO-SE finalmente o dia determinado por Deos da morte de ElRey Luiz, vendo Franciſco que o animo de S. Mageſtade eſtava rezignado na Divina vontade, para que podeſſe aproveitar o tempo em firmar-ſe neſta rezignaçaõ; nos principios de Agoſto do anno de 1483, aggravando-ſe ElRey na ſua enfermidade, naõ o deſamparava o noſſo Santo fazendo-lhe varias lembranſas, que diziaõ reſpeito a acabar de exonerar ſua conſciencia. O dia

25 do meſmo mez , em que ſe celebra a feſta de S. Luiz , fechou-ſe Franciſco ſó com ElRey no ſeu gabinete. Ainda que naõ ſe ſabe o que entre ambos paſſou, he de prezumir que o havia de animar a confiar na infinita mizericordia de Deos, e o havia de encher de conſolaçaõ eſpiritual. O certo he que ſegundo a tradiçaõ entre os noſſos Religiozos, e o que affirmaõ os noſſos Eſcritores (*rr*) naõ ſó lhe deu o deſengano de que era vontade de Deos que acabaſſe a vida; mas tambem lhe declarou que o dia 30 do mez de Agoſto ſeria o de ſeu obito. Recebeu ElRey Chriſtianiſſimo eſta noticia ſem ſuſto , e determinou fazer huma confiſſaõ geral; e no dia 28 recebeu o Santiſſimo Viatico com muita devoçaõ , que edificou a toda a Corte; e no dia 29 recebeu o Sacramento da Extrema-Unçaõ. Munido com eſtes Sacramenros renovando os actos de devoçaõ , e amor de Deos, ſe recommendou com mais efficacia ás oraçoẽs do noſſo Santo, em cuja virtude firmava toda a eſperanſa da ſua ſalvaçaõ: e igualmente lhe recommendou tomaſſe á ſua conta dirigir para o acerto ſeus tres filhos , a ſaber o Delfim Carlos , que lhe havia de ſucceder na Coroa , D. Anna de Franſa , que depois foi Duqueza de Bourbon, e D. Joanna de Franſa Duqueza de Orleans, e de Valois, que depois foi Duqueza de Berri , e Rainha de Franſa. A todos tres exhortou que tomaſſem os conſelhos de Franciſco, e que o reſpeitaſſem como a pai : que nada determinaſſem ſem ſeu parecer. Mandou tambem ao Delfim mandaſſe reſtituir á Coroa de Aragaõ o Condado de Roſſelhaõ, e Sardanha, que logo ſe effeituou, como eſcreveu o Zuritta nos Annaes de Aragaõ (*ſſ*).

Chegou o dia Sabbado 30 de Agoſto, em que ſe celebrava a feſta de S. Philiacro Confeſſor , de quem ElRey era devotiſſimo: tendo huma Imagem da Senho-

(*rr*) Perrimez. Vita Hiſt. fol. 201. Toſcan. fol. 376.
(*ſſ*) Zuritta citado pelo Perrimez. Ibid.

Senhora diante dos olhos, derramando copiozas lagrimas de penitencia, que deraõ baſtantes atteſtaçoẽs da ſua contriçaõ, entre os braços de Franciſco entregou ſua alma ao Creador, tendo 60 annos, e 15 dias de idade, e de Reinado 32.

Depois da morte de ElRey Luiz o Delfim ſeu filho no mez de Setembro foi acclamado Rey por toda a Corte: e como naõ tinha mais que quatorze annos, acabado o acto de preſtar-lhe o juramento, lhe nomearaõ doze Conſelheiros para a Regencia do Reino, que em aquelle tempo naõ lhe faltavaõ negocios de muita ponderaçaõ, que ventilar, naõ obſtante que a Senhora Infanta D. Anna, filha Primogenita com o grande talento, de que eſtava dotada, lhe deu baſtante adjutorio nos principios do ſeu Reinado. Naõ faltou tambem o noſſo Santo á palavra, que deu a ElRey Luiz, de dar-lhe ſeus conſelhos, como ſe toda ſua vida a tiveſſe gaſtado na eſcola da Politica, ou tiveſſe verſado a Academia dos Eſtadiſtas. Reconhecia ElRey Carlos, outavo do nome, a grande virtude de Franciſco; e ſem eſquecer-ſe da recommendaçaõ de ſeu Pai, ouvia ſeus conſelhos como emanados do Oraculo; obedecia ſeus dictames com profunda humildade, e o tratava com a veneraçaõ de Pai, pois ſempre que chegava a falar-lhe deſcobria ſua cabeça, e lhe bejava a maõ. Nunca rezolveu negocio algum, que primeiro naõ conſultaſſe a Franciſco; e ainda que o Conſelho de Eſtado votaſſe outra coiza, naõ executava ſenaõ o que o Santo lhe dizia, porque havia formado delle o conceito que neſta parte eſtava livre das lizonjas, que poderia achar nos Conſelheiros.

CAPITULO VII.

Conventos, que aceita em Franſa; e Religiozos, que recebe.

EM todo o eſpaço do tempo, que aſſiſtio Franciſco na Corte até á morte de ElRey Luiz, naõ teve outra habitaçaõ ſenaõ dentro do Paço; porque os continuos accidentes, que padecia ElRey, naõ permittiaõ que moraſſe mais diſtante, nem que S. Mageſtade mandaſſe fundar-lhe Convento para ſua aſſiſtencia, e dos ſeus Religiozos, naõ obſtante que já lhe havia dado principio, e ſe expedio hum Decreto ampliſſimo para fundar onde quizeſſe em qualquer parte do ſeu Reino. Depois da morte de ElRey Luiz, ſeu filho Carlos VIII. cuidou nas fundaçoẽs dos noſſos Conventos; que além de ſerem muitos, todos foraõ magnificos. Unio-ſe a piedade de ElRey com a devoçaõ dos póvos inclinados a favorecer os progreſſos da noſſa Religiaõ, e a conſeguir cada qual nas ſuas terras o eſtabelecimento de huma caza habitada pelos filhos de Franciſco. Veſtiraõ o noſſo ſanto habito varios ſujeitos em aquelle tempo, que naõ ſó deixaraõ memoria das ſuas virtudes, mas tambem foraõ cauza para que no tempo futuro, e ainda prezentemente, tenhaõ entre os noſſos florecido homens muito illuſtres em virtudes, e letras, ſervindo de notavel utilidade á Igreja, e ao Reino.

A' inſtancia da Senhora Infanta D. Anna, filha primogenita de ElRey Luiz, como já diſſemos, expedio ElRey Carlos hum Decreto com a data de 19 de Março do anno de 1485, no qual concedia a Franciſco o Caſtello baxo de Pleſſis, e o Oratorio, ou Ermida de S. Mattheus, que eſtava miſtica, para que com ſeus Religiozos aſſiſtiſſe nelle até que S. Mageſtade déſſe providencia a mandar-lhe conſtruir maior Convento. Concedeu depois ElRey Carlos no anno de

de 1488, e no dia 18 de Abril ampliſſimos privilegios a todas as Cazas, ou Conventos, que haviaõ de ſer habitados pelos noſſos Religiozos: ultimamente no anno ſeguinte de 1489 ſe fundou o Convento por ordem do meſmo Rey, onde Franciſco com ſeus Religiozos podeſſem morar mais commodamente, porque cada dia creſcia mais eſta Minima Familia.

Carlos pois com magnificencia correſpondente a ſeu genio, e com liberalidade igual á ſua piedade mandou fazer huma planta de hum mageſtozo Convento, que ſe edificou junto ao Caſtello de Pleſſis em hum ſitio chamado *Les Montils*, cujo terreno comprou ElRey a huns Cidadoẽs de Turs. Com tal ardor ſe deu principio á fabrica tanto da Igreja, como do Moſteiro, que no anno de 1491 ſe achou totalmente acabado. O titulo, que deu o noſſo Santo a eſta Igreja, foi de JESUS MARIA, á imitaçaõ de alguns, que havia fundado na Calabria. Eſte Convento foi depois accreſcentado por Franciſco I. do nome, e por ſua Mãi D. Luiza de Saboia Duqueza de Angoleme; ultimamente ElRey Luiz XIII. o ornou com muitas memorias de ſua devoçaõ.

Naõ ſatisfeito ElRey Carlos de mandar fazer Igreja, e Convento da noſſa Ordem, como já diſſemos, com coraçaõ magnanimo eſtabeleceu hum grande fundo para que á proporçaõ ſe podeſſem ſuſtentar os Religiozos com abundancia ſem diminuiçaõ do culto Divino. Dotou tambem o Convento com muitas terras, e dentro da meſma cerca fez que ficaſſe incluſo hum jardim naõ pequeno; de tudo fez doaçaõ a favor de Franciſco, e de ſeus Alumnos por hum Decreto de ſeis de Maio de 1491; e no meſmo tempo mandou tambem Franciſco poſſe do Caſtello de Pleſſis ſaſſando com ſeus Religiozos a habitallo.

Neſte primeiro Convento, que teve a noſſa Religiaõ na Franſa, mandou Franciſco fabricar huma pequena caza á imitaçaõ das outras, que havia feito na Calabria, para ſeu retiro, ſervindo-ſe della para ſua

habitaçaõ em todo o tempo que viveu até ſua morte. Em eſta taõ eſtreita morada, que mais parecia ſepultura que caza de peſſoa vivente, dilatava ſeu coraçaõ com as vizitas continuadas, que recebia do Ceo de varios choros de Anjos, que com mellifluos concertos eſtavaõ recreando ſeu eſpirito elevado na contemplaçaõ dos bens eternos. ElRey Carlos foi varias vezes buſcar ao noſſo Santo neſta caza para conſultar varios negocios de muito pezo a reſpeito da ſua Coroa. No anno 1515 Jacobeta Molandrini viuva de André Alciſſio, ſobrinho do noſſo Santo, que elle meſmo mandou vir da Calabria, como diremos no ſeu lugar, mudou eſta cazinha em huma Capella dedicada a Deos em honra de Franciſco, e depois veio a ſer hum dos mais celebres ſantuarios de Franſa, onde os devotos experimentaõ grandes milagres.

Além deſte primeiro Convento, que ſe fundou em Turs, quiz ElRey Carlos que ſe fundaſſe outro em Amboiza, cuja fabrica ſe fez de modo que ficaſſe o Altar mór em aquelle meſmo ſitio onde o Santo foi recebido pelo meſmo Rey Carlos, ſendo Delphim, quando Franciſco chegou a Franſa, para que ficaſſe huma eterna memoria daquelle primeiro encontro, que teve com o noſſo Santo Patriarca; e como eſte ſitio era huma eſtrada Real, mandou que ſe mudaſſe á outra parte para a ſerventia do povo: deu o titulo de JESUS MARIA a eſta Igreja, porque naõ queria deixar de gravar eſtes taõ poderozos nomes nas ſuas obras tendo-os impreſſos deſde menino no ſeu coraçaõ, e proferindo-os a cada inſtante com ſua lingua.

Eſtes foraõ os dous primeiros Conventos, que o meſmo Santo fundou em Franſa, porque os mais foraõ fundados pelos ſeus Religiozos. Porém antes de entrarmos a deſcrevellos, he precizo referir os ſujeitos, que recebeu para ſeus Alumnos neſte Reino. Entre todos deve ter o primeiro lugar o Padre Fr. Franciſco Binet, que tomou o ſanto habito com mais onze ſujeitos, os quaes foraõ os PP. Germano Leonet

net, Joaõ Abundancio, Dionyzio Barbier, Franciſco Cerdon, Marſal de Vicin, Mattheus Miguel, Jacob Leſprivier, Luiz Juſto, Leonardo Barbier, Miguel Conti, e Nicolau Betunella. Todos eſtes doze ſujeitos eraõ homens dotados de grandes virtudes, e letras, adornados de huma ſingular prudencia, e piedade.

O P. Franciſco Binet foi Monge da Ordem de S. Bento, Meſtre de Theologia, grande orador, de idade de trinta e ſeis annos quando paſſou a eſta noſſa Religiaõ havia ſido Prior no Moſteiro de Mamortino, fundado em Turs por S. Martinho Biſpo. A fama da ſantidade de Franciſco, que fazia ecco em toda a parte, ſuſcitou no coraçaõ do P. Binet hum grande dezejo de ver, e converſar com o noſſo Santo. Naõ tardou muitos dias que naõ foſſe buſcallo no ſeu retiro; e apenas havia principiado a tratallo, logo ſe achou prezo de hum cordial affecto, que o obrigava a querer ſer ſeu ſubdito. Antes de manifeſtar eſte penſamento a Franciſco, recorreu a Deos com repetidas, e fervorozas oraçoẽs para que lhe inſpiraſſe o que foſſe mais do ſeu agrado, como de facto foi tradiçaõ entre os noſſos que teve o Padre Binet revelaçaõ do Ceo ſobre eſta materia. Manifeſtou depois ao noſſo Santo quanto ſeu coraçaõ havia concebido á cerca do ſeu tranſito; e o achou muito ſatisfeito, e diſpoſto para o receber na ſua nova Religiaõ. O meſmo Santo fez a ceremonia de dar-lhe o habito, e ſempre o teve na ſua companhia diſtinguindo-o aſſim no affecto, como nas honras. Ainda que Franciſco era Geral da Ordem, nunca quiz ſentar-ſe com preferencia ao Padre Binet; e no tempo de receber a paz naõ admittia a primazia. Padecia o Padre Franciſco Binet huma queixa perigoza, da qual o ſarou o noſſo Santo; e fez tal eſtimaçaõ deſte ſujeito, que em todos os negocios, que occorriaõ a reſpeito da noſſa Ordem, era conſultado pelo noſſo Santo, que naõ queria rezolver ſem ouvir, e ſeguir ſeu parecer. Foi eleito Geral de toda a Ordem

no primeiro Capitulo, que ſe celebrou depois da morte de Franciſco; cujo cargo ſervio outras duas vezes, porque neſſe tempo naõ durava a occupaçaõ de Geral mais que tres annos, e continuou deſte modo até ao anno de 1605, que por auctoridade Apoſtolica Paulo V. prorogou o Generalato a ſexenio, como conſta da Conſtituiçaõ 19. do meſmo Pontifice (*tt*)

Além dos ſujeitos mencionados admittio Franciſco outros muitos, todos naturaes de Franſa, para ſeus Religiozos; entre eſtes tambem tomou o habito hum ſoldado Napolitano, do qual devemos aqui fazer eſpecial memoria para manifeſtar o ſucceſſo milagrozo, que o Santo obrou. Chamava-ſe eſte ſoldado Gregorio Vico, e militava nas tropas Francezas quando ſe determinou a campanha chamada de Santo Albino: antes de marchar procurou Gregorio ao noſſo Santo, com quem tinha grande amizade, e lhe pedio quizeſſe dar-lhe alguma prenda ſua para memoria, ou para reliquia: condeſcendendo Franciſco á ſupplica do ſoldado Gregorio, logo lhe deu huma pequena véla de cera, dizendo-lhe que no entanto que tiveſſe ſobre ſeu corpo aquella véla, Deos o livraria do perigo da morte naquella campanha. Recebeu o ſoldado Gregorio a véla com grande devoçaõ, e a enrolou no capacete, com que devia cobrir ſua cabeça na guerra: marchou com o corpo do exercito deſtinado para eſta campanha, e dando-ſe a batalha no mencionado campo de Santo Albino, recebeu Gregorio na teſta huma balla de artilharia diſparada do campo inimigo, que, ſeguindo o effeito natural, devia reduzir a migalhas o capacete, e a cabeça do ſoldado; mas obſervou que a balla retrocedeu de tal ſorte, que naõ ſó naõ lhe offendeu em coiza alguma a cabeça, mas nem ainda deixou ſignal do impulſo no capacete. Attribuio Gregorio

(*tt*) Conſt. 19. Paul. V. quæ incipit: *Cum ſicut accepimus.* D. I. Octob. 1605. an. 1. ſui Pontif. ut traditur in Digeſtu noſtri Ord. pag. 57. part. III.

gorio eſte prodigio á virtude das oraçoẽs de Franciſco, que lhe tinha dado aquella véla para prezervativo de ſua vida: e logo que voltou da campanha, quiz militar o reſto de ſua vida debaixo das bandeiras do noſſo Santo, recebendo o habito da noſſa Religiaõ, onde viveu exercitando-ſe nas virtudes, que procurava imitar, de Franciſco.

CAPITULO VIII.

Modo milagrozo, com que entrou a noſſa Religiaõ nas Heſpanhas: Conventos, que ſe fundaraõ: e Religiozos, que floreceraõ.

DUAS foraõ as principaes cauzas, que Deos diſpoz para que a noſſa Religiaõ fundaſſe em Heſpanha, onde depois ſe havia de dividir em ſete Provincias, nas quaes tanto trabalharaõ os noſſos Religiozos para promover a gloria de Deos, e o augmento eſpiritual do proximo. Foi a primeira acharem-ſe em aquelle Reino alguns ſujeitos Heſpanhoes de illuſtre naſcimento, que quizeraõ ſer Alumnos de Franciſco. A outra foi a obſtinada reziſtencia, que fizeraõ os Mouros ás armas Catholicas. Daremos principio a referir a qualidade dos ſujeitos naturaes de Heſpanha, que tomaraõ o habito; e depois deſcreveremos o ſucceſſo da guerra contra os Mahometanos. Aſſiſtiaõ em aquelle tempo no Reino de Franſa alguns ſujeitos naturaes de Heſpanha tratando dos ſeus negocios domeſticos; e vendo o modo da noſſa penitente vida tomaraõ a rezoluçaõ de veſtir o noſſo ſanto habito. O primeiro, que tomou eſte partido, foi Fernando Panduro, parente de D. Pedro de Lucena, Senhor da Cidade de Andujar, e Embaxador da Mageſtade Catholica á cerca de Carlos VIII. Rey de Franſa. Havia muito tempo que eſte Embaxador eſtava obſervando o eſpirito de Franciſco, porque foi á Corte de Franſa reveſtido daquelle caracter no anno de 1483, e ſe demorou

morou até o anno de 1487, em cujo eſpaço de tempo teve muitas occazioẽs de admirar as virtudes, e milagres do noſſo Santo. Concebeu o Embaxador huma grande devoçaõ para com o Santo, e depois teve com elle huma eſtreita amizade. Nas frequentes vizitas, que fazia o Embaxador a Franciſco, levava na ſua companhia ao ſeu parente D. Fernando: e como, acabada a vizita, rezultaſſe huma converſa particular entre ambos os Fidalgos ſobre a vida do Santo Homem, chegou a produzir-ſe no coraçaõ de D. Fernando hum ardente dezejo de ſer Religiozo da noſſa Ordem. Manifeſtou eſte penſamento ao Embaxador ſeu parente, e lhe rogou quizeſſe falar a Franciſco para lhe propor ſua vocaçaõ. D. Pedro de Lucena naõ demorou a diligencia: e como logo tiveſſe a aceitaçaõ do noſſo Santo, veſtio D. Fernando o noſſo habito pelas maõs de Franciſco em 9 de Março do anno de 1486.

A' imitaçaõ deſte Fidalgo o P. Bernardo Boil Religiozo Benedictino, natural de Lerida na Catalunha, e Abbade que foi do Moſteiro do Monſerrate, que ſe achava na Corte de Franſa com o caracter de Embaxador de ElRey Catholico para aſſignar o Tratado da reſtituiçaõ dos Eſtados de Roſſelhaõ, e Sardanha (*uu*) determinado por ElRey Luiz XI. no ſeu teſtamento, havendo ouvido os prodigios, que obrava o noſſo Santo, determinou ir vizitallo: e logo que chegou á ſua prezenſa ſentio hum interior impulſo, que o convidava a ſer Religiozo daquella Ordem. Reflectio alguns dias ſobre eſte tranſito; e finalmente ſe rezolveu a pedir o noſſo habito a Franciſco, o qual com grande goſto lho concedeu, porque profeticamente ſabia que eſte novo Alumno lhe havia de ſervir de grande adjutorio para as fundaçoẽs nas Heſpanhas, como tambem o Padre Binet uas do Reino de Franſa, como depois veremos. Alguns dos noſſos

(*uu*) Montoya in Chron. *lib.* 1. *p.* 391. Perrimez. *p.* 207.

noſſos Eſcritores (xx) querem affirmar, fundados em alguns documentos, que ſe conſervaõ no Arquivo do noſſo Convento de Malaga, que eſte Padre Boil foi mandado, depois de ſer Religiozo da noſſa Ordem, ao deſcobrimento da America com Chriſtovaõ Colon em qualidade de Biſpo Miſſionario Apoſtolico, aſſim por nomeaçaõ de Fernando o Catholico, como por huma Bulla de Alexandre VI., na qual o conſtituia Patriarca, Arcebiſpo, e Vigario Apoſtolico: e que quando voltou á Europa foi Biſpo de Girona no Principado de Catalunha, onde viveu ſantamente muitos annos. Mas o Padre Montoia naõ faz menſaõ deſtes documentos, ainda que diz o meſmo que os que ſeguem eſta opiniaõ, com a declaraçaõ de que houve dous do meſmo nome a ſaber tio, e ſobrinho. Como nós ao prezente eſcrevemos a vida do noſſo Santo Patriarca, naõ excitamos aqui eſta queſtaõ: ſe Deos for ſervido, quando chegarmos, a deſcrever os Varoẽs Illuſtres da noſſa Ordem, procuraremos outros AA., que nos dêm melhor luz para indagar a verdade.

Vamos agora a referir o ſucceſſo das armas Catholicas contra os Barbaros, que havia annos dominavaõ o Reino de Granada. Reinava em aquelle tempo Fernando V. Rey de Aragaõ, que tomou alliança com D. Izabel de Caſtilha, com cujo matrimonio ficaraõ unidas as duas Coroas. Tomou eſte valerozo Rey a magnanima empreza de acabar de deſterrar das Heſpanhas as reliquias dos Mouros, que ainda eſtavaõ ſenhores de huma boa parte da Andaluzia alta no Reino de Granada. Foi cercando a Cidade de Malaga, onde os Barbaros, ſendo cada vez mais fortes, chegaraõ a fazer deſanimar as armas Catholicas. Eſtava já ElRey Fernando rezoluto a levantar o cerco, que havia feito ſobre a Cidade de Malaga: e havendo-lhe Deos revelado a Franciſco o penſamento deſte Monarca, que queria abandonar a empreza, logo pro-

(xx) Toſcano, e Perrimez,

curou dous ſeus Religiozos, os mais ſeus confidentes; que foraõ os PP. Bernardino de Otranto de Cropolato, Italiano, e o P. Damiaõ, ou, como querem outros, Jacob Leſprevier, Francez de naçaõ; mandoulhes que com toda a brevidade foſſem a Andaluzia, e no campo, onde eſtava o Exercito acampado ſitiando a Cidade de Malaga, procuraſſem a ElRey, a quem em ſeu nome lhe diſſeſſem que de nenhum modo levantaſſe o ſitio, porque tres dias depois da ſua chegada alcanſaria huma completa victoria dos inimigos da Fé.

Foraõ immediatamente os Religiozos. E naõ podemos deixar de advertir ao pio leitor que eſta jornada, que neceſſitava de alguns dias pela diſtancia das legoas, que fazem de Turs até Malaga, naõ podia deixar de ſe fazer em breves horas, uzando o Santo da virtude milagroza, que Deos lhe tinha dado. Finalmente chegaraõ os dous Religiozos ao campo: deraõ a embaixada, que Franciſco mandava á Mageſtade Catholica, que foi bem recebida pelo conceito, que ElRey havia formado da ſantidade do noſſo Patriarca, que já havia feito ecco em todo aquelle Reino: mandou hoſpedar os Religiozos, e eſperou os tres dias, que lhe mandava dizer o Santo que dilataſſe o ſitio; e no ultimo dia notou-ſe repentinamente na praça hum grande alarido entre os Mouros, que foraõ ſurprehendidos de hum taõ grande ſuſto interior, que obrigou aos dous principaes Generaes Amarbon Amar, e Ali Dordux a ſair pelas portas da Cidade, e a buſcar a ElRey Fernando para lhe entregarem as chaves della: o que executaraõ no dia 18 de Agoſto do anno de 1487; com cuja acçaõ ficou ElRey Catholico victoriozo dos Mouros, e em memoria deſte triunfo mandou edificar huma Ermida com o titulo de N. Senhora da Victoria, no meſmo ſitio onde eſteve acampado.

Conquiſtada a Cidade por ElRey Fernando, ſe prezentaraõ novamente os mencionados Religiozos Cropolato, e Leſprevier diante de S. Mageſtade, e bejando-lhe a maõ para dar-lhe os parabens da felicidade,

dade, que acabava de conſeguir, lhe ſupplicaraõ quizeſſe ter a bondade de conceder-lhes licenſa para poderem fundar no ſeu Reino. Naõ deu ElRey reſpoſta negativa para eſte requerimento; mas deixou a outro tempo o deferir-lhes, porque andava empenhado em acabar de deſalojar os Barbaros das terras, que dominavaõ naquelle Reino de Granada. Com eſta reſpoſta voltaraõ os dous Religiozos a Franſa, onde eſperaraõ as conſequencias da guerra, e as ordens de Franciſco, que naõ ceſſava de orar ao Deos dos Exercitos auxiliaſſe as armas Catholicas contra os barbaros inimigos da Fé.

Chegou finalmente a noticia da victoria, que Fernando alcanſou na Cidade de Granada expulſando della os Mouros, cujo feliz ſucceſſo foi a 2 de Janeiro de 1492, ainda que Toſcano, e Perrimezzi affirmaõ ter ſido o dia 6 de Janeiro do meſmo anno. Aſſim que ſe divulgou eſta nova taõ goſtoza para a Igreja Catholica em toda a Europa, julgou o noſſo Santo ſer tempo opportuno para mandar ſeus Religiozos para fundarem naquelle Reino. Queria o Santo paſſar peſſoalmente para executar eſta empreza; mas ElRey Chriſtianiſſimo naõ lho permittio: por cujo motivo deu Patente de Vigario Geral ao P. Bernardo Boil, Catalaõ, de quem já falámos antecedentemente; e lhe ſignalou onze companheiros para o meſmo effeito, os quaes foraõ os PP. Bernardino de Otranto Cropulato, Jacob Genovez, ambos Italianos, Fernando Panduro Heſpanhol, e da naçaõ Franceza os PP. Joaõ Abundancio, Jacob Prenſeda, Germano Lionet, Joaõ Bois, Damiaõ Leſprevier, Joaõ de Reſmaide, Joaõ Liſo, e Marſal de Vicin, que era ainda Noviço, mandado pelo noſſo Santo a eſta jornada para ſervir aos outros PP. neſta Miſſaõ. Deu-lhes cartas para ElRey Catholico, e para D. Pedro de Lucena, com quem cultivou grande amizade deſde que eſteve por Embaxador em Franſa; e naquella occaziaõ devia ſeguir ſeu conſelho para formar ſeu requerimen-

rimento, e ter audiencia das Mageſtades Catholicas em ordem á brevidade do deſpacho.

Depois finalmente de haver recebido importantes, e caritativas advertencias daquelle Serafim Calabrez, partiraõ de Turs no mez de Março de 1492. Foi a jornada baſtantemente trabalhoza: porque além de hirem a pé, experimentaraõ muito incommodo nas hoſpedagens pela ſua pobreza, que profeſſavaõ. Porém como Deos dirigia ſeus paſſos, nada os mortificava: como eſtavaõ reveſtidos da obediencia, e animados de zelo ſanto, todos os trabalhos ſe lhes convertiaõ em alegrias. Aſſim que chegaraõ a Toledo, havendo completado o anno do Noviciado Fr. Marſal de Vicin, o Reverendo P. Boil Vigario Geral deſta Miſſaõ o profeſſou na Igreja Metropolitana deſta Cidade com aſſiſtencia de muitas peſſoas diſtinctas, e concurſo de povo, que todos ficaraõ admirados da grande modeſtia, e pobreza daquelles Religiozos. De Toledo continuaraõ ſua jornada até Andujar, onde foraõ caritativamente hoſpedados em caza de D. Pedro de Lucena, que á ſua cuſta os ſuſtentou por eſpaço de hum anno, eſperando que as Mageſtades voltaſſem a Saragoça. Naõ foi pequeno o goſto, que recebeu eſte Fidalgo em ver dentro de ſua caza multiplicado o retrato de Franciſco em doze filhos de ſua Ordem.

Logo que partio ElRey Fernando de Valenſa para Saragoça, onde ſe havia de demorar algum tempo, conduzio D. Pedro ao P. Boil, e hum ſó companheiro á prezenſa de ElRey, facilitando-lhe a audiencia, na qual entregou as cartas do noſſo Santo. Grande foi a alegria, que cauzou a ElRey Fernando a vinda do P. Boil, pois era ſujeito, que muito amava, e de quem, como diſſemos, havia feito confidencia, mandando-o ao Reino de Franſa a negocios taõ importantes á ſua Coroa. A novidade da mudanſa de habito debaixo de outro Inſtituto naõ pôde diſpenſar ás Mageſtades de fazer-lhe varias perguntas, tanto ſobre ſeu tranſito, como ſobre as raras virtudes de Franciſco, cuja

cuja fama havia tempos corria avultada naquelle Reino. A tudo deu reſpoſta o Padre Boil com inteira ſatisfaçaõ das Mageſtades, que dezejavaõ exacta informaçaõ.

Movido ElRey Catholico das virtudes do noſſo Santo, no dia 21 de Setembro daquelle meſmo anno de 1492 mandou lavrar hum Alvará, em que concedia a faculdade para fundar, e dilatar a Religiaõ dos Minimos em todos os ſeus Reinos (yy). Depois mandou paſſar outro Alvará na meſma Cidade de Saragoça com data de 6 de Outubro do meſmo anno, dirigido a todos os Prelados exiſtentes dentro do ſeu Reino, Miniſtros da Coroa, e a todos ſeus vaſſallos para que naõ impediſſem as fundaçoẽs, que os noſſos Religiozos quizeſſem fazer, e lhes deſſem todo o adjutorio em qualquer parte, que elles intentaſſem edificar cazas da ſua Religiaõ.

Com eſtes Alvarás, ou deſpachos, voltou o P. Boil a Andujar, onde os communicou a ſeus companheiros, os quaes, depois de maduro conſelho, unanimemente votaraõ que ſe devia dar principio á fundaçaõ na Cidade de Malaga, para onde partiraõ todos. Devemos aqui notar que ElRey Fernando no meſmo ſitio, onde eſtava ſua tenda de campanha quando eſtava com ſeu exercito bloqueando aquella Cidade, mandou fazer, como já diſſemos, huma Ermida dedicada á Senhora da Victoria, cuja imagem trazia ſempre comſigo em todas as campanhas aſſim antecedentemente, como em as que continuou depois. Tambem mandou fazer junto á meſma Ermida huma hoſpedaria; porque ficando fóra da Cidade, tiveſſem os romeiros, que movidos da devoçaõ quizeſſem ir dar graças de taõ grande beneficio, onde deſcanſar ſem diſcommodo na ſua Romaria.

Ex-

(yy) Conſerva-ſe eſte Alvará junto com os mais, que referiremos, no Arquivo do noſſo Convento de Malaga. Ita Morales Text. 14. pag. 363.

Examinaraõ os noſſos Religiozos eſte ſitio, e vendo eſtava proporcionado ao ſeu Inſtituto pelo retiro, em que eſtava, e conforme á ſua humildade, ſe rezolveraõ ſupplicar a ElRey para alcanſallo. Com effeito lhes foi concedido por hum Alvará expedido em Barcelona, onde eſtava a Corte, de data de 20 de Março de 1493, em virtude do qual tomaraõ poſſe, e depois edificaraõ huma ſumptuoza Igreja, e magnifico Convento, conſervando o titulo da Senhora da Victoria. Parece-me que por eſte motivo em todos os Reinos de ElRey Catholico naõ conhecem os noſſos Religiozos ſenaõ por Religiozos da Victoria. Dotaraõ eſta Igreja os Reys Catholicos com baſtante fundo para o ſuſtento dos Religiozos.

Depois da fundaçaõ deſte Convento D. Pedro de Lucena mandou conſtruir outro em Andujar á ſua cuſta, para cujo effeito o Vigario Geral Fr. Bernardo Boil mandou ao P. Germano Leonet, o qual deu principio a eſta obra o dia 26 de Março de 1495, e depois de acabado foi deputado no cargo de Corrector pelo meſmo P. Vigario Geral, dando-lhe por ſubditos alguns dos Religiozos, que vieraõ de Franſa, e outros, que já haviaõ recebido em Caſtella. Naõ ſatisfeito D. Pedro de Lucena com ſer Fundador deſte Convento, quiz fundar na meſma Cidade outro para as Religiozas da meſma Ordem, que foi o primeiro Convento de Freiras, que teve a Religiaõ. No anno de 1502 a 11 de Junho entraraõ neſte Moſteiro as Religiozas, ſendo as primeiras duas filhas do meſmo Fundador D. Pedro de Lucena, as que tomaraõ o habito da maõ do Padre Leonet.

Seguiraõ-ſe depois outras fundaçoẽs, como a do Porto de Santa Maria na Andaluzia Baixa, ainda em vida do Santo, ſendo os Fundadores della os Excellentiſſimos Duques de Medina Celi D. Joaõ de Lacerda, e D. Mancia Manuela ſua eſpoza. Na Cidade de Ezija fundou outro D. Franciſco de Aguilar de Cordova, e D. Elvira de Ponceleaõ ſua mulher. Em

todos

todos eſtes Conventos, e nos mais, que referiremos no ſeu lugar, cada dia creſcia o numero dos ſeus Alumnos, pelo muito amor, que tinhaõ todos os povos ao noſſo Inſtituto. Neſte Convento de Ezija havia hum Religiozo Leigo chamado Fr. Martinho Marmolejo, o qual foi a Turs ſó pelo grande dezejo, que tinha, de ver ao noſſo Santo Padre, de cuja maõ recebeu, quando ſe deſpedio para voltar a Ezija, hum bordaõ acompanhado com eſtas palavras: *Levai eſte bordaõ, que vos ſervirá na jornada; e chegando ao Convento plantai-o na cerca delle.* Aſſim o executou Fr. Martinho, e logo ſe transformou o bordaõ em huma grande arvore de Amoreira, cujas folhas, e fructo, e bocados de pau, tem feito muitos prodigios ſarando varias enfermidades. Eſta arvore ainda ſe conſerva; e os noſſos Religiozos diſtribuem bocados de pau para fazer cruzes pequenas, que os devotos trazem comſigo com grande fé. Deſtas cruzes mandadas fazer neſta Corte de alguns bocados da meſma arvore, que nos mandaraõ os noſſos Religiozos daquelle Convento, diſtribuimos baſtantes entre os devotos nos primeiros annos, que viemos a eſta Cidade de Lisboa.

CAPITULO IX.

Dilata-ſe a noſſa Religiaõ em Alemanha.

MAXIMILIANO de Auſtria I. do nome, e V. entre os Imperadores Auſtriacos, Pai de Carlos V., e Avô de Filippe I. Rey de Heſpanha, no tempo, que Franciſco aſſiſtia em Franſa, governava o Imperio Romano. Era eſte Soberano de boa indole, e muito inclinado ás obras de piedade, oppoſto ás guerras, e todo cuidadozo em conſervar a paz em beneficio dos ſeus vaſſallos: ouvio dizer que pelas oraçoẽs de Franciſco ElRey Fernando de Napoles conſeguio huma completa victoria na praça de Otranto, deſalojando della aos Mouros: chegou tambem á ſua noti-

noticia que na Heſpanha, em virtude das oraçoẽs do meſmo Santo, ficou ElRey Catholico triunfante dos meſmos Barbaros expulſando os das mais celebres Cidades da Andaluzia. Informado finalmente dos grandes prodigios, que obrou na Franſa aſſim no Reinado de Luiz XI., como no do ſeu filho Carlos VIII., concebeu hum grande dezejo de ter no ſeu Imperio a Franciſco; e quando naõ podeſſe conſeguillo, contentava-ſe com ter alguns dos ſeus Religiozos dentro do ſeu Imperio; para cujo effeito eſcreveu a Franciſco offerecendo-lhe fundaçoẽs, e rendas para ſe ſuſtentar, propondo-lhe o mizeravel eſtado, em que ſe achava toda a Alemanha.

Naõ tardou o noſſo Santo em aceitar eſta offerta: porque ſendo a carta do Imperador eſcrita no anno de 1497, no meſmo anno mandou ſeus Religiozos ao Imperio. Foi com a Patente de Vigario Geral a eſta miſſaõ o P. Dionyzio Barbier de naçaõ Franceza, natural de Alenſaõ, acompanhado de outros Religiozos da meſma naçaõ, diſciplinados por Franciſco com o eſpirito de penitencia, e caridade. Partiraõ todos de Franſa; e chegando a Bohemia, onde os eſtava eſperando o Imperador, foraõ recebidos com demonſtraçoẽs de ſumma alegria correſpondente ao dezejo daquelle Soberano. Signalou-lhes logo tres cazas para ſeus Conventos, huma junto á Cidade de Salsburg dedicado á Santiſſima Trindade, e as outras duas junto a Bruk, ou Punkander na Stiria Alta no Circulo de Auſtria, huma dedicada á Senhora Santa Anna, e a outra ao Apoſtolo Santo André.

A providencia Divina, que nunca ſe deſcuida em preparar o antidoto antes que o inimigo infernal produza o veneno, inſpirou ao Imperador Maximiliano fazer a fundaçaõ daquellas tres cazas da noſſa Ordem, para que os noſſos Religiozos ſe oppozeſſem no tempo futuro com ſeu zelo, letras, e exemplo ás ruinas, que haviaõ occazionar naquelles povos a ſuberba, e obſtinaçaõ de Luthéro.

CA-

CAPITULO X.

Beneficios, que fez o noſſo Santo a Carlos VIII., e á ſua Coroa.

Os que eſtiverem verſados nas Hiſtorias poderáõ julgar quantos beneficios fez o noſſo Santo a todas as Coroas de Napoles, Franſa, e Caſtella procurando ſempre os meios da paz, e o ſocego dos povos, e juntamente a exaltaçaõ da Fé Catholica. Pelo que reſpeita ao Reino de Franſa deſde ſua chegada a elle ſempre teve huma grande vigilancia para accommodar diſſenſoẽs: porém permittio Deos que algumas tomaſſem maior corpo para que foſſe mais conhecida a virtude de Franciſco. Como Carlos VIII. ficou pela morte de ſeu Pai Luiz XI. ſujeito á Regencia, e debaixo da tutella de ſeu cunhado Pedro de Bourbon, cazado com a Sereniſſima Senhora D. Anna irmãa mais velha de ElRey Carlos, entrou o Duque de Orleans, tambem cunhado de ElRey, cazado com a Sereniſſima Infanta D. Joanna, a querer diſputar-lhe a Regencia ſuſtentado de hum grande partido, em que entravaõ todos os Principes de Sangue; e como naõ podia vencer ſua demanda com razoẽs, porque o teſtamento de ElRey Luiz XI. determinava o contrario, valeu-ſe das armas levantando hum exercito formidavel, com o qual marchou ſobre Pariz. Naõ tardou a outra parte em juntar tropas para defender ſua cauza: e naõ obſtante ter nomeado a Sereniſſima Infanta D. Anna General, que as commandaſſe, quiz ElRey Carlos ir peſſoalmente a eſta campanha, a que os Francezes daõ o titulo de Santo Albino, porque no campo deſte nome ſe deu a batalha entre os dous exercitos. Antes de partir foi ElRey Carlos buſcar a Franciſco naõ ſó para tomar-lhe a benſaõ, mas tambem para renovar-lhe a memoria de rogar a Deos pelo feliz ſucceſſo de ſuas armas. He tradiçaõ entre

os noſſos Religiozos que Franciſco diſſe a ElRey que foſſe deſcanſado ; que Deos naõ faltava a quem confiava na ſua Omnipotencia. Logo que partio para o exercito Carlos VIII. entrou o noſſo Santo no ſeu cubiculo, onde eſteve orando vinte e tres dias continuos ſem deixar-ſe ver de peſſoa alguma ; as lagrimas, os ſuſpiros, e as penitencias lhe ſerviraõ de alimento em todo aquelle tempo. Deu-ſe finalmente a batalha, ficando o exercito contrario deſtroſſado, o Duque de Orleans prizioneiro, e Carlos triunfante. Na meſma hora, que ſuccedia tudo iſto no campo, ſahio Franciſco do ſeu cubiculo, e diſſe aos ſeus Religiozos: *Demos graças a Deos, que foi ſervido prezervar de todo o perigo a peſſoa de ElRey alcanſando a victoria na batalha, que ſe deu; e naõ tardará muito, que chegará aqui ElRey coroado de louros.*

Tudo ſe confirmou com a chegada de hum correio, que ElRey mandou acabada a acçaõ, e com a vinda do meſmo Monarca, que logo foi procurar ao noſſo Santo confeſſando que ás ſuas oraçoẽs ſe devia attribuir aquella victoria, e achar-ſe prezervado de todo o perigo. Tambem trabalhou Franciſco naõ ſó applicando os meios humanos; mas procurando os Divinos no cazamento de ElRey Carlos com a Sereniſſima D. Anna de Bretanha, filha unica do Duque de Bretanha, com cuja allianſa ceſſaraõ as ſanguinolentas guerras, que havia entre as Provincias confinantes. Logo que ſe effeituou eſte matrimonio, foraõ ambas as Mageſtades vizitar a Franciſco para que os abenſoaſſe, fazendo-lhe prezent[illegible] que para completar a felicidade, que já experimentav[illegible]om a paz, e ſocego dos povos, ſó faltava ter ſ[illegible]ceſſaõ. O noſſo Santo naõ ſó lhes deu eſperanſa de conſeguilla ; mas tambem lhes diſſe: *Naõ duvidem voſſ[illegible] Mageſtades que teraõ filhos, ſe obſervarem os preceitos Divinos : porém de outra ſorte, tenhaõ por certo que Deos cortará naõ ſó as ramas, mas tambem os troncos.* Depois de paſſado hum anno tiveraõ os Reys Chriſtianiſſimos hum filho,

filho, do qual quiz ElRey que Franciſco o tiveſſe nos ſeus braços na pia baptiſmal, impondo-lhe o nome de Carlos Orlando. Porém foi taõ curta a vida do Delfim, que em breves dias foi ſer herdeiro da Coroa do Ceo.

CAPITULO XI.

Funda outros Conventos aſſim na Italia, como na Franſa: milagres que obra, e mercés que recebe de Deos.

ENTRE os noſſos Conventos, que naquella occaziaõ, pelo meio dos ſeus Religiozos, fundou Franciſco tanto na Italia, como na Franſa, convem, que ſe dê o primeiro lugar ao que ſe conſtruio em Roma com o titulo da *Trindade dos Montes*, porque foi a primeira caza, que teve a noſſa Religiaõ neſta Corte, Metropole da Igreja Catholica. Além deſta cauza ſe deve a eſte Convento huma diſtincta veneraçaõ de todos os noſſos Religiozos, aſſim pelos Capitulos geraes, que nelle ſe celebraraõ, como pelo copiozo numero de Varoẽs illuſtres, que produzio em todos os ſeculos deſde ſua fundaçaõ. Devemos tambem accreſcentar a excellencia do ſitio, em que foi fundado, pois he o melhor de toda a Corte Romana. Quando Carlos VIII. paſſou á Italia para conquiſtar o Reino de Napoles, entrando em Roma teve noticia que alguns dos noſſos Religiozos, que ſe achavaõ naquella Curia, viviaõ em humas pequenas cazas, que ſerviaõ de Procuradoria geral, em hum ſitio junto á Igreja de Santa Anaſtaſia, ſuſtentando-ſe pobremente com as quotidianas eſmolas de algumas peſſoas devotas, entre as quaes concorria com maõ mais larga o Cardial Joaõ de la Groyale Villiers, Biſpo de Lombes, e Abbade de S. Dionyzio em Franſa. Movido ElRey Carlos do grande affecto, que profeſſava a Franciſco, e a todos ſeus filhos, mandou que ſe procuraſſe hum ſitio, onde ſe podeſſe fundar hum

Convento: e dando-se-lhe a informaçaõ que no Monte Pincio havia proporcionado terreno para este effeito, naõ quiz partir de Roma sem que o mandasse comprar, dexando ordem para se dar logo principio a edificallo. Naõ obstante as copiozas esmolas, que S. Magestade Christianissima deixou, concorreu para esta fabrica a piedade dos Romanos, que naõ deixaraõ de dar grande adjutorio a esta obra. He verosimil que o P. Balthazar Spino fosse o Fundador deste Convento com alguns Religiozos, assim Francezes, como Italianos, pois que naquelle tempo exercitava o emprego de Procurador geral por ordem do nosso Santo Patriarca.

Fundou-se tambem o nosso Convento de Genova no anno de 1494: mandou de Franса para este effeito alguns Religiozos, os quaes foraõ hospedados em caza de Nicolau Centurioni, que os tratou com igual piedade á sua nobreza. Depois que escolheraõ o sitio para a fundaçaõ em hum terreno chamado Monte Santo (zz) pertencente á caza Lomelini, cujos senhores voluntariamente o offereceraõ, estiveraõ os nossos Religiozos hospedados em humas cazas mysticas a huma Ermida junto ao Palacio do Principe André Doria, que tomou aos nossos debaixo da sua protecçaõ socorrendo-os de tudo o precizo, de sorte que por muitos annos foraõ conhecidos pelos Religiozos do Principe Doria. Concorreu a piedade de todos os Cidadoẽs de Genova com tantas esmolas que hoje he este Convento dos mais celebres, que tem a Religiaõ, como trataremos no seu lugar.

Voltemos agora aos Conventos, que continuou a fundar na Franса ainda em sua vida. Depois de completos os Conventos de Plessis, e de Amboiza, devemos fazer menсaõ do Convento de Nizaõ junto a Pariz, vizinho a hum sitio, ou lugar chamado Chaillot, ao qual deu o titulo da Senhora das Graças. A fundaçaõ deste Convento foi verdadeiramente milagroza pela

(zz) Vocabulo corrupto de Monte Sano.

pela variedade de accidentes, que occorreraõ, que naõ ſe podem attribuir ſenaõ á virtude do noſſo Santo. Dezejava Franciſco ter hum Convento em Pariz, ou nas ſuas vizinhanſas, porque ſe tinha mudado a Corte áquella Cidade, e lhe era precizo cuidar da extenſaõ da ſua Ordem: mandou dous Religiozos para tratarem deſte requerimento; e a poucos paſſos acharaõ a difficuldade de fundar, por acharem hum creſcido numero de Conventos dentro daquella Cidade. Além diſto encontraraõ grande oppoziçaõ, naõ ſó nas outras Religioẽs, mas tambem nos Doutores da Univerſidade de Sorbona, aos quaes o Biſpo deu a commiſſaõ deſte negocio, eſpecialmente dous os mais conſpicuos eraõ os que ſe oppunhaõ com maior forſa. Chamava-ſe hum delles Joaõ Quintino, Penitenciario da Igreja de N. Senhora, *Notre Dame* dizem os Francezes; e o outro Joaõ Stadoc, Principal do Collegio de Monte Agudo dos eſtudantes pobres.

Deſanimados os noſſos Religiozos de conſeguir o que pertendiaõ voltaraõ a ſeu Convento para referir a Franciſco as contradicçoẽs, que acharaõ. Naõ tardou muitos dias que hindo os meſmos dous Doutores em deputaçaõ por parte da Univerſidade para falar a ElRey, que eſtava em Amboiza, ſobre certos negocios de importancia, depois deſtes evacuados quizeraõ os mencionados Doutores fazer caminho por Turs, unicamente para tocar de mais perto quanto ſe dizia do noſſo Santo. Havendo-lhe Deos revelado eſta reſoluçaõ dos DD., chamou Franciſco dous Religiozos, aos quaes diſſe: *Ide por caridade á Cidade, e na poizada da Rapoza junto á Torre Furgaõ acharéis dous DD. de Pariz: dai-lhes da minha parte as boas vindas; e já que vieraõ a eſta pela curiozidade de ver hum pobre Ermitaõ, como eu ſou, ſe dignem de querer-ſe hoſpedar neſte Convento, onde, ainda que naõ teraõ quanto appetecem por cauza da noſſa pobreza, ao menos acharaõ huma ſincera vontade.*

Sahiraõ os Religiozos do Convento a eſta dili-

gencia, e chegaraõ á pouzada ao meſmo tempo que ſe apeavaõ os DD., aos quaes deraõ o recado do noſſo Santo, que os deixou admirados. Aceitaraõ a offerta, e partiraõ para o Convento, onde acharaõ a Franciſco, que os recebeu com ſumma alegria: ſuas palavras eraõ taõ mellifluas, que lhes penetrou logo o o intimo dos ſeus coraçoẽs; continuaraõ huma larga converſa, na qual cahindo em alguns pontos Theologicos das queſtoẽs mais difficultozas, reſpondeu o noſſo Santo rezolvendo as duvidas, que todos os DD. da Univerſidade juntos naõ acertariaõ a dalla taõ boa, pois que ſua ſciencia naõ era humana, mas ſim toda Divina. Conceberaõ os DD. huma grande eſtimaçaõ proporcionada ao merecimento de Franciſco, determinando deſde aquella hora transformar a oppoziçaõ em amor, e de contrarios, que foraõ impedindo ſua fundaçaõ, ſe fizeraõ Procuradores della, e defenſores dos ſeus Religiozos, como moſtrou a experiencia: porque o Doutor Joaõ Quintino ſuſtentou pelo eſpaço de dezaſeis mezes em ſua caza os Religiozos, que foraõ mandados para fundar o Convento de Dijaõ, e ambos os DD. trabalharaõ muito no eſtabelecimento deſte Moſteiro, aggregando muitas peſſoas diſtinctas para ſua fabrica, entre as quaes devemos fazer mençaõ de Monſiur Thibaut Baillet, ſegundo Prezidente do Parlamento de Pariz, e de Monſiur Jacob Moihier, Senhor de Villiers: porém mais que a todos deve eſte Convento ſua origem, progreſſos, e perfeiçaõ á grande piedade da Sereniſſima D. Anna de Bretanha, que foi a principal Fundadora. Havendo eſta Princeza ſubido duas vezes ao throno de Franſa, a primeira vez como eſpoza de Carlos VIII., e a ſegunda pela allianſa, que tomou depois de viuva com Luiz XII., quiz ella meſma fazer a ceremonia de lanſar a primeira pedra nos alicerces deſte Convento, e teve a conſolaçaõ de ver terminado eſte edificio antes de ſua morte.

Depois deſte Convento ſe fundou o da Cidade

de

de Toloza no anno de 1490. Estando o nosso Santo em Amboize cuidando em aperfeiçoar aquelle Convento, foi procurado de Monsenhor Lourenso Laleman, Bispo, e Principe de Grenoble para rogar-lhe quizesse pedir a Deos pela saude de dous sobrinhos doentes, que já estavaõ desconfiados dos Medicos. Consolou o nosso Santo a este Principe, dando lhe boas esperanças, e dando-lhe hum merendeiro, que elle mesmo benzeu, e lhe disse: *Monsenhor, por caridade dareis este paõ a vossos sobrinhos; e tende confiança em Deos que recobraraõ a saude.* Executou o Bispo quanto o Santo lhe ordenou, e immediatamente se evidenciaraõ as melhoras nos dous sobrinhos deste Principe, pois estavaõ ambos agonizando, e assim que comeraõ do paõ se acharaõ totalmente saõs. Este mesmo paõ obrou outro milagre com huma parenta do mesmo Bispo, que estando esta senhora na quinta dormindo se lhe introduzio huma cobra pela boca dentro do corpo; e sabendo do cazo Monsenhor Laleman mandou-lhe hum bocado do paõ, que conservava como reliquia; immediatamente que a senhora o comeu, vomitou a cobra sem a minima offensa.

Por taõ grandes milagres, e pela estreita amizade, que contrahio este Bispo com Francisco, determinou fundar-lhe hum Convento na Cidade de Toloza, na qual tinha a Abbadia de S. Severino fóra dos muros. Junto a esta Abbadia fez construir huma Igreja com o titulo de JESUS MARIA, e S. Roque, cujo Convento hoje he a cabeça da Provincia de Aquitania. Muitos annos depois desta fundaçaõ chamaraõ os Tolozanos aos nossos, Religiozos de S. Roque, porque aquelle sitio havia huma Ermida deste Santo, da qual se fez a Igreja, que hoje temos com maior extensaõ. Desta Provincia Tolozana era filho o nosso P. Maignan, celebre nas suas novas Filozofias, que teve a gloria de lhe erigirem os Tolozanos huma estatua para perpetua memoria do seu immortal merecimento assim pelas suas letras, como pela sua piedade, e

tambem de deixar hum diſcipulo como o P. Saguens, que acreditando a doutrina do ſeu Meſtre, deu muito credito a toda a Religiaõ Minima, illuſtrando o Orbe literario.

A Sereniſſima Senhora D. Anna, Duqueza de Bourbom, Infanta de Franſa, e irmãa de ElRey Carlos VIII., fundou o Convento de Gyene nas ribeiras do rio Loire nos Burgos de Champ, com o titulo da Santiſſima Trindade, e Santa Elena Imperatriz, alcanſando a ſucceſſaõ de ſua caza em hum filho chamado Carlos de Bourbom, Conde de Clermont, que morreu ainda moço; mas teve outra filha, chamada Suzana de Bourbom, que cauzou com Carlos Duque Monpenſier, Condeſtavel de Franſa. Eſte Convento foi arruinado pelos Hugonotes, e depois o reedificou Pedro Fortet, Tenente General de Guyen, que havendo ſeguido antecedentemente o partido dos Hereges, abjurou ſeus erros, e reconheceu que, havendo ſido cauza da deſtruiçaõ daquelle Convento, devia reparallo á ſua cuſta.

No meſmo tempo que ſe fundou eſte, que acabamos de referir, a piedade do Duque de Nemurs, Joaõ de Armanhac, e de Violante Naiye ſua mulher fundaraõ outro em Caſtelleraud debaixo do titulo de Santa MARIA de JESUS. O Conde de Laval Franciſco de Goy, e ſua mulher Catharina de Alenſaõ filha do Duque de Alenſaõ, fundou outro em huma Ermida de N. Senhora de Caſtelliers, na Dieceze de Mans. Eſtes dous Conventos foraõ queimados pela barbara crueldade dos Hereges, como veremos no ſeu lugar. O Senhor de Brandicourt Marechal de Franſa, o meſmo Fidalgo, que foi Embaxador de ElRey Chriſtianiſſimo em Roma, quando o Santo partio a eſte Reino de Franſa, fundou outro em huma Ermida ſua com o titulo da Senhora de Brandicourt na Freguezia de Blaize, cuja Igreja no anno de 1493, que os noſſos Religiozos principiaraõ a habitallo, lhe deraõ o titulo de JESUS MARIA, e no anno de 1496 ſe fez hum eſcri

eſcritura publica que naquelle Convento naõ podeſſe haver menos de treze Religiozos. A eſte Convento foi o noſſo Santo, ſegundo a tradiçaõ, por cauza de huma grande oppoziçaõ, que faziaõ as outras Religioẽs Mendicantes da Dioceze de Langres, por conta das eſmolas; cuja differenſa accommodou com eſtabelecer rendas para ſuſtentaçaõ dos Religiozos; que até áquelle tempo naõ tinhaõ nada certo; mas depois ſe conheceu que para a obſervancia da noſſa vida quareſmal naõ podiaõ paſſar os Conventos ſem ter renda eſtabelecida para ſeu ſuſtento; o que ſe confirmou depois da morte do Santo por auctoridade Apoſtolica. Tambem o Senhor de Sandriocurt, Luiz de Edoville General das armas na Provincia de Picardia em hum Palacio ſeu, chamado Eſpanhy, fundou outro com o titulo da Annunciada, aonde mandou o noſſo Santo Patriarca ao Padre Germano Roza, e concorreu para o eſtabelecimento deſte Convento a piedade do Illuſtriſſimo Biſpo de Amiens Pedro Verſé.

CAPITULO XII.

Eſtéreis, que ſe fecundaraõ na Franſa com as oraçoẽs do Santo: milagres nos partos: e enfermos, que recuperaraõ a ſaude.

TODA a Franſa deve á protecçaõ de Franciſco ſingulares beneficios, naõ ſó as peſſoas de vulgar condiçaõ, mas tambem as de mais alta eſfera. Deve todo eſte Reino confeſſar-ſe obrigado a eſte gloriozo Santo, naõ ſó pelas muitas virtudes, que nelle ſemeou; mas tambem pela gloria dos Principes Reinantes, que illuſtraraõ o throno com os auxilios deſte Santo Protector; ſendo o primeiro, de quem faremos menſaõ, Franciſco primeiro do nome, que naſceu por interceſſaõ do noſſo Santo. A Senhora D. Luiza de Saboya, cazada com Carlos de Valois, Duque de Angoleme, havia muito tempo que ſuſpirava pela

ſucceſſaõ de ſua caza, padecendo huma ingrata eſterilidade: recommendou-ſe ás oraçoẽs de Franciſco para que lhe alcanſaſſe de Deos fructo do eſtado matrimonial, promettendo-lhe, ſendo varaõ, de lhe pôr o nome de Franciſco no baptiſmo. Conſolou o noſſo Santo a eſta Princeza dizendo-lhe: *Senhora, eu vos aſſeguro que tereis hum filho, que ha de ſer Rey de Franſa.* Naõ eraõ taõ elevados os penſamentos da Duqueza, por cujo motivo deu huma moderada reſpoſta, dizendo que ſe contentava ter hum filho para dar ſucceſſaõ á ſua caza, e que ſuas eſperanſas naõ aſpiravaõ a taõ alto, porque eſtava muito longe do throno, havendo tantos Principes de ſangue mais proximos para ſobir a elle. Naõ ſocegou Franciſco em replicar-lhe, dizendo-lhe eſtas palavras: *Senhora, ſe tiverdes confianſa em Deos, podeis eſtar ſegura que tereis hum filho, o qual naõ ſó ſerá Principe juſto, Duque de Angoleme, mas tambem Rey de Franſa, que reinará muitos annos: e pelo que reſpeita ao nome, que lhe quereis pôr no baptiſmo, naõ o façais a meu reſpeito, que ſou huma mizeravel, e vil creatura; mas ſim por devoçaõ do Patriarca de Aſſís, de quem eu tambem tomei o nome.* Verificou-ſe o vaticinio em menos de hum mez, que a Duqueza ſe ſentio com queixas, dando depois á luz hum filho, o qual ſendo Duque de Angoleme tomou allianſa com a Sereniſſima D. Claudia filha de Luiz XII., e por morte deſte Rey ſem ſucceſſaõ ſobio o Duque de Angoleme Franciſco, como mais immediato á Coroa. Foi eſte Monarca Protector das letras, defenſor da Religiaõ Catholica, prudente, e valerozo; trabalhou muito na Canonizaçaõ do noſſo Santo, como veremos no ſeu lugar.

A' Sereniſſima Senhora D. Anna de Franſa, primeira filha de ElRey Luiz XI., como diſſemos em outro lugar, lhe fez o primeiro vaticinio que teria ſucceſſaõ; e ſuccedeu hum lanſe muito graciozo, por cujo motivo referiremos por extenſo o cazo. Eſta Senhora

nhora cazada com o Duque de Bourbom, e Senhor de Beaujeu, vivia muito deſconſolada pela falta de ſucceſſaõ; encontrando-ſe com o noſſo Santo lhe offereceu a fundaçaõ de hum Convento nos ſeus Eſtados, com a condiçaõ porém que lhe havia de alcanſar de Deos a fecundaſſe. Prometteu Franciſco á Duqueza o complemento dos ſeus dezejos: e naõ havendo paſſado muitos dias, mandou dous Religiozos a hum Caſtello, onde eſta Princeza aſſiſtia, para lhe dizerem da ſua parte que já era tempo de ſatisfazer o que ſua Alteza havia promettido: a Duqueza, que ainda naõ ſe reconhecia com eſperanſas, reſpondeu aos Religiozos: *Dizei ao bom Padre que he muito cuidadozo em requerer o que tenho promettido: porém eu ainda naõ tenho indicios da proméſſa, que me fez.* Ficaraõ os Religiozos hoſpedados aquella noute no Caſtello para partir pela manhãa; porém apenas acordou S. Alteza mandou procurar aos Religiozos com grande alegria, e lhes diſſe: *Hide pois ao noſſo bom homem, e dizei-lhe que Deos me fez a mercê, que me havia promettido; e que eu eſtou prompta a cumprir minha palavra.* Com effeito deſempenhou-ſe eſta Princeza, mandando fundar o Convento de Gyene junto ao rio Loire, como já diſſemos, e diremos no tractado Appendix.

Outras muitas Senhoras de alta eſfera experimentaraõ a fecundidade pelas oraçoẽs de Franciſco, que por naõ dilatar-nos neſta hiſtoria, omittimos, e para dar lugar á referir alguns cazos ſuccedidos com outras peſſoas. Havia quinze annos que vivia infecunda Beatriz Micaela de Sciomont, no lugar de Baſinis, Dioceze de Langres; rogou eſta a ſeu irmaõ o P. Mattheus Miguel Religiozo da noſſa Ordem a recommendaſſe ao Santo para alcanſar os ſeus dezejos. Falou o P. Mattheus a Franciſco, e eſte logo lhe reſpondeu: *Dizei a voſſa irmãa, e a ſeu marido que deixem de ter tanto affecto deſordenado ás coizas do mundo; que as riquezas naõ lhe ſervem de nada;*

que

que procurem a Deos pelo meio de huma boa confiſſaõ, e conſeguiráõ quanto dezejaõ. Obedeceraõ aos conſelhos de Franciſco, e alcanſaraõ a promeſſa com brevidade.

Outro Religiozo pedio ao noſſo Santo por huma mulher natural de Amboize, que ſe achava na meſma eſterilidade; e Franciſco lhe reſpondeu: *Dizei a eſſa mulher que obſerve os preceitos Divinos com mais cuidado, e terá quanto dezeja.* Reformou ſeus coſtumes com eſte avizo, e em breves tempos deu a luz hum filho. A outra, que pedia a meſma mercê de Deos, lhe mandou que todas as ſextas feiras do anno rezaſſe huma eſtaçaõ com os braços em cruz em louvor das ſinco chagas do Redemptor, ſe queria fecundar-ſe, havendo já paſſado dez annos de eſterilidade: executou a ordem do Santo, e dentro de poucos mezes ſe reconheceu o vaticinio.

A Mattheus Conté, Cidadaõ de Turs, que ſe lamentava da eſterilidade de ſua mulher, lhe reſpondeu que confiaſſe em Deos; que naõ queria eſte Senhor outra coiza ſenaõ fazer bem aos homens. Reveſtio-ſe eſte ſujeito de fé viva, e ficou conſolado com multiplicados filhos, que Deos lhe concedeu. Huma mulher nobre, e muito rica, depois ter concebido huma grande alegria por achar-ſe com eſperanſas de ſucceſſaõ, converteu em copiozas lagrimas ſua alegria no tempo do parto por haver dado á luz huma creatura morta. Mandou chamar ſeu Confeſſor, que era o Padre Gaſpar de JESUS, Religiozo da Ordem Serafica, para que foſſe buſcar a Franciſco, e ſe dignaſſe contar-lhe o ſucceſſo procurando o remedio. Deu o Padre Gaſpar parte ao Santo do cazo, que ſuccedia á ſua confeſſada, rogando-lhe pediſſe a Deos nas ſuas oraçoẽs conceder lhe outro filho para mitigar a pena, que affligia aquella infeliz Mãi. Franciſco, que tinha revelaçaõ da vida deſta mulher, reſpondeu ao Padre Gaſpar: *A infelicidade, que teve eſta creatura em morrer antes de naſcida, foi effeito das culpas de quem*

quem a gerou, porque eſta cuidou mais em formozear ſeu roſto, que em purificar ſua alma; devia derramar as lagrimas, que chorou, para lavar ſua conſciencia, ſahindo do intimo do ſeu coraçaõ para alcanſar a Divina graça. Aſſim falou Franciſco ao P. Confeſſor, aſſim o intimou eſte á ſua confeſſada, e aſſim tambem o executou eſta, experimentando depois muitos beneficios.

Além dos milagres, que obrou com as infecundas, naõ foraõ poucos os que ſe contaõ obrara neſte Reino com as que ſe acharaõ em perigo nos partos: a eſtas ſoccorria mandando-lhes vélas bentas por elle, ou paõ; outras vezes lhes mandava o cordaõ, ou hum bordaõ, que baſtava que elle o tocaſſe; outras vezes mandava frutas do tempo, ou ſeccas, hervas, e outras coizas mais. Deſte modo reſplandecia a virtude Divina, que obrava em Franciſco, procurando eſte ſempre que ſe deſſem as graças a Deos, cauza unica de todo o bem, a quem ſe deve dar toda a gloria. Joanna mulher de Bomhomo, que exercitou muitos annos a occupaçaõ de parteira na Cidade de Turs, atteſtou com juramento juridico, que todos os partos perigozos, a que aſſiſtio, logo que accendia a véla benta pelo noſſo Santo, que ella alcanſou para eſte meſmo fim, todos experimentavaõ inſtantanea felicidade.

Para naõ canſar ao leitor, e para ſatisfazer aos devotos referiremos hum cazo individual dos muitos, que eſcreveraõ os noſſos Hiſtoriadores. A mulher de Martinho Dolin era taõ infeliz nos ſeus partos, que nunca deu crianſa á luz, que naõ vieſſe em bocados: naõ podendo uzar do auxilio das parteiras, ſe via precizada a ſujeitar-ſe ás operaçoẽs dos Cirurgioẽs para eſcapar á morte, em cujo perigo ſe vio todas as vezes, que pariõ; até que finalmente recommendando-ſe ao Santo lhe pedio huma véla benta por ſua maõ, que com ella experimentou nos ſeguintes partos toda a felicidade. A mulher de Guilherme Bourbom eſtando

do pejada de seis mezes lhe sobreveio hum fluxo de sangue; accendou humas vélas, que o Santo lhe havia dado, e rezando sinco P. N., e sinco A. M. pario hum menino com feliz succesſo, e ficou livre (*aaa*). Foraõ quazi infinitos os milagres desta qualidade, que o Santo obrou; bastava que lhe mandassem hum recado, recommendando-se ás suas oraçoẽs para experimentar felicidade nos partos, porque a mesma fé obrava prodigios, e obrará sempre que as creaturas confiarem em Deos, no patrocinio do Santo, e naõ commetterem culpas, pelas quaes mereçaõ ver-se em similhantes perigos, e padecer tantos infortunios.

Do mesmo modo, e com a mesma facilidade curava todos os enfermos, que recorriaõ á sua piedade. De todos estes prodigios por ordem da Séde Apostolica se fez hum processo no Reino de Franса, quando se tratava da sua Canonizaçaõ, e foi precizo omittir muitas testimunhas, porque se dilataria annos esta diligencia. A mulher de Joaõ Mesnage homem de negocio na Cidade de Turs sendo accommettida de huma dor de colica, que em dous dias naõ a deixava socegar com ancias de morte, mandou hum sobrinho seu a Francisco para supplicar-lhe que lhe valesse naquelle trabalho. O Santo lhe mandou huma véla benta com duas coroas da Senhora, dizendo ao mensageiro: *Levai isto á enferma; que accenda a véla, e no entanto que ella arder que reze a Coroa da Senhora, que lhe remetto; e quando ella naõ possa rezar pela vehemencia da dor, que outra pessoa reze por ella.* Recebeu a mulher com grande fé a dadiva do Santo, mandou accender a véla, e principiou a rezar a Coroa; mas como naõ podesse continuar, porque a forsa da dor a levava aos ultimos parocismos, continuou sua Mãi por ella; e apenas se concluio a reza da Coroa, deitou a enferma huma pédra do tamanho de huma amendoa, e ficou totalmente livre da dor, e de toda

(*aaa*) Victon. pag. 169.

da a moleſtia. Eſta meſma mulher, achando-ſe ameaçada de huma paralyzia, mandou ao Santo lhe fizeſſe celebrar huma Miſſa por ſua tenſaõ á honra, e gloria da Santiſſima Trindade; aſſiſtindo o Santo com ſeus Religiozos naõ foi precizo mais para ſe achar inteiramente boa. Prezumo que eſte recurſo ſeria conſelho do meſmo Santo, dado a eſta mulher, porque coſtumava dar muitas receitas deſtas.

A mulher de Thomaz Vaillant, por nome Joanna, eſtando em perigo de morte com huma grande febre maligna, apenas interiormente invocou o patrocinio de Franciſco ficou limpa da febre. A Emerico Bernardo homem de negocio de Turs, padecendo ſimilhante queixa á antecedente com inſtantaneo perigo de vida, mandou o noſſo Santo hum mólho de hervas ſilveſtres pelo P. Rolando Sciamilhaõ, Corrector naquelle tempo do Convento de Pleſſis; e logo que as comeu ficou com perfeita ſaude. Outro homem de negocio da meſma Cidade, por nome Joaõ, padecia huma grande inflammaçaõ de garganta, e cuidando que eraõ eſcrofulas ſe prezentou a ElRey para que as tocaſſe com ſua maõ (*bbb*): e como naõ experimentaſſe melhora alguma foi procurar ao noſſo Santo, que lhe ordenou jejuaſſe por hum anno inteiro todas as ſextas feiras em memoria da Paixaõ, e Morte do Redemptor. Foi Joaõ obediente em executar a receita; e á terceira Sexta feira ſe achou livre da inflammaçaõ, e tumor que padecia.

CA-

(*bbb*) He virtude, que Deos deu aos Reys de Franſa, urar eſta doenſa.

CAPITULO XIII.

Rezolve-ſe Franciſco voltar á Calabria: Luiz XII. lho impede: quanto obrou o Cardial de Amboize.

NA flor dos ſeus annos acabou ElRey Carlos VIII. de viver, e de reinar na terra: a eſte Principe ainda que lhe faltaraõ os annos, naõ lhe faltaraõ os triunfos. A Carlos ſuccedeu na Coroa Luiz XII., antecedentemente Duque de Orleans, cazado, como já diſſemos, com a Sereniſſima Senhora D. Joanna filha de Luiz XI., e irmãa do defunto Rey Carlos. Com eſta mudanſa, que experimentava o Reino, julgando ſe Franciſco deſneceſſario naquella Corte, pois que já era morto Luiz XI, que o mandou chamar, e tambem Carlos VIII., a cujo reſpeito ſe conſervou na Corte pela recommendaçaõ, que lhe fez do ſeu filho ElRey Luiz XI. Perſuadio-ſe que o novo Rey naõ lhe negaria a licenſa para voltar á ſua patria, que tanto dezejava. A eſte effeito mandou ao P. Binet a Blois, onde naquelle tempo aſſiſtia ElRey para, em ſeu nome, pedir licenſa de retirar-ſe do Reino para Italia, allegando que exercitando o cargo de Geral da ſua Religiaõ lhe era precizo vizitar aquellas primeiras fundaçoẽs feitas por elle, e as outras novas, que ſe augmentaraõ para o regulamento dellas. O Rey Luiz XII., que naõ conhecia bem as virtudes de Franciſco, porque nunca o tratou, naõ teve duvida alguma em conceder-lhe a licenſa que pedia. Apenas ſe divulgou eſta noticia pela Corte, logo ſe ouvio hum geral ſuſurro naõ approvando a facilidade, com que ElRey concedeu licenſa a hum homem de tanta ſantidade como Franciſco, havendo cuſtado tanto empenho aos Reys anteceſſores em mandallo vir de Italia, e conſervallo em Franſa. Todos temiaõ infelicidades no Reinado com a auzencia do Santo. Os Grandes eraõ

os

s mais empenhados em que Franciſco ficaſſe, e fi-eraõ prezentes á Mageſtade todas as razoẽs já expreſ-adas, accreſcentando que ElRey Luiz XI. com a vin-la do Santo aprendeu a morrer bem ; ElRey Carlos eu filho delle conſeguio os acertos do ſeu governo. As victorias, que ElRey Luiz XI. alcanſou, foraõ ef-eito das ſuas oraçoẽs: as palmas, e louros, que Car-os cortou, foraõ colhidos á forſa de ſuas lagrimas; e odas as felicidades, que teve o Reino deſde que Fran-ciſco entrou nelle, ſe deviaõ ás ſuas virtudes.

Neſta reprezentaçaõ diſtinguio-ſe entre todos os Grandes o Cardial Jorge de Amboize, Arcebiſpo de Roaõ, legado *a latere* naquelle Reino, e Conſelhei-ro de Eſtado. Era eſte Principe muito amigo do noſ-ſo Santo, porque o havia tratado particularmente, e conhecendo ſuas virtudes o venerava com profundo reſpeito: logo que teve a noticia que ElRei havia concedido licenſa a Franciſco para ſe retirar á Cala-bria, foi ao Paço; e fazendo na prezenſa da Mageſta-de huma relaçaõ dos prodigios, que havia obrado eſ-e Santo Ermitaõ, applicou todas as forſas para que ElRey revogaſſe a ordem. Naõ tardou eſte muito tem-po em conceber quanto importava ao Reino que Fran-ciſco naõ ſahiſſe delle; e por eſte motivo expedio hum Decreto ſuſpendendo a licenſa, que lhe havia conce-dido. Naõ falta quem affirme que em virtude da reſ-poſta, que teve de ElRey o P. Binet, Franciſco logo partio de Turs para Leaõ, donde voltou por hum avi-so, que pela Secretaria ſe lhe mandou por hum cor-reio: o certo he que ElRey lhe fez entender que ſe s ſeus anteceſſores fizeraõ eſtimaçaõ de ſua peſſoa, le deſde aquella hora tomava debaixo da ſua protec-aõ a ſua Ordem de Minimos naõ ſó como Rey, mas mbem como Pai para a dilatar, e defender.

Ajudou a capacitar á Mageſtade ſobre a virtu-e do noſſo Santo o que ſuccedeu depois que ſe an-ullou o matrimonio de ElRey. Já deixamos dito que ſte Soberano, ſendo Duque de Orleans, eſtava caza-

do

do com a Sereniſſima Infanta D. Joanna irmãa de ElRey Carlos: desfez-ſe eſte cazamento depois que ſobio ao throno pela falta de ſucceſſaõ, provada a eſterilidade por parte deſta Senhora. Eſta ſentenſa lha foi intimar o Cardial Filippe de Luxembourg: porém antes deſta diligencia era precizo diſpor o animo da Rainha, porque era eſte hum golpe muito ſenſivel. Toda a Corte procurou a Franciſco para eſte effeito; que naõ negando-ſe, logo foi falar com a Rainha ſobre eſta materia, com tanto fructo, que immediatamente ſe rezolveu paſſar o reſto de ſua vida no ſerviço de Deos eſquecendo-ſe de tudo o terreno. Retirou-ſe ao Ducado de Berri, aonde ſe conduzio com huma vida Angelica. Abraçou, e obſervou a Regra terceira da noſſa Ordem, ainda que naõ eſtava confirmada pela Séde Apoſtolica. Depois inſtituio a Ordem das Religiozas da Annunciada, que foi approvada, e confirmada pelos Summos PP. Alexandre VI. Julio II., e Leaõ X., fundou hum Convento deſtas Religiozas dedicado a S. Lourenſo, onde viveu; e morreu de idade de 40 annos em 1504, dando moſtras de grandes virtudes. Hoje he canonizada, e toda a Religiaõ Minima reza deſta Santa, por Decreto de Benedicto XIV. de 7 de Maio de 1745, como noſſa terceira, no dia 4 de Fevereiro, conhecida na Igreja por Santa Joanna Valezia, ou de Valois.

Soube ElRey quanto Franciſco ſe intereſſou na rezignaçaõ da Rainha, adoçando com ſuas palavras a aſpereza do golpe; e acabou de conhecer as qualidades de ſua virtude. Para dar moſtras da ſua amizade com o Santo, foi ElRey buſcallo a Turs, e fazer-lhe huma vizita. Entrando pelo Convento de Pleſſis, vindo Franciſco recebello, o ſuſteve nos ſeus braços ſem permitir-lhe que ajoelhaſſe; e depois ſe retiraraõ ambos a ſeu cubiculo ſem admittir teſtimunha alguma; deſcobrio ElRey ſua conſciencia, pedindo-lhe conſelho para regular ſua vida. O Santo com ſanta liberdade lhe reſpondeu a tudo em poucas palavras: *Sire,*

já

já naõ ſois Duque de Orleans, porque ſois Rey de Franſa: do voſſo exemplo depende a ſalvaçaõ de tantos vaſſallos, que ſe haõ de regular pelas voſſas obras. Reconhecei o lugar, em que Deos vos collocou para o deſempenhares com juſtiça. Cooperando a Divina graça com eſtas vozes, ficou ElRey banhado em lagrimas rogando a Franciſco naõ o deſemparaſſe, ajudando-o com ſeus conſelhos, e oraçoẽs.

Como ElRey Luiz XI. diſſeſſe ao noſſo Santo que mandaſſe vir da Calabria algum parente ſeu para dar-lhe algum poſto honrozo, já que naõ podia fazello com a ſua peſſoa; para comprazer a vontade de ElRey mandou Franciſco vir hum ſeu ſobrinho, chamado André Aleſſio, filho da ſua parenta Brizida cazada com Antonio Aleſſio. Quando chegou André a Franſa eſtava nos ultimos de ſua vida ElRey Luiz XI., e no Reinado de Carlos naõ houve lugar de aprezentallo a ElRey. O Cardial de Amboize, como tratava grande amizade com o Santo, tomou a ſeu cargo conduzillo á prezenſa de ElRey Luiz XII., que logo o fez ſeu pagem, depois o promoveu a varios empregos publicos de muita honra, e lhe ajuſtou o cazamento com Jacobita Molandrini natural de Blois, da nobre familia de Songimó, de cuja allianſa deſcende huma das illuſtres familias daquelle Reino.

CAPITULO XIV.

Profecia, que fez na Franſa: novos milagres, que obra.

NAõ he noſſo animo referir neſte lugar todas as profecias, que fez Franciſco neſte Reino, porque eraõ na ſua boca taõ ordinarias, que ſe póde dizer foraõ continuadas: eſcreveremos ſó as mais notaveis. Achava-ſe prizioneiro de guerra em Franſa o Duque de Monte Leaõ, Heytor Pignatelli Napolitano: havendo-ſe-lhe ſignalado a Cidade de Turs para

ſua prizaõ, lhe ſobreveio huma enfermidade, que ſe cobrio todo de lepra: como hia muitas vezes vizitar ao Santo, com quem tinha largas converſas, com confian'a de patricio, hum dia lhe recommendou que pediſſe a Deos pela ſua liberdade, porque, além de acharſe deſterrado de ſua caza, padecia aquella doenſa taõ penoza. Conſolou Franciſco ao Duque, dizendo-lhe com ar de rizo: *Senhor Duque, tende animo; que brevemente eſtareis livre da lepra, e da prizaõ; voltareis á patria com os applauzos de todos os Cidadoẽs, que daraõ gloria á voſſa conſtancia; e com as honras de ElRey, que fará juſtiça á voſſa fidelidade. Depois ſereis Vice-Rey de Sicilia, e governareis 18 annos aquelle Reino: peço-vos que quando occupardes eſte emprego vos lembreis de mim nas peſſoas dos meus filhos, tomando-os debaixo da voſſa protecçaõ.* Naõ ſe paſſaraõ muitos dias que o Duque alcanſou ſua liberdade, e tudo o mais, que o Santo havia vaticinado: e occupando o lugar de Vice-Rey no Reino de Sicilia, lembrando-ſe de quanto Franciſco lhe profetizou com o que eſtava experimentando, fundou hum magnifico Convento na Cidade de Palermo, e outros em outras partes do meſmo Reino, moſtrando a todos os noſſos Religiozos hum grande affecto.

O Cardial Juliaõ da la Rouvere ſobrinho de Xiſto IV., ſobindo ao throno Pontificio o Cardial Rodrigo Borja, que tomou o nome de Alexandre VI., recolheu-ſe ao Reino de Franſa, onde havia ſido legado, para evitar algum encontro com o Pontifice, que naõ lhe era muito affecto: procurou a protecçaõ de ElRey Chriſtianiſſimo Luiz XII. Hindo vizitar ao noſſo Santo, naõ obſtante que em Roma ouvio de ſua boca a profecia, que lhe havia feito ſobre o Pontificado, reinando ſeu tio Xiſto IV. perguntou-lhe que fim teriaõ ſeus negocios, porque lhe davaõ algum cuidado: *Depois de Alexandre VI.* reſpondeu Franciſco *vós naõ ſereis Papa, porque entrará a reinar outro que vivirá pouco tempo; pela morte deſte ſubireis*

vó

vós ao throno, ſerá dilatado, e trabalhozo o voſſo governo. Aſſim ſe verificou: porque pelo fallecimento de Alexandre VI. foi eleito Pio III., que naõ chegou a reinar hum mez: e no ſeguinte conclave elegeraõ ao Cardial de la Rovere, que tomou o nome de Julio II.

Monſenhor Laleman, de quem já falamos antecedentemente, Biſpo de Grenoble, havendo ſido chamado a Roma por cauza de huma demanda, que o inquietava fortemente, indo deſpedir-ſe do Santo, eſte lhe diſſe: *Monſenhor, ide com deſembaraço a Roma, e com grande confianſa em Deos; que ainda que os voſſos inimigos tem trabalhado muito para vos mortificar, tereis a conſolaçaõ que tudo ſe ha de pôr a voſſo favor.* Partio o Biſpo para Roma, venceu a demanda, e voltou victoriozo á ſua Igreja. Prégou hum dia o noſſo Santo no meſmo pulpito, em que havia prégado S. Martinho Biſpo daquella Cidade de Turs; e no diſcurſo do ſeu ſermaõ deſcreveu claramente a deſconſolaçaõ, que havia de occazionar naquella Cidade o furor dos Hugonotes. Foi teſtimunha diſto, entre outros, o P. Euſtaquio de Apruil, que ouvio o ſermaõ, e depois vio verificada a profecia, por cujo motivo, quando ſuccedeu o inſulto dos Hereges, andava dizendo a gritos a todos os Religiozos deſta Ordem: *Ai, meus PP. que já chegou o tempo, que vaticinou o noſſo Santo P., que eſtes ſectarios haviaõ de arruinar todos os templos.*

A hum Religiozo da ſua Ordem, que todos o reputavaõ por ſabio, e judiciozo, profetizou que havia de ſer Apoſtata; o que ſuccedeu eſtando eſte meſmo occupando o lugar de Corrector no Convento de Pleſſis, deſapparecendo hum dia do Convento ſem que a Communidade podeſſe alcanſar mais noticia delle. De outro eſcrevem os noſſos AA., que eſtava muito eſtimado de toda a Corte no reinado de Luiz XII., e impellido de ſuggeſtaõ diabolica, improvizamente apoſtatou. Indo o Cardial de Amboize vizitar ao noſſo San-

to, e tocando-ſe eſte ponto, reſpondeu o Santo: *Eu ſinto ſummamente ſua perdiçaõ; mas eſpero em Deos que o tornará a chamar com ſatisfaçaõ de ElRey, e de toda a Corte; podeis ſegurar iſto meſmo a ElRey, e á Rainha, que tem ſentido muito eſte deſacerto: e voſſa Eminencia verá que deſte peccado rezultará maior gloria a Deos, ſervindo eſte exemplo de emenda para outros.*

Bernardino Mingroné, natural da Dioceze de Roſſano na Calabria, achando-ſe em Franſa diſpoz voltar para a patria; o que Franciſco naõ lhe approvava: mas finalmente indo deſpedir-ſe do Santo, eſte lhe deu hum cordaõ dizendo-lhe que o tiveſſe ſempre cingido no ſeu corpo, porque na hora que naõ o tiveſſe morreria ás maõs dos ſeus inimigos. Conſervou-ſe mais de vinte annos Bernardino ſem lhe eſquecer nunca cingir o cordaõ, e ſem experimentar perigo algum; mas como era inclinado á caça, levantou-ſe hum dia com muita preſſa para ir a eſte divertimento; eſqueceu-lhe o cordaõ; ainda naõ tinha andado meio quarto de legua quando o achou menos; e voltando para caza a buſcallo encontrou com ſeus inimigos, que havia tempos lhe eſtavaõ fazendo eſpera, e o feriraõ mortalmente. Antes de acabar a vida declarou o que lhe havia profetizado Franciſco.

Além deſtas profecias obrou infinitos milagres com prendas, que deu a varias peſſoas. Hum Fidalgo natural de Bretanha, ſe achava na ſua caza de campo quando huma noute ſe levantou huma furioza tempeſtade, que promettia grande ruina; os raios, e coriſcos cahiaõ como chuva perto da ſua peſſoa; lembrando-ſe que tinha huma véla benta pelo noſſo Santo, que elle meſmo lha tinha dado, com muita devoçaõ a tomou nas ſuas maõs, e a accendeu. Prevaleceu tanto eſta defeza, que immediatamente ceſſou a tempeſtade, pondo-ſe o ar claro, e ſereno. Outra ſimilhante véla deu Franciſco a hum Piloto Francez, chamado Joaõ Biſcainho: navegando eſte pelos mares

do Eſta-

do Eſtado do Papa, devendo o navio entrar no porto de Oſtia, ſe vio ſubmergido com a forſa de huma tempeſtade. Accendeu a véla do Santo com grande fé, e com ella tocou o mar. Naõ foi precizo mais para livrar-ſe do ſuſto, e continuar na ſua derrota com felicidade.

Naõ devemos paſſar em ſilencio alguns milagres dos muitos, que obrou de outra eſpecie. Havendo ſeu ſobrinho André Aleſſio cazado, como já referimos, entre outros filhos, que deu á luz ſua mulher, naſceu hum alejado de modo extraordinario, naõ tendo membro algum com figura proporcionada; porque as pernas eraõ mui delgadas, os dedos pequenos, os joelhos fóra do ſeu lugar, os pés tortos, e as maõs fechadas de alejaõ; e o mais he que tendo, ſete annos eſtava ainda ſem fala, e ſem eſperanſas de a ter. Penetrados de hum grande ſentimento os Pais recorreraõ a Franciſco para o remedio, promettendo-ſe toda a felicidade na cura, já pelos vinculos do parenteſco, e já porque ao menino lhe pozeraõ o nome de Franciſco a reſpeito do meſmo tio. Porém o noſſo Santo aſſim que vio, e ouvio a ſeus parentes, lhes deu huma aſpera reprehenſaõ, dizendo-lhes que aquelle menino naſceu aſſim por algumas culpas dos Pais; que procuraſſem purificar ſuas conſciencias, ſe queriaõ alcanſar a graça, que pertendiaõ. Voltaraõ para caza com baſtante ſentimento; porém compungidos das palavras do Santo, tomaraõ a rezoluçaõ de reformar ſeus coſtumes, e depois conduzir outra vez o menino á prezenſa de Franciſco. Apenas entraraõ pela porta de ſua caza, depois de ambos terem feito eſte propozito, lhes ſahio ao encontro o menino, o qual naõ ſó andava com deſembaraço, mas falava muito claro, e com acerto. A eſte menino veſtio depois Franciſco o habito de ſua Religiaõ, onde viveu, e morreu ſantamente, imitando as acçoẽs do ſeu ſanto tio.

Guilherme Cucumelle havendo ſido admittido á Religiaõ, eſtando já no Noviciado do Convento de

Turs, diſpunha-ſe para fazer huma confiſſaõ geral, ſegundo o louvavel coſtume dos noſſos Noviciados. Invejozo o demonio de acçaõ taõ penitente, e ſanta, procurou eſtorvallo, fazendo apparecer o Noviço eſpiritado. Deu eſte primeiramente em ſuſpirar, e chorar em quanto eſtava com a Communidade no refeitorio ceando; acabada a meza, quando caminhava para a Igreja para dar graças junto com os mais Noviços, fogio da ſua companhia, e foi ao Noviciado a deitar-ſe na cama, onde o achou o Meſtre, que correu atrás delle. Tinha o ſemblante horrorozo, os olhos esbogalhados, a boca torta, e exhalava do ſeu corpo hum copiozo ſuor ſulfureo, com hum fétido peſtilencial. Acodiraõ todos os Religiozos para o ver; conhecendo que eſtava poſſeſſo, ſe applicaraõ a fazer-lhe os exorciſmos. Porém tudo foi fruſtrado trabalho, gaſtando neſta diligencia mais de tres horas. Deraõ parte do cazo a Franciſco, que eſtava no ſeu cubiculo fechado tratando, ſegundo ſeu coſtume, com Deos; Chegou o Santo á porta do Noviciado; e como ouviſſe que hum Religiozo lhe eſtava lendo a paixaõ do Redemptor, naõ quiz entrar por naõ interrompello; porém no entanto andava paſſeando fóra, e algumas vezes lhe ouviraõ pronunciar: *O' inimigo maligno! que naõ ſaibas fazer outra coiza ſenaõ impedir aos que querem fazer penitencia dos ſeus peccados!*

Finalmente entrou no Noviciado, e perguntou ao demonio qual era a cauza, porque atormentava aquelle Noviço, que já eſtava conſagrado ao ſerviço de Deos? Reſpondeu o demonio em tres idiomas, a ſaber, Hebraico, Grego, e Latino: e nos meſmas lhe replicou Franciſco, durando eſte conflicto huma hora inteira, já ameaçando o demonio a Franciſco, e já impondo lhe eſte preceito, até que levantando o Santo os olhos ao Ceo, prorompeu neſtas palavras: *Amoroziſſimo meu JESUS, tende piedade deſte mizeravel moço*: immediatamente fogio o demonio, deixando ao Noviço como morto. Levantou Franciſco ao

Novi-

Noviço do chaõ, e tomando por motivo o ſucceſſo fez a todos huma douta, e devota pratica para os confirmar na ſua vocaçaõ.

Outro Noviço chamado Eſtevaõ Gioly ſe achava atormentado do demonio, ſentindo continuamente na ſua cella horrorozos eſtrondos, e vendo eſpantozas vizoẽs: era eſte trabalho taõ inſupportavel, que o Noviço tomou a rezoluçaõ de largar o habito, e voltar para ſua caza, porque chegou a entender que todos os dias de ſua vida eſtaria mortificado com eſta cruz dentro do clauſtro, e que ſuas forſas naõ poderiaõ reziſtir. Levantou Franciſco ſeu bordaõ, e deu moſtras de dar com elle ſobre os eſpiritos malignos, que andavaõ no cubiculo; e iſto baſtou para que nunca mais ſe ouviſſem nem eſtrondos, nem ſe viſſem figuras fantaſticas, que o incommodaſſem. Eſte meſmo Noviço depois de profeſſo adoeceu com hum fluxo de ſangue pela boca, que o levou ás portas da morte, e o Santo o curou.

Huma mulher natural da Provincia de Picardia, que eſtava poſſeſſa do demonio, achando-ſe na Italia foi de propozito a Roma para ficar livre do eſpirito, que a atormentava. Foi rogado para exorcizalla o P. Pedro Gebert Francês, que eſtava neſſe tempo na Curia. A primeira diligencia, que eſte Religiozo applicou, foi botar-lhe ao peſcoço hum cordaõ do Santo, que havia trazido comſigo de Franſa, e poz preceito ao demonio que pelos merecimentos de Franciſco, e para manifeſtar ſe era verdadeiro ſervo de Deos que ſahiſſe fóra daquelle corpo. Immediatamente exclamou o demonio dizendo: *Muito tenho trabalhado para perſeguir a Franciſco, mas tudo me ſahio fruſtrado; e elle naõ ſatisfeito de atormentar-me em Franſa, ainda vem a Roma para eſte effeito. Eu ſahirei fóra deſte corpo; porém proteſto que todo o mal, que naõ pude fazer a Franciſco, o farei aos ſeus Religiozos.* Com eſtas palavras ſe deſpedio o demonio, ficando aquella mulher livre deſta queixa.

Partio de Pariz para Turs hum mancebo nobre com animo de pedir a Franciſco o quizeſſe admittir na ſua Religiaõ; na jornada ſe lhe metteu huma agulha de cozer por huma maõ: apoſtemou-ſe eſta ferida, inchando-lhe a maõ. Manifeſtou a Franciſco ſua queixa, e eſte lhe reſpondeu que procuraſſe os Cirurgioẽs para ouvir ſeu parecer, e ſeguir ſeu dictame. Conſultou o mancebo ſua enfermidade com os profeſſores da Cirurgia; e dando-lhe o voto que lhe deviaõ cortar a maõ, ſe naõ queria perder a vida, porque eſtava com principios de huma gangrena, voltou o mancebo ao Santo penetrado de ſentimento, que lhe cauzou a ſentenſa, porque perdia as eſperanſas, que tinha de poder entrar a ſervir á Religiaõ. Mandou-lhe o Santo deſcobrir a chaga, ſobre a qual lhe applicou hum bocado de eſponja com tres folhas de hervas, que apanhou no ſeu jardim; ligou-lhe a maõ com huma atadura, e o exhortou que tiveſſe paciencia, e fé. No dia ſeguinte determinado pelos Cirurgioẽs para fazer a operaçaõ de ſerrar-lhe a maõ, ſe achou o mancebo livre da chaga, e veſtio logo o ſanto habito, com o qual viveu até á morte.

Morava em Altilla, lugar do Biſpado de Coſſencia, hum Sacerdote chamado Angelo Serra, com quem o noſſo Santo havia contrahido, e conſervado eſtreita amizade. Era muito eſtudiozo, e dado á penitencia; com eſtes exercicios veio a perder totalmente a viſta. Naõ obſtante eſtar Franciſco em Franſa quando cegou eſte Clerigo, teve revelaçaõ do que lhe ſuccedia; e ſem ſer rogado lhe mandou huns óculos, dos quaes ſe havia ſervido algum tempo, dizendo-lhe que naõ duvidaſſe em ſervir-ſe delles, que ainda que eſtava cego, applicando-os á viſta, leria com elles muito bem. Recebeu o P. Angelo o mimo, que o Santo lhe mandou; e teve alguma duvida em uzar dos oculos, parecendo-lhe impoſſivel que hum homem totalmente cego podeſſe ter adjutorio, ou ſoccorro na viſta com o uzo dos oculos. Mas como ſe lembrava das virtudes

do

do ſeu amigo, executou o que o Santo lhe mandou dizer, e logo ſe achou com a viſta recuperada, como ſe nunca a tiveſſe perdido.

CAPITULO XV.

Novos Conventos, que funda em Franſa no reinado de Luiz XII.: novos Conventos, que ſe fundaraõ na Italia pelos ſeus Religiozos.

LUIZ XII. emulando a generozidade dos Reys ſeus anteceſſores, conſagrava a Franciſco todos os felices effeitos da ſua Real magnificencia. A' imitaçaõ da Mageſtade ſe propagava nas Cidades a devoçaõ, e affecto dos povos para com o noſſo Santo. Todos ſe promettiaõ proſperidades alcanſando nas ſuas terras huma colonia dos filhos deſte Patriarca; por cujo motivo naõ poupavaõ trabalho, nem deſpeza alguma para conſeguir deſte modo os auſpicios deſte novo Fundador. O Biſpo de Granoble Monſenhor la Leman, de quem já falámos, naõ eſtando ſatisfeito com haver fundado o Convento de S. Roque de Toloza, como já diſſemos, quando voltou de Roma triunfante dos ſeus inimigos, havendo vencido a demanda, que o inquietava, porque offendia ſua honra; para moſtrar-ſe agradecido a Franciſco, que lhe vaticinou o feliz exito da ſua cauza, quiz edificar outro Convento nos campos de Granoble junto a hum Caſtello debaixo do titulo de JESUS MARIA, e de S. Brás.

Empenhou o demonio o reſto de ſuas forſas para embaraçar eſta fundaçaõ; porém todas ſuas malevolas diligencias ſahiraõ fruſtradas, porque o Ceo protegia a cauza do Santo, e de ſeus filhos. Hum barco carregado de pedra, que devia ſervir para a obra, vindo pelo rio, ſubmergio-ſe. Huma noute pegou fogo na torre dos ſinos, que já eſtava acabada, e ſe redu-

reduzio toda em cinzas. Os ſobrinhos do Biſpo vendo eſtes, e outros deſaſtres, que todos os dias ſuccediaõ, fizeraõ juizo que aquella obra naõ ſeria do agrado de Deos, e quizeraõ embaraçalla; porém a conſtancia do bom Prelado moſtrou-ſe neſtes infortunios ſuperior a todos elles, fazendo conduzir pedra com mais abundancia, reedificando a torre com melhores materiaes, e reſpondendo aos ſobrinhos que a maior contrariedade, que experimentava aquella obra pia, procedia da ſua cobiça delles; que deviaõ reprimilla, ſe queriaõ que tudo foſſe agradavel a Deos, e que redundaſſe em utilidade delles meſmos. Acabada a Igreja, o meſmo Biſpo a ſagrou, e depois a adornou magnificamente.

Os PP. Joaõ da Caridade, e Gofredo Luſtin fizeraõ a fundaçaõ do Convento de Abbaville na Dioceze de Amiens, principiando-a no anno de 1499, a findaraõ no fim de 1500. O titulo deſta Igreja he a Senhora da Aſſumpſaõ; ſeus Fundadores foraõ, como veremos no ſeu lugar, André Hambures, e ſua mulher Joanna de Aluin. Neſta Igreja ElRey Luiz XIII. no anno de 1638, em 15 de Agoſto cumprio ſeu voto, que fez á meſma Senhora, e a S. Franciſco de Paula pela prenhês de ſua mulher a Sereniſſima Rainha D. Anna de Auſtria, em cujo feliz parto naſceu o Delfim, a quem pozeraõ o nome Luiz, que lhe ſuccedeu na Coroa.

Em Montgoger junto a Santo Eſpinno Turenez, ſe fundou outro Convento, de cuja fundaçaõ ſe fizeraõ as eſcrituras em 13 de Fevereiro de 1502 com Franciſco Barretaõ, e ſua mulher Antonieta de S. Mauro Fundadores. Dedicaraõ eſta Igreja ao Apoſtolo Sant-Iago o Maior. Hum mez antes do tranſito do Santo ſe fundou o Convento de Bommiers no Ducado de Berri por Jacob de la Tremolhe, Senhor de Meleaõ, de Bommiers, e de Genſay. A Igreja deſte Convento dedicou o meſmo Santo Patriarca á Annunciaçaõ de MARIA Santiſſima. Depois de muitos

tos annos eſte meſmo Convento foi reedificado, ampliado, e ornado por Henrique II. de Bourbon Principe de Condè, e ſua Mãi Carlota de la Tremolhe, eſtando eſta Princeza viuva.

No meſmo tempo que ſe fundavaõ todos eſtes Conventos na Franſa pelos ſeus Religiozos, ſe edificavaõ outros na Italia. No anno de 1503 ſe aceitou o Convento de Meſſina debaixo do titulo de JESUS MARIA, e Santo Sepulcro do Salvador. O Santo deu a commiſſaõ para fundar ao P. Pedro de Meſſina, que a principiou, e acabou com felicidade; hoje he Collegio de eſtudos. Por eſte meſmo tempo ſe nos deu novamente o Convento de Caſtellamar em Napoles por D. Gonſalo Fernandes de Cordova, Vice-Rey de Napoles, que fez muitos beneficios a todos os noſſos Conventos, e aos Religiozos. Para retribuir eſte amor prometteu-lhe o noſſo Santo que antes que D. Gonſalo morreſſe teria a conſolaçaõ de o ver. Parecia que eſta profecia naõ ſe havia de verificar depois da morte do Santo; mas ſempre teve effeito, porque depois de D. Gonſalo recolher-ſe a Heſpanha na ſua ultima enfermidade, duas horas antes de morrer, no anno de 1515, outo annos depois do tranſito de Franciſco, diſſeraõ a D. Gonſalo ſeus domeſticos, que hum Religiozo Minimo de idade avan'ada, de eſtatura alta, e veneravel, lhe queria falar. Conheceu logo D. Gonſalo ſeria o Santo, que lhe vinha fazer huma vizita, ſegundo o que lhe prometteu: como de facto naõ ſe enganou, porque entrou o Santo, falou com D. Fernando muito tempo; e depois que deſappareceu, em breves minutos morreu D. Fernando cheio de alegria, e conſolaçaõ.

CA-

CAPITULO XVI.

Novas Regras, que fórma para a ſua Religiaõ: titulo de Minimos dado pelo Summo Pontifice.

PARA darmos huma completa noticia de todas as Regras, que o noſſo Santo Patriarca fez para ſeus Religiozos, ſe faz precizo repetir aqui muitas coizas, que já referimos no diſcurſo deſta hiſtoria: porque eſtando proximo á ſua morte deu a ſeus Alumnos a quarta Regra, como ultimo teſtamento do ſeu amor, e como atteſtaçaõ da ſua vigilancia. Retrocedendo pois ao principio: no tempo, que eſteve no dezerto, entrou na idéa de aceitar companheiros, como já referimos; governou a eſtes ſem Regra eſcrita, ſomente com alguns preceitos dados em voz, e com ſeu exemplo. Depois que alcanſou a licenſa do Biſpo de Coſſencia, e ſobre eſta a approvaçaõ do Pontifice pelo que reſpeita á Religiaõ, ſem approvar a Regra, diſſemos que obſervaraõ os noſſos Religiozos os tres votos eſſenciaes, e communs a todas as Ordens. Naquelle tempo eſcreveu Franciſco alguns Eſtatutos, os quaes lhos permittio o Papa Xiſto IV., mas naõ lhos approvou pela duvida da vida quareſmal, que nelles ſe continha.

Innocencio VIII., que ſuccedeu a Xiſto, com Bulla eſpecial confirmou quanto ſeu anteceſſor havia concedido, ſem fazer mençaõ da Regra. Continuou Franciſco com ſeus Alumnos vivendo debaixo daquelles Eſtatutos já eſcritos, tolerados pela Séde Apoſtolica, mas naõ approvados. Finalmente ſuccedeu na cadeira Pontificia Alexandre VI. no dia 11 de Agoſto de 1492; e no primeiro anno do ſeu Pontificado por intervenſaõ de ElRey Chriſtianiſſimo Carlos VIII. approvou a primeira Regra pela ſua Bulla eſpecial, que principia *Meritis Religioſæ vitæ.* Na qual mudou o ti-

o titulo de Ermitoẽs, pelo que eraõ conhecidos os noſſos Religiozos, em o de Minimos, que actualmente ſe conſerva. Continha eſta Regra treze capitulos, nos quaes dava as normas, e direcçoẽs, que recebia do Ceo, e conſultava com os PP. Bernardino de Cropulato, Balthazar Spino, e Franciſco Binet: para evitar alguns enganos, ou illuzoẽs, ſe queria ſujeitar ao dictame de homens doutos, e prudentes, como eraõ os mencionados PP.

Conheceu depois com o beneficio do tempo, e da experiencia, que alguns pontos neceſſitavaõ de emenda; e com eſte motivo formou ſegunda Regra, que tambem approvou o meſmo Pontifice Alexandre, com a Regra, que havia annos eſtava eſcrita para todas as peſſoas de hum, e outro ſexo, que dezejavaõ viver debaixo da obediencia do Santo em quanto á direcçaõ, e como membros da nova Religiaõ, que elle fundava; a qual vulgarmente chamamos Ordem dos Terceiros: ainda que devemos advertir que naquelles principios, que o Santo a eſcreveu, muitas peſſoas abraçaraõ, e obſervaraõ eſta Regra, como já diſſemos, aſſim na Calabria, como na Franſa, ſendo Santa Joanna Valezia huma das que exactamente a guardou; mas naõ era approvada pela Séde Apoſtolica até eſte tempo.

Paſſados alguns annos, eſcreveu outra para os meſmos Religiozos, retocando algumas coizas das antecedentes, que tambem approvou o meſmo Papa Alexandre. Todas eraõ conformes ao eſpirito da Igreja, e dirigidas para alcanſar a perfeiçaõ Catholica. Parecerá a alguns criticos que eſtas variaçoẽs, que o Santo uzou eſcrevendo tantas Regras para ſeus Religiozos, podia proceder de alguma inconſtancia: por cujo motivo ſe me faz precizo reſponder, que tudo foi effeito da ſua prudencia; porque como o ſeu animo era dar huma Regra ſuave, que tiveſſe duraçaõ na obſervancia, lhe foi precizo reflectir ſobre a variedade dos tempos, a qualidade dos lugares, onde ſe hia extendendo

dendo a Religiaõ, e os humores das peſſoas, que haviaõ de obſervalla; circumſtancias dignas de toda a attenſaõ para o eſtabelecimento de huma vida taõ auſtéra como a que elle meſmo ſeguio, e determinou, ainda que mais moderada para os ſeus Religiozos.

Morto Alexandre VI., ſeu ſucceſſor Pio III. naõ chegou a reinar hum mez; por cuja cauza ſe tornou a ajuntar o Collegio Apoſtolico, e foi eleito o Cardial de la Rovere, (ſegundo as profecias do noſſo Santo,) que tomou o nome de Julio II. Deſte alcanſou Franciſco a approvaçaõ da quarta, e ultima Regra, que eſcreveu para os Religiozos, poucos tempos antes do ſeu tranſito, valendo-ſe da protecçaõ de ElRey Chriſtianiſſimo Luiz XII. para a prompta expediçaõ. A eſte effeito mandou a Roma aos PP. Franciſco Binet, e Luiz Luſtran, os quaes foraõ remettidos pelo Papa ao Cardial Bernardino Caravajal, natural de Heſpanha, e primeiro Protector da noſſa Religiaõ, e a Monſenhor Ottaviano Protonotario, e Referendario Apoſtolico, para que eſtes examinaſſem a mencionada quarta Regra, e informaſſem a Sua Santidade. Finalmente praticadas todas as diligencias, uzando do ſeu ſupremo poder eſte Pontifice, annullando as tres Regras antecedentes approvadas por Alexandre VI., mandou expedir a Bulla, que principia *Inter ceteros*. Com a data de 28 de Julho de 1505, approvando eſta quarta Regra eſcrita em dez capitulos, e o Correctorio, que he huma Lei penal, que o Santo fez, determinando os caſtigos, que ſe devem dar aos delinquentes, ſegundo a qualidade dos delictos, para evitar todo o exceſſo de paixaõ, que podeſſe haver nos Prelados em caſtigar os ſubditos; que ſaõ as meſmas Leis, que hoje ſe obſervaõ em toda a Religiaõ Minima. Junto com eſta foi tambem confirmada, e approvada a Regra, que o Santo fez para as Religiozas da Ordem, tambem eſcrita em dez capitulos, e debaixo dos meſmos quatro votos. Ultimamente na meſma Bulla confirmou a Regra da Terceira Ordem eſcrita em ſete capitulos.

Con-

Confirmou tambem o titulo de Minimos aos noſſos Religiozos, que lhes havia já dado Alexandre VI. a requerimento de Franciſco, que por inſpiraçaõ Divina, e pela ſua humildade pedio. Naõ falta quem diga que eſte titulo de Minimo intentou o Patriarca S. Franciſco de Aſſís dallo á ſua Religiaõ Serafica: e conſultando eſta materia com Deos, vio em eſpirito hum menino veſtido com o noſſo habito, que eſtava ao lado de JESUS Chriſto, e eſte ſignalando ao menino dizia: *Huic ſervatur hoc nomen.* Aſſim que o Santo alcanſou eſta Bulla de confirmaçaõ, onde eſtabelecia a vida quareſmal por voto, ainda que moderada pelo meſmo Papa diſpenſando no cazo de enfermidade, ſeguindo o conſelho dos Medicos, convocou todos os Religiozos, que moravaõ no Convento de Pleſſis em a Cidade de Turs, e lhes communicou quanto havia negociado para finalizar o regulamento da ſua Religiaõ, exhortando os á ſua obſervancia.

Como no interior de alguns Religiozos naõ ſe levaſſe a bem a vida quareſmal por voto, mas ſim por preceito, ou conſelho, como até aquelle tempo ſe obſervou; penetrando o noſſo Santo o coraçaõ dos taes, e com eſpecialidade o do P. Joaõ Genovez, natural de Paula, diſſimulou quanto eſtava lendo, e conhecendo nos ſeus eſpiritos: e havendo na caza, onde eſtavaõ congregados, hum brazeiro de lume para moderar o frio, por ſer no tempo de inverno, ſuccedeu que com o demaziado calor pegou fogo no ſolho, que era de taboado. Acodiraõ todos a apagar o incendio antes que tomaſſe maior corpo; mas Franciſco tomou nas ſuas maõs o brazeiro, e deſta ſorte entrou a exhortallos com tanto ardor, que ficando apagado o fogo, que havia pegado no taboado, ficaraõ os coraçoẽs dos Religiozos abrazados em amor da obſervancia da vida quareſmal. O Padre Genovez foi o primeiro, que ſe poz de joelhos diante do Santo, proteſtando mais com as lagrimas, que com palavras, eſtar prompto á ſua obſervancia; cujo exemplo ſeguiraõ os

mais,

mais, que se achavaõ prezentes á vista de prodigio taõ singular.

CAPITULO XVII.

Ultima enfermidade do Santo: e predicçaõ, que fez de sua morte.

He digno de reparo, e naõ cauza pequena admiraçaõ, que o nosso Santo havendo vivido noventa e hum annos, com o mesmo teor de vida penitente, e mortificada, nunca tivesse interrupçaõ alguma na saude, sem mostrar debilidade nas suas forsas. A idade decrépita, em que já estava, naõ lhe impedia a continuaçaõ do rigor, com que tratou seu corpo desde a mocidade: porém finalmente chegando o tempo, em que a Magestade Divina havia determinado levallo a seu Reino em premio de suas virtudes, lhe sobreveio huma febre lenta taõ obstinada, que foi debilitando-lhe as forsas de modo, que parecia hum esqueleto, e naõ creatura vivente senaõ pelo grande espirito, que conservava, sem que se lhe reconhecesse diminuiçaõ. Havendo entrado no anno de 1507, naõ obstante esta penoza enfermidade, que o tinha prostrado, quiz observar com o costumado rigor toda a quaresma a paõ, e agua, sem dispensar-se das mais asperezas, e penitencias, que uzou toda a sua vida.

Quanto mais se adiantava sua doensa, tanto mais sentia seu espirito hum aborrecimento da terra, e hum vivo dezejo do Ceo. Entre os trabalhos da sua enfermidade costumava Deos inundallo com anticipados mimos da sua gloria, os quaes occazionavaõ na sua alma hum dobrado affecto, procurando unir-se mais com Deos pelo meio das frequentes confissoés, e communhoés, que diariamente recebia, querendo deste modo fortalecer seu espirito, e tello sempre vigilante no amor de Jesus Christo, que era todo o seu disvello. Chegando o dia de Domingo de Ramos, que na-

naquelle anno foi a 28 de Março, mandou chamar a todos os Religiozos, que eſtavaõ no Convento, e lhes deu a noticia de ſua morte, que ſe avizinhava, manifeſtando-lhes claramente o dia, e a hora do ſeu tranſito. Grande foi a triſteza, que ſorprehendeu a todos, que ouvirão eſta nova; porém muito maior foi a alegria, com que o noſſo Santo a proferio com as ſeguintes palavras: *Meus amados em JESUS Chriſto, convém que ſaibais que ſe vai chegando a hora da minha morte, porque ſerá eſta na Sexta feira de Paixaõ á hora de Noa. Conſolai-vos com eſta noticia do meſmo modo que eu me conſolo. Já naõ eſpero a vida temporal, porque eſtou proximo á eterna.* Seguioſe a eſtas clauzulas hum profundo ſilencio, no qual ficou o eſpirito do Santo todo abſorto em Deos; e por parte dos Religiozos hum extraordinario ſentimento, que naõ cabendo nos ſeus peitos prorompeu em copiozas lagrimas, que naõ admittiaõ conforto na conſideraçaõ da perda, que lhes havia de rezultar da falta do Santo.

Amanhecendo o dia de Quinta feira Santa, que naquelle anno era o primeiro de Abril, foi o noſſo Santo á caza do Capitulo; onde ajuntando todos os Religiozos do Convento de Pleſſis, lhes quiz deixar as ultimas memorias do ſeu amor com a ſeguinte pratica: *Meus amantiſſimos filhos, o myſterio, que neſte dia nos propoem a Igreja, me obriga a falar-vos: porém muito mais neceſſito eu de diſcorrer ſobre o proximo tranſito, que me eſtá prevenindo o Ceo. Em ſimilhante ſolemnidade, deſtinada para a mutua reconciliaçaõ entre nós, vos tenho falado outras vezes do amor, e paz fraternal, que deveis conſervar nos voſſos coraçoẽs. Por ultimo codicillo do meu conſtante affecto, vos hei de falar da perſeveranſa do amor, que deveis ter a Deos, e da perſeveranſa da paz, que deveis conſervar entre vós. Eſtas duas perſeveranſas comprehendem toda a ſumma da perfeiçaõ Religioza. Vós, que deixaſtes o ſeculo para alcan-*

ſar o Ceo, deveis ter ſempre prezentes o fim das voſſas idéas, e o principio das voſſas intenſoẽs. Hum Deos, que hoje ſe humilha pelo amor do homem, bem o comprova. Quanto he digno de ſer amado quem tanto nos amou, outro tanto devemos nôs amar a quem elle tambem amou com extremo. Eſtas reflexoẽs, que ſeraõ as ultimas, que ouvis da minha boca, devem ficar impreſſas indelevelmente nos voſſos coraçoẽs. Será para mim huma incomparavel complacencia ſe eſtas ultimas palavras forem taõ efficazes nos voſſos eſpiritos, que naõ neceſſitem de outras para o eſpiritual adiantamento, e para alcanſar a ultima perfeiçaõ das virtudes.

Acabou de proferir eſtas clauzulas, ás quaes ſubſtituio com as obras. Dedicou-ſe a confirmar com a pratica quanto tinha articulado a lingua. Debil, e desfallecido como eſtava quiz lavar os pés a doze Religiozos: eſte coſtume, que havia obſervado todos os annos antecedentes, naõ quiz omittillo no ultimo de ſua vida, e do ſeu governo. Lavou de joelhos os pés aos Religiozos mais com ſuas lagrimas, que com agua, pedindo perdaõ a todos os ſeus filhos das ſuas faltas; e de todos os eſcandalos, que lhes teria dado, ſe offerecia prompto a dar huma inteira ſatisfaçaõ a qualquer, que ſe déſſe por offendido. Se no ſeu zelo tiveſſe commettido algum exceſſo, ſe a ſua piedade houveſſe declinado a algum extremo deſordenado, alli confeſſava publicamente a ſua culpa. Rogou com grande inſtancia aos que ſe achaſſem offendidos lhe quizeſſem dar hum amorozo amplexo de paz, e que lhe impetraſſem de Deos a graça do perdaõ das offenſas, que contra o meſmo Senhor, e contra elles houveſſe commettido. Finalmente rogou, e exhortou a todos que naõ tiveſſem mais que hum eſpirito em Deos, aſſim como tinhaõ huma ſó fé em JESUS Chriſto. Foraõ ouvidas eſtas palavras com grandes demonſtraçoẽs de amor ſincero, e de ternura de coraçaõ. Acabado eſte acto, foi o noſſo Santo á Igreja, onde aſſiſtio aos Divinos officios;

cios; que celebrou o P. Corrector do Convento, de cujas maõs recebeu o Sagrado Viatico ao pé do Altar, onde ſe celebrava, proſtrando-ſe, ſegundo o ſeu coſtume, em ſignal do abatimento, que concebia ſeu coraçaõ. Foi depois da rezervaçaõ do Santiſſimo Sacramento no Sepulcro, onde eſteve orando quazi todo o reſto do dia; e ficaria toda a noute, ſe o Prelado do Convento naõ lhe mandaſſe com pena de obediencia que ſe retiraſſe á ſua cella. Recolheu-ſe por fim: e deitando-ſe ſobre ſua cama, que era huma tarima coberta de ſarmentos, lhe deraõ a Extrema-Unçaõ; cujo Sacramento recebeu com profunda devoçaõ, e copiozas lagrimas.

CAPITULO XVII.

Seu gloriozo tranſito.

Passou Franciſco o reſto da Quinta feira maior em continuos, e amorozos colloquios com ſeu, e noſſo amantiſſimo Jesus, dezejando chegaſſe a hora de deſatar a alma das prizoẽs do corpo para unir-ſe com vinculos mais apertados, e indiſſoluveis eternamente com Deos. Logo que amanheceu o dia de Sexta feira maior, mandou convocar os Religiozos, deſpedindo-ſe delles com outra pratica, em que lhes fez novas recommendaçoẽs á cerca da obſervancia do Inſtituto, obediencia ao Summo Pontifice, e da caridade, que deviaõ ſempre ter gravada nos ſeus coraçoẽs a reſpeito de Deos, em correſpondencia do amor, que o meſmo Senhor nos moſtrou, naõ duvidando ſacrificar ſeu Unigenito para noſſo bem: a reſpeito da caridade fraternal, com que todos ſe deviaõ unir com Deos, e a que deviaõ uzar com o proximo, procurando todo o ſeu bem eſpiritual, e temporal. Foraõ eſtes documentos articulados pelo noſſo Santo com muitas lagrimas de ternura; e ſeus filhos os ouviraõ com implacavel choro, penetrados do incomparavel ſen-

timento da falta do ſeu Pai, Meſtre, e Legiſlador. Perguntou-lhes ſe ſe contentavaõ que elle lhes nomeaſſe Prelado, que os governaſſe depois de ſua morte até fazer Capitulo geral, que ſe devia celebrar em Roma, onde ſe elegeria o ſujeito, que Deos melhor lhes inſpiraſſe. E como reſpondeſſem todos que eſtavaõ ſatisfeitos com a ſua determinaçaõ, nomeou para o cargo de Vigario Geral ao P. Bernardino de Otranto, ou de Cropulato, ſeu Confeſſor, que ſe achava prezente. Apenas eſte ouvio proferir ſeu nome, banhado em lagrimas ſe poz de joelhos confeſſando-ſe incapaz para cargo taõ alto, e pedindo-lhe o relevaſſe delle. Porém Franciſco o obrigou a aceitar dando-lhe por collegas, ou companheiros no officio ao P. Corrector do Convento de Pleſſis o P. Jacob Leſprevier, e ao P. Mattheus Michael, ambos da naçaõ Franceza, ſujeitos cheios de zelo, letras, e prudencia. Finalmente deu a todos a ultima benſaõ paternal como amoroso Prelado, e ſe poz em acto de eſperar ſua hora de paſſar deſte mundo ao Reino do Ceo.

Já diſſemos que a ſua cama era huma tarima; que tinha ſobre ella huns ſarmentos em lugar de colchaõ. Mandou ſobre elles pozeſſem huma Cruz grande, que eſtava no dormitorio para morrer ſobre ella, imitando no modo poſſivel ao Redemptor; já que naõ podia alcanſar ſer crucificado na realidade, ao menos finalizaſſe ſua vida extendendo ſeu corpo ſobre o inſtrumento da morte de JESUS Chriſto. Deſta ſorte abraçado com huma Imagem de hum Crucifixo, a quem dava repetidos oſculos de ternura, invocando os auxilios de MARIA Santiſſima, em cujo Patrocinio ſempre firmou ſuas eſperanſas, recorrendo aos Santos da ſua devoçaõ, entre os quaes implorava os ſoccorros para aquella hora do Arcanjo S. Miguel para defeza do inimigo commum; pedio aos Religiozos, que lhe rezaſſem os pſalmos Penitenciaes, Ladainhas dos Santos, e officio de agonia; o que executaraõ com grande devoçaõ, derramando rios de lagrimas. No meſmo tempo

po repetia o Santo huma oraçaõ, da qual toda a ſua vida uzou, e todos os noſſos Religiozos conſervaraõ memoria della, que he do teor ſeguinte: *O' Domine JESU Chriſte, Paſtor bone, juſtos conſerva, peccatores juſtifica, & omnibus Fidelibus defunctis miſerere, & propitius eſto mihi miſero peccatori. Amen.*

Mandou finalmente ao P. Mattheus Michael, que eſtava mais perto do Santo, que lhe leſſe a Paxaõ do Redemptor ſegundo o texto de S. Joaõ, que era a que ſe cantou na Igreja aquella manhãa; a qual eſteve o noſſo Santo ouvindo, e repetindo com moſtras da grande caridade, que ardia no ſeu peito, exhalando amorozos ſuſpiros, até que chegando a ler-ſe as palavras do texto: *Milites ergo cum crucifixiſſent eum*, abrio o noſſo Santo os olhos, e com elles fictos no Ceo, ao articular as palavras ultimas, que proferio o Senhor na Cruz, *Conſummatum eſt*, inclinando a cabeça expirou ſendo tres horas da tarde, ſegundo affirmaõ os noſſos AA. (*ccc*), em o dia dous de Abril Sexta feira maior do anno de 1507, reinando em Franſa Luiz XII., no Imperio Maximiliano de Auſtria, e occupando a Cadeira Pontificia Julio II. Aſſim foi o tranſito de Franciſco deſte mundo á eternidade. Nem podia deixar de ter eſta morte quem viveu taõ ſantamente: *Pretioſa in conſpectu Domini mors Sanctorum ejus.* Pſalm. 115.

(*ccc*) O P. Franciſco Lanovio citado pelo P. Toſcano pag. 642. Perrimez. pag. 254. Maggiolo pag. 142.

LIVRO V.

Da Vida de S. Franciſco de Paula, em que ſe trata da ſua ſepultura, e mais prodigios póſthumos do meſmo glorioſo Santo, e da ſua canonizaçaõ.

CAPITULO I.

Em que ſe refere ſua ſepultura, e os milagres, que nella ſe experimentaraõ.

NAÕ foi poſſivel dar á ſepultura o corpo do Santo com a brevidade, com que ſe coſtumaõ enterrar os mais cadaveres; porque a devoçaõ do povo, o amor dos ſeus Religiozos, e ſobre tudo o innumeravel concurſo das peſſoas dos lugares vizinhos, que corriaõ á venerallo, ſabida ſua morte, pediaõ tello mais tempo ſobre a terra. Naõ ceſſou a Omnipotencia Divina de moſtrar aos olhos do mundo quanto amava ao ſeu ſervo Franciſco, continuando ſuas maravilhas no ſeu ſanto corpo. No diſcurſo de onze dias, que eſteve *inſepulto*, ſe conſervou taõ flexivel, e tratavel, como ſe eſtiveſſe ainda vivo, exhalando hum cheiro aromatico, que indicava a gloria, com que já eſtava premiada ſua grande alma. ElRey Chriſtianiſſimo, que naquella occaziaõ ſe achava em Bloé, mandou huma companhia de Archeiros para cuſtodia do corpo no entanto que ſenaõ ſepultava; depois mandou ordem que ſe ſepultaſſe, receando que os Principes da Europa ſe empenhaſſem com os Religiozos para alcanſallo depois

pois de morto, posto que naõ poderaõ conseguillo estando vivo.

Foi depozitado em hum caxaõ de madeira ao lado direito da Capella mór: porém como este sitio era bastante humido por cauza da vizinhança do rio Caro, que corre banhando os muros do Convento de Plessis, se tomou a rezoluçaõ de repollo em huma sepultura de pedra para que reziştisse a alguma inundaçaõ do mesmo rio. Achou-se a pedra já lavrada em fórma de sepultura, com a medida certa ao corpo, em hum lugar chamado Balan, distante de Turs huma legoa pequena. A Princeza D. Luiza de Saboia, Duqueza de Angoleme, mandou pedir em seu nome esta sepultura de pedra a hum Commendador da Religiaõ de Malta, que era seu dono, para depozitar nella o corpo do Santo. O Commendador naõ só por lizongear a Duqueza, mas tambem em obzequio do Santo, de quem era muito venerador, deu promptamente a sepultura, que a Duqueza mandou conduzir á sua custa ao Convento de Plessis.

Devemos aqui fazer algumas reflexoẽs sobre esta pedra. Primeiramente o Santo, annos antes de morrer, tinha pedido esta mesma pedra ao Commendador, sem lhe dizer o uzo para o que a queria; e havendolha offerecido naõ a mandou buscar: pelo que podemos inferir que o Santo prevendo a sua morte, pedio a sepultura onde havia depozitar-se seu corpo. Esta pedra era taõ pezada, que muitas juntas de bois naõ poderiaõ movella, e sinco cavallos a levaraõ com muita facilidade até ao Convento, e só sinco pessoas foraõ bastantes para a carregar no carro, onde devia conduzir-se. Achou-se tambem esta pedra cavada á medida do corpo, de modo que parecia estava lavrada de propozito a este mesmo fim, com as medidas certas. Trasladou-se o corpo do caixaõ de madeira a esta sepultura, e foi achado com as cores do rosto taõ naturaes, que parecia estava dormindo. Era innumeravel o concurso de pessoas de todas as qualidades: e na for-

ſa daquelle tumulto parecendo a algum que o Santo eſtava vivo, ſe ouviraõ humas vozes dizendo *Milagre*, *milagre.*

Naõ foraõ poucos os que obrou o noſſo Santo depois do ſeu obito. Joanna de Leon filha de Guilherme do meſmo appellido, que havia padecido deſde a idade de quatro annos huma obſtinada fluxaõ nos olhos, ſobrevindo-lhe hum tumor no olho eſquerdo, tomando conta da ſua cura os Cirurgioẽs, lho fizeraõ perder. Penetrada a Mãi de ſentimento levou ſua filha Joanna ao Convento de Pleſſis no tempo, em que eſtava expoſto o corpo do Santo; e chegando-ſe com a menina perto do corpo, quando eſtava para trasladar-ſe ao ſepulcro de pedra, para cortar alguma parte do habito, e chegar-lho aos olhos, experimentou ſó com o contacto a reſtituiçaõ da viſta com tanta perfeiçaõ, como ſe nunca tiveſſe padecido queixa alguma. Joanna Bovalet mulher de Eſtevaõ Binet voltando de Amboize a Turs a cavallo, cahio de peitos ſobre huma penha com tanta violencia, que ficando gravemente offendida naõ pôde acabar a jornada ſenaõ em braços das peſſoas, que a acompanhavaõ. Commetteu a cura aos Cirurgioẽs; e naõ lhe dando melhoras ſe mandou conduzir á Igreja de Pleſſis, onde achando já depozitado o corpo do Santo no caixaõ de madeira, ſupplicou aos Religiozos lho abriſſem. Foi attendida ſua petiçaõ; e fazendo oraçaõ junto ao corpo de Franciſco, ficou conſolada com recuperar inſtantaneamente a ſua ſaude, livre das dores de ſorte, que com todo o deſembaraço ſe levantou, voltando pelo ſeu pé a caza.

A fama deſtes, e outros milagres chamou muita gente de partes remotas para ver eſtes prodigios, que Deos obrava tomando por inſtrumento o corpo de Franciſco, do meſmo modo que ſuccedeu em toda ſua vida. Entre outras peſſoas, que concorreraõ, foi a Princeza de Bourbon com huma grande comittiva correſpondente á ſua peſſoa, a qual ficou ſummamente

te consolada, naõ só pelo que ouvio, mas tambem pelo que prezenciou, servindo-lhe tudo de estimulo para afervorar a antiga devoçaõ, que tinha com o Santo, e beneficiar seus filhos. A mulher de André Legiere, chamada Maria, havendo padecido pelo espaço de treze mezes hum cancro em hum peito, que nem os Cirurgioẽs, nem a Medicina lhe poderaõ dar alguma esperansa de melhora, se rezolveu ir vizitar o sepulcro do Santo Padre; por cujos merecimentos confiava muito em Deos: e logo depois da primeira vizita experimentou notavel melhora, e na terceira se achou totalmente livre da molestia, como se nunca a tivesse padecido. Em outra occaziaõ a mesma mulher sobrevindo-lhe huma inchaçaõ em huma perna, que lhe ameaçava grande ruina, mandou dizer huma Missa na Capella immediata ao sepulcro de Francisco; e naõ foi precizo mais para recuperar perfeitamente a saude. Tres annos continuos padeceu huma vehemente dor no estomago Pascoal Boyló Almoxarife do Palacio de Plessis, sem achar soccorro na Medicina para experimentar algum alivio na sua dor, que o punha em termos de morrer: desenganado de todo o humano remedio, por conselho de sua mulher prometteu levar huma porçaõ de cera ao sepulcro do Santo Homem, se lhe alcansava de Deos melhoras na sua queixa: tres dias depois deste voto feito se lhe tirou a dor, e nunca mais lhe repetio. Seria nunca acabar se quizessemos referir milagres, que o Santo fez no seu sepulcro antes de ser canonizado; mas pela brevidade, que promettemos nesta obra, e para darmos noticia de outros succesos, os passaremos em silencio.

CAPITULO II.

Primeira informaçaõ da vida do Santo, que ſe tirou a requerimento da Rainha de Franſa por ordem do Papa Julio II.

JA' o ſepulcro de Franciſco chegou a ſer gloriozo pelas continuas graças, que nelle recebiaõ de Deos os Fieis pelos merecimentos do Santo Homem em todo o genero de neceſſidades. Naõ havia já parte alguma da Europa, aonde naõ chegaſſe a fama dos milagres de Franciſco aſſim do tempo de ſua vida, como depois da ſua glorioza morte; por cujo motivo concorriaõ de todos os Reinos Catholicos innumeraveis peſſoas de todas as qualidades a venerar o ſepulcro do noſſo Santo, que aſſim o acclamavaõ todos univerſalmente, dezejando que a Séde Apoſtolica o declaraſſe para lhe dar culto publico nos altares. Para dar principio a eſta ancioza devoçaõ dos povos, com eſpecialidade os de Franſa, ſuccedeu hum facto, que contribuio muito para eſte fim. ElRey Chriſtianiſſimo Luiz XII. tinha huma filha unica do matrimonio, que contrahio com a Sereniſſima D. Anna de Bretanha viuva de Carlos VIII. Era muito eſtimada das Mageſtades, naõ ſó por ſer unica, mas tambem pelas grandes virtudes, de que eſtava dotada. Adoeceu gravemente de ſorte que ſe achava em perigo de morte. A Rainha naõ podia achar conſolaçaõ alguma neſta afflicçaõ: eſtava neſſe tempo a Corte no Delfinado em huma caza de campo chamada Caſtello do Monte Bonud, junto á Cidade de Grenoble. Chegou a eſte ſitio a infauſta noticia do eſtado, em que ſe achava a Princeza Claudia, a tempo que já eſtava ajuſtada para cazar com Franciſco, filho do Duque de Angoleme, que depois entrou a reinar, como veremos, por cujo motivo ſe fazia mais ſenſivel o perigo, em que eſtava, porque com a perda deſta Princeza ſe fechavaõ

chavaõ as portas a todas as eſperanſas, que haviaõ concebido naõ ſó as Mageſtades, mas tambem todos os vaſſallos para o ſocego do Reino.

Eſtando a Rainha D. Anna de Bretanha fluctuando entre eſtes trabalhos inopinados, foi ao Paço, onde ella eſtava, Monſenhor Laleman Biſpo de Grenoble; e ouvindo os lamentaveis ſentimentos, que atormentavaõ o coraçaõ de S. Mageſtade, inſpirado de Deos, animou-ſe a propor-lhe para a conſolar, que ainda que a Princeza por cauza da febre maligna, que padecia, naõ deixava eſperanſas aos Medicos para ſegurar a ſua vida, lhe parecia que teria ainda algum remedio, ſe S. Mageſtade quizeſſe experimentallo. Movida da grande pena, que opprimia ſeu Real coraçaõ; quiz ſaber S. Mageſtade qual era eſte ſoccorro: a cuja pergunta reſpondeu o Biſpo: *Prometta V. Mageſtade com voto a Fr. Franciſco de Paula, que naõ ha muito que paſſou deſta mortal vida á eterna, que ſe a Princeza recuperar a ſaude, applicará todos os eſforços para promover ſua canonizaçaõ á cerca da Sé de Apoſtolica.*

Abraçou religiozamente a Rainha o conſelho do Biſpo de Grenoble. Invocou com todas as véras a Franciſco, e lhe prometteu que ſe pelos ſeus merecimentos, dos quaes ella foi tambem neſta vida teſtimunha, alcanſaſſe a Princeza ſua filha eſcapar daquelle imminente perigo, promettia a Deos, para maior honra, e gloria do meſmo Senhor, empregar toda a ſua auctoridade, e poder, para ſer promovida a ſua canonizaçaõ. Attendeu a Omnipotencia Divina ás lagrimas deſta Rainha por interceſſaõ do Santo Homem. Concedeu naõ ſó as melhoras, mas tambem huma perfeita ſaude á Princeza, que em breves dias ſe recuperou. Voltando ao Paço Monſenhor Laleman para beijar a maõ ás Mageſtades, e dar o parabem de taõ goſtoza noticia, naõ quiz omittir fazer lembranſa á Rainha do voto, que tinha feito, para que naõ ſe deſcuidaſſe em ſatisfazello com promptidaõ.

Occu-

Occupava ainda naquelle tempo a Cadeira Pontificia Julio II., porque reinou mais de nove annos, e foi o meſmo Pontifice, que no anno de 1506, terceiro do ſeu Pontificado, approvou a quarta, e ultima Regra, que o Santo eſcreveu. A eſte Pontifice pois mandou a Rainha D. Anna de Bretanha cartas muito intereſſantes para que mandaſſe formar os proceſſos neceſſarios das virtudes de Fr. Franciſco de Paula, em ordem a poder-ſe tratar da ſua canonizaçaõ; e para que eſtas cartas fizeſſem mais prompto effeito mandou ao Cardial de Nantes Roberto Giobé, que tomaſſe a ſeu cargo tratar deſte negocio.

A's inſtancias da Rainha, aos cuidadozos officios do Cardial, e aos clamores dos povos, correſpondeu o Papa mandando que ſe fizeſſem as devidas próvas das virtudes, e milagres de Franciſco, formando canonicamente os proceſſos para examinallos. No Reino de Franſa receberaõ tres Biſpos eſta commiſſaõ, os quaes foraõ o Senhor Eſtevaõ Poncier Biſpo de Pariz, o Senhor Joaõ Bayllet Biſpo de Auxerre na Borgonha, e o Senhor Lourenſo Laleman Biſpo de Grenoble, por hum Breve com a data de 13 de Maio de 1512. Na Calabria foraõ deputados pelo meſmo Papa o Senhor D. Joaõ de Serſale Biſpo de Cariati, e de Cerinthia, e Bernardino Cavalcante Cantor da Igreja Metropolitana de Coſſencia, havendo recebido ordem em fórma de Breve para eſte effeito.

Referiremos primeiro o que ſe paſſou em Franſa ſobre eſta materia; e depois o que ſuccedeu na Calabria. O Biſpo de Pariz por cauza das muitas occupaçoẽs aſſim da Mitra, como do ſerviço de ElRey, que lhe tomavaõ o tempo, e o obrigariaõ a ſahir fóra da Corte, coiza que ſe oppunha ao miniſterio, em que S. Mageſtade o occupava, naõ podia peſſoalmente fazer eſta averiguaçaõ. Subdelegou ſeus poderes a dous Conegos da Cathedral, que eſtavaõ em Turs, chamados, hum Pedro Cruccet, e o outro Pedro Cabrion,

brion, e igualmente a hum Beneficiado da mesma Igreja, por nome Estevaõ Certon, expedindo huma Patente com data de 25 de Novembro de 1512.

Em virtude desta Patente o dia 19 de Julho do anno seguinte de 1513, deraõ principio a interrogar as testimunhas, e acabaraõ em 7 de Dezembro do mesmo anno. O numero das testimunhas chegou a 57, e escreveu as suas depoziçoẽs, como Notario, Jacob Tellier Advogado da Corte de Turs. Findada esta diligencia, remetteraõ o processõ ao Bispo, o qual junto com outros os mandou ao Pontifice. O Bispo de Auxerre pouco pôde trabalhar nesta averiguaçaõ; porque morreu no anno seguinte da data de sua commissaõ. O Bispo de Grenoble escreveu a Leaõ X. huma carta elegantissima, na qual refere o successo milagrozo na enfermidade da Sereníssima Princeza D. Claudia filha da Rainha D. Anna de Bretanha.

Vamos agora a referir o que se passou na Calabria nesta materia. O P. Julio dela Regina, natural desta Provincia, e Religiozo da nossa Ordem, o dia 8 de Junho do anno de 1512, levou o Breve da commissaõ ao Bispo de Cariati, e ao Cantor da Igreja Cathedral de Cossencia, que o aceitaraõ com summo gosto, e logo o deraõ á execuçaõ. Dous foraõ os processos, que formaraõ sobre as acçoẽs do Santo; hum em Cossencia, por cujo motivo lhe deraõ o titulo de Consentino; e ao outro, que se fez por commissaõ de Leaõ X., se lhe deu o titulo de Calabrico. O primeiro, que consta de cento e sete testimunhas, se concluio em outo mezes.

No entanto que os Bispos Delegados estavaõ executando a sua commissaõ sobre as virtudes, milagres, e vida de Francisco em 21 de Fevereiro de 1513, morreu o Papa Julio II., e pouco tempo depois o Cardial de Nantes. Estas duas mortes deraõ mostras de embaraçar o curso deste negocio, porque a Rainha D. Anna o tinha encarregado ao Cardial para que em seu nome requeresse á Séde Apostolica; porém tomou peior figu-

figura no anno de 1514, que morreu a Rainha em 9 de Janeiro. Naõ ficou quem promoveſſe com ardor a canonizaçaõ de Franciſco, mais que ElRey Luiz XII., ainda que já naquelle tempo eſtava beatificado por Leaõ X. Finalmente morreu ElRey no 1 de Janeiro de 1515 ſem ter goſto de ver completado ſeu dezejo, ficando rezervada eſta gloria para os Monarcas ſeus ſucceſſores, como diremos no capitulo ſeguinte.

CAPITULO III.

Beatificaçaõ do Santo declarada pelo Papa Leaõ X.

No Conclave congregado pela morte de Julio II. em 11 de Março de 1513 foi eleito Pontifice o Cardial Joaõ de Medicis, que tomou o nome de Leaõ X., filho de Lourenſo de Medicis, que ſendo ainda menino quando o Santo paſſou a Roma, lhe havia profetizado eſte que o havia de canonizar; na occaziaõ, que Lourenſo de Medicis mandou ao filho que bejaſſe a maõ ao Santo, e eſte reſpondeu: *Eu ſerei Santo quando eſte menino for Papa.* Eleito pois Pontifice Leaõ X. renovou-ſe a inſtancia, e por parte de ElRey Chriſtianiſſimo: e o P. Fr. Franciſco Binet, que depois de haver ſido Geral da Ordem eleito no primeiro Capitulo Geral, que ſe celebrou depois da morte do Santo, eſtava em Roma ſervindo de Procurador Geral, e como tal requereu ao Papa em nome de toda a Religiaõ a continuaçaõ das diligencias para a canonizaçaõ do ſeu Patriarca. Foi bem ouvido o Binet, e tambem conſolado com amplas promeſſas, que ſatisfizeraõ as eſperanſas de todos; confirmou a Regra, e quanto haviaõ concedido ſeus anteceſſores por huma Bulla, que principia: *Iis, quæ pro Fidelium*: concedeu muitas indulgencias ás noſſas Igrejas, e muitos privilegios á noſſa Ordem.

O dia ſete de Julho de 1513, ainda naõ completos ſinco mezes do ſeu pontificado, beatificou o noſ-

ſe

ſo Santo, concedendo Miſſa, e Officio, e que em todas as noſſas Igrejas ſe collocaſſe imagem do noſſo Santo Patriarca, expedindo a eſte effeito a Bulla, que principia *Illius, qui ſemper.* Eſcreveu o P. Leonardo Leonet eſta goſtoza noticia a todas as partes, onde aſſiſtiaõ os filhos de Franciſco, e foi celebrada com grandes demonſtraçoẽs de alegria, com eſpecialidade na Franſa, onde eſtava o corpo do Santo, e onde viveu mais tempo depois da fundaçaõ de ſua Religiaõ; ainda que na Calabria naõ foraõ ordinarias as feſtas, que ſe celebraraõ, porque eſta Provincia foi a que teve a gloria de ſervir-lhe de berço, aſſim como a Franſa lhe deu o ſepulcro.

Morto ElRey Luiz XII., ſuccedeu na Coroa ſeu genro o Duque de Angoleme, que naſceu por interceſſaõ do noſſo Santo, como já diſſemos, e cazou com a Princeza D. Claudia filha unica de ElRey Luiz, e da Rainha D. Anna de Bretanha, verificando-ſe neſta occaziaõ a profecia, que fez Franciſco á Sereniſſima Duqueza de Angoleme quando, lamentando-ſe da falta de ſucceſſaõ de ſua caza, lhe diſſe: *Que teria hum filho, que naõ ſó ſeria Duque de Angoleme, mas tambem chegaria a ſer Rey de Franſa.* Lembrado ElRey Franciſco I. das obrigaçoẽs, que devia ao noſſo Santo, logo que ſobio ao throno, mandou que os noſſos Religiozos em todo o Reino eſtiveſſem izentos de todos os direitos Reaes, que coſtumaraõ pagar as mais Religioẽs, expedindo a eſte effeito hum Decreto em S. Germano de Laya no dia ſete de Dezembro de 1515.

Ao meſmo tempo que ElRey naõ ſe eſquecia de favorecer os Minimos, e ſolicitava com ardor a canonizaçaõ de Franciſco já beatificado, a Rainha D. Claudia manifeſtou os maiores intereſſes neſte negocio. Eſta Soberana, que eſtava dotada de virtudes, ſendo filha de hum Rey, eſpoza de outro, e Mãi do ſucceſſor do meſmo throno, além do grande affecto, que para com Franciſco lhe infundiraõ ſeus Pais no ſeu cora-

coraçaõ magnanimo ; deſde idade muito tenra havia concebido huma rara veneraçaõ ao noſſo Santo por cauza das frequentes occazioẽs, que teve de o tratar quando aſſiſtia no Palacio de Pleſſis. Augmentava os quilates deſte amor huma eſpecial graça , que alcanſou de Deos pelos merecimentos de Franciſco. Havia já dado a luz duas filhas , e dezejava com ancia ter hum filho para ſucceder na Coroa ; lembrou-lhe prometter a Franciſco intereſſar-ſe na ſua canonizaçaõ , ſe conſeguiſſe ſeus dezejos. Porém depois de fazer eſte voto naõ quiz demorar a execuçaõ delle : ainda que naõ tinha eſperanſas , confiada ſó no patrocinio do noſſo Santo , eſcreveu muitas cartas ſobre eſta materia da canonizaçaõ ao Papa Leaõ X., e ao ſagrado Collegio dos Cardiaes. Naõ ſe paſſaraõ muitos mezes depois de eſcritas eſtas cartas , que conheceu verificadas ſuas eſperanſas dando á luz hum filho , que tambem lhe poz o nome de Franciſco ; e depois teve outros dous , que foraõ Henrique II., que ſuccedeu a ſeu Pai Franciſco I. no reinado , porque era já morto Franciſco o Primogenito ; e Carlos , que foi Duque de Angoleme , e de Orleans. Quanto ſe intereſſou a Rainha D. Claudia neſta materia veremos adiante.

CAPITULO IV.

Em que ſe eſcrevem as Cartas , que ſe mandaraõ a Roma para ſupplicar a ſua canonizaçaõ.

CARTA I.

De ElRey Franciſco I. ao Papa.

SANTISSIMO Padre , o fervorozo , pio , e ſingular zelo , que temos de que o B. P. Franciſco de Paula , primeiro Fundador da Ordem dos Minimos , ſeja canonizado , e poſto no catalogo dos Santos

tos, nos obriga a ſupplicar a Voſſa Santidade queira levar á perfeiçaõ huma obra taõ ſanta, e recommendavel, que diz reſpeito á exaltaçaõ da eſpoza de JESUS Chriſto; pois que conſta por tantos milagres, teſtificados de muitas peſſoas, ſua ſantidade: pelo que, renovando a ſupplica, rogamos que á noſſa contemplaçaõ conceda Voſſa Santidade a referida canonizaçaõ; tomando porém as providencias neceſſarias: de cuja acçaõ, quando tenha effeito, ficaremos ſatisfeitos, e obrigados a Voſſa Santidade, a cuja peſſoa Deos conceda vida dilatada para o regimen da ſua ſanta Igreja. De Blés a 17 de Dezembro de 1515.

Voſſo devotiſſimo filho

Franciſco Rey de Franſa.

CARTA II.

Do meſmo Rey para os Cardiaes.

CARISSIMOS amigos, e irmaõs noſſos: Havemos eſcrito ao Santiſſimo Padre ſupplicando-lhe que ſe digne canonizar o B. P. Franciſco de Paula Inſtituidor da Ordem dos Minimos, conſiderada primeiro ſua ſanta vida, ſeus merecimentos, ſãa doutrina de que eſtava cheio, e ornado eſte milagrozo Padre, como eſtamos plenamente informados. E porque eſtas coizas dizem reſpeito á honra de Deos, e de ſeus Santos, e tambem á grandeza, e decóro da Igreja Catholica, e he huma obra meritoria, vos rogamos com affectuoza vontade que a noſſo reſpeito façais com o noſſo Santiſſimo Padre que continue a ſobredita canonizaçaõ, declarando no catalogo dos Santos ao mencionado Franciſco, fazendo expedir todas as Bullas, e providencias neceſſarias; cuja acçaõ ſerá muito agradavel ao noſſo Real animo. Além deſta diligencia temos eſcrito pelo Geral da meſma Ordem,

a quem particularmente pertence tratar deſte negocio, tanto á cerca de Sua Santidade, como com voſco. Novamente vos rogamos vos digneis dar inteiro credito ao mencionado P. Geral em tudo que de noſſa parte vos reprezentar. Deos noſſo Senhor vos guarde. De Bles 17 de Dezembro de 1515.

Franciſco Rey de Franſa.

CARTA III.

Da Rainha D. Claudia ao Papa.

TEMOS ouvido que ElRey eſcreveu a Voſſa Santidade para a canonizaçaõ do B. P. Franciſco de Paula: e cremos que já Voſſa Santidade eſtará informado da boa vida, converſaçaõ, e conſtancia do mencionado P. Inſtituidor da Regra dos Minimos, que poucos tempos ha paſſou á melhor vida no Convento da Cidade de Turs; e que Voſſa Santidade concedeu aos Religiozos poder collocar a ſua imagem nas ſuas Igrejas, como tambem nas veſperas, e laudes do Officio Divino poder fazer commemoraçaõ delle até que ſe finalize o proceſſo de ſua vida, e milagres, que Deos, ſummo Creador de tudo, ſe dignou obrar pelos ſeus merecimentos, aſſim durante ſua vida, como depois da ſua morte, como Voſſa Santidade eſtará plenamente informado pelo Cardial dos quatro Coroados, a quem Voſſa Santidade commetteu o proceſſo, que ſobre a ſua vida, e milagres ſe fez na Calabria, ſegundo a noticia, que nos deu o prezente Geral da meſma Ordem. E por quanto a Rainha noſſa Mãi, que Deos tenha em gloria, moſtrava hum grande dezejo de alcanſar eſta canonizaçaõ, e Nós da noſſa parte perſeveramos no meſmo, conſiderando a honra de Deos, e augmento da Santa Madre Igreja Catholica; vos ſupplicamos com coraçaõ affectuozo, vos digneis attender aos Religiozos deſta Ordem como

mo a noſſos recommendados neſte negocio, conforme aos proceſſos que ſe formaraõ aſſim na Calabria, como neſte noſſo Reino, pelo Biſpo de Pariz, em virtude de hum Breve Apoſtolico commettido a elle. Rogamos continuamente a Deos noſſo Creador, de quem procede todo o noſſo bem, queira prezervarvos dilatado tempo no governo da Saña Madre Igreja para beneficio commum. De Pariz aos 22 de Março de 1516.

Voſſa devota filha

Claudia Rainha de Franſa.

CARTA IV.

Da meſma Rainha ao Collegio dos Cardiaes.

CARISSIMOS irmaõs, e grande amigos noſſos: temos ouvido dizer que ElRey meu conſorte vos eſcreveu a favor dos Religiozos Minimos para a canonizaçaõ do ſeu B. P., e Inſtituidor Fr. Franciſco de Paula. Sendo conſtante que a Rainha noſſa Mãi, que Deos tenha em ſua ſanta gloria, tinha niſto ſingular dezejo; Nós, ſeguindo ſeus paſſos, temos o meſmo; vendo que diſto rezulta a honra de Deos, e da Santa Madre Igreja. Havendo agora eſcrito a Sua Santidade para que nos queira conſolar, attendendo particularmente aos Religiozos deſta Ordem, como recommendados por Nós, quizemos por tanto tambem eſcrever-vos, e rogar-vos affectuozamente que, attendida a boa fama, ſanta converſaçaõ, perſeveranſa, e milagres do B. P., poucos tempos ha falecido, aſſim como em virtude de alguns Breves Apoſtolicos ſe procedeu canonicamente ao exame deſte negocio, aſſim na Calabria, como no noſſo Reino, vos digneis fazer executar, e referir tudo o que ſe contém nos proceſſos. E poſto que, ſegundo a fiel relaçaõ delles, ſe achará o ſobredito B. P. digno de canonizar-ſe, vos

rogamos ſuppliqueis a Sua Santidade ſe digne contallo no catalogo dos Bemaventurados, aſſim como Nós entendemos o merece. Certificando-vos que procuramos eſte negocio com grandiſſimo affecto, e dezejo; o qual effeituado eſtimaremos como graça eſpecial, e eſta a reconheceremos de vós aſſim em geral, como em particular, e com animo agradecido para com voſco, meus cariſſimos amigos, e irmaõs. Deos ſeja com voſco, e vos guarde. De Pariz em 22 de Março de 1516.

Claudia Rainha.

CARTA V.

Da meſma Rainha D. Claudia ao Papa.

MAIS vezes temos eſcrito a Voſſa Santidade para a canonizaçaõ do B. Franciſco de Paula, de cuja ſanta vida eſtareis bem informado: e aſſim como noſſa muito amada Mãi tinha neſte negocio hum grande dezejo pela honra de Deos, e exaltaçaõ da Igreja; por eſte meſmo motivo novamente ſupplicamos a Voſſa Santidade com expreſſoẽs mais intimas, e em quanto as noſſas forſas alcanſarem, pedindo queira admittir a tal canonizaçaõ, e ter por recommendados aos Religiozos daquella Ordem, do que receberemos grande alegria, e contentamento com Voſſa Santidade, cuja peſſoa Deos noſſo Senhor mantenha, e conſerve dilatado tempo no feliz governo da Santa Madre Igreja. Pariz em 6 de Abril de 1516.

Voſſa filha

Claudia Rainha de Franſa.

CAR-

CARTA VI.

Da meſma Rainha Claudia aos Cardiaes.

IRMAÕS Cariſſimos, e amigos noſſos: por outras noſſas vos temos eſcrito a favor dos Religiozos Minimos para a canonizaçaõ do B. P., primeiro Inſtituidor da dita Ordem, Franciſco de Paula, a cuja canonizaçaõ ſempre aſpirou o Real animo de noſſa muito amada Mãi de ſaudoza memoria. Pelo que dezejando nós que o ſeu pio dezejo tenha effeito para honra de Deos, e da Santa Madre Igreja, que de bem ſeja exaltada em melhor, novamente eſcrevemos a Sua Santidade ſe digne ter em particular protecçaõ para o tal negocio a ſeus Religiozos; por cujo motivo quizemos de novo eſcrever-vos, e rogarvos affectuozamente que conhecida a boa, e ſanta vida, perſeveranſa, e milagres deſte B. P., do qual temos entendido que eſtais plenamente informados, queirais ſupplicar a Sua Santidade para que ſe agrade de canonizallo, e numerallo no catalogo dos Santos: o que dezejamos ſobre todas as coizas que ſe faça nos noſſos tempos, para que reconheçamos eſta graça de cada hum de vós em particular, moſtrandonos agradecida em toda a occaziaõ. Deos noſſo Senhor vos guarde, e vos conſerve. Pariz em 6 de Abril de 1516.

Claudia Rainha.

CARTA VII.

De Franciſco I., Rey de Franſa ao Papa.

BEATISSIMO Padre: pouco tempo ha temos eſcrito a Voſſa Santidade o noſſo dezejo á cerca da canonizaçaõ do B. Franciſco de Paula Inſtituidor da Ordem, e Regra dos Minimos; ſabendo quanto

to eſtá Voſſa Santidade bem informado da optima vida do B. P. (como nos tem referido o Geral da dita Ordem portador deſta prezente carta) aſſim pelo proceſſo feito na Calabria, como pelo que ſe fez neſtas noſſas terras ; e ſabida igualmente a grande conſtancia, prolongada perſeveranſa com os milagres, que Deos noſſo Senhor tem querido obrar por elle, aſſim em quanto era vivo, como depois de ſua morte; dos quaes milagres Nós, e aquelles, que o conheceraõ, e viraõ, como ſaõ Prelados, Nobres, e outras peſſoas do noſſo Reino, fazemos todos plena té, e damos baſtante atteſtaçaõ de ter ſido grande amigo de Deos, e homem de toda a perfeiçaõ, e ſantidade, conforme a voſſa ordem dada ao Cardial Santiquatro. Agora de novo procuramos, e ſupplicamos a Voſſa Santidade que continuando taõ grande empreza, queira conduzir á perfeiçaõ a obra principiada pelo Papa Julio II. ſeu Predeceſſor de feliz memoria, mandando que o proceſſo feito ſobre a ſua ſanta vida, e milagres, com toda a diligencia ſe relate em publico conſiſtorio; e achando-ſe digno, e com merecimentos, ſeja Voſſa Santidade comprazido de canonizallo, e numerallo entre os Santos da Bemaventuranſa, em cujo aſſumpto temos grande empenho, e dezejamos que ſe effectue no noſſo tempo. Porém com todo o ſincero affecto rogamos, e de novo ſupplicamos que dê todo o credito ao P. Geral: que fazendo-o aſſim Voſſa Santidade, fará huma obra digna, e meritoria para com Deos, e a Nós ſingulariſſima graça. Rogamos á Mageſtade Divina queira prezervallo por muitos annos feliz no governo da noſſa Santa Madre Igreja. De Crema aos 4 de Maio de 1516.

Voſſo devoto filho

Franciſco Rey de Franſa.

CAR-

CARTA VIII.

Da Rainha D. Claudia ao Papa.

SANTISSIMO Padre: como a Mageſtade de ElRey meu Senhor eſcreve agora a Voſſa Santidade para a canonizaçaõ do B. P. Franciſco de Paula Inſtituidor da Ordem dos Minimos, perſuadindo-nos que Voſſa Santidade eſtará plenamente informado da ſua boa vida, converſaçaõ, conſtancia, e perſeveranſa, havendo mandado que ſe forme proceſſo ſobre os milagres, que Deos noſſo Creador quiz por elle moſtrar ao mundo, aſſim na ſua vida, como depois do ſeu feliz tranſito, como o tem executado o Cardial Santiquatro, e nos tem referido o P. Geral da Ordem dadôr da prezente carta; e porque a Rainha noſſa Mãi muito amada, e Senhora de ſaudoza memoria, que Deos haja em gloria, lhe tinha ſingular affecto, e dezejava muito ſua canonizaçaõ; conhecendo Nós que iſto ſe faz em honra de Deos, e para a exaltaçaõ, e augmento da Santa Madre Igreja, dezejamos inteiramente que ſe dê á execuçaõ. Procuramos pois, e ſupplicamos a Voſſa Santidade, que ſe digne conduzir eſte negocio ao fim, como ſe contém nos proceſſos feitos, na Calabria hum, e outro em Pariz em virtude de hum Breve commettido ao Biſpo deſta Cidade; cujo facto receberemos por graça ſingulariſſima, e rogaremos ao ſummo Creador que por muitos annos o prezerve para o governo da Santa Madre Igreja. De Leaõ aos 3 de Maio de 1516.

Voſſa devota filha

Claudia Rainha de Franſa.

CARTA IX.

De Carlos de Bourbon Duque de Alvernia ao Papa.

BEATISSIMO Padre: Sua Mageſtade de ElRey meu Senhor tem eſcrito a Voſſa Santidade para a canonizaçaõ do B. P. Franciſco de Paula Fundador da Ordem dos Religiozos Minimos, a qual Eu dezejo igualmente que ElRey meu Senhor com todo o coraçaõ: e por eſte motivo com toda a reverencia ſupplico a Voſſa Santidade que conhecida a ſanta circumſpecta vida, aſpera penitencia, e milagrozas graças, feitas ás peſſoas pelos merecimentos deſte ſervo de Deos, de cujo facto eſtá Voſſa Santidade plenamente informado, ſe digne haver por recommendado ao P. Geral dos Religiozos da dita Ordem na materia da canonizaçaõ: o que fazendo, além dos merecimentos, que Voſſa Santidade terá na prezenſa da Mageſtade Divina, fará para o mundo huma obra de grande fructo. Com que concluo rogando a Deos pela prezervaçaõ de Voſſa Santidade por muitos annos, para augmento, e ſaude de toda a Chriſtandade. De Montlue 15 de Janeiro de 1516.

Voſſo humilliſſimo, e devoto filho

Carlos Duque de Bourbon, e de Alvernia.

CARTA X.

Da Duqueza de Bourbon, e de Alvernia ao Papa.

BEATISSIMO Padre, humildemente me recommendo a Voſſa Santidade. Havendo eſcrito para a canonizaçaõ do B. P. Franciſco da Ordem dos Minimos; e como creio que Voſſa Santidade eſteja bem

bem informado da boa, e ſanta vida, coſtumes, e conſtancia do B. P., e que já tenha mandado que ſe forme, e ſe execute o proceſſo feito pela diligencia do Cardial Santiquatro Coroados ſobre os milagres, que Deos noſſo Senhor obrou, aſſim na ſua vida, como depois de ſua morte, ſegundo ouvi do Padre Geral da dita Ordem, dadôr das prezentes letras: eu igualmente com toda a humildade ſupplico queira dignar-ſe aceitar por particular recommendado eſte P. Geral, conforme ao teor dos proceſſos formados aſſim na Calabria, como neſte Reino pelo Biſpo de Pariz em virtude de hum Breve Apoſtolico. Fico rogando a Deos noſſo Senhor pela prolongada prezervaçaõ de Voſſa Santidade no governo da Santa Madre Igreja. De Leaõ no 1 de Maio de 1516.

Voſſa muito humilde, e devota filha

Anna Duqueza de Bourbon, e de Alvernia.

CARTA XI.

De Filisberta Duqueza de Saboia ao Papa.

SANTISSIMO Padre, bejando os pés a Voſſa Santidade me recommendo. Porque a Mageſtade de ElRey vos tem eſcrito a reſpeito da canonizaçaõ do B. P. Franciſco de Paula primeiro Fundador da Ordem dos Minimos; eſtando tambem eu informada da ua religioſſima vida, ſupplico humildemente a Voſſa Santidade que ſe digne ter por recommendada eſta meritiſſima obra: o que fazendo, me reputarei entre as ſuas obrigadiſſimas ſervas. Rogo a noſſo Senhor JESUS Chriſto que vos prezerve dilatado tempo no governo de ſua Santa Igreja. Ambuoza aos 10 de Dezembro de 1516.

Voſſa muito humilde, e obediente filha

Filisberta Duqueza de Saboia.

CAR-

CARTA XII.

De Carlos Duque de Alenzaõ aos Cardiaes.

MEUS Senhores, tenho ouvido que a Mageſtade do noſſo Rey tem eſcrito, comó outras vezes fez, recommendando aos Religiozos Minimos do Convento de Turs ſobre a canonizaçaõ do B. P. Inſtituidor de ſua Ordem Fr. Franciſco de Paula. Por eſte motivo tambem eu vos quiz eſcrever, e affectuozamente rogar-vos que conhecida a boa, e ſanta converſaçaõ, perſeveranſa, e milagres obrados, mediantes as oraçoẽs do ſobredito B. P., e depois de ſe lerem os proceſſos formados em virtude dos Breves da Sé Apoſtolica á cerca de ſua vida, e coſtumes; queirais conduzir ao fim eſta ſanta obra; a cujo effeito vai a Roma o Geral da dita Ordem. Queremos que a meu reſpeito o queiraõ ajudar, e favorecer; no que fareis huma aççaõ gratiſſima ao noſſo Rey, e a mim huma graça ſingulariſſima: rogando a Deos noſſo Senhor que lhes conceda plenamente todos os ſeus dezejos. Ambuoza 27 de Dezembro de 1516.

Voſſo humilde, e muito obediente filho

Carlos Duque de Alenzaõ.

CARTA XIII.

Do meſmo Duque ao Papa.

BEATISSIMO Padre, a Mageſtade de ElRey meu Senhor prezentemente tem eſcrito a Voſſa Santidade (como outras vezes tem feito) que ſe digne canonizar, e pôr no catalogo dos Santos ao B. P. Franciſco de Paula, primeiro Fundador da Ordem dos Minimos, de vida ſantiſſima, e exemplar. Pe-

lo

lo que, Santiſſimo Padre, naõ com menor devoçaõ, e affecto a obra taõ digna; ſupplico a Voſſa Santidade a expediçaõ della, que maiormente ficaremos obrigados, e rogaremos ao Creador de tudo que conceda á Santa Madre Igreja Voſſa Santidade por dilatado tempo. Ambuoza 28 de Dezembro de 1516.

Voſſo humilde, muito obediente, e devoto filho

Carlos Duque de Alenzaõ.

CARTA XIV.

Do Biſpo de Grenoble ao Papa.

CLEMENTISSIMO, e Santiſſimo Padre, depois de bejar ſeus ſantos pés faço ſaber a Voſſa Santidade como a Mageſtade de ElRey, a Illuſtriſſima ſua conſorte, e ſua generoziſſima Mãi, com outras muitas peſſoas do ſangue, e caza Real (como tem eſcrito) dezejaõ ſummamente a canonizaçaõ do B. Franciſco de Paula. Nós naõ menos devotos, e intereſſados no meſmo negocio, quizemos neſta occaziaõ reverentemente eſcrever com aquella reverencia, que convem, ſignificando-lhe humildemente como no anno da Incarnaçaõ do Senhor 1507, perto do fim do mez de Abril, eſtando no Caſtello de Monte, junto á Cidade de Grenoble a Illuſtriſſima Rainha Mãi da Sereniſſima Claudia Rainha moderna, ouvindo que ſua generoza filha eſtava opprimida de huma graviſſima febre, fomos buſcalla para a conſolar, aconſelhando-lhe que para alcanſar a ſaude de ſua cariſſima filha ſe recommendaſſe ás interceſſoẽs do B. Franciſco de Paula acreſcentando o voto, e promeſſa que, ſe o B. Franciſco pelos ſeus merecimentos, e interceſſaõ lhe fizeſſe recuperar a ſaude, faria hum eſforſo com todo o ſeu poder para que foſſe legitimamente canonizado. Hindo, naõ muito tempo depois, novamente vizitalla, a

acha-

achamos, mais que nunca, conſolada, porque por muitos proprios, e avizos ſabia como a Rainha enferma milagrozamente eſtava livre daquella perigoza doenſa. Por eſte motivo nos pareceu com a prezente carta expor eſte cazo a Voſſa Santidade, acreſcentando haver ſabido revelaçoẽs do dito B. P. em quanto era vivo, que ſó a Deos, e a mim foraõ manifeſtas: teſtificando tambem que em quanto viveu em Franſa foi optimo vazo da Religiaõ, cheio de ſumma virtude; fundou muitos Conventos, e Igrejas, vivendo ſempre ſanta, e religiozamente. Temos igualmente conhecido ſeus candidiſſimos coſtumes, e ſua caſtiſſima vida mais pura que o ouro acrizolado, excedendo niſto a todos os mortaes, de ſorte que ainda em ſua vida era tido, e venerado de muitos por ſanto. Além diſto ſabemos que muitas coizas bentas por elle, e diſtribuidas a diverſas peſſoas, tem obrado infinitos milagres. Pelo que, Santiſſimo Padre, esforſados pela noſſa obrigaçaõ vos ſupplicamos eſta canonizaçaõ taõ piedoza, eſcrevendo a Voſſa Santidade com maior goſto para eſte effeito, e rogando a Deos noſſo Senhor que o conſerve ſempre em perfeita ſaude, e com felicidade contra os inimigos de noſſa Orthodoxa Fé. De Grenoble 1 de Junho de 1516.

De Voſſa Santidade

Devotiſſimo, e humilliſſimo ſervo

Lourenſo Biſpo de Grenoble.

CAR-

CARTA XV.

Da Camera de Scigliano ao Papa.

BEATISSIMO Padre, e Paſtor da univerſal Igreja; humildemente ſe ſupplica a Voſſa Santidade por parte dos noſſos Sindicos, e Officiaes jurados da Camera de Scigliano da Dieceze de Martorano, expondo, como neſtas terras noſſas convizinhas foi o B. Franciſco de Paula de vida ſantiſſima, o qual fundou muitos Conventos, e congregou muitos Santos PP., e Religiozos de converſaçaõ honeſtiſſima; em todo o tempo que morou nos Conventos de Paula, Paterno, e Spezzano recorriaõ a elle muitas, e diverſas peſſoas, entre as quaes algumas eſtavaõ gravadas com varias enfermidades, as quaes (cooperando a Divina graça) ſe acharaõ reſtituidas á ſaude antiga pelos merecimentos, e interceſſaõ do B. Franciſco, como conſta no prezente proceſſo incluzo, que vos mandamos feito por nós, e eſcrito pelos Notarios a eſte effeito deputados. Por tanto humildemente ſupplicamos a Voſſa Santidade, da parte dos noſſos ſupplicantes, ſeja ſervido numerar no cathalogo dos Santos o mencionado Franciſco de Paula, o qual, em quanto vivo, foi imitador dos Santos Padres, ſeguindo a noſſo Senhor JESUS Chriſto. Eſte dê a Voſſa Santidade prolongada vida, e victoria contra os Infieis; para que debaixo das bandeiras da Fé Catholica ainda os ſuperbos ſe humilhem. De Scigliano aos 4 de Janeiro de 1516.

De Voſſa Santidade

Muito humilde ſervo

O Capitaõ, e mais peſſoas do governo de Scigliano.

CAR-

CARTA XVI.

Da Camera de S. Bras ao Papa.

SANTISSIMO, e Beatiſſimo Padre, e Senhor, depois da noſſa humilde recommendaçaõ, e bejados os pés de Voſſa Santidade, expomos com brevidade o que ſuccedeu no noſſo Caſtello de Nicaſtro, deſde os noſſos antepaſſados até aos noſſos tempos, á cerca de milagres, e admiraveis factos do B. Franciſco de Paula, ſendo em tudo fielmente expoſto com atteſtaçoẽs veridicas, como Voſſa Santidade poderá ver; cujos milagres o B. Confeſſor tem obrado em nome do Salvador noſſo Senhor JESUS Chriſto, além da optima fama de outras ſantas acçoẽs, e obras, que ſaõ famozas na noſſa Provincia: e havendo formado proceſſo cozido, fechado, e lacrado, como convém, eſcrito por maõ de Notario Apoſtolico digno de fé, que remettemos, ſupplicamos a Voſſa Santidade com os joelhos dobrados, que ſe digne receber, e aggregar ao numero dos Santos ao B. Franciſco de Paula da Ordem dos Minimos pelos ſeus ſantiſſimos merecimentos; porque além do ſerviço, que Voſſa Santidade fará a Deos, receberemos huma ſingular graça. Do ſobredito Caſtello de S. Bras aos 4 de Janeiro de 1516.

De Voſſa Santidade

Devotiſſimos filhos

Os Officiaes da Camera do Cazal de S. Bras.

CAR-

CARTA XVII.

Da Terra de Regina ao Papa.

ALTISSIMO Pontifice, e Paſtor da Igreja univerſal, depois de haverem bejádo ſeus ſantos pés os humildes, e obedientes filhos da Séde Apoſtolica Simaõ Galeota de Napoles, Governador da terra de Regina, da Dieceze de Biſignano, e Luiz Galeota Aſſeſſor, e Juiz da meſma terra, com todo o povo ſupplicaõ com a inſtancia, e devoçaõ, que ſe requer, que ſe digne eſcrever na catalogo dos Santos ao admiravel Franciſco de Paula, gloriozo pela ſua ſantidade, illuſtre pellos ſeus prodigios: attendendo que toda a Calabria naõ ceſſa de acclamallo Anclito Santo, e gloriozo, ſem admittir duvida que reina com Chriſto no Ceo; em cuja atteſtaçaõ ſe manda a Voſſa Santidade as graças recebidas por elle, depoſtas na prezenſa do Reverendiſſimo Biſpo de Cariati, e do Veneravel Padre Fr. Lourenſo Clavenſi da Ordem dos Minimos, cujas atteſtaçoẽs ſe tem outras vezes mandado por nós fielmente examinadas, e com verdadeiro eſtilo eſcritas. Da noſſa Terra de Regina aos 9 Novembro de 1516.

De Voſſa Santidade

Humildes, e indignos ſervos

Simaõ Galeóta, e Luiz Galeóta de Napoles.

CAR-

CARTA XVIII.

Da Cidade de Amantea ao Papa.

BEATISSIMO Padre, e Paſtor da Igreja univerſal; depois de havermos humildemente bejado ſeus ſantos pés, e fazermos a devota, e continua recommendaçaõ, nos convém fazer certo a Voſſa Santidade parte das virtudes, e vida do B. P. Franciſco de Paula. Saberá pois que eſte Santo Padre pela religiaõ, ſantidade, e infinitos milagres foi celebre curando innumeraveis enfermos opprimidos, e atormentados de varias queixas, aos quaes todos, em virtude de Deos Omnipotente, ſarou, e livrou: como tambem haver entrado em huma fornalha ardente, e ſahido della illezo; e outros infinitos, e admiraveis factos impoſſiveis a fazer-ſe; dos quaes todos ſe dá hum verdadeiro teſtimunho com publica voz, e fama que clama veridicamente pelas noſſas terras. De modo que ſem rubor algum com os joelhos dobrados nos vemos obrigados a ſupplicar, como devota, e humildemente ſupplicamos, a Voſſa Santidade que por honra de homem taõ ſoberano da ſua Religioza Ordem, e para augmento da devoçaõ dos Catholicos, ſe digne aggregar ao dito Padre no numero dos Santos canonizados. De novo, e ſempre bejando ſeus pés, continuamente promptos a ſervir a Voſſa Santidade, concluimos pedindo humildemente ſua ſanta benſaõ. Da Cidade de Amantea 25 de Novembro de 1516.

De Voſſa Santidade

Obedientiſſimo, e devotiſſimo

O Senado, e povo de Amantea

CAR

CARTA XIX.

Da Cidade de Montalto ao Papa.

BEATISSIMO, e Santissimo Padre, depois de ter bejado os pés de Vossa Santidade, e recommendando-nos humildemente, saberá que nos nossos tempos nesta Provincia de Calabria tem florecido o B. Francisco de Paula da Ordem dos Minimos, homem celeberrimo em toda a virtude, o qual foi exemplar, e illustre por muitos milagres, que obrou, illuminando cegos, restituindo a fala áquelles, que estavaõ totalmente privados della, e livrando milagrozamente varios enfermos de diversas enfermidades, de modo que por todos commummente está reputado por Santo, e como a tal todos os dias se celebra. E assim como foi admiravel na terra entre os Catholicos, assim tambem cremos que se deve contar entre os Santos no Ceo. Supplicamos pois a Vossa Santidade com humildes rogos, se digne escrevello no numero dos outros Santos para que os outros servos de Deos com o seu exemplo áspirem ás mais altas virtudes, esperando sejaõ attendidas as nossas supplicas. De Montalto a 20 de Novembro de 1516.

De Vossa Santidade

Muito humildes filhos

Todo o povo de Montalto.

CARTA XX.

De Luiz de Aquino Baraõ de Caſtilhone ao Papa.

SANTISSIMO Padre, tem Deos obrado maravilhozos, e admiraveis eſpectaculos pelo meio de ſeus ſervos; e porque ſaõ innumeraveis, melhor he paſſallos em ſilencio, que referillos plenamente. Succede nos noſſos ſeculos que em Paula, terra de Calabria, illuſtre naõ ſó pelos oraculos, e vaticinios, mas tambem pelos eſtupendos, e diverſos milagres, os quaes nos tem obrigado, Beatiſſimo Padre, a ſupplicar com todas as forſas á voſſa Clemencia, e Santidade para que ſe digne collocar no catalogo dos Santos o B. Franciſco de Paula, como merecedor deſta graça, cujos admiraveis factos naõ ſe podem explicar. Eſte homem foi de grande bondade, de ſumma abſtinencia, e de vida ſanta, e perfeitiſſima, de modo que ninguem duvida que ſua alma immediatamente foſſe para o Ceo pelas ſuas acçoẽs, milagres, e prodigios, que obrou. Por eſte motivo cada hum, que recorre devotamente a elle, naõ duvida alcanſar a graça, que pertende. He conſtante que os navegantes aſſaltados das tempeſtades, chegaraõ pela ſua interceſſaõ ſeguros ao porto: os alejados, e outros opprimidos de infinitas doenſas foraõ reſtituidos á ſua antiga ſaude; e as mulheres afflictas nos ſeus partos invocando ſeu nome logo ſe acharaõ ſoccorridas. Por eſtes motivos naõ ceſſo de rogar, e ſupplicar á Voſſa Santidade que ſe digne numerallo no catalogo dos Santos, attendendo aos continuos clamores. E eu no entanto bejo ſeus ſantos pés. Aos 23 de Novembro de 1516.

De Voſſa Santidade

Luiz de Aquino Baraõ de Caſtiglone.

CAR-

CARTA XXI.

De Vicente Carrafa Conde da Grotterria ao Papa.

HUMILDE, e reverentemente ſe ſupplica á Santidade do P. noſſo Senhor, depois de haver bejado tres vezes a terra, onde tem ſeus pés, por parte de Vicente Carrafa Conde da Groterria na Provincia da Calabria Ulterior, expondo que entre os innumeraveis ſignaes, e milagres obrados nos noſſos tempos pelo Beato Franciſco de Paula, ſe prezencearaõ muitos com os proprios olhos do ſupplicante, e de Bernardina ſua mulher: por eſte motivo com os joelhos dobrados humildemente roga a Voſſa Santidade ſe digne numerallo, naõ ſem merecimentos, no cathalogo dos Santos, ſendo notorio a elle, e a ſua conſorte, que o B. Paulano ſahio illezo do ardente forno de cal, e com as maõs nuas teve humas brazas acezas para affervorar alguns incredulos, que eſtavaõ prezentes, que duvidaraõ da ſua ſantidade, de cuja admiravel acçaõ ficou elle intacto, e os mais creraõ a ſua verdade. Naõ devo paſſar em ſilencio haver ouvido a huma peſſoa digna de credito, chamada Bernardo de Caraccioli, que o B. Franciſco, no tempo que era Cardial o Reverendiſſimo Juliaõ dela Rovere (que depois aſcendeu ao Pontificado com o nome de Julio II. Predeceſſor de Voſſa Santidade) lhe vaticinou a ſua futura dignidade de Vigario de JESUS Chriſto, eſtando prezente o ſobredito Bernardo. Naõ deixará tambem de dizer como em hum ſitio dezerto, e árido (onde principiava a edificar huma Igreja) fez brotar huma milagroza fonte fóra da expectaçõ humana. Tem ouvido igualmente que hum pau muito grande, e pezado, que milagrozamente elle meſmo o tranſportou a outro ſitio, porque impedia o tranſito aos paſſageiros. Bernardina ſua conſorte eſtando peja-

da vio que hum irmaõ ſeu chamado Antonio, eſtando muito doente, ſe livrou da morte ſó com a devoçaõ de comer hum biſcouto, e hum pomo, que lhe mandou o Santo Homem, contra a opiniaõ dos Medicos, que o reputavaõ mortal. Naõ deixará ao ſilencio que havendo concorrido innumeravel quantidade de homens para verem os infinitos milagres deſte Santo, com hum ſó ceſto de paõ ſaciou a todos ſem falta alguma, quando apenas dez ceſtos naõ ſeriaõ baſtantes para ſatisfazellos, e hum fraſco de vinho ſempre ſe vio cheio, ainda que todos beberaõ delle; o que evidentemente foi manifeſto a todos. Por eſtas cauzas entrou a devoçaõ nos entendimentos humanos, e cada hum maravilhado o venera por Santo; e em tal qualidade o admira toda a Provincia. Humildemente pois com os joelhos por terra ſe ſupplica a Voſſa Santidade, por amor de JESUS Chriſto, cujas vezes exerce, que ſe digne collocar no catalogo dos Santos a eſte B. P. pelos ſeus merecimentos, e infinitos milagres, em fé dos quaes ſe fez a prezente aſſignada de propria maõ, e ſellada com o noſſo coſtumado ſello. Dada no Caſtello da Boccella da Dieceze de Hieraci na Ulterior Calabria a 6 de Dezembro de 1516.

Vicente Carrafa Conde de Grotterria

Humilde, e devoto ſervo de Voſſa Santidade

Supplica o que aſſima ſe contém.

CAR-

CARTA XXII.

Da Terra de Maida ao Papa.

DEVE Voſſa Santidade ſaber, Beatiſſimo Padre, como nós a Camera, e mais homens da Terra de Maida da Provincia de Calabria, depois de haver bejado ſeus ſantos pés, e recommendados ás ſuas oraçoẽs, certificamos que attendendo á muito ſincera, e irreprehenſivel vida do B. Franciſco de Paula noſſo compatriota, no tempo, que eſtava entre os mortaes, tomamos a rezoluçaõ de fundar na noſſa Patria hum Convento de ſua Ordem, movidos dos eſtupendos milagres, e prodigios, que elle obrou; cujo Convento certamente nos tem ajudado muito, e eſperamos que no futuro nos ajudará muito mais em virtude das oraçoẽs, prédicas, ſantos coſtumes, bons exemplos, e honeſtas virtudes dos Religiozos da meſma Ordem, que nelle moraõ; e por eſte motivo eſtamos obrigados, para evitar a nota de ingratos, a ſupplicar a Voſſa Santidade que affervore a canonizaçaõ deſte B. Franciſco, numerando-o com ſeu ſummo poder Pontificio entre os Santos, e ſe digne deputar hum dia para a ſolemnidade de ſua feſta, por quanto os merecimentos da ſua ſantidade obraõ em Voſſa Beatitude, fazendo-o celebrar em todo o Univerſo, aſſim como elle roga na prezenſa de toda a Trindade Santiſſima para que Voſſa Santidade governe juſta, e ſantamente a Igreja, que lhe eſtá commettida, e depois deſta vida ſeja Voſſa Santidade conduzido á gloria eterna por infinitos ſeculos. Amen. De Maida 10 de Dezembro de 1515.

De Voſſa Santidade

Filhos, e ſervos em JESUS Chriſto

O Vigario, o Capitaõ, o Sindico, o Meſtre jurado, e a Camera da Terra de Maida.

CARTA XXIII.

Do Conde de Arena ao Papa.

BEATISSIMO Padre, coſtumavaõ os antigos reveſtidos neſtas humanas mizerias, com vaõs louvores elevar ao Ceo aquellas peſſoas, que reſplandeciaõ em bens temporaes; e combatidos do fumo deſtes lizongeiros ſe ſubmergiaõ no fim nas ſenſualidades, de modo que ſatisfeitos de ſi meſmos, e amantes do amor proprio naõ divizavaõ o ſummo bem em parte alguma. Tanto ſe extendeu antigamente eſte vaõ louvor entre os mortaes, que depois com o curſo do tempo foraõ loucamente adorados por deozes, fazendo-ſe huns filhos de Jupiter, outros de Marte, ou de outros ſimilhantes. Porém chegando a verdadeira luz a illuſtrar os mappas, e deſcobrindo-ſe o caminho, a verdade abominando todos os conceitos em louvor dos infieis profanos, os Eſcritores mais avizados, e piedozos, que ſucceſſivamente floreceraõ no mundo, dirigiraõ os meſmos elogios em louvor, e gloria de JESUS Chriſto noſſo Senhor, e noſſo Salvador á ſua caridade ineffavel, e de ſeus ſantos ſervos, e ſeus imitadores. Os quaes porque com ſumma conſtancia tem ſuperado os martyrios, domado a carne, e vencido o demonio, os Summos Pontifices ſucceſſores de S. Pedro ſe moveraõ, illuminados pelo Eſpirito Santo, a declarallos no catalogo dos Santos. O' quanta he a gloria daquelle Pontifice, que teve por ſorte no ſeu tempo eſcrever neſte catalogo o nome de algum Santo, por cujos merecimentos o Summo Monarca o eſcreveu no Ceo no livro dos viventes! Ora pois entre eſtes Pontifices vós ſois nos noſſos tempos o ſummo Sacerdote Santo, que brilhais grandemente em caridade, e ſantidade. No voſſo tempo ſe trata da ſantidade do B. Franciſco de Paula; eu me admiro, tremo, (vendo que Deos o tem illuſtrado tanto) os

Ceos

Ceos ſe maravilhaõ, a terra o venera, e parece que a Omnipotencia Divina lhe poz todas as coizas debaixo dos pés, os peixes do mar, os volateis do Ceo, os animaes terreſtres, e ainda as féras dos boſques; reſuſcitaõ os mortos, limpaõ-ſe os leprozos, párem as mulheres eſtereis, e toda a natureza tem obedecido a ſeu mando, porque as peſſoas anciaãs tem concebido, as arvores infructuozas tem florecido, e produzido fructo, o fogo perde ſua virtude, nos ſitios áridos fez brotar fontes, que até ao tempo prezente ſe admiraõ, além de infinitos ſignaes, que nos tem deixado eſte grande amigo de Deos com univerſal admiraçaõ. Eſte Santo Padre naõ ſó he o Auctor da quinta Regra, mas deſde ſuas mantilhas foi vazo eleito admiravel para a poſſe do Ceo, e para a conſervaçaõ do ſeculo. Eu paſſaria mais adiante, Beatiſſimo Padre, demorando-me nos factos dos ſignaes, que o ſummo Creador tem demonſtrado ſobre a innocencia, e ſantidade deſta ſua creatura, ſe naõ me faltaſſem as forſas, e ſe me foſſe licito tomar o tempo a Voſſa Santidade com as minhas palavras. Por cujo motivo eſtou obrigado vir ao proprio facto, o qual ſuccedeu com meu Pai, que tinha grande amor, e affecto a eſte B. P., em cuja atteſtaçaõ me impoz o nome de Franciſco na pia do baptiſmo, e eu me confeſſo ſummamente obrigado entre todos ſeus devotos. Sendo pois precizo a meu Pai ir ao cerco de Otranto com outros ſoldados para combater os Turcos, chegou á terra do Santo Padre, onde por devoçaõ, e reverencia, que lhe tinha, lhe ſupplicou que rogaſſe a Deos para que o livraſſe de perigo naquella acçaõ. Recebeu da ſua maõ huma véla, que naõ parecia fabricada por maõ humana, que lhe havia de ſervir de eſcudo para defendello de toda a offenſa, e perigozo accidente; e o meſmo ſuccedeu a todos ſeus camaradas, que o ſeguiaõ. Com eſte ſanto mimo meu Pai, e todos os mais, que aſſiſtiraõ debaixo dos muros da Cidade ſitiada, ficaraõ livres do fogo, e das ballas, que diſparavaõ de den-

tro da praça, e tambem da enfermidade contagioza, que entrou no exercito, que conſumio muita parte delle; ſó morreu hum ſoldado, que deſprezou o mimo da véla, experimentando huma morte cruel. Ajunto a eſte numero de milagres dous filhos meus, hum de idade de tres annos, e outro de dous, que acommettidos no meſmo tempo deſta febre contagioza, alienados dos ſentidos, e proximos á morte, recommendando-os a Mãi ao ſervo de Deos Franciſco de Paula, ambos foraõ reſtituidos á vida. O' quanto he digno de louvor Deos nos ſeus Santos! pois naõ ceſſa de verificar na peſſoa deſta creatura eſcolhida o que falou pela boca de S. Marcos dizendo: *Sobre os enfermos imporáõ ſuas maõs, e teraõ ſaude.* De modo que no meſmo dia, que ſe entendia ſe haviaõ de ſepultar, deſappareceu a febre incuravel, auzentaraõ-ſe as dores, e foraõ reſtituidos ao calor natural, de ſorte que ſe foſſem viſtos taõ gravemente opprimidos, ninguem daria credito que eſtiveraõ enfermos. Paſſo em ſilencio que a minha conſorte padecendo hum apoſtema em hum peito, eſtando pejada de outo mezes, receando o aborto, applicou ſobre o peito o cordaõ do B. P., que hum Religiozo, que veio de Franſa, lhe havia dado; naõ ſó ſe vio livre do aborto, mas em quanto o teve ſobre ſi naõ ſentia nem dor, nem a febre, que lhe occazionava o tal apoſtema. Naõ deixarei de referir outro cazo claro, e indubitavel, que ſuccedeu vindo a minha caza hum Religiozo de ſua Ordem, que naquelle tempo occupava o lugar de Corrector do Convento de S. Bras, com motivo de pedir-me huma eſmola, a qual lha dei; e querendo eſte Padre obſequiar-me, eſtando prezentes muitas peſſoas da minha familia, me deu hum bocado da tunica do B. Franciſco: querendo eu dar a cada hum dos meus domeſticos huma reliquia, cortei em vinte pedaços muito miudos o bocado da tunica, attendendo ao numero dos que eſtavaõ prezentes; entrando depois a repartir (confiado no B. Franciſco que em honra, e gloria de Deos moſtraria algum ſignal para

para que naõ foſſe notoria a minha intenſaõ) eſcondi nas minhas maõs algumas das porçoẽs, que havia cortado : cazo admiravel ! naõ ſó ſe diſtribuiraõ entre os circumſtantes as vinte reliquias, mas tambem milagrozamente ſe augmentaraõ; e concorrendo o povo daquella terra, ſe diſtribuiraõ cento mais das meſmas; e depois abrindo a maõ, nella achei dos vinte bocádinhos ainda ſete. Tambem naõ deixarei de dizer que da imagem, ou retracto, que conſervo no meu Oratorio, deſte B. Paulano, ſahiraõ brilhantes raios de luz, que pela meia noute illuminaraõ toda a caza; e o meſmo me referio hum Religiozo, e devoto homem Cartuziano haver-lhe ſuccedido, eſtando de joelhos orando diante da meſma imagem. Poſſo tambem dizer que tendo minha mulher hum continuado ſoluço, que lhe cauzava vómito, ſeguindo-ſe huma grande dor nas fauces, e no peito, que apenas podia engolir a ſaliva, nem licor algum, e vindo á minha caza hum Religiozo, como mandado por Deos, que trazia hum inſtrumento de ferro tinto de ſangue, com que o B. P. macerava ſuas carnes, e applicando o ferro ſobre o peito da doente, inſtantaneamente ceſſou a dor, e o vómito, e principiou a comer livremente. Outras coizas mais diria, ſe naõ attendeſſe que Voſſa Santidade naõ neceſſita de exhortaçoẽs para obra taõ ſanta. Sirva-ſe pois dignar-ſe que aſſim como Deos tem illuſtrado a eſte B. com milagres, e honrado no Ceo, aſſim queira eſcrevello no rol dos Santos para que na terra ſeja venerado para confuzaõ dos Hereges, e commodo dos Fieis de JESUS Chriſto; que eu naõ menos humilde, que devoto naõ ceſſo de recommendarme. Guarde Deos a Voſſa Santidade, e lhe conceda os annos de S. Pedro, com cuja fortaleza venſa os inimigos da Séde Apoſtolica. Do Caſtello de Arena aos 17 de Dezembro de 1516.

De Voſſa Santidade

Humilde ſervo, e devoto

Joaõ Franciſco Conde de Arena.

CAR-

CARTA XXIV.

Da Cidade de Paula ao Papa.

NAõ teriamos a confianſa de recorrer aos pés de Voſſa Santidade, Beatiſſimo Padre, para naõ ſermos notados de temerarios, ſe naõ tiveſſemos conhecido a Voſſa Santidade entre todos os homens mais humano, e clementiſſimo, de modo que naõ falta Voſſa Santidade com ſua magnificencia em gratificar ainda áquelles, que nunca tem viſto. Por eſte motivo nós naõ duvidamos com ſumma eſperanſa alcanſar, e impetrar o que dezejamos. E porque o B. Franciſco noſſo Cidadaõ de Paula, no tempo que viveu entre nós, foi viſto eſtar em continuos jejuns, vigilias, e outros optimos coſtumes, e obras ſantas, cuja Religiaõ pela ſua ſantidade, e louvavel vida, pela graça de Deos ſe extende por todo o Univerſo, onde tem lugar a Fé Catholica; cremos que o mencionado B. com muito merecimento he digno de eſtar no numero dos Santos: por cujo motivo de joelhos humildemente ſupplicamos a Voſſa Santidade, que conſideradas as obras, que praticou aſſim na ſua vida, como depois da morte, e que cada dia pela ſua interceſſaõ obra Deos, dos quaes prodigios ſomos nós teſtimunhas, queira, ſegundo ſeus merecimentos, canonizallo, e eſcrevello no numero dos Santos, para que ſeja venerado na Igreja Militante, aſſim como goza da gloria na Triunfante: o que ſuccedendo no ſeu Pontificado, como eſperamos, nós e toda a poſteridade ficará perpetuamente obrigada a Voſſa Santidade. Deos ſalve a Voſſa Santidade em JESUS Chriſto, Pai clementiſſimo, e nos tenha por recommendados nas ſuas oraçoẽs. De Paula aos 26 de Dezembro de 1516.

De Voſſa Santidade

O Senado, e povo de Paula.

CAR-

CARTA XXV.

Da Cidade de Paterno ao Papa.

DEPOIS de bejar os pés a Voſſa Santidade, ſe ſupplica por parte de Branchio de Michaeli com todo o povo de Paterno da Dieceze Conſentina, para que ſe digne Voſſa Santidade que o B. Franciſco Paulano ſeja eſcrito no catalogo dos Santos, o qual na noſſa terra, antes que paſſaſſe a Franſa, fundou hum egregio Convento, e illuſtrou toda a Calabria com exemplar converſaçaõ, e pias advertencias; reſtituio á ſaude os que eſtavaõ opprimidos de qualquer enfermidade; ſoccorreu a todos os afflictos, e os dirigio no caminho da ſalvaçaõ. Reſuſcitou muitos mortos, como mais evidentemente conſta no proceſſo, que a Voſſa Santidade ſe remette, feito por dous fideliſſimos Notarios, que o formaraõ veridicamente, para que mais claramente conſte com quanta gloria Deos o tem illuſtrado, que ſegundo o noſſo juizo, e pelo commum applauzo, e parecer de toda a Calabria, he reputado digno de ſer venerado de todo o Univerſo. Por cuja cauza ſupplicamos de novo com toda a inſtancia, queira pôr no numero dos Santos ao mencionado B. P. Franciſco; poſto que naõ ſó imitou as vidas dos Santos, mas tambem excedeu a muitos em aſpereza, e na gloria de milagres evidentiſſimos, porque ſaõ infinitos entre nós os que o Senhor por ſua interceſſaõ tem feito, e cada dia obra. A Deos noſſo Senhor rogamos conceda a Voſſa Beatidade a felicidade eterna. Da noſſa Terra de Paterno o anno do Parto Virgineo 1517 aos 7 de Janeiro.

Branchio de Michaeli Meſtre jurado de Paterno com todo o povo.

De Voſſa Santidade indignos ſervos.

CAR-

CARTA XXVI.

Da Terra de Altillia ao Papa.

DEPOIS de bejar a terra tres vezes, ſupplicamos a Voſſa Santidade que ſe digne canonizar o B. Franciſco de Paula, o qual, eſtando na Provincia de Calabria, foi de aſperiſſima vida, e exemplariſſima converſaçaõ, cheio do Eſpirito Santo, e da Sabedoria infinita, e de tanta perfeiçaõ, que deſde a ſua infancia ſe augmentava de virtude em virtude, por cujo motivo recorriaõ a elle os Reinicolas affligidos em chuſmas, e todos ficavaõ conſolados aſſim no corpo, como no eſpirito: de modo que os peccadores ficavaõ compungidos em ſuas conſciencias, e os enfermos ſaõs em ſuas enfermidades; e coſtumava dizer aos peccadores que purificaſſem ſuas conſciencias de tal peccado, de tal ſorte que muitos por ſuas admoeſtaçoẽs ſe ſalvaraõ; e já iſto ſuccedeu ha 60 annos; e eſta grande fama de ſantidade conſervou ſeu nome entre nós com grande reſpeito pelos infinitos milagres, que obrava em virtude de JESUS Chriſto; os mortos reſuſcitavaõ, os cegos recebiaõ viſta, os leprozos ſe alimpavaõ, e os mudos recuperavaõ a fala, naõ ſó ſarando da enfermidade accidental, mas tambem daquellas, com que naſciaõ. Por eſte motivo temos mandado a Voſſa Santidade naõ poucas atteſtaçoẽs dos milagres eſcritos por dous Notarios Apoſtolicos, dignos de fé, obrados no noſſo povo, ſupplicando novamente a Voſſa Santidade que eſte B. Franciſco taõ puro, juſto, ſanto, e gloriozo, ſeja honrado, e adorado por todos na Igreja univerſalmente, aſſim como toda a noſſa Calabria o reputa digno, porque tem imitado os ſantos paſſos de noſſo Salvador. Eſte ſantifique, e beatifique a Voſſa Santidade, para que com o ſeu rebanho goze do celeſtial triunfo.

De

De Altillia Dieceze de Cossencia aos 10 de Janeiro de 1517.

Os humildes, e obedientes filhos

Angelo Pagliusio Mestre jurado,
e Pascoal Sindico de Altillia.

CARTA XXVII.

Da Cidade de Cossencia ao Papa.

GRANDE dezejo temos, Beatissimo Padre, da canonizaçaõ do B. Francisco de Paula, naõ tanto porque he nosso compatriota, quanto pela santidade de sua vida, infinitos, e grandes milagres, e graças, que delle temos recebido (além das forsas da natureza humana naõ sem adjutorio Divino) he merecedor de escrevello no catalogo dos Santos: o que tudo poderá Vossa Santidade conhecer no processo de sua vida, que diligentissimamente foi escrito, e formado. Por cuja cauza esta sua Cidade de Cossencia, cabeça principal da Calabria, posta de joelhos humildemente supplica se digne Vossa Santidade canonizar o mencionado Francisco: conceda esta graça, Beatissimo Padre, a esta sua devota Cidade, que facilmente póde fazello; por cujo beneficio perpetuamente lhe seremos obrigados. Conceda isto ao nosso B. Francisco, que lembrado de tanto beneficio, rogará a Deos que a Igreja, suas pertensas, e todos os seus seraõ prosperos, e beneficiados. Conceda isto ao nosso Redemptor, a quem he gratissimo o augmento dos Santos; que no fim de seus dias receberá a Vossa Santidade na sua prezensa alegremente. Deos salve a Vossa Santidade unica honra da Republica Christãa. De Cossencia aos 3 de Março de 1517.

De Vossa Santidade

O Senado, e povo de Cossencia.

CAR-

CARTA XXVIII.

Da Cidade de Catanzaro ao Papa.

BEATISSIMO Padre, depois de bejar tres vezes a terra diante dos voſſos pés, ſendo conſtante que a canonizaçaõ dos Santos por todos os motivos pertence unicamente á Voſſa Santidade; ſendo pois o B. Franciſco de Paula de naçaõ Calabrês, deſde ſua infancia até os annos mais maduros viveu ſantamente a conſumaçaõ da vida, ſem dar lugar a duvidar de ſua ſantidade, pelas ſuas admiraveis acçoẽs, notorios factos, bons coſtumes, e extremas fadigas. Por cujo motivo toda eſta noſſa Provincia (pelo favor do Senhor) eſtá illuſtrada com ſeus milagres, ſarando enfermos, e obrando outros milagrozos factos, os quaes ſem eſpecial graça naõ podem obrar os homens, como mais largamente ſe lê nas noſſas atteſtaçoẽs examinadas a noſſo requerimento por dous Notarios Apoſtolicos. Ainda que ſe podiaõ demonſtrar coizas maiores, mais eſtupendas, e maravilhozas, ſe ha mais tempo ſe tiveſſe procedido ao exame; porque pelo decurſo do tempo morreu grande parte das peſſoas, que plenamente podiaõ declarar a verdade, além dos Senhores, e Titulos, que devotamente recorriaõ ao B. Franciſco. Por cuja cauza rogamos a Voſſa Santidade que, attendendo á informaçaõ dos ſobreditos, e outros infinitos milagres obrados por taõ bemaventurado P., queira dignar-ſe eſcrevello no rol dos Santos, para que Deos conſerve a Voſſa Santidade por dilatados tempos. De Catanzaro aos 26 de Dezembro de 1517.

De Voſſa Santidade

Humildes ſervos

A Camera, e povo de Catanzaro.

CAR

CARTA XXIX.

Do Viſconde, e da Cidade de Nicaſtro ao Papa.

DEPOIS de haver bejado a terra na voſſa prezenſa, Altiſſimo Prezidente, e Paſtor meritiſſimo da univerſal Igreja, humildemente ſupplicaõ o Viſconde, o Sindico, Meſtre jurado, e todos os Nobres, e Cidadoẽs da Cidade de Nicaſtro, filhos obedientes da Séde Apoſtolica, que o milagrozo, e gloriozo Franciſco de Paula, illuſtre em ſignaes, e prodigios, reſplandecente luz da noſſa Religiaõ, ſe digne eſcrevello no catalogo dos Santos, porque toda a noſſa Calabria o acclama por Santo, e naõ duvida que reina inclitamente com Chriſto: em cuja atteſtaçaõ, além das graças, que cada dia recebemos delle, temos feito examinar alguns dos noſſos Cidadoẽs ſobre as admiraveis acçoẽs, vida, e fama deſte B. Paulano, ſendo recebidos ſeus depoimentos por fieis Notarios, que canonicamente os eſcreveraõ, e ſellados com o noſſo coſtumado ſello, para que Voſſa Santidade mais facilmente attenda as noſſas ſupplicas, que eſte taõ perfeito, juſto, e ſanto homem, que imitou os Santos PP., ſeja declarado no numero dos Santos da Igreja univerſal, aſſim como todos o reputamos digno da tal honra, para que interceda por nós na prezenſa do noſſo Salvador, e para que augmente a Voſſa Santidade os dias de Pedro. Da noſſa Cidade o penultimo de Dezembro de 1517.

De Voſſa Santidade

Muito humildes ſervos

O Viſconde, e Camera de Nicaſtro.

Ajun-

Ajuntámos todas eſtas cartas, que tranſcreveu o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi na obra da vida de N. S. Patriarca, que deu á luz no anno de 1726, as quaes, ſegundo affirma, as copiou de Paulo Regio, que teve a devoçaõ de ajuntar aquellas, que eſtavaõ em fer: e provavelmente ſeriaõ mais as que ſe eſcreveraõ ſobre eſte aſſumpto; porém o deſcuido dos homens ſeria a cauza de ſe perderem.

Naõ fomos exactos em traduzir eſtas cartas, porque nos contentamos, para ſatisfazer a devoçaõ dos pios leitores, naõ faltar á ſubſtancia dellas, parecendo-nos importuno ſeguir as leis da rigoroza traducſaõ.

CAPITULO V.

Novos proceſſos, que ſe fizeraõ para ſua Canonizaçaõ; novos milagres, que Franciſco fez neſte tempo.

QUERENDO o Papa Leaõ X. dar fim a eſta empreza da canonizaçaõ de Franciſco, aſſim para honrar ſeus merecimentos com a gloria accidental, que elle meſmo tinha pela grande obrigaçaõ, que deſde menino devia ao Santo, e ultimamente para correſponder ás fervorozas, e continuas inſtancias dos Reys Chriſtianiſſimos, Principes do ſangue do meſmo Reino, e muitas Cidades, e terras da Calabria, que naõ ceſſavaõ de reprezentar ſuas ſupplicas; determinou que ſe fizeſſem novos proceſſos, e ſe examinaſſem com cuidado ſe eraõ conformes nas depoziçoẽs das teſtimunhas aos que ſe haviaõ tirado antecedentemente. Deu-ſe cumprimento a eſta averiguaçaõ no anno de 1516. No entanto que ſe trabalhava na canonizaçaõ foi Deos ſervido comprovar a ſantidade de Franciſco com outros novos milagres, ou por melhor dizer, confirmar as antigas maravilhas, que ſe provavaõ nos proceſſos, com novos prodigios.

O P. Bernardino Gironda natural de Eſquilace

na Calabria ulterior, ſendo Corrector do noſſo Convento de S. Brás da meſma Provincia, foi a Soreto, terra da Calabria, viſitar ao Conde de Arena Senhor daquelle lugar; e aſſim a eſte Fidalgo, como a outros, que ſe achavaõ na ſua caza, pedio huma eſmola, para fazer huma imagem do Santo, que por eſtar já beatificado, ſe devia expor ao culto publico. Recebendo de todos huma grandioza eſmola deu ao Conde de Arena hum bocadinho de tunica do Santo, que repartiſſe entre aquelles Cavalheiros, que concorreraõ para aquella obra em agradecimento da eſmola, que havia recebido. Tomou o Conde nas ſuas maõs a reliquia para fazer a repartiçaõ della: e como concorreſſe hum grande numero de peſſoas pedindo cada qual hum bocadinho, do quinhaõ, que tinha rezervado para ſi o Conde, repartio a mais de cem peſſoas; e depois de eſtarem todos ſatisfeitos, ainda lhe ficaraõ ſete pedacinhos. Cauzou eſta multiplicaçaõ naõ pequena alegria pelo prodigio, que experimentaraõ; porém fez maior admiraçaõ o que ſuccedeu a Jacob Laccone Doutor formado em ambos os Direitos, que teve a fortuna de participar de hum bocadinho.

Padecia havia vinte dias huma febre muito ardente, que naõ queria ceder á forſa dos remedios, que os Medicos lhe applicavaõ; lembrou-ſe que tinha o bocadinho da tunica de Franciſco, mandou que lha levaſſem á cama, e applicando-o ao peito, onde o conſervou, athéque pegando no ſomno teve a ſeguinte reprezentaçaõ.

Parecia-lhe que eſtava junto a huma fonte acompanhado de muitos Religiozos Minimos, que lhe faziaõ roda, e hum delles lhe diſſe: *Tem fé; que cedo eſtarás bom*: e outro lhe aſſegurava que depreſſa chegaria a alcanſar ſaude; e todos ultimamente lhe daõ eſperanſas, que brevemente eſtaria livre da ſua noleſtia. Pareceu-lhe depois que hum dos Religiozos he adminiſtrou hum copo de agua tirada daquella onte, e bebendo-a ſentio huma grande conſolaçaõ.

Acabou a viſaõ, e tambem o ſomno, acordando banhado em hum copiozo ſuor, que o deixou limpo de febre, e totalmente bom.

Alcanſou outra reliquia do meſmo bocado de tunica Pandolfo Broccone do meſmo lugar de Soreto; e como o tiveſſe guardado em huma caixa grande, abrindo hum dia eſta para procurar huma coiza preciza, e eſtando hum filho ſeu ainda menino junto á caixa, por deſcuido cahio a tampa della ſobre a maõ do menino, que todos ſe perſuadiraõ que ficaſſe, além de pizada, feita em pedaços. Applicou-lhe logo a reliquia, e inſtantaneamente naõ ſó naõ ſentio o menino as dores, que o obrigaraõ a chorar, e gritar, mas tambem ficou illezo da maõ ſem conhecer-ſe damno algum. Além deſte milagre, que experimentou no filho, admirou outro em ſi meſmo: ſobreveio-lhe huma grande inchaçaõ na cara, peſcoço, e peito, que lhe impedia o comer, e o beber, e ainda a fala. Havendo tomado muitos remedios, que todos ſahiraõ fruſtrados, mandou buſcar a reliquia, e applicando-a á garganta, mandando rezar hum Padre noſſo, e huma Ave Maria a huma menina innocente ſua filha, logo ſe lhe tirou a a inchaçaõ com admiraçaõ de todos.

Voltando de Coſſencia para Altila Bernardino Provenciano, lhe ſobreveio na jornada huma inflammaçaõ na cara, que quando chegou a ſua caza tinha a cabeça já diſforme, e a cara ſem figura humana, de ſorte que por naõ ſe lhe conhecer onde tinha a boca, naõ recebeu o Sagrado Viatico. Sua mulher penetrada de hum grande ſentimento, invocou o nome de Franciſco ſeu compatriota, lembrada de ſuas grandes virtudes, que ſe renovavaõ na memoria pela diligencia, que ſe andava fazendo para formar os proceſſos para ſua canonizaçaõ. Prometteu que, ſe ſeu marido melhoraſſe, andaria toda a ſua vida com o habito da Terceira Ordem, que o Santo inſtituio. Naõ ſe paſſaraõ duas horas depois deſte voto, quando o marido abrio os olhos, e a boca; e ſe vio livre da inchaçaõ, que havia padecido ſem comer, nem beber trinta e quatro dias.

CAPITULO VI.

Franciſco I. Rey de Franſa promove ſua canonizaçaõ á cerca do Papa Leaõ X.

MULTIPLICAVAÕ-SE as inſtancias dos Principes, e as ſupplicas dos povos na Séde Apoſtolica para afervorar a canonizaçaõ do noſſo Santo. Leaõ X. deu primeiramente a commiſſaõ de examinar os proceſſos a tres Cardiaes, os quaes foraõ o Cardial Domingos Rafael Rioiro Biſpo de Oſtia, o Cardial Antonio del Monte do titulo de Santa Praxedes, e o Cardial Alexandre Farnezio, Cardial Diacono de Santo Euſtaquio, que depois foi eleito Pontifice tomando o nome de Paulo III. Além do P. Franciſco Binet Procurador Geral da Ordem, que ſolicitava eſte negocio, ſerviraõ de Procuradores ao meſmo tempo Franciſco de Fulcaõ Conego de Baiona, e depois Biſpo de Carcaſſona, e Guilherme Bergognet Secretario do Cardial Jaccobaci, ambos penſionados pelo Rey Chriſtianiſſimo.

Foi precizo para evacuar outros negocios, que ElRey Franciſco I. mandaſſe a Roma tres ſugeitos com o caracter de Embaxadores, os quaes foraõ Dionyzio Briconet Biſpo de S. Maló, Joaõ Lucas Deaõ de Santa Cruz de Orleans, e Antonio Rufino de Pothon. A eſtes pois encarregou ElRey ſolicitar a canonizaçaõ do noſſo Santo: o que fizeraõ com baſtante actividade; porque o Papa deputou outros tres Cardiaes para o exame, os quaes foraõ o Cardial Nicolau Fieſchi Biſpo de Albano, que depois foi Decano do Sacro Collegio, o Cardial Domingos Jacobacci do titulo de S. Bartholomeu da Ilha, e Joaõ Salviati Cardial Diacono, e ſobrinho de Leaõ X.

Chegou finalmente o dia do conſiſtorio, em que ſe devia propor a cauza. Jacob Simoneta, que naquelle tempo era Auditor da ſagrada Rota, e depois foi

Cardial, e Biſpo de Peruzia, fez huma elegante relaçaõ da vida, milagres, e virtudes de Franciſco, cuja copia authentica junta com todos os proceſſos ſe conſervaõ manuſcritos no Arquivo deſte Real Convento de Lisboa deſde que veio a eſte Reino o Auctor da Vida hiſtorica, que por acazo lhe chegou á maõ. Depois foraõ aprezentadas as ſupplicas por parte da Igreja, cuja ceremonia fez o Doutor Angelo Ceſi, naquelle tempo Advogado conſiſtorial. Em outro conſiſtorio os Cardiaes deputados informaraõ que havendo examinado todos os proceſſos, que ſe remetteraõ á Curia, aſſim de Franſa, como de Italia, naõ achavaõ coiza alguma, que ſerviſſe de obſtaculo para ſe proceder á canonizaçaõ, que ſe pedia: e fizeraõ tambem ſua relaçaõ das acçoẽs de Franciſco rezumidamente. Neſte conſiſtorio o Advogado Angelo Ceſi reprezentou o merecimento das virtudes de Franciſco, o numero dos milagres, as inſtancias dos Reys, e Principes, e as ſupplicas dos povos ſobre eſta materia, que ſe tratava; que tudo ſe fazia digno de particular attençaõ para maior gloria de Deos, exaltaçaõ da Igreja Catholica, e para maior honra de Franciſco devia Sua Santidade declarallo ſolemnemente entre o numero dos Santos.

Celebraõ-ſe depois outros conſiſtorios, nos quaes o Pontifice recebeu os votos dos Cardiaes, e de todos os Patriarcas, Arcebiſpos, e Biſpos, que ſe achavaõ naquella occaziaõ em Roma: mandou que ſe fizeſſem preces publicas, e particulares em toda a Cidade para implorar o Divino auxilio em negocio de tanta importancia, ſegundo o coſtume. Finalmente chegou o dia taõ ſuſpirado, primeiro de Maio do anno de 1519 dedicado á glorioza memoria dos Santos Apoſtolos S. Filippe, e Sant-Iago, ſendo a Dominica chamada vulgarmente de Paſcoela, ou *in Albis*, ſegundo o rito da Igreja, no anno ſexto do Pontificado ſe celebrou eſta funſaõ com rara magnificencia, eſtando toda a Bazilica do Vaticano armada de nobiliſſimos pannos de Raz, teci-

tecidos de retroz, e ouro, reprezentando os principaes myſterios da vida do noſſo Redemptor (eſta armaçaõ mandou ElRey Chriſtianiſſimo Franciſco I. para eſte effeito a Leaõ X., e ficou depois para ſerviço da Igreja de S. Pedro, na qual ſó ſe vê na funſaõ de *Corpus*). Além deſte generozo mimo concorreu ElRey Franciſco, juntamente com ſua Mãi a Duqueza de Angoleme D. Luiza de Saboia, com todas as deſpezas, que ſe fizeraõ para eſte acto. Na Miſſa ſolemne ſe fizeraõ as offertas coſtumadas em ſimilhantes funſoẽs, pelos Embaxadores da Coroa de Franſa do modo ſeguinte. Monſenhor Dionyzio Briconet, Biſpo de S. Maló, offereceu duas tochas, e duas rolas vivas dentro de hum ceſtinho dourado. Joaõ Luca, Deaõ da Sé de Santa Cruz de Orleans, prezentou dous paẽs, hum dourado, e outro prateado, com duas pombas brancas dentro de outro ceſtinho prateado; e Antonio Raufim de Pathon offereceu dous barrilzinhos de vinho, hum dourado, e outro prateado, e hum ceſtinho com varias aves vivas.

Cantou a Miſſa o meſmo Papa, e depois mandou expedir a Bulla, que principia *Excelſus Dominus*, lavrada por Monſenhor Jacob Sadoleto, que ſervia neſſe tempo de Secretario, e depois pelos ſeus merecimentos foi Cardial. Celebrou Leaõ X. eſta funſaõ com tanto goſto, que chegou a confeſſar fora o maior, que teve na ſua vida depois que ſobio ao throno: porque tendo o coraçaõ penetrado de hum grande ſentimento pela apoſtazia de Luthero, e dos irreparaveis damnos, que occazionava á Igreja de Deos; eſta canonizaçaõ lhe deu grande conſolaçaõ por ver na Igreja hum novo Protector, que com a penitente vida, com que ſe conduzio, e determinou para que ſeus filhos obſervaſſem, deſtruia muitos erros, que ſemeava eſte Hereziarca entre os Catholicos.

Aſſim que chegou a noticia a Franſa, ElRey Franciſco I., a Rainha D. Claudia, e a Duqueza de Angoleme D. Luiza de Saboia receberaõ tanto goſto,

que ſe intereſſaraõ em mandar fazer em todas as Cidades as maiores demonſtraçoẽs de alegria. ElRey Chriſtianiſſimo mandou cunhar humas medalhas com o buſto do noſſo Santo com a ſeguinte inſcripçaõ: *Regiæ Stirpis propagatori* para eterno monumento publico, manifeſtando quanto vivia agradecido a S. Franciſco de Paula. Deſde que chegou a noticia da canonizaõ, aſſim ElRey, e Rainha, como a Duqueza de Angoleme, quando ſe offerecia articular o nome do Santo, a quem davaõ o titulo de *Noſſo P. S. Franciſco de Paula*, as Senhoras faziaõ huma inclinaçaõ profunda, e ElRey deſcobria a cabeça em ſignal de veneraçaõ (*ddd*). Todos os Principes do ſangue, e os mais Fidalgos da Corte, á imitaçaõ das Mageſtades, celebraraõ eſta noticia ſem poupar deſpezas. Naõ foraõ menores as feſtas, que ſe celebraraõ na Italia, eſpecialmente na Calabria, que lhe tinha ſervido de berço. Determinou o Pontifice que ſe fizeſſe a feſta do noſſo Santo o dia dous de Abril; e o dia quatro de Maio para que naõ ficaſſe eſquecida a ſolemnidade da canonizaçaõ mandou celebrar a memoria della.

CA-

(*ddd*) Incredibilis fuit Regum Chriſtianiſſimorum de illius canonizatione lætitia. Numquam exinde aliter quam P. noſtrum Franciſcum auditi ſunt nominare; quod cum faciebant, diſcooperto Rex capite, Regina humiliter inclinata, palam faciebant, qua in veneratione nomen ejus, memoriamque haberent. Juſſit etiam Rex monetam cudi, qua ex una parte effigiem ſuam, ex altera ſanctum repræſentaret, cum hac inſcriptione: *Regiæ ſtirpis propagatori.* Hæc ex antiquis monumentis referunt Doctiſſimi Patres Henſchenius, & Papebrochius in Supplem. Hiſt. Actorum Sancti Franciſci de Paula. Apud Nat. Alex. Tom. 8. citado pelo Illuſtriſſimo Perrimezzi fol. 158.

CAPITULO VII.

Foi o corpo do Santo deitado em huma fogueira pelos Hereges : e prodigios, que fez.

HAVIAÕ já paſſado onze luſtros que Franciſco deixou a terra para ir ſer morador do Ceo, e ſeu corpo ſe conſervava taõ incorrupto como ſe ainda eſtiveſſe animado. Concorreu a furia dos Hugonotes a fazer eſta experiencia ; porque declarando guerra a tudo o ſagrado, tambem cevaraõ ſua raiva nos ſepulcros. Depois que no Reino de Franſa ſe ateou o fogo, que ſahio da boca de Calvino , cujas primeiras faiſcas foraõ eſpalhadas pelo Beça de modo taõ eſtranho, que aſſolaraõ o mais preciozo daquella Monarquia ; tocou a fatal ſorte , entre outras Cidades, ás que eſtavaõ fundadas nas ribeiras do rio Loure, onde roubando as Igrejas, e deſpindo os altares , chegou a tal exceſſo o furor daquelles impios, que naõ perdoaraõ aos mortos, nem excluiraõ os Santos.

Dedicados a ſaquear até os ſepulcros , depois que os deſpiraõ das riquezas, que elles tinhaõ, davaõ ao fogo o mais preciozo, que occultavaõ, reduzindo a cinzas os ſagrados corpos dos Santos. Era hum odio implacavel o que conceberaõ aquelles eſpiritos Apóſtatas da Igreja Catholica : applicavaõ todas ſuas forſas em profanar os ſantuarios, e deſtruir todas as memorias da piedade dos Fieis. Chegando pois a Turs eſte inhumano incendio, naõ ſatisfeitos eſtes impios com aſſolar os campos , ſitiaraõ a Cidade. Era General deſtes Hereges Marino de Baleú Senhor de Bodoer, debaixo de cujas bandeiras militava tambem huma partida de homens facinorozos, os quaes eſtavaõ acoutados em huma caza de campo. Como o noſſo Convento de Pleſſis eſtá fóra da Cidade, foi o theatro onde executaraõ as maiores inſolencias. Surprehenderaõ eſte Moſteiro, feriraõ muitos Religiozos; dos quaes al-

guns perderaõ a vida; o reſto da Communidade ſe vio obrigada a fogir para eſcapar das crueldades daquella gente inhumana, e ſe recolheraõ no Moſteiro de Monte Gauger. Só o P. Euſtachio de Apruil, que já contava 80 annos, ficou no Convento pela impoſſibilidade de poder ſeguir os mais. Sobre eſte Religiozo deſafogaraõ a ſua crueldade tirando-lhe impiamente a vida, e derramando ſacrilegamente ſeu ſangue, havendo ſido duas vezes Provincial da Provincia de Turena, que governou com muita ſatisfaçaõ de todos; acabou ſeus dias com palma do martyrio, padecendo a morte pela maõ daquelles tyrannos em odio da Fé Catholica.

Paſſaraõ depois aos ſepulcros, nos quaes entrou ſeu furor ſem reſpeito algum áquelles ſagrados horrores, tirando ſem piedade os innocentes corpos, e entregando-os ao fogo para reduzir a cinzas ſeus oſſos. Finalmente, depois de naõ perdoar a ſepultura alguma, para deſenterrar os cadaveres, que eſtavaõ depozitados, aſſim de Religiozos, como de peſſoas ſeculares, tanto de ſujeitos illuſtres, como de outra eſféra, inveſtiraõ com o depozito, em que eſtava o corpo do noſſo Santo; tiraraõ-o fóra da ſepultura, e o levaraõ de raſtos pela Igreja, como ſe foſſe o corpo de algum malfeitor, preparando huma fogueira fóra do adro para o deitar dentro della. Naõ ſerá facil poder referir a inhumanidade deſtes impios, que vendo eſtava incorrupto como ſe tiveſſe acabado de viver naquelle inſtante, naõ cederaõ da infernal paixaõ, que os dominava: ao tirar o ſagrado corpo da ſepultura pelos pés, vendo que naõ cabia ao paſſar por huma porta eſtreita, lhe dislocaraõ hum braço, e naõ abrandaraõ ſua raiva.

Jacob, chamado o Pequeno, foi o primeiro, que ſacrilegamente ſe diſtinguio entre todos, empregando ſuas maõs impias no corpo do Santo; eſte o conduzio arraſtando-o até fóra da Igreja, e depois o deitou na fogueira. Porém a falta de reſpeito, e veneraçaõ, que ſe achou nos Hereges, naõ a teve o fogo;

porque naõ foi possivel que este se atrevesse a ofender levemente nem ainda o habito, com que estava amortalhado; talvez mostrando este elemento o grande dominio, que sobre elle teve na sua vida. Bastava este prodigio para fazer entender aos Hereges o respeito, que deviaõ guardar ao sagrado corpo. Porém preoccupados do espirito vingativo contra a Fé Catholica, nada lhes fazia impressaõ, nem lhes podia servir de avizo, porque estavaõ obstinados na sua perfidia. Todo o seu empenho era accrescentar materia combustiva para fazer maior a fogueira; por cuja cauza naõ ficou coiza alguma de madeira tanto no Convento, como na Igreja, que naõ a fizessem servir de pabulo ás chammas: mas como vissem que nada bastava para queimar o corpo do Santo, sem penetrar o mysterio foraõ procurar mais lenha, e entre esta vieraõ todas as cruzes, que estavaõ nos altares, e huma grande com a imagem de Christo Crucificado: assim que deitaraõ esta na fogueira, se vio o corpo do Santo abraçar-se com esta santa imagem, e ambos se queimaraõ, ficando unidas suas cinzas com as do retrato do seu amado Jesus (*eee*).

Entre o tumulto daquelles Barbaros naõ faltou algum Catholico zelozo, que vendo a impiedade dos Hereges, naõ tivesse cuidado de roubar á fogueira alguma parte do corpo do Santo, fingindo-se tyranno para espalhar as cinzas como por desprezo, e depois no dia seguinte procurou as reliquias, que tinha espalhado. A estes zelozos, que pela sua devoçaõ arbitraraõ similhante disfarce, devemos o alcansar algumas do corpo do Santo, com as quaes se vêm hoje enriquecidos muitos santuarios da nossa Ordem. Assim que os Hugonotes sahiraõ do Convento, e das vizinhanças de Turs, foi o cuidado dos nossos Religiozos recolher as cinzas do corpo do Santo, e depozitallas na mesma sepultura, onde esteve inteiro. Bastou isto para continuar-

(*eee*) Higueras citando a Lanovio.

tinuar-se com maior veneraçaõ o culto do noſſo Santo: ElRey Carlos IX., e todos ſeus ſucceſſores até Luiz XIV., e tambem as Rainhas Catharina de Medicis, Izabel de Auſtria, Luiza de Lorena, Maria de Medicis, e Anna de Auſtria todos vizitaraõ frequentemente eſte ſepulcro, e o adornaraõ com preciozas offertas, que ainda hoje ſe conſervaõ entre os mais votos, que outros Principes aſſim Francezes, como eſtranhos mandaraõ em agradecimento das mercês, que receberaõ pelos merecimentos de Franciſco.

CAPITULO VIII.

Dá-ſe noticia da determinaçaõ dos Vigarios de JESUS Chriſto á cerca da feſta, e officio do Santo.

JA' deixamos dito que Leaõ X. beatificou, e canonizou o noſſo Santo no tempo do ſeu Pontificado. Eſte Papa foi o primeiro, que concedeu a toda a Religiaõ rezar do Santo com rito *duplex*, pois fez eſta graça depois de celebrar ſua beatificaçaõ, como conſta da Bulla, que principia *Illius, qui ſemper*, com data de 7 de Julho de 1513. Acabando de canonizar ao Santo, extendeu eſta graça a todas as Igrejas do mundo Catholico, ſignalando, como já diſſemos, o dia dous de Abril para celebrar a feſta, mandando para eſte effeito lavrar huma Bulla, que principia *Excelſus Dominus*, com a data do meſmo dia da canonizaçaõ primeiro de Maio de 1519, em que concede o uzo do officio proprio para a Religiaõ com outavario; e ſe ſucceder cahir o dia dous de Abril na ſemana ſanta, ou no outavario da Paſcoa, determina que ſe celebre a Segunda feira depois da *Dominica in albis*, vulgarmente de Paſcoela, dia, em que a Igreja Luzitana reza da Senhora dos Prazeres.

Clemente VII. mandou examinar novamente o officio do Santo, e o approvou, concedendo que todos

os que eſtavaõ obrigados a rezar o officio Divino, naõ ſó podeſſem rezar eſte para ſatisfazer, mas concedia grandes indulgencias a todos os que aſſim o fizeſſem. Tudo ſe acha expendido na Bulla, que mandou paſſar em 17 de Maio de 1528, que principia *Libenter ad ea*: eſtes dous Pontifices o mandaraõ pôr no Calendario Romano: mas quando ſe fez a reforma do Breviario por ordem do Concilio Tridentino, por deſcuido dos noſſos Religiozos, que naõ aprezentaraõ as conceſſoẽs feitas pelos Summos Pontifices, ou por inadvertencia dos que fizeraõ a reducçaõ, naõ pozeraõ no Calendario o noſſo Santo: mas eſta omiſſaõ ſe emendou no Pontificado de Xiſto V., que mandou que ſe pozeſſe no Calendario, e que toda a Igreja celebraſſe ſua feſta com rito *duplex*, mandando expedir huma Bulla, que principia *In Cœli throno*, com data do 1 de Outubro de 1585 no I. anno do ſeu Pontificado.

Onze annos depois, reinando Gregorio XIII. foi concedido á Religiaõ Minima fazer todo o officio proprio, e commettido para examinallo ao Meſtre do do ſacro Palacio, e approvado pelo meſmo Papa, concedendo naõ ſó rezar o dito officio na feſta, mas tambem todo o outavario, confirmando que quando o dia dous de Abril cahiſſe em ſemana ſanta, ou outavario da Paſcoa, ficaſſe a feſta, outavario, e jubileu de *toties quoties* transferido ao dia de Prazeres, que he na Segunda feira depois da Paſcoela (*fff*) e tambem concedeu officio proprio para a feſta da canonizaçaõ, que ſe celebra o dia 4 de Maio.

Porque á cerca do jubileu, concedido por eſte Papa

(*fff*) Volumus, & declaramus, ut dicta indulgentia ad eum diem, quo feſtum ipſum, ut præfertur, transferri, & poſt octavam ejuſdem Reſurrectionis celebrari contigerit, translata eſſe, & ab ejuſdem Chriſti fidelibus eodem modo, quo die feſto prædicto conſequi poteſt, conſequi, & ſuffragari poſſe; cenſeatur. Apud Perrim. pag. 364.

Papa a todas as Igrejas da Ordem dos Minimos, huõve ſuas falſas interpretaçoẽs, devemos dar noticia deſte jubileu, que he das maiores indulgencias, que até áquelle tempo ſe concedeu pelos Pontifices da Igreja de Deos: porque deſde as primeiras veſperas da feſta do Santo até ao pôr do Sol do dia da feſta, todas as peſſoas de hum, e outro ſexo, que confeſſando-ſe, e commungando vizitarem alguma das Igrejas deſta Ordem, ganhaõ indulgencia plenaria, ficando riſcada a pena, que pelas culpas merecia; e ſe neſte tempo depois, de feitas as diligencias expreſſadas, tornar a cahir em alguma culpa, repetindo as meſmas diligencias da confiſſaõ, e vizita torna a ganhar a meſma indulgencia; e tantas vezes a lucrará, quantas applicar as expreſſadas condiçoẽs, cazo que commetta nova culpa, como ſeja dentro do tempo de primeiras veſperas até ao Sol poſto do dia da feſta do noſſo Santo. Nos principios deſta conceſſaõ naõ deixou de ter a noſſa Ordem baſtante oppoziçaõ; porém os noſſos Religiozos recorreraõ á ſagrada Congregaçaõ da Inquiziçaõ, aprezentando a Bulla original do Papa Gregorio, reprezentando as erradas opinioẽs, com as quaes alguns Doutores a impugnavaõ; e ſahio da meſma Congregaçaõ o Decreto ſeguinte: *Nada ſe innove no jubileu de* toties quoties *de S. Franciſco de Paula: e ninguem ſe atreva daqui em diante a moleſtar aos Minimos.* Dado em 17 de Maio de 1688.

Benedicto XIV. no ſeu Breve, que principia *Dudum*, com data de 13 de Fevereiro de 1753, extendeu eſte jubileu a todo o outavario, em beneficio das peſſoas, que moraõ em partes onde naõ ha Convento da Ordem, ou, ainda que haja, ſe eſtiver impedido no dia da feſta, poſſa fazer as diligencias em qualquer dia do outavario. Depois expedio outro Breve de confirmaçaõ em 22 de Fevereiro de 1754, como ſe pode ver no ſummario das indulgencias: advertindo porém que eſta extenſaõ ſó ſe deve entender para hum dia ſó dentro da outava, o qual dia ſerá eſcolhido

lhido pela peſſoa, que quizer lucrar eſta indulgencia; e dentro delle póde praticar as meſmas diligencias aſſima expreſſadas: porém fóra deſte dia prefixo já naõ lhe fica lugar para o ganhar outra vez. *Supradictam Indulgentiam.... ad ſeptem dies immediate ſequentes feſtum dicti S. Franciſci de Paula, per unumquemque Chriſti Fidelium, ſemel, quolibet anno, ſpatio dictorum ſeptem dierum lucrifaciendam.* Saõ as palavras expreſſas da Bulla ſobredita.

No Pontificado de Clemente X. foi concedido a toda a Religiaõ Minima que em todas as Sextas feiras do anno, nas quaes naõ houveſſe Santo de rito *ſemiduplex*, podeſſem rezar o officio, e Miſſa do Santo; cuja graça foi limitada pela ſagrada Congregaçaõ de Ritos no reinado de Innocencio XII., declarando que as Sextas feiras de advento, quareſma, e vigilias, ſe devem dar por impedidas. Todo o Reino de Sicilia no anno de 1740 a 24 de Janeiro alcanſou do Papa Clemente XII. rezar o officio proprio do noſſo Santo em todas as Igrejas de hum, e outro Clero de ambos os ſexos. Para eſte effeito ſe mandou novamente examinar hum officio proprio, que eſtava feito, e approvado por Clemente VII. por huma Bulla, que principia *Libenter ad ea*, com data de 17 de Maio de 1528, e ſe concedeu que toda o Religiaõ Minima, e o Reino de Sicilia uza-ſe delle.

CAPITULO IX.

Cidades, que elegeraõ o noſſo Santo por Patrono: beneficios, que receberaõ aſſim eſtas, como os Principes da protecçaõ de Franciſco.

As Cidades, que em vida de Franciſco o acclamaraõ, e os Principes, que na terra o veneraraõ, parece que receberiaõ huma eſpecial conſolaçaõ em experimentar as primicias do ſeu patrocinio depois que foi canonizado pela Cabeça vizivel da

da Igreja : em compenſaçaõ das grandes honras, que fizeraõ a Franciſco quando eſtava neſta vida mortal, quiz Deos dar as maiores provas do ſeu patrocinio. A Corte de Napoles foi a primeira, que aſſignou hum termo elegendo o noſſo Santo por Patrono, por cauza da peſte, que havia dous annos padecia o Reino de Sicilia, que pela vizinhanſa ameaça a eſte Reino. No anno de 1625 ſe eſtipulou huma eſcritura publica, em que ſe aſſignou toda a Nobreza, o Senado da Camera, e os Deputados do povo ſe aſſignaraõ, determinando que S. Franciſco de Paula foſſe ſeu Patrono. Foi eſte voto celebrado de ſolemnes feſtas, nas quaes todos moſtraraõ a piedade, e affecto dos ſeus animos ſinceros, e devotos. O P. Geral da Ordem, que era naquelle tempo o P. Simaõ Bachelier, achando-ſe neſta occaziaõ em Napoles, deu ao Senado hum bocado de oſſo do corpo do noſſo Santo, que os Senadores mandaraõ collocar em huma imagem de prata, que em prociſſaõ ſolemne levaraõ ao noſſo Convento de S. Luiz.

Na Corte de Turim tambem foi eleito por Patrono pelo motivo ſeguinte. No anno de 1706 eſtava ſitiada eſta Corte pelos Francezes, que a pozeraõ na ultima conſternaçaõ com o cerco. O P. Siro Jozé Vico naquelle tempo Vigario Geral daquella Provincia, e depois Geral de toda a Ordem dos Minimos, movido do amor da patria, e confiando no valimento para com Deos, do noſſo Santo Patriarca, fez huma novena com aſſiſtencia da Communidade, e povo; e quando menos eſperavaõ, ſe achou a Cidade livre do ſitio, que lhe tinhaõ poſto as armas inimigas. Attribuiraõ todos eſte prodigio ao noſſo Santo, que obrigado das ſupplicas, que lhe fizeraõ naquella novena, os livrou da afflicçaõ, em que eſtavaõ. O Arcebiſpo da Cidade de Turim D. Miguel Antonio Vibó antecedentemente havia animado ao povo para que confiaſſe no Patrocinio de Franciſco, com huma Paſtoral, que mandou publicar. O Sereniſſimo Duque de Saboia Victorio Amedeu foi o primeiro que deu exemplo a todos

dos os ſeus vaſſallos em reconhecer o beneficio alcançado pela protecçaõ do Santo: e o Senado para eterna memoria de ſuas eſperanſas fundadas em Franciſco, e do agradecimento, que confeſſavaõ, mandou gravar em marmore a ſeguinte inſcripçaõ:

Divo Franciſco de Paula
Regiæ Domus, Regni, & urbis
Jam diu hoſpiti,
Nunc in Patronum augurato,
Ut in urgentis belli ærumnis
Adoream auſpicetur,
Se, ſuaſque preces
Supplex devovit Civitas.

Além deſta, havendo o Senado celebrado hum triduo dedicado a Franciſco em acçaõ de graças, para deixar memoria á poſteridade mandou que na porta da Igreja do noſſo Convento ſe gravaſſe a ſeguinte:

Sanctum Franciſcum de Paula,
Qui ſeptima elapſi Septembris die complente Novendium
Ad ſui honorem inſtitutum,
Nos maximis gratiis mirabiliter cumulavit,
Urbe, & Arce ab obſidione divinitus liberata,
Hoſtibus fugatis,
Bellum vertens in triumphum,
Civitas Taurinenſis tanti memor beneficii
Ad incrementa publicæ felicitatis
Tutelarem ſibi cariſſimum invocabat.

As Cidades de Meſſina, e Millazo no Reino, e Ilha de Sicilia o elegeraõ por Patrono, experimentando abundantes felicidades do ſeu patrocinio. Em todo o Reino de Napoles ſaõ poucas as Cidades, que naõ eſtaõ debaixo do patrocinio do noſſo Santo. Na Franſa, Heſpanha, e Alemanha naõ foraõ poucas as Cidades, que procuraraõ ſua protecçaõ, experimentando prodigios nos ſeus maiores conflictos. Paſ-

Paſſemos das Cidades ás peſſoas Reaes. O Imperador Fernando III. cazado com a Auguſtiſſima Senhora D. Maria Anna de Auſtria irmãa de ElRey Catholico Filippe IV., naõ vendo neſta Senhora eſperanſas de ſucceſſaõ, fez junto com a Imperatriz a trezena do noſſo Santo invocando ſeu patrocinio, o qual foi taõ poderozo, que depois de poucos mezes teve hum filho, que lhe pozeraõ o nome de Fernando Franciſco, e foi eleito Rey de Romanos no anno de 1653. Quizeraõ as Mageſtades Cezareas que eſte Principe por eſpaço de hum anno inteiro veſtiſſe o habito da noſſa Ordem; e paſſado o anno mandaraõ que o meſmo habito ſe penduraſſe na Capella do Santo para memoria de haver recebido pela ſua protecçaõ a graça, que pediraõ a Deos. Depois a Imperatriz profeſſou a noſſa Regra da Terceira Ordem, e eſte exemplo ſeguiraõ muitas Princezas do Imperio. O Arquiduque Leopoldo irmaõ do Imperador Fernando III. deveu ao patrocinio de Franciſco dous filhos, havendo feito antecedentemente voto de fazer o noſſo Convento de Neoponte. Logo que conſeguio a graça quiz que ambos os Principes veſtiſſem, quando tiveſſem idade competente, o noſſo ſanto habito, uzando delle por eſpaço de hum anno; antes deſte ſe completar mandou que os retrataſſem veſtidos deſte modo aſſim na galeria do Palacio de Neoponte, como na ſalla Cezarea de Viena.

A caza dos Reys de Franſa deve muito, como temos viſto no diſcurſo deſta hiſtoria, á protecçaõ do noſſo Santo. Além de Franciſco I. dos filhos deſte Monarca, e de muitos outros Principes do Real ſangue, entre os quaes naõ devemos deixar de nomear a Madama Carlota Princeza de Condè, Madama Margarita Duqueza de Marmoranſi, a Duqueza de Nemurs, e de Aumále, de Henrique de Bourbon Duque de Monpenſiero, e outros muitos, que por naõ moleſtar omittimos; Luiz XIV., por antonomazia o Grande, foi alcanſado pelas continuas ſupplicas, que a Rainha Anna de Auſtria ſua Mãi fez ao noſſo San-

to

to, implorando ſeu valimento para com Deos ; além dos noſſos hiſtoriadores Filippe Caſoni , que eſcreveu a vida deſte grande Monarca no primeiro tomo , livro I. diz aſſim (*ggg*) : *Ella*, iſto he a Rainha Anna, *todo o dia invocando a interceſſaõ daquelle grande Santo, tantas vezes com fructo invocado das mulheres eſtereis, Franciſco de Paula, na Igreja deſte ſerafim de amor, e de caridade , coſtumava purificarſe com os Sacramentos , e offerecer ao Ceo os mais ardentes affectos do ſeu coraçaõ.*

A Rainha de Polonia Archiduqueza de Auſtria, e irmãa do Imperador , reconhecendo-ſe por algum tempo infecunda , ſe recommendou com viva fé ao noſſo Santo para que quizeſſe alcanſar de Deos ſucceſſaõ para o Reino, e conſolaçaõ ſua. Conſeguio ver completos ſeus dezejos ; e em agradecimento mandou ao Convento de Turs todos os veſtidos do ſeu recebimento. A caza de Saboia reconhece á protecçaõ de Franciſco muitos Principes, que illuſtraraõ ſeu throno. Madama Real Chriſtina de Franſa, e Madama Real Joanna Baptiſta Duqueza de Saboia deveraõ á interceſſaõ do noſſo Santo a ſucceſſaõ, que déraõ aos ſeus Eſtados. O Duque Victorio Amedeu Rey de Sicilia, e depois de Sardenha , Pai do prezente Rey Carlos Manoel, attribuia ao patrocinio de Franciſco a ſua vida , porque naſceu pela ſua interceſſaõ , e a conſervaçaõ dos ſeus Eſtados, porque, como já diſſemos , os defendeu das armas contrarias. Maximiliano Duque de Baviera naõ tendo fructo do primeiro matrimonio, paſſando ao ſegundo, que celebrou com a Archiduqueza Maria Anna de Auſtria irmãa do Imperador Fernando III., pelo patrocinio do noſſo Santo teve hum filho, a quem poz o nome de Franciſco ; e em reconhecimento deſte beneficio fundou hum Convento na Cidade de Neoburg, que depois no anno de 1653 foi transferido á Cidade de Amburges no Palatinado ſuperior.

(*ggg*) Apud Perrimez. in Vita hiſt. S. Franciſci de Paula.

Henrique II. Duque de Lorena confeſſou dever á protecçaõ de Franciſco a ſucceſſaõ de ſua caza, que teve da Princeza Margarida Gonzaga ſua mulher: havia feito voto, ſe alcanſaſſe a graça, de aperfeiçoar a obra do noſſo Convento de Nanſy: porém ſua grande fé naõ deixou demorar a que ſe verificaſſe a condiçaõ do voto; porque antes de ter eſperanſas acabou o Convento, e lhe deu renda baſtante para ſuſtentar doze Religiozos, além de outros beneficios, que fez aos outros Conventos daquella Provincia. Eſta meſma graça da ſucceſſaõ experimentou o Principe Franciſco irmaõ do Duque Carlos de Lorena, dando á Princeza ſua mulher hum filho, que a piedade, e devoçaõ deſta Senhora quiz, que veſtiſſe pelo eſpaço de hum anno o noſſo habito. Finalmente Franciſco de Lorena Duque de Vaudemont, cazado com Madama Chriſtina Salm, teve por interceſſaõ do noſſo Santo ſucceſſaõ dilatada.

A Sereniſſima Caza de Mantua foi ſempre protegida de Franciſco, aſſim na paz, como na guerra. Vicente I. Duque de Mantua nas guerras de Hungria contra o Turco experimentou muitas vezes a protecçaõ do noſſo Santo em repetidos perigos; em agradecimento deſtes beneficios, quando ſe reſtituio a ſua caza, foi logo antes de tudo á Igreja do noſſo Convento render as graças ao ſeu libertador. Carlos Gonzaga Duque de Nivérs, que depois foi Duque de Mantua, e de Monferrato, havendo paſſado nove annos ſem ter fructo do matrimonio, que contrahio com a Princeza Catharina de Lorena, lembrando-ſe que ſeus anteceſſores haviaõ conſtruido hum Convento da noſſa Ordem em Retel, prometteu fundar outro em Nivérs, ſe alcanſaſſe de Deos a ſucceſſaõ de ſua Caza. Apenas fez eſte voto ſe reconheceraõ na Princeza as eſperanſas dezejadas. Antes que chegaſſe o tempo do parto deu principio ao Convento; e eſta Princeza deu a luz hum filho, ao qual para memoria lhe poz o nome de Franciſco, alcanſando depois mais dilatada ſucceſſaõ.

Havia ſinco annos que o Duque de Urbino, que tomou allianſa com Claudia de Medicis, da Caza do Graõ Duque de Toſcana, ſem ter eſperanſas de ſucceſſor, invocando a protecçaõ do Santo, teve hum filho. O Duque Franciſco Maria II. do nome do meſmo Ducado, cazado com a Princeza Livia, filha de Hyppolito, Marquez de la Rovere, alcanſou do noſſo Thaumaturgo a meſma graça; por cujo motivo a Cidade de Peſáro para perpetuar a memoria do agradecimento mandou fazer huma eſtatua do Principe recém naſcido, toda de prata, que foi conduzida ao noſſo Convento de Turs, onde quizeraõ que ſe fizeſſe aſſento deſta dadiva, e do motivo della para eterno monumento deſta mercê.

CAPITULO X.

Mortos reſuſcitados: moribundos, que ſe livraõ da morte: e enfermos, que recuperaõ a ſaude.

SERA' hum grande milagre do meu Santo Patriarca, ſe eſcrevendo os prodigios poſthumos, naõ cauzar a minha penna tedio aos leitores. No tecido das acçoẽs da vida de Franciſco referimos os milagres acompanhados das virtudes; e na ſua variedade podia ſer menos faſtidioza a liçaõ: porém agora que ceſſaraõ ſuas virtudes, que praticava neſta vida mortal, naõ ficando mais lugar que para falar dos ſeus portentos, receio que ſe faça enfadonha eſta hiſtoria aos olhos dos que a lerem. Para evitarmos, no modo poſſivel, eſte inconveniente, temos rezolvido referir ſuas maravilhas em diſtinctas claſſes, e de cada claſſe fazermos hum capitulo. Neſte falaremos dos milagres pertencentes ao titulo, que nos propozemos para referir, e daremos principio com os mortos, que reſuſcitou.

Na Cidade de Lima no Reino do Perú huma

nobre Senhora, que havia contrahido matrimonio com hum Cavalheiro igual a seu illustre sangue, tendo parido hum menino para succeſſor da sua caza, apenas nasceu acabou em breves minutos a vida: a magoa, que penetrava o coraçaõ desta Mãi, diminuio sua forsa quando se vio outra vez com esperansas de ter outro. Com effeito a seu devido tempo deu a luz outro filho igual ao primeiro na formozura, e tambem na infelicidade de pouca vida, porque accidentalmente morreu suffocado na mesma cama por descuido da propria Mãi. Nesta segunda perda, se ao Cavalheiro se lhes fez sensivel o sentimento, a Senhora naõ podia admittir consolaçaõ alguma. Ambos os consortes banhados em lagrimas, e cheios de confiansa no patrocinio de Francisco, recorreraõ á sua Igreja, supplicando-lhe quizesse dar alivio a tanta magoa, que atormentava seus coraçoẽs, alcansando-lhes de Deos outro succeſſor.

Foraõ ouvidas suas oraçoẽs; e em breves tempos concebeu, e pario outro menino, que ainda que viveu mais dias que seus irmaõs, teve a mesma sorte que o segundo, achando-o a Mãi morto na cama a seu lado, naõ obstante haver uzado de todas as cautellas para evitar os perigos, que receava. Succedeu esta morte estando seu marido auzente, porque se lhe fez precizo ir a huma jornada alguma coiza dilatada; e como antes de partir naõ ceſſou de recommendar a sua espoza o cuidado, e vigilancia do filho, além da parte de sentimento, que tomava como Mãi infeliz com seus filhos, penetrava seu coraçaõ o justo temor, que concebia do marido auzente, receando quando voltasse, e achando taõ inopinada novidade, fosse ella, o objecto de sua cólera para desafogo de taõ grande sentimento, que suppunha no marido.

Cheia esta Senhora de viva fé em Deos, e concebendo huma incomparavel confiansa no nosso Santo, tomou em seus braços o menino morto; e indo á Igreja o poz no altar dedicado a Francisco, em cuja

Capel-

Capella estavaõ sepultados os outros dous, derramando copiozas lagrimas, com as quaes, mais que com as palavras, supplicava lhe alcansasse de Deos alguma consolaçaõ; que mitigasse sua inexplicavel pena em lanse taõ forte, pois que naõ tinha outro valimento, que patrocinasse a sua cauza na terra. Apenas expoz sua fervoroza supplica diante da imagem do nosso Santo, quando vio que o menino, que estava morto sobre o altar, principiava a dar movimento ao corpo com evidentes signaes de vida. Ao mesmo tempo que recebia a Mãi huma grande consolaçaõ deste prodigio, outro maior encheu seu peito de incomparavel alegria: da sepultura, onde estavaõ enterrados os dous filhos mais velhos, ouvio-se sair hum choro de crianças; foi-se a abrir, e se acharaõ os dous meninos vivos, que, como se tivessem acordado de algum somno, com a boca cheia de rizo, os tiraraõ da sepultura com mutua alegria; e, o que mais he, cada hum delles tinha a estatura correspondente aos annos do seu nascimento, como senaõ houvesse passado tanto tempo de enterrados, e tivessem fallecido no dia antecedente á sua resurreiçaõ. O jubilo, que occupou o coraçaõ da Mãi, foi taõ grande, que naõ cabendo no seu peito desafogou em rios de lagrimas sem cessar de dar os agradecimentos ao seu patrono.

Similhante a este fez o nosso Santo outro milagre em Napoles na Igreja de S. Luiz do nosso Convento. No anno de 1610 em huma Sexta feira levaraõ dous magoados consortes hum menino morto; e rompendo por huma multidaõ de gente, que estava na Igreja, (segundo o costume, pela grande devoçaõ com que todos os Fieis daquella Cidade concorrem em similhante dia) chegaraõ ao altar do Santo Patriarca, sobre o qual depozitaraõ seu filho morto, protestando com grande fé em Deos, e no patrocinio de Francisco, que dalli naõ o haviaõ de levantar sem estar vivo, e saõ. Naõ passaraõ muitos minutos, que naõ vissem seus devotos Pais, e todas a pessoas, que

eſtavaõ na noſſa Igreja, o menino reſuſcidado, cauzando incomparavel alegria aos dous conſortes, e grande jubilo em todo o povo, que foi teſtimunha deſte prodigio.

Alcanſou pelo patrocinio de Franciſco ter hum filho Joaõ Ponger, natural de Amiens, e Adminiſtrador Geral das rendas Reaes na Picardia; porém taõ infeliz, que adoecendo de enfermidade mortal, lhe deraõ os Medicos o total deſengano. Reccorreu ao noſſo Santo para que aſſim como lhe tinha valido no ſeu naſcimento, tambem o protegeſſe em prolongar-lhe a vida, livrando-o do perigo, em que eſtava: foraõ ſuas oraçoẽs taõ fervorozas, que logo tiveraõ o dezejado deſpacho. Naõ parou aqui o milagre do Santo com eſte menino: tinha já eſte a idade de quatro annos, e andava brincando junto a hum tanque de agua; debruçando-ſe ſobre elle, cahio dentro, e ficou afogado. O eſtrondo avizou as criadas de caza, que foraõ tirar o menino morto, ſem ter valor de dar a noticia a ſeus Pais; mas eſtes percebendo a inquietaçaõ, que havia entre ellas correraõ para ſaber o ſucceſſo: informado delle o Pai correu logo pelas ſallas do ſeu Palacio á caza do Oratorio, onde tinha hum painel com o retrato do Santo; e poſto de joelhos diante delle, derramando lagrimas, animado de viva fé proteſtava que naõ ſe levantaria de ſua prezenſa ſem que o Santo lhe concedeſſe a ſeu filho nova vida, pois que havia naſcido pela ſua interceſſaõ, e o havia prezervado da morte havia poucos annos, e agora naõ permittiria que hum filho de milagre, protegido de taõ grande patrono, ficaſſe ſem vida em idade taõ tenra, ſem chegar a ſucceder na caza, e continualla para o futuro. Toda a familia andava occupada em diſpor o enterro do anjinho; para cujo effeito eſtavaõ as cazas cheias de peſſoas diſtinctas, que ſabida a noticia, foraõ conſolar aos magoados conſortes. Porém Joaõ Ponger, que naõ queria ſeparar-ſe da prezenſa da imagem do Santo, indo outra vez ver ſeu menino morto, reparou que reſpirava

pirava como se estivesse dormindo: e continuando em observallo, vio que abrio os olhos, e deu algum movimento ao corpo. Naõ se pôde conter o Pai, que naõ exclamasse logo dizendo: *Milagre*; *meu filho está vivo*; *S. Francisco de Paula o resuscitou.* A estas vozes correraõ naõ só domesticos, mas tambem os hospedes, que foraõ testimunhas de taõ raro prodigio. Succedeu este cazo no anno de 1613, em o dia dous de Abril. Em agradecimento da repetiçaõ destes milagres levou o menino á nossa Igreja; e vestindo o nosso habito de devoçaõ andou com elle todo o tempo da sua infancia. Ultimamente, passados annos, veio a ser Religiozo da nossa Ordem, onde viveu com muita exemplaridade.

Madama Magdalena de Conteró mulher de Monsiur le Roé Senhor de Giumelles, Conselheiro de El-Rey de Franса, na Cidade de Amiens estava muito proxima á morte com huma febre continua procedida de huma obstrucçaõ no baço, e inflammaçaõ no figado, que lhe impedia a respiraçaõ: havia dez mezes que supportava esta doensa na cama; e finalmente sem tirar fructo dos remedios, esperando o ultimo estrago estava já ungida. Os nossos Religiozos lhe levaraõ hum *Soli Deo*, do qual uzava o nosso Santo, que se conserva no Convento de Amiens; e pondo-o a mesma enferma sobre sua cabeça com grande fé, dentro do espaço de seis horas, que o teve, se achou inteiramente livre de toda a molestia, de sorte, que no dia seguinte se levantou da cama, e foi a pé á nossa Igreja para dar as devidas graças a Francisco. Este milagre succedeu no anno de 1634, segundo refere o Illustrissimo Perrimezzi.

Na mesma Cidade de Amiens Miguel Baron homem de negocio daquella praça no anno de 1639 adoecendo de huma gravissima enfermidade, havendo praticado infructuozamente todos os remedios, procurou os soccorros de Francisco, estando já ás portas da morte. Pedio a reliquia do Santo; e logo que a

applicou ao peito recuperou a ſaude. Tambem Anna Blaſſer, ſendo de idade de quinze mezes, no anno de 1640 teve huma inchaçaõ por todo o corpo, que lhe mudou a fizionomia humana na de monſtro: eſtando nos ultimos alentos de vida, o P. Antonio Ringart Religiozo da noſſa Ordem levou o *Soli Deo* do Santo para falar á mulher de Miguel Baron que quizeſſe tomar o trabalho de fazer huma bolſa, e reliquario, onde eſtiveſſe guardada com decencia eſta prenda do noſſo Santo. Apenas ouvio eſta devota mulher a noticia que o P. trazia a reliquia, lhe ſupplicou tiveſſe a bondade de chegar á cama, onde eſtava ſua filha agonizando, e lhe applicaſſe ſobre a cabeça eſta reliquia: condeſcendeu o P. com a ſupplica, e tambem S. Franciſco de Paula conſolou o coraçaõ deſta Mãi afflicta, com huma repentina melhora de ſua filha, que logo ſe achou totalmente boa.

No anno de 1647 Maria Treſné mulher do Senhor de Cornet, Senador da Cidade de Amiens, eſtava baſtantemente enferma, e ſem eſperanças de vida, com huma febre ardente, que naõ pôde vencer a arte da Medicina, nem o eſtudo, e cuidado dos Fizicos ſabiaõ dar-lhe remedio. Invocou os ſoccoros do patrocinio de Franciſco, confeſſando-ſe, e commungando em louvor do noſſo Santo o dia dous de Abril, em que ſe celebrava a memoria do ſeu tranſito; e logo experimentou as dezejadas melhoras. Naõ tem numero os milagres, que referem os noſſos AA. copiados dos proceſſos da ſua canonizaõ. Franciſco Amart da meſma Cidade de Amiens, eſtando nos termos de receber a ſanta unçaõ, invocou a patrocinio do Santo, e logo ſe achou bom. Eſtava baſtantemente penetrado de ſentimento Hugo Catene Advogado do Parlamento de Pariz, no anno de 1641, por ter ſeu filho de idade de hum anno já diſtituido dos Medicos, agonizando; e fazendo voto, junto com ſua mulher Anna Rayſin, que veſtiriaõ o menino com o habito da Ordem dos Minimos, logo por interceſſaõ do Santo recuperou a ſaude.

Na

Na Cidade de Milazo, no anno de 1581, ſe achava já agonizando Dona Izabel Alarcon: e ſua thia Soror Angela Baeli mandou hum filho da enferma, que foſſe buſcar hum copo de agua do poço milagrozo de S. Franciſco de Paula. Foi o menino, que ſe chamava Joaõ Eſtevaõ; porém os Religiozos repugnaraõ em dar-lha. Naõ obſtante, Joaõ Eſtevaõ com baſtante ſentimento ſe chegou ao poço, e logo lhe appareceu, ſegundo elle depois referio, hum Religiozo anciaõ da noſſa Ordem, que lhe perguntou a cauza, porque chorava. O menino lhe expoz os motivos de ſuas lagrimas; e o Religiozo tomou o copo, e enchendo-o á boca do meſmo poço, como ſe a agua eſtiveſſe á ſuperficie, lho tornou dizendo: *Ide, e naõ tenhais medo; que voſſa Mãi ha de eſtar boa.* Voltou Joaõ Eſtevaõ muito ſatisfeito a caza com o copo de agua; e ſobindo a eſcada ouvio hum grande choro de toda a familia. Cheio o menino de ſobrenatural valor prorompeu neſtas palavras: *Naõ choreis; que minha Mãi naõ ha de morrer, porque aſſim mo aſſegurou hum Religiozo anciaõ, que me deu eſta agua.* Deitaraõ-lhe a agua na boca da enferma, e immediatamente lanſou huma materia peſtilente, e inſoffrivel a todos pelo fetido. Reconheceu-ſe o milagre. E para ſaber quem era o Religiozo, que havia dado a agua, foi levado o menino ao Convento para que moſtraſſe, e diſſeſſe qual era: e como naõ o viſſe em toda a Communidade, voltando os olhos para hum painel do retrato do Santo, em altas vozes diſſe: *Eſte he o velho, que me deu a agua, e prometteu a ſaude a minha Mãi.*

Na Cidade de Modica Dieceze de Siracuſa na Sicilia, no anno de 1619, ſe achava moribundo hum Clerigo ſecular chamado Dom Vicente Liuzzo, e lhe eſtavaõ aſſiſtindo o P. Guardiaõ dos Capuchinhos, e outro Sacerdote ſecular chamado Dom Vicente Colombo: diſſe eſte movido da grande amizade: *Tomara eu ſer agora hum S. Franciſco de Paula para prolongar*

gar a vida, e dar ſaude a eſte doente. O irmaõ do moribundo, que eſtava na ſua companhia, reſpondeu: *Certamente meu irmaõ ſempre foi muito devoto deſte grande Santo*; e proferindo eſtas palavras procurou a imagem do noſſo Santo Patriarca, e a poz ſobre o irmaõ, que já eſtava privado dos ſentidos. Immediatamente abrindo os olhos, como quem acorda de hum ſomno profundo, foi tornando a ſi, até que ſe achou totalmente ſaõ. Foi depois ao noſſo Convento, onde mandou authenticar eſte milagre.

Arcangelo Conſtancio Medico da Cidade de Milazo, no anno de 1643, eſtava proximo a morrer por cauza de huma graviſſima enfermidade; e já deſenganado quiz tomar o habito, e profeſſar a noſſa Ordem Terceira para lucrar as indulgencias concedidas pelos Summos Pontifices. No entanto que os Religiozos da noſſa Ordem praticavaõ eſtas diligencias, a mulher com duas filhas ſe pozeraõ diante de huma imagem do Santo; e derramando copiozas lagrimas fizeraõ ſuas deprecaçoẽs. Acabadas eſtas, foraõ ao quarto onde eſtava o enfermo, e o acharaõ já fóra de perigo, e em breves dias ſe reſtituio á ſua antiga ſaude. Em reconhecimento deſte beneficio, que confeſſava o Medico ſer prodigio de Franciſco, todo o reſto de ſua vida quiz aſſiſtir por eſmola, e devoçaõ aos noſſos Religiozos enfermos do Convento de Milazo, mandando-lhes todo o precizo para a enfermaria.

No Moſteiro chamado das Damas da Ordem Benedictina, ſituado na Cidade de Nivers, no anno de 1620 huma Religioza profeſſa da illuſtre familia de Chatilhaõ, havia ſinco dias eſtava já ſem fala agonizando; aſſiſtindo-lhe algumas Religiozas para rezar-lhe o officio de agonia, porque eſtava indicando que em breves minutos devia expirar: no dia tres do mez de Maio, veſpera da feſta da canonizaçaõ do noſſo Santo, eſtando o reſto da Communidade no coro depois das tres horas da tarde, viraõ todas as Religiozas, que eſtavaõ aſſiſtindo á moribunda, que abrindo os

os olhos, falou ás circumſtantes com deſembaraço. Cauzou-lhes ſuſto eſta novidade, porque naõ era eſperada; e huma das Religiozas correu logo para o coro a dar noticia á Abbadeça; que aſſim que ſe acabaraõ as veſperas, indo á cella da que eſtava moribunda, eſta lhe diſſe: *Madre Abbadeſſa, eu me acho totalmente boa; deitei huma grande copia de humor pelos narizes, pelos olhos, pela boca, e pelos ouvidos.* Ouvindo eſta relaçaõ a Prelada, diſſe: *A voſſa inopinada melhora a deveis ao* Soli Deo *de S. Franciſco de Paula, que tendes debaixo do voſſo traveſſeiro, que eu o mandei pedir, e o puz neſte lugar.* Admiraraõ todas o prodigio; e a Religioza reconheceu o beneficio, ainda que naõ foi conſeguido pelas ſuas ſupplicas.

Leonor Leti irmãa de Joaõ Jacome Leti Arcipreſte de S. Salvador no Monferrato, grave eſcritor da vida do noſſo Santo, e Meſtre erudito da devoçaõ das treze Sextas feiras, que o Santo inſtituio, primeiramente ſarou de huma graviſſima doenſa, que ſeu meſmo irmaõ eſcreveu com os termos ſeguintes: *Naſceu-lhe hum polipo dentro dos narizes junto ao oſſo, que brevemente creſceu de tal modo, que ſahio fóra dos narizes, e dentro ſe extendia para a garganta, que lhe impedia a reſpiraçaõ, com perigo de vida.* Adoeceu, depois de paſſados tempos, de humas grandes dores, que lhe cauzava huma quebradura, que padecia deſde idade tenra, que com a continuaçaõ de eſtar de joelhos ſe aggravou de tal ſorte, que eſtava em grande perigo de vida. Eſtando deſcanſando em hum pequeno intervallo, em que as dores lhe deraõ tregoas, vio entre ſonhos ao noſſo Santo cheio de reſplandores, que lhe diſſe: *Naõ duvides Leonor; que já eſtás boa.* Acordou, e experimentou quanto o Santo lhe tinha dito.

CA-

CAPITULO XI.

Mulheres fecundadas, e felicidades nos partos pela devoçaõ de S. Franciſco de Paula.

DEVENDO nós aqui falar dos que naſceraõ ao mundo por interceſſaõ de Franciſco, lhes podemos dar o titulo de filhos do poder da graça antes de ſerem reconhecidos por effeitos da natureza; porque naſcendo de Mãis eſtéries naõ podiaõ conceber-ſe ſem milagre, concorrendo a Omnipotencia Divina. Confirma-ſe eſte penſamento com a vida inculpavel, e cheia de virtudes, com que ſe conduziraõ algumas peſſoas, que foraõ dadas a luz pelas Mãis infecundas. Entre eſtas devemos referir a Madre Soror Urſula de Benincaſa, Amazona da Divina graça, que nas multiplicadas provas, que naquelle tempo fizeraõ os mais famigerados Meſtres da perfeiçaõ Catholica, acharaõ ſeu eſpirito em igual conſtancia adornado de ſolidas virtudes. Naſceu eſta Heroina por interceſſaõ de Franciſco, ſegundo affirma o hiſtoriador de ſua vida o P. Franciſco Maggio dos Clerigos Regulares da Divina Providencia com as ſeguintes palavras (*hhh*):„ No tempo que eſtava ainda no utero materno appareceraõ á Mãi S. Franciſco de Paula, e S. Luiz Rey de Franſa; e lhe diſſeraõ que havia de parir huma menina, a qual daria muito luſtre, e ſeria admiravel na Igreja de Deos pelas ſuas virtudes„. Verificou-ſe eſta revelaçaõ pela exemplaridade, com que viveu eſta veneravel. Naõ deixou de reconhecer tambem o beneficio do ſeu naſcimento ao mundo, devido ao noſſo Santo, pois que no capitulo XVII. da Regra, que deu ás ſuas Religiozas mandou, que em todas as Sextas feiras depois da Communhaõ rezaſſem hum

(*hhh*) Apud Perrimezzi in Vita hiſtorica Sancti Franciſci de Paula pag. 376.

hum *Padre noſſo*, e huma *Ave Maria* a S. Franciſco de Paula, com tenſaõ como ſe vizitaſſem ſua propria Igreja. Antes que o Ceo lhe deſtinaſſe o habito Theatino, que deviaõ veſtir as ſuas Religiozas, mandou que as Educandas uzaſſem do habito da Ordem de S. Franciſco de Paula, e as Converſas da tunica da Ordem Serafica (*iii*), aſſim o affirma ſeu hiſtoriador o P. Maggio já citado.

Madama Maria de Cuveraye mulher de Achilles Erbolemo Conſelheiro da Mageſtade Chriſtianiſſima, fez voto de fundar hum Convento da noſſa Ordem, ſe por interceſſaõ de Franciſco alcanſaſſe fructo do matrimonio, no qual havia annos ſe conſervava infecunda. Naõ paſſou muito tempo depois deſta promeſſa que naõ concebeſſe, e a ſeu tempo deu á luz a ſucceſſaõ de ſua Caza: cumprio fielmente o voto, fundando o Convento de Bloé. A meſma promeſſa fez a Senhora Duqueza de Medina Sidonia a Senhora D. Anna da Silva mulher de D. Affonſo Peres de Guſmaõ VII. Duque de Medina Sidonia, gloriozos avós da Sereniſſima Rainha D. Luiza mulher de ElRey D. Joaõ IV. de Portugal de ſaudoza memoria. Naõ tendo eſta Illuſtriſſima Caza ſucceſſaõ, fez a Duqueza D. Anna voto ao noſſo Santo que fundaria hum Convento da Ordem na Cidade de Sanlucar de Barrameda, ſe tiveſſe a conſolaçaõ de parir hum filho varaõ. Conſeguio o bom deſpacho de ſua ſupplica, e deu á luz D. Joaõ Manoel Domingos Franciſco de Paula outavo Duque de Medina Sidonia, ſogro de ElRey D. Joaõ o IV. Cumprio religiozamente o voto, mandando conſtruir hum magnifico Convento, que dotou com muitas rendas.

A Duqueza de Bejar D. Joanna Martha Capiſtrano de Mendonſa, cazada com o Duque D. Franciſco Diogo Lopes de Zuniga, naõ ſó era eſteril, mas julgava-ſe pelos Medicos impotente: fez voto de dar ao Santo huma lampada de prata, e mandou celebrar

(*iii*) Ibidem.

brar no ſeu altar treze Miſſas, e logo teve hum filho, e foi depois continuando a ſucceſſaõ até ſeptimo parto, todos de filhos varoẽs. Naõ queremos cauzar enfado aos leitores referindo outros milagres deſta claſſe; eſcreveremos alguns ſobre as felicidades, que ſe experimentaraõ nos partos trabalhozos pela interceſſaõ de Franciſco.

No anno de 1606 a Baroneza de Anneſi em todo o tempo da ſua prenhês experimentou grande trabalho, e o eſperava maior no ſeu parto: poſſuida deſte medo foi tomar conſelho com o P. Claudio Vivier Provincial dos Conventos da noſſa Ordem nos Eſtados de Flandres: deu-lhe eſte por conſelho que ſe recommendaſſe com fé ao noſſo Santo, que certamente naõ teria mau ſucceſſo, e chegando o tempo teria felicidade no parto: baſtou eſta receita para alcanſar quanto dezejava; de ſorte que havendo promettido mandar peſſoa em ſeu nome ao ſepulcro de Franciſco em Turs, para lhe dar as devidas graças, logo o poz em execuçaõ.

D. Catharina de Molina nobre Senhora da Cidade de Baeza em Andaluzia Alta, depois que concebeu a dezejada ſucceſſaõ; por interceſſaõ de Franciſco, na occaziaõ do parto ſe vio em termos de perdella antes de a ver; porque, chegada aquella hora, appareceu ſomente hum pé do menino, de ſorte que a parteira julgava impoſſivel o poder naſcer a crianſa viva, e inteira. Com eſta afflicçaõ recorreu a Mãi ao patrocinio de Franciſco, e conſeguio que ſeu filho naſceſſe vivo, porém taõ deſconjuntado, que ninguem lhe promettia vida, como de facto eſteve vinte e quatro horas continuas ſem ſentidos, nem movimento, como cadaver. Magoado o Pai deſte infeliz ſucceſſo, fez conduzir o menino á Igreja do noſſo Convento, e o offereceu ao Santo mais com lagrimas, que com palavras. Naõ ſe paſſaraõ muitos minutos, que o menino naõ tornaſſe a dar ſignaes de vida, achando-o em todos os membros do ſeu corpo muito perfeito, e robuſto.

No

No noſſo Convento da Cidade de Malhorca, Capital daquella Ilha do meſmo nome, ſe venera no Altar mór da Igreja huma imagem de vulto do noſſo Santo Patriarca, cujo bordáõ he taõ prodigiozo nos partos trabalhozos, que para dar noticia aos devotos, aqui copiaremos as meſmas palavras do noſſo P. Joaõ Nicolau, Provincial que foi naquelle Reino, e illuſtre eſcritor da Chronica particular daquella Provincia, *Es* (fala do bordaõ da imagem do noſſo Santo) *el alivio univerſal de todas las Señoras en los dolores de parto, con la experiencia, que tienen, de que en agarrando-ſe del ſanto baculo, paren con felicidad; y algunas, que haviendo perdido las eſperanſas de poder parir, echadas yá en ſus camas ſin fuerças, aguardando la muerte, tomando en ſus manos el dicho ſanto baculo, hallaron el remedio en la mano, y dieron a luz ſus criaturas* (*kkk*).

Com outras muitas reliquias, que ſe conſervaõ nos noſſos Conventos, ſe experimentaõ raros prodigios nos partos trabalhozos. Na Cidade de Coſſencia, naõ huma, mas infinitas vezes, tem obrado eſte milagre hum capello do Santo, que herdou o noſſo Convento. Em Napoles outro *Soli Deo* de panno; e em outros Conventos algumas reliquias mais, que religiozamente nelles ſe guardaõ. A agua, que corre das fontes milagrozas, que o noſſo Santo Patriarca produzio com o toque do ſeu bordaõ, tem feito maravilhas. A da fonte de Paula a levaõ em garrafas a muitas terras diſtantes; conſerva-ſe muitos annos ſempre cryſtallina, e faz prodigiozos effeitos applicada a toda a qualidade da queixa; mas com eſpecialidade nas mulheres, que eſtaõ muito proximas ao parto bebendo huma pequeña porſaõ, ou no meſmo acto, quando o parto he trabalhozo, tem obrado maravilhas.

CA-

(*kkk*) Perrim. l. 6. c. 13. p. 380.

CAPITULO XII.

Maravilhas, que ſe experimentaraõ com ſeu patrocinio em varias partes do mundo.

NA Cidade de Roma no Pontificado de Clemente VIII. houve huma grande careſtia de paõ. Chegando ao noſſo Convento delle Fratte quatro Provinciaes de outras Provincias por cauza do Capitulo Geral, que ſe devia celebrar, foraõ hoſpedados pelo P. Correctòr daquelle Convento; o que naõ deixou de cauzar-lhe oppreſſaõ pela falta de paõ. Recorreu á piedade do bemfeitor, que era hum nobre Cidadaõ Romano, chamado Viſpereſco dos Viſpereſcos. Mandou eſte a ſua filha que, além do paõ, que naquelle dia ſe lhe havia dado de eſmola, déſſe ao Religiozo, que havia mandado o P. Correctòr, mais paõ. Obedeceu a filha, e executou mais do que ſe lhe mandou, porque deu todo o paõ, que achou no armario. Chegaraõ as horas de jantar: e como naõ houveſſe paõ na meza, perguntou o Fidalgo á filha a cauza de naõ haver paõ; reſpondeu eſta que havia dado todo quanto havia em caza ao Religiozo de S. Franciſco de Paula. Surprendeu a Veſpereſco eſta reſpoſta; mas ſempre lhe diſſe que naõ era poſſivel que o tiveſſe dado todo: affirmou ſegunda vez a filha naõ ter deixado nenhum; e replicou o Pai que naõ era poſſivel: por cujo motivo mandou que foſſe ver no armario ſe ainda havia algum. Para comprazer com a vontade de Veſpereſco, foi a nobre, e caritativa filha; e achando o armario cheio de paõ, voltou gritando: *Milagre, milagre.* Depois de ver iſto o Fidalgo mandou para o noſſo Convento duas carretas de varios mantimentos quareſmaes; e foi peſſoalmente a elle para referir ao P. Dionyzio de Paula, Correctòr do Convento, e aos mais Religiozos o milagrozo ſucceſſo.

No anno de 1568. havia na Cidade de Palermo grande falta de azeite, por cujo motivo o P. Correctòr do noſſo Convento de Santa Oliva, mandou ao P. Sacriſtaõ, que de noute naõ deixaſſe alampada alguma da Igreja acceza, excepto a do Altar do Santiſſimo Sacramento. Foi o P. Correctòr já alta route vigiar, ſe o Sacriſtaõ havia executado o que elle havia mandado, e achou, que a alampada do Altar do Santo Patriarca eſtava acceza. No outro dia reprehendeu o P. Correctòr ao Sacriſtaõ, por naõ obedecer ao ſeu mandado: Diſculpou-ſe dizendo, que elle naõ tinha dezobedecido, mas tambem naõ ſabia quem tornou a accender aquella alampada. Na ſeguinte noute mandou dous Religiozos, que obſervaſſem ſe o Sacriſtaõ apagava as alampadas, e que ficaſſem de vigia para ver quem as tornava a accender. Viraõ os dous Religiozos, que o Sacriſtaõ apagou junto com as mais da Igreja, excepto a do Sacramento, a do Altar do Santo, mas tambem viraõ, que aſſim que o Sacriſtaõ ſahio da Igreja, eſtava a alampada do Santo ardendo, e no dia ſeguinte houve quem mandaſſe de eſmola baſtante azeite, naõ ſó para as alampadas, mas tambem para provimento do Convento.

Na Avana determinou o Senado eleger hum Santo por ſeu Protector, por cauza das horriveis tempeſtades, que padeciaõ em detrimento dos fructos daquellas terras. No anno de 1628. que experimentáraõ maior perca nos campos, pozeraõ dentro de huma urna varios nomes de Santos para ſe ſortear. Tirou-ſe a primeira ſorte, e nella ſe leu: *A dous de Abril S. Franciſco de Paula.* Naõ quizeraõ eſtar por eſta, por ſer Santo pouco conhecido naquellas partes. Tiraraõ ſegunda ſorte, e ſahio a meſma; ſuppozeraõ ſer cazualidade, por cujo motivo extrahiraõ a terceira, e tambem acharaõ o meſmo nome de Franciſco, ao qual votaraõ logo como Patrono huma feſta no ſeu dia, ficando deſde aquelle tempo, livres, e prezervados de todos os damnos, que antecedentemente experimentáraõ.

No anno de 1631, o Monte Vezuvio junto á Cidade de Napoles vomitou hum rio de fogo, e cinzas de tal sorte, que a Cidade de Nocera se vio em perigo evidente de ficar queimada, porque se vio voar pelos ares huma lingoa de fogo, que sahia do Monte, e se dirigia sobre a mencionada Cidade. Clamáraõ seus Habitadores pelo patrocinio de Francisco, para que lhes valesse em taõ grande conflicto, pois naõ tinhaõ recurso algum para escapar do incendio. Ouvio Francisco as supplicas destes moradores, e de repente se apagou o fogo. Em agradecimento deste milagrozo succesSo, formou-se huma Procissaõ de todos os moradores da Cidade, que foi ao nosso Convento, aonde déraõ as devidas graças ao seu libertador. Depois o elegeraõ por Patrono, promettendo todos os annos fazer huma festa em similhante dia para memoria do seu eterno agradecimento.

O memoravel terremoto, que no anno de 1638 reduzio com impetuozo, e universal impulso a hum monte de pedras todas as Cidades, e Povoaçoẽs situadas no circuito de cento e sincoenta milhas Italianas, só a Cidade de Paula ficou totalmente illeza deste lamentavel estrago, dando o nosso Santo huma evidente prova do seu patrocinio, pois attendeu ás supplicas dos seus compatriotas, e defendeu a sua patria com o seguinte prodigio. Sobre a porta da Praça maior da Cidade, que sahe a huma espaçoza estrada, que termina junto ao mar, havia annos, que collocaraõ os moradores huma Imagem do nosso Santo Patriarca de marmore finissimo; além de naõ cahir nenhum dos edificios da Cidade, nem ainda os mesmos Fortes, se vio esta Imagem voltar-se com a cara para a Cidade, e acabados os violentos movimentos do terremoto, que agitáraõ com horrorozo impetu todas as cazas, e muros da Cidade, se tornou esta Imagem a virar com a cara para o mar, como estava antecedentemente. Parece que quiz segurar aos seus com Concidadões, que naõ receberiaõ damno algum em taõ evidente perigo,

logo

logo que os considerou mais desassustados, voltou a cara para o mar, aonde devia acudir aos Navegantes, como sempre valeu em todas as tormentas, que experimentárão naquelles mares. Todas as terras vizinhas a esta Cidade tambem experimentárão parte deste beneficio, porque não tiverão maior ruina, nem mortandade. Todas reconhecem o beneficio celebrando o anniversario deste dia com festa, e procissão em obzequio do nosso Santo. Fundárão huma grande esperança no seu Protector, confiados no seu merecimento para com Deos, que em todos os terremotos, que se experimentárão nas Calabrias, nunca padeceu couza alguma a Cidade de Paula. No Reino de Sicilia havendo succedido outros terremotos, nos quaes ficárão sepultadas as Cidades de Catania, Siracusa, Augusta, e outros muitos lugares; as Cidades de Messina, e Millazzo confessão com demostraçoẽs publicas o beneficio de ficarem izentas deste flagello pelo patrocinio de Francisco, a quem constantemente veneraõ.

Mostrou o nosso Santo seu poder contra a peste em França, quando vivia entre os mortaes, e depois que passou a ser morador do Ceo o manifestou em Malaga no anno de 1637. aonde só no dia vinte de Julho morreraõ de hum pestifero contagio mais de sinco mil pessoas. O estrago era cruel, e naõ havia esperanças de reparo. Movido do espirito da devoçaõ, e confiando em S. Francisco de Paula hum Sacerdote Secular por nome André Peres, que havia professado a nossa Terceira Ordem, tomando humas contas, que o nosso Santo uzou, e guardava em seu poder com grande veneraçaõ; animado da fé foi com ellas a alguns doentes, e vendo que estes recuperavaõ instantaneamente a saude, deu logo parte ao Bispo, e lhe pedio licença para fazer huma Procissaõ de penitencia em louvor do nosso Santo. Condescendeu o Bispo ás supplicas do P. Peres, e dirigindo este mesmo a Procissaõ, tomou a seu cargo levar huma Cruz grande descalço, e tambem fez, que se levasse em hum andor a

Imagem do noſſo Santo, que ſahio do noſſo Convento. Todo o Povo implorava o auxilio de Franciſco com clamores, e oraçoẽs publicas; forão eſtas attendidas com tanta brevidade, que dentro de poucos dias ſahirão os que eſtavão no Lazareto, ao centos, bons, e ſaõs, ſem outro remedio mais que os ſoccorros do patrocinio de Franciſco, por cujo motivo o Senado o eſcolheu por Protector para ſempre, promettendo-ſe toda a felicidade para o futuro.

No contagio de Napoles, que ſuccedeu no anno de 1657, muitas peſſoas, que eſtavão atacadas deſte mal, entrando em Paula, ou nas ſuas vizinhanças, livrarão a vida. Os moradores deſta Cidade, ainda em outras occazioẽs de peſte, nunca experimentárão eſta qualidade de doença. No meſmo tempo que a Cidade de Napoles padecia eſta epidemía, appareceu o noſſo Santo em Paterno a huma peſſoa ſua devota, e lhe diſſe: *Que ſe ungiſſem os doentes deſte mal com o azeite da ſua alampada, recuperariaõ a ſaude.* Procurou logo o devoto publicar eſta revelaçaõ, e pondo-ſe em practica a receita, naõ morreu nenhum, dos que procurarão eſte antidoto, que foi univerſal. A memoria deſte milagre ainda ſe vê pintada junto á porta da noſſa Igreja de Paterno ao lado eſquerdo do atrio, ſegundo affirma o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi.

CAPITULO XIII.

Appariçoẽs, que fez aos ſeus devotos, e graças, que lhes diſpenſou.

ACompanhou Franciſco as graças, e beneficios, que fazia aos ſeus devotos, depois do ſeu tranzito, com ſua vizivel prezença; com eſta ſe augmentava mais o fervor, e a devoçaõ; porque ſoccorria as afflicçoẽs, e corroborava os animos na eſperança de conſeguir as mercés de Deos. Naõ fallarei aqui das appariçoẽs feitas a varios Religiozos nos Conventos

tos da nossa Ordem, assim de dia, como de noute, já para soccorrer algumas urgencias da Communidade, já para reparar alguns damnos, e já para vingar alguns insultos feitos á sua Caza, e defender seus filhos. Tratando pois das appariçoẽs feitas a seus devotos, referirei alguns cazos dos muitos, que se acharaõ escritos pelos nossos AA.

Domingos dela Vigna Doutor em Medicina na Cidade de Piza, no anno de 1621 accommettido de huma febre maligna estava já desenganado dos seus amigos, e companheiros na mesma faculdade, já sacramentado, esperando a ultima hora de sua vida com a entrada do dia undecimo da sua doensa, dia critico pela observaçaõ dos Fizicos. Pela meia noute do mesmo dia onzeno invocando com grande fé ao nosso Santo Patriarca, de quem em toda a sua vida foi devotissimo, ouvio huma voz, que disse: *Levanta-te, reza o Credo, e logo te acharás bom*; e no mesmo tempo vio na parede defronte da cama huma imagem da Senhora, e a seu lado hum veneravel Anciaõ vestido com o nosso habito rodeados ambos de luminozos raios, que illuminavaõ toda a caza. Em virtude desta vizaõ, e das palavras, que ouvio, naõ teve duvida o Doutor Domingos de levantar-se da cama, que o fez com bastante agilidade; e pondo-se de joelhos rezou o Credo em voz alta, com muita devoçaõ. A mulher chamada Faustina Mancini com esta novidade perguntando ao marido a cauza della, lhe respondeu que esteve rezando o Credo porque huma voz, que ouvio, lho tinha insinuado, e depois lho confirmou huma vizaõ, que teve. *Pois, se isso he assim*, (disse a mulher) *rezemos tambem a ladainha da Senhora, e o Te Deum laudamus*. Ambos rezaraõ: e depois voltando Domingos para a cama dormio todo o resto da noute com muito socego, e no outro dia se achou perfeitamente saõ.

No anno de 1604 a nove de Janeiro Jozé Ferreira natural de Barcelona arquitecto de profissaõ, havendo sido chamado do Duque de Cardona para que

foſſe á Villa de Torra a effeito de huma planta de hum Palacio, que o Duque queria fazer; na volta, que fez deſta Villa para Barcelona, eſpalhou-ſe pelo ar huma nevoa taõ denſa acompanhada de chuva, que naõ via a eſtrada, de tal ſorte, que, perdendo eſta, ſe achou dentro de hum bosque, onde ou cahiria em algum barranco fazendo-ſe em pedaços, ou, naõ paſſando mais adiante ſe expunha a ficar devorado de alguns lobos. Conſiderando eſtes perigos, vendo que creſcia o temporal, e ſe avizinhava a noute, invocou a ſeu protector S. Franciſco de Paula o quizeſſe ſoccorrer. Apenas havia implorado ſeu auxilio, quando vio diante de ſi hum Religiozo anciaõ veſtido com o noſſo habito, que trazia humas contas na maõ direita, e na outra hum bordaõ; ſem dizer-lhe palavra tomou a redea do cavallo, e o foi guiando pela coſta da ſerra, que era aſperiſſima, e impoſſivel de caminhar por ella; e aſſim que chegou perto da caza de hum amigo do arquitecto, chamado Regordoza, deſapareceu. Era já de noute, muito tarde quando chegou a eſte ſitio; achou a porta aberta havendo-a o meſmo filho da caza fechado logo a noute, como ſe averiguou depois, e ficou Jozé Ferreira attonito do que lhe ſuccedeu: contou o cazo a ſeu amigo, e todos ficaraõ admirados do prodigio.

Andava trabalhando na Igreja Cathedral da Cidade de Girona Jeronymo Nogués Meſtre de obras, e no dia 13 de Dezembro de 1606 cahindo do alto de huma parede da meſma Igreja, de ſeſſenta palmos, hia a dar ſobre hum monte de pedras. Vendo o arquitecto Jozé Ferreira o evidente perigo do meſtre, gritou dizendo: *S. Franciſco de Paula, pela voſſa caridade valei a eſte pobre homem.* No meſmo tempo que proferia o arquitecto eſtas palavras, ouvio ao ouvido eſtas vozes: *Naõ tenhas medo; que naõ terá perigo eſte homem.* Com effeito cahindo ſobre as pedras o meſtre Jeronymo ficou illezo, e tornou ao ſeu trabalho. O Biſpo, que naõ eſtava longe do ſitio, ouvin-

ouvindo o eſtrondo, e as vozes, correu para ſaber o ſucceſſo. Informou-o do cazo Jozé Ferreira; e inteirado que S. Franciſco de Paula foi o protector aſſim deſte prodigio, como do outro, que experimentou o arquitecto, tomou eſte Prelado chamado Dom Franciſco Arevalo de Suazo huma grande devoçaõ ao noſſo Santo, e hum cordial affecto á noſſa Religiaõ.

Na Ilha de Malhorca no anno de 1696 andavaõ ſervindo a obra do noſſo Convento vinte e dous carros; o carreiro de hum cahindo lhe paſſou a roda por ſima, que o deixou morto; os companheiros quando o viraõ cahir clamaraõ dizendo: *S. Franciſco de Paula, ſoccorrei a eſte pobre*: chegaraõ-ſe a elle, e o acharaõ ſem pulſos, de ſorte, que o julgaraõ morto: porém continuaraõ a invocar o valimento do Santo, levantaraõ o corpo do chaõ, e viraõ que arrojava pela boca muita quantidade de ſangue, que indicava eſtar offendido por dentro; mas logo falou o carreiro a ſeus companheiros, e diſſe: *Naõ tomeis ſuſto; que eu eſtou bom, porque no tempo, que eu cahi, S. Franciſco de Paula, e a Senhora da Soledade me defenderaõ do perigo.* Obſervou-ſe depois que nas coſtas lhe ficaraõ impreſſos por muito tempo os ſignaes dos prégos do carro.

Pedro Planaflor da meſma Ilha de Malhorca no anno de 1684, havendo cahido em pobreza por cauza de huma prolongada enfermidade, eſtando já em extrema neceſſidade lhe appareceu hum Religiozo anciaõ veſtido com o noſſo habito, e lhe diſſe que confiaſſe em Deos que no reſto de ſua vida naõ lhe faltaria o neceſſario; e lhe deu duas moedas. Contou o cazo á mulher, e naõ podiaõ attribuir quem ſeria o Religiozo. Em outras occazioẽs de ſimilhante neceſſidade ſempre apparecia o venerando Anciaõ com os ſoccorros precizos. Chegou huma occaziaõ, em que lhe morreu hum filho, e naõ tinha dinheiro para o enterro: appareceu o Religiozo, e deu-lhe o que era precizo para o gaſto do funeral. Ultimamente adoeceu

Pedro Planaflor gravemente, de ſorte, que eſtava já em agonia eſperando o ultimo eſtrago, quando ouvio que a mulher eſtava chorando em altos gritos. Perguntou o enfermo a cauza de ſuas lagrimas; e a mulher lhe referio que, havendo apparecido aquelle Religiozo anciaõ, lhe perguntara ſe o conhecia, e ſe queria que ſeu marido tiveſſe ſaude, e reſpondendo-lhe que naõ o conhecia, diſſe o Religiozo: *Eu ſou S. Franciſco de Paula, cuja Regra Terceira profeſſas. Ouvindo eſtas palavras me levantei para beijar-lhe a maõ; e elle deſappareceu: e eſta he a cauza do meu ſentimento.* Ao outro dia pela manhãa veio o Medico a vizitar o enfermo; e como o achaſſe bom de todo, diſſe: *Outro Medico veio vizitar eſte enfermo.* Contoulhe a mulher o que lhe havia ſuccedido: ao que reſpondeu o Medico: *Eſſe Medico naõ neceſſitava da Medicina, que eu eſtudei para curar os doentes.*

Miguel Belomo filho de Salvador, que era Senador na Cidade de Lentini na Sicilia, no anno de 1581 foi gravemente ferido com huma pedra, que lhe cahio ſobre a cabeça, que ſegundo o parecer dos Cirurgioẽs naõ podia viver muitos dias; deſenganado dos ſoccorros humanos lhe appareceu S. Franciſco de Paula, que lhe diſſe: *Miguel, naõ tenhas ſuſto; terás erizipela na cabeça, mas naõ te offenderá a garganta, nem tocará a ferida; e recuperarás a ſaude: porém dirás a teu Pai que lhe recommendo a minha Religiaõ; que a tome por ſua conta.* Mandou logo o enfermo chamar a ſeu Pai, e contou-lhe quanto lhe havia ſuccedido. Obſervou-ſe o curſo da enfermidade, e naõ faltou hum ponto a quanto havia o Santo promettido. Concebeu Salvador Belomo huma taõ grande devoçaõ ao noſſo Santo Patriarca, e hum taõ grande amor a ſeus filhos, que no anno de 1584 ſe fundou hum Convento na Cidade de Lintini.

Achava-ſe em Napoles hum Mouro, captivo de huma Senhora principal da Cidade, chamado Hacmetilho, que eſtava muito obſtinado ſem querer abandonar

nar a sua seita : applicou sua senhora todas as diligencias para que se baptizasse, mas todas lhe sahirão frustradas. Succedeu fazer-se-lhe huma chaga na perna, que chegou a apodrecer-lhe o osso, ameaçando já huma gangrena. Com este motivo tornou sua senhora a cathequizallo, e lhe propoz que S. Francisco de Paula era hum Santo muito milagrozo, e que, se promettia fazer-se Christaõ, sem duvida alcansaria melhoras, por quanto, permanecendo nos seus erros, naõ se fazia digno de receber mercês do Ceo. Ouvio o Mouro a proposta, e respondeu: *Se esse Santo he taõ grande, e taõ valido de Deos, podeis dizer-lhe que me cure; que eu prometto abraçar a Fé Catholica.* Sua senhora, que com grande ancia dezejava que o seu escravo fosse Christaõ, começou as treze Sextas feiras instituidas pelo mesmo Santo : no Sabbado depois da septima Sexta feira vio o Mouro entrar no seu quarto hum Religiozo anciaõ vestido com o nosso habito, e com bordaõ na maõ, como ordinariamente se pinta sua imagem; e chegando-se á cama, tocou-lhe com a maõ a perna por tres vezes, e logo se lhe tiraraõ as dores, e desappareceu a chaga. Com esta novidade deu o Mouro hum grande brado dizendo: *Estou saõ, estou totalmente saõ* : e levantando-se da cama para beijar o habito daquelle anciaõ, este desappareceu. Contou o cazo a sua senhora, que logo deu ordem a instruillo na Fé, e foi baptizado na Cathedral de Napoles em treze de Abril do mesmo anno, tomando na pia o nome de Francisco Antonio Velasco ; e depois conservou huma grande devoçaõ ao nosso Santo, reconhecendo que a elle devia a saude corporal, e espiritual.

CA-

CAPITULO XIV.

Formidaveis ameaços, que faz a quem naõ reſpeita ſuas Cazas; e caſtigos, que deu aos que deſprezaõ ſeus filhos.

O Amor, que tem Franciſco para com ſeus filhos, o obriga a defendellos dos ultrajes quando alguem pertende inſultallos. Naõ ſeria verdadeiro o amor, ſe o amante naõ empregaſſe todas as ſuas forſas em abono do objecto amado. Ainda que nos ſeus Religiozos naõ ſe achaſſem ſuas virtudes, ou alguma copia dellas, baſta veſtir ſeu habito para Franciſco zelar o ſeu reſpeito, rezervando para ſi punir as acçoẽs, que ſeus filhos praticarem em contrario a ſeu eſtado. Quer pois o meu Santo Patriarca que ſeus Religiozos ſejaõ venerados em attenſaõ ao habito, que veſtem, com o qual reprezentaõ a ſeu Fundador. Do meſmo modo ſuccede com os Conventos: naõobſtante que naõ eſtejaõ abundantes de virtudes, como o Santo os illuſtrava com as ſuas, ſempre quer que todos reconheçaõ que a Caza he ſua, attendendo que todas as cazas conſervaõ o reſpeito pelos donos dellas.

Primeiramente moſtraremos o rigor, que o Santo manifeſtou para conſervar illeza a obſervancia da vida quareſmal, da qual ſeus filhos fazem voto ſolemne. Por cujo motivo he prohibido entrar no refeitorio, nem na cozinha commua coiza de carne, ou lacticinios. Iſto ſuppoſto: Franciſco Zucarato nobre Cidadaõ de Meſſina muito amante dos Religiozos do noſſo Collegio daquella Cidade, aonde coſtumava ir muitas vezes jantar por devoçaõ, levava algumas vezes na ſua companhia hum filho ſeu, por nome Thomás; e como eſte naõ goſtaſſe das comidas quareſmaes, hum dia, que ſeu Pai lhe diſſe que haviaõ de ir jantar ao Convento, prevenio-ſe elle com hum fiambre de carne, que levou na algibeira ſem dallo a ſaber ao Pai: eſtan-

eſtando á meza no refeitorio tirou da algibeira a carne fiambre, que levava para elle comer; porém apenas a poz ſobre a meza, nimguem podia parar com o fétido, que exhalava de ſi, e toda a carne eſtava coberta de bichos, como ſe foſſe de muitos dias. Ficaraõ paſmados do prodigio, conhecendo quanto zelava Franciſco a veneraçaõ, que ſe deve aos ſeus refeitorios, que naõ goſta que ſe profanem com comidas paſcaes.

Sendo Arcebiſpo de Palermo o Cardial Doria, natural de Genova, era ſeu Vigario Geral Dom Franciſco Ribas. Como naquella Cidade tem a noſſa Ordem hum Convento de Religiozas debaixo do titulo dos Sete Anjos, ainda que deſde ſua fundaçaõ foraõ governadas pelos Religiozos da Ordem, no anno de 1598 o Geral da noſſa Religiaõ, que era naquelle tempo o P. Pedro Mena, fez renuncia deſte Convento ao Ordinario. No anno de 1611 foi o mencionado Vigario Geral vizitar o Convento dos Sete Anjos, onde achando duas cozinhas, ſegundo o coſtume da noſſa Ordem, huma na enfermaria para a comida das doentes, e outra para as que ſeguiaõ a vida quareſmal, naõ approvou eſte regulamento: naõ obſtante ſer ponto expreſſo da noſſa Regra que as comidas da carne, ou lacticinios, que ſervem aos enfermos, naõ ſe preparem na cozinha commua, mandou que naõ houveſſe mais que huma cozinha, e que nella ſe guizaſſem ambas as comidas, como tambem que no meſmo refeitorio comeſſem todas, aſſim doentes, como as mais. Na noute ſeguinte appareceu o noſſo Santo a huma Religioza chamada Leonor Maria de S. Simaõ, e lhe diſſe: *Leonor, bota fóra da cozinha aquelle guardanapo ſujo de carne, porque naõ poſſo tocallo.* Obedeceu a Freira executando quanto o Santo lhe havia mandado; mas ella reſpondeu ao Santo: *Como havemos de fazer agora o que o Vigario Geral tem mandado, que na meſma cozinha ſe preparem ambas as comidas, aſſim quareſmaes para as que eſtaõ boas, como*

mo paſcaes para as doentes? Naõ te afflijas, replicou o Santo, *Deos proverá. He vontade de Deos que ſe obſerve a minha Regra pelas peſſoas, que a profeſſaõ: o meſmo Vigario Geral mandará o contrario do que deixou determinado.* Com effeito aquella meſma noute foi o Vigario Geral accommettido de huma ſincope, que lhe durou ſete horas: mas logo que tornou a ſi, immediatamente mandou que foſſem logo logo ao Convento das Religiozas Minimas dos Sete Anjos, e que lhes diſſeſſem que continuaſſem a obſervar a ſua Regra ſem alteraçaõ alguma; dando por nullo o que havia mandado no acto da vizita á cerca da economia das cozinhas.

Havia pouco tempo que ſe tinha fundado na Cidade de Favormina no Reino de Sicilia hum Convento de Religiozos da noſſa Ordem, em cuja fundaçaõ nos foi concedida a Igreja do Santo Crucifixo, eſtipulando huma eſcritura publica entre a Religiaõ, e a Irmandade, que era ſenhora daquella Igreja. No anno de 1615 foi vizitar aquella Cidade Dom Joaõ Velez Vigario Geral de Monſenhor Pedro Ruiz Arcebiſpo de Meſſina, como ſujeita á ſua Dieceze. O Arcipreſte da Sé Dom Melchior Coelho, pouco affecto aos Religiozos, reprezentou ao Vigario Geral Vizitador que o que ſe havia concedido aos Religiozos Minimos pela Irmandade do Santo Crucifixo, era ſó a Igreja deſpida de ornatos, e de veſtimentas; e que neſtes termos ſe devia obrigar aos Religiozos reſtituiſſem as imagens, ornamentos, caſtiçaes, ſinos, e tudo o mais, que ſe achaſſe de portas a dentro: por cujo motivo pedia licenſa para mandar notificar a Communidade para que apprezentaſſem a eſcritura de doaçaõ. Foi notificado o P. Corrector do Convento, que era o P. Boaventura Azavello, natural de Meſſina, para no outro dia exhibir a eſcritura. Os Religiozos mandaraõ hum proprio ao P. Provincial, que ſe achava no Convento de Meſſina: e aſſim que leu a carta, que lhe eſcreveu o P. Corrector, partio para Favormina: po-

porém a penas chegou a esta, se soube, que o Arcipreste Belchior teve hum froxo de sangue pela boca, que esteve quazi suffocado, e mandou chamar a toda apreça ao P. Corrector, que lhe importava falar. A penas o vio, lhe pedio humildemente perdaõ do mal, que intentava fazer á sua Communidade, informando siniſtramente ao Vigario Geral, só por aversaõ, que tinha aos Religiozos: E depois disse mais que naquella noute antecedente lhe havia apparecido S. Francisco de Paula seu Patriarca, e com rosto indignado lhe disse: *Já que tens perseguido os meus filhos, e quizeſtes fazer mal á minha Caza, Deos te coartou a vida. Á manhã ás meſmas horas, que determinavas fazer o eſpolio da minha Igreja, a morte fará o eſpolio da tua vida.* Naõ falhou hum minuto o horroroso castigo, porque ás meſmas horas, que se deraõ para apprezentar a escriptura em Juizo, espirou, deixando a todos assustados do succesſo, e ensinados para guardar mais respeito aos filhos, e cazas deste Thaumaturgo, se naõ queriaõ experimentar os castigos.

Monsenhor Elias Bispo de Siracuza na Sicilia no anno de 1642. sendo informado, de que o matador de hum criado seu se havia homiziado no nosso Convento, mandou seus Ministros deſſem busca por todo elle, mas como naõ o achaſſem, porque elle immediatamente que fez a morte, fugio fóra da Cidade, suspeitando o Bispo que os Religiozos o teriaõ occultado, cheio de indignaçaõ contra a Communidade, procedeu a pór interdicto na nossa Igreja. Na meſma noute foi o Bispo accommettido de humas dores taõ agudas, que lhe fizeraõ perder as esperanças de poder amanhecer com vida; porque nem os remedios lhe aproveitavaõ, nem os Medicos as sabiaõ capitular para soccorre-lo. Conheceu este Prelado qual era a maõ, que o castigava, e mandando levantar o interdicto, ordenou, que áquellas meſmas horas se abriſſe a Igreja, naõ obſtante ser de noute; e immediatamente se achou livre das dores.

Outro

Outro Prelado, (que o Auctor, de quem copiamos eſtes cazos, naõ nomeia pelo reſpeito de eſtar ainda vivo, quando elle eſcreveu, (*f*) mal informado da juſtiça, que acompanhava á noſſa Communidade ácerca de preferencia com as outras Religioẽs, mandou que na ſua Cathedral ſe pozeſſe o banco para a noſſa Communidade em hum ſitio, aonde naõ correſpondia, attendendo á ſua antiguidade, pois devia prezidir a algumas das outras, que eraõ menos antigas na fundaçaõ. Na noute ſeguinte lhe appareceu o noſſo Santo, que lhe deu huma aſperiſſima reprehenſaõ, como o meſmo Biſpo confeſſou depois, e confirmou com mandar o contrario logo, ordenando, que ſe pozeſſe o banco no meſmo lugar, aonde de juſtiça pertencia á noſſa Communidade.

Em huma Cidade de Calabria, (que, pelos meſmos motivos já referidos, paſſa em ſilencio o Auctor, que citamos,) havia hum Fidalgo, que era devedor ao noſſo Convento da meſma terra, de huma grande ſomma de dinheiro: foi a ſua caza o P. Procurador da Communidade para lhe pedir a divida: injuriou-ſe deſta acçaõ o Fidalgo, e cheio de indignaçaõ naõ ſó maltratou o Padre com palavras, dizendo-lhe, que naõ reſpeitava ſua caza, mas tambem o inſultou com a bengala, dando-lhe, ainda que levemente, ſobre o habito. Tinha eſte Fidalgo hum filho unico herdeiro de ſua caza, a quem amava muito, porque já era viuvo, e naõ eſtava em termos de ter outro. Na noute ſeguinte lhe appareceu hum Religiozo anciaõ veſtido do noſſo Habito, que com o bordaõ fuſtigou baſtantemente o menino, e depois lhe diſſe: *Que ſe revelaſſe quem lhe tinha dado, logo morreria.* Vio no outro dia o Pai os vergoẽs, que ſeu filho tinha no corpo, e procurou indagar quem foi o auctor, porém o Menino reſpondeu: *Se eu o digo, logo morro.* Naõ obſtante, o Fidalgo cheio de cólera obrigou ao filho

(*f*) Perrimezzi pag. 393.

filho a que o declaraſſe, e com effeito diſſe, que o levaſſe ao Convento dos Minimos, que alli diria quem lhe dera. Foi conduzido ao Convento, aonde fazendo queixa ao P. Corrector do inſulto, que fizeraõ a ſeu filho, mandou juntar os Religiozos todos para ver qual delles havia ſido. Como o menino naõ achou entre elles o que lhe havia apparecido na noute antecedente, foi acompanhando ao pai á Igreja, aonde logo que vio a Imagem de vulto do noſſo Santo, que ſe venera na ſua Capella, diſſe: *Eſte he o Religiozo, que me deu as pancadas.* Foraõ os Religiozos regiſtar a Imagem, e acharaõ o bordaõ partido, como ainda ſe conſerva do meſmo modo, e o menino morreu em breves dias, como o Santo o tinha ameaçado.

Huma Senhora cazada com hum Fidalgo de Palermo havia promettido duzentos eſcudos da moeda daquelle Reino ao Santo, ſe pela ſua interceſſaõ tiveſſe hum filho para ſucceſſor de ſua caza. Naõ ſe paſſou muito tempo, depois de feito eſte voto, que naõ conſeguiſſe a graça, ſegundo ſeu dezejo, mas eſquecendo-ſe de cumprir a promeſſa, eſtando já o menino adulto, ainda naõ falava; pareceu-lhe que ficaria mudo. Quanta alegria havia concebido eſta Senhora no tempo do parto, outro tanto ſentimento a acompanhava em ver ſeu filho já creſcido, e ſem fala. Conſiderando que podia naſcer eſte defeito de naõ haver cumprido fielmente a promeſſa feita a Franciſco, foi á ſua Igreja levando na ſua companhia o Menino, ao qual deu huma bolſa, depois que entraraõ na Igreja, na qual eſtava o dinheiro, que tinha promettido, e diſſe ao menino, (que, ainda que naõ falava, fazia tudo quanto lhe mandavaõ) levaſſe aquella bolſa ao Altar do Santo. A penas a recebeu, logo a deitou o menino no chaõ, e naõ quiz leva-la. Repetio eſta meſma acçaõ mais duas vezes, que a mãi lhe mandou a levaſſe. Deitou a Fidalga confuza eſta repugnancia do ſeu filho, que era taõ obediente em executar outras couzas: e como ſe achou prezente na meſma Igreja hum Religiozo

zo Carmelita ſeu Confeſſor, conſultando o cazo com elle, lhe perguntou eſte: *Quantos annos havia, que devia ter pago aquelle dinheiro?* e fazendo o cumputo ao juro, lhe diſſe: *Repozeſſe aquella quantia na bolſa, e déſſe eſta ao menino para a pôr no altar.* Executou a ſenhora quanto lhe aconſelhou o P. ſeu Confeſſor, e entregando a bolſa ao filho, foi eſte promptamente ao Altar do Santo, e deixando-a ſobre elle diſſe: *Tomai, meu pai.* Sendo eſtas as primeiras palavras, que articulou, continuou depois em falar com deſembaraço.

Eſte cazo, que por ultimo deſte Capitulo eſcrevemos, naõ diz relaçaõ ao reſpeito, que quer o Santo, que ſe guarde a ſuas cazas, e aos ſeus Religiozos, como temos viſto nos antecedentes, mas ſim á ſua meſma Imagem. Na terra de Labriola Diocezis de Potenza, na Igreja dos PP. Menores Conventuaes, ſe acha huma Capella dedicada ao noſſo Santo, que ſe venera em huma Imagem de vulto com hum bordaõ na maõ. Eſtavaõ no adro deſta Igreja huns rapazes jogando huma eſpecie de jogo ſimilhante ao da laranginha, e como tiveſſe hum delles duvida, pedindo méças, e naõ achando com que medir, entrou na Igreja, e vendo nas mãos do Santo o bordaõ, extendeu a maõ para lho tirar, e ſervirſe delle para o miniſterio, que elle queria; mas ao meſmo tempo que extendeu o braço, levantou a Imagem de Franciſco o bordaõ, dandolhe com baſtante força ſobre a cabeça, fazendo-lhe huma ferida. Correu o rapaz a caza banhado em ſangue, contou o ſucceſſo á mãi, queixando-ſe de hum Religiozo da Ordem Serafica, que lhe tinha dado. Foi a mãi ao Convento falar ao P. Guardiaõ, e naõ ſe achando entre aquella Communidade o Religiozo, de quem ſe queixava o menino, voltando-ſe eſte para o Altar do noſſo Santo diſſe: *Eſte he o Padre, que me deu a bordoada.* Eſte menino depois der ter idade competente foi Sacerdote, e viveu huma vida muito ajuſtada; chamava-ſe D. Carlos Brizza: elle meſmo contava muitas vezes o ſucceſſo, que lhe havia ſuccedido ſendo rapaz.

CA-

CAPITULO XV.

Tempeſtades do mar, que ſerena: chuvas, que mandou em beneficio das terras: abundancia de colheita nos campos pelo ſeu patrocinio.

ASSIM na vida, como depois do ſeu tranſito; quiz manifeſtar Deos a todos o poder, que tinha dado a Franciſco ſobre os elementos. Saõ infinitos os milagres, que podiamos referir do noſſo Santo, porque todos os dias ſe continuaõ, ſem ceſſar, nas peſſoas, que animadas da fé recorrem á ſua protecçaõ: eſcreveremos alguns dos que referem os noſſos AA. por ſerem mais authenticos: daremos principio pelos ſuccedidos no mar. No anno de 1638 andavaõ peſcando no ſeu batel Lucas Novello, e Bento Colamaza para ganhar ſeu ſuſtento: levantou-ſe de repente huma taõ grande tempeſtade, que todos os marinheiros, que eſtavaõ da praia vendo o batel, movidos a piedade, foraõ em hum barco mais forte para ſoccorrellos em ordem a que naõ ficaſſem aquelles dous peſcadores ſepultados nas ondas. Chegaraõ com effeito ao batel; e Bento Colamaza logo ſaltou para o barco, mas naõ pôde fazer outro tanto ſeu companheiro, porque as ondas, e o vento naõ ſó impediraõ recolhello, mas tambem naõ lhes permittio voltar ao porto, porque foraõ parar ás praias de Caſtilhane, trinta e finco milhas diſtante de Paula. Ficando ſó no batel Lucas Novello naõ ceſſava de invocar os ſoccorros do noſſo Santo com grande fé, pois tinha ſua Imagem pintada na poppa. Andou toda a noute fluctuando nas ondas, que cada vez eraõ maiores, mas nunca deſanimou do ſoccorro, com eſperanſas no ſeu compatriota. Ao amanhecer ſe achou em huma ilhota dezerta, chamada Strongoli; e como naõ achaſſe neſte ſitio coiza alguma de alimento, voltou outra vez para o mar, pondo a proa para a cidade de Tropea, que naõ pôde

tomar por cauza do vento, que o fez retroceder levando-o ao Cabo de Milazzo, onde desembarcando foi logo dar as graças ao nosso Santo; e depois de reparar as forsas desfallecidas embarcou para a sua patria. Todos os da cidade de Paula já o suppunhaõ morto, e sepultado nos mares quando appareceu vivo, e saõ; e foi logo descalso ao nosso Convento dar novamente as graças a seu santo compatriota, que o havia livrado de tantos perigos, e conservado a vida.

No mesmo anno a 13 de Abril o arraes de huma falua (*mmm*), chamado Joaõ Jacome Pesce, navegando de Messina a Paula, no golfo de Santa Eufemia se levantou huma tempestade, que ameaçava submergillo, junto com os mais, que vinhaõ na embarcaçaõ. Os passageiros eraõ muitos, a carga naõ era pequena; naõ obstante que botaraõ muita parte da fazenda ao mar, a falua se achava em evidente perigo, e o mesmo arraes naõ achava remedio algum de salvar a propria vida, nem a dos passageiros. Todos possuidos do susto invocaraõ a S. Francisco de Paula, e apenas articularaõ seu nome repentinamente se serenaraõ os mares, deixando a todos admirados o instantaneo soccorro em taõ grave afflicçaõ. O mais he que em breves minutos se acharaõ no porto da cidade de Paula.

Naõ só dominava Francisco o mar estando tempestuozo, mas tambem nas calmarias. Pedro Lepres, homem de negocio da cidade de Malhorca, esperava huma nau sua carregada de fazenda muito importante; estava já á vista do porto, quando appareceraõ huns poucos de chavecos Argelinos; e a nau no mesmo tempo encalhou em hum banco de arêa. Pedro Lepres vendo o perigo, em que se achava a sua nau, pois justamente temia que ficasse espolio dos Mouros, recor-

(*mmm*) Falúa chamaõ em Italia a hum bergatim grande, capaz de levar muita carga, e passageiros, que saõ como o escaler da Rainha N. Senhora, e algumas saõ maiores.

recorreu ao patrocinio de S. Franciſco de Paula, promettendo fazer-lhe huma Igreja, ſe a ſua nau tiveſſe ſoccorro para livrar-ſe do cativeiro dos Mouros. Naõ ſatisfeito com haver invocado o Santo, foi peſſoalmente ao hoſpicio, onde aſſiſtiaõ naquelle tempo os noſſos Religiozos; e pondo-ſe de joelhos diante da Imagem do Santo renovou o voto. Em quanto eſtava neſta diligencia, implorando mais com as lagrimas, que com as vozes, o adjutorio de Franciſco, chegou-lhe o avizo de ter dado fundo a nau dentro do porto a ſalvamento; porque, ſobrevindo hum vento rijo, a deſencalhou do banco, em que eſtava encalhada, e ſe livrou tambem das maõs dos Argelinos, ſem que lhe fizeſſem damno as balas, com as quaes pertendiaõ offender a gente da meſma nau.

O meſmo homem de negocio mandou em huma ſétía, debaixo da conducta de hum Capitaõ Francês, muitos generos, com que a carregou para ſortimento de outras terras, havendo partido havia já muitos mezes, e naõ tinha noticia alguma, porque nenhumas das embarcaçoẽs, que podiaõ havella encontrado, por virem dos meſmos portos aonde ella foi, naõ davaõ relaçaõ alguma. Deſconfiando que ſe teria perdido, recorreu a ſeu ſanto protector, promettendo-lhe que, ſe antes do dia de ſua feſta tiveſſe noticia da ſétía, daria logo cumprimento á promeſſa da Igreja, adiantando tambem o Convento. Naõ faltava mais que hum mez para a feſta; em todo elle ficou ſem noticia. Eſtando elle aſſiſtindo ás veſperas do dia do Santo, lhe vieraõ dizer que a ſétía havia dado fundo no porto. Soube depois do Capitaõ os grandes perigos, que experimentou naquella viagem, e o modo prodigiozo, com que ſe livrou delles, e finalmente o extraordinario lucro, que teve nas fazendas. Deu logo ordem a acabar a Igreja, e tudo o mais, que havia promettido, empregando grande parte do ſeu cabedal a favor dos filhos de Franciſco ſeu bemfeitor.

André Doria Almirante do mar do Imperador

Carlos V., ſendo muito devoto do noſſo Santo, e havendo recebido delle muitos favores por havello livrado em huma horroroza tempeſtade, que experimentou, eſtando embarcado em huma galera; mandou fazer huma galera de prata, e huma eſtatua da ſua peſſoa, e as mandou ao noſſo Convento de Paula, onde ſe conſervaõ para eterna memoria de haver-ſe livrado do naufragio por interceſſaõ de S. Franciſco de Paula. Naõ ſe podem numerar os prodigios, que o Santo tem feito com os navegantes; baſta dizer que todas as Igrejas da noſſa Ordem, que eſtaõ ſituadas em portos de mar, ou nas ſuas vizinhanſas, eſtaõ cheias de votos, e de memorias, que deixaraõ os que por valimento de Franciſco eſcaparaõ dos perigos nas ſuas navegaçoẽs; de ſorte que em muitas deſtas Igrejas, por naõ caberem os mencionados votos nas ſuas paredes, tiraõ huns antigos para pendurar os modernos; e nos clauſtros dos Conventos ſe acommodaõ os que naõ cabem dentro das Igrejas.

Paſſemos agora a falarmos das chuvas. Em Corilhano no anno de 1601 ſe padecia huma grande ſecca, que ameaçava careſtia de paõ na futura colheita. Fizeraõ varias rogativas *pro pluvia*: mas como Deos naõ quizeſſe dar-lhes o ſoccorro, que pediaõ, determinou o Senado, e o Clero fazer huma prociſſaõ dirigindo-a á ermida, que algum dia foi cubiculo do noſſo Santo, que eſtá dentro da cêrca; e nella fizeraõ ſuas preces ſegundo o rito Romano. Eſtando cantando a Ladainha viraõ todos a Imagem do Santo, que ſe cobrio toda de hum copiozo ſuor: ſervio eſte de annuncio da proxima chuva; porque no meſmo dia, que eſtava bem ſereno, ſe turvaraõ os ares, e choveu tanta agua, quanta baſtou para ſatisfazer os campos, e recolher muita quantidade de fructos, que eſtavaõ perdidos pela continuada ſecca.

Na cidade de Catania no Reino de Sicilia, no anno de 1598, a falta de agua ameaçava grandes damnos, porque havia muitos mezes que naõ chovia;

além

além da perda, que se temia nos fructos, cauzava grande susto nas doenças, que se experimentavaõ. Mandou o Bispo que se fizesse huma procissaõ de penitencia dirigida á Igreja da nossa Ordem, e que nella se fizessem as preces costumadas. Estando toda a Igreja cheia de povo, sobio ao pulpito o P. Bernardo Colnago, sujeito de grande espirito; e vendo que todo o auditorio estava commovido em virtude da sua missaõ, se voltou ao nosso Santo, pedindo-lhe em nome daquelle povo com affectuoza peroraçaõ se dignasse alcansar-lhe os soccorros, que pediaõ a Deos, pois suas supplicas mais as expressavaõ com as lagrimas, que com as vozes. Acabou seu sermaõ: mas como ainda naõ houvesse signaes de chover, com constante fé disse o Padre a todo o auditorio, que nenhum sahisse da Igreja em quanto naõ chovesse, porque estava certo que naõ tardaria muitas horas. Assim foi; porque repentinamente, em quanto se estavaõ rezando huns psalmos, começou a chover com tanta forsa, que parecia hum diluvio. Cheios todos de consolaçaõ converteraõ as rogativas em accaõ de graças, que deraõ na mesma Igreja ao nosso Santo.

No anno de 1648 no mez de Maio succedeu outro similhante em Milazzo, povo muito amado de Francisco, sendo Senadores Jozé de Amico, Francisco Capponi, Dom Nicolau Colomna, e Filippe de Amico, que unanimemente votaraõ em fazer huma solemne procissaõ de rogativas supplicando ao Santo o reparo de tantos damnos, que lhes ameaçava com a secca. Levaraõ nesta procissaõ huma reliquia do mesmo Santo, que acompanhou todo o povo derramando copiozas lagrimas, as quaes foraõ taõ efficazes, que, logo que sahio a procissaõ, de repente appareceraõ humas nuvens, que, logo que se recolheu á nossa Igreja, descarregaraõ copioza chuva.

Ainda naõ ha trinta annos succedeu na cidade de Calhari capital do Reino de Sardenha similhante prodigio. Mandou o Arcebispo fazer preces publicas

para chover, porque eſtavaõ os campos muito neceſſitados. Como Deos pelos ſeus juſtos fins naõ quiz conceder eſte beneficio, mandou que ſe fizeſſem prociſſoẽs, levando nellas as Imagens milagrozas da cidade, as quaes ficavaõ depozitadas na Sé, onde ſe lhes fazia novenario: mas naõ baſtou eſta diligencia para alcanſar o dezejado ſoccorro. Mandou finalmente que a noſſa Communidade ſahiſſe em prociſſaõ, levando a Imagem de talha, que ſe venera no Altar dedicado ao meſmo Santo. Deraõ os noſſos Religiozos á execuçaõ logo eſte avizo do Arcebiſpo no Sabbado de Ramos; e immediatamente que moveraõ a Imagem do nicho de ſua capella para collocalla ſobre o andor, principiaraõ a apparecer humas nuvens, que foraõ creſcendo á medida, que ſe hia adiantando a prociſſaõ. Chegou eſta á Sé; e logo ſubio ao pulpito o P. Fr. Balthazar de Guſmaõ, ſujeito muito erudito, e de virtude, que pelo ſeu merecimento foi Vigario Geral deſta Ordem naquelle Reino: e no entanto que eſteve prégando deſcarregaraõ as nuvens huma copioza chuva, que durou huma hora, porque outro tanto tempo gaſtou o P. no ſermaõ. Acabado eſte, ſuſpendeu-ſe a chuva até que a prociſſaõ ſe recolheu ao noſſo Convento com o Santo, pois naõ foi precizo ficar depozitado na Sé. Entrou o Santo na ſua Igreja, e immediatamente renovou-ſe a chuva, que durou toda a ſemana Santa, chovendo todos os dias com ſerenidade. Chegando o ſabbado Santo, pelo meio dia levantou o tempo, que ſe conſervou toda a ſemana da Paſcoa. Dia de Domingo de Paſcoela a horas de Veſperas, que a noſſa Religiaõ as cantava do Santo Patriarca, por ſer no dia ſeguinte o dia, que ſe celebrava a feſta, tornou a chover pelo meſmo teôr toda a tarde, noute, e dia ſeguinte até Sol poſto, que ſerenou outra vez o tempo. O Senado á viſta de todas eſtas circumſtancias, que indicavaõ ſer a maõ de Franciſco quem adminiſtrou taõ opportuno ſoccorro, reconhecendo eſte beneficio, fez huma feſta ao noſſo Santo na ſua Igre-

Igreja propria, aonde foi aſſiſtir toda a Camera, Vice-Rey, e Arcebiſpo em acçaõ de graças; e depois ficou por voto celebrar-ſe eſta feſta com a meſma aſſiſtencia do Senado, que todos os annos a continúa com a meſma religiozidade no noſſo Convento, donde ſahe de tarde huma ſolemne prociſſaõ com a Imagem do noſſo Santo, que acompanha tambem o Senado: e para que ficaſſe eterna memoria de tudo, tomaraõ por com patrono da cidade ao meſmo Santo, como conſta dos livros onde ſe aſſignaraõ todos os Cidadoẽs, que ſe gloriaõ de ſerem protegidos deſte Santo Thaumaturgo.

CAPITULO XVI.

Cativos, que poem em liberdade: varias enfermidades, que cura.

NAõ podemos deixar de referir eſta qualidade de prodigios obrados pelo noſſo Santo Patriarca para ſatisfazermos á piedade dos devotos, e para todos admirarmos a Omnipotencia Divina empenhada em honrar a Franciſco, manifeſtando pelo meio deſtas maravilhas quanto eſtima a ſeu ſervo. Na cidade de Cortone, no anno de 1564, hum homem chamado Mario, foi cativado dos Turcos, que o conduziraõ a Conſtantinopla, onde eſteve muitos annos debaixo de eſcravidaõ: eſtava por eſte motivo ſua mulher penetrada de grande ſentimento pelos trabalhos, que experimentava na auzencia do marido, e naõ deixava diligencia alguma, que naõ praticaſſe para alcanſar o reſgate. Lembrou-ſe de fazer as Sextas feiras ao noſſo Santo: dando principio com fé, continuou com fervor, e cumprio com perſeveranſa. Na ultima Sexta feira, voltando da Igreja para ſua caza, vio que á porta eſtava o marido eſperando por ella. Admirada do ſucceſſo lhe perguntou como havia alcanſado a liberdade? Reſpondeu a iſto o marido, que naõ havia

mais de duas horas, que elle eſtava em Conſtantinopla com os meſmos ferros, que actualmente tinha aos pés; e que hum Religiozo veſtido do habito de S. Franciſco de Paula, que ſe aſſimilhava muito a ſeu retrato, tomando-o pelo braço o conduzira até ſua caza, onde ſe achava, ſem ſaber mais coiza alguma, que podeſſe referir.

Domingos Novello, no anno de 1582, havendo cativado os Mouros hum cunhado ſeu chamado Marcos Pellegrino, foi á Igreja do noſſo Convento para ſupplicar a Franciſco a liberdade de ſeu cunhado; no meſmo tempo que eſtava de joelhos vio junto ao Altar do Santo hum Religiozo anciáõ, que infundia reſpeito, veſtido com o noſſo habito. Entendendo Domingos que aquelle Religiozo foſſe foraſteiro, pois era a primeira vez que o via no Convento, lhe perguntou de que terra era? Naõ lhe deu o anciáõ reſpoſta a iſto, mas ſim lhe perguntou que fazia naquelle ſitio, e qual era o motivo de ſua oraçaõ? Declarou-lhe Domingos Novello a cauza, que era pedir ao Santo quizeſſe milagrozamente livrar do cativeiro ſeu cunhado. Interrogou novamente o Religiozo anciáõ a Domingos, como ſe chamava ſeu cunhado? E como lhe reſpondeſſe que ſeu nome era Marcos Pellegrino, lhe diſſe o anciáõ: *Ide com Deos a voſſa caza; que no dia de S. Marcos voſſo cunhado eſtará na voſſa companhia.* Cheio de alegria correu para caza, contou a noticia a ſua mãi, e a ſua irmãa, as quaes com dezejos de averiguar mais de raiz o que haviaõ ouvido, foraõ á Igreja em procura do Religiozo anciaõ; que já naõ acharaõ, nem noticia de que eſtiveſſe no Convento Religiozo algum, que ſe aſſimilhaſſe ao que ellas pintaraõ. Conceberaõ maiores eſperanſas na promeſſa, porque logo ſe perſuadiraõ ſeria o meſmo Santo, que falou com Domingos. Chegou o dia de S. Marcos, e no meſmo dia appareceu Marcos Pellegrino em ſua caza, affirmando que o Santo o livrara do cativeiro, em que eſtava. Outros muitos prodigios omittimos

pela

pela brevidade, que nos propozemos obſervar nesta hiſtoria.

A Princeza D. Maria Anna Arqui-Duqueza de Auſtria, cazada com Maximiliano Duque de Baviera, padecendo huma enfermidade incuravel, lhe ſobreveio hum frenezi, no qual naõ queria admittir nenhum genero de alimento, nem dormia. Neſte trabalho temiaõ todos que chegaſſe a Princeza a maior exceſſo. Foraõ os noſſos Religiozos ao Paço: e devendo-ſe-lhe dar huma bebida, que os Medicos lhe haviaõ receitado, naõ havendo os antecedentes remedios produzido effeito, eſte, que foi adminiſtrado pela maõ dos noſſos Padres, que botaraõ no copo huma pedrinha tirada da ſepultura de pedra, onde ſe depozitou o corpo do noſſo Santo, immediatamente a reſtituio a ſeu perfeito juizo, e inteira ſaude; beneficio, que em toda a vida confeſſou em memoria do eterno reconhecimento.

Naſceu hum menino aleijado de pés, e maõs. Penetrados os pais de ſentimento por ſer o primeiro fructo do ſeu matrimonio, procuraraõ os meios de poder remediar eſte defeito; mas todos lhe ſahiraõ fruſtrados. Rezolveraõ ambos recorrer a S. Franciſco de Paula, ſem ſaber hum dos conſortes o penſamento do outro, porque naõ conferiraõ eſta materia; e principiaraõ a trezena do Santo com muita devoçaõ: na Sexta feira voltando para caza acharaõ o menino, que corria pelas cazas livre da aleijaõ, que padecia. Miguel Vital natural de Lebriza, muito devoto do noſſo Santo, padecia humas grandes dores no joelho por conta de huma inchaçaõ, que o poz em termos de ficar aleijado, pois ſe havia gerado huma chaga, que os Cirurgioẽs davaõ por incuravel. Mandou dizer huma Miſſa no Altar de Franciſco, e que lhe levaſſem o bordaõ, que a ſua Imagem tinha maõs. Aſſim que o teve, logo o poz ſobre o ſeu peito com grande fé, e devoçaõ; e achando-ſe livre das dores, levantou-ſe da cama encoſtando-ſe ao meſmo; deu os primeiros paſſos, e depois ficou inteiramente ſaõ.

Ha-

Havia huma mulher em Perpinhaõ paralytica de huma paralyzia, que havia annos a tinha proſtrada na cama; e ſobre eſta queixa lhe ſobreveio huma erizipela, que lhe fez perder a figura humana no roſto com a inchaçaõ. Perſuadiraõ-lhe varias peſſoas que mandaſſe vir a reliquia do noſſo Santo para ver ſe experimentava melhoras, porque ſe temia o ultimo eſtrago naquella enfermidade; porém nunca quiz a doente conſentir eſte remedio, que lhe inculcavaõ para a ſua queixa. Como naõ ceſſavaõ as meſmas peſſoas de perſuadir-lhe quizeſſe procurar os ſoccorros na reliquia de Franciſco, mais por condeſcender com as inſtancias, que lhe faziaõ, que por propria vontade, diſſe que ſim. Chegaraõ dous Religiozos do noſſo Convento com a reliquia; mas a doente ſem fé, nem devoçaõ interior, como ella meſma confeſſou depois, permittio que lhe chegaſſem a tocar na cara a reliquia. Apenas tocou a reliquia o roſto da doente, logo ſentio o maravilhozo effeito, abrindo os olhos, e deſapparecendo a erizipela. Eſte milagre, naõ eſperado da mulher doente, incredula do poder de Deos, que obra pelo meio dos ſeus Santos, a converteu de tal ſorte, que mudando de ſyſtema pedio aos PP., que lhe levaraõ a reliquia, lha quizeſſem applicar á parte leza da ſua paralyzia, que havia dous annos, que a tinha entrevada: com effeito executaraõ os Religiozos quanto a enferma pedia; e como ella ajudava a cura com a fé, que antecedentemente naõ tinha, ficou totalmente livre de toda a moleſtia.

CA-

CAPITULO XVII.

Peccadores, que reduz á penitencia: innocentes, que prezerva do peccado.

DESTA qualidade de milagres, na verdade glorioſos aſſim para quem os recebeu, como para quem os obrou, ainda depois do ſeu tranzito, foi o auctor Deos pela interceſſaõ de Franciſco; pois uzando eſte em toda a ſua vida de huma ardente caridade em beneficio das almas, depois que ſem as ſombras, que lhe fazia o corpo, eſtá gozando da Vizaõ beata, naõ devia ſer menos o cuidado do adiantamento das meſmas almas: e porque eſtas entre os mortaes coſtumaõ ſer ou reprehenſiveis, ou innocentes, com humas, e outras moſtrou o noſſo Santo ſeu elevado poder, fazendo que aquellas ſe reſtituiſſem ao eſtado da graça, e que eſtas ficaſſem prezervadas da culpa. Falamos aqui ſómente das que receberaõ eſte eſpiritual beneficio pelo meio dos milagres, que ſe fizeraõ publicos; porque de muitos occultos, que ou naõ ſe divulgaraõ, ou naõ chegaraõ aos ouvidos dos hiſtoriadores, naõ podemos dar noticia; e ainda dos que achamos eſcritos naõ copiamos mais que alguns para darmos idéa dos que omittimos, e dos que poderia fazer.

No anno de 1592 vivia na cidade de Paula hum homem de conſciencia deſordenada, e o peior era que o demonio, para o ter ſempre ligado com a culpa, naõ o deixava reflectir ſobre ſeus deſconcertos. Habituado já nos vicios ſe fez inſenſivel a todos os auxilios, que Deos lhe mandava. Ainda que ſe lhe pozeſſem á viſta muitos exemplares, eſtava cego para imitallos; e ainda que ouviſſe as vozes dos Miniſtros de JESUS Chriſto, naõ as ouvia para acodir, e procurar a penitencia. Só hum milagre da graça podia reſuſcitar eſta alma ſepultada na culpa. Appareceu-lhe S. Franciſco de Paula, que, depois de fazer-lhe conhecer o deploravel eſta-

eſtado de ſua conſciencia, lhe diſſe que dentro de dous dias paſſariaõ por aquella cidade dous Padres da Companhia de JESUS; ao primeiro dos dous, que encontraſſe, naõ tiveſſe duvida de manifeſtar-lhe ſua conſciencia. Dous dias depois deſta vizaõ chegou a Paula o Padre Antonio de Angelis com ſeu companheiro, que hia por ordem do ſeu Prelado prégar Miſſaõ. A eſte Padre Antonio de Angelis encontrou primeiro o homem; e deſcobrindo as chagas de ſua alma, fazendo huma confiſſaõ geral, abraçou os conſelhos prezervativos da reincidencia, e ſahio do mizeravel eſtado da ſua vida eſtragada, em que havia vivido muitos annos.

O Senhor de Pioger Advogado do Parlamento de Pariz, e morador na cidade de Amiens, no anno de 1637 cahio mortalmente enfermo com huma febre maligna, que em breves dias lhe tirou a fala, e o privou dos ſentidos ſem dar-lhe tempo a receber os Sacramentos, nem ainda a confeſſar-ſe. Eſtava toda a familia em grande conſternaçaõ, porque viaõ que eſtava já agonizando. Mandaraõ chamar ſeu irmaõ o Padre Franciſco Pioger Religiozo da noſſa Ordem, que foi logo acompanhado do Padre Antonio Ringart; e levando conſigo a reliquia do Santo, que he hum *Soli Deo*, que o meſmo Santo havia uzado, lha applicaraõ na cabeça, e immediatamente tornou a ſi, e falando pedio que ſe queria confeſſar. Fez eſte acto com muita ſatisfaçaõ, acompanhado de copiozas lagrimas; e depois de haver recebido o Santiſſimo Viatico, e Santa Uncçaõ, dando provas evidentes do ſeu deſengano, e de eſtar verdadeiramente arrependido de ſuas culpas, tornou ao lethargo, no qual dentro de poucos minutos expirou.

Similhante a eſte repetio Franciſco outros na meſma cidade de Amiens em beneficio de muitas peſſoas; de ſorte, que já era conceito geral, que todos faziaõ, que para reſtituir a fala aos moribundos para o effeito de ſe confeſſarem, naõ procuravaõ outros ſoccorros

mais

mais que a reliquia do Santo, ou a invocaçaõ do ſeu nome. Aſſim o affirmou Joaõ Pioger, pai do Advogado, do qual acabamos de falar, a hum Fidalgo, que lhe perguntou, que remedio uzaria para que ſua mulher, que eſtava agonizando, ſe reſtituiſſe á ſua fala, para ajuſtar as contas de ſua conſciencia: *Meu ſenhor* (diſſe Joaõ Pioger) *naõ ha outro remedio mais, que recorrer a S. Franciſco de Paula, que teve o dom de Deos de fazer falar os mortos, e confeſſar-ſe os vivos.* Aſſim tambem ſe verificou com Joaõ Furnier eſtando no extremo da vida no anno de 1647; apenas ſe lhe applicou a reliquia do noſſo Santo melhorou o tempo precizo para ſe confeſſar, e receber os Sacramentos, que lhe faltavaõ; e depois morreu ſantamente. Podemos ſegurar que eſta penitencia, alcanſada de Deos por Franciſco a favor dos ſeus devotos, he huma penitencia final, da qual depende a poſſe da Bemaventuranſa.

Devemos tambem dizer que os devotos de Franciſco, que ſe conduziraõ com vida ajuſtada, tiveraõ grandes ſoccorros do ſeu patrocinio, ou inſpirando-lhes a vocaçaõ para o eſtado Religiozo, onde viveraõ com exemplaridade, ou livrando-os de imminentes perigos de cair em culpa, ou finalmente corroborando ſeus eſpiritos para reziſtir ás tentaçoẽs; por cujo motivo devem, os que tomaraõ devoçaõ com eſte Santo Patriarca, naõ deixar-ſe vencer da tibieza, antes ſim cultivar com maior fervor a ſua amizade, implorar com efficacia o ſeu patrocinio, e reveſtir-ſe de huma fé pura para alcanſar os beneficios, que pertendem; que ſendo reguladas ás ſupplicas pelo ſerviço de Deos, e para maior honra, e gloria do meſmo Senhor, eu lhes ſeguro que ſeraõ attendidas, e deſpachadas com felicidade.

CA-

CAPITULO XVIII.

Livra muitos endemoninhados : ſoccorre a todo o genero de neceſſidade.

He indubitavel que maior horror cauza Franciſco aos eſpiritos infernaes agora que ſe acha triunfante no Ceo , que quando os combatia eſtando no mundo. Ainda que naquelle tempo ſempre ficaraõ vencidos nas batalhas , todavia podiaõ lizongear-ſe com as eſperanſas de algum dia ſerem victoriozos em quanto eſtava neſta vida mortal. Porém agora , que o vêm ſeguro na poſſe da eterna gloria , naõ podem deixar de haver concebido incomparavel terror ; de ſorte , que , ſe em ſua vida baſtava a prezenſa , ou o nome de Franciſco para fogirem aterrados dos corpos , que atormentavaõ ; agora com muita maior razaõ deve aſſuſtallos ſeu nome articulado pelos Miniſtros de Jesus Chriſto.

Padecia , havia muitos annos , huma mulher huma grave vexaçaõ do demonio , natural de Corilhano na Calabria ; e havendo procurado todos os meios para livrar-ſe , teve tanta infelicidade , que nunca chegou a conſeguillo. Finalmente foi hum dia conduzida á pequena ermida , que eſtá na cêrca do noſſo Convento , que era a meſma caza aonde o Santo ſe retirava para praticar as ſuas aſperiſſimas penitencias : e neſte lugar foi por hum dos noſſos Religiozos perguntado o demonio , que vexava aquella mulher , como teve valor de entrar naquelle ſantuario ? Reſpondeu a eſta pergunta com grandes urros , e blasfemias ultrajando ao Padre , acreſcentando que , ſe naõ ſe foſſe da ſua prezenſa , publicaria todos ſeus defeitos. Animado o Religiozo da fé , e com grande confianſa no ſeu Patriarca , lhe diſſe : *Tu naõ poderás fazer iſſo ; porém para executares o que agora te mando para que fique manifeſta a tua vileza , e o teu pouco poder , em nome da Santiſſi-*

Santiſſima Trindade, e do meu Santo Patriarca S. Franciſco de Paula, eu te mando que ſaias fóra do corpo deſta creatura, deixando-a de todo livre do vexame, com que tantos annos a atormentaſte. Foi coiza rara; nunca mais falou aquelle eſpirito da ſuberba; e deixando a creatura deſmaiada, deu os ſignaes de havella deixado totalmente livre.

Fizeraõ muitos exorciſmos varios Sacerdotes a huma mulher natural da cidade de Terra Nova Dieceze de Siracuza na Sicilia; porém todos foraõ fruſtrados; porque o demonio eſtava tenaz em affligilla. Tomou o expediente de recommendar-ſe a S. Franciſco de Paula: appareceu-lhe eſte huma noute eſtando ja na cama, deu-lhe huma véla, e lhe diſſe que na manhãa ſeguinte foſſe á Igreja de Santa Maria de Niſcemi, territorio do Condado de Mazzarino, e que nella accendeſſe aquella véla, que era o que baſtaria para ficar livre da ſua vexaçaõ. Contou logo ao marido eſta vizaõ; que reputando-a por ſonho naõ lhe deu attençaõ. Moſtrou-lhe a mulher a véla, que o Santo lhe havia dado, e principiou a dar-lhe credito. Chegou a amanhecer, e foraõ ambos á Igreja, que o Santo havia inſinuado. Apenas accenderaõ a véla, fez o demonio tantos extremos, que parecia havia de cauzar algum eſtrago, porém durou pouco tempo eſta tormenta, porque ſe vio precizado a ſair fóra do corpo da creatura. Eſta meſma véla ainda ſe conſerva na noſſa Igreja como troféo das victorias de Franciſco, que com inſtrumentos taõ debeis vencia o poder de todo o inferno.

Por naõ multiplicar neſte Capitulo muitos cazos deſtes, nos remettemos aos eſpolios, que deſtas funçoẽs ficaraõ nos noſſos Conventos pendurados nas paredes das Igrejas: para perpetua memoria dos milagres ſe achaõ prégos grandes, embrulhos de trapos, de lãa, e de cabellos, bonecas cheias de alfinetes, e outras coizas mais, que ſahiraõ por vomito das bocas dos vexados, aſſim homens, como mulheres: todos ſignaes, que

que deixavaõ os demonios, de haver ſahido dos corpos das creaturas vexadas. Entre todos os noſſos ſantuarios ſe diſtingue o de Paula, que, ſegundo affirma o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi, por haver ſido teſtimunha de viſta, aſſim que os que padecem eſta queixa aviſtaõ de longe o noſſo Convento, repugnaõ paſſar adiante, e ſó á forſa de preceitos os conduzem a elle, de tal ſorte, que os noſſos Religiozos trabalhaõ muito para fazellos entrar dentro da Igreja; e muito mais lhes cuſta fazellos entrar dentro da ermidinha, que foi a primeira cova onde o Santo habitou fazendo vida eremitica. Porém tambem tem a conſolaçaõ de ſahirem della totalmente livres dos eſpiritos infernaes, que os atormentavaõ.

Paſſemos a outra qualidade de milagres. Na Corte de ElRei de Hefpanha hum Adminiſtrador das rendas Reaes, que devia dar contas por ordem do meſmo Monarca, para ajuſtar a ſua conta juntou todos os Decretos, pelos quaes fez os pagamentos. Entre eſtes achou hum de ſincoenta mil ducados, que por eſquecimento naõ eſtava aſſignado por ElRei; por cujo motivo naõ lhe levariaõ em conta aquella addiçaõ, e lhe ficava grande nota na ſua honra, além da perda daquella parcella, que devia repor. Quando achou eſta notavel falta, penetrado de hum grande ſentimento naõ ſabia eſcolher rezoluçaõ alguma para ſeguir; porque repor o dinheiro ſem falar no pagamento, que tinha feito, era a quantia groſſa; e além de defraudar ſeus proprios filhos, naõ poderiaõ chegar a completalla: e ſe lanſava na conta haver pagado eſte dinheiro, naõ eſtando o Decreto aſſignado, ſe conſtituia em má fé. Depois de muitas horas de combater com o diſcurſo, rezolveu-ſe tomar todos os Decretos, e mettellos na manga da Imagem do Santo de veſtir, que ſe venera no ſeu Convento; e pondo-ſe de joelhos ſupplicou-lhe lhe acodiſſe em afflicçaõ taõ extraordinaria. Havendo deixado todos os papéis depozitados na manga do habito de Franciſco, voltou outro dia a buſ-

buscalos, e achou que todos elles estavaõ com a firma d'ElRey. Era este Filippe III., que declarou depois haver assignado hum Decreto a rogos de hum veneravel Anciaõ, sem que se podesse escuzar.

No nosso Convento da Senhora Santa Anna da Cidade de Muro no Reino de Malhorca, sendo prezizo grande numero de bestas para acarretar materiaes para as obras, que nelle se faziaõ, no anno de 1670. foi hum Religiozo pedilas emprestadas a varias pessoas; entre estas Pedro Cedó tinha hum macho, que já naõ trabalhava por estar cego, mas pela devoçaõ, e dezejo de servir ao Santo, foi com elle a carregar pedra: logo no primeiro caminho conheceu que o macho estava saõ, sem ter falta alguma na vista, e continuou depois a trabalhar muitos annos. O filho de hum Terceiro da nossa Ordem da Cidade de Granada, accidentalmente metteu huma faca pelos olhos dentro: vendo o pai, que estava prezente, o succesSo, invocou o valimento de Francisco, e chegando-se ao filho com grande fé no Santo, lhe tirou a faca, que estava dentro de hum olho, com muita facilidade sem ficar lezaõ alguma na vista. Huma menina, que havia annos tinha cegado, havendo-a levado seus pais pela festa do Santo á nossa Igreja de Lecce, alguns annos consecutivos para supplicar a Francisco lhe restituisse a vista: no anno de 1560, como naõ fizessem os dois consortes tençaõ de ir á festa de S. Francisco de Paula, instou a filha, que queria que a levassem; porque lhe parecia que ficaria consolada: naõ obstante que seus pais naõ estavaõ de animo de fazer a costumada romaria, as lagrimas da menina os fez condescender com seus rogos. A penas entrou na Igreja, se lhe aclarou a vista com toda a perfeiçaõ, de sorte que a mesma menina naõ podendo conterse com alegria, gritou dizendo: *Milagre, milagre, que fez meu Santo.* Cheios de consolaçaõ seus pais deraõ as devidas graças a Francisco por beneficio taõ particular.

CAPITULO XIX.

Seu patrocinio milagrozo nas demandas, e outros prodigios, que experimentaõ ſeus devotos.

FAzemos de propozito eſte Capitulo para moſtrar que todos os afflictos, que recorreraõ a Franciſco em todo o genero de neceſſidade, acharaõ prompto remedio no ſeu patrocinio. Sempre foi, durante ſua vida, muito poderozo para com Deos para alcançar do meſmo Senhor mercês a favor dos que o procuraraõ. A experiencia nos tem moſtrado, que a Omnipotencia Divina ſe digna illuſtralo ainda no ſeculo prezente, obrando pela ſua interceſſaõ frequentes milagres.

O P. Hieronymo Herrera Religiozo deſta Ordem eſtando prégando a Quareſma na Villa de Coronil na Andaluzia baixa, como naquelle anno ſe celebrou dentro da Quareſma a feſta do noſſo Santo Patriarca, naõ havendo naquella Villa Convento da noſſa Religiaõ, quiz á ſua cuſta fazer a feſta do Patriarca. Pedio a cêra á Irmandade do Santiſſimo com a condiçaõ, que pagaria o conſummo della. Celebrou-ſe a feſta cantando primeiras, e ſegundas Veſperas, Miſſa, e prégou elle meſmo o ſermaõ: em todos eſtes actos eſteve toda a cêra ardendo, e no reſto do tempo ſempre ſe conſervaraõ baſtantes luzes no Altar diante da Imagem do Santo. Acabada eſta funçaõ, que durou até á noite do dia dois de Abril, no outro dia quando ſe reſtituhio a cêra; pezando-ſe ſe achou naõ haver diminuido couza alguma, porque ſe achou com o meſmo pezo, que tinha antes de ſervir. O que fez éſte milagre mais prodigiozo foi, que naõ cabia eſta cera nos caixoens, de donde ſe tirou por eſtar mais comprida.

CA-

CAPITULO XX.

Milagres, que obra com ſuas reliquias, com ſuas agoas, e outros mais prodigios.

NOs Capitulos precedentes temos referido muitos milagres da meſma qualidade, que os que nós temos propoſto referir neſte. Naõ obſtante para ſatisfaçaõ dos devotos, que dezejaõ ouvir mais prodigios do noſſo Santo, tomaremos o trabalho de eſcrevermos alguns mais neſte Capitulo, que podiaõ pertencer á claſſe dos que tratamos nos antecedentes.

De huma reliquia do Habito do noſſo Santo, que ſe conſerva na caza do Senhor Annibal de Macedonio, eſcreve Julio Cezar Capaccio na ſua Deſcripçaõ do Patrocinio de S. Franciſco de Paula na Cidade de Napoles, ter eſta reliquia huma grande virtude, e obſervar muitos prodigios com as mulheres na occaziaõ dos partos. (*nnn*) As ardentes ſupplicas de Joaõ Amer de la Punta, e de Colomba Cuſturer ambos conſórtes da Cidade de Malhorca, foraõ attendidas de Deos por interceſſaõ de Franciſco, alcançando ſucceſſaõ de hum filho varaõ. Porém naõ contando ainda eſte menino tres mezes, foi acomettido de huma enfirmidade aguda, que o poz nos braços da morte. Mandaraõ logo ſeus pais o Capellaõ de ſua caza buſcar a reliquia do noſſo Santo ao noſſo Convento, e o Prelado mandou ao P. Sacriſtaõ mór, que lha levaſſe para acodir á grande afflicçaõ, em que eſtavaõ eſtes devotos. Apenas o P. Sacriſtaõ applicou a reli-

(*nnn*). Ed un Cappuccio che ſi conſerva del Sig.r Anibalo Macedonio; Cavaliere del Seggio di Porto, del quale ſi vedono anche miracoloſe grazzie, metendo-ſe da un Sacerdote ſopra le donne, che ſtano in parto, dicendo l' Orazione ed Antifona del Sancto. *Apud Perrimez. in Vit. S. P. N. l. 6. c. 22. pag.* 414.

quia ſobre o menino moribundo, immediatamente abrio os olhos, tomou o peito, e ceſſou a doença: em huma palavra, reſuſcitou da morte á vida.

Joaõ Antonio Peruli de Lecce chegou ás portas da morte com humas graviſſimas dores, que o obrigaraõ a munir-ſe com os ultimos Sacramentos diſpondo-ſe para paſſar á Eternidade, e neſtes termos pedio lhe levaſſem o ſoli-Deo do Santo, que ſe guarda no noſſo Convento, e pondo-o na cabeça todo o tempo, que ſe rezava a Ladainha com Antifona, e Oraçaõ do Santo, logo ſe achou de todo ſaõ. O P. Deziderio da Mota Procurador Geral da Ordem, achando-ſe no noſſo Convento da Santiſſima Trindade de Roma, quando os Francezes deraõ hum ſacrilego ſaque áquella Cidade, entrando no noſſo Convento, e perguntando ao P. revelaſſe o ſitio, aonde haviaõ enterrado as peças de valor, e mais preciozas da Communidade, como naõ quizeſſe revelar o ſegredo foi pendurado em alto pelas partes pudendas por muito tempo, para o fazer confeſſar, o que nunca conſeguiraõ. Deſte cruel tormento ſe lhe occazionou ſahirem fóra do ſeu lugar as tripas, que faziaõ tanto vulto como a cabeça de hum homem, e conſultando os Medicos, e Cirurgioens naõ lhe davaõ remedio algum. Animado da fé foi a Turs ao ſepulcro do Santo Patriarca, que ainda ſeu Corpo eſtava inteiro, porque os Hereges ainda naõ haviaõ comettido o inſulto de o queimar, tomou o lençol, com que eſtava coberto o corpo, e cobrindo-ſe com elle por hum bocado de tempo, em quanto rezou ao meſmo Santo, acabada ſua oraçaõ ſe achou totalmente livre da ſua queixa.

No anno de 1657. Paulo Volentino, natural de Milazzo, havia muitos annos que padecia a enfermidade de lepra, fazendo-ſe a ſi meſmo faſtidiozo com hum fetido inſupportavel, ſem achar remedio algum, com que melhoraſſe. Recõmendando-ſe com viva fé a S. Franciſco de Paula, eſte lhe appareceu, e lhe diſſe: *Que ſe queria ver-ſe livre de ſua queixa, que ſe lavaſſe*

vaſſe com a agua do poço do noſſo Convento daquella terra. Executando quanto o noſſo Santo lhe diſſe, quando chegou ao poço, achou hum Religiozo anciaõ ſeu conhecido, que lhe adminiſtrou agua para ſe lavar. No em tanto que ſe lavava, lhe cahiaõ do corpo humas eſcamas fedorentas, e depois ficou limpo por todo o corpo, e livre da ſua queixa.

O azeite da ſua alampada principiou a fazer milagres ainda em vida do meſmo Santo. Porém depois de ſua morte, no anno de 1606. huma mulher natural de Meſſina por nome Paula, cazada com Eſtevaõ Areudi, ouvindo referir os milagres, que o Santo havia obrado com o azeite da alampada em Milazzo, ſe lhe imprimiraõ de tal ſorte, que paſſados poucos mezes, parindo huma criança monſtruoza naõ lhe deu maior cuidado, e aſſim que ſe levantou da cama foi á Igreja do noſſo Convento, levando comſigo a ſua criança informe, e tomando com o dedo o azeite da alampada foi deliniando todas as feiçoens da cara, e mais partes do corpo da ſua criança, deixando-a deſte modo muito perfeita. No tempo que eſta mulher ſe occupava em ungir eſta creatura monſtruoza lhe gritavaõ os circumſtantes increpando-a, mas ella com ſanta ſimplicidade reveſtida de fé reſpondia a todos: *De que vos admirais? porque me culpais? Naõ ſabeis que S. Franciſco de Paula deſte modo fez quanto quiz, e agora tambem obra do meſmo modo?*

Pedro Mattei natural da Ilha de Malhorca, tendo hum filho já deſconfiado dos Medicos ſem lhe applicar remedio algum por julgarem que ſeriaõ inuteis, diſſe aos Medicos: *Ide-vos embora, que naõ ſervis para nada, naõ ſabeis mais que falar, e obrar muito pouco; eu tenho meu Medico, que ha de ſarar meu filho*; e voltando-ſe para a mulher lhe diſſe: *Ide, tomai o menino, e levai-o á Igreja dos PP. Minimos, e ungio com o azeite da alampada de S. Franciſco de Paula, e vereis como eſte remedio o põem bom.* Aſſim ſuccedeu ſem faltar nada.

Nos Moſteiros, ou Conventos fundados pelo noſſo Santo na Calabria, ſe achaõ muitas arvores plantadas pelo meſmo Santo, como ſaõ caſtanheiros, macieiras, vides, larangeiras, nogueiras, e outras mais, que ainda ſe vem no noſſo Convento de Corilhano, no de Paula, e outros. As fructas deſtas arvores ainda nos noſſos tempos he Deos ſervido, dar-lhes virtude para obrar immenſos prodigios. Na Cidade de Verona hum devoto noſſo, que naõ pôde alcançar huma caſtanha, conſeguio ter para reliquia hum bocadinho de páo da meſma arvore; deſte bocado raſpava alguma couza, e dava no caldo, ou agua aos enfermos, e logo eſtes cobravaõ a ſaude: e deſtes milagres affirma o noſſo Illuſtriſſimo Perrimezzi, ſer elle meſmo teſtemunha, havendo ſido tambem o meſmo que lhe fez mimo deſta reliquia. O pó de todas eſtas fructas tem feito hum ſem numero de maravilhas.

Finalizaremos a Vida, e milagres do meu Santo Patriarca com hum prodigio raro. Na Cidade de Gaeta no Reino de Napoles eſtava em grande perigo de cahir hum forno de cal, no tempo que ſe acabava de cozer, porque a fortidaõ do fogo demaziado que tinha, abrio huma parte delle, que por inſtantes ameaçava ruina. Neſte conflicto o dono do forno naõ tendo remedio humano, que lhe podéſſe valer, recorreu a Franciſco para achar o ſoccorro. Tinha huma eſtampa do Santo, e quiz deitalla dentro do forno; porém temerozo de fazer alguma irreverencia ao Santo, naõ ſe reſolvia. Ultimamente como via o imminente perigo, que cada vez eſtava mais proximo, partio ao meio a eſtampa do Santo de alto abaixo, e lançou huma ametade dentro no forno, ficando com a outra parte na maõ. Oh quanto he admiravel Deos nos ſeus Santos! immediatamente ceſſou o impeto das lavaredas, que ſahiaõ pela fenda do forno, e eſte ſe conſervou inteiro até que lhe tiraraõ a cal já cozida, em cuja manobra ſe achou a eſtampa do Santo, naõ

meia,

meia, como a havia lançado seu dono, mas sim inteira, e com outras côres mais vivas; e cotejando esta estampa com ametade que ficou, se achou ser a mesma, assim pela sua primeira fórma, como pelo antigo do papel, sobre que estava estampado. Deos nos dê muita fé para confiarmos na sua infinita mizericordia, e no patrocinio deste Santo Patriarca, livrando-nos dos horrores do peccado. Amen.

LIVRO VI.

Tratado appendix, onde ſe dá huma rezumida noticia de todas as Provincias, e Conventos deſta Ordem.

DEpois de eſcrever a Vida do noſſo Santo Patriarca, ſeu tranzito, canonizaçaõ, e milagres poſthumos; nos pareceu conveniente dar aos curiozos alguma noticia de todos os Conventos deſta Ordem, e dos Varoens, que illuſtraraõ eſtes clauſtros. Havendo dado relaçaõ dos principios deſta Ordem de Minimos fundada por Franciſco; he juſto que demos conta dos ſeus progreſſos obrados na Vida do Santo deſde o anno de 1435, emque lançou os primeiros alicerſes, até o anno de 1507, em que deixando a terra, foi ſer morador eterno do Ceo: e deſde eſta era continuaraõ ſeus Filhos em eſtender a Familia Minima por todo o mundo Catholico. Seguiremos neſte Mappa a ſerie das Provincias, e naõ a antiguidade dos Conventos para ſer mais facil aos Leitores, a comprehenſaõ das mudanças, e divizoens, que pelos Capitulos geraes ſe fizeraõ. Daremos principio pela Provincia da Calabria inferior, por darmos a primazia ao Convento de Paula origem de toda a Religiaõ.

Conventos da Provincia intitulada de S. Franciſco de Paula na Calabria inferior, ou citerior.

Convento de Paula 1435.

ESTá a Cidade de Paula ſituada dentro do Biſpado de Conſencia, meia milha do mar Tirreno, que a banha hum rio do meſmo nome; ſua primeira fundaçaõ foi feita por noſſo Santo Padre em 1435, tendo 19 annos de idade. No tempo, que ſe eſtava conſtruindo, foi illuſtrado de muitos, e raros milagres, dos quaes ainda hoje ſe conſervaõ alguns, como referimos no principio das fundaçoens. Havendo padecido ſuas ruinas quando os Turcos queimaraõ a Cidade no anno de 1570. a reformou magnificamente a Illuſtriſſima, e Excellentiſſima D. Izabel de Toledo Duqueza de Caſtrovilar. Dotou eſta Senhora o Convento para que houveſſe eſtudos perpetuos, como ſe determinou depois pelo IV. Capitulo geral celebrado em Valença em 1571.: depois foraõ reconhecidos por Patronos deſte Convento os Excellentiſſimos Marquezes de Foſcaldo Joaõ Baptiſta Spinello, e D. Julia Urſina ſua conſorte, que edificaraõ huma riquiſſima Capella de exquizitos marmores no meſmo lugar, em que appareceu ao noſſo Santo, S. Franciſco de Aſſis, quando deu principio á fundaçaõ. Abraça eſte edificio dentro de ſi a meſma obra antiga que o Santo conſtruio debaixo do titulo de *Santa Maria dos Anjos, e S. Franciſco de Aſſis.* He eſta Capella a Collateral do lado eſquerdo da Capella mór. Sobre ella ſe lê eſta inſcripçaõ:

Parvum olim ſacellum à Sancto Franciſco Paulano Angelorum Reginæ, ac Sancto Franciſco Aſſiſinati dicatum

Joannes Baptiſta Spinellus Fuſcaldi Marchio, & Paulæ Regulus auxit, ornavit, ditavit, anno Domini 1595.

Na

Na ſacriſtia deſte Convento ſe conſervaõ muitas relíquias, eſpecialmente o meſmo manto, em que o noſſo Santo paſſou o Faro de Meſſina, o dente queixal que deu a ſua prima quando foi para França, o qual eſtá partido em duas ametades deſde que huma mulher profana chegou a tocar eſta reliquia: conſerva-ſe o caldeiraõ, com que obrou tantos prodigios, ſó tocando-o com ſua maõ, como já diſſemos, a meſma tunica que trazia quando eſteve de Pupillo no Convento Serafico da Cidade de S. Marcos. Huns cabellos da barba, humas contas com que rezava, hum relicario de cuberta de veludo em figura de livro, que lhe deu Xiſto IV. que ſempre trazia com ſigo. Hum capello, huma coſtela do ſeu corpo, que a levou a eſte Convento o R.mo P. Alonſo Villamaior ſendo Geral da Ordem, que mandou fazer hum relicario em figura de huma arca, onde ſe conſervaõ todas eſtas reliquias; e eſtaõ em huma Capella da Igreja á maõ direita, que para eſte meſmo fim mandou fazer hum Cavalheiro chamado D. Marino Meralha Altomonte Terceiro da noſſa Ordem, que deu quanto poſſuia para edificar hum Convento em Altomonte.

Na parte mais principal da Igreja ſe lê ſobre huma campa:

Sepultura Tertiariorum Ordinis.

Neſta, he tradiçaõ immemoravel, eſtaõ enterrados os Pais do noſſo Santo. Eſtá tambem neſte Convento o corpo do Veneravel Fr. Joaõ Piobano Religiozo Leigo natural do Abruzzo, que lhe veſtio o Habito o R. P. Fr. Gregorio de Paula Provincial da provincia de Toſcana, em aquelle tempo, que pela ſua grande humildade, naõ quiz tomar o habito para Religiozo do Choro. Deſde ſeus principios na Religiaõ deu a conhecer ſuas grandes virtudes, deixando a todos em duvida, qual dellas dava maiores raios de ſantidade. Poucos annos depois de profeſſo o mandou a obediencia para o Convento de Paula, onde morou com muita alegria; porque nelle procurava imitar as penitencias aſpe-

aſperiſſimas, que havia practicado o noſſo Santo Patriarca. No diſcurſo de mais de 24 annos, que foi morador naquelle Convento, naõ comeu outro alimento mais que paõ, e agua, exceptuando os dias das maiores feſtividades do anno, aos quaes na Religiaõ chamamos dias de Reconciliaçaõ, em que dizia, era precizo dar algum regalo ao corpo, e comia hum bocado de peixe: commungava muito a miudo: teve dom de profecia. Morreu em 14 de Novembro de 1607. com evidentes ſinaes de ſantidade: guarda-ſe ſeu corpo com grande veneraçaõ; porque além das conhecidas virtudes, que em toda ſua vida obrigaraõ a todos a fazer hum conceito ſanto, tres annos depois de morto abrindo-ſe a ſepultura ſe achou taõ inteiro como o dia, em que ſe enterrou, e ainda affirma o P. Montoia, que quando eſcreveu a Chronica geral da Ordem, ſe conſervava do meſmo modo, exhalando do ſepulcro hum cheiro aromatico. *Vide Montoia pag. 8. e 9. do livro 3.*

Habitaraõ eſte Convento outros Varoens illuſtres em ſantidade. Fr. Franciſco de Paula, Religiozo Leigo natural da meſma Cidade, reſplandeceu em ſumma pobreza, e exacta obediencia: morreu em Zirela com grande edificaçaõ dos Fiéis, e fama de ſantidade. O P. Fr. Agoſtinho Larizena, Religiozo Sacerdote, reputado por Santo pela profunda humildade, e perpetua obſervancia regular. Fr. Joaõ de Tropea Leigo: o P. Fr. Balthazar de Maratea Sacerdote, e o P. Fr. Joaõ de Santa Agueda Leigo, que floreceraõ em ſingular paciencia, e obſervancia.

O jazigo dos Religiozos eſtá no Choro baixo com divizaõ: ao lado do Evangelho ſe enterraõ os Sacerdotes, e no da Epiſtola outros, que naõ eſtaõ reveſtidos deſte caracter. Neſte Convento ha eſtudos de Artes. Tambem todos os dias ſe experimentaõ grandes prodigios com eſpecialidade, quando coſtuma faltar o ſuſtento ordinario por conta da muita pobreza, aſſim da terra, como de peregrinos, que vaõ a eſte

fan-

ſantuario, ſe vem evidentemente os milagres da multiplicaçaõ, ou extraordinarios ſoccorros, que Deos manda com abundancia para os Religiozos, e para diſtribuir com maõ larga com os neceſſitados.

Convento de Paterno 1444.

O Segundo Convento fundado pelo noſſo Santo foi o de Paterno no meſmo Biſpado de Coſſencia: foi principiado no anno de 1444. quazi dez annos depois da fundaçaõ de Paula: rezidio neſte Convento nove annos, que duraraõ ſuas obras, nos quaes como já diſſemos fez raros prodigios. O titulo deſte Convento he a *Annunciada*: plantou na cerca noſſo Patriarca muitas arvores, que ainda hoje ſe conſervaõ: guardaõ-ſe varias reliquias dos habitos do Santo, e tambem huns livros de cantochaõ antigos, por onde os Religiozos cantavaõ, até que o meſmo Legislador mandou, que ſe naõ cantaſſe eſte canto pela Regra, que hoje obſerva a familia Minima; mas já póde cantar o meſmo canto prohibido pela Regra, em virtude de huma Bulla de Benedicto XIV.

Venera-ſe neſte Convento huma pequena Ermida, que era a caza, que o meſmo Santo fabricou na cerca para ſeu retiro, como já diſſemos na Hiſtoria. Neſta Ermida eſtaõ ſepultados muitos Varoés illuſtres, que morreraõ em opiniaõ de ſantos, como ſaõ Fr. Joaõ Aprilhano, Sacerdote de ſanta vida, e glorioza morte: Fr. Diogo de Rovito, em cujas maõs morreu o P. Paulo de Paterno. Floreceraõ neſte meſmo Convento, além dos referidos, o P. Fr. Bartholomeu de Paterno, a quem todos chamavaõ o ſegundo Job na paciencia; porque em todo o diſcurſo de ſua vida manifeſtou eſta virtude aſſim nos trabalhos, como nas muitas injurias, que lhe fizeraõ, que nunca abrio boca para ſe queixar, nem perdeu a ſerenidade de eſpirito pela profunda humildade, que tinha radicada na ſua alma: jejuava todos os dias a paõ, e agua, menos

nas

nas feſtas mais principaes, que ſe conformava com a Communidade; porém taõ parcamente que parecia ſe ſuſtentava por milagre. Viveu ſó ſete annos na Religiaõ; porque depois de pouco tempo de ordenado de Sacerdote de idade de 25 annos faleceu na era de 1586. Venera-ſe ſeu corpo com grande reſpeito, porque viveu, e morreu ſantamente. Neſte meſmo Convento eſta o corpo do P. Fr. Domingos de Paterno Religiozo Sacerdote de louvaveis coſtumes, e naõ menos glorioza morte. Outros muitos corpos eſtaõ depozitados, dos quaes naõ temos noticia dos ſeus nomes; mas ſim achamos a memoria de ſua ſantidade.

Convento de Eſpezzano 1453.

A Villa de Eſpezzano diſtante tres leguas de Paterno, Biſpado de Coſſencia, tem hum Convento, que fundou o noſſo Santo Padre no anno de 1453, pouco mais ou menos; porque naõ ſe acha inſtrumento que dê pontual noticia deſte principio; porém ſabemos ſer o terceiro das fundaçoẽs: eſtá ſituado eſte Convento ſinco leguas longe do mar, e perto do rio Favino; por cujo motivo goza da abundancia de peixe, com que ſe ſuſtentaõ vinte e quatro Religiozos: ſeu titulo he da *Santiſſima Trindade*: tem florecido nelle muitos, e grandes ſervos de Deos, que tomaraõ o habito no tempo do noſſo Santo Patriarca, dos quaes naõ temos mais que a geral memoria, e tradiçaõ antiga, que viveraõ inculpaveis, e morreraõ em boa opiniaõ; dos milagres, que o Santo obrou neſte Convento, jâ temos dado noticia na Hiſtoria; os Religiozos, que floreceraõ neſte Convento, foraõ os Padres Fr. Joaõ de la Roca, e Fr. Mattheus Cœlico Sacerdotes, que ſe veneraõ nos ſeus ſepulchros com outros mais, que ignoramos ſeus nomes: do P. Fr. Antonio de Cruculi temos mais noticia; porque achamos que foi de huma paciencia infinita, e obſervantiſſimo da vida quareſmal, além das mais virtudes, que o acreditaraõ

taraõ de vida inculpavel; depois que recebeu os Santos Sacramentos prediſſe o dia de ſua morte.

Convento de Corilhano 1458.

HE a Cidade de Corilhano ſituada á borda do rio do ſeu meſmo nome: diſta da Cidade de Roſſano oito milhas, e tres do mar: em que tempo fundaſſe o noſſo Santo eſte Convento, naõ ha certeza; mas aſſentaõ todos os noſſos AA. que foi no anno de 1458. que o rogaraõ para eſte effeito os Principes de Biſignano: o titulo delle he a *Santiſſima Trindade.* As maravilhas, que o Santo obrou, já as deixamos referidas no Capitulo deſta Hiſtoria: como tambem copiamos a carta eſcrita do punho do noſſo Santo á Princeza do Bizignano, eſcrita de França, que ſe conſerva neſte Convento junto a outras. A Ermida onde o Santo ſe recolhia ſegundo ſeu coſtume, ainda que com a injuria do tempo ſe arruinou, os noſſos Religiozos fizeraõ outra maior, que comprehendeu eſta no meio. Deſcança em paz neſta Igreja o corpo do P. Jeronymo de Malvito, que falleceu em 1607. ſem interromper o jejum continuado, por eſpaço de quarenta annos, e outras muitas virtudes com as quaes adornou ſua alma até ſua feliz morte, que profetizou a hum amigo ſeu Terceiro da noſſa Ordem, dizendo-lhe: *Otavio, hoje a horas de completas paſſarei á outra vida com a graça de Deos*: naõ faltou hum minuto do tempo, que elle prediſſe. Morreu em 8 de Agoſto do referido anno abraçado com huma imagem do Crucifixo, derramando copiozas lagrimas, deixando ſaudoza memoria de ſua exemplar vida, naõ ſó aos Religiozos, mas tambem a todos os moradores da Cidade. Aſſiſtem neſte Convento trinta Religiozos, que ſe ſuſtentaõ com decencia.

Convento de Coſſencia 1510.

ESta Cidade Metropoli de toda a Calabria tambem ſe gloria de ter hum Convento de noſſa Ordem, e de haver eſta recebido os primeiros beneficios do ſeu Arcebiſpo Pirrho. Diſta do mar qnatro legoas, banhaõ eſta Cidade por todos os lados os rios Baſento, e Crate: ainda que os Conſentinos ſupplicaraõ ao Santo quizeſſe dignarſe de fundar hum Convento na ſua terra, naõ teve effeito até o anno de 1510, e ſe deu principio á obra em 14 de Outubro, dando o Senado da Camara ſitio para os Religiozos ſe acommodarem em quanto naõ ſe concluia o Convento, e tambem chaõ para eſte ſe conſtruir: he hum dos melhores Conventos, que tem a Religiaõ na Italia; porque ſuſtenta 40 Religiozos com abundancia: por eſte motivo ſendo Geral da Ordem o P. Fr. Diogo Arias no anno de 1612. eſtabeleceu neſte Convento tres Cadeiras de Theologia, fazendo hum Collegio para os Eſtudantes de todos os Conventos da Calabria inferior.

Convento de Regina 1515.

EStá fundado eſte Convento na terra de Regina deſde o anno de 1515. dando-ſe principio a elle em 20 de Fevereiro. A terra he muito fertil de fructos, e abundante de peixe; porque diſta do mar dez milhas. Fundou eſte Convento o P. Fr. Hector Caputo de Paterno, ſendo Provincial. No eſpiritual eſtá Regina ſujeita á Dieceſi de Biſignano: ſuſtenta 12 Religiozos com baſtante largueza.

Convento de Montalto 1516.

NA muito antiga, e illuſtre Cidade de Montalto Dieceſi de Coſſencia fundou eſte Convento o primeiro Duque deſte titulo D. Fernando de Aragaõ, filho

de

de Fernando V. Rey de Napoles no anno de 1516. pela grande eſtimaçaõ, que fez do Santo, quando paſſou pela Corte de Napoles parar ir a Roma, e depois a França, ficando-lhe deſde aquelle tempo impreſſa a devoçaõ de beneficiar a ſeus filhos. Saõ eſtes muito eſtimados de todos os moradores da Cidade pelo grande affecto, que todos profeſſaõ a Franciſco. Neſta Igreja dedicada á Annunciaçaõ de MARIA Santiſſima, ſe conſerva o verdadeiro retrato do Santo, que mandou tirar ElRey de Napoles, quando Franciſco foi ſeu hoſpede, que tem feito continuados prodigios. Na ſacriſtia eſtá depozitado o corpo do fundador em hum caixaõ rico debaixo de docel com as ſuas armas, e com as ſeguintes letras iniciaes *F. A. D. M.* querem dizer *Ferdinandus Aragoniæ Dux Montiſ-alti.* Noſſo Santo Padre teve grande amizade com Simaõ de la Limena Cidadaõ deſta Cidade, eſcrevendo-lhe a miudo cartas de agradecimentos das grandiozas eſmolas, que lhe mandava, as quaes conſervaõ originaes ſeus deſcendentes, que continuamente vaõ por caza dos enfermos obrando com ellas milagres. Algumas deſtas cartas contém profecias, que o Santo fez, eſcrevendo a ſeu amigo, por cujo motivo o P. Montoia na ſua Chronica da Ordem as poem no fim da ſua obra; mas como temos noticia que algumas dellas ſaõ apocrifas, inventadas por alguns ſujeitos, que quizeraõ authorizar ſuas mentiras, tomando por Patrono ao noſſo Santo, deixamos de as copiar. Suſtenta eſte Convento vinte Religiozos, tem Curſo de Filozofia: nelle morreu o Veneravel P. Fr. Marcello Palmerio Geral da Ordem, natural deſta Cidade, ſujeito digno de toda a eſtimaçaõ pelo grande zelo, com que governou, e huma ſumma caridade, que ſe notava no ſeu coraçaõ. Nunca reprehendeu ſubdito algum com aſpereza; por mais deſcuidados que foſſem, os emendava com palavras efficazes, e brandas; coſtumava dizer frequentemente: *Que o zelo, que naõ governa a caridade, precipita ſeu dono pela temeridade de Lucifer.*

Con-

Convento de Belvedere 1518.

HE ſujeita eſta terra de Belvedere á Dieceſi da Cidade de S. Marcos. O P. Fr. Bernardo de Santa Agueda fundou eſte Convento com o titulo de *Jeſus Maria* em 13 de Outubro de 1518, á inſtancia do povo, que fez ſuas ſupplicas ao P. Provincial Fr. Franciſco Frani. Tem congrua para ſuſtentar 20 Religiozos: tem abundancia de peixe; porque diſta do mar hum quarto de legua, e a terra he muito fertil.

Convento de Biſignano 1518.

DEſte Convento naõ temos noticia individual do anno da ſua fundaçaõ; porém o P. Gervazio Pizzurno no livro intitulado *Manipulus Minimorum* o poem no anno de 1518. Foraõ ſeus Fundadores os Principes de Biſignano, com os quaes teve o noſſo Santo grande amizade: eſcrevialhes frequentemente, e os fez Procuradores da Ordem, como já diſſemos. Tem o titulo de *Noſſa Senhora do Loreto*; tem 16 Religiozos de familia, que ſuſtenta com abundancia pelo muito peixe, que ſe peſca no mar, que diſta dezaſeis milhas.

Convento de Cirilla 1545.

TEm eſte Convento o titulo de *Santa Maria da Graça*, diſta do mar pouco mais de hum quarto de legua: moraõ neſte Convento 12 Religiozos pelos muitos fructos, e peixe, que dá de ſi a terra: foi fundado no anno de 1545. ás inſtancias do povo pelo P. Fr. Agoſtinho de Crotone.

Convento de Bonifato 1536.

OP. Montoya affirma, que naõ tem podido averiguar o dia, mez, e anno, em que ſe fundou

eſte Convento ; porém o P. Pizurno lhe dá o anno de 1536. Eſtá no Biſpado da Cidade de S. Marcos debaixo da invocaçaõ da *Senhora do Loreto.* Deu-ſe o titulo de Fundadores aos Principes de Biſignano por obſequio , e depois deu-ſe o meſmo titulo a Nicolao Colori. He eſte Convento bem aſſiſtido de peixe , e mantimentos quareſmaes , com que ſuſtenta quinze Religiozos. Morreu neſte Convento o Veneravel Fr. Joaõ de Bonifato Religiozo Leigo , que ſe conduzio com huma vida de penitencia aſperiſſima : andou ſempre deſcalço , e com a boa opiniaõ de ſuas virtudes todos lhe davaõ taõ copiozas eſmolas , que depois de edificar o Convento com perfeiçaõ , fundou renda para ſuſtento dos Religiozos ; em toda a Comarca lhe davaõ todos o titulo de Beato Fr. Joaõ. Antes de tomar o Habito era paſtor, e eſtando hum dia com o gado, lhe appareceu Noſſa Senhora , dizendo-lhe : *Que foſſe á Villa para dizer ao Governador da ſua parte , que lhe mandaſſe fazer huma Igreja com o titulo de Santa Maria do Loreto.* Executou o que a Senhora lhe mandou ; mas naõ lhe deraõ credito : e voltando em procura do ſeu gado , tornoulhe a apparecer a Senhora em occaziaõ , que havia ſubido a huma arvore , e cahindo no chaõ ſe ferio na cabeça ; neſte meſmo tempo lhe diſſe Maria Santiſſima : *Joaõ, torna outra vez, e faze o que te mandei da primeira ; que indo ferido , como eſtás , ſerá motivo de darte credito ; e eſtando na prezença do Governador , e do Povo haſde ſarar de repente.* Naõ teve o paſtor duvida alguma em pôr em pratica , quanto a Senhora lhe havia mandado ; e ſuccedeu tudo do meſmo modo , dando-lhe todos credito , de tal ſorte , que logo edificaraõ a Igreja , que a Villa deu aos Religiozos : e o paſtor tomou o Habito , e ſe dedicou em ajuntar eſmolas para fazer o Convento ; eſtá enterrado em lugar diſtincto, como mereciaõ ſuas grandes virtudes.

Con-

Convento de Ziro, ou Ciro 1578.

DEz leguas de Roſſano eſtá a Villa de Ciro ſituada no Biſpado de Umbria, e feudatario aos Principes de Tarſia, que ſaõ Marquezes de Ciro. Fundou á inſtancia da Camara deſta Villa hum Convento deſta Ordem o P. Fr. Domingos de Paula, e eſtá huma milha longe do mar: he muito fertil, e ſuſtenta quinze Religiozos. O P. Pizurno poem ſua fundaçaõ em 1578.

Convento de Roſſano 1580.

ESta Cidade eſtava debaixo de juriſdicçaõ do Cardial Aldrobandino, ſobrinho do Papa Clemente VIII. O Senado da Camara convidou os noſſos Religiozos para fundarem hum Convento, que ſe fez no anno de 1580. a dous de Fevereiro dia da Purificaçaõ da Senhora debaixo do titulo de *Jezus Maria*: diſta do mar legua e meia, e ſuſtenta 12 Religiozos abundantemente pela fertilidade da terra.

Convento de Cazal novo 1586.

NO Biſpado de Caſſano eſtá Cazal novo, ſujeito ao Principe de Biſſignano: fundou-ſe neſta terra hum Convento no anno de 1586. meia legua do mar: ſuſtenta 12 Religiozos.

Convento de Santa Agueda 1593.

EM 3 de Fevereiro de 1593. ſendo Provincial o P. Fr. Pedro de S. Blazio, ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem em hum lugar chamado Santa Agueda, Biſpado de S. Marcos. He tradiçaõ, que quando o noſſo Santo Patriarca paſſou por eſte lugar, ſinalou o ſitio, em que ſe havia de fundar o Convento,

que hoje temos, e poucos dias antes da fundaçaõ delle teſtificou hum Religiozo noſſo chamado Fr. Jeronymo, que elle antes de tomar o noſſo Habito vira o Santo, que determinou o lugar, em que ſe havia de fabricar o Convento, e logo dezapareceu: eſta vizaõ foi o motivo para ir logo ao Convento de Regina a tomar o Habito de noſſa Ordem, onde viveu, e morreu ſantamente. Huma mulher chamada Franciſca Juliana natural deſta terra, que era muda de ſeu naſcimento, vio dentro de ſua caza em huma noite hum Religiozo anciaõ veſtido com o noſſo Habito, que a chamou, e lhe diſſe: *Franciſca, olha o lugar de minha caza*, e logo dezapareceu: havendo viſto a mulher o Convento já formado, como ſe eſtiveſſe acabado, recebeu logo a falla, e contou o que lhe tinha ſuccedido com o Santo. Eſtas, e outras appariçoens, que tiveraõ outras peſſoas, dando-lhes a entender o Santo, que queria que ſeus Religiozos tiveſſem Convento neſta povoaçaõ, deraõ motivo para applicarſe os meios pelos ſeus moradores; porém a ultima, e mais efficaz cauza foi, que fallecendo Marco Aurelio Jordaõ, e abrindo-ſe o ſeu teſtamento, ſe achou nelle huma verba, em que ordenava, que ſe algum dia chegaſſem a eſtabalecerſe naquelle lugar os Religiozos de S. Franciſco de Paula, ſe lhes deſſe huma fazenda da qual era elle ſenhor. Esforçou tanto eſta diſpoziçaõ os animos de todos os moradores, que logo foraõ chamados os noſſos Religiozos para fundarem, e fabricarem eſte Convento no meſmo ſitio, aonde o Santo havia apparecido, e ſinalado: ſeu titulo, e invocaçaõ he do *Archanjo S. Miguel*: diſta do mar tres leguas, e ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Caſtrovillar 1595.

DIſta Caſtrovillar 5 leguas do mar, ſeu ſenhorio he o Principe de Biſſignano, Biſpado de Caſſano: he a terra fertiliſſima de fructos; nella ſe colhe a maior

maior parte do manná, que produz toda a Italia: noſſo Santo profetizou que neſta terra teriamos hum Convento como ſuccedeu, no anno de 1595. ſendo Prelado o P. Fr. Pedro Samblazio. Octavio Poncio, peſſoa muito nobre daquella terra, fundou o Convento em 23 de Junho do meſmo anno, diſta 15 milhas do mar, e ſuſtenta de quinze até vinte Religiozos: a invocaçaõ da Igreja he *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Longobardis 1600.

EM Longobardo, Biſpado de Tropea ſupplicou o povo ao Padre Provincial Fr. Pedro de S. Blazio, e no anno de 1600. ſe fundou hum Convento debaixo do titulo da *Senhora da Aſſumpçaõ*: diſta do mar menos de huma milha. A terra he muito ferti!, e a Communidade ſe compoem de 10 Religiozos. Eſta terra he a patria do Veneravel P. Fr. Archangelo de Carlo, hum dos primeiros companheiros de noſſo Santo, Varaõ de excellentes virtudes. Tambem naſceu neſta o Reverendiſſimo Fr. Franciſco de Longobardis, Geral que foi da Ordem, muito inſigne Orador, e Miſſionario Apoſtolico mandado a Tunes por Urbano VIII. para prégar a Fé de Jeſus Chriſto. *Manipul. Minimor. verbo Series Generalium pag.* 116.

Convento de Foſcaldo 1603.

HE Foſcaldo huma Villa ſituada huma legua diſtante de Paula, e huma milha do mar, glorioza patria da Veneravel Viena de Foſcaldo, mãi do noſſo Santo Padre, ſujeita ao Biſpado de Coſſencia; neſta terra dezejava a noſſa Religiaõ ter hum Convento para memoria dos Aſcendentes do ſeu Santo Fundador; e pôde conſeguilo no anno de 1603. dandolhe o titulo do meſmo Patriarca *S. Franciſco de Paula*: neſte Convento ſuccederaõ raros prodigios dignos de ſe referirem. Foi o primeiro, que ſe admirou, que

ſendo o ſitio eſcolhido para fundar o Convento, hum oiteiro de terra, e piſſarra, que ſe fazia precizo pôlo igual com a outra terra para abrir os alicerſes, juntando-ſe por devoçaõ todos os vizinhos do lugar grandes, e pequenos para desbaſtalo, em huma noite veneraõ a obra, que ſeis mil homens em quatro, ou ſinco dias naõ poderiaõ applainar, uzando de gaſtadores que adiantaõ mais o trabalho: como as peſſoas adultas tomaraõ a ſeu cargo cavar com picaretes, e enxadas, e os rapazes levar os ceſtos cheios de terra, inadvertidamente deſcarregou hum homem o golpe do picarete ſobre a cabeça de hum rapaz, que eſtava enchendo o ceſto, de tal ſorte que cahio logo, articulando eſtas palavras: *S. Franciſco de Paula*, *S. Franciſco de Paula*: acudio toda a gente a ſoccorrelo; porém o rapaz naõ teve precizaõ de cura alguma, porque ſe levantou de todo ſaõ, ſem lhe ficar mais nada que o final da ferida, e voltou logo com muita alegria buſcár o ceſto para continuar o ſeu trabalho: viveu muitos annos, ſegundo Montoia lib. 3. pag. 21. pois quando elle eſcreveu a Chronica da Ordem, que foi em 1619. ainda eſtava vivo, e contava a todos o ſucceſſo milagrozo, que lhe tinha ſuccedido.

Eſtando já a Igreja em baſtante altura, hia ſubindo hum trabalhador por huma eſcada de maõ, que tinha mais de 50 degráos, com hum coche de cal na cabeça para dar aviamento aos officiaes: quando eſtava no ultimo degráo, ou lhe eſcorregaraõ os pés, ou por haver quebrado o degráo, cahio o trabalhador; mas vindo no meio da eſcada, vendo todos o perigo, gritaraõ pelo Santo, e immediatamente ſe achou o trabalhador com os pés firmados nos degráos da eſcada, que tornou a ſubir com muito dezembaraço, ſem haver-lhe cahido o coche da cal, que levava.

O Meſtre da meſma obra trabalhando ſobre a parede da Igreja, havendo-ſe tambem deſcuidado cahio da meſma altura, e vendo os circumſtantes, que naõ podia eſperar-ſe outro ſucceſſo, ſe naõ fazer-ſe em

em pedaços ; porque eſtava debaixo hum monte de pedra, invocáraõ ao Santo que lhe valeſſe: foi o ſoccorro de tal ſorte que aſſim que cahio ſobre as pedras, ſe levantou com tanta agilidade, como ſe eſtiveſſe ſentado ſobre ellas, para deſcançar, conſervando na maõ a colher, com que eſtava trabalhando.

Como com eſtes, e outros milagres creſcia a devoçaõ de todos os vizinhos de Foſcaldo, foraõ todos homens, e mulheres a huma mata cortar lenha ſufficiente para cozer hum forno de cal, e outros a acarretar pedra para empedrar o forno ; as mulheres levavaõ as arvores inteiras de raſtos até ao forno, por ſitios muito fragozos, e impraticaveis, e os homens, os que naõ cortavaõ a lenha, ſe occupavaõ em acarretar a pedra ; venceraõ todos eſte trabalho em breves horas, que havendo dado principio á tardinha, ainda lhes ficou tempo muita parte da noite para empedrar o forno, e por-lhe fogo antes de amanhecer, trabalho, que em muitos dias naõ poderiaõ fazer huma grande copia de carros, e hum numero maior de gente. Paſſadas onze horas depois de pôr fogo ao forno, ſe apagou, e indo ver, achou-ſe a cal muito bem cozida de ſorte que logo vieraõ dalla para continuaçaõ da meſma obra.

Outros muitos milagres obrou Deos neſte ſitio pelos merecimentos de ſeu ſervo Franciſco, e em memoria de ſua veneravel mãi Viena de Foſcaldo ; he dos mais formozos Conventos, que tem aquella Provincia : ainda que naõ he grande, accomôda vinte Religiozos.

Convento de Marathea 1603.

ESte lugar diſtante hum quarto de legua do mar fez repetidas ſupplicas, para que a Religiaõ quizeſſe eſtabelecer nelle hum Convento. No anno de 1603. o P. Fr. Antonio de Foſcaldo ſendo Provincial o fabricou, dando-lhe o titulo de *S. Leonardo*. Eſtá no

Biſpado de Coſſano, e ſuſtenta 12 Religiozos. Eſte Convento no anno de 1728. foi ſeparado da Provincia de Calabria, e junto com outros, que referiremos, determinou-ſe no Capitulo Geral, que ſe principiaſſe huma Provincia, cujo titulo ſeria de *Baſilicata*: interim foſſem eſtes Conventos governados por hum Vigario que o P. Geral nomeaſſe ficando immediatamente ſujeito ao Geral. *Capitulo Geral de Peſaro apud Manip. Minimor.*

Convento de Libonate 1610.

FUndou eſte Convento o R. P. Fr. Antonio de Foſcaldo no ſeu ſegundo triennio de Provincial no anno de 1610. com o titulo de *Santa Maria de Calimotes*; eſtá no Biſpado de Policaſtro: ſeu fundador foi o Senhor Aſcanio Calimotes, que deixou todas ſuas fazendas para eſta fundaçaõ: ſuſtenta doze Religiozas: Eſte tambem foi ſeparado deſta Provincia para a de Baſilicata.

Provincia de Turs fundada pelo noſſo Santo.

Convento de Turs 1482.

ESte he o primeiro Convento, que o noſſo Santo Padre fundou junto ao Palacio de Pleſſis, ajudando com ſuas proprias mãos a ſua fabrica, foi edificado debaixo do titulo de *JESUS MARIA* no anno de 1482. ſendo ſeu primeiro Fundador Luiz XI. que mandou vir ao noſſo Santo da Italia: depois ſeu Filho Carlos VIII. que mandou conſtruir magnificamente eſte Convento em 1485. em outro ſitio chamado *des Montils* junto ao boſque do meſmo Palacio pela parte meridional, dando-lhe muita terra com pomares, e terras baſtantemente grandes, e amenas, ornando

nando a cerca com hum formozo lago de agua. Deu copiozas rendas para ſuſtento dos Religiozos. Luiz XIII. no tempo do ſeu Reinado ampliou mais as rendas, e o Convento com grande liberalidade verdadeiramente Regia. He eſte Convento cabeça deſta Provincia, e de toda a Religiaõ no Reino de França, com juſta cauſa; além de ſer o primeiro, ou attendendo, que a Cidade de Turs he Cadeira Epiſcopal, onde S. Martinho entre outros Santos Biſpos, que prezidiraõ, fundou o Moſteiro de Mamurtino; ou a reſpeito da amenidade do paiz regado pelo rio Loire, ou pela magnificencia da obra aſſim da Igreja, como do Convento.

Eſtaõ todos os Clauſtros adornados de pinturas exquizitas: a Sacriſtia riquiſſima de calices, e peças de ouro, e prata para ſerviço da Igreja, e culto Divino; ornamentos de muito cuſto, além dos primeiros ou antigos dados pelas Mageſtades, outros muitos preciozos offerecidos pelos ſeus Succeſſores, e Principes do Sangue, hum cubiculo, que o Santo Patriarca mandou fazer na parte Occidental do Clauſtro para ſeu recolhimento, morando nelle 16 annos, o deixou todo rubricado com ſeu ſangue, derramado á força das aſperiſſimas diſciplinas, que coſtumava tomar. Eſta caza, cujas paredes foraõ teſtemunhas de ſua perpetua oraçaõ, na qual desfrutava os innumeraveis mimos da charidade mais ardente, no anno de 1515. a Senhora Jacobeta Balandrim viuva do Senhor André Aleſſio, Sobrinho do noſſo Santo, a reduzio a huma Capella dedicada ao meſmo Santo, que em aquelle meſmo ſitio, depois de haver obrado taõ raros prodigios, tranzitou deſſe mundo para a gloria eterna. Venera-ſe na Igreja ſobre todas as memorias o Sepulchro do noſſo Santo ao lado direito da Capella Mór. Eſta ſepultura he toda de pedra inteiriça, tem quatro pés de largo, e dez de comprimento, e tres de altura: dentro deſta eſtá outra pedra do feitio de hum caixaõ, que he o que havia dado o Cavalleiro Maltez

Maltez, onde se depozitou logo o corpo do Santo; e sempre esteve nella desde o dia de sua depoziçaõ, até que os hereges o tiraraõ para o entregar ao fogo, como já dissemos no seu lugar. Passado o furor dos Hugonotes, os nossos Religiozos recolheraõ suas cinzas, e algumas reliquias de ossos, que naõ pôde o fogo consumir, e as depozitaraõ dentro da mesma pedra interior; mandaraõ depois lavrar huma lagem inteiriça para cubrir o sepulcro, onde esculpiraõ a figura do Santo de meio relevo adornado com a seguinte inscripçaõ.

Ad hoc Monumentum datum fuit Corpus S. Francisci de Paula 1507. *die* 2. *Aprilis. Cancrematum vero (serv. quibusdam Reliq.) ab Hæreticis* 1562.: *cujus cineres, & quædam ossa hic jacent.*

Depozitou-se neste sepulcro o corpo de S. Francisco de Paula no anno de 1507. aos dous dias de Abril; porém sendo queimado pelos Hereges, (rezervadas algumas reliquias) no anno de 1562., suas cinzas, e alguns ossos estaõ nelle.

Naõ se admire o Leitor, quando ler nesta inscripçaõ, que o corpo do Santo fora depozitado no dia 2 de Abril, e fazendo o reparo do que já dissemos, esteve onze dias insepulto; porque devo dizer, que esteve os onze dias exposto á veneraçaõ publica, mas dentro do sepulcro de pedra, que hoje está dentro do outro descoberto, e patente a todos; no fim dos onze dias se lhe poz a campa em 13 de Abril. O Senhor D. Joaõ de Rochfoncamt Abbade do Mosteiro maior da Congregaçaõ de S. Bento, teve o cuidado de recolher as reliquias maiores, que escaparaõ do incendio, e mandou fazer huma caixa de prata, onde as guardou junto com outras; tinha esta caixa dous palmos de comprido, hum de largo, e meio de alto com a seguinte inscripçaõ gravada debaixo de huma Imagem do Santo de meio relevo.

Dei,

Dei, Divique Francisci de Paula
Honori, & cultui, admodum generosus Dominus
Joannes de la Rochfoncamt Abbas meritissimus
Maioris Monasterii sua summa, & pervulgata
Pietate me dicavit anno 1582.

A' honra, e gloria de Deos, e de S. Francisco de Paula, o muito generozo Senhor D. Joaõ de Rochfoncamt Abbade do Mosteiro maior pela sua grande, e conhecida piedade me offereceu no anno de 1582.

Vinte annos depois desta invazaõ, e insulto dos Hereges este Abbade do Convento de Mamurtino fundaçaõ do Senhor S. Martinho Bispo, (que fundou este Convento, e depois foi dado á Religiaõ de S. Bento; cujo corpo tambem nas mãos dos hereges experimentou o mesmo infortunio) entregou aos nossos Religiozos a caixa sobredita sellada com o sello do Arcebispo de Turs D. Simaõ de Maylló, e dentro della hum catalogo de todas as reliquias, que nella estavaõ collocadas.

Nesta mesma Igreja se acha huma Imagem do nosso Santo de prata de altura mais de palmo, e dentro da peanha hum bocado de osso, e outro do pedaço do Habito do mesmo Santo; venera-se tambem hum cordaõ inteiro dos que uzou na sua vida. Com todas estas reliquias he Deos nosso Senhor servido fazer muitos prodigios pelos merecimentos de Francisco.

Nesta Capella, onde está o sepulcro do nosso Santo, se conservaõ muitas memorias de infinitos milagres, que receberaõ hum sem numero de pessoas de diversas qualidades: naõ me detenho em referilas, mas sempre farei lembrança de duas laminas de prata de muita consideraçaõ. Em huma se deixa ver sobre humas nuvens a Imagem do nosso Santo Padre todo de meio relevo, em acto de deitar a bençaõ: debaixo das nuvens hum menino dentro de huma caminha, ou berço, com o rosto rizonho, e grave, como quem espera a bençaõ do mesmo Santo, e no fim da lamina esta inscripçaõ.

Ob

Oh natum principem Federicum Illuſtriſſimi
Franciſci Mariæ II. Urbini Ducis VI. Filium,
Piſaurenſes pio, gratoque animo
Votum ſolvere venerunt anno 1606.

O Senado da Cidade de Peſáro, ou Piſa, mandou eſta lamina de prezente ao ſepulcro do Santo, em acçaõ de graças do feliz naſcimento do Principe herdeiro, que por interceſſaõ de Franciſco alcançaraõ os Duques de Urbino.

Já diſſemos na hiſtoria, que pela falta de ſucceſſaõ invocando o Santo, todos tiveraõ felicidade no deſpacho, e que entre eſtes ſe contavaõ o Duque de Mompeſier Henrique de Bourbon, Carlos de Lorena, Duque de Valdemont, o Duque Carlos Manoel de Lorena, e Carlos Gonzaga, e Cleves, Duque de Nevers, que todos quatro mandaraõ ſeus retratos, que ſe achaõ nos lados da meſma Capella.

A outra lamina de prata tem eſculpida a Imagem do Santo, e a ſeus pés hum gentil-homem poſto de joelhos em acto de orar, tambem de meio relevo com as ſeguintes palavras, na meſma lamina.

Annibal Chippius priſtinæ
Sanitati reſtitutus ex voto. 1602
menſe Januario.

E na parte inferior da meſma lamina a ſeguinte inſcripçaõ com letras douradas.

Annibal Chippius, vir nobilis,
Dum ſub Ducis Mantuani vexillo in
Obſidione Caniſæ militaret, graviter infirmatur;
Et idcirco Graticem devectus, Deo Optimo, Maximo
Sub Beati Franciſci de Paula vovet auſpiciis:
Quo quidem emiſſo voto, ſtatim priſtinæ ſanitati
reſtituitur:
In cujus beneficii memoriam hanc tabellam
Argenteam, apud ſacram atque prototypam
Præfati Sancti Franciſci imaginẽ appendi curavit.

Todos os Monarcas de França tem augmentado eſte Convento em obras, e enriquecido-o com muitas prendas,

das, e joias de extraordinario valor. Sustenta este Convento continuamente mais de quarenta Religiozos pela muita renda, que lhe deraõ os Reys Christianissimos.

Floreceu neste Convento o P. Fr. Francisco Umblot sujeito de grande litteratura; foi duas vezes Provincial; teve continuadas disputas com os hereges, e praticou singulares virtudes.

Convento de Amboyse 1489.

FOi fundado este Convento por Carlos VIII, e a Rainha D. Anna de Bretanha sua mulher, sobre as margens do rio Loire. Na Cidade de Amboyse está hum Castello fabricado em huma eminencia: nas abas desta se fundou o Convento, comprando-o El-Rey Christianissimo por vezes, como consta das Escrituras; está situado entre o Castello, e o Rio, gozando da amenidade do campo pela parte do Norte, e pelo Sul tem a Cidade: ficando ao Poente o Castello: pelo Nascente tem a enfermaria distante do Convento 50 passos segundo a determinaçaõ da nossa Regra. Luiz o Justo XIII do nome contribuio com muitas esmolas para seu augmento, e lhe deu copiozas rendas, com que de ordinario sustenta 20 Religiozos. O Orago da Igreja he de *Jesus Maria, e todos os Santos*; está dentro do Bispado de Turs.

Convento de Gien 1498.

A Sereníssima Princeza D. Anna de França, filha de Luiz XI. fundou este Convento no anno de 1498. sobre as margens do rio Loure na Cidade de Gien, debaixo do titulo da *Santissima Trindade*, pertence ao Bispado de Altissiodoro: he hum Convento magnifico, tem huma grande cerca toda murada: dentro della está a enfermaria rodeada de vinha, pomar, horta, e hum prado: dentro do Convento tem hum jardim. A Princeza sua fundadora o dotou com abundantes ren-

rendas. Este Convento no anno de 1562. foi destruido pelos Hereges; mas depois foi reedificado por Pedro de Fortet, que tambem seguia o partido dos Calvinistas, e depois se converteu á Fé Catholica. Este era Juiz supremo da Cidade: depois da sua conversaõ naõ só concorreu com copiozas somas de dinheiro para a reedificaçaõ do Convento, que o adiantou na grandeza, e magnificencia, e o dotou com avultadas rendas annuaes; mas tambem elle mesmo conduzia com suas maõs os materiaes. Foi taõ grande o affecto, que mostrava á nossa Ordem, que os Religiozos do Convento de Gien lhe davaõ o titulo de Pai dos Minimos. Tem este Convento de Communidade 12 Religiozos.

Convento de Castro-Eraldo 1500. *Chatelleraud.*

NOs confins da Provincia de Poitiers está Castro-Eraldo, pertencente ao Bispado de Poitiers: os moradores deste Lugar com suas esmolas fundaraõ este Convento no anno de 1500. Naõ se sabe de fundador particular delle. Foi tambem arruinado pelos Hereges no anno de 1562, e o Rey Christianissimo Henrique IV. o mandou reedificar, e lhe deu renda para sustentar com largueza dezaseis Religiozos. O titulo deste Convento he *Jesus Maria.*

Convento de Monte Gaugerio 1502. *Monte Gauger.*

ESte Convento dista seis leguas de Turs, situado no territorio de Monte Gaugerio Bispado de Turs debaixo do titulo de *Sant-Iago.* O senhorio deste lugar, que era Francisco de Baraten, e sua consorte fundaraõ este Convento a fundamento em 13 de Fevereiro

vereiro de 1502, e deixaraõ renda ſufficiente para ſuſtentar 12 Religiozos; eſtá fóra de povoado: tem hum campo muito ameno, de ſorte que para alliviar ao Convento de Turs algumas vezes, ſe mandaõ para eſte Convento os Noviços, e nelle continuaõ o ſeu noviciado.

Convento de Bomiers 1527.

HUm mez antes de tranzitar o noſſo Santo deſta mortal vida á eterna, aceitou eſte Convento, cuja fundaçaõ offereceu o Senhor de Bomera o Illuſtriſſimo Jacob Latrimoville, havendo tratado eſte negocio com o noſſo Santo Patriarca a Iluſtriſſima Duqueza de Valença, cazada com D. Luiz Latrimoville, que falecendo eſte Senhor, deixou encarregado deſta fundaçaõ a Jacob, dando eſte principio á obra em 10 de Julho de 1526. Sagrou eſta Igreja dedicada a *Maria Santiſſima* o Illuſtriſſimo Biſpo Rautlii: eſtá no campo: ſua obra he magnifica: deixaraõ ſeus fundadores renda para ſuſtento de 20 Religiozos. Tem eſte Convento hum deliciozo boſque muito proprio para as contemplaçoens eternas; pois ſua ſoledade convida aos moradores a eſte retiro: he muito venerada eſta Communidade dos Fiéis pelas virtudes, que ſempre reſplandeceraõ nos ſeus Alumnos.

Convento de Nantes 1587.

NA celebre Cidade de Nantes, porto do mar na Bretanha menor, junto ás correntes do rio Loire fundou hum Convento de noſſa Ordem a Rainha Chriſtianiſſima D. Anna de Bretanha, mulher de Carlos VIII, e depois Luiz XII. debaixo do titulo de *Santo Antonio de Padua* no anno de 1504.; porém como eſta Soberana naõ teve tempo ſe naõ de mandar fazer huma Igreja, e de dar humas hortas immediatas para ſe fazer o Convento, a piedade de Henrique III. a man-

mandou continuar, recomendando esta obra ao R. P. Rolando Guichard no anno de 1587. Depois o Duque de Mercurio, e Principe Carlos Manoel de Lorena alcançando succesſaõ por interceſſaõ do Santo, mandou acabar, e augmentar este Convento, dando-lhe baſtante renda para o ſuſtento dos Religiozos. Ultimamente Henrique IV. deu a este Convento maiores rendas, e augmentou o numero dos ſeus Alumnos, que chegaraõ a 24. Neſte Convento eſtá depozitado o Veneravel P. Fr. André Challuau, Varaõ illuſtre na charidade, penitencia, e zelo: morreu com fama publica de ſantidade.

Convento de Poitiers 1529.

POitiers cabeça de toda aquella Provincia, Cidade Epiſcopal adornada de huma famoza Univerſidade, tem ſeu aſſento nas margens do rio Loire: neſta Cidade ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem por hum cazo accidental. No tempo das revoluçoens de França cauzadas pelos Hereges, como eſtes tinhaõ odio ás Religioens, e a todos os Catholicos intentando deſtruilos, e aniquilalos, accuzaraõ falſamente aos noſſos Religiozos do Convento de Turs no Parlamento, de ſorte que lhes foi precizo ir a eſta Cidade para reſponder aos cargos, que lhes fizeraõ, e moſtrar a ſua innocencia. Prezentáraõ-ſe ao Biſpo da meſma Cidade, que era naquelle tempo o Illuſtriſſimo Senhor Gofredo de S. Belin, em cuja peſſoa acharaõ tanto patrocinio, que purgados das falſidades dos Hugonotes, o Biſpo juntamente com o povo devotamente inclinados em favorecelos, lhes deraõ hum Collegio antigo, e quazi arruinado (bem que a Igreja naõ obſtante ſer pequena era muito boa) para nella ſe eſtabelecerem, e depois o Senhor de Archimbour deu terreno para fazer o Convento, o qual ſe extendeu annos depois, com as grandiozas eſmolas do nobiliſſimo Senhor Contant, que naõ ſó deu maiores rendas,

rendas, mas tambem renovou, e ampliou o Convento, fabricando nelle huma grande enfermaria ſeparada do Clauſtro: ſuſtenta vinte Religiozos.

Convento de Surgeres 1602.

TEm eſte Convento o titulo de *Santo Egidio*, por cujo motivo alguns dos noſſos AA. o conhecem pelo titulo de *S. Egidio de Surgeres* pela Cidade deſte nome, em que eſtá fundado. Eſtá ſituado nos confins da Provincia de Poitou, e de Saintes, naõ muito longe do mar de Aquitania. O nobiliſſimo Carlos de Fonſeca Baraõ do titulo da meſma Cidade, vendo que havia em Surgeres huma Igreja antiquiſſima de Santo Egidio, que foi dos Conegos Regulares de Santo Agoſtinho, e depois paſſou a poder de huns Conegos Seculares, que a dezamparáraõ pela perſeguiçaõ dos Hereges, nos deu eſta Igreja, intervindo os conſentimentos dos Summos Pontifices Clemente VIII., e Paulo V.: e Henrique IV. Rey Chriſtianiſſimo, attendendo a eſtar eſta Cidade perto da Arrochella, que naquelle tempo era o refugio dos Hereges, determinou, que os noſſos Religiozos fundaſſem para prégar a Doutrina Evangelica com mais actividade.

Convento de Champigny 1602.

OS Duques de Mompeſſier eſtando no noſſo Conto de Rohan, fizeraõ voto, que ſe alcançaſſem ſucceſſaõ á ſua caza pelos merecimentos de Franciſco, edificariaõ hum Convento de ſua Ordem. Conſeguiraõ o bom deſpacho de ſua petiçaõ, e fielmente tambem cumpriraõ o voto, mandando fazer hum Convento em hum lugar chamado Champigny ſituado nos confins do Turonenſe, e de Poitiers. Suſtenta eſte Convento doze Religiozos.

Convento de Orliens 1613.

A Famoziſſima Cidade de Orliens celebre pela inſigne Univerſidade, que a adorna, e Cadeira Epiſcopal, que a ennobrece; eſtá ſituada nas ribeiras do rio Loire. No anno de 1612. foi prégar a Quareſma na Igreja de S. Paulo o P. Fr. Franciſco Umblot ſendo Prelado da Provincia de Turs: foi taõ ſatisfeito o Senado da Camara, o Corpo da Univerſidade, e todo o Clero de ſua vaſta erudiçaõ, e zelo das almas, que moſtrou no pulpito, que naõ querendo o P. Umblot aceitar eſmola alguma pelos Sermoens de toda a Quareſma, dando a entender, que como bom filho do ſeu Santo Patriarca dezejava, que ſe eſtabeleceſſe naquella Cidade hum Convento de ſua Ordem, lhe foi concedido; naõ obſtante que houve algumas oppoziçoens de alguns particulares ácerca do ſitio, em que ſe devia fazer o Convento; e pela intempeſtiva morte do P. Umblot, ſeu ſucceſſor o P. Egidio Camart fundou eſte Convento em 28 de Agoſto de 1613. Em 13 de Setembro do meſmo anno foraõ 12 Religiozos para moradores delle; porque o meſmo Senado deu baſtante renda para ſeu ſuſtento.

Convento de Blois 1614.

NA ribeira do rio Loire eſtá ſituada a Cidade de Blois: no anno de 1613. o Senhor Achilles Herbolin, Conſelheiro de Sua Mageſtade Chriſtianiſſima, e Thezoureiro das rendas Reaes na Bretanha, fez voto de maõ commua com ſua mulher Madama Maria Caveſaie de fundar hum Convento de noſſa Ordem, ſe alcançaſſem de Deos ſucceſſaõ para a ſua caza: com effeito conſeguindo eſta graça no anno de 1613. alcançou licença de ElRey Chriſtianiſſimo Luiz XIII, e do Biſpo de Chartres Diecezano deſta Cidade, e o P. Fr. Egidio Camart Provincial de Turs fundou eſ-

te

te Convento a expenſas do Fundador, que deu tambem rendas para ſuſtento de 16 Religiozos, que em 1614. dia primeiro de Junho tomaraõ poſſe deſte Convento.

Convento de Angiers 1614.

ANgiers Cidade Capital da Provincia de Anjou he Cadeira Epiſcopal, e tem Univerſidade: prégando neſta Cathedral o Oitavario de Corpus o P. Fr. Egidio Camart, exercendo o cargo de Provincial, o Senado depois de alcançar licença Real, e conſentimento do Biſpo, deu ſitio para fundar-ſe hum Convento de noſſa Ordem em 1614.

Convento de Iſſudun, ou Iſſoudun.

ESta Cidade eſtá na Provincia de Berry, e o Convento della foi aceito, e reconhecido no Capitulo Geral 34 da Ordem, e 6.° celebrado em Roma no anno de 1617. Naõ ſabemos, mais particularidades delle.

Convento de Chartres.

EStá eſte Convento fundado na Cidade de Chartres, que tem Cadeira Epiſcopal, a expenſas do muito nobre, e veneravel D. Joaõ Lebreton: aceitouſe no meſmo Capitulo Geral.

Convento de Bourgés.

NA Cidade Capital da Provincia de Berry, que ſe chama Bourgés, e tem Arcebiſpo, ſe acha outro Convento, do qual ſó temos a noticia de que foi aceito no meſmo anno pelo Capitulo Geral.

Convento de le Mans.

LE Mans he Cidade Epiſcopal, e Capital do Ducado de Mena; e nella ſe fundou hum Convento, que foi aceito em o Capito Geral 35 da meſma Ordem, e 7.º celebrado em Roma no anno de 1623.

Convento de Angoleme.

NEſta Cidade Epiſcopal, Cabeça da Provincia de Anjoumois, ſe acha outro, que foi aceito no meſmo anno pelo meſmo Capitulo Geral.

Convento de Caſtello-Novo.

TAmbem foi aceito na meſma occaziaõ.

Convento de Rennes.

DEntro neſta Cidade Epiſcopal, onde rezide o Parlamento deſta Provincia de Bretanha, por ſer a Capital do Ducado do meſmo nome de Bretanha, ſe acha outro Convento de noſſa Ordem, que foi aceito no mencionado Capitulo Geral.

Convento de S. Gregorio de Turs.

NOs ſuburbios da Cidade de Turs eſtá outro Convento da Ordem com o titulo de *S. Gregorio*, Biſpo da meſma Cidade; e foi aceito no Capitulo Geral 36 da Ordem, e 3.º celebrado em Barcelona no anno de 1629.

Convento de S. Paulo de Leon.

ESte Convento fundou neſta Cidade Epiſcopal intitulado *S. Paulo de Leon* o Illuſtriſſimo Senhor de

de Coedelés, e foi reconhecido no meſmo Capitulo, e juntamente os tres, que ſe ſeguem a ſaber.

Convento de Dun le Roy.
Convento de Silis.
Convento de Chinon.

NA Rochella, que era a Praça, onde ſe fizeraõ fortes os Hereges, depois que foraõ vencidos pelas armas Catholicas, a piedade de ElRey Chriſtianiſſimo Luiz XIII. edificou hum Convento no anno de 1628. em memoria da victoria, que tinha alcançado contra os Hereges; por cujo motivo deu a eſte Convento o titulo de *Santa Maria da Victoria* para perpetuo monumento.

Provincia de Meſſina.

ESta Provincia, que eſtá ſituada na Ilha de Sicilia, he huma das maiores, que tem a noſſa Religiaõ, aſſim em antiguidade, como em numero de Conventos, que pelo diſcurſo do tempo ſe dividio em duas Provincias, conſervando eſta o titulo de *Meſſina*, e a que deſta ſe formou, tomou o titulo da *Provincia de Palermo.*

Convento de Milazo 1464.

ESte Convento foi o primeiro, que o Santo Patriarca fundou neſta Ilha, e Reino, aonde paſſou, como já diſſemos, embarcado no ſeu Manto com ſeus companheiros, no anno de 1464. Tambem referimos na Hiſtoria os muitos prodigios, que o Santo obrou na fabrica deſte Convento, dos quaes muitos ainda exiſtem, ſendo teſtemunhas duas pedras grandes, que cada huma dellas naõ poderiaõ ſer conduzidas por vinte homens. O Santo as levou com tanta facilidade,

como ſe foſſem duas folhas de taboa; e as collocou no ſeu lugar; e tirando os devotos todos os dias laſcas das meſmas pedras para guardallas como reliquias, no decurſo de tantos annos naõ ſe lhe conhece cova, ou diminuiçaõ.

Outras reliquias do Santo ſe conſervaõ neſte Convento, e entre ellas hum ſoli-Deo de panno, que o Santo uzou, e hum lenço de eſtamenha branca. Aqui eſtá o poço milagrozo, que ſendo ſuas aguas ſalobras, ficaraõ doces, até que ſe fez a ciſterna para os Religiozos beberem nas occazioens de neceſſidade. Tem apparecido o Santo a ſeus Religiozos para lhes acudir nos trabalhos. Aqui eſtaõ os ſinos milagrozos nas tempeſtades, qne já referimos na Hiſtoria. Rezidem neſte Convento 30 Religiozos: tem eſtudos de Artes, e de Theologia: produzio muitos homens doutos, entre elles o P. Fr. Egidio Moncurcio, natural de Claramonte em Sicilia, que além de outros eſcritos deu á luz hum livro, cujo titulo he *Typus Scientiarum* impreſſo em Pariz no anno de 1591.

Neſte Convento eſtá depozitado o corpo do Veneravel Fr. Paulo de Paterno, companheiro que foi do noſſo Santo, Varaõ muito illuſtre em virtudes conhecidas; por cujo motivo, quando foi Franciſco para França, lhe deixou o governo dos Conventos de Italia. Além dos raros prodigios, que obrou em vida havendo profetizado o dia, e hora de ſua morte, quando expirou, repicaraõ os ſinos do Convento milagrozamente ſem ninguem os mover. A eſta novidade concorreu todo o povo para ſer teſtemunha da fragancia, que exhalava ſeu corpo, e dos mais prodigios, que ſucceſſivamente foi Deos ſervido obrar pelos ſeus merecimentos. Deu viſta a hum cego, que chegou a beijarlhe os pés; ſararaõ infinitas peſſoas doentes, e aleijadas ſó com o contacto do ſeu corpo, que eſteve quarenta dias ſem o poderem ſepultar por cauza dos continuados milagres, e innumeravel concurſo de todo o povo. Tambem eſtá neſte Convento o corpo de huma

huma ſobrinha ſua, Terceira da noſſa Ordem, chamada Soror Jeronyma, a quem ſeu meſmo Tio deu o Habito, e a recebeu á Profiſſaõ da Ordem, tendo ella doze annos.

Naõ he de menor eſtimaçaõ o corpo do Veneravel Fr. Joaõ de S. Lucido, Religiozo Leigo, e companheiro do Santo na paſſagem do Faro de Meſſina; foi Varaõ de eſpirito candido, e deſte meſmo ſe ſervio Deos para obrar milagres, para moſtrar a todos, quanto ſe comprazia naquelle ſeu ſervo. Quizeraõ em huma occaziaõ fazer-lhe os Coriſtas do Convento huma peça, pedindo licença ao Prelado para eſte effeito; encheraõ hum prato de arêa, e o cobriraõ com outro, e depois differaõ a Fr. Joaõ, foſſe buſcar os pratos, que dentro tinhaõ humas eirozes, e vieſſe com elles ao refeitorio para moſtrallas ao Prelado Corrector. Obedeceu Fr. Joaõ, levou na maõ os pratos do meſmo modo que os achou, á prezença do Prelado, que já ſabia da peça, mandou-lhe que lhe deſcobriſſe o prato, e logo immediatamente ſaltaraõ fora delle quatro eirozes de bom tamanho, vivas como acabadas de ſahir da agua. Surprendeu a todos o cazo, e ainda que até alli o veneravaõ fazendo delle bom conceito, dahi pordiante o trataraõ com mais reſpeito. Morreu no anno de 1502. eſtá ſeu corpo depozitado debaixo do Altar mór do Convento de Milazo. Outros corpos de Veneraveis ſe achaõ neſte Covento, que naõ referimos por naõ ſermos extenſos.

Convento de Meſſina 1503.

QUatro annos antes da glorioza morte do Santo, mandou deſde França a Sicilia com letras patentes ao P. Fr. Pedro de Meſſina, para que fundaſſe Convento neſta Cidade Epiſcopal. Naõ foi preciza muita diligencia para o conſeguir; porque logo ſe eſcolheu o ſitio meio quarto de legua da Cidade, e muito menos diſtante do mar, e ſe fundou em Ju-

nho de 1503. Teve sempre Varoens illustres, que floreceraõ em santidade : entre elles o P. Fr. André de Messina, que tanto em sua vida, como depois de sua precioza morte fez multiplicados prodigios ; de sorte que todo o povo recorria a seu sepulchro para orar, e pedir mercês de Deos. Este Convento hoje he Cabeça de Provincia, e nelle rezide o Provincial, tem Cadeiras de Artes, e de Theologia, e copiozas rendas, com as quaes sustenta mais de sincoenta Religiozos. Naõ sabemos o titulo deste Convento.

Convento de Catanea 1523.

A Celebre Cidade de Catanea naõ só pela sua fertilidade, mas tambem por ser patria da insigne Virgem, e Martyr Santa Agueda, tem hum Convento da nossa Ordem pouco distante dos seus muros, com o titulo de *Santo Onofre* taõ perto do mar, que banha as paredes do Convento. No anno de 1523. o fundou o P. Fr. Filippe de Messina aos 18 dias do mez de Março. Neste Convento está o Noviciado da Provincia, que além destes Alumnos, sustenta de ordinario mais de 30 Religiozos com largueza ; e tem Cadeira de Filozofia.

Convento de Castanea 1579.

NA mesma Diocesis de Messina ha outra Cidade chamada Castanea, que dista quatro leguas do mar, muito abundante de fructos da terra, e naõ falta de peixe. Sendo Provincial o P. Fr. Domingos de Milazo, fundou este Convento com o titulo de *S. Nicoláo* o P. Fr. Francisco Castanea em 18 dias do mez de Outubro de 1579. a expensas do Senado, e com esmolas do povo, que continuaraõ com as mesmas de sorte, que sustenta ordinariamente vinte Religiozos.

Con-

Convento de Siracuza 1579.

AOs 24 de Maio de 1579. ſe fundou na Cidade de Siracuza no Reino de Sicilia hum Convento com o titulo de *S. Antaõ* fóra dos muros, poucos paſſos da Cidade de Siracuza: fez todo o cuſto o Senado da Camara para edificar hum Convento magnifico, que ſuſtenta baſtantes Religiozos: perſuadome, que paſſaõ hoje de vinte.

Convento de Santo Angelo 1582.

PAulo Ciraulo em 17 de Outubro de 1582. fundou neſta terra hum Convento debaixo da invocaçaõ de *S. Franciſco de Paula*: eſtá dentro do povo, e ſuſtenta 12 Religiozos.

Convento de Calatagirona 1585.

FUndou-ſe eſte Convento na Cidade de Calatagirona, Biſpado de Siracuza, em 13 de Junho de 1585. debaixo do titulo de *Santo Antaõ*. O Senado tomou a ſeu cargo a obra deſte Convento, que ſuſtenta mais de 15 Religiozos: tem abundancia de peixe do mar, e de algumas lagôas, que lhe ficaõ perto.

Convento de Lentino 1584.

NA Cidade de Lentino, Biſpado de Siracuza, que diſta duas leguas do mar, fundou o Senado della hum Convento no meio da Cidade com o titulo de *Santo André* no anno de 1584. Tem 12 Religiozos de Communidade.

Convento de Lingua Groſſa 1584.

NO meſmo anno ſe fundou á inſtancia do Senado da Camara de Lingua Groſſa hum Convento com o titulo de *Senhora do Loreto*. Diſta duas leguas do mar, e ſuſtenta 10 Religiozos.

Convento de la Eſcaleta 1584.

NO Biſpado de Meſſina, e na Baronia de D. Cezar de Murchete fundou o meſmo Baraõ hum Convento no lugar de la Eſcaleta em 7 de Outubro de 1584. debaixo do titulo de *S. Filippe, e Santlago*: diſta huma milha do mar, e tem ordinariamente doze Religiozos de Communidade.

Convento de Condro 1601.

HE Condro hum lugar do Biſpado de Meſſina, e da Baronia do Senhor Paulo Bomfilo, que toma o titulo de Baraõ deſte lugar: foi pois eſte o fundador de hum Convento da noſſa Ordem, que ſuſtenta 12 Religiozos, no anno de 1601.

Convento de Militelo 1617.

OS Excellentiſſimos Principes da Provincia de Meſſina D. Franciſco de Branquifort, e D. Joanna de Auſtria ſua mulher foraõ os fundadores deſte Convento, que aceitou a noſſa Ordem em 1617. no Capitulo Geral 6.º celebrado em Roma.

Convento de Taormina 1617.

NO meſmo Capitulo aceitou a noſſa Religiaõ o Convento deſta terra, e o ſeguinte.

Con-

Convento de Vizzini.

DOs quaes naõ temos individual noticia mais que o nome das terras, e o anno, em que foraõ aceitos.

Convento de Monforte 1623.

DEbaixo do titulo da *Santiſſima Trindade* fundou hum Convento da noſſa Ordem o Illuſtriſſimo Baraõ de Monforte no meſmo lugar do titulo no anno de 1623. dando ao Convento baſtantes rendas para ſeu ſuſtento.

Convento de Noto 1623.

NO meſmo anno ſe fundou hum Convento debaixo do titulo de *Santa Maria* no lugar de Noto.

Convento de Geiſo 1623.

DEbaixo do titulo de *Santo Antonio* ſe fundou em Geiſo outro Convento no meſmo anno, como tambem o

Convento de Rendace 1623.

FOi eſte fundado debaixo do titulo de *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Religiozas de Meſſina.

NA Cidade de Meſſina tambem ſe fundou hum Convento de Religiozas deſta Ordem com o titulo de *Santo Elias.* Neſte Convento eſtaõ ſepultados os Corpos das Veneraveis Soror Maria Faráo de Meſſina, que quando expirou, ſe vio ſeu corpo rodeado

deado de reſplandores, e Soror Bernarda de Monforte, Religioza muito penitente em hum continuo jejum, e aſperas diſciplinas.

Provincia de Pariz.

Convento de Nigeon junto a Pariz 1493.

O Primeiro Convento deſta Provincia he o de Nigeon ſituado nas margens do rio Sena: he dos mais antigos, que ſe fundáraõ neſte Reino; porque no anno de 1493. a piedade da Rainha Chriſtianiſſima D. Anna de Bretanha fez doaçaõ delle ao meſmo Santo. Há tradiçaõ entre os noſſos Religiozos, que a meſma Rainha poz a primeira pedra deſte Convento: o noſſo Santo, ainda que naõ chegou a vello de todo acabado, em algumas vezes que lá foi, vio a Igreja quazi acabada, e pedio ao Arcebiſpo o Senhor Franciſco de Ruhan, que a benzeſſe, o que fez eſte Illuſtriſſimo Prelado com taõ grande benignidade, que ſagrou ſinco Altares; a ſaber, o Altar maior dedicado á Senhora das Graças titular da Igreja: o da Santiſſima Trindade: o dedicado a S. Joaõ Baptiſta, e S. Joaõ Evangeliſta: o Altar de todos os Santos, que he privilegiado; e o da Vizitaçaõ da Senhora a Santa Izabel: naõ ſagrou os mais, porque ainda naõ eſtava acabada. No anno de 1527. o Reverendiſſimo P. Fr. Joaõ Sutorio, ſendo Geral da Ordem, benzeu o reſto da Igreja, que já eſtava perfeita; e no anno de 1551. o Illuſtriſſimo Senhor Carlos Megaron Biſpo, e Abbade de S. Magtrire. Conſerva eſte Convento muitas reliquias dadivas dos Reys Chriſtianiſſimos: eſtá huma tunica, hum chapeo, e huma almadinha tecida de eſparto, em que o Santo nos ultimos annos ſe encoſtava; hum oſſo do eſpinhaço, dous dedos do meſ-

meſmo corpo; dous merendeiros, que elle havia benzido, e huma carta, que eſcreveu a hum amigo ſeu: fóra deſtas reliquias, que ſaõ proprias do Santo, ſe conſerva hum eſpinho da Coroa do Senhor, hum vidrinho com leite de Maria Santiſſima, hum oſſo do Corpo de Santo Eſtevaõ, alguns dos Meninos Innocentes, e outros mais, que ſe veneraõ em primorozos Relicarios de prata, e ouro.

Para memoria da antiguidade ſe conſerva huma medalha da grandeza de huma patena de Calix; que he de bronze dourada, onde eſtá o retrato de ElRey de relevo com doze flores de liz, e ao pé huma Cruz; e hum leaõ com as ſeguintes letras:

Felice Ludovico Regnante XII.
Cæſare altero, gaudet omnis Natio.

Reinando felizmente Luiz XII, outro Cezar, toda a Naçaõ ſe alegra.

No outro lado da mencionada medalha eſtá o retrato da Rainha D. Anna com ſinco flores de liz, as Armas de Bretanha, huma Cruz, e o leaõ com as letras ſeguintes:

Lugduñ. Reſpublica, gaudete,
Bis Anna regnante benigne. Sic fui conflata anno 1499.

Republica de Leaõ, alegraivos, que reinando duas vezes Anna benignamente. Aſſim me fundiraõ.

Na Sacriſtia além deſta medalha ſe admira muita riqueza nos ornamentos; huns de tiſſú; outros bordados primorozamente: em todos ſe vem ſuas Armas, aſſim como nas partes mais principaes do Convento. Entre os muitos calices de prata, que deraõ eſtes Monarcas, eſtá hum de ouro baſtantemente grande, que tem todo em roda os Paſſos principaes da vida de noſſo Santo de baixo relevo. Eſtaõ depozitados neſte Convento os corpos dos Veneraveis Padres Joaõ Deher, Joaõ Allard, Joaõ Baptiſta Desbois, e Jozé Tellier, Varoens illuſtres em piedade, obſervancia, e zelo: tem de ordinario 70 Religiozos ou mais

pela

pela muita renda, que lhe deraõ os Reys Chriſtianiſſimos.

Convento de Amiens 1498.

EM Amiens Cidade Epiſcopal no anno de 1498. Monſieur Luiz Edunvile General da Provincia de Picárdia junto com ſua mulher Madama Franciſca filha do Senhor de Beaumont, offereceu ſuas meſmas cazas, ou palacio ao Santo para fundar hum Convento da Ordem, que fizeraõ eſtes Senhores á ſua cuſta. Conſta ſua Communidade de dezaſeis Alumnos.

Convento de Abbeville 1500.

TAmbem em Abbeville Monſieur André de Rambures, e Madama Anna de Albin em 1500. deraõ ſitio, e fundaraõ hum Convento, que dotaraõ com renda para ſuſtentar oito Religiozos: depois illuſtrou, e augmentou em tudo eſte Convento Monſieur de Brandicurt, que foi Governador de Borgonha, e o meſmo, que foi enviado por Luiz XI. a Italia para conduzir o Santo. He a Communidade de dezaſeis até vinte Religiozos.

Convento de Dieppe 1583.

ESte Convento ſituado no Biſpado de Rouen fundou o Illuſtriſſimo, e Eminentiſſimo Senhor Carlos de Bourbon, Cardial da Santa Igreja, no anno de 1583.: e havendo fallecido antes de ſe acabar, foi continuado, e acabado em 1590.

Convento de Soyſons 1583.

DEzejozos os moradores deſta Cidade Epiſcopal de ter no ſeu recinto hum Convento de noſſa Ordem ajuntaraõ avultadas eſmolas, e compraraõ hum

ſitio

ſitio, onde ſe fundou o Convento no anno de 1583. Paſſados alguns annos, Pedro de Moreau, famozo, e erudito Letrado daquella Cidade, e muito abaſtado em riquezas, quiz tomar o noſſo Habito, dando todas ſuas fazendas a eſte Convento, onde viveu com exemplaridade, e morreu com fama publica de ſantidade.

Convento de Vicena, ou ſegundo de Pariz 1585.

HUma legua diſtante de Pariz eſtá hum povo, chamado Vicena; havia nelle hum Convento do titulo de *Noſſa Senhora dos Reys*, fundaçaõ, que fizeraõ os Religiozos de Grandimont no anno de 1164., e no anno de 1583. renunciou eſte Convento nas mãos de ElRey ſeu ultimo Prior, havendo precedido o conſentimento do Geral da Ordem ſobre eſta renuncia: e com Bullas do Papa a piedade de ElRey Chriſtianiſſimo Henrique III. deu eſte Convento á noſſa Religiaõ, que mandou vir Religiozos do Convento de Nigeon, e tomaraõ poſſe em 17 de Outubro de 1585. Suſtenta ordinariamente trinta ſujeitos, e tem Cadeira de Filozofia.

Convento de Fublines 1588.

NA Dieceſi Meldenſe, e na Cidade de Fublines o Illuſtriſſimo Senhor Pedro Puſemio, Vigario Geral daquelle Biſpado, fundou hum Convento da noſſa Ordem, dando-lhe dote para o ſuſtento de deza ſeis Religiozos em 12 de Abril de 1588. O meſmo fundador benzeu a Igreja com licença do Biſpo, e lançou a primeira pedra no dia 4 de Maio; porém no 1 de Maio de 1605. o Illuſtriſſimo Senhor Joaõ de Vielpont ſagrou eſta Igreja, e a dedicou ao *Senhor S. Pedro*, em memoria do nome de ſeu fundador: concorreu com grandes eſmolas para a fabrica do Convento, e

Igreja,

Igreja, dando conſideraveis ſommas de dinheiro para alcançar o titulo de Fundador. Como eſte Convento eſtá junto ao Palacio Real, a Rainha Chriſtianiſſima D. Maria de Medicis Mãi de Luiz XIII. contribuio muito para eſte Convento ſer magnifico: eſtá ſituado em hum lugar muito ameno; tem huma grande cerca, dentro da qual ſe goza de hum eſpaçozo boſque, pomares, e muita abundancia de agua por toda ella para os regar. Sua Communidade ſe compoem ordinariamente de quarenta ſujeitos.

Convento de Rouem 1607.

HE a Cidade de Rouem a mais principal da Provincia de Normandia; porque tem Parlamento, e Arcebiſpo: o Prezidente do Parlamento Vicente Cirila, Senhor do Bumol, deu principio á fundaçaõ deſte Convento em 1601.: ſuſtenta vinte Raligiozos: o titulo do Convento he de *Maria Santiſſima noſſa Senhora*: acabou-ſe em 1607.

Convento de Chaſteutierre 1606.

DEu a Mageſtade Chriſtianiſſima de Luiz XIII. licença, para que neſte lugar ſujeito ao Biſpado de Soyſons ſe fundaſſe hum Convento da noſſa Religiaõ no anno de 1605. O Illuſtriſſimo Dieceſano o Senhor Jeronymo Anqui deu huma Capella ſua, que tinha neſte lugar, para os Religiozos fundarem, os quaes paſſaraõ com muito aperto neſte ſitio, até que ſe fez a Igreja em 1608. ſendo Provincial o P. Fr. Claudio Vivier: e no anno de 1615. tiveraõ o titulo de Fundadores os Sereniſſimos Duques de Orliens, que deraõ fundo para ſuſtentar treze Religiozos.

Convento da Praça Real de Pariz 1605.

DEntro da Praça chamada Real de Pariz por ſe ter nella edificado hum magnifico palacio para habitaçaõ das Mageſtades, Henrique IV. mandou junto a eſte palacio edificar hum Convento ſumptuozo para os noſſos Religiozos; eſta fundaçaõ ſe deve ao Illuſtriſſimo Olivario Chailon, Conego da Cathedral de Pariz, parente do noſſo Santo, que deixando a Murſa, veſtio o noſſo Habito para ſer imitador do ſeu parente na penitencia; porque quando ſe retirou ao Clauſtro, fez huma diſtribuiçaõ de ſeus bens patrimoniaes, que obrigou ás Mageſtades naõ ſó a concorrerem para eſſa obra com conſideraveis ſommas de dinheiro; mas tambem para concedernos grandes privilegios, e izençoens. Dedicou-ſe eſte Convento ao noſſo Padre *S. Franciſco de Paula*, a Igreja tem quinze Capellas fundadas pelos Senhores mais illuſtres da Corte: na Sacriſtia ſe guarda muita quantidade de prata, preciozamente lavrada para uzo da Igreja; e ornamentos muito ricos: tambem ſe veneraõ muitas reliquias; entre as quaes eſtá hum oſſo, naõ peqneno do Corpo do Santo. Affirma o P. Montoya, que o numero dos Religiozos poderá exceder de cem. Tem a regalia concedida pelos Reys, que todos os livros, que ſe imprimirem, devem dar hum jogo para a livraria deſte Convento.

Convento de Perona 1607.

EM 22 de Julho de 1607. fundou eſte Convento o Illuſtriſſimo Joaõ de Crequi, Baraõ de Berneville, dando ſuas proprias cazas, que tinha em Perona, ás quaes davaõ vulgarmente o nome de Palacio de Ciery. Eſtá no Biſpado de Amboyſe; e ainda que a

renda, que deu a este Convento, era para sustentar 13 Religiozos, ordinariamente excede a este numero; porque ha muita devoçaõ no povo.

Convento de Nervers 1608.

ESte Convento foi fundado pelo voto, que fizeraõ os Excellentissimos Duques de Nervers, como já referimos na Historia da Vida do Santo, pelos beneficios, que receberaõ delle ácerca da successaõ.

Convento de Compiegne 1607.

OS Excellentissimos Duques de Monpesier fundaraõ este Convento, que serve de Paroquia debaixo do titulo de *S. Pedro*. Por Bullas Pontificias nos trasladaraõ da antiga fundaçaõ, por ser o sitio pouco fádio, e nos deraõ esta Igreja Paroquial.

Convento de Calais 1612.

HE Calais porto do mar defronte de Inglaterra. Prégando nesta terra o P. Pedro Simaõ sujeito de grande espirito, tomaraõ os moradores desta Praça taõ grande devoçaõ á nossa Religiaõ, que fundaraõ hum Convento em 1612. He muito abundante de peixe, e sustenta doze Religiozos.

Convento de Guisa 1617.

OS Excellentissimos Duques de Guisa saõ os fundadores deste Convento magnifico, que além de haverlhe aggregado muitas hortas, e pomares, o dotaraõ com grandes rendas.

Convento de Beauvais 1617.

NA Cidade Epiſcopal de Beauvais o Illuſtriſſimo Senhor Thomás Cleri, Conſelheiro, e Secretario de Eſtado da Mageſtade Chriſtianiſſima, fundou eſte Convento.

Convento de Chaulny.

DEſte Convento naõ temos mais noticia, que o ſeu nome.

Convento de Deſiſe.

Convento de Alunoy.

Convento de la Bone Maiſon 1618.

DEſtes Conventos naõ temos outra noticia mais, que haver-ſe aceitado no Capitulo Geral 7.º, celebrado em Roma no anno de 1623.

O Convento de Abbeville com o titulo de *Jeſus Maria* he de Religiozas: fundou-ſe em 1621.

Provincia de Genova.

Convento da Cidade de Genova 1494.

JA' diſſemos na Hiſtoria, que quando noſſo Santo paſſou por eſta Cidade, profetizou ſe havia de fundar hum Convento noſſo, ſignalando o ſitio de Monteſano. Fundou-ſe pois eſte Convento, Cabeça da Provincia, em 1494. debaixo do titulo de *Jeſus Maria*. A Igreja tem tres naves com dous Choros, hum ſobre a porta principal da Igreja, outro por de traz do Altar mór: todas as Capellas ſaõ de finiſſimos jaſpes, e de rara arquitectura: tem hum dilatado, e mageſtozo Clauſtro, e huma grandiſſima Livraria: conſerva na

Sacriſtia muita riqueza de vazos de ouro, e prata, e ornamentos, e tambem grande numero de reliquias. Entre eſtas ſe venera hum capello do Habito do noſſo Santo, e huns oculos com ſeu eſtojo, que ſerviraõ ao meſmo Santo: na Capella do Santo Patriarca eſtaõ de dia, e de noute accezas dez alampadas de prata muito grandes, e de maravilhoza eſtructura. O Noviciado he muito grande: tem doze cubiculos: a enfermaria he baſtantemente eſpaçoza, e de recreio para os doentes. Tem Cadeira de Filozofia, e Theologia Eſcolaſtica, Moral, e de Myſtica, e tambem de Eſcriptura. Floreceraõ aqui ſujeitos muito eruditos, entre outros o P. Fr. Lourenço de Peirinis, que eſcreveu huma obra utiliſſima aos Regulares, de Direito Canonico, dividida em 3 tomos 1. *de Subdito*, o 2. *de Prælato*, e o 3 *Formularium*. Tambem 3 tomos *de Privilegiis*; e hum tomo: *Commentaria Aſcetica in Regulam FF. Minimorum*. Tem eſte Convento huma numeroza Communidade.

Convento de Savona 1600.

FO'ra das portas da Cidade de Savona havia hum Convento, que algum dia era dos Cavalleiros da Ordem de S. Lazaro, depois dos Religiozos Franciſcanos. Havendo eſtes ſahido delle, o Senado o deſtinou para os meninos Orfaõs, e em 8 de Fevereiro de 1600. paſſou a noſſo poder: eſtá ſituado entre humas hortas, que juntamente com hum rio, que corre perto, o fazem deliciozo: o titulo da Igreja he *S. Lazaro*: a Communidade he de trinta Religiozos.

Convento de Sarſana 1601.

O Grande affecto, que ſempre teve á noſſa Religiaõ o Illuſtriſſimo Senhor Joaõ Baptiſta Salvagio, Biſpo da Cidade de Sarſana, foi cauza de haver nella hum Convento. Havia huma Igreja dedicada ao

Apoſ-

Apoſtolo Santo André, que algum dia ſervia de Cathedral; e pelo zelo deſte Prelado ſe nos concedeu eſta Igreja para a fundaçaõ em 28 de Outubro de 1601: ſuſtenta quinze Religiozos.

Convento de Albenga 1602.

VArios Cavalheiros deſta Cidade fundaraõ eſte Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula* em 18 de Julho de 1602. em hum ſitio nobiliſſimo muito accõmodado para a vida quareſmal: ſuſtenta 12 Religiozos.

Convento de Levante 1603.

HAvendo-ſe recolhido ao Clauſtro Religiozo Deodato Lomelino, frondoza rama da illuſtriſſima Caza deſte appellido, e depois excellente fructo da Religiaõ Minima, com a parte do ſeu patrimonio, que deu á Religiaõ, ſe comprou hum ſitio nas praias do mar de Levante da ribeira de Genova, da maõ de hum homem de negocio chamado Peregrino Merano: eſte Convento he muito ameno; porque eſtá ſobre o mar rodeado de hortas, que ſe regaõ com abundancia de agua, que tem aquelle ſitio: o titular da Igreja he *S. Franciſco de Paula*: tem doze Religiozos de Communidade: foi aceito pelo Capitulo Geral em 1611.

Convento de Burgueto 1604.

SObre hum outeiro, que domina o mar, meio quarto de legua diſtante de Borgueto, havia huma Igreja dedicada ao *Eſpirito Santo*, que havia ſervido de hoſpital, e eſtava annexa ao Hoſpital de Sancti Spiritus in Saxia de Roma. Como eſte ſitio era incommodo para os Peregrinos; mudou o Senado o hoſpital para dentro do povoado. O Principe Joaõ Doria ſegundo do nome fundou no meſmo ſitio hum Convento para

os noſſos Religiozos em 26 de Março de 1604. A Igreja tem os meſmos privilegios, que os Summos Pontifices concederaõ á de Roma; os que a vizitaõ ganhaõ as meſmas indulgencias, que poderiaõ ganhar na de Sancti Spiritus de Roma. Sua Communidade ſe compõem de doze Alumnos.

Convento de Nervi 1606.

COm as eſmolas dos fiéis deſte lugar, e com eſpecialidade de André de Facio ſe fundou hum Convento em hum ſitio muito ameno, legua e meia diſtante da Cidade de Genova, em hum alto, que domina ſobre o mar, rodeado de hortas, e pomares, e jardins, no anno de 1606. aos 29 de Setembro. Suſtenta dez Religiozos.

Convento de Spetia.

ESte Convento foi aceito pelo Capitulo Geral no anno de 1617. e naõ ſabemos mais delle.

Convento de Santa Margarida 1623.

JUnto da Cidade de Genova, em hum ſitio chamado Moracio ſe fundou outro Convento com o titulo de *Santa Margarida*: he Igreja Paroquial: o Sacrario, e os caſtiçaes do Altar ſaõ de alabaſtro.

Provincia de Aquitania.

NA França Narboneza eſtá ſituada eſta Provincia, mãi de tantos Varoens illuſtres, que floreceraõ na noſſa Religiaõ em ſantidade, e letras, que por naõ fermos extenſos neſta obra, deixamos de o referir.

Convento de Toloza 1490.

O Convento de S. Roque de Toloza foi fundaçaõ do Illuſtriſſimo Biſpo de Grenoble o Senhor Lourenço Lalemant: eſtá ſituado em hum ſuburbio da Cidade: tem huma grande cerca: conſerva muitas reliquias: entre eſtas huma ſetta, com que os tyrannos martyrizaraõ a S. Sebaſtiaõ, e dadiva do Eminentiſſimo Cardial Armegnac: hum ſoli-Deo de noſſo Santo Padre, e hum bocado de oſſo, e huma tigella de páo, em que coſtumava beber o meſmo Santo. Suſtenta trinta Religiozos.

Convento de Sammathan 1533.

DEbaixo do meſmo titulo de *S. Roque* em hum ſuburbio de Sammathan, Biſpado Lombarienſe, fundou Monſieur de Lartigue hum Convento pelos annos de 1533., que ſendo arruinado pelos Hereges, ſe reedificou com eſmolas em 1589. Tem dezaſeis Religiozos.

Convento de Narbona 1570.

NA Cidade Epiſcopal de Narbona debaixo do titulo de *Santo Antaõ* ſe fundou hum Convento com o ſoccorro das eſmolas, que deraõ os Fiéis no anno de 1570. Neſte Convento ſe venera huma reliquia do meſmo Santo Antaõ em hum braço de prata. O Eminentiſſimo Senhor Cardial de Joyeuſa, Arcebiſpo de Narbona, reparou, e ampliou eſte Convento com grandes diſpendios; e a Religiaõ agradecida lhe deu o titulo de Fundador, que dezempenhou, dando renda para ſuſtentar trinta Religiozos.

Convento de Tornay 1592.

FUndou-se hum Convento de noſſa Ordem com a invocaçaõ de *Santa Maria do Caſtello* em hum ſuburbio da Cidade de Tornay no anno de 1592. a expenſas do Senhor de Sarlabous: tem doze Religiozos.

Convento de Blaye 1606.

FUndou-se no Biſpado de Bordeos hum Convento na Cidade de Blaye com o titulo de *Noſſa Senhora do Bom porto* no anno de 1606. Foi ſeu fundador o Senhor de Luzano, Governador daquella Cidade, e ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Bordeos 1607.

NA famoza Cidade de Bordeos Cabeça do Arcebiſpado, e rezidencia do Parlamento de toda eſta Provincia, fundou primeiramente Henrique IV. hum Convento, dando o ſitio para elle; e depois o Illuſtriſſimo Marechal de Ornan no anno de 1607. com o titulo de *Noſſa Senhora de todas as Graças*, e *S. Roque*: tem dezaſeis Religiozos de Communidade.

Convento de Vico 1609.

PErto da Cidade de Vico, Biſpado de Tarbelis, que os Hereges ſaquearaõ, ſe fundou hum Convento com as piedozas eſmolas dos Fiéis, no anno de 1609. Suſtenta doze Religiozos.

Convento de Beziers 1609.

QUatro leguas diſtante de Narbona na Cidade Epiſcopal de Beziers fundou o Senado hum Convento dedicado ao noſſo P. *S. Franciſco de Paula*,

la, no anno de 1609. A Communidade ſe compoem de doze Sujeitos.

Convento de Caſau 1619.

O Excellentiſſimo Duque de Eſpernon fundou eſte Convento na Villa de Caſau, ſendo Governador na Provincia de Aquitania: deu-lhe o titulo de *S. Franciſco de Paula* pela grande devoçaõ, que tinha ao Santo, e tem huma Communidade creſcida.

Convento de Aubeterre 1617.

EM eſte lugar, titulo dos Marquezes de Aubeterre, fundou o Excellentiſſimo Marquez Franciſco Deſparbes hum Convento em 1617.

Convento de Plaignac 1617.

NO meſmo anno fundou outro em Plaignac o Illuſttiſſimo Conde de Gurſon: foi aceito pelo Capitulo Geral no meſmo anno de 1617.

Convento de Carcaſona.

DEſte Convento naõ temos mais noticia, que havelo aceitado o Capitulo Geral no anno de 1629.

Provincia de Granada.

Convento de Malaga 1492.

DA hiſtoria da Vida do Santo, que eſcrevemos, conſta, como foi a fundaçaõ deſte Convento, e que ſeu primeiro fundador foi ElRey Fernando o Catholico: eſte Convento foi fundado no anno de 1492. vindo o P. Fr. Bernardo Boil de França em qualidade

dade de Vigario Geral com alguns companheiros, que o meſmo Santo lhe deu ; depois ſe foi augmentando de ſorte, que he hum dos Conventos mais nobres, que tem a Religiaõ: tem muita renda, com que ſuſtenta huma Communidade numeroza. Sua invocaçaõ he de *Noſſa Senhora da Victoria.* Floreceu neſte Convento pelos annos de 1600. Fr. Joaõ Baptiſta, Religiozo Leigo, natural de Baeça, cheio de raras virtudes, com as quaes ſempre cultivou ſua alma: procurou ſaber todos os conſelhos Evangelicos, que os decorava, aprendendo-os pouco a pouco á força da ſua curiozidade: continuamente perguntava aos Religiozos que lhe parecia melhor para a ſua intelligencia ; e depois que ſe fez ſenhor delles, ſe dedicou a prégar ſobre elles, e dizia aos Religiozos moços, que eſtudaſſem os conſelhos Evangelicos, e entenderiaõ o que o Santo Patriarca manda na ſua Regra. Pelo eſpaço de trinta e dous annos naõ tomou outro genero de alimento mais que paõ, e agua. Havendo-lhe mandado a obediencia, que tomaſſe conta da Portaria, ſe deſvelava ſempre em diſtribuir eſmolas entre os pobres com ſumma caridade: exercitando eſta virtude foi notado, que ſendo muitos os pobres, que chegavaõ á Portaria, todos levavaõ hum pedaço de paõ, o que naõ correſpondia ás eſmolas, que ajuntava no refeitorio para diſtribuir. Obſerváraõ os Religiozos a Fr. Joaõ Baptiſta, e conheceraõ ſe multiplicavaõ as eſmolas nas ſuas maõs: para occultar elle eſte prodigio ſempre que hia dar a eſmola, levava o paõ dentro da manga do habito; mas nem com eſta cautela pôde occultar aos pobres a multiplicaçaõ do paõ; porque naõ deixavaõ de ver pelo vulto, que fazia a meſma manga, que era pequeno a reſpeito da porçaõ, que della tirava para diſtribuir ; por cujo motivo diziaõ os meſmos pobres, que a manga do habito de Fr. Joaõ Baptiſta era huma arca de paõ: morreu com muito ſentimento de toda a pobreza. Do Conveto de Malaga naõ ſe ſabe a era. O P. Fr. Belchior Ximenes, natural da Cidade

de de Granada, Varaõ obſervantiſſimo, e dos mais antigos da Religiaõ; morreu neſte Convento em ſantidade, cheio de annos, e mais virtudes pelos annos de 1604.

Convento de Andujar 1495.

PEdro de Lucena Olid, de quem fizemos mençaõ na hiſtoria, que havia ſido Embaixador na Corte de França, e voltando para ſua caza, teve muito tempo por hoſpedes os noſſos Religiozos em ſua caza. Fundou eſte Convento em 1492. aos 26 dias do mez de Março: he Convento ſumptuozo, e baſtantemente rico, que de ordinario ſuſtenta quarenta Religiozos, ſem adjutorio de eſmolas: ſeu titulo he de *Santa Elena*. O P. Fr. Diogo de Albuquerque, Varaõ muito illuſtre pelas ſuas grandes virtudes, natural de Albuquerque: tomou o Habito neſte Convento de Andujar: foi muitas vezes Prelado local em varios Conventos daquella Provincia, e foi eleito Provincial no anno de 1547. em cujos cargos deu baſtantes provas da ſua ſantidade: morreu com univerſal ſentimento de todo o povo, eſpecialmente do Excellentiſſimo Conde de Urenha, que quando ſoube do ſeu fallecimento diſſe: *Eu perdi o melhor Medico da minha alma, e a Ordem de S. Franciſco de Paula o Religiozo mais humilde, e veneravel, que tinhaõ.*

O P. Fr. Joaõ de Lucena natural deſta Cidade de Andujar, ainda que tomou o ſanto Habito em o Convento de Triana, viveu quazi ſempre em Andujar, aonde deu muitas provas de ſuas grandes virtudes, aſſim nos cargos, que ſervio dentro da Religiaõ, como fóra della; eſpecialmente quando o Biſpo de Jaem por commiſſaõ do Papa Pio V. lhe ſubdelegou ſeus poderes, para a divizaõ das ſuas Provincias de Caſtilha, e Andaluzia da Ordem da Santiſſima Trindade. Executando eſte divizaõ com ſatisfaçaõ grande de todos, morreu aos 80 annos de ſua idade pelos annos de 1596. *Con-*

Convento de Religiozas de Andujar 1495.

NO meſmo anno, e o meſmo fundador fez o Convento para Religiozas com a meſma invocaçaõ de *Santa Elena*, ſendo as primeiras Religiozas, que entraraõ a fundar, as filhas de Pedro de Lucena. Neſte Convento, que tem de ordinario 45, ou 50 Religiozas, ſe veneraõ muitas reliquias do Santo, que depozitaraõ os Religiozos, que vieraõ de França para fundar: e tambem o corpo da Veneravel Madre Soror Maria de Monte-Negro, que ſendo em toda a ſua vida exemplar de penitencia, e mortificaçaõ, morreu com fama publica de ſantidade.

Convento de Ezija 1506.

DEbaixo do titulo de *Noſſa Senhora da Victoria*, ſe fundou eſte Convento da Cidade de Ezija do Arcebiſpado de Sevilha no dia 2 de Julho de 1506. Seus fundadores D. Franciſco de Aguilar, e D. Elvira Ponce de Leaõ além da muita renda, que deraõ a eſte Convento, com que ſuſtenta ordinariamente quarenta Religiozos, deixaraõ hum legado de cento e ſincoenta mil reis, para que todos os Capitulos Provinciaes daquella Provincia ſe celebrem neſte Convento.

Convento de Cordova 1510.

FO'ra das portas da Cidade de Cordova em hum ſitio regado do ſangue dos Martyres, que neſte lugar alcançaraõ as palmas, e as coroas de ſua conſtancia na Fé de JESUS Chriſto, ſe fundou hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria* ſendo Moſteiro de Religiozas, que o Gentiliſmo, e os Mouros martyrizaraõ em odio da Fé Catholica: depois em 1510. paſſou ao noſſo poder, ſendo ſeu fundador o Excellentiſſimo Marquez de Priego. He muito pri

primorozo eſte Convento : tem hum clauſtro ſeparado para a enfermaria , e tambem huma grande cerca de muita utilidade para a noſſa vida quareſmal. Conſta ſua Communidade de ſeſſenta Religiozos , e tem tres Cadeiras de Theologia.

Convento de Religiozas 1535.

HA dentro da Cidade hum Convento de Religiozas da meſma Ordem com o titulo de *Jeſus Maria* , que ſe fundou no anno de 1535. Sua Communidade he baſtantemente numeroza , e edificativa.

Convento de Granada 1518.

EM 7 de Setembro de 1518. ſe fundou hum magnifico Convento junto aos muros de Granada. A Igreja além de ſer baſtantemente grande he bem adornada. Em huma Capella collateral no lado da Epiſtola eſteve depozitado o corpo de S. Joaõ de Deos, que como Terceiro de noſſa Ordem , e como naõ tinha ainda eſtabelecido a Religiaõ dos Hoſpitalarios ſeus Alumnos , os noſſos Religiozos lhe deraõ jazigo diſtincto neſta Capella , da qual foi trasladado , muitos annos depois , a requerimento dos ſeus Religiozos. Sua Communidade ſe compoem de ſeſſenta Sujeitos. Floreceraõ neſte Convento muito as letras , e virtudes. Entre os Veneraveis faremos lembrança de Fr. Diogo Barbudo Religiozo Leigo , que de ordinario andava ás lutas com o demonio , e depois do ſeu corpo enterrado naſceraõ do ſepulcro humas flores , que nas folhas traziaõ eſcritas eſtas palavras *Jeſus Maria.* Havendo cavado para ſaber de donde naſciaõ , ſe achou que a raiz era ſua boca , que repentinamente produzio aquellas prodigiozas flores. Tambem ſe conſerva o corpo de Fr. André de Mora da meſma profiſſaõ , que além de outras conhecidas virtudes , reſuſcitou hum homem morto.

Sahin-

Sahindo deſte Convento os PP. Fr. Pedro de Cuelhar, e Fr. Joaõ Vegel mandados pela obediencia a outro Convento, encontrando-ſe com huma quadrilha de Mouros rebellados, que fizeraõ muitos eſtragos naquellas terras, pelos annos de 1568. foraõ martyrizados, e mortos em odio da Fé de Jeſus Chriſto juntamente com os mais, que os acompanhavaõ, aos quaes os PP. exhortáraõ, que tiveſſem conſtancia em ſoffrer os tormentos, que os barbaros lhes davaõ até morrer, confeſſando ſempre o nome do Redemptor. Succedeu eſte martyrio no mez de Outubro de 1569. O P. Cuelhar era natural da Cidade do Porto de Santa Maria, e o P. Vegel natural de Harahal. Tambem morreu neſte Convento com fama de grandes virtudes Fr. Fernando Moreno Religiozo Leigo, e ſepultouſe em lugar diſtincto no anno de 1600. de idade de ſetenta e dous annos.

Convento de Oſſuna 1548.

OS Excellentiſſimos Senhores Condes de Urenha em 7 do mez de Setembro de 1548. fundaraõ eſte Convento ſituado fóra da Villa; porém depois ſe trasladou para dentro della, em hum ſitio muito cõmodo: tem 30 Religiozos de Communidade com Cadeiras de Filozofia, e Theologia. Floreceu aqui o P. Fr. Joaõ Ortega Meſtre em Theologia, que leu na Univerſidade deſta terra com muito fructo: foi natural de Sevilha, de conſciencia candida, que parecia ſe conſervava no eſtado da innocencia: morreu cheio de annos, e de virtudes aos ſetenta e quatro annos de ſua idade.

Convento de Baeza 1551.

COm o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria* ſe fundou no anno de 1551. hum Convento, que tem huma magnifica Igreja, na qual ſe venera huma mila-

milagroza Imagem de noſſa Senhora da Penha, por haver-ſe cazualmente achado debaixo de hum penedo enterrada, ſegundo inferencias, do tempo dos Mouros. Floreceu neſte Convento Fr. Miguel de Jeſus natural de Portugal, grande ſervo de Deos; foi Auctor da Irmandade de noſſa Senhora da Victoria, que exiſte no meſmo Convento,

Convento de Freiras 1561.

NA meſma Cidade debaixo da invocaçaõ de *Santo Ildefonſo* eſtá hum Convento de Religiozas, que ſe fundou no anno de 1561. Tem 50 Religiozas de Communidade.

Convento de Archidona 1556.

O Excellentiſſimo Senhor Conde de Urenha, hoje Duque de Oſſuna, fundou outro Convento debaixo do titulo de *Santa Catharina*, ſendo a idea deſte Senhor naõ deixar lugar grande de ſua juriſdicçaõ, que naõ tiveſſe Convento de noſſa Ordem. Sua breve vida fruſtrou eſte dezignio; por cuja cauza ficou eſte Convento por acabar; mas ſempre ſuſtenta vinte Religiozos.

Neſte meſmo lugar ſe fundou hum Convento de Religiozas deſta Ordem, que floreceu em grandes virtudes. Entre todas ſe eſpecializou a Madre Soror Maria de Queſada: foi das primeiras noviças deſte Convento, havendp vencido muitas difficuldades para ſer Religioza; porque ſendo de nobre familia, e rica de bens, naõ lhe faltavaõ obſtaculos, que lhe embaraçaõ ſeus propozitos: era natural de Granada, de donde ſahio para tomar o ſanto Habito pelos annos de 1542. aos vinte e outo annos de ſua idade. Deſde o primeiro dia deu moſtras das grandes virtudes, que encerrava ſua alma, eſpecialmente huma profunda humildade, com a qual excedia ás mais antigas: foi pobriſſi-

briſſima, naõ tendo mais que o Habito, de que uzava: dormia ſobre huma eſteira debaixo de huma eſcada; ſem ſe lhe conhecer, no eſpaço de mais de trinta annos nem outra cama, nem outra cella. As penitencias eraõ aſperiſſimas: tomou particular devoçaõ com huma Imagem do Santo Chriſto, que eſtava no Choro; porque era amantiſſima do myſterio da ſagrada Paixaõ: apenas paſſava dia algum, que naõ tomaſſe huma diſciplina diante deſta Imagem, dizendo frequentemente neſte acto: *Meu crucificado Jeſus*: foi naturalmente compaſſiva dos pobres, com os quaes gaſtava a tença, que lhe fizeraõ ſeus pais: ſeu ordinario ſuſtento era paõ, e legumes: com os pobres da cadêa repartia ſuas eſmolas, e lhes procurava ſua liberdade: quanto adquiria pelo ſeu lavor, era para acudir á pobreza, e dizia: *Que importava muito cuidar nos pobres; porque para eſte officio conſervava Deos aos ricos no mundo.* Em huma occaziaõ pedio licença á Prelada, para beijar os pés ás Religiozas em acto de Communidade, e havendo-ſe-lhe concedido permaneceu neſte exercicio mais de vinte annos ſem faltar dia algum. A aſſiſtencia no Choro era continua, de ſorte que era ſua perpetua morada: o demonio a combatia muito no tempo, que rezava o Officio Divino, provocandoa a ſomno, e ella rebaria eſtas tentaçoens beliſcando ſuas carnes, e picando-ſe com alfinetes; e ao meſmo tempo dizia: *Beſta ruim, aqui me offereces ſomno?* Se acazo continuava a tentaçaõ, pedia ás Religiozas, que a atormentaſſem. Punha-ſe em pé todo o tempo de Matinas: eſtas acabadas, ficava victorioza, e logo ſe punha de joelhos em oraçaõ mental até horas de Prima: aſſim que ſe acabava eſta, hia vizitar as Religiozas doentes, praticando com ellas todos os exercicios de humildade, alimpandoas de toda a immundicia, e aſſeando-lhes as camas. Algumas vezes as Freiras moças lhe reprehendiaõ ſeu modo de obrar para prova da ſua virtude; mas ella com iſto meſmo ſe alegrava, e com grande prudencia emendava o que tinha feito

e quan-

e quando via que naõ tinhaõ razaõ, dizia : *Seja pelo amor do crucificado Jeſus, que mais ſoffreu a peior qualidade de gente.* Avançada já em idade ſe debilitou tanto, que por conſelho do Medico, e por obediencia lhe mandou a Prelada comer carne. Chegouſe o tempo da ſua morte; e poſta de joelhos ſobre huma pobre cama, em que a Madre Correctora a mandou deitar, recebeu os Santos Sacramentos derramando copiozas lagrimas, e infundindo a todos grande devoçaõ. Acabados eſtes actos, lembroulhe que huns prezos ſe valeraõ della para os favorecer, rogou a huma Religioza, que eſcreveſſe em ſeu nome ao Corregedor a eſte effeito : immediatamente pedio por amor de Deos lhe leſſem a Paixaõ do Redemptor, a qual eſteve ouvindo de joelhos, e tanto que chegou ás palavras : *Et inclinato capite emiſit ſpiritum*, entregou à alma ao Creador, abraçada com o Crucifixo, e ficando de joelhos como eſtava. A penas ſe divulgou ſua morte, foraõ todos os pobres ao Convento derramando rios de lagrimas, por haver perdido ſua bemfeitora, e ſua mãi, que os conſolava: fez-ſe-lhe hum magnifico enterro, como mereciaõ ſuas virtudes, no fim do mez de Dezembro de 1593. A Meſtra deſta Veneravel foi a Madre Arce, huma das fundadoras deſte Convento, Religioza de inſignes virtudes, principalmente na oraçaõ mental: alcançou licença para eſtar ſempre de joelhos nos actos de Communidade, para eſtar mais mortificada no Choro ; ſeu alimento eraõ hervas cruas, e muitas vezes ſem paõ: ſua vida mais parecia de Anjo, que de peſſoa humana: muitas vezes foi viſta em extaſis, quando eſtava orando. Chegou a huma idade baſtantemente avançada, e he conſtante, que Deos noſſo Senhor obrou muitas maravilhas por ſua interceſſaõ. Morreu cheia de annos, e de virtudes.

Convento de Noalejo 1556.

NA Villa de Noalejo a Illuſtriſſima Senhora D. Mencia de Salcedo Camareira Mór da Imperatriz D. Izabel mulher do Imperador Carlos V. fundou no meſmo anno de 1556. hum Convento da noſſa Ordem, que ſuſtenta vinte Religiozos. Goza eſte Convento da terceira parte dos dizimos; porque ſendo eſte lugar *Nullius Diœceſis* por pertencer á Abbadia de Alcalá la Real, ſerve hum Beneficio deſta Abbadia.

Convento de Ubeda 1557.

DIa da Purificaçaõ de noſſa Senhora do anno de 1557. ſe fundou o Convento de Ubeda.

Convento de Loxa 1559.

COm o titulo de *S. Sebaſtiaõ* ſe fundou o noſſo Convento de Loxa no anno de 1559. Tem de ordinario perto de trinta Religiozos.

Convento de Eſtepa 1562.

OIlluſtriſſimo Senhor D. Marcos Centuriaõ primeiro Marquez de Eſtepa fundou eſte Convento em 1562. Suſtenta vinte e quatro Religiozos.

O P. Fr. Paulo Rozado floreceu neſte Convento: era natural da Cidade de Ezija: viveu exemplariſſimamente: empregou-ſe em obras de ſumma charidade com os pobres, e morreu ſantamente do meſmo modo, que viveu.

Con-

Convento de Motril 1580.

EM a Villa de Motril Dieceſi de Granada ſe fundou eſte Convento no anno de 1580. Diſta onze leguas do mar: tem 30 Religiozos de Communidade.

Convento de Almunhecar 1582.

NA Cidade deſte nome, porto de mar, no dia 26 de Janeiro de 1582. ſe fundou eſte Convento, que ſuſtenta 18 Religiozos.

Convento de Olvera 1582.

FUndou-ſe em Olvera Villa do Arcebiſpado de Sevilha hum Convento, que ſuſtenta vinte Religiozos: o titulo he de *S. Sebaſtiaõ.*

Convento de Antequera 1585.

EM 16 de Fevereiro de 1585. ſe fundou eſte Convento na Cidade de Antequera, que tem perto de 30 Religiozos de Communidade.

Convento de Freiras 1601.

DO Convento de Archidona ſahiraõ algumas Religiozas para fundar hum Moſteiro neſta Cidade em 1601. vencendo muitas difficuldades, e contradicçoens, que experimentáraõ: ſeu numero de Communidade he de 50 Religiozas.

Convento de Cabra.

NO Biſpado de Cordova a Excellentiſſima Senhora D. Franciſca Fernandes de Cordova Duqueza de Baena fundou hum Convento na Villa de Ca-

bra: he obra ſumptuoza. Conſervaõ-ſe neſte Convento os corpos dos Veneraveis PP. Antonio dos Reys, que foi de vida penitente, o P. Contreras, o P. Eſpinoza, e o P. Bartholomeu Martines, que com outros mais morreraõ em opiniaõ de Santos por ſuas notorias virtudes.

O P. Fr. Bartholomeu Martines recolheu-ſe a eſte Convento, onde viveu com aſperiſſimas penitenciss, exercitando-ſe em ſingulares virtudes, eſpecialmente na charidade para com os pobres, aos quaes ſoccorria com maõ larga; por cujo motivo ſendo Prelado, e havendo taõ pouco trigo no celleiro do Convento, que apenas podia chegar para a Communidade huns poucos de dias, ſe lhe augmentou huns poucos de mezes com abundancia aſſim para os Religiozos, como para a pobreza; diſtribuindo elle meſmo as eſmolas pela ſua maõ na Portaria; alem das que mandava a varias peſſoas neceſſitadas. Morreu com igual ſentimento de todos no dia 31 de Agoſto de 1598.

Tambem floreceu neſte Convento o P. Fr. Jeronymo Contreras depois de morar muitos annos no Convento de Bolonha na Italia, onde eſtudou. Recolheu-ſe a eſte Convento pelos annos de 1585. onde viveu exercitando-ſe nas virtudes da humildade, e mortificaçaõ: uzou das penitencias mais aſperas, de ſorte que chegou a debilitarſe de forças naõ tendo mais, que a pelle ſobre os oſſos. Foi ſua morte precioza aos olhos do Senhor, aſſim como havia ſido ſua vida. Junto com eſtes dous Veneraveis devemos fazer memoria do P. Antonio dos Reys, que tambem morreu com fama de ſantidade.

Convento de Torreximena 1604.

NA Villa de D. Ximeno, vulgarmente chamada de Torreximeno Biſpado de Jaen ſe fundou em 26 de Fevereiro de 1604. hum Convento, que ſuſtenta 10 Religiozos de Communidade.

Con-

Convento de Vera 1605.

NO Reino de Murcia ſe fundou o Convento de Vera em 6 do mez de Março, que ſuſtenta dezaſſeis Religiozos.

Convento de Fonte Santa 1608.

PErto de Malaga, e pouco diſtante do mar, em huma Ermida de *Noſſa Senhora de la Fuenſanta*, titulo, que tomou por eſtar junto a huma fonte de aguas milagrozas, ſe fundou hum Convento, que ſuſtenta doze Religiozos. Deu eſte ſitio o Biſpo de Malaga para conſervar o culto da Senhora.

Convento de Ponte de D. Gonçalo 1617.

NO anno de 1617. foi reconhecida de todo o Capitulo Geral celebrado em Roma por fundadora deſte Convento de la Puente de D. Gonçalo a Excellentiſſima Senhora D. Joanna Henriques de Ribera Marqneza de Priego, por haver fundado o Convento, e dado humas penſoens annuaes para ſuſtento dos Religiozos, e fabrica da Sacriſtia.

Provincia de Napoles.

Convento de S. Luiz de Palacio 1478.

DA primeira fundaçaõ deſte Convento démos noticia na Hiſtoria. Depois que eſte Reino ſe governou por Vice-Reys, exercitando eſte cargo o Graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova, ſe edificou eſte Convento com maior magnificencia: tem dous Choros, hum por detraz do Altar Mór, e outro Choro alto ſobre á porta da Igreja, ambos guarnecidos de

primorozas cadeiras. As Capellas de toda a Igreja eſtaõ muito bem ornadas: a Sacriſtia he muito grande, e muito cheia de riqueza, que naõ he facil poder deſcrevela, nem reduzir a numero as reliquias, que nella ſe conſervaõ. Entre eſtas ſe vê dentro de hum grande relicario, que contém baſtantes reliquias, huma ambula pequena com o leite de Noſſa Senhora, que todos os annos nas veſperas da feſta de ſua glorioziſſima Aſſumpçaõ ſe liquîda; e ſe vê bulir com notavel admiraçaõ dos Fiéis: deu eſta reliquia o Eminentiſſimo Senhor Cardial Grambella junto com hum dente queixal do Apoſtolo S. Paulo, hum braço de S. Mathias, e hum oſſo de S. Joaõ Baptiſta. Já diſſemos na Hiſtoria, que ſe guarda neſte Convento o meſmo Habito, que o Santo trazia no Convento da Religiaõ Serafica da Cidade de S. Marcos, que eſtá taõ novo, como ſe naõ tiveſſe ſervido, exhalando de ſi hum cheiro celeſtial: hum ſoli-Deo do meſmo Santo. Deſtes ha muitos, que ſe conſervaõ em outros Conventos; porque os Religiozos que gozaraõ da ſua ſanta companhia, todos os dias lhe punhaõ hum ſoli-Deo novo, para ficarem com os que já havia uzado; eſpecialmente depois que a experiencia lhes moſtrou os milagres, que Deos fazia com eſtas reliquias. A livraria compete com as maiores de toda a Italia; porque tem livros de todas as faculdades, e de quantos AA. tem eſcrito, de ſorte que o P. Montoya affirma, que a Bibliotheca do Graõ Duque de Florença naõ lhe excede. Tem huma botica, que hoje naõ ſe acha igual naõ ſó em todo o Reino, mas tambem em toda a Italia. Sua Communidade conſta de cento e ſincoenta Religiozos, além dos muitos hoſpedes, que ſempre tem; porque na enfermaria naõ ſó ſe curaõ todos os Religiozos do Convento, e da Provincia; mas tambem de outras Provincias circumvizinhas com grande charidade. Tem tres Cadeiras com eſtudos publicos a ſaber: Grammatica, Rhetorica, e Bellas letras: tambem ſe lê Filozofia, Theologia, e Moral. De todas eſtas aulas ſahem

hem eſtudantes inſignes; porque ſempre ha dous curſos de Filozofia, que cauzaõ nos eſtudantes emulaçaõ. Debaixo do Altar mór eſtá o corpo do Veneravel P. Fr. Bernardino de Cropulato.

O P. Fr. Franciſco de Ribas era natural da Cidade de Valença, Varaõ conſumado nas Theologias, e grande Prégador, cujo cargo exercitou com grande fructo das almas na Caſtilha, em Valença, Saragoça, Roma, e Napoles, onde eſcolheu ſua conventualidade até acabar ſeus dias. Sua ultima enfermidade foi rara, e muito penoza; porque por tempos hiaõ faltando os eſpiritos aos extremos de ſeu corpo, de ſorte que era precizo cortarlhe aquella parte, que ſe achava já morta, e deſte modo ſoffreu hum prolongado martyrio com eſtas continuadas operaçoens chirurgicas. Morreu cheio de merecimentos aos 56 annos de ſua idade com ſentimento univerſal de toda a Corte, eſpecialmente do Vice-Rey de Napoles, que era o Duque de Oſſuna D. Pedro Giraõ.

Neſte Convento floreceu o Illuſtriſſimo Senhor D. Fr. Gaſpar de Foſſo natural da Villa de Rolano Biſpado de Conſencia, Varaõ de rariſſimas virtudes, pelas quaes mereceu as eſtimaçoens de todas as peſſoas grandes da Italia, e dos Pontifices da Igreja. Paulo III. o fez Biſpo de Eſcala, e depois Julio III. o promoveu á Mitra de Calvi, e Pio IV. a inſtancias de ElRey Catholico lhe deu o Arcebiſpado de Regio no Reino de Napoles. Aſſiſtio ao Concilio Tridentino, onde fez a Oraçaõ da abertura delle no dia 18 de Janeiro de 1562. continuando com ſua aſſiſtencia até o fim do Concilio. Naõ queremos deixar correr a penna ſem referir as acçoens deſte Veneravel Padre; porque ſeriamos precizados a eſcrever hum naõ pequeno volume; baſta dizer, que ſe retirou de Roma (depois de mandallo chamar o Papa Gregorio XIII. para Aſſiſtente do Solio) com algum receio que foſſe promovido á Purpura de Cardial. Morreu a 28 de Dezembro de 1592. aos noventa e ſeis annos de ſua idade.

Convento de Noſſa Senhora da Eſtrella de Napoles 1574.

O P. Fr. Nicolao Guliniſo fundou eſte Convento, hoje Collegio de eſtudos de Theologia com muitas, e grandiozas eſmolas dos Fiéis em hum ſitio chamado Pigne fóra da porta de S. Januario: he obra primoroza aſſim o Convento como a Igreja, que eſtá muito bem ornada, e tem ſincoenta Religiozos de Communidade, que vivem com grande recreio pela amenidade do ſitio, e de huma grande cerca. Entre os Varoens illuſtres, que floreceraõ neſte Convento, ſe conſervaõ com mais diſtinçaõ os corpos de Fr. Joaõ de Napoles, e de Fr. Thomás Donado. Entre os ſujeitos, que deraõ muito credito á Religiaõ em letras, devemos fazer lembrança do P. Fr. Ignacio de Napoles, do P. Fr. Ignacio de Capua, e do P. Fr. Miguel Carrafa.

Convento da Senhora dos Anjos 1583.

MArco Antonio Feſtineſe, nobre Cidadaõ Napolitano, ſenhor de huma fazenda ſituada nas praias do mar em hum diſtricto chamado Chiara, teve huma revelaçaõ de noſſo Santo Padre inſinuando-lhe, que naquella fazenda edificaſſe hum Convento para ſeus filhos: poz logo em execuçaõ quanto o Santo lhe fez entender, com grande affecto; porém naõ póde completar ſeus dezejos: porque com ſua morte naõ ſe acabou o Convento, o que naõ obſtante, ſe foi continuando a obra com eſmolas, que ſuſtenta dezaſſeis Religiozos.

Con-

Convento de S. Franciſco de Paula.

FOra da porta de Capua da meſma Cidade de Napoles eſtava huma pequena Igreja dedicada a *S. Sebaſtiaõ*, onde aſſiſtiaõ tres, ou quatro Religiozos da Ordem Serafica: como naõ ſe podia ſuſtentar, no anno de 1595. ſe retiraraõ a outro Convento por ordem do ſeu Prelado Maior. Havia neſta Igreja huma Confraria fundada de tempos muito antigos, e vendo os Irmãos (a maior parte delles eraõ nobres) que os Religiozos Franciſcanos dezampararaõ a Igreja, ſupplicaraõ ao P. Provincial de Napoles, que era o P. Fr. Feliz de Marino, os quizeſſe receber debaixo da protecçaõ da Religiaõ Minima deſtinando alguns Religiozos da meſma Ordem para aſſiſtir, e cuidar na Igreja: aceitou o P. Provincial a offerta, e precedendo as licenças neceſſarias, tomou poſſe no primeiro de Junho de 1595. trocando o titulo de *S. Sebaſtiaõ* em *S. Franciſco de Paula.* Concorreraõ todos os Fiéis com avultadas eſmolas, com as quaes ſe fez o Convento muito ſufficiente, que ſuſtenta vinte Religiozos com muita abundancia; porque he inexplicavel a devoçaõ, que todos tem ao noſſo Santo.

Convento de Caſtellamar 1506.

COnſta da Hiſtoria, que eſcrevemos, como foi o principio da fundaçaõ deſte Convento, que naõ ſe continuou por cauza dos incidentes, que ſuccederaõ, até que o Graõ Capitaõ deu outra vez eſte ſitio aos noſſos Religiozos, que conſervaraõ o titulo antigo de *Santa Maria de Puzano* em 1506.: diſta da Cidade de Napoles pouco mais de ſinco leguas. A torre da Igreja, além dos ſinos, tem hum farol, que ſe accende de noite em beneficio dos Navegantes: a Imagem da Senhora he tradiçaõ, que foi feita por S. Lucas, e certo he que he muito milagroza: baſta dizer que naõ

cabem

cabem as memorias dos votos na Igreja. Tem trinta Religiozos de Communidade.

Convento de Campagna 1513.

NO anno de 1235. os Religiozos da Ordem de S. Bento edificaraõ neſte ſitio hum Convento; que depois deixaraõ por alguns incidentes: e no anno de 1513. hum Cidadaõ de Campagna chamado Belchior Guerreiro alcançou do Papa Leaõ X. licença, para que os noſſos Religiozos foſſem povoalo. Mandou eſte fundador renovar o Convento dando-lhe melhor figura, e fez huma grande livraria. O titulo deſte Convento he de *Santa Maria de Nova.*

Convento de Salerno 1516.

A Illuſtriſſima Cidade de Salerno, que diſta trinta milhas da Cidade de Napoles, he Cadeira Epiſcopal, e tem Univerſidade: quando o noſſo Santo paſſou por ella, profetizou que ſe havia de fundar nella hum Convento; cumprio-ſe eſte vaticinio no anno de 1516. que o Senhor Roberto Sanſeverino, Principe de Salerno, junto com o Senado da Camara, edificou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula.* Tem muitas hortas, e todo elle eſtá feito com grandeza: ſua Communidade he de trinta Religiozos.

Convento de Averſa 1516.

NO meſmo anno de 1516. na Cidade de Averſa, pouco diſtante de Napoles ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem com o titulo de *S. Franciſco de Paula*: tem vinte Religiozos de Communidade.

Convento de la Cava 1583.

OS Cidadoens de la Cava fundaraõ outro Convento com o titulo de *Santa Maria del Olmo*: foi eſta fundaçaõ profetizada pelo noſſo Santo, quando paſſou por eſta Cidade, eſtando-ſe abrindo os alicerſes da Igreja, nos quaes com ſuas meſmas mãos, lançou huma pedra: ſua Communidade he de vinte Religiozos.

Convento de Maſſa 1593.

EM hum promontorio, que chamaõ Minerva, naõ muito longe de Caſtellamar, eſtá a Cidade de Maſſa, e aqui temos outro Convento muito excellente fundado pela nobiliſſima familia Lipanela com o titulo dos *Santos Martyres S. Proceſſo, e S. Martiniano*: tem grande renda, com que ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Nola 1593.

NA Cidade Epiſcopal de Nola ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula* junto a hum cemiterio, onde eſtaõ ſepultados muitos milhares de Martyres, que derramáraõ ſeu ſangue por JESUS Chriſto no reinado do Imperador Diocleciano debaixo do cruel Prezidente Marciano. Neſte cemiterio ainda ſe vem as duas paredes, que milagroſamente occultaraõ o inſigne S. Feliz Nolano, quando quiz fugir do tyranno, que o perſeguia; entrando o Santo Martyr por entre eſtas duas paredes, inſtantaneamente as aranhas taparaõ com ſuas teias a entrada. Eſte Convento he muito bem aſſiſtido de eſmoas, com que ſuſtenta dezaſſeis Religiozos.

Convento de Nocera 1588.

A Diſtancia de vinte milhas da Cidade de Napoles eſtá a Cidade de Nocera, onde a grande devoçaõ de Fabricio Pagano, natural da meſma Cidade, fundou hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Saude* no anno de 1588., dando huma herdade, e horta para eſte effeito: principiou a conſtruir o Convento; mas a morte lhe impedio podelo completar: ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Gefuni.

ENtre as ſerras, pouco diſtante de Salerno, eſtá hum lugar chamado Gefuni entre dous caudalozos rios, aonde ſe fundou hum Convento de noſſa Ordem, que ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de S. Jorge 1586.

JUnto á Cidade de Benavento ſe fundou hum Convento em hum ſitio chamado S. Jorge no anno de 1586. dando-lhe o titulo de *Noſſa Senhora da Annunciaçaõ*, em que rezidem doze Religiozos. Pertence eſte ſitio no eſpiritual ao Abbade de S. Modeſto da Sagrada Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho.

Convento de S. Arpino.

EM hum povo chamado Arpino, e pelos antigos Santo Elpidio, territorio do Marquez de Grotuli, fundou eſte Senhor hum Convento para morarem dez Religiozos debaixo do titulo de *Santa Maria da Eſtrella* eſtes tres Conventos foraõ aceitos. Pelo Capitulo Geral no anno de 1593.

Convento de Capua 1605.

ENtre os muitos Conventos da noſſa Ordem, que fundou o P. Fr. Ignacio de Capua, tambem fundou eſte de ſua propria patria. Pouco diſtante deſta Cidade de Capua eſtava hum cazal chamado *Santa Maria*: debaixo da protecçaõ do Eminentiſſimo Cardial Roberto Bellarmino Biſpo de Capua, fundou o mencionado P. hum Convento com o titulo de *Santa Maria de Via Cœli*, que ſuſtenta com muita abundancia doze Religiozos.

Convento de Caſerta.

DEbaixo do titulo de *S. Franciſco de Paula* na Cidade de Caſerta, poucas milhas diſtante de Capua, edificou hum Convento da noſſa Ordem o Excellentiſſimo Principe deſte titulo junto a huma famoza quinta de ſua caza: rezidem nelle quatorze Religiozos.

Convento de Otayano 1618.

HUm homem nobre natural deſte lugar deu á noſſa Religiaõ duas cazas de campo para a fundaçaõ deſte Convento, que he baſtantemente bom, e ſuſtenta doze Religiozos.

Provincia de Apulha, ou terra de Bari.

ENtre as Provincias, das quaes ſe compõem o Reino de Napoles, eſta chamada a Puglia naõ he menos nobre que as outras, aſſim pela ſua antiga nobreza, como pela fertilidade da terra: eſtá ſituada pela parte de Leſte de Napoles nas praias do mar Adriatico entre o rio Dauno, e a Calabria: tem quatorze Cidades principaes, dous Arcebiſpados, que ſaõ Bari,

Bari, e Taranto, e doze Biſpados; e dá muito de todo o genero de fructos. Neſta parte do Reino ſe fundaraõ tantos Conventos, que chegou a eſtabelecerſe huma Provincia.

Convento de Lecce 1524.

O Primeiro, e mais antigo dos Conventos deſta Provincia de Apuglia ſe fundou em Lecce Cidade Epiſcopal ſuffraganea á Metropoli de Otranto. He hum Convento muito primorozo, e muito rico de rendas, que além do Noviciado tem mais de oitenta Religiozos de Communidade: ſua invocaçaõ he *S. Miguel Archanjo*: e foi ſua fundaçaõ no anno de 1524. em 14 de Maio.

Convento de Taranto 1530.

NA Cidade de Taranto Metropoli, e Sede do Arcebiſpo do meſmo titulo, Bartholomeu de Gaeta, nobre Cidadaõ, fundou eſte Convento fóra dos muros da Cidade em 24 dias do mez de Julho de 1530. Suſtenta mais de vinte Religiozos.

Convento de Monopoli 1530.

NEſta Cidade Epiſcopal, cujo Biſpo eſtá immediatamente ſujeito á Séde Apoſtolica ſem ſer ſuffraganeo a outro Biſpado, ſe fundou o noſſo Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula* em hum ſitio muito ameno, diſtante meio quarto de legua de humas ſerras, e do mar: foi ſua fundadora a nobiliſſima Senhora Laura Palmeri, natural deſta Cidade no anno de 1530. a inſtancias do P. Fr. Juliaõ Genovez companheiro dos companheiros do noſſo Santo, Varaõ, que viveu, e morreu em opiniaõ de grande virtude: eſtá ſepultado junto com outros Veneraveis, que deixaraõ fama de ſantidade. Fez a fundadora doaçaõ

a

ao Convento de muitas herdades, com as quaes ſuſtenta trinta Religiozos. Conſervaõ-ſe neſte Convento os corpos do P. Fr Franciſco Segundo natural deſta Cidade, de vida inculpavel; do P. Fr. Gaſpar Paſſarelo, e de ſeu Irmaõ o P. Fr. Miguel, ſujeitos de grande litteratura, que illuſtraraõ muito a noſſa Ordem.

Convento de Grotalla 1538.

GRotalla, ou Grotallia Dieceſe de Taranto, e ſujeita á nobiliſſima Caza dos Carrafas, tem outro Convento fundado no anno de 1538. com o titulo de *Santa Maria da Graça* junto á Villa: ſuſtenta trinta Religiozos, e eſtá ſepultado neſte Convento o Veneravel Mattheus de la Grotalla.

Convento de Otranto 1540.

FO'ra dos muros da Cidade de Otranto, em hum monte regado com o ſangue de mais de ſetecentos Martyres, que em odio da Fé mataraõ os Turcos no anno de 1480. no cerco, que fizeraõ, como já diſſemos na hiſtoria; ſe fundou hum Convento de noſſa Ordem em 13 de Abril de 1540 ſeſſenta annos depois de havelo profetizado o noſſo Santo Padre. Suſtenta 20 Religiozos muito commodamente.

Convento de Brindiſi 1578.

DEbaixo do titulo de *Noſſa Senhora da Annunciada* ſe fundou outro Convento neſta Cidade, porto do mar Adriatico, que ſuſtenta vinte Religiozos.

Convento de Oria 1601.

EM Oria, Cidade Epiſcopal, os Marquezes deſte titulo fundaraõ hum Convento fóra dos muros da Ci-

Cidade com a invocaçaõ de *S. Manſinofrio*, Patrono daquelle povo: ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Martina 1608.

OS Duques de Caracciola tem hum lugar chamado Martina, Biſpado de Taranto, e fóra dos ſeus muros ſe fundou hum Convento por Joaõ Baptiſta Leon, que deſde o anno de 1568. fez doaçaõ dos ſeus bens para eſte effeito, e naõ ſe póde dar á execuçaõ ſenaõ no anno de 1608.: tem doze Religiozos de Communidade: ſeu titulo *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Galiano 1612.

COm o titulo de *Santo Elias* fundou outro Joaõ Caſtrioto, ſenhor deſte lugar de Galiano, que diſta huma legua da antiga, e ſumptuoza Igreja de *Noſſa Senhora de Finibus Terræ*, onde ſe ganha no dia primeiro de Agoſto huma indulgencia Plenaria, por todos os Fiéis, que vizitarem eſte Santuario; e por eſte motivo tem á noſſa Igreja muita devoçaõ todos os que vaõ a eſta romaria. Rezidem neſte Convento dezoito Religiozos.

Convento de Gallipoli 1612.

FUndaraõ os noſſos Religiozos hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Saude* neſta Cidade Epiſcopal de Gallipoli no mez de Março de 1612 onde rezidem dezaſſeis Religiozos de Communidade.

Convento de Nardo 1612.

NO meſmo anno o Duque deſte titulo nos fundou hum Convento junto aos muros da Cidade, com o titulo de *Noſſa Senhora de Conſtantinopla*, em que rezidem dezaſſeis Religiozos.

Con

Convento de Capurſi 1612.

DUas leguas diſtante de Bari ſe fundou outro com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, em hum lugar chamado Capurſi, a expenſas do noſſo continuo bemfeitor Franciſco Mando. Rezidem doze Religiozos.

Convento da Caſtelana 1612.

NO lugar de Caſtelana ſe fundou tambem Convento da noſſa Ordem com o titulo de *Santa Luzia*, que ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Bitonto 1615.

OSenado da Camara da Cidade de Bitonto fundou hum Convento fóra da porta de Bari com o titulo de *S. Miguel Archanjo.* Tem dezaſſeis Religiozos de Communidade.

Convento de Bari 1616.

NEſta Cidade, aonde rezide o Arcebiſpo deſte titulo, famoza pelo porto de mar, que a faz florecente no commercio, e nobre por eſtar illuſtrada com o corpo de S. Nicolao, ſeu gloriozo Biſpo, no anno de 1616. ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, que ſuſtenta dezoito Religiozos.

No anno de 1623. foraõ aceitos os Conventos ſeguintes.

Convento de Converſano com o titulo de S. Roque.

Convento de Migiagnia com a invocaçaõ de Santa Maria Magdalena.

Convento de Oſtuna com o titulo de S Miguel.

E hum Convento de Freiras da Ordem com o titulo dos Anjos.

Dos quaes naõ podemos dar mais noticias que eſtas, que pelos Capitulos Geraes mendigamos.

Provincia das duas Caſtellas.

Convento de Toledo 1525.

O Primeiro Convento deſta Provincia he o de Toledo com o titulo de *S. Bartholomeu de la Vega* por ſer fundado em huma Ermida dedicada ao Santo Apoſtolo, e ſituada no meio do campo, a que os Caſtelhanos daõ o nome de Vega: neſte campo ſe fundou o Convento, em que nos primeiros annos paſſaraõ os noſſos Religiozos algumas neceſſidades pela ſumma pobreza, em que eſtava; porém depois ſe fez hum Convento magnifico, que ſuſtenta com muita abundancia ſincoenta Religiozos. Tem Cadeira de Filozofia; floreceraõ neſte Convento os Religiozos ſeguintes.

O P. Fr. Martinho de Toledo, natural da meſma Cidade, tomou o habito em Triana: foi Varaõ muito inſigne em virtudes, e taõ abſtinente, que pelo eſpaço de 50 annos naõ comeu mais que legumes: morreu neſte Convento, mas naõ ſabemos a era.

O P. Fr. Joaõ Romero, homem de grandes letras, e virtudes, prégou com muito fructo das almas: foi Provincial deſta Provincia, e morreu neſte Convento no anno de 1599. O Doutor Villegas faz memoria deſte Veneravel em hum tomo, que eſcreveu de varios exemplos. *Ita Montoya* pag. 323.

O P. Fr. Filippe Canſeco, Religiozo Leigo, natu-

natural de Olias, duas leguas de Toledo, Varaõ muito illuſtre pelas ſuas virtudes: fez taõ aſperas penitencias, que chegou a perder o juizo, por cujo motivo o mandaraõ para o hoſpital, onde poucos dias antes de ſua morte recuperando hum perfeito uzo das potencias da alma, requereu, que lhe chamaſſem hum Religiozo da Ordem para confeſſar-ſe, o que fez com grande devoçaõ, e recebendo os outros Sacramentos, e prégando dezenganos, morreu nos ultimos de Maio de 1601. No meſmo hoſpital ſe conſervou o corpo expoſto até á noite, em que foi conduzido ao Convento; e ſuccedeu hum raro prodigio; porque toda a cera, que ardeu deſde a madrugada, em que expirou, até á noite, naõ teve diminuiçaõ alguma, e aſſim que os Religiozos levaraõ o corpo, as meſmas velas ſe apagaraõ por ſi.

O P. Fr. Joaõ Abundancia, hum dos doze Religiozos graves, e ſantos, que mandou o noſſo Santo Padre de França a Heſpanha para fundar; era natural de França, Varaõ de inſignes virtudes: depois de haver ſido Provincial duas vezes, foi Vigario das Religiozas da Ordem da Cidade de Andujar, que elle meſmo fundou. Suſtentava-ſe eſte Convento com eſmolas, de que a maior parte adquiria eſte Veneravel Padre, obrando muitos milagres, entre os quaes referiremos alguns. Foi pedir huma pouca de farinha para fazer hoſtias a caza de huma mulher bemfeitora; e como eſta lhe diſſe, que naõ tinha, lhe replicou o Padre Abundancia: *Vá por caridade ver, ſe ainda ficou alguma*: a mulher para ſatisfazelo foi ver, e achou a arca cheia de farinha, á viſta de cujo prodigio exclamou dizendo: *Milagre, milagre!* Em outra occaziaõ foi pedir azeite para as Religiozas pelas cazas, que recolhiaõ eſte genero: chegando á caza do Vigario dos Clerigos, onde naõ eſtava ſe naõ huma irmã ſua, e ſignificando-lhe o eſtado, em que eſtavaõ as Religiozas, lhe reſpondeu a mulher: *Que ſentia naõ poder remediar a falta; porque naõ havia em caza. Por caridade* (replicou o Veneravel Padre) *mande a criada*,

da ; que eu ſei, que a talha tem muito azeite para os Religiozos Minimos. Lembrada huma mulher das que eſtavaõ prezentes, do cazo ſuccedido com a farinha, logo foi ver a talha, que achou cheia de azeite com grande admiraçaõ de todos.

Paſſando eſte Veneravel Padre por huma terra, que ſe andava lavrando, vio que o homem, que eſtava com eſta manobra, eſtava muito colerico blasfemando contra as beſtas, que naõ queriaõ dar paſſo para diante com o arado : chegou-ſe o P. Abundancia, e lhe diſſe : *Irmaõ : naõ vê a cauza, por que eſſes pobres animaes naõ andaõ para diante ? olhe o que tem ſobre ſeus peſcoços.* Voltou o homem a cara, e vio que eſtava ſobre o peſcoço dos animaes hum demonio, que aſſim que o Veneravel Padre o ameaçou com o cordaõ, deſappareceu : e o moço, tomando medo do que vio, ficou quazi morto ; mas o Padre lhe diſſe : *Em caridade levanta-te, e cuida muito da tua alma ; que eſte inimigo naõ anda em vaõ taõ perto de ti.* Morreu eſte Veneravel Padre em Torrijos pelos annos de 1510., e ſe trasladaraõ ſeus oſſos a eſte Convento em 1525.

Beatriz Ribeira, Irmã Terceira de noſſa Ordem, depois de viuva tomou o ſanto Habito no anno de 1614. obſervou a vida quareſmal, e praticou raras virtudes : morreu em 27 de Agoſto de 1619.

Convento de Valhadolid 1544.

A Nobre Villa de Valhadolid tem hum Convento, hoje Collegio de Eſtudos, com o titulo de *S. Roque*, por haver-ſe fundado em huma Ermida dedicada a eſte Santo já de tempos antigos, ſituada no campo de S. Sebaſtiaõ : o numero dos Religiozos he de 50.

O P, Fr. Coſme Munhoz, natural do Reino de Valença, Varaõ muito inſigne em litteratura, eſpecialmente em Mathematiça, que leu em Roma em habitos

bitos ſeculares ; porque fugio da Religiaõ , cuidando que no ſeculo teria maiores eſtimaçoens ; porém paſſados alguns annos , voltou a ella , aprezentando-ſe em Roma aos pés do Padre Geral , que benignamente o admittio , e eſcolheu para ſua morada a Provincia de Caſtilha , aonde dedicado puramente a emendar ſeus erros , fez aſperiſſimas penitencias , com que chegou a debilitar-ſe muito : teve grandes eſtimaçoens pelas ſuas raras virtudes de toda a Corte de ElRey D. Filippe II. , e nas continuas meditaçoens , em que ſe occupava teve varios extaſis. Em fim cheio de annos , e preciozas virtudes acabou a carreira da vida neſte Convento de Valhadolid em 15 de Agoſto de 1573. , e no anno de 1613. foraõ achados ſeus oſſos com hum cheiro celeſtial , que conſolava a todos , e huma côr muito differente dos outros oſſos , que inculcava ſua ſantidade. Teve eſte P. muitos diſcipulos , e entre elles foi Fr. Lopo , Religiozo Leigo , que foi ſoldado no ſerviço de Carlos V. pelos annos de 1541. Naõ ſe ſabe donde era natural , nem como ſe chamava no ſeculo ; porque nunca o quiz dizer ; mas deu a entender ſer homem bem naſcido ; porque obrigado em huma occaziaõ , em que o diſſeſſe , o revelou ao Prelado , e eſte guardou o ſigillo : o certo he , que em toda a ſua vida deu moſtras de grandes virtudes em continuas mortificaçoens , e inexplicavel zelo da Religiaõ : morreu tendo mais de noventa annos de idade neſte Convento.

Tambem o P. Fr. Antonio Arevalo , Varaõ de grande ſantidade , foi diſcipulo do mencionado P. Fr. Coſme : foi Varaõ irreprehenſivel , e morreu de mais de noventa annos de idade.

O P. Fr. Hieronymo de S. Domingos foi tambem diſcipulo do P. Munhoz , que reſplandeceu na virtude da oraçaõ continua , e hum notavel retiro : morreu pelos annos de 1589. neſte Convento.

Naõ foi menos o P. Fr. Domingos de Caſtel-Branco , Varaõ muito ſincero , de conſciencia candida ,

muito doente; mas ſempre occupado em continuo exercicio, fugindo da ociozidade; o que lhe atrazava baſtantemente a ſaude, e por eſte motivo dizia com S. Paulo: *Quando eſtou doente, tenho mais forças.* Viveu mais de 80 annos, e morreu em 17 de Dezembro de 1598.

O P. Fr. Franciſco Portilho, Varaõ de ſingular obſervancia, e de ſoffrimento inalteravel nos trabalhos: paſſava muitos dias ſó com paõ, e agua; foi ſummamente pobre: déz annos antes de ſua morte lhe mandou Deos graves enfermidades, principalmente humas chagas antigas nas pernas, occazionadas das humidades de dormir no chaõ, e vadiar rios; porque ſempre viajava a pé. Curava eſtas chagas o Veneravel Padre com ſal, e vinagre, e como lhe cauzaſſem grandes dôres, dizia: *Vós doeis-vos; ora levai eſta dôr pelo amor de Deos.* Morreu no anno de 1606. na ultima velhice.

Convento de Salamanca 1554.

FO'ra dos muros deſta Cidade perto da porta de Samora ſe fundou hum Convento, que hoje he hum Collegio reſpeitado da Univerſidade, com o titulo de *S. Franciſco de Paula*: tem trinta Religiozos.

Convento de Madrid 1561.

NA Villa de Madrid, Corte das Soberanas Mageſtades Catholicas, fundou hum Convento o Illuſtriſſimo Marquez de Eſpinola, havendo precedido licença Regia, ou Real decreto, mandando á Camara daquella Villa déſſe ſitio para os Religiozos Minimos fundarem por ſer ſua Religiaõ de ſeu Real agrado: (paſſou-ſe eſte Alvará em Toledo; porque ainda El-Rey naõ havia eſtabelecido ſua Corte em Madrid.) He Convento muito grande, ainda que naõ o moſtra por fóra; mas ſempre ſe vai augmentando pelo lado da

da cerca, que naõ obſtante eſtar rodeado de cazas de particulares, tem baſtante extenſaõ, de ſorte que ſua Communidade excede ao numero de cem Religiozos. Tem huma Sacriſtia primoroza, e cheia de riqueza de excellentes ornamentos, peças de ouro, e prata dedicadas ao culto Divino. A Igreja he baſtantemente grande, e mageſtoza. Miſtica á meſma Igreja eſtá a Capella de Noſſa Senhora da Soledade, que além da porta interior, que he collateral, e vai para o Clauſtro do Convento, tem outra na frontaria, que eſtá dentro do Adro do meſmo Convento, junto á porta da Igreja principal: a Imagem de Noſſa Senhora he muito devota, e milagroza, eſtá collocada dentro de hum nicho, ou tribuna de hum magnifico retabolo, de que a maior parte he de prata: tem trinta alampadas do meſmo metal, que eſtaõ continuamente ardendo. Eſta Capella foi fundada pela Rainha Catholica D. Izabel da Paz, que lhe concedeu muitas rendas. Venera-ſe na Igreja principal deſte Convento a cabeça de S. Firmino, e hum oſſo do Corpo do noſſo Santo: conſervaõ-ſe os corpos de dous Veneraveis: Fr. Joaõ Calderon, Religiozo Donato, natural de Navarra, filho deſta Provincia, Varaõ de vida inculpavel, e de huma conſciencia muito candida, paciente, e caritativo, que antes de principiar a fallar com qualquer peſſoa, ſempre dizia as palavras ſeguintes: *Em charidade, ou por charidade*: morreu com grande opiniaõ. Naõ foi menos Fr. Marcos Breton, natural da Mancha, que além de outras virtudes teve o dom de profecia.

O P. Martinho Sanz foi diſcipulo do P. Munhóz, natural de Val de Roncal no Reino de Navarra; criou-ſe deſde menino na Religiaõ: muitos annos antes de tomar o Habito foi obſervantiſſimo da Santa Regra, dando moſtras de notorias virtudes: morreu com ſumma alegria de ſeu eſpirito, e com muitas lagrimas de todos no Convento de Madrid no anno de 1606.

O P. Fr. Gil Gomes, Varaõ de louvaveis coſtu-

mes, e dos de maior veneraçaõ deſta Provincia: morreu cheio de annos, e de virtudes neſte Convento.

O P. Valbuena o Velho, natural deſta Provincia, Confeſſor da Rainha D. Izabel da Paz. Havendo eſta Senhora feito voto de mandar huma peſſoa a Jeruſalem para entregar humas eſmolas, ſe offereceu o P. Valbuena para eſta jornada, que fez com grande devoçaõ, deixando a Rainha ſatisfeita.

O P. Fr. Joaõ de Ponceleon, natural de Madrid, Varaõ de familia illuſtre, e de grande litteratura, e de vida muito recolhida, empregando-ſe na pratica das virtudes: morreu no anno de 1605.

O P. Alonſo da Vega floreceu em letras, e virtudes; eſcreveu muitas obras, das quaes algumas ſe imprimiraõ. Profeſſou em 26 de Dezembro de 1566. e naõ ſe ſabe quando morreu.

Fr. Joaõ Calderon, Religiozo Donato, natural de Navarra, deſde que tomou o Habito, deu provas do ſeu animo ſincero, adornado de virtudes: continuou huma vida irreprehenſivel: repartia os mais dos dias a porçaõ de comida, que lhe dava a Communidade, aos pobres: morreu ſantamente no Sabbado Santo.

Tambem Fr. Marcos Breton, Religiozo Leigo de profiſſaõ, Varaõ muito obediente, teve eſpirito profetico, e foi aſperiſſimo nas ſuas penitencias. Morreu no anno de 1599.

Convento de Camarena 1562.

NA Dieceſi de Toledo, diſtante quatro leguas deſta Cidade, eſtá a Villa de Camarena, aonde ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem com o titulo de *Noſſa Senhora da Conceiçaõ*, dando o chaõ Franciſco Gomes, natural da meſma Villa, junto com todas ſuas fazendas, que conſtava de vinhas, olivaes, e terras de paõ, com as quaes ſuſtenta quarenta Religiozos.

O P. Fr. Joaõ de S. Miguel, natural de Rioja, foi

foi grande Theologo, e inſigne Prégador, de louvaveis coſtumes, e muito zelozo da Religiaõ. Morreu cheio de annos, e de virtudes neſte Convento pelos annos de 1593.

Convento de Alcalá de Henares 1578.

NEſta celebre Univerſidade de Alcalá de Henares tem a noſſa Religiaõ hum Collegio, que fundou D. Bartholomeu de Santoyo, Guarda joias de Filippe II. Rey de Heſpanha, no anno da 1578. Nelle floreceraõ muitos Varoens, que déraõ illuſtre credito á Religiaõ Minima com ſeus Eſcritos. Tem mais de trinta ſujeitos entre Eſtudantes, e Lentes de Theologia. O titulo deſte Collegio he a *Senhora Santa Anna.*

O P. Fr. Pedro Arias, da illuſtriſſima familia dos Condes de Punho em Roſtro, Varaõ de louvaveis coſtumes, tomou o Habito na Italia, indo viajar para ver terras como Fidalgo moço: voltou a Heſpanha, eſteve alguns annos no Convento de Cabra, e por cauza dos ſeus achaques foi ao Collegio de Alcalá, aonde com a pratica dos ſeus ſantos exercicios, que nunca interrompeu, morreu no anno de 1609. com grandes provas de ſantidade. Foi muito zelozo do bem commum, eſpecialmente, que naõ faltaſſe couza alguma na enfermaria para aſſiſtencia dos enfermos. Todo o eſpolio de ſua cella conſtou de cilicios, diſciplinas, e mais inſtrumentos de penitencia.

Convento de Burgos 1582.

EM Burgos, Cadeira do Arcebiſpado deſte titulo, ſe fundou hum Convento, que ſuſtenta mais de trinta Religiozos com os bens, que deixou D. Franciſca Peres, viuva de Fernando Caſtromalvenda.

Con-

Convento de Villalon 1585.

EM Villalon de Campos, lugar do Biſpado de Leaõ, ſe fundou hum Convento com o titulo de *Santo André*. Conſta ſua Communidade de dezaſſeis Religiozos.

Convento de Segovia 1591.

EM vinte e dous do mez de Abril do anno de 1591. ſe fundou na Cidade de Segovia hum Convento junto á Paroquia de Santo Eſtevaõ.

O P. Fr. Hieronymo de Caſtro, Prégador Apoſtolico, converteu muitas almas com ſeus ſermoens. Além das muitas virtudes, que adornavaõ ſeu eſpirito, ſempre eſtava eſtudando, e muitas vezes dizia, que tinha dó de quem naõ eſtudava; porque naõ ſó perdia o tempo ociozamente, mas tambem deixava de ſaber o que por obrigaçaõ devia. Morreu fundando eſte Convento cheio de annos, e de trabalhos em 1591.

Convento de Mancera 1602.

NA Villa de Mancera, Biſpado de Avila, em 5 de Abril de 1602. ſe fundou outro Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ*. Era eſte dos Religiozos Carmelitas Deſcalços, que o deixaraõ.

Convento de Saldanha 1606.

O Convento da Villa de Saldanha ſe fundou em 13 de Setembro de 1606. Tem huma Cadeira de Grammatica, e ſuſtenta doze Religiozos.

Provincia de Calabria ulterior, ou ſuperior.

COmo a Calabria eſtá dividida em dous membros, a ſaber, inferior, e ſuperior, ou citerior, e ulterior, tambem ſe dividiraõ os Conventos, que ſe fundaraõ no tempo do Santo, junto com os que ſe edificaraõ depois, para mais commodidade dos Provinciaes, que deviaõ regelos. Iremos aqui fazendo lembrança delles ſegundo ſua antiguidade de fundaçaõ.

Convento de Cotrone 1460.

COmo foi o principio da fundaçaõ deſte Convento, já o referimos na Hiſtoria; pois o Santo mandou a ella o P. Fr. Paulo de Paterno, que fundou eſte Convento com ſatisfaçaõ aſſim do Santo, como do povo. Suſtenta vinte Religiozos.

Convento de Maida 1469.

TAmbem fizemos memoria da fundaçaõ deſte Convento edificado pelo Veneravel P. Fr. Franciſco de Maiorana, que o governou, e nelle eſtá depozitado ſeu corpo. Tem vinte Religiozos de Communidade.

Convento de Samblaſio 1508.

HE Samblaſio, ou S. Braz huma povoaçaõ muito fertil de todos os generos de fructos para a vida humana, principalmente de aguas, que ſaõ ſaudaveis. Naõ ſendo ſeus moradores menos pios, e devotos, ſe fundou neſte lugar hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora dos Enfermos* a expenſas do povo; e depois ſe nomeou fundador delle o Illuſtriſſimo Senhor

nhor Joaõ de Senatoris, Arce-Deaõ de Nicaſtro, que lhe deu renda para ſuſtentar vinte Religiozos.

Convento de Tropea 1534.

O Veneravel Fr. Joaõ Tropienſe fundou eſte Convento com o titulo de *Noſſa Senhora do Soccorro*, que tem trinta e ſeis Religiozos de Communidade. Em todo o diſcurſo de ſua vida andou eſte veneravel Fundador ſempre deſcalço: nas mais virtudes foi verdadeiro imitador do Santo Patriarca: era muito devoto de Noſſa Senhora, por cujo motivo fez que a Igreja foſſe dedicada a eſta ſoberana Rainha debaixo do titulo do *Soccorro*, porque dizia: *Que com o ſoccorro de Maria Santiſſima tudo ſe alcança de Deos.* Morreu com fama publica de ſantidade na ultima velhice: ſempre foi morador neſte Convento, e eſtá ſepultado junto ao Altar Mór da Igreja. Quando ſe deu á ſepultura, depois de paſſar oito dias da ſua glorioza morte, ſuccedeu hum cazo raro, que deixou a todos admirados. Ao tempo de o depozitar na ſepultura por deſcuido, e por ſer grande o concurſo do povo, que pertendia cortar alguns pedaços do Habito para reliquias, topou a cabeça do Veneravel em huma pedra, que lhe fez huma ferida, e logo deſta ſahio tanto ſangue, que parecia impoſſivel a todos os circumſtantes, que naõ eſtiveſſe vivo; porque além de ſer o ſangue copiozo, ſahia com huma força nunca viſta. (*a*)

Convento de Rocca Bernarda 1539.

COm o titulo de *S. Franciſco de Paula* os moradores de Rocca Bernarda fundaraõ hum Convento pela direcçaõ do P. Lourenço de Rocca Bernarda, appellido, que lhe deraõ por ſer filho deſta meſma terra. Tambem era natural della o P. Fr. Joaõ Canduario, companheiro do noſſo Santo Padre.

Con-

(*a*) Montoya l. 3. da Chronica Geral pag. 105.

Convento de Britiaco 1550.

EM hum lugar chamado Britiaco do Ducado de Monteleaõ ſe fundou hum Convento dedicado a *Maria Santiſſima* pela diligencia, e zelo de Fr. Joaõ Tropéa, chamado o deſcalço; porque em toda a ſua vida naõ uzou de calçado algum, como já diſſemos no Convento de Tropéa. Tem eſte Convento dezoito Religiozos de Communidade.

Convento de Burrelo 1555.

NO Biſpado de Melito, em hum lugar chamado Burrelo da juriſdicçaõ do Duque de Monteleaõ, ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula* a expenſas do povo, e pela direcçaõ, e zelo do Veneravel P. Matheus Chirico, Varaõ de grande litteratura, e virtudes.

Convento de Regio 1552.

NA antiga Cidade de Regio ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula* no anno de 1552. Sendo eſte Convento demolido pelos Mouros no anno de 1566. foi reedificado pelo noſſo Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Gaſpar de Foſſo, Arcebiſpo deſta Cidade, Prelado digno de todo o elogio. Tomou o noſſo ſanto Habito no Convento de Paula, ſendo Geral da Ordem o P. Binet, que repugnando dar-lhe o Habito por eſtar ainda em tenra idade, reſpondeu o pertendente Gaſpar: *Quem vem com vontade de ſervir a Deos, por muito cedo que venha, ſempre ſe lhe faz tarde, e ſeria materia de aggravo tirar-me o bem, que eu poderei grangear na Religiaõ.* Admirado o P. Geral lhe deu logo o ſanto Habito aos treze annos de ſua idade, no anno de 1509. Como deſcobrio grande engenho, os

Pre-

Prelados o mandaraõ a Roma para eſtudar Filozofia, e Theologia, em cujas faculdades ſahio conſummado. Dedicou-ſe ao pulpito, aonde foi conhecido pelo grande eſpirito, com que prégava. Servio todos os cargos da Religiaõ, até que chegou a ſer Geral de toda a Ordem aos quarenta annos de ſua idade. Como pela pobreza, em que eſtavaõ neſſe tempo os noſſos Conventos, paſſou o tempo de Eſtudante com muito trabalho, porque naõ podia eximir-ſe de ſervir os officios da Communidade: logo que teve o Generalato a primeira vez, deu methodo para os eſtudos, e izençoens aos Eſtudantes, com eſpecialidade nos Collegios da Ordem. Foi eleito ſegunda vez no meſmo cargo, paſſados tres annos depois da primeiro, tendo quarenta e ſeis annos de idade. O Papa Paulo III. o fez ſeu Theologo, e depois Biſpo de Eſcala, no Reino de Napoles, aonde rezidio dous annos ſómente; porque por Julio III. que ſuccedeu no Pontificado, foi provido ao Biſpado de Calvi no meſmo Reino, cuja Igreja governou dez annos com zelo ſanto, e vigilancia Apoſtolica, exercendo todos os actos da caridade, que havia aprendido no clauſtro. Ultimamente foi nomeado por Filippe II. Rey de Heſpanha, Arcebiſpo de Regio, de cuja dignidade lhe concedeu as Bullas Paulo IV. Tomou poſſe deſta Igreja aos ſeſſenta e quatro annos de ſua idade. Quando o Papa Paulo IV. mandou continuar o Concilio Tridentino, todo o Congreſſo eſperou, que chegaſſe o Illuſtriſſimo Fòſſo, que fez a abertura delle com huma elegantiſſima Oraçaõ, que deixou a todos admirados da ſua grande erudiçaõ, e elegancia. Neſte meſmo Congreſſo foi eleito Prezidente de huma Junta, ou Congregaçaõ, em que ſe haviaõ de tratar as materias pertencentes aos Regulares; cujos privilegios defendeu, e augmentou, quanto lhe foi poſſivel, fundado em que as Religioens foraõ as que tem ſempre ſoffrido o *Pondus diei, & æſtus* da parabola do Evangelho. Dous annos aſſiſtio a eſte Concilio, exercitando ſempre ſua incan-

incançavel charidade com os pobres, que continuamente eſtavaõ no ſeu domicilio. Deſde o anno de 1564. em que tomou poſſe deſte Arcebiſpado, até que voltou do Concilio, e deſde eſte tempo até ao anno de 1572. em que foi a Roma nos principios do Pontificado de Gregorio XIII. ſe occupou em obras muito dignas de hum Paſtor ſanto, dando immenſas eſmolas ſem deixar muitas vezes o neceſſario provimento para a ſua limitada familia, de tal ſorte que quando o Mordomo lhe dizia, que naõ havia dinheiro, lhe reſpondia o Arcebiſpo: *Que bom fiador tinha em Deos: que o procuraſſe empreſtado até cobrar a renda; pois menos inconveniente era, que faltaſſe o precizo para a ſua caza, do que faltar aos pobres.*

Como Gregorio XIII. era intimo amigo do noſſo Arcebiſpo, naõ ſe contentou eſte Prelado com eſcrever-lhe, foi peſſoalmente a Roma para lhe beijar o pé. Eſtimou muito o Papa eſta vizita; porque conhecia ſeus talentos deſde a occaziaõ do Concilio, e fazia juſtiça aos ſujeitos de merecimento, como era o noſſo Arcebiſpo. Quando lhe tomou a vizita, lhe deu aſſento, como ſe coſtuma dar aos Cardiaes, e mandou-o cobrir, dizendo-lhe: *Cubra-ſe, e ſente-ſe, Monſenhor; que tudo merece ſua peſſoa, a quem eu muito dezejo honrar.* O Domingo ſeguinte a eſta audiencia, que foi a primeira Dominga do Advento, foi aſſiſtir á Capella Pontificia, e havendo o Arcebiſpo tomado o lugar, que lhe correſpondia, mandou o Papa chama-lo pelo Meſtre de Ceremonias para ſer Aſſiſtente do ſeu throno. Teve muitas audiencias do meſmo Pontifice, em que gaſtaraõ ambos muitas horas de conferencia; porque Sua Santidade fazia eſpecial apreço da ſua litteratura. Por cujo motivo naõ queria deixa-lo voltar para a ſua Diecezi com animo de promove-lo a Cardial do Sacro Collegio, como o deu a entender a elle meſmo, quando ſe deſpedio, depois de haver-lhe negado a licença muitas vezes: *Eu queria, Monſenhor, honrar a voſſa velhice; mas pois tanto*

tanto porfiaes em voltar para o Biſpado, ſeja com a bençaõ de Deos ; e a noſſa , que aſſim ſerá conveniente. Voltou para Regio, aonde viveu até á idade de noventa e ſeis annos , excercitando-ſe ſempre no ſeu Apoſtolico miniſterio. Acabou ſeus dias cheios de gloria pelos ſerviços , que fez a Deos , á Igreja , e á noſſa Religiaõ Minima , deixando a eſta a memoria de reedificar eſte Convento de Regio com perfeiçaõ , e ſoccorre-lo com ſuas eſmolas. Suſtenta eſte Convento vinte Religiozos , e tem Cadeiras de Filozoſia , e Theologia.

Convento de Cattanzaro 1577.

NO anno de 1577. ſe fundou hum Convento neſta Cidade de Cattanzaro com as eſmolas do povo, e com o titulo de *S. Franciſco de Paula.* Sua Communidade he de ordinario de vinte Religiozos.

Convento de Pizzo 1579.

SUccedendo neſte lugar perto do mar huma epidemia , que declinou em peſte , ſe juntaraõ os moradores , e fizeraõ voto de edificar hum Convento da noſſa Ordem : o que executaraõ logo ; porque naõ paſſaraõ muitos dias depois do voto , que experimentaſſem a total melhora. Fundou-ſe eſte Convento com o titulo de *S. Roque.*

Convento de Nicotera 1593.

EM 18 de Novembro do anno de 1593. fóra da Cidade de Nicotera ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula* , que ſuſtenta de vinte até trinta Religiozos.

Convento de Anoya 1593.

FUndou-ſe outro Convento com o titulo de *Noſſa Senhora das Graças*, que ordinariamente ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Geraci, ou Hyeraci 1595.

NEſta Cidade Epiſcopal ſe fundou outro Convento a expenſas do Senado, que o dotou com renda baſtante para ſuſtentar mais de quarenta Religiozos. Seu titulo he a *Santiſſima Trindade do Monte*, por eſtar o Convento ſobre hum grande outeiro.

Convento de Roccella 1580.

NAquelle antigo lugar, que ſe chamava Amphrizia, hoje Roccella pelo inexpugnavel do ſitio, ſe fundou hum Convento com o titulo de S. *Victor* a expenſas da Illuſtriſſima Senhora D. Luiza Eſpinella, Senhora de Caſtro Velho: e naõ obſtante have-lo dotado o Senhor Fabricio Carrafa, deu maior fundo para ſuſtento de 14 Religiozos.

Convento de Synopoli 1595.

OS Excellentiſſimos Principes de Scilla D. Vincencio Rufo, e D. Maria Rufo, naõ tendo ſucceſſaõ depois de muitos annos de matrimonio, fizeraõ voto de edificar hum Convento ao Santo. Alcançaraõ eus dezejos, e fundaraõ eſte Convento dedicado ao anto, que ſuſtenta dezaſſeis Religiozos.

Convento de Monteleaõ 1604.

NEſta antiga Cidade, que algum dia tinha Cadeira Epiſcopal em tempo de S. Nicoláo Papa,

ſe fundou hum Convento de noſſa Ordem á cuſta do Excellentiſſimo Duque de Monteleaõ muito devoto do noſſo Santo, a quem dedicou a Igreja, e Convento, que diſta pouco dos muros da Cidade, e ſuſtenta dezoito Religiozos.

Convento de Oppido 1610.

ENtre dous caudalozos rios, que regaõ os campos de Oppido, eſtá fundado hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, que edificou com eſmolas o Veneravel P. Fr. André de Tropéa no ſegundo triennio do ſeu Provincialado: ſuſtenta trinta Religiozos.

Convento de Siminara 1623.

DEſte Convento naõ temos mais noticia, que haverſe aceitado pelo Capitulo Geral ſetimo de Roma no anno de 1623., e ſeu titulo he a *Senhora da Annunciada.*

Convento de Cotona 1629.

NEſte lugar de Cotona, aonde embarcou o Santo ſobre ſeu manto para paſſar o Faro de Meſſina, por haver-lhe negado a paſſagem o Arraes do barco, como já diſſemos na Hiſtoria, como ſaõ ſenhores delle os Excellentiſſimos Principes de Scilla, fundaraõ hum Convento para memoria, e no anno de 1629. foi aceito pelo Capitulo Geral. Deu rendas para ſuſtentar doze Religiozos.

Provincia de Leaõ.

ESta Provincia intitulada de Leaõ tem alguns Conventos, que ſe fundaraõ ainda em vida do noſſo Santo Patriarca, e fazia hum corpo com a Provinci

d

de Provença : depois creſcendo o numero dos Conventos, foi precizo dividi-la por cauza da diſtancia. Tem Conventos magnificos, como veremos na ſerie ſeguinte.

Convento de Grenoble 1499.

O Primeiro Convento, que compoem eſta Provincia, foi fundado pelo Illuſtriſſimo Senhor Lourenço Laleman, Biſpo deſta Cidade de Grenoble, como já referimos na Hiſtoria. Neſte Convento dedicado a *Jeſus Maria*, e *S. Braz* ſe conſerva hum manto do noſſo Santo, que eſcapou do fogo dos Hereges, quando inſultaraõ as ſagradas reliquias das Igrejas. O ſitio em que eſtá fundado eſte Convento, he huma planicie delicioza fóra da Cidade huma legua. Seu Illuſtriſſimo Fundador frequentava as vizitas a eſte Convento por gozar da goſtoza converſa dos Religiozos, que amava com ternura, e pio affecto. Tem renda para mais de trinta Religiozos.

Convento de Beauregard 1514.

O Illuſtriſſimo Senhor Guilherme Duprat, Biſpo de Clermont, fundou nos amenos campos deſta Cidade, pertencente á ſua Dieceſi, hum magnifico Convento com o titulo de *Santa Maria*, aonde depozitou muitas reliquias de varios Santos. Sua Communidade de ordinario ſe compoem de vinte quatro até trinta Religiozos; porque o Illuſtriſſimo Fundador deixou copiozas rendas para ſeu ſuſtento, havendo diſtribuido todos ſeus bens em obras pias, e em beneficio dos pobres. Mandou eſculpir ſobre a porta deſta Igreja hum coraçaõ com as ſeguintes inſcripçoens. A' parte direita dizia : *In ſimplicitate cordis mei lætus obtuli univerſa.* (1) E á eſquerda : *Elegi, & ſanctificavi locum iſtum, ut ſit cor meum ibi* (2). Seu coraçaõ

(1) 1. Paralipom. 29. (2) 2. Paralip. 7. §. 16.

raçaõ ſe depozitou no jazigo dos Religiozos, e por eſte motivo mandou antecedentemente fazer eſta obra.

Convento de Leaõ 1556.

ENtre os tumultos dos Hereges, quando eſtes procuravaõ ſemear ſeus erros, ſe fundou neſta Cidade o Convento da noſſa Religiaõ com o titulo de *Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ*, para que ſerviſſe de muro contra os meſmos Hereges: ſuſtenta ſincoenta Religiozos. Tem Cadeiras de Filozofia, e Theologia, em cujas Faculdades produz ſujeitos inſignes, que combatem continuamente os inimigos da Fé. Tem eſte Convento muitas reliquias dadas por Paulo V. No jazigo dos Religiozos ſe conſerva o corpo do Veneravel P. Fr. Rolando Guichard, que foi tres vezes Provincial deſta Provincia, Varaõ illuſtriſſimo em piedade, zelo, e milagres; e outros corpos de Veneraveis da Ordem.

Convento de Montmerle 1611.

O Excellentiſſimo Duque de Montpeſier Henrique de Bourbon fundou eſte Convento dedicado a *Maria Santiſſima*, havendo já fundado outro em Compiegne, como já referimos. Eſtá ſituado ſobre hum alto, de donde ſe goza agradavel viſta, e ſaudavel temperamento. Tem ſua Communidade ordinariamente vinte Religiozos.

Convento de Chaumont. 1611.

O Excellentiſſimo Senhor Vis-Conde de Chateauclon, Baraõ de Sarrás, havendo neſta terra hum Priorado com o titulo de *S. Pedro*, que era dos Religiozos Bentos, que o deixaraõ, incorporou o expreſſado Priorado na noſſa Religiaõ, e fundou hum Convento debaixo do meſmo titulo de *S. Pedro*, que ſuſtenta doze Religiozos.

Con-

Convento de Feurs 1611.

NO meſmo anno foi aceito pelo Capitulo Geral hum Convento fundado neſte lugar com o titulo de *Santa Maria*, ſituado em lugar muito ameno, e commodo para a noſſa vida quareſmal. Suſtenta vinte Religiozos.

Convento de Valença 1611.

JUnto ao rio Rhodano no Delfinado eſtá a Cidade de Valença, Sé do Biſpado deſte titulo. Os moradores della fundaraõ hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ*. Sua Communidade ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Roſſelbaõ, ou Ronſillon 1611.

OExcellentiſſimo Senhor Juſto Luiz de Tornon, Conde do titulo deſta Cidade, fundou eſte Convento com o titulo de *Santa Maria*, dando-lhe naõ pequena renda, com que ſuſtenta vinte Religiozos.

Convento de Breude, ou S. Ferreol 1611.

ESta terra he *nullius Diæceſis*. Os Illuſtriſſimos Condes, e Conegos della, como Senhores, nos deraõ huma ſumptuoza Igreja, e Convento, aonde o gloriozo Martyr S. Ferreol derramou ſeu ſangue em defeza da Fé. Além da fundaçaõ nos deraõ algumas rendas Eccleſiaſticas, com as quaes ſe ſuſtentaõ vinte Religiozos. Neſte Convento ſe venera hum braço do meſmo Santo com outras reliquias mais, pelas quaes Deos obra muitos milagres. Goza tambem de huma fonte, cujas aguas daõ ſaude aos enfermos; porque he tradiçaõ, lavaraõ a cabeça do Santo Martyr os Tyrannos,

que o degollaraõ. Todos eſtes Conventos foraõ aceitos pelo Capitulo Geral no anno de 1611.

Convento de Santo Eſtevaõ 1617.

NO Biſpado de Lion, em hum lugar chamado Sant' Eſtevaõ ou S. Eſtienne, fundou hum Convento a Nobiliſſima Madama Virginia Bona, filha do Senhor Pedro Bona, Prezidente do Parlamento do Delfinado, dando lhe o titulo de *Noſſa Senhora da Annunciada*; e fundo, com que ſuſtentar quatorze Religiozos.

Convento de Tullins 1617.

DEſte Convento naõ ſabemos mais que ſer aceito no Capitulo Geral.

Convento de Romans 1623.

DEbaixo do titulo de *Maria Santiſſima* ſe fundou neſta terra hum Convento muito ſufficiente, que ſuſtenta naõ pequena Communidade. Foi aceito no anno de 1623.

Convento de Molins 1623.

NO meſmo anno foi aceito pelo Capitulo Geral o Convento de Molins, com a meſma invocaçaõ de *Maria Santiſſima*, no Biſpado de Autun na Borgonha.

Convento de S. Chaumond

NA Dieceſi de Leon, no Ducado de Anjou ha huma terra chamada S. Chaumond. Neſta terra, como Senhora della, mandou fundar hum Convento Madama Gabriela de Gadagna, viuva do Senhor de Cheuries,

ries, e de S. Chaumond. He ſua invocaçaõ *Noſſa Senhora da Annunciada. e S. Joaõ Evangeliſta.*

Outro Convento temos dentro da Cidade de Grenoble, de que naõ temos mais noticia que ſeu nome por fazer mençaõ delle o noſſo Pizzurno no Cathalogo dos Conventos.

Provincia de Valença.

Convento de Valença 1533.

FO'ra da porta chamada de Quarte deſta Cidade eſtava huma Igreja antiga dedicada aos Gloriozos Martyres S. Fabiaõ, e S. Sebaſtiaõ. A Sereniſſima Dona Julia de Aragaõ filha do ultimo Rey de Napoles daquelle ſeculo, fundou neſte ſitio hum Convento da noſſa Ordem debaixo do titulo de *S. Sebaſtiaõ*, cuja Igreja foi conſagrada no anno de 1547. em 18 de Setembro. Eſtá eſte Convento edificado em fórma de Cruz; tem entre os muros hum dormitorio taõ comprido, que faz mais de oitocentos palmos, com cellas para a cerca, que he muito grande. Sua Communidade excede o numero de cento e dez Religiozos, que ſuſtenta com muita abundancia pela muita renda, que tem adquirido além da que deixou a Sereniſſima Fundadora. Tem Curſo de Filozofia, e tres Cadeiras de Theologia. Além das reliquias, que depozitou o Biſpo, quando ſagrou a Igreja, ſe conſervaõ outras muitas: entre ellas ſe venera hum Habito, e Capello do noſſo Santo Patriarca, e huma tigela de páo, em que bebia agua. A Regra impreſſa, e Correctorio manuſcripto, que confirmou Julio II. com o ſello da Camara Apoſtolica.

Eſtaõ ſepultados na Igreja deſte Convento muitos Varoens illuſtres em ſantidade. Naõ obſtante que dezejamos a brevidade deſta obra, naõ podemos deixar de fazer hum pequeno rezumo da vida de alguns

os mais memoraveis. Seja o primeiro o P. Fr. Joaõ Portuguez, conhecido por eſte appellido por ſer natural da Cidade do Porto: foi hum dos mais valerozos Capitaens, que militaraõ no Reinado do Senhor Rey D. Manoel. Depois de muitas campanhas ſe rezolveu a tomar o noſſo ſanto Habito no Convento de Andujar no anno de 1512. Na divizaõ dos Conventos ſeparando-ſe huns para Andaluzia, e outros para Caſtilha, foi nomeado Provincial deſta, ſendo o primeiro, que teve a Provincta de Caſtilha: moſtrou hum grande talento para governar. Naõ obſtante haver ſeguido as armas muitos annos, como havia eſtudado Filozofia, e Theologia na ſua mocidade, com pouca diligencia ſe fez ſenhor deſtas Faculdades precizas no Clauſtro, de ſorte que admirava a todos os Profeſſores. Sendo de irreprehenſiveis coſtumes reſplandecia na virtude da oraçaõ, na qual empregava a maior parte da noute no Choro, e o tempo deſoccupado do dia na ſua cella. Neſte exercicio teve grandes lutas com o demonio, que procurava eſtorva-lo com continuas vizoens; mas era taõ conſtante, que corroborava a ſeus diſcipulos, que aggregava para eſte ſanto exercicio, para que naõ tomaſſem medo daquella fantaſma, dizendo: *Naõ temais a eſte vil inimigo, que naõ ſabe, ſe naõ fazer eſtrondo para eſpantar os covardes.* Finalmente cheio de annos, e de ſantas, e notorias virtudes acabou ſeus dias no Convento de S. Sebaſtiaõ de Valença em 1570., aonde eſtá ſepultado entre outros corpos dos muitos Veneraveis, que teve aquelle Convento.

O ſegundo Veneravel he o P. Fr. Ambrozio de Jeſus natural da Villa de Bailem em Andaluzia, que ſendo moço de grande engenho, e melhores coſtumes, tambem tomou o Habito no Convento de Andujar, fazendo ſua profiſſaõ em quatro de Fevereiro do anno de 1516. Depois de acabar ſeus eſtudos com preferencia a todos, ſe dedicou ao pulpito, em cujo exercicio foi Varaõ Apoſtolico. Foi Meſtre de Noviços, que

que os educava com toda a perfeiçaõ. Occupando eſte cargo frequentava ſua cella hum mancebo chamado Luiz Beltran, e em breves dias procurou, que foſſe ſeu director, e Padre eſpiritual: depois de algum tempo manifeſtou Luiz a Fr. Ambrozio os dezejos, que tinha de ſer Religiozo da ſua Ordem. Applicou o P. Fr. Ambrozio as diligencias para provar ſeu eſpirito, e como paſſados huns dias lhe renovaſſe Luiz a ſupplica da ſua pertençaõ, lhe reſpondeu: *Luiz, naõ ſois bom para Religiozo, naõ eſpereis, que ſe vos concederá o Habito.* Recebeu o mancebo eſte golpe com rezignaçaõ, e profunda humildade, dizendo: *Meus dezejos ſaõ ſervir a Deos neſta Religiaõ; ſe naõ o mereço, faça-ſe ſua Divina vontade.* Ao ouvir eſtas palavras o P. Ambrozio, cheio de alegria lhe deu hum abraço, dizendo-lhe: *Filho, ſereis Religiozo, e ſanto; porém ſabei, que naõ vos chama Deos para eſta Religiaõ: ſereis luz na Ordem dos Prégadores, pedi o Habito, que alli ſervireis ao Senhor, cuja vontade he eſta.* Verificou-ſe eſta profecia tanto á riſca, que hoje veneramos aquelle mancebo nos altares já canonizado entre os Santos, e conhecido de toda a Igreja o Senhor S. Luiz Beltran.

Havendo dado o noſſo Veneravel Fr. Ambrozio taõ maduro fructo para a Religiaõ Dominicana, póde-ſe inferir, quantos produziria na Religiaõ Minima. Era muito penitente em continuos jejuns, e aſperiſſimas diſciplinas, incançavel no exercicio Apoſtolico para conquiſtar almas para o Ceo. Eſtando no pulpito diſſe ao auditorio: *Cedo me chegará a hora de completar meu degredo, minha morte ſerá em publico.* Naõ faltou hum apice a eſta profecia; porque eſtando prégando o dia de Reys ſobre o Myſterio da Epifania no Convento de Religiozas Franciſcanas, cuja Igreja era dedicada á Santiſſima Trindade, ponderou de tal ſorte a adoraçaõ dos Magos, que ouvindo ao ouvido que o Senhor o chamava para premiar-lhe ſeus trabalhos Evangelicos, com ſemblante alegre diſſe:

Eſpe-

Esperai, bom Jesus, que já vou; esperai-me, Senhor, que já vou; nas vossas mizericordias me encõmendo. Acabadas de proferir estas palavras, ficou extatico, acabando seus dias cheios de gloria no Ministerio Evangelico. *Constitutus Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus*, disse David de Christo, (1) e deste Veneravel se póde dizer: *Prædicans præceptum Domini constitutus est in monte sancto ejus.* Conserva-se seu corpo no mesmo Convento de Valença.

O terceiro era o Beato Gaspar Bono, natural da mesma Cidade de Valença. Desde pequeno foi bem inclinado, e dezejava o estado Religiozo; mas por cauza da pobreza de seus pais, estando para tomar o Habito na Religiaõ Dominicana, tomou a rezoluçaõ de servir a hum Mercador da mesma Cidade. Foi depois soldado na guerra de Italia, e havendo recebido huma cutilada mortal na cabeça, recommendando-se ao nosso Santo Patriarca S. Francisco de Paula, contra toda a esperança melhorou, e ficou saõ em poucos dias. Voltando para Valença de idade de trinta annos tomou o nosso Habito neste Convento de S. Sebastiaõ, aonde floreceu desde os primeiros dias em grandes virtudes, pelas quaes o elegeraõ Corrector daquelle Convento; em cujo cargo, como no de Provincial, em que morreu, mostrou sua grande prudencia, zelo, humildade, e paciencia; porque soffreu muitas injurias de seus subditos, aos quaes servia como se fosse o mais humilde Religiozo da Comunidade: mas nunca deixava de dar suas charitativas reprehençoens, ainda que conhecia que dellas nasciaõ os odios, que costumaõ os discolos fomentar contra os que pertendem sua emenda. Na virtude da oraçaõ foi insigne, e incançavel nas penitencias; costumava dizer: *Ai de mim peccador, ingrato a meu Deos, que naõ tenho mais que o nome de bom!* Teve muitos combates com o demonio, alcançando sempre a victoria.

Sof-

(1) Psalm. 2.

Soffreu muito nas continuas queixas, que padecia, ſupportando inexplicaveis dores de pedra, e depois teve quatro fiſtulas incuraveis, que o atormentavaõ. Eſtando acomettido das dores dizia: *Eſta minha pouca paciencia faz, que a carne ſinta o açoute. Jeſus, Maria, Jozé! Oh Senhor! aqui abrazai-me, eſquartejai-me, para que me perdoeis no voſſo tremendo Juizo.* E quando ficava alliviado, com ſemblante alegre, e agradecido, repetia muitas vezes eſtas palavras: *Gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam; quoniam tu ſolus Sanctus, tu ſolus Dominus, tu ſolus Altiſſimus, Jeſu Chriſte, cum ſancto Spiritu in gloria Dei Patris. Amen.*

Teve o dom de profecia; mas uzava delle com muita prudencia, e humildade, para que naõ o tiveſſem em boa opiniaõ; porque ſeus dezejos eraõ ſer deſprezado de todos. Oito dias antes declarou o dia de ſua morte á Communidade, e deſpedindo-ſe dos Religiozos, lhes fez huma ferovroza pratica, exhortando-os á obſervancia, e depois com muitas lagrimas lhes pedio perdaõ dos eſcandalos, que lhes havia dado no ſeu governo, e em toda ſua vida com o máo exemplo. Correu a carreira deſta vida reſplandecendo em virtudes heroicas, e acabou ſeus dias em quatorze de Julho de 1604. com ſetenta e quatro annos, ſeis mezes, e nove dias de idade. Eſteve tres dias inſepulto por cauza do grande concurſo da Cidade, e de ſuas vizinhanças, que corriaõ á fama da ſua ſantidade, e milagres, que naõ foraõ poucos; os quaes, e os que depois continuou, tem obrigado á Séde Apoſtolica mandar fazer proceſſo das ſuas virtudes, as quaes foraõ mandadas examinar de novo no anno de 1722. Havendo-ſe feito a relaçaõ de todo o proceſſo na prezença do Papa no anno de 1748. ſe entrou a contrariar por parte do Promotor Fiſcal, que he o que até agora ſabemos.

Floreceu neſta Cidade a Veneravel Virgem Engracia, natural de Mançanera, Reino de Aragaõ: foi irmã

Irmã Terceira da noſſa Ordem, havendo antecedentemente feito voto de caſtidade. Reſplandeceu em raras virtudes; obſervou huma vida muito penitente, e mortificada; foi muito perſeguida do demonio, que a maltratava; mas ſempre ſahio victorioza deſtas lutas, como valente Heroina. Teve o dom de profecia, e foi muito charitativa com os pobres. Profetizou o dia do ſeu obito. Morreu em dezaſſete de Janeiro de 1606. com cento e doze annos de idade.

Convento de Alaquaz 1534.

O Convento, que tem a noſſa Religiaõ na Villa de Alaquaz, huma legua diſtante da Cidade de Valença, foi primeiramente Paroquia até o anno de 1537. que ſe fez nova Freguezia. Nos primeiros annos, que ſe nos deu eſte Convento, naõ ſuſtentava mais que oito Religiozos: depois o Baraõ, Senhor deſta Villa, augmentou o Convento, e a renda, que ſuſtenta trinta Religiozos. O titulo he *Noſſa Senhora da Oliveira*, Imagem muito milagroza, que havendo eſtado enterrada deſde a perda da Heſpanha até ao anno de 1300. a achou hum lavrador andando com o arado entre ſeus olivaes, e ſe lhe edificou huma Ermida, em que por muitos annos aſſiſtio nella hum Clerigo: depois foi dada aos Religiozos Dominicos, e ultimamente á noſſa Religiaõ.

Convento de Caſtalha 1586.

PErto de Caſtalha, Baronia do Duque de Mandas, eſtá fundado hum Convento com o titulo de *S. Sebaſtiaõ*, que algum dia era da Religiaõ Serafica, muito pequeno, e pobre; hoje eſtá baſtantemente grande, e primorozo. Tem naõ pequena cerca com huma caudaloza fonte, que rega pomar, e horta; e ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de la Puebla 1603.

SEndo Provincial o Beato Gaſpar Bono, ſe fundou neſta Villa, que he do Ducado de Granada, hum Convento com o titulo de *S. Coſme, e S. Damiaõ*; porque havia no ſitio huma Ermida dedicada aos meſmos Santos Martyres. Logo nos ſeus principios ſuſtentava oito Religiozos: hoje excederá eſte numero pela muita devoçaõ do povo, e ſuas vizinhanças.

Convento de Vivel 1603.

NO meſmo governo do Beato Bono ſe fundou outro com o titulo de *S. Franciſco de Paula* dentro da Villa de Vivel, Biſpado de Segorve, que ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Muchamiel 1605.

EM hum porto de mar, chamado Muchamiel, Biſpado de Origuella, perto de Alicante, ſe fundou outro com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, que ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Almoradi 1609.

NA meſma Dieceſi, duas leguas da Cidade de Origuella, ſe fundou outro com o meſmo titulo no lugar, ou Villa de Almoradi: foi ſeu fundador o Reverendo D. Martinho Thomás, Presbytero do Habito de S. Pedro, que deu todos os ſeus bens para eſta fundaçaõ, fazendo doaçaõ delles *inter vivos*, cujo exemplo ſeguio ſua irmã. He Convento muito bom; porque além de ſer bem edificado, eſtá perto do mar. Suſtenta vinte Religiozos.

Convento de Ondara 1611.

DEbaixo do titulo de *Noſſa Senhora da Conceiçaõ* nos fundou outro o Illuſtriſſimo Senhor D. Filippe de Cordova, Marquez de Guadalete, na Villa de Ondara, diſtante huma legua de Denia, que goza de huma boa cerca, hortaliça, e abundancia de aguas. Eſtá ſituado hum quarto de legua do mar. O numero dos Religiozos paſſa de dez.

Convento de Xabea 1616.

EM hum povo pequeno, que terá ſeiscentos fogos, chamado Xabea, muito abundante de trigo, vinho, e frutas, diſtante do mar hum quarto de legua, o Excellentiſſimo Duque de Lerma, Senhor deſte lugar, nos fundou hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria*. He muito abundante de eſmolas além das rendas, que impoz o Excellentiſſimo Fundador, com as quaes ſuſtenta mais de doze Religiozos.

Provincia de Toſcana.

OS Conventos, que compoem eſta Provincia, eſtaõ ſituados em territorios de tres Potencias, como veremos na deſcripçaõ delles; porém todos gozaõ da maior fertilidade, e abundancia de toda a Italia, muito bem providos de alimentos quareſmaes pelas vizinhanças do mar, ou de rios, em que eſtaõ fundados. Nelles tem florecido muitos Religiozos inſignes em letras, e virtudes, que naõ ſó illuſtraraõ eſta Provincia, mas tambem toda a Religiaõ.

Convento de Marta 1574.

NO Ducado de Parma, e Placencia eſtá hum lago, chamado Vulſino, ou Bolſena, que tem mais de ſeis leguas de circunferencia, de donde naſce hum rio, que toma o nome da Cidade de Marta, que eſtá nas margens do lago, e do meſmo rio corre até mais abaixo de Toſcanella, e aili ſe faz mais caudalozo com as aguas de outros, que ſe introduzem até dezembocar no mar. Tem eſte lago duas Ilhas perto das margens; em huma eſtá fundado hum Convento de Capuchinhos, ou Barbadinhos, que ſuſtenta o Sereniſſimo Duque de Parma: e na outra eſtá fundado hum Convento da noſſa Ordem, que antigamente era povoado dos Religiozos Bentos, que o deixaraõ. Eſte Convento com o titulo de *Noſſa Senhora do Monte* offereceu á noſſa Religiaõ o Eminentiſſimo Senhor Cardial Alexandre Farnezio, ſobrinho do Summo Pontifice Paulo III., e juntamente a renda de huma Abbadia do meſmo Cardial: e ſeu ſobrinho o Duque de Parma deu fundo para ſuſtentar doze Religiozos junto com o privilegio, que naõ ſe poſſa peſcar no lago ſem licença do noſſo Convento. A Ilha, em que eſtá eſte fundado, terá huma milha de circunferencia, eſtá toda murada, tem huma horta para recreio dos Religiozos, que ſaõ bem aſſiſtidos de peixe. Neſte lago foi ſubmergida com o pezo de huma grande pedra Santa Chriſtina Virgem, e Martyr por mandado de ſeu pai, que era idolatra, e foi livrada por hum Anjo. Talvez que eſte ſeja o motivo, porque a Sereniſſima Caza Farnezi ſuſtente eſtes dous Conventos neſte ſitio.

Convento da Bulſena 1574.

NA Villa de Bulſena, que eſtá junto ao lago do meſmo nome no Biſpado de Orvieto, fundaraõ

os

os meſmos Sereniſſimos Duques de Parma outro Convento com o titulo do *Santo Crucifixo*, Imagem de grande veneraçaõ em toda a Comarca. Suſtenta mais de doze Religiozos.

Convento de Peruzia, ou Peruggia 1578.

NA Cidade Epiſcopal de Peruzia, junto á porta chamada Brugnéz, ſe fundou outro Convento em hum ſitio muito agradavel, que ſuſtenta trinta Religiozos. O titulo deſte Convento he o *Eſpirito Santo*. Tem Cadeiras de Filozofia, e Theologia.

Convento de Viterbo 1578.

DEntro do territorio chamado o Patrimonio da Igreja eſtá a Cidade Epiſcopal de Viterbo, que he a cabeça delle. Fóra da porta chamada S. Xiſto deſta Cidade ſe fundou hum Convento com o titulo de *Santa Maria*, cuja Igreja foi feita de meia laranja á imitaçaõ do zimborio da Igreja de S Pedro, e S. Paulo de Roma. Suſtenta vinte Religiozos.

Convento de Galleze 1578.

COm o titulo de *Noſſa Senhora do Repouzo* ſe fundou hum Convento neſte lugar, por ſerem ſeus moradores muito devotos do noſſo Santo Patriarca. Suſtenta quatorze Religiozos.

Convento de Piza 1581.

HE tradiçaõ antiga, que o Gloriozo Martyr S. Torpé, Camariſta do Imperador Néro, e Diſcipulo de S. Paulo Apoſtolo, foi degollado por mandado do meſmo Néro, que deu a commiſſaõ a Satelico, nas meſmas cazas, em que ſe acha fundado o noſſo Convento deſta Cidade Arcebiſpal. O certo he que

tem

tem eſte Convento a cabeça inteira deſte Gloriozo Martyr, por cujo motivo tem o titulo de *S. Torpes*. Eſtá ſituado fóra das portas da Cidade, e he magnifico, e muito abundante; porque a Cidade eſtá entre o rio Arno, e Auſora, e diſta dez milhas do mar. Suſtenta mais de vinte Religiozos.

Convento de Orbitello 1582.

NEſta Cidade Epiſcopal ſe fundou hum Convento magnifico, que tem Noviciado, a expenſas do povo, que caprichou em adorna-lo com excellentes pinturas, que ſe vem nos clauſtros com os paſſos principaes da Vida do noſſo Santo, e muitos retratos de varios Veneraveis da Ordem. Suſtenta vinte e quatro Religiozos.

Convento de Florença 1583.

NA nobiliſſima Cidade de Florença, Corte do Graõ Duque de Toſcana, fundou eſte Sereniſſimo Principe hum Convento com o titulo de *S. Jozé*, de cuja Igreja foi Arquitecto o celebre Miguel Angelo Bonaroto. O Convento ſuſtenta quarenta Religiozos: reziде nelle o P. Provincial, e tem Cadeiras de Filozofia, e Theologias.

Convento de Florença Extramuros 1605.

O Nobiliſſimo Alexandre Strozi Illuſtre Cidadaõ de Florença, fundou outro fóra das portas da Cidade com o titulo de *S. Franciſco de Paula*. A Sereniſſima Archiduqueza de Auſtria Graõ-Duqueza de Toſcana, eſtabeleceu huma grandioza eſmola, que ſe paga todos os mezes, para ſuſtento de dezaſſeis Religiozos.

Convento de Forli 1513.

NA Cidade de Forli na Romania ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, que ſuſtenta doze Religiozos.

Provincia de Catalunha.

Convento de Barcelona 1570.

HE a Cidade Epiſcopal de Barcelona Cabeça deſta Provincia, que tem dado á Religiaõ Varoens muitos illuſtres em letras, e ſantidade. Fundou-ſe eſte Convento primeiramente fóra da Cidade entre o mar, e huma ſerra, que tem no cume a Fortaleza de Monjuy; depois o Senado lhe deu outros ſitios, aonde habitaraõ os noſſos Religiozos: ultimamente ſe eſtabeleceraõ dentro da Cidade na rua de S. Pedro. Eſte Convento magnificamente feito com as eſmolas do povo, dedicado ao N. P. *S. Franciſco de Paula*, tem hum mageſtozo clauſtro; junto á Portaria huma grande botica, aonde ſe fazem os remedios para os Religiozos, e para o povo, dando-ſe por amor de Deos á gente pobre: tem Cadeiras de Filozofia, e Theologias; e aſſiſte de ordinario neſte Convento o Provincial, e ſuſtenta mais de ſeſſenta Religiozos. A Igreja he muito grande com quatorze Capellas muito bem adornadas. Toda a Cidade tem hum huma grande devoçaõ com o noſſo Santo pelos muitos milagres, que com ſeus moradores tem obrado.

Convento de Religiozas Minimas.

NA meſma Cidade ha hum Convento de Religiozas da Ordem, das quaes naõ temos noticia do anno, em que fundaraõ, nem do titulo do Convento.

Con-

Convento de Perpinhaõ 1575.

NEſta antiga Cidade Epiſcopal de Perpinhaõ, ſituada junto aos montes Pyrenéos, que dividem os Reinos de França, e Heſpanha, ſe fundou hum Convento com as eſmolas, que ajuntou o P. Fr. Pedro Valdez natural de Toledo, ſujeito digno de toda a memoria, aſſim em letras, como em virtudes. Antes de tomar o Habito teve a Cadeira de Leys; foi muito verſado na Sagrada Eſcriptura, e liçaõ dos SS. PP.; por cujo motivo ſe dedicou ao pulpito, recolhendo neſte exercicio baſtante fructo das almas. Teve o dom de profecia, e ſinco dias antes da ſua morte eſtando prégando em Villa Longa em 16 de Janeiro de 1580. na Feſta de S. Marçal Patrono, e Titular da Igreja, acabado o ſermaõ, pedio encarecidamente ao Auditorio o encommendaſſem a Deos; porque aquelle era o ultimo Sermaõ que prégava. Dezaſſete annos depois de ſepultado foi trasladado ſeu corpo a lugar mais decente, e ſe achou incorrupto; e o que mais admira, o Habito, e cordaõ eſtavaõ taõ fortes, e taõ inteiros, como ſe ſe tiveſſe enterrado naquelle dia. Conſerva-ſe neſte Convento com grande veneraçaõ.

Convento de Granollés 1578.

A Villa de Granollés, quatro leguas diſtante de Barcelona, fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, que ſuſtenta doze Religiozos. Neſte Convento tem obrado Deos muito milagres pelos merecimentos de N. P. S. Franciſco de Paula, e do B. Gaſpar Bono, ſegundo affirma Montoya (1).

(1) Montoya Chron. da Ord. l. 3. pag. 153.

Convento de Valles 1582.

O Arcebiſpo de Tarragona he ſenhor temporal, e eſpiritual da Villa de Valles: fóra della fundou o Convento da noſſa Ordem, concedendo aos noſſos Religiozos muitas terras, e fazendas, que pertenciaõ á Igreja de Santa Maria Magdalena, aonde eſtiveraõ os noſſos alguns annos hoſpedados. Eſte Convento, ainda que naõ he grande, he muito bem aſſiſtido, porque logo no principio ſuſtentava quatorze Religiozos. O titulo he de *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Cervera 1591.

EM hum Convento, que foi dos Religiozos Clauſtraes da Ordem Serafica ſituado em hum lugar eminente da Villa de Cervera, ſe nos deu a fundaçaõ, gozando de todas as rendas, e regalias, que tinhaõ os mencionados Religiozos Clauſtraes. He Convento magnifico todo de pedra. Tem hum formozo clauſtro com hum jardim no meio, e huma grande ciſterna lavrada dentro de rocha. Sua Igreja he grande, e muito bem ornada, tem ſeis Capellas por cada lado. Suſtenta eſte Convento doze Religiozos. O Prelado delle apprezenta muitos beneficios, que antecedentemente apprezentavaõ os Religiozos Clauſtraes. Sua invocaçaõ he *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Hoſtalric 1610.

NA eſtrada Real, que vai para França, e Italia fóra dos muros da Villa de Hoſtalric, ſe fundou hum Convento com o titulo de N. P. *S. Franciſco de Paula* em hum ſitio muito frondozo de arvoredo, aſſim fructal, como ſilveſtre: ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Girona 1611.

NA antiga, e nobre Cidade de Girona debaixo da invocaçaõ de *S. Franciſco de Paula*, ſe fundou hum Convento fóra dos muros da Cidade em hum ſuburbio, por onde vai a eſtrada Real para o Reino de França, e Italia.

Convento de Manreſa 1629.

EM Manreſa ſe fundou outro, e no anno de 1629. foi aceito pelo Capitulo Geral. Seu titulo he *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Tortona 1629.

NO meſmo anno foi aceito pelo Capitulo Geral o Convento de Tortona, Cidade Epiſcopal, com a condiçaõ, que ſeis Religiozos Eſtudantes da Provincia de Valença aſſiſtaõ neſte Convento por cauza dos eſtudos.

Provincia de Provença, e Languedoc.

ENtre as Provincias, de que ſe compoem o Reino de França, naõ tem o menor lugar as de Languedoc, e Provença, ſituadas nas bordas do mar de França no Mediterraneo, que eſtá na parte meridional, e pelo Occidente confina com o Condado de Veniſe, e o rio Rhodano, e pela parte Oriental tem os Alpes, e o rio Varo. Foi a Provença a que mais ſe oppoz aos Lutheranos, por cuja cauza ſe ſingularizou em regar ſeus campos com o ſangue de Martyres.

Convento de Aix 1557.

OS Magiſtrados deſta Cidade Epiſcopal de Aix juntamente com o Clero, offereceraõ á noſſa Religiaõ a fundaçaõ deſte Convento, dedicado a *Noſſa Senhora*, pela grande devoçaõ, que tem ſeus moradores com o noſſo Santo Patriarca. Eſtá ſituado fóra dos muros da Cidade. Tem huma grande cerca com horta, vinha, e olivaes, de ſorte que o campo, em que eſtá eſte Convento, pela ſua amenidade ſerve de recreio a todos os moradores deſte povo. Suſtenta trinta Religiozos, além do Noviciado, que tem dentro.

Convento de Avinhaõ 1570.

COm o titulo de *Noſſa Senhora dos Milagres* fundou hum Convento neſta celebre Cidade Arcebiſpal, que antigamente teve a Cadeira de S. Pedro, o Eminentiſſimo Senhor Cardial George Arminhaco, ou Arminiaco, Arcebiſpo de Avinhaõ, Principe do Sangue da Caza Real de França, e Protector da noſſa Ordem, que enriqueceu, além de outras muitas rendas, com as de tres Priorados, e Reitoria, que aggregou a eſta Communidade com Bullas Apoſtolicas. Supplicaraõ os Religiozos a eſte Eminentiſſimo Fundador lhes quizeſſe deixar ſeu retrato para memoria, e condeſcendendo com a ſupplica, o collocaraõ dentro da Igreja com a ſeguinte inſcripçaõ:

Illuſtriſſimus, & Reverendiſſimus
D. D. Georgius Cardinalis Arminiaco,
Sacri Minimorum Ord. Protector,
Et hujus ſancti Cœnobii Fundator.

O Convento he magnifico, eſtá junto ao rio Rhodano, tem duas hortas, e vinha de muita recreaçaõ. A Igreja eſtá ſituada entre o Convento, e o Noviciado, que

que faz huma bella viſta. O que illuſtra mais eſte Convento hè ter Eſtudos publicos: além das Cadeiras de Filozofia, e Theologia, tem Cadeira de lingua Hebrea. Os que eſtudaõ neſte Convento, tem o privilegio, por Bullas Pontificias, de ſerem admittidos na Univerſidade para tomar o gráo ſem frequentar as aulas della. Produzio eſte Collegio grandes Letrados, aſſim domeſticos, como eſtranhos. Tem huma grande livraria, enfermaria, e botica. Sua Communidade do ordinario ſaõ quarenta Religiozos.

Convento de Porrieres 1578.

NO meſmo Biſpado de Aix, ſobre hum outeiro, diſtante huma milha da Cidade de Porrieres, havia huma Ermida com o titulo de *Noſſa Senhora do Boſco.* Neſte ſitio o Excellentiſſimo Conde de Porrieres fundou hum Convento da noſſa Religiaõ dedicado a *S. Franciſco de Paula*, de quem era ſummamente devoto, deixando renda para ſuſtentar quinze Religiozos.

Convento de Marſelha 1594.

NA Cidade Epiſcopal de Marſelha, cuja Cadeira occupou primeiramente S. Lazaro, Irmaõ de Santa Maria Magdalena, e Santa Martha, ſe fundou hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora dos Anjos*, ſobre huma planicie de hum ſitio eminente, que domina a Cidade, e o mar. Eſtá magnificamente edificado, e ſua Igreja bem ornada. Tem huma cerca muito grande com vinhas, olivaes, e huma excellente ciſterna, que ſuppre as vezes de fonte. Neſte Convento eſtá ſepultado o Veneravel P. Fr. Franciſco Binans de Naçaõ Inglez, que fogindo do fogo da herezia, que ardia na ſua patria, veio a Avinhaõ, aonde tomou o noſſo ſanto Habito. Foi Varaõ peritiſſimo nas linguas Latina, Grega, e Hebraica, inſigne Prégador, cujo

exercicio teve por eſpaço de vinte e ſeis annos Apoſtolicamente, convertendo hum grande numero de Hereges, e alguns Judeos em muitas terras de França, que corria com ſua Miſſaõ. No anno de 1610. tres annos antes do ſeu fallecimento, teve huma grande diſputa com hum Miniſtro dos Hereges, que elles chamaõ Predicante, cujo nome era Juilla, na prezença da Nobreza, e de toda a Univerſidade de Avinhaõ: neſte certame ficou vencido o Herege, e ſe vio obrigado a confeſſar muitos articulos, que negaõ os Calviniſtas, ſendo o mais principal a real exiſtencia de Jeſus Chriſto no Sacramento da Euchariſtia. Morreu eſte veneravel cheio de virtudes no Convento de Marſelha no anno de 1613. Tambem ſe conſerva o corpo de Fr. Jacob Martinot, Religiozo Oblato, ſujeito veneravel pelas ſuas penitencias, e mais virtudes, ſegundo affirma o noſſo P. Iſnardo, cujas palavras por ſerem breves, copiamos aqui: *Fr. Jacobus Martinot, Oblatus, quem miræ pœnitentiæ, pietatis, & laboris virum vidimus, & admirati ſumus. Imo & fide digni, ut ab eis accepi, aliquando extra ſe in oratione partum ſunt illum contemplati.*

Convento de Mana 1602.

JUnto á Cidade de Monoſca Biſpado de Cetres ſobre huma ſerra fundou hum Convento da noſſa Ordem o Illuſtriſſimo Senhor Barone de Janſon, Marquez de Mana; edificou-o a fundamento, e dotou-o com fundo baſtante para ſuſtentar quinze Religiozos.

Convento de Valleta 1602.

DEbaixo da invocaçaõ de *Noſſa Senhora do Monte Olivete*, hum quarto de legua diſtante de Tolon, fundou hum Convento Luiz Augias: ainda que naõ era nobre, edificou *à fundamentis* o Convento, e a Igreja com toda a grandeza. Eſtá ſituado no lugar mais

mais ameno daquelle paiz; porque o cérca hum frondozo boſque de oliveiras, e outras arvores frutaes pertencente ao meſmo Convento: e pela parte meridional tem o recreio do mar. Tem abundancia d'agua, com que rega huma horta, que eſtá na cerca baſtantemente dilatada. Além de tudo iſto, tem rendas annuaes, que lhe deixou o fundador para ſuſtento dos Religiozos.

Convento da Ilha 1604.

BElträõ Guillem natural deſta Cidade, e ſua filha Madama Honorata, fundaraõ eſte Convento com toda a liberalidade, em hum ſitio deliciozo, que ainda que eſtá dentro da Cidade, tem huma grande cerca, e huma fonte abundantiſſima no meio do clauſtro. Suſtenta quinze Religiozos. A Igreja he dedicada a *Maria Santiſſima.*

Convento de Sancti Spiritus 1604.

EM hum lugar intitulado *Sancti Spiritus*, Egidio Magnin, e Catharina do Gat fundaraõ eſte Convento com o titulo de *Noſſa Senhora Santa Maria* junto ao rio Rhodano, e perto do mar. Tambem lhe deraõ renda para ſuſtentar dezaſſeis Religiozos.

Convento de Tolon 1609.

EM Tolon Cidade Epiſcopal, e porto de mar na Provença ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Joaõ Baptiſta.* He obra magnifica, tem huma grande cerca povoada de oliveiras, e arvores fructaes; e accommoda trinta Religiozos, ou mais. Na Sacriſtia deſte Convento ſe venera hum Habito inteiro do noſſo Santo Patriarca.

Convento de Venaſco 1616.

A Illuſtriſſima Senhora Magdalena d'Eſſa, Senhora de Cauſans, deu huma grandioza eſmola ao P. Provincial Hieronymo Durando para ſe fundar eſte Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Vida*. Eſtá ſituado em hum lugar muito deliciozo.

Convento de Arles 1616.

NEſta antiquiſſima Cidade, que no tempo dos Apoſtolos teve a honra de ſer ſeu primeiro Biſpo S. Trophimo, Diſcipulo de Jeſus Chriſto, de quem faz menção S. Paulo na ſegunda Epiſtola a Timotheo, e nas Actas dos Apoſtolos cap. 20. e 21., ſe edificou huma Capella, ainda em vida de Maria Santiſſima, com o titulo de *Noſſa Senhora de Arles*; deraõ-lhe por muito tempo o titulo de *Noſſa Senhora dos Campos*, hoje *Noſſa Senhora da Graça*. Sua fundaçaõ foi no anno ſeſſenta e tres da era de Chriſto. Junto a eſta Capella eſtava hum cemiterio, de que fazem menção os antigos Hiſtoriadores, aonde ſepultaraõ muitos Santos além de S. Trophimo, Santo Hilario, Santo Honorato, S. Gineſio, S. Rolando, e S. Virgilio, que fundou a maior Igreja de ſete, que havia neſte ſitio, que tinha huma legua de circumferencia. Chamaraõ os antigos a eſte ſitio os Campos Elyzios. Houve hum Moſteiro da Ordem de S. Bento. No anno de 1616. a Illuſtriſſima Abbadeſſa do Moſteiro de Taraſcon nos deu eſte ſitio para fundar hum Convento com o titulo de *Santo Honorato*, em cuja Igreja deſtruida pelos Herejes, mas já reedificada, eſtá a Capella de Noſſa Senhora da Graça muito bem adornada com preciozos marmores, e excellentes pinturas. Eſte Convento, ou Santuario pelas muitas reliquias, ſepulchros de Santos, que tem dentro, he dos melhores, que tem eſta Provincia. Eſtá perto do mar, e goza de muitas terras fertiliſſimas. Pro-

Provincia de Campania.

Convento de Bracancourt 1496.

O Illuſtriſſimo Senhor de Brandricourt, que foi mandado por Luiz XI. á Italia para conduzir o noſſo Santo, fundou hum Convento da noſſa Ordem á ſua cuſta. A Igreja eſtá dedicada a *Maria Santiſſima.*

Convento de Rhetel 1571.

NO Biſpado de Rheims, fundou hum Convento neſte lugar de Rhetel o Excellentiſſimo Duque de Nivers por voto no anno de 1571.

Convento de Rheims 1572.

O Eminentiſſimo Senhor Cardial Carlos de Lorena grande devoto noſſo, fundou hum Convento da noſſa Ordem no anno de 1572. Suſtenta trinta Religiozos.

Convento de Verdun 1579.

A Grande piedade do Excellentiſſimo Senhor Nicoláo Pezaume Biſpo, Conde de Verdum, e Principe do Sacro Imperio, fundou hum Convento dedicado a *S. Luiz*, e como a morte lhe embaraçou acabalo, foi continuado por ſeu ſobrinho, que lhe ſuccedeu na dignidade, e tambem no affecto á noſſa Religiaõ; aperfeiçoando-o, e dando com maõ liberal renda para ſuſtento de dezaſſeis Religiozos.

Convento de Mets 1611.

O Eminentiſſimo Senhor Cardial de Lorena, já referido, juntamente com ſuas irmãs a Duqueza de Cleves, e a de Baviera, fundaraõ eſte Convento com o titulo de *S. Luiz* neſta Cidade Imperial de Mets para reprimir as liberdades dos Hereges com ſuas penitencias, e refutar ſeus erros com ſuas doutrinas: ſuſtenta vinte Religiozos.

Convento de Laon 1612.

O Illuſtriſſimo Biſpo deſta Cidade Godofredo de Byli Par de França, fundou eſte Convento com baſtante renda para ſuſtentar dezaſſeis Religiozos. Logo nos principios trabalharaõ muito na converſaõ dos Hereges; ainda hoje naõ céſſaõ de trabalhar neſta materia.

Convento de Vitry 1612.

PAra ſe empregar no meſmo exercicio de combater os Hereges, ſe fundou eſte Convento ás inſtancias de Senado da Cidade, e do Biſpo de Chalons, que deu rendas para ſuſtento de doze Religiozos.

Convento de Eſparnay 1623.

NO Biſpado de Rheims, fundou outro em Eſparnay a Excellentiſſima Condeça de Doultré, que foi aceito pela Religiaõ no anno de 1623.

Convento de Eſpina 1629.

NA Cidade de Eſpina eſtá hum Moſteiro de Religiozas Commendadeiras muito rico, e toda a ſua Communidade ſe compoem de Senhoras de grande naſci-

naſcimento. A inſtancias da Abbadeſſa, e do Senado ſe fundou hum Convento, cujo titulo he *Noſſa Senhora da Eſpina.* A meſma Abbadeſſa deu renda a eſte Convento para ſuſtentar vinte Religiozos.

Provincia de Palermo.

NA Ilha de Sicilia, além da Provincia de Meſſina, que já deſcrevemos, ha outra intitulada de Palermo; porque multiplicaraõ tanto os Conventos da noſſa Religiaõ neſte Reino, que foi precizo dividi-los em duas Provincias para ſeu bom governo. Como a Cidade de Palermo he a Capital deſte Reino, naõ foi fóra de propozito dar a eſta Provincia o titulo della, e naõ ſendo ſeus Conventos taõ antigos, como os primeiros da Provincia de Meſſina, naõ deixaõ de ſer os mais reſpeitados neſte Reino, e em toda a Religiaõ. Dous Conventos da noſſa Religiaõ tem eſta Cidade fóra dos ſeus muros: o primeiro he

Convento de Santa Oliva em Palermo 1518.

FO'ra da porta chamada de Carini eſtava huma Igreja com o titulo de *Santa Oliva*; porque nella eſtá enterrado ſeu ſagrado Corpo, que até ao prezente naõ ſe tem deſcuberto, mas tem apparecido muitas vezes a varios Religiozos da noſſa Ordem, e tem ſoccorrido algumas neceſſidades do Convento, como veremos depois. Sendo Vice-Rey deſta Ilha o Excellentiſſimo Duque de Monte-Leaõ muito amigo do noſſo Santo Patriarca deſde a occaziaõ, em que eſteve prizioneiro d'ElRey Carlos VIII. em França, a quem o Santo diſſe, que brevemente conſeguiria ſua liberdade, e ſeria Governador das Armas em Sicilia, e que quando ſe viſſe naquelle emprego favoreceſſe ſeus filhos. Sendo Vice-Rey o Duque de Monte-Leaõ nos deu eſta Igreja, a que os noſſos Religiozos lhe deraõ o titulo de *Jeſus Maria.* He maravilhoza, muito

to bem ornada com pinturas excellentes. A Capella do Santo Patriarca he o Altar mór, nelle se admira hum retrato do Santo de excellente pintura, a cujos pés está retratado o Duque de Monte-Leaõ Fundador deste Convento. Em outra Capella collateral está outra Imagem do mesmo Santo muito bem executada, que infunde devoçaõ a todos os que a vem. O claustro he magestozo. Tem huma grande cerca para recreio dos Religiozos, que se sustentaõ com abundancia mais de oitenta. Tem Cadeiras de Filozofia, e Theologia, com notorio fructo, naõ só dos domesticos, que sempre saõ vinte, ou mais Estudantes Religiozos; mas tambem dos de fóra, que vaõ a estudar.

O Corpo de Santa Oliva ainda se naõ tem podido averiguar aonde está sepultado; parece que Deos naõ quer ainda que se descubra este thezouro. Alguns prezumem está em huma Ermida, que está no angulo do jardim, outros em hum poço, donde se tira agua para os doentes por experimentarem muitas melhoras com esta agua milagroza: o certo he que até agora naõ se sabe. A glorioza Virgem recebeu martyrio em Tunes, ainda que foi natural desta Cidade, e de familia illustre, segundo consta de huma Escritura antiga, aonde tambem declara que muitos annos depois foi seu corpo trasladado a esta Cidade de Palermo, e que está sepultada neste nosso Convento. Esta glorioza Santa tem apparecido em varias partes deile. He tradiçaõ que huma noute que chegaraõ quatro Religiozos da nossa Ordem de huma jornada, e como fosse já tarde, e naõ houvesse paõ para dar-lhes de cear, o P. Corrector mandou a hum Religiozo Donato á Cidade a buscallo: quando chegou este a huma Cruz, que está pouco distante do Convento, vio huma mulher vestida de branco, que perguntando-lhe aonde hia, e depois de ouvir a resposta lhe disse: *Toma estes sinco paens, e dá-os aos meus Frades.* como o Religiozo tomasse medo, entendendo seria alguma fantasma, repetio a Santa: *Naõ tenhas medo, toma*

toma eſſes paens, e dize aos meus Frades, que Oliva lhos manda. Recebeu o Religiozo os paens cobertos com huma toalha fina, e dezapareceu a Santa. Voltando ao Convento o Religiozo, e contando o ſucceſſo ao P. Corrector, e mais Religiozos, admirando o milagre, e eſtranhando a clareza do paõ, e igualmente hum ſuave cheiro, que exhalava de ſi, dezapareceu a toalha, em que eſtavaõ os paens ſobre a meza. Outros muitos prodigios contaõ os noſſos Religiozos, que tem ſido moradores neſte Convento, que por naõ ſermos extenſos, naõ os referimos.

Conſervaõ-ſe neſte Convento os corpos dos Veneraveis Fr. Franciſco Ceccart, Genovez, Religiozo Leigo, muito devoto de Maria Santiſſima, inſigne em penitencia, e nas virtudes da obediencia, e charidade: e tambem de outro Religiozo Choriſta, que ſe ſingularizou deſde menino em aſperiſſimas penitencias: e igualmente da Veneravel Soror Sigiſmunda Palermitana, Terceira da noſſa Ordem.

Segundo Convento de Palermo Noſſa Senhora da Victoria 1600.

FO'ra dos muros da meſma Cidade, defronte da porta nova, fundou outro com o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria* o Nobre Franciſco Gravina natural da Cidade de Caranea do meſmo Reino. Tem renda para ſuſtentar mais de trinta Religiozos.

Convento de Freiras 1532.

DEntro da Cidade defronte da Sé, o Excellentiſſimo Duque de Monte-Leaõ fundou outro Convento para Religiozas Minimas com o titulo dos *Sete Anjos*. Vieraõ a povoar eſte Moſteiro ſete Religiozas muito graves de outra Religiaõ, cujo Convento ſe chama *Joaõ o Rilon*, que com muito goſto tranzitaraõ á noſſa.

noſſa. He Convento de muita virtude, e de cem Religiozas de numero, que ſem duvida excederiaõ, ſe foſſem admittidas as que pertendem. Eſtaõ neſte Convento ſepultados os corpos das Veneraveis Virgens Soror Dorothéa di la Gruta, Brigida Piloni, Ninfa Scolaro, Marina de S. George, Stefana Serafino, Izabel Criſpo, Febronia, e Eufrazia de Monte-Leaõ; Reparata de Paula, e Hieronyma Gugliazo, todas conſpicuas em virtudes, e ſantidade. Tambem, ſegundo a tradiçaõ antiga, affirma o P. Montoya da Santa Virgem chamada Cecilia de Palermo, que quando noſſo Santo Patriarca paſſou á Ilha de Sicilia teve amizade com os pais deſta Santa Virgem, e que depois da morte do Santo eſtando eſta menina doente de huma chaga incuravel, lhe apparecera o noſſo Santo, e a ſarou della. Fundando-ſe depois o Convento dos *Sete Anjos*, tomou o noſſo Habito, e viveu mais de quarenta annos com ſinaes de notoria ſantidade. Deſta meſma Santa Virgem refere o Doutor Dom Eſtevaõ Dolz, que no anno de 1571. vivia em Palermo a Veneravel Cecilia deſta ſagrada Ordem de S. Franciſco de Paula, e prevenia-ſe com quinze dias de jejuns antes da Aſſumpçaõ da Santiſſima Virgem para pedir á Soberana Rainha permittiſſe leva-la em ſeu triunfante dia. Continuou eſta devoçaõ por alguns annos, porém neſte, completos os jejuns, conſeguio o que anciozamente pedia, ſem que eſtiveſſe levemente doente. Appareceu-lhe a Senhora, e dizendo-lhe: *Vem a ſatisfazer teus dezejos*, a levou a gozar das delicias eternas. Depois da ſua ditoza morte foi achado ſeu ſanto Corpo com o roſto voltado para a Santa Imagem da ſua bemfeitora, tendo na maõ direita hum Rozario, que de nenhuma ſorte lhe poderaõ tirar, por mais diligencias, que fizeraõ. Foraõ ſuas reliquias reſpeitadas, como merecia ſua ſanta vida.

Convento de Salemo 1253.

NA Cidade de Salemo, Biſpado de Mazara, com o titulo de *Santa Luzia* fundou outro o Excellentiſſimo Duque de Monte-Leaõ, que eſtá ſituado em hum campo muito ameno com huma grande cerca. Suſtenta vinte Religiozos.

Convento de Girgento 1534.

EM hum ſuburbio da Cidade de Girgento ſe fundou hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula* por hum devoto ſeu: eſtá primorozamente acabado, e ſuſtenta vinte Religiozos. Conſerva-ſe neſte Convento o corpo de Fr. Paciencia, Religiozo Donado da Ordem, natural de Bolonha: naõ foi conhecido pelo ſeu proprio nome; porque o perdeu com o exercicio da virtude da paciencia, que nelle reſplandecia.

Convento de Trapani 1572.

NA Cidade de Trapani o nobre Franciſco Barlota, e depois Joaõ Cuchillero fundaraõ hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, que ſuſtenta vinte e quatro Religiozos.

Convento de Marzala 1583.

FO'ra deſta Cidade, a diſtancia de ſincoenta paſſos; fundou-ſe hum Convento da noſſa Ordem em hum campo deliciozo pelo Nobre Joaõ Laliota: e o Senado da Camara tem concorridò para fazer fundo com que ſuſtenta dezaſſeis Religiozos. A Igreja, cujo titu-

lar he *S. Franciſco de Paula*, he muito mageſtoza, e adornada, e o Convento primorozo. Deſcançaõ neſte Convento os oſſos de muitos Veneraveis, com eſpecialidade os do P. Fr. Franciſco de Caſtanea, Varaõ inſigne em virtudes, acclamado por Santo de todos os moradores deſta Cidade.

Convento de Termine 1584.

NEſta Cidade de Termine, algum dia Therme pelos muitos banhos, que nella havia, ſe fundou hum Convento com o titulo de *Santa Maria da Graça* á cuſta do Senado, que deu á Ordem eſta devotiſſima Imagem, junto com o Convento, e fundo para ſuſtentar vinte Religiozos. O ſitio, aonde eſtá fundado, he em hum angulo da Cidade muito aprazivel pela viſta do mar.

Convento de Caſtro Giovanne, ou Caſtro Joaõ 1601.

CAſtro Joaõ, chamada dos antigos Erina, ſituada ſobre hum monte, quiz que nós tiveſſemos hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora do Loreto*, dando a fundaçaõ com renda para ſuſtentar dezoito Religiozos.

Convento de Caſtelvetrano 1607.

A Excellentiſſima Senhora Princeza de Caſtelvetrano, e Duqueza de Terranova, fundou neſta Cidade hum Convento com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, aonde ſe ſuſtentaõ dezaſſeis Religiozos.

Convento de Pacecco 1608.

O Excellentiſſimo Principe de Pacecco fundou eſte lugar, de que tomou o titulo de Principe, ao meſmo tempo, que edificava nelle o noſſo Convento, dando-lhe fundo para ſuſtentar doze Religiozos. Eſtá ſituado em huma altura muito viſtoza, e amena.

Convento de Cimina 1618.

EM Cimina, lugar dos Excellentiſſimos Senhores Marquezes Geraci, e Principes de Caſtello-Novo, ſe fundou hum Convento muito bom, por ſer o povo muito devoto do noſſo Santo, cujo titulo tem o Convento, ainda que antigamente a Igreja eſtava dedicada a S. *Leonardo*. Suſtenta eſte Convento doze Religiozos; porque além da renda, que tem, lhe concedeu a Camara huns tantos arrateis de peixe de cada carga, que por alli paſſa, ou entra, porque eſtá junto ao mar a diſtancia pouco mais de legua.

Convento de Alchamo 1609.

EM hum ſuburbio da Cidade de Alchamo ſe fundou hum Convento, com as eſmolas do povo, miſtico á Igreja do Santiſſimo Crucifixo, que hoje he noſſa, tomando o Convento o titulo deſta ſagrada Imagem, a que tem muita devoçaõ todos aquelles contornos. Suſtenta doze Religiozos.

Convento de Xiaca 1610.

HAvendo-ſe eſtabelecido a Ordem Terceira neſta Cidade, e profeſſando a Regra, que o noſſo

Santo fez para ambos os ſexos, Epifanio Bicheta, ſe fundou á ſua cuſta hum Convento com o titulo de noſſo Santo Padre na rua mais principal da Cidade. Suſtentava logo que ſe principiou, doze Religiozos.

Convento da Nicogia 1605.

ESte Convento foi aceito pelo Capitulo Geral da Ordem no anno de 1605.

Convento de Siculano 1612.

EM hum povo chamado Siculano fundaraõ os moradores delle hum Convento, que ſuſtenta doze Religiozos, com obrigaçaõ de os ſuſtentar com ſuas eſmolas, e dar-lhes veſtuario todos os annos. Depois ſe fez maior, e aperfeiçoou a expenſas do Excellentiſſimo Baraõ deſte titulo.

Provincia de Sevilha.

EStá eſta Provincia eſtabelecida na Andaluzia Baixa, cuja Metropoli he a Cidade de Sevilha. Os noſſos Conventos eſtaõ fundados a maior parte nos lugares deſte Arcebiſpado, e o reſto no Biſpado de Cadiz. Principiou-ſe a fundar perto deſta Cidade, mas dentro do Arcebiſpado, pelo R. P. Fr. Bernardo Boyl, Vigario Geral, que mandou o noſſo Santo a Heſpanha para eſte effeito; e pelo P. Fr. Fernando Paõduro, dos quaes já fizemos menção na Hiſtoria.

Convento do Porto de Santa Maria 1502.

A Diſtancia de duas leguas da Cidade de Cadiz junto ao rio Guadalete na Cidade do Porto de Santa Maria, no campo da parte do Norte da Cidade, fundaraõ os Excellentiſſimos Duques de Medina Cœli, quando eraõ ſenhores deſta terra, hum Convento da noſſa Ordem com o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria.* He obra muito ſumptuoza toda de pedra, aſſim a Igreja, como o Convento. Suſtenta ſeſſenta Religiozos. Eſtá cercado de tres hortas grandes, proprias da Communidade, e hum pedaço grande de terra de ſemeadura. Pela parte do Sul até aos muros da Cidade tem hum pedaço do meſmo campo todo povoado de larangeiras, e limoeiros com huma fonte no meio junto a huma Ermida intitulada o *Santo Sepulchro.* Eſte ſitio he hoje o paſſeio commum da Cidade pelo muito arvoredo, que tem, além das arvores fructuaes em toda a calçada, que ſerve de eſtrada deſde o Convento até á Cidade, que ſerá meio quarto de legua; tem arvores ſilveſtres, que fazem o ſitio mais deliciozo. Tem na Igreja huma Capella de Noſſa Senhora da Soledade á maõ eſquerda da entrada da porta: he Imagem de muita devoçaõ: todos os Sabbados concorrem os moradores da Cidade, eſpecialmente á hora da Miſſa cantada, que ſe celebra neſta Capella depois de Prima. O meſmo concurſo tem ás ſextas feiras o noſſo Santo Patriarca; cuja Capella eſtá junto á Capella Mór no lado da Epiſtola: e nos Domingos, e dias Santos tem eſta Igreja igual concurſo pela devoçaõ de Noſſa Senhora da Victoria, Titular da Igreja, e pelo exercicio da Ordem Terceira fundada na meſma Igreja. O clauſtro he mageſtozo, e adornado com pinturas todo em roda, aonde eſtaõ pintados os paſſos principaes, e milagres da Vida do noſſo Santo. A ſacriſtia ainda que naõ he muito grande, he muito rica de ornamentos, e mais peças para o culto Divino.

Convento de Triana em Sevilha 1524.

A Cidade de Sevilha fundada em huma planicie, que banha o rio Guadalquivir, tem hum fuburbio da outra banda do rio chamado Triana; he taõ povoado, e extenſo, que bem ſe podia dizer era huma Cidade pequena: todas as margens do Guadalquivir deſde a Cartuxa até ao noſſo Convento, que ſerá boa meia legua, eſtaõ povoadas de cazas, além de outras ruas, que tem no interior: junto á ponte, que he de madeira fundada em onze barcas baſtantemente grandes de largura de quarenta palmos, pouco mais, ou menos, eſtá hum Caſtello, onde rezidem os Senhores Inquizidores em huma nobiliſſima vivenda, e dentro tem o Tribunal, e os carceres. Neſte bairro pois em hum angulo pela parte do Naſcente ſe fundou hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria*, cuja Igreja he mageſtoza, e muito bem ornada. A ſacriſtia he abaſtecida de ornamentos muitos ricos, vazos ſagrados, e de mais peças de ouro, e prata para o culto Divino. O Convento tem dous clauſtros muito grandes com arcos, e columnas de pedra marmore; no primeiro entrando pela portaria, tem hum formozo jardim de murtas, e larangeiras, com huma fonte no meio: e no outro, que he maior todo ladrilhado, e tambem tem huma fonte. Acommoda mais de cem Religiozos, e tem huma cerca muito grande com duas hortas, e pomares, para os quaes tem viſta quazi todas as cellas, e mais de vinte dellas tem jardim particular na meſma cella. Tem hum grande Noviciado, hoje he o unico de toda a Provincia, e huma grande livraria.

Floreceraõ neſte Convento Religiozos de particulares virtudes. Daremos o primeiro lugar ao Veneravel P. Fr. Antonio de los Rios natural da Cidade de Ezija, filho de pais honrados, e de boa vida, com que deraõ ſingulariſſima educaçaõ a ſeu filho, e muito bons

bons exemplos. Profeſſou o ſanto Habito em ſua meſma patria em 21 de Fevereiro de 1564. (1) Foi homem muito douto, e de ſingulares virtudes, eſpecialmente ſe diſtinguio na grande paciencia, com que ſupportou os trabalhos de huma larga enfermidade, na qual por eſpaço de ſinco annos, experimentou intoleraveis dores por todo o corpo; nas quaes dizia a todos, que era grande mercê de Deos ſoffrer dores por ſeu amor. Tambem foi muito devoto do ſacroſanto Sacrificio da Miſſa, de tal ſorte que quando ſe vio impoſſibilitado de a dizer, rogava, que o levaſſem ao Choro para ouvi-la. Teve frequentes lutas com o demonio dentro da ſua cella, aonde lhe aparecia em varias figuras para lhe impedir os ſantos exercicios, em que ſe occupava, e muitas vezes lhe tapava as letras do Breviario com maõs de varios animaes para lhe interromper a reza do Officio Divino. Os vizinhos de ſua cella lhe ouviraõ dizer, naõ poucas vezes, quando lutava com o demonio: *Acaba já, vaite, e deixa-me.* Sahindo hum dia da cella encoſtado a ſeu bordaõ, tomou o demonio a figura de hum gato grande, e dando-lhe hum empurraõ, o fez cahir no chaõ. Deſte ſucceſſo tomou motivo de rizo, naõ obſtante haver ſentido huma grande dor da queda, e vindo por aquella parte do dormitorio, aonde eſtava cahido ſem poder-ſe levantar, o P. Fr. Hieronymo Moreno convaleſcente de huma larga, e graviſſima doença, como o viſſe no chaõ, repetindo o Santiſſimo Nome de JESUS, e ao meſmo tempo rindo-ſe, lhe perguntou, que lhe havia ſuccedido? Sendo eſte P. ſeu intimo amigo, lhe reſpondeu o P. Rios: *Que ha de ſer? eſte maligno quiz fazer zombaria de nós; a mim que eſtou entrevado, me derribou no chaõ, e a vós, fazendo-vos vir por aqui, que naõ podeis ajudar-me a levantar*; por cujo motivo chamaraõ hum Religioso, que o levantou. Em outra occaziaõ intentou o demonio

(1) Montoya l. 4. pag. 300. Morales Epit. da Fundaçaõ da Provincia de Sevilha pag. 525.

monio fazer-lhe perder a paciencia : huma noite juntou copiozos exercitos de formigas , que cruelmente lhe atenazaraõ as juntas dos dedos dos pés , e maõs , e muitás partes do seu corpo , deixando-o em breves instantes cheio de chagas , e derramando sangue. A todo este tormento correspondia este servo de Deos com rizo , e articulando o Santissimo Nome de JESUS. Era já tarde , e como o P. Fr. Hieronymo Moreno seu vizinho da cella ouvisse o rizo , e as palavras do Veneravel P. Rios , acudio logo para lhe perguntar a cauza do seu rizo ; mas vendo a carniceria , que lhe tinhaõ feito no seu corpo as formigas , que ainda perseveravaõ em atormenta-lo , afligio-se ; porque conhecia que naõ lhe podia applicar remedio. Porém o Veneravel P. Rios lhe disse : *Que naõ tivesse pena , e que lhe deitasse a sua bençaõ , e tornasse a seu descanço.* Assim o executou o P. Moreno ; e voltando dahi a pedaço a saber o estado , em que o achava , vio que naõ apparecia huma só formiga , nem na cama , nem na cella , naõ deixando rasto por parte alguma de donde se podésse inferir aonde se sumiraõ. Renovou o P. Moreno o offerecimento de voltar outra vez para o ver naquella noite, lhe respondeu o Veneravel P. Fr. Antonio : *Naõ será precizo* ; *eu seguro , que naõ tornarõ cá estas malditas.* De facto assim succedeu , que naõ appareceraõ mais as taes formigas , deixando-o descançar entre as dores , que costumava padecer. Quando completou os tres annos desta doença, achava-se debilitado de forças por cauza das mesmas dores , que se lhe augmentaraõ com grande excesso. No dia de S. Francisco de Assis considerando neste mesmo tormento , que padecia , rogou a Deos que por intercessaõ do Santo , cuja memoria a Igreja celebrava naquelle dia , se dignasse leva-lo ao eterno descanço : empregou a mesma supplica ao nosso Glorioso Patriarca , para que intercedesse , e orasse por elle para alcançar esta mercê ; ficou adormecido com esta oraçaõ , e teve entre sonhos huma vizaõ , apparecendo-lhe

do-lhe os dous Patriarcas, Menor, e Minimo fallando hum para o outro, e dizendo: *Conſolemos a eſte pobre?* Porém depois voltando-ſe para o doente lhe diſſeraõ: *Ainda te falta muito caminho; porque tuas dores continuaráõ até completar ſinco annos da tua enfermidade, contando deſde o dia, em que principiou.* Acordou do ſomno muito conſolado; porque Deos noſſo Senhor lhe tinha revelado o termo de ſeus dias, e que o meſmo Senhor ſe ſervia dos ſeus trabalhos.

Alguns dias antes de ſua morte, como naõ tinha a lingua expedita, lhe puzeraõ em hum dedo, que era o unico, que lhe havia ficado com ſenſaçaõ, hum guizo atado com huma fita, para que quando quizeſſe alguma couza, déſſe ſignal com o guizo; o meſmo dia de ſua morte, que completava os ſinco annos de ſua doença, pedio a Extrema-Unçaõ, Sacramento, que nunca quiz receber em alguns ataques grandes, que teve no diſcurſo da ſua enfermidade: e aſſim que o ungiraõ expirou. Outros muitos prodigios referem os noſſos Eſcritores deſte Veneravel P.; porém attendendo nós á brevidade deſta obra, e naõ querer fazer maior volume, os omitimos. Morreu com o ſuave cheiro de ſantidade no Convento de Triana em ſete de Setembro de 1613. Depois de enterrado em hum vaõ, que havia debaixo do Altar Mór, no anno de 1691. havendo-ſe rezolvido dar outra figura ao Presbyterio da Capella Mór, como hoje ſe acha, trasladaraõ ſeus oſſos em hum caixaõ forrado, e fechado com chave para a ſacriſtia do meſmo Convento, ſituada no clauſtro delle.

O noſſo Reverendiſſimo P. Fr. Joaõ Ponce de Leon natural da Cidade de Sevilha, foi Lente Jubilado, Qualificador da Suprema Inquiziçaõ. Naſceu pelo mez de Abril de 1587., e morreu em 13 do meſmo mez do anno de 1651. Foi inſigne nas Theologias Eſcolaſticas, Moral, Dogmatica, e Myſtica, muito verſado na Sagrada Eſcriptura, e SS. PP. Sua ſciencia moveu a ElRey Filippe IV. de Heſpanha a nomea-lo ſeu

Pré-

Prégador com exercicio, e o fez Vizitador Geral das livrarias de todo o Reino, cujo cargo ſervio 28 annos, aſſim em Madrid nas juntas da Inquiziçaõ, e do Real Conſelho, já em Oraõ, aonde reduzio hum grande numero da ſeita Mahometana á Fé de Jeſus Chriſto, e já em Perpinhaõ, aonde tambem converteu baſrantes Hereges. Eſtando neſtes ſantos exercicios foi eleito Provincial da Provincia de Sevilha no anno de 1650., de cuja eleiçaõ manifeſtou Sua Mageſtade Catholica grande complacencia, porque mandou, quando ſe havia de reſtituir á Provincia, que em todos os Lugares, Villas, ou Cidades, por donde paſſaſſe o P. Ponce, o recebeſſem como a Principe: gozou pouco tempo o cargo de Provincial, perdendo aquella Provincia hum grande ſujeito eminente em letras, e em virtudes. Eſtá ſepultado na Capella do noſſo Santo Patriarca do Convento de Triana. Devemos advertir, que eſte P. Fr. Joaõ Ponce de Leon he diſtincto daquelle, que morreu em Madrid, de quem falla o P. Montoya na ſua Hiſtoria Chronologica pag. 323.

O P. Fr. Pedro de Aguilar natural de Ezija, Lente Jubilado, Diffinidor, e Vigario Provincial, foi grande Theologo, e de muita virtude, amantiſſimo de Maria Santiſſima, cuja devoçaõ o obrigou a fazer huma Capella dedicada á Senhora do Rozario, ſituada na Igreja do dito Convento, em cujo Altar dizia todos os dias Miſſa. Morreu com cheiro de ſantidade aos oitenta annos no de 1655. Foi ſepultado na meſma Capella de Noſſa Senhora.

O noſſo Reverendiſſimo P. Fr. Chriſtovaõ Salazar natural da Cidade do Porto de Santa Maria, Lente Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal, Provincial da Provincia de Sevilha, e Vigario Geral das Provincias de Heſpanha, ſujeito de muita virtude, obſervantiſſimo do Santo Inſtituto, foi muito charitativo com os pobres. Morreu no Convento de Triana a 3 de Abril de 1665. Eſtá ſepultado na Capella do noſſo Santo Padre do meſmo Convento.

Eſte

Eſte P. Fr. Chriſtovaõ Salazar era tio do P. Fr. Joaõ Salazar, que morreu no Collegio de Sevilha.

O P. Fr. Joaõ Soares natural de Portugal, foi Lente Jubilado, e floreceu pelos annos de 1667. Tambem Eſcritor, mas ſuas obras naõ ſe imprimiraõ. Morreu no Convento de Noſſa Senhora da Victoria de Triana em 1675.

O Irmaõ Fr. Bartholomeu de Paula natural de Galliza, Donado de Profiſſaõ, foi obſervantiſſimo da ſanta Regra, e reſplandeceu na virtude da obediencia, por cujo motivo era chamado de todos Fr. Bartholomeu Obediencia. Occupava-ſe em ir aos peditorios, e tocar os ſinos; para dar cumprimento a eſtas obrigaçoens levantava-ſe depois da meia noite, quando a Communidade ſahia de Matinas, e hia ao Choro, aonde depois de huma aſperiſſima diſciplina, gaſtava o tempo em oraçaõ até tocar os ſinos para os Eſtudantes ſe levantarem ao eſtudo, que era duas horas antes do dia: e voltando ao Choro aonde continuava ſua oraçaõ até ſer manhã. Teve grandes lutas com o demonio, fazendo eſte todas as diligencias para o apartar dos ſeus exercicios. Huma occaziaõ eſtando no Choro em oraçaõ cahiraõ ao meſmo tempo todos os aſſentos das cadeiras delle, que tem duas ordens, e fizeraõ tal eſtrondo, que parecia cahia todo o edificio. Apagava-lhe outras vezes os lampioens do dormitorio, para que naõ tiveſſe aonde tomar luz para levar aos Eſtudantes. Foi-ſe fogindo depois á ſalla Capitular para ter ſua oraçaõ; e neſte lugar tambem ſe vio perſeguido do inimigo com muitas fantaſmas, que lhe punha diante dos olhos, mas elle ſempre perſeverou neſte exercicio da oraçaõ. Morreu em 27 de Setembro de 1691.

O Irmaõ Franciſco Martines, Religiozo Leigo, natural de Valverde del Camino, foi de exemplariſſima, e ſanta vida: fez muitos prodigios, com os quaes igualou aos antecedentes. Deſte Veneravel dizia frequentemente o Veneravel Peres: *Hic eſt verus Iſrae-*

Iſraelita. Eſtá ſeu corpo ſepultado no meſmo Convento.

O Veneravel P. Fr. Diogo Peres natural de Sevilha, e oriundo de Portugal, porque ſeu pai era natural de Monçaõ, foi illuminado, além de outras muitas virtudes. Teve o dom de profecia, e foi grande Director das almas. Morreu neſte ſeculo em 20 de Fevereiro de 1705. Todos ſeus companheiros da meſma eſchola deixaraõ grande fama de ſantidade, cujas memorias referiremos pela ſua ordem.

Fr. Pedro Buçaõ natural de Marchena, que tomou o Habito neſte Convento em 1527. Reliqua vide Montoya livro 4. pag. 284. da Chron.

O P. Fr. Hieronymo Rodrigues Lente Jubilado, Varaõ muito exemplar, todo entregue ás virtudes, e aos exercicios de mortificaçaõ. Morreu em 16 de Dezembro de 1722. no Convento de Triana. Por tradiçaõ ſe dizem muitos prodigios ſuccedidos na ſua enfermidade, e morte. Eſcreveu a vida exterior do Veneravel P. Peres, que naõ ſe deu ao prelo, mas agora temos noticia, que ſe eſtá imprimindo.

O P. Fr. Joaõ Garzia Lente Jubilado, Varaõ obſervantiſſimo, muito mortificado, e totalmente recolhido ao retiro de ſua cella. Neſte Veneravel ſe verificou quanto ſe podia dizer de hum Varaõ muito ſanto. Morreu em 5 de Setembro do anno de 1725. no Convento de Triana, aonde jaz.

Convento de Freiras de Triana 1548.

NO meſmo bairro de Triana temos hum Convento de Religiozas com o titulo de *Noſſa Senhora da Conſolaçaõ.* Tem pouco mais de trinta Religiozas, que vivem exemplarmente.

Colle-

Collegio de Sevilha 1589.

DEntro da Cidade de Sevilha temos hum Collegio com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, ſituado na frente de huma praça chamada la Alameda, por eſtar povoada de arvores ſilveſtres, que fórmaõ tres ruas, nas quaes pelo veraõ vai gozar do freſco toda a gente da Cidade: ſitio deliciozo pelas fontes, que tem no meio da alameda, com cuja agua ſe rega todas as tardes a praça, durante o veraõ, e á noite ſe illumina, alternando concertos de muzica á cuſta do Senado. Neſte ſitio pois eſtá o Collegio entre duas ruas, que ſahem á meſma alameda. A Igreja he muito boa, e bem adornada; concorre muita parte da Cidade, eſpecialmente ás ſextas feiras. O clauſtro do Collegio, ainda que naõ he grande, he todo de arcos ſuſtentado de columnas de pedra marmore: tem huma fonte no meio com abundancia de agua. Tambem á roda do clauſtro eſtá toda a vida do noſſo Santo hiſtoriada com boas pinturas, e huma livraria muito ſufficiente. Suſtenta quarenta Religiozos, incluindo os Lentes, e Collegiaes. Floreceraõ muitos Religiozos de grandes virtudes, e letras, que deraõ muito credito a toda a Religiaõ. Ultimamente falleceu o R. P. Fr. Joaõ de Naxera Varaõ de muita erudiçaõ, e litteratura, ainda naõ ha vinte annos.

O P. Fr. Pedro Vaſquez, que foi Provincial, e pela ſua humildade, e para ter mais lugar no exercicio da ſanta oraçaõ, na qual empregava todo o tempo, renunciou no Capitulo Geral; mas ainda que lhe admittiraõ a renuncia do Provincialato, naõ teve mais remedio que aceitar o cargo de Collega Geral da Naçaõ Heſpanhola; porque ſuas virtudes, que naõ podia occultar, obrigaraõ os Capitulares a colloca-lo neſte cargo, para que toda a Religiaõ tiveſſe que admirar, e imitar ſeu ſanto modo de vida. Naõ conſta aonde morreu.

O P. Fr. Paulo Torrenho natural de Granada na Eſtremadura, Lente Jubilado, Qualificador do ſanto Officio, foi dos maiores ſujeitos, qus teve a Andaluzia naquelle ſeculo, aſſim em litteratura, porque adquirio o nome de douto, como em virtudes, que depois de quarenta annos de Regente dos Eſtudos nó Collegio, o puzeraõ nos cargos de Collega no Geneneralato do Reverendiſſimo P. Ronca, e de Vigario Geral naquella Provincia de Sevilha. Acabados eſtes empregos, continuou no ſeu antigo recolhimento de ſua cella com o continuo eſtudo da obſervancia da Regra. Cheio de annos, e de virtudes morreu na ſua patria, aonde foi mandado pela obediencia, para tratar de huma fundaçaõ de hum Convento, que ſe deſvaneceu pela ſua morte, ſuccedida no anno de 1647.

Deſta meſma terra era natural o P. Fr. Antonio Ximenes, que floreceu pelos annos de 1628. homem muito erudito, que eſcreveu muitos volumes, ainda que naõ ſe lograraõ, excepto o quarto tomo, cujo titulo he *Peritia Curationis Status Religioſi*, aonde tem os indices de toda a obra, além de huma Chronica, que teve a meſma infelicidade de naõ ſe imprimir. Todas as ſuas obras reſpiraõ grandes virtudes, e nos inculcaõ a ſantidade de ſua vida auſtéra, e penitente, em que morreu no Collegio no anno de 1649.

O P. Franciſco Freire natural de Triana, foi de engenho taõ raro, que o clauſtro da Univerſidade de Sevilha lhe alcançou diſpenſa do Papa para o doutorar, e dar-lhe a Cadeira de Eſcritura (porque ſegundo a noſſa Regra nenhum Religiozo deſta Ordem podia tomar o gráo de Doutor; mas agora eſtá eſte ponto diſpenſado por Clemente XII. no anno de 1737. para as Provincias de Heſpanha). Morreu no Collegio de 94 annos em 1666.

O P. Fr. Joaõ Ronquilho natural de Sevilha de familia illuſtre, ſujeito de grande litteratura, Lente Jubilado, Qualificador do ſanto Officio, foi Provincial, e no

e no Capitulo IV. celebrado em Barcelona havendo hido em qualidade de Commiſſo, com o voto da Provincia o quizeraõ fazer Geral da Ordem ; mas como o P. Provincial da meſma Provincia, que era o P. Sebaſtiaõ Vejarano, lho embaraçaſſe, porque naõ era do ſeu goſto, naõ teve effeito. Como o P. Ronquilho tinha hum genio ardente, ſabida a oppoziçaõ do ſeu Provincial, deſde o Capitulo tomou o caminho de Madrid com animo de pertender hum Biſpado, o que teria conſeguido já pelas ſuas prendas, e já pelos muitos amigos, que tinha na Corte ; mas Deos o havia deſtinado para ſer hum Heroe da contemplaçaõ, e hum Meſtre da vida Myſtica.

Eſtando huma noite na ſua hoſpedagem de Madrid para eſcrever ſobre ſua pertençaõ a hum dos ſeus amigos, de repente lhe apagaraõ a luz, vendo elle meſmo huma maõ negra ſobre a vela ; mas perſuadindo-ſe ſer illuzaõ, e naõ realidade, accendeu outra vez a luz, e tornando a tomar a penna para eſcrever vio, clara, e diſtinctamente a maõ, que lhe apagou ſegunda vez a luz. Entendeu que Deos lhe fallava por aquelle modo, dando-lhe a entender naõ ſer ſua vontade o que pertendia. Com eſte dezengano voltou para o Collegio de Sevilha, aonde retirado de todo o governo temporal, ſe dedicou ao do eſpirito, dezapropriando-ſe de tudo, e mudando ſeu genio altivo em manſo, e humilde, de ſorte que todos o deſconheciaõ. Reformou-ſe de tal modo, que ſervia de exemplo a todos, naõ ſó na obſervancia da ſanta Regra, mas tambem nos actos mais humildes, que praticava com exceſſo aos mais. Deſde aquelle tempo ſempre foi o primeiro que entrava, e o ultimo, que ſahia do Choro : nunca deixou de dizer Miſſa, e quando naõ podia dize-la pelos ſeus achaques, pedia ao Prelado que lha mandaſſe dizer na ſua cella. A grande ſeccura, que padecia occazionada da queixa de figado, e de huma exaltaçaõ de cholera continuada, o inclinavaõ tanto ao uſo da agua, que bebendo a quantidade, que lhe dictava

ctava ſua prudencia á proporçaõ dos ardores, que ſentia, ainda naõ podia mitiga-la, tendo ſempre a lingua taõ aſpera, que parecia eſtava forrada de lixa; e para rezar no Choro lhe era precizo tomar na boca bochechas de agua a miudo, porque de outra ſorte naõ podia pronunciar palavra. Levou eſta cruz com tanta rezignaçaõ, que antes de expirar diſſe: *Meus Padres, naõ tenho outra couza, que prezentar no Tribunal Divino, ſenaõ a implacavel ſéde, que toda a vida tenho ſoffrido; que nunca me vi ſatisfeito de agua.* Além de muitos exemplos de humildade, que ſe notaraõ nas ſuas acçoens, deu baſtantes provas, que havia dedicado ſeu coraçaõ ao amor de Deos. No maior rigor do inverno lhe parecia que ſe abrazava, e abria a porta, e janella da cella, e depois com agua gelada pela força do frio, molhava com hum panno o peito para receber algum alivio ſeu coraçaõ inflamado; ſendo teſtemunha deſte facto muitas vezes o P. Fr. Gaſpar dos Reis, que vendo-o praticar eſte banho, lhe diſſe: *No mez de Janeiro banha o peito com agua fria?* ao que reſpondeu: *Deixe-me, Padre, que naõ me cabe o coraçaõ no peito.* Naſcia da continua meditaçaõ, em que gaſtava a maior parte do dia, e da noute, do que reſultou ſer hum grande Meſtre de Myſtica. Deu á luz hum livro intitulado: *Duelo Eſpiritual entre a carne, e o eſpirito*, que imprimio em lingua vulgar, dividido em dous tomos, para proveito das almas, que aſpiraõ á perfeiçaõ. Morreu no meſmo Collegio em 3 de Novembro de 1682. cheio de merecimentos, e de virtudes aos 64 annos de ſua idade.

Convento de Freiras de Sevilha 1593.

NA rua chamada de la Sierpe em Sevilha, temos outro Convento de Religiozas muito recolletas, que edificaõ a Cidade, com o titulo de *Noſſa Senhora da Conſolaçaõ*. Tem de Communidade trinta até quarenta Religiozas.

Con-

Convento de Xeréz de la Frontera 1543.

DUas leguas para o Norte da Cidade do Porto de Santa Maria eſtá a Cidade de Xeréz de la Frontera, muito illuſtre pela ſua antiguidade, e nobreza. Neſta Cidade temos hum Collegio de eſtudos de Theologia, que ſuſtenta quarenta Religiozos. Conſerva-ſe neſte Convento o corpo do Veneravel Fr. Joaõ de Santa Maria Religiozo Donado, que tomou o Habito no Convento de Triana, aonde deu logo moſtras da ſantidade futura. Foi muito penitente uzando das mortificaçoens mais aſperas, que ſe podem imaginar; porque naõ ficando ſatisfeito com as continuas diſciplinas, e cilicios, inventou ontro mais cruel. Fez hum colete ſem mangas, que lhe cobria o corpo até perto dos joelhos de ſolas de çapatos velhos cozidas, e unidas entre ſi com arames, e todas ellas cheias de pregos com as pontas viradas para dentro de ſorte, que ſeu corpo era huma continuada chaga das feridas dos pregos. Com elle viveu, e morreu, ſem que peſſoa alguma ſoubeſſe deſte cilicio até á ſua morte. Seu alimento era paõ, e agua, e algumas hervas; poucas vezes comia algum bocado de peixe por obedecer ao Prelado, que lho mandava comer. Nunca ſe lhe conheceu cama; algumas noutes ſe recolhia em hum vaõ, que havia debaixo da eſcada Conventual, a que elle dava o titulo de cella, aonde morreu, e nella ſe lhe achou hum thezouro de diſciplinas de ferro, de ralos de aço com pontas picantes, e outros generos de cilicios

Além do dom de profecia, teve o de fazer milagres, dando ſaude a muitos enfermos, reſuſcitando mortos; e outros muitos, que obrigaraõ a toda a Cidade, eſpecialmente os Conegos da Collegiada, e o Senado a ſupplicar ao P. Provincial, mandaſſe formar proceſſo deſtes factos, e da virtuoza vida deſte Veneravel Religiozo. O que ſe fez naõ ſó por parte da

Religiaõ, mas tambem pelo Ordinario, que naquelle tempo era Arcebiſpo de Sevilha o Eminentiſſimo Senhor Cardial Dom Fernando Ninho de Guevara, que deu ſua commiſſaõ a ſeu Vigario Geral naquella Cidade Dom Alonſo Cavalheiro, depondo neſtes proceſſos os ſujeitos mais qualificados da terra. Foi muito devoto da Paixaõ, e morte do Redemptor, ſendo eſtes Myſterios os aſſumptos da ſua continuada oraçaõ: diſtribuia eſtes pelos dias da ſemana de ſorte, que nos Domingos lhe tocava o Paſſo, em que os Judeos coroando de eſpinhos ao noſſo Bom Jeſus, lhe veſtiraõ huma purpura velha, e Pilatos o manifeſtou ao povo: ſeguindo eſta ſerie todos os annos com licença do Prelado fazia huma feſta na Dominga quinta de Quareſma com a ſolemnidade poſſivel. A eſte fim fez huma Capella com o titulo de *Noſſa Senhora de Belem*, juntando eſmolas para edifica-la, que he muito precioza. Era precizo hum livro para referir ſua vida, mas a brevidade, que dezejamos ſeguir neſta obra, naõ dá mais lugar. Tambem o Veneravel P. Alonſo de Madrid, vide Montoya pag. 312. do l. 4.

O P, Fr. Fernando Miraval natural deſta meſma Cidade, de familia illuſtre, Lente Jubilado, Qualificador do ſanto Officio, inſigne Theologo, e de vaſta erudiçaõ: eſcreveu muitas obras. Morreu no primeiro de Dezembro de 1661.

Convento de Freiras de Xerez 1524.

DEbaixo do titulo de *Jeſus Maria* ſe fundou outro Convento de Religiozas Minimas, que florecem em grande virtude. Tem quarenta Religiozas de Communidade.

Convento de Arabal 1546.

SEte leguas diſtante de Sevilha, na Villa de Arabal fundaraõ hum Convento com o titulo de *Noſſa Se-*

Senhora de la Victoria os Excellentiſſimos Senhores Conde ds Vrenha Dom Joaõ Telles Giron, e D. Maria de la Cueva, no dia da Aſcençaõ do anno de 1546. Tem eſte Convento muitas fazendas de vinhas, olivaes, e terras de paõ, com que ſuſtenta quarenta Religiozos, e huma Cadeira de Filozofia naõ ſó para os Religiozos, mas tambem para os da Villa, que querem eſtudar.

Convento de la Puebla de Caſſalha 1555.

FOi grande a devoçaõ dos Excellentiſſimos Condes de Vrenha para com o noſſo Santo: e ainda que naõ tiveſſem dado muitas provas della nos muitos Conventos, que fundaraõ nos ſeus Eſtados, baſtava a fundaçaõ deſte para qualificar a devoçaõ de Suas Excellencias. Mandou o Conde Dom Joaõ conſtruir hum Convento a fundamentis na Villa de la Puebla com todas as officinas precizas a huma Communidade de Religiozos, pondo dentro das cellas todo o neceſſario, atê candieiros com azeite, e torcidas, ſem dar a ſaber a peſſoa alguma para qual das Religioens mandava preparar aquelle Convento; adornou a Igreja com muito aceio, e riqueza, mandando depozitar na Sacriſtia ornamentos ordinarios, e ricos para os dias feſtivos, a maior parte delles de tiço, calices, cuſtodia, e de mais peças de prata quantas eraõ precizas para o culto Divino. Depois que eſtava tudo prompto, e cada couza collocada em ſeu lugar, mandou chamar a ſua caza ao P. Provincial dos Minimos, rogando-lhe, que tiveſſe a bondade de ir a ſua caza (rezidia o Conde em Oſſuna, e o Provincial em outra parte, porque ainda naõ eſtava fundado o Convento de Oſſuna) acompanhado de alguns Religiozos graves da ſua Ordem. Chegaraõ a prezença do Conde os Religiozos, que recebeu com grande alegria, e immediatamente diſſe ao P. Provincial Fr. Alonſo de Aguila: *Eu tenho feito hum Convento na minha Villa de la Puebla de Caſſalha para S. Fran-*

ciſco de Paula: *V. Paternidade*, *P. Provincial*, *o acceite em ſeu nome*, *e o mande povoar de Religiozos.* E logo voltando-ſe para ſeus filhos D. Pedro Giron, e D. Magdalena lhes diſſe: *Partamos daqui*, *meus filhos*, *com eſtes Padres*, *para dar-lhes eſta eſmola temporal*, *pois elles ſempre rogaõ a Deos por nós.* Foraõ todos juntos á la Puebla, que diſta duas leguas de Oſſuna, o primeiro dia de Fevereiro, e lhes entregou o Convento, e ſuas Excellencias ſerviraõ á meza no Refeitorio áquelles Religiozos com muita devoçaõ, e piedade. Com a meſma ordenáraõ, que no outro dia, em que a Igreja celebra a Purificaçaõ da Senhora, ſe fizeſſe huma Prociſſaõ ſolemne, e tiveraõ goſto que o Titular da Igreja foſſe *Noſſa Senhora das Candeias.* Suſtenta eſte Convento vinte Religiozos. Floreceu nelle o P. Fr. Luiz de Eſpinoza, natural de Conſtantina: foi dos primeiros Religiozos, que o fundáraõ. Reſplandeceu em muitas virtudes, eſpecialmente na obediencia, de ſorte, que depois de morto havendo ficado com os olhos abertos, e naõ lhos podendo fechar, o Prelado lhe mandou em virtude de ſanta obediencia que os fechaſſe, e logo ſe lhe viraõ os olhos fechados. Morreu neſte Convento naõ ſe ſabe o anno.

Convento de Aznalcazar 1558.

NA Villa de Aznalcazar, ſinco leguas de Sevilha, ſe fundou outro com o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria.* Era eſte Convento muito bom, ainda que pequeno; hoje eſtá atrazado pelas perdas, que teve nas fazendas. Suſtenta poucos Religiozos.

Convento de Utrera 1561.

MEia legua diſtante da Villa de Utrera pela parte do Norte, entre os olivaes, que hoje alguns ſaõ do Convento, e outros de particulares, e em huma

ma Ermida dedicada a Noſſa Senhora da Conſolaçaõ, Imagem muita milagroza, aſſim nos tempos prezentes, como nos antigos, deſde que teve culto neſte ſitio, (cuja Hiſtoria omittimos por ſer dilatada; que neceſſitava fazer hum livro para a referir) fundaraõ os noſſos Religiozos hum Convento, que acommóda mais de ſeſſenta Religiozos, além do Noviciado, que até agora poucos annos há deixou de ter uzo por tomarem a rezoluçaõ, que naõ houveſſe mais que o do Convento de Triana em toda a Provincia. A Igreja he muito grande, e os altares muito bem ornados. Todos os annos ſe faz huma feira de oito dias, que principia na veſpera da Natividade da Senhora a ſete de Setembro, e por eſte motivo, e mais pela devoçaõ da Senhora, concorre muita gente naõ ſó do Reino, mas tambem vai hum Cirio de Alemtejo, que ſahe da Villa de Serpa todos os annos. Eſtá ſituado eſte Convento ao Nordeſte de Sevilha, e ſeis leguas de diſtancia. Floreceraõ neſte Convento de Solitarios muitos Religiozos, que com ſuas virtudes illuſtráraõ eſte Clauſtro, e toda a Religiaõ. Entre muitos delles devo nomear o Padre Fr. Alonſo de Santo Agoſtinho, Varaõ muito humilde, e caritativo, que ſendo Prelado Local, e o foi muitas vezes, logo que ſahia do Choro hia á Cozinha para ajudar o Cozinheiro: e dizendo-lhe os Religiozos, que naõ convinha á authoridade de Corrector ajudar ao Cozinheiro, e Diſpenſeiro no aceio do Refeitorio, e guizar a comida, reſpondia, que a hum pai naõ eſtá mal dar de comer a ſeus filhos; e já que era pai queria, que ſeus filhos comeſſem a comida guizada pelas ſuas maõs: e com eſta reſpoſta occultava a virtude da humildade, que exercitava naquelles actos. Na veſpera da ſua morte eſteve ás Matinas, e no outro dia diſſe Miſſa; recolhendo-ſe para a ſua Ceila mandou pedir a Santa Unçaõ; e logo que recebeo eſte Sacramento ficou morto, cheio de virtudes, e annos; porque falleceo na ultime velhice.

O P. Fr. N. Suares, Varaõ perfeitamente Apoſtolico, Meſtre conſummado nos exercicios das virtudes, de ſorte, que quantos o tratavaõ ſe faziaõ ſeus imitadores. Naõ havia inſtante algum, em que o naõ achaſſem ou no Choro, ou na Cella em oraçaõ. Sempre trazia ſeu corpo cheio de chagas occazionadas dos cilicios, e diſciplinas aſperiſſimas. Era taõ puro, e candido de eſpirito, que he commua tradiçaõ, que muitas vezes o viraõ fallar com as aves, as quais, pondo elle huns graõs de trigo, ou migalhas de paõ na palma da maõ, acudiaõ todas a comer ſobre a maõ do Veneravel Padre Suares, obedecendo a ſeu chamado: algumas vezes as reprehendia por adiantar-ſe alguma dellas a querer comer mais que as outras, e mandava enfadado, que ſe foſſe, o que fazia logo ſem demora. Se alguma vez ſuccedia brigarem humas com as outras, as accomodava pacificando-as: e quando lhe parecia, lhes deitava ſua benção dizendo-lhes: *Ora, minhas irmãs, em caridade, e em nome da Santiſſima Trindade, Padre, Filho, e Eſpirito Santo, ide-vos em paz.* As mais das vezes goſtando de ouvir cantar eſtes animaes, depois de dar-lhes ſua refeiçaõ lhes dizia: *Ora, irmãs, vamos louvar a Deos; demos-lhe graças pelo beneficio, que nos fez de havernos dado de comer.* Era couza maravilhoza! Immediatamente cada qual procurava ſitio dentro da Cella do Veneravel Padre Suares, e entravaõ a cantar com grande melodia, e o Padre Suares ao compáſſo deſta muſica em tom baixo acompanhava o canto com Hymnos, e Pſalmos. Succedia iſto duas vezes no dia, iſto he, pela manhãa, e pela tarde, e durava eſte exercicio pelo eſpaço de huma hora, cada vez que ſuccedia, como foi obſervado pelos Religioſos do Convento de Utrera, aonde foi ſempre conventual eſte Veneravel Padre, indo a ouvir, e vêr á porta da ſua Cella.

Ainda que antecedentemente pela ſua grande humildade eſtavaõ occultas ſuas virtudes, foi depois acclamado por Santo, e venerado de todos por ſe lhe conhe-

conhecer hum eſpirito de profecia, cujo dom ſe verificou em muitas occazioens, porém com eſpecialidade em hum cazo, que aqui referiremos. Vivia no meſmo Convento de noſſa Senhora de Utrera o Reverendiſſimo P. Fr. Joaõ Paſtor e Reyna, Lente Jubilado, Qualificador do Santo Officio, e Prégador da Mageſtade Catholica o Senhor Filippe III. Sendo eſte Padre muito intimo amigo do Veneravel Padre Suares, e fazendo-ſe-lhe preciſo paſſar á Corte de Madrid, para cumprir com a obrigaçaõ de Prégador de Sua Mageſtade, foiſe deſpedir deſte Veneravel, manifeſtando-lhe o grande ſentimento, que lhe cauzava eſta jornada, por auzentar-ſe da ſua Provincia; e o mais, que penetrava ſeu coraçaõ, era deixar a eſtimavel companhia deſte ſeu grande amigo. Supplicou-lhe com todas as forças, que naõ ſe eſqueceſſe de encomendalo a Deos, lhe deſſe acerto nos ſeus Sermoens, para que a Mageſtade da terra naõ ficaſſe deſagradada, e a Divina bem ſervida. O Padre Suares eſteve ouvindo com attençaõ, quanto o Padre Paſtor lhe pedia, e lhe reſpondeo com eſtas palavras: *Vá V. P. com Deos, faça boa jornada, naõ tome ſentimento algum; mas ſim conforme-ſe com a vontade de Deos, que aſſim o determina para ſeu ſanto ſerviço, e credito do ſanto Habito; pois ſerá V. P. Biſpo, e ha de prégar nas minhas exequias.* Fez o P. Paſtor ſua jornada a Madrid, aonde teve grande acceitaçaõ aſſim de ElRei Filippe III, como de toda a grandeza: e ſeguindo-ſe no governo da Monarquia o Senhor Filippe IV. por morte de ſeu pai, as grandes virtudes, e letras do Padre Paſtor obrigaraõ a eſte Rei a premialo com o Biſpado de Cotrone no Reino de Napoles. Em virtude deſta nomeaçaõ ſagrouſe o Padre Paſtor na Corte de Madrid, e antes de ir ao ſeu Biſpado, como era filho da Villa de Utrera, quiz hir deſpedirſe em primeiro lugar do ſeu Convento, aonde ſe venéra a milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Conſolaçaõ; e tambem dos ſeus parentes. Chegando

perto do Convento, que fica fóra dos muros da Villa de Utrera, e junto da eſtrada, que vem de Madrid, ouvio dobrar os ſinos, e perguntando a cauſa, logo que ſe apeou na Portaria, lhe reſponderaõ; que naquelle inſtante acabava de expirar o Padre Suares: com eſta noticia reſpondeo o Biſpo: *Eu prégo á manhãa.* Aſſim ſuccedeo, porque no dia ſeguinte ſubio eſte Prelado ao pulpito, aonde publicou as grandes virtudes, que elle teſtimunhára no ſeu intimo amigo o P. Suares. Entre outras, que ponderou, foi o dom de profecia, referindo eſte ſucceſſo entre outros para a comprovar. Foi o concurſo de todos os moradores da Villa de Utrera, e de ſuas vizinhanças, que inſtavaõ a que naõ ſe lhe deſſe ſepultura taõ cedo, naõ obſtante eſtar expoſto alguns dias o corpo: e certamente ſe conſeguiria eſta pertençaõ do pôvo, ſe naõ eſtiveſſe preſente o ſenhor Biſpo, que celebrou os Officios do funeral para ſeguir ſua jornada a Italia, e tomar conta das ſuas Ovelhas, que o eſtavaõ eſperando com impaciencia. Eſte Senhor Biſpo, paſſados alguns annos, foi nomeado Cardial; mas ſua morte, que foi em 1680, lhe embaraçou veſtir a Purpura, deixando a ſeus Diocezanos huma grande ſaudade.

O N. P. Fr. Joaõ Alfaro, natural da Villa de Huelva, Lente Jubilado, Examinador Synodal do Arcebiſpado de Sevilha, foi ſugeito de grande literatura, e de naõ vulgares virtudes. Era venerado de todos, e reputado como oraculo de prudencia. Morreo em 1657. no Convento de noſſa Senhora da Conſolaçaõ de Utrera.

O P. N. Palomas tomou o Habito no Convento de Utrera: e era natural do Reino de Granada; deſde Noviço deu moſtra das relevantes virtudes, que encerrava ſua alma. Depois de acabados ſeus eſtudos, que fez em outros Conventos, logo que ſe ordenou de Sacerdote, voltou ao de Utrera, aonde continuou toda a ſua vida com grande retiro. Ainda moço o fizeraõ Meſtre de Noviços, de ſorte, que os que tiveraõ

o anno

o anno da approvaçaõ debaixo da ſua diſciplina, ſe diſtinguiaõ dos mais de outros Noviciados. Foi grande Director de almas, havendo-lhe dado Deos particular eſpirito para eſte effeito. Na caridade, e amor ao proximo ſe diſtinguio com heroicidade; e levado deſte zelo pedio licença aos Prelados para aſſiſtir aos enfermos no anno de 1685, quando padeceo a Villa de Utrera, e quaſi todo o Reino de Sevilha hum grande contagio, ou péſte, até acabar a vida com a meſma doença, exercitando ſempre todos os actos pios, e de caridade, já adminiſtrando os Sacramentos, já carregando ás coſtas os moribundos para o Hoſpital, e os mortos para a ſepultura, ſem ſe poupar a trabalho algum, ſendo de poucas forças, e de idade muito avançada.

O P. Fr. Diogo Pantoja, filho da Cidade de Ezija, em cujo Convento profeſſou no anno de 1573, foi varaõ inſigne aſſim em literatura, como em virtudes; Apoſtolico nos ſeus Sermoens, os quaes de ordinario prégava nas praças. Seguio huma vida muito penitente, trazendo ſempre hum aſperiſſimo cilicio. Conſeguio, que a obediencia o deſtinaſſe conventual no Convento de noſſa Senhora da Conſolaçaõ, aonde ſe conſiderava muito ditozo pelo grande dezejo, que tinha de morrer ſolitario. Quando rezava o Officio Divino, e dizia Miſſa, que quaſi ſempre era no altar da meſma Senhora, ficava em extaſis por muito tempo. Converteo muitas almas com ſeus Sermoens, nos quaes era incançavel. Era muito devoto de Maria Santiſſima, por cuja cauſa obteve licença dos Prelados para prégar ſempre com o Rozario na maõ; e ſempre que ſubia ao Pulpito referia algum milagre obrado por interceſſaõ de Maria Santiſſima. Na ſua ultima enfermidade prediſſe a hora em que havia de expirar, por cujo motivo, chegado o dia, pedio ao P. Corrector, e á Communidade, que eſtavaõ preſentes, que lhe entoaſſem o Credo, o qual elle tambem acompanhou ſeguindo hum dos chóros: e quando che-

gáraõ

gáraõ ás palavras: *Et vitam venturi ſæculi. Amen*; expirou. Ficou ſeu corpo flexivel, ſeu aſpecto veneravel, e formoſo. Divulgada ſua morte, concorreo todo o pôvo a beijarlhe as mãos, e os pés, e outros lhe cortavaõ pedaços do habito. Entre eſte concurſo foi hum homem mercador de naçaõ Portuguez, eſtabelecido neſta Villa de Utrera, baſtantemente uzurario nos ſeus negocios, e depois de pôr os olhos no roſtro do Veneravel Padre, que eſtava expoſto, ficando ſuſpenſo hum pouco de tempo diſſe: *Ai! que eſte Padre me eſtá prégando mais agora depois de morto, que quando vivo.* Sahio da Igreja banhado em lagrimas, e logo tratou de fazer huma confiſſaõ geral, á qual ſe ſeguio a reſtituiçaõ do alheio, e huma total mudança de vida com edificaçaõ de todos. Morreo eſte Veneravel Padre aos 75 annos de ſua idade, e ſepultou-ſe no mencionado Convento de noſſa Senhora da Conſolaçaõ.

O Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Padre D. Fr. Joaõ Paſtor, natural da Villa de Utrera, foi hum dos mais celebres Prégadores daquelle ſeculo, por cujo motivo ElRei Filippe IV. o premiou com o Biſpado de Cotrone no Reino de Napoles, aonde dando mais a conhecer ſuas virtudes, e zelo das almas, foi nomeado Cardial, mas a morte lhe embaraçou veſtir a Purpura. Em quanto naõ teve a honra de ſer Biſpo, e em todo o tempo, que exercitou o emprego de Prégador de Sua Mageſtade Catholica, o meſmo Senhor lhe fez mercê de huma penſaõ de quatrocentos ducados ſobre a Mitra de Cadiz.

Convento de Conil 1567.

NO Biſpado de Cadiz, para a parte do Eſtreito de Gibraltar, o Excellentiſſimo Senhor Dom Affonſo Peres de Guſmaõ el Bueno, Duque de Medina Sidonia, fundou hum Convento da noſſa Ordem em Conil, Villa dos ſeus Eſtados, ſituada na praia daquelles

quelles mares. O Titulo delle he *Noſſa Senhora aas Virtudes*. Deo eſte Senhor, álém do Convento, muitas terras, e vinhas, com que ſuſtenta perto de trinta Religioſos. Foi eſte o primeiro Convento, que fundou nos ſeus Eſtados. Floreceu neſte Convento o P. Fr. Antonio Clavijo, varaõ de notorias virtudes, de vida exemplar, ſingular caridade, fé elevada, e ſumma prudencia, com que ſe fazia amavel de todos. Morreo no anno de 1706.

Convento de Almonte 1568.

NO Biſpado de Sevilha, na Villa de Almonte ſe fundou hum Convento por Dom Pedro de Gaona Conego da Sé de Sevilha, que, recolhendo-ſe a viver ſantamente no Clauſtro, deixou todos ſeus bens á Religiaõ para edificar eſte Convento, que ſuſtenta dezaſſeis Religiozos.

Convento de Alcalá de los Ganzules 1580.

AInda que naõ ſabemos o anno certo da fundaçaõ deſte Convento, pareceme, que poucos annos depois do antecedente ſe fundaria eſte pelo Excellentiſſimo Duque de Alcalá Dom Fernando Henriques de Ribera, que dotou para ſuſtento de vinte Religiozos.

Convento de Ximena 1583.

NOs Eſtados dos Duques de Medina Sidonia na Villa de Ximena, ſe fundou hum Convento, com o titulo da *Senhora Santa Anna*, que ſuſtenta vinte Religiozos.

Convento de Medina Sidonia 1579.

O Excellentiſſimo Dom Alonſo Peres de Guſmaõ, primeiro Duque de Titulo deſta Cidade de Medina Sidonia, fundou nella hum Convento da noſſa Ordem com o titulo de *S. Sebaſtiaõ*, dandolhe renda para ſuſtentar vinte Religiozos, que agora eſtá mais augmentada com huma Cadeira de Filozofia.

Convento de Moron 1584.

DEbaixo do meſmo titulo de *S. Sebaſtiaõ* fundou outro Convento o Excellentiſſimo Duque de Oſſuna na Villa de Moron, que pertence ao ſeu Ducado, dando-lhe fundo baſtante para ſuſtentar trinta Religiozos. Hoje eſtá mais augmentado de renda, porque tem comprado mais fazendas.

Convento de Huelva 1588.

NA Villa de Huelva, ou Guelva, terra ſugeita á caza de Medina Sidonia, ſituada na foz dos dois rios, a ſaber, Rio Tinto, e o Rio Odier, que àmbos deſembocaõ no Mar Occeano, ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem, que ſuſtenta perto de trinta Religiozos.

Convento de S. Lucar de Barrameda 1599.

EM S. Lucar de Barrameda, Cidade ſujeita aos Excellentiſſimos Duques de Medina Sidonia, ſituada na foz do Rio Guadalquivir, que a pouca diſtancia deſagua no Mar Occeano, fundaraõ Suas Excellencias hum Convento junto a ſeu Palacio, em humas cazas proprias delles ſuſtentando os noſſos Religiozos como Capellaens da Caza. Porém depois de alguns annos, lhes mandou fazer outro magnifico junto

to á praia, que goza da viſta do mar por hum lado, e da melhor da Cidade pela parte da terra, porque eſtá junto á Alfandega na Praça, e tem viſta de outra rua muito principal. He Convento muito rico, que póde ſuſtentar mais de quarenta Religiozos. Floreceraõ neſte Convento os Varoens ſeguintes.

O P. Fr. Pedro Sigler Umbria, Provincial, que foi da Provincia de Sevilha, foi ſujeito de grande literatura, e naõ de menos virtude; eſcreveo ſobre a Conceiçaõ Immaculada; renunciou os cargos de Provincial, e Vigario Geral das duas Provincias de Granada, e Sevilha ſó para gozar do retiro de ſua Cella, aonde morreu cheio de merecimentos na Cidade de S. Lucar de Barrameda no anno de 1638.

No meſmo Convento, floreceo o P. Fr. Marcos Bernal, natural da Cidade de Medina Sidonia, de genio muito amavel, e de grande erudiçaõ; por cujos motivos foi eleito Provincial no anno de 1638, e governando ſeus ſubditos com muitos exemplos de virtude, morreo neſte Convento no anno de 1643.

Provincia de Lombardia.

DUas vezes foi dividida eſta Provincia: no anno de 1581. ſe ſeparou da Toſcana, e a ſegunda vez no anno de 1602 ſeparouſe da Provincia de Genova, pelas illuſtres Cidades, que contém no ſeu recinto. Tivéraõ eſtas terras o titulo de Lombardia pelo Capitaõ Albino, quando com os Póvos de Germania, deixando o Occeano, e a ſua natural habitaçaõ, entraraõ pela Italia a ſenhorearſe deſtas inſignes Cidades. Depois de duzentos annos, foraõ lançados por Carlos Magno. Ultimamente, foi dividida em duas, ſahindo deſta Provincia de Lombardia a Provincia de Milaõ.

Convento de Bolonha 1529.

O Summo Pontifice Clemente VII. deu á noſſa Religiaõ hum Convento, e Igreja dedicada ao Senhor *S. Bento* no anno de 1529; e o Papa S. Pio V. no anno de 1565 a fez Paroquia, porque havia hum grande numero de vizinhança naquelle diſtricto, e na Igreja eſtava incluida huma Capella, que antigamente ſervia de Freguezia. A Igreja eſtá maravilhoza pela ſua fabrica, e naõ menos o Convento, que ſuſtenta mais de quarenta Religiozos. Tem florecido grandes ſujeitos em literatura, que deixáraõ nome na Univerſidade, que tem eſta Cidade Archiepiſcopal. Tem eſte Convento Cadeiras de Filozofia, e de Theologias, em cujas Faculdades tem produzido bons Eſtudantes. Entre os Varoens, que illuſtraraõ eſte Convento com ſuas virtudes, devemos nomear o P. Fr. Hieronymo Contreras, que governou por tres vezes eſte Convento, e depois ſe recolheo a Heſpanha ſem querer acceitar mais cargo algum na Religiaõ; morreo em hum Convento de recolleyçaõ. O P. Fr. Franciſco Samblazio Longo, Varaõ Apoſtolico nos ſeus Sermoens por toda a Italia, que corria as terras no exercicio da vida Evangelica. E o P. Fr. André Franquizi, que muitos annos ſe occupou no miniſterio de Paroco, exercitando eſte officio com huma caridade rara para com os pobres; que todos recebiaõ da ſua maõ naõ ſó os ſoccorros eſpirituaes, mas tambem os temporaes. Morreo em opiniaõ de Santo, e por eſta cauza o depoſitaraõ em ſepulcro eſpecial.

Convento de Ferrara 1535.

O Sereniſſimo Duque de Ferrara, e hoje de Modena D. Alonſo de Eſte, nos deu poſſe deſte Convento, que tinha ſido já dos Eremitas de Santo Agoſtinho, no dia 3. de Maio, em que a Igreja celebra a In-

Invençaõ da Santa Cruz, cujo titulo tem tambem o meſmo Convento. He dos mais bem acabados, que tem a Cidade com huma ciſterna no meio do Clauſtro, das melhores da Italia. Suſtenta mais de quarenta Religiozos. He caza de eſtudos, em que aproveitaõ muito os noſſos Collegiaes. Tem muitas Reliquias, entre ellas hum habito do Santo, e huma das velas, que elle meſmo repartio aos Soldados, que foraõ a livrar Otranto dos Turcos, como já referimos na Hiſtoria. A Igreja eſtá adornada de excellentes pinturas, eſpecialmente o retrato do noſſo Santo copiado do original, que ſe fez em França, e toda a ſua vida que eſtá diſtribuida em paineis pelos Clauſtros.

Convento de Parma 1574.

NEſta Cidade ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem com licença, e eſmolas do Sereniſſimo Duque de Parma, o Senhor Ottavio Farnezio, dandonos huma Igreja dedicada a *S. Joaõ Baptiſta*, que era da Religiaõ de Malta. Eſte Convento, ainda que naõ muito grande, he baſtantemente cõmodo, e ſuſtenta vinte Religiozos.

Convento de Placencia 1584.

EM huma Ermida dedicada á *Santiſſima Trindade*, que era Priorado, e tinha o titulo de Paroquia, de que junto com humas cazas miſticas fez doaçaõ aos noſſos Religiozos o Illuſtriſſimo Guilherme Fulgozio; nos fundou hum magnifico Convento, e Igreja muito primoroſa o Sereniſſimo Duque de Parma noſſo bemfeitor, debaixo do meſmo Titulo da *Santiſſima Trindade*, que ſuſtenta trinta Religiozos. As Reliquias, que conſerva eſta Igreja, álém de ſerem muitas, ſaõ todas de eſtimaçaõ pela ſua raridade, ſegundo afirma Montoya.

Montoya. (1) Obra Deos neſta Igreja innumeraveis milagres pelos merecimentos de noſſo Padre Saõ Franciſco de Paula. Floreceraõ neſte Santuario, que aſſim o devo chamar, porque tem criado ſempre Varoens illuſtres, o P. Fr. Julio de Paula, que foi Provincial deſta Provincia, obſervantiſſimo da Regra, que a reſtituio á ſua primeira pureza, deſviando dos Clauſtros ainda as faltas mais miudas. O P. Fr. Arſenio Raudo, natural de Milaõ, Varaõ amado de Deos, e dos homens pelos ſeus edificativos coſtumes, continua oraçaõ, e incançavel caridade, que com fama publica, e veneraçaõ de Santo morreo neſte Convento no mez de Dezembro de 1599. O P. Fr. Antonio da Grotola, natural da Pulha. O P. Fr. Iſidoro de Mayda, e outros muitos.

Convento de Cotigori 1588.

DEbaixo da invocaçaõ de *Noſſa Senhora do Rozario* ſe fundou eſte Convento neſte lugar chamado Cotigori, dando o ſitio o Senhor Camillo Solegate, no Ducado de Ferrara, Biſpado de Comachio. Suſtenta dezaſeis Religiozos.

Convento de Modena 1588.

OS Duque de Modena, da familia de Eſte, fundaraõ eſte Convento em huma Igreja dedicada ao Apoſtolo *S. Barnabé*, que era Paroquia, conſervando o titulo, e com obrigaçaõ de adminiſtrarmos os Sacramentos, e prégarmos ao pôvo como Parocos della. Suſtenta doze Religiozos.

Convento de Mantua 1595.

OS Senhores Duques de Mantua Vicencio Gonzaga, ſua mãi a Senhora Dona Leonor de Auſtria, e ſua

(1) Montoya l. 3. pag. 197.

e ſua mulher a Senhora D. Leonor de Medicis fundaraõ eſte Convento muito bom, que ſuſtenta dezaſſeis Religiozos. Naõ ſabemos ſeu titulo; porém prezumo ſerá dedicado ao noſſo Santo pela muita devoçaõ, que eſtes Senhores lhe tiveraõ.

Convento de Bagnuolo 1603.

NA Diocezis de Regio, e no lugar chamado Bagnuolo, fundou hum Convento de noſſa Ordem o Excellentiſſimo Duque de Novara com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, aonde ſe mandou enterrar, dando copiozas rendas para ſuſtentar doze Religiozos.

Convento de Forli 1611.

DEſte Convento naõ temos mais noticia, ſenaõ a que dá o Padre Pizzurno no Catalogo dos Conventos, que ſuppoem telo aceitado o Capitulo Geral celebrado em 1611.

A meſma ignorancia temos dos Conventos ſeguintes.

Convento de Final 1535.

CONvento de Regio, deve ſer outro Regio, diſtincto do que já referimos na Provincia de Apulha; pois dá ſua fundaçaõ em 1697.

Provincia de Malhorca.

NO Mar Mediterraneo perto da coſta da Heſpanha, pelo lado do Oriente eſtaõ duas ilhas, que os antigos chamáraõ Baleares, hoje conhecidas por Malhorca, e Menorca. A primeira, que ſempre eſteve ſujeita á Coroa de Aragaõ, he muito povoada de

gente pia, e devota, e muito fertil de todo o genero de gado, vinho, azeite, e trigo. Por eſtes motivos naõ foi difficultozo aos noſſos Religiozos, que moravaõ na Provincia de Valença, e Barcelona antes da divizaõ, procurar introduzir-ſe neſte Reino de Malhorca, como veremos nas fundaçoens dos Conventos, que compoem eſta Provincia.

Convento de Malhorca 1599.

ESta Ilha toma o nome, ou o dá á Cidade principal della, aonde aſſiſte o Governador, ou Vice-Rei, e o Biſpo tem ſua Sé. Neſta Cidade aſſiſtiaõ já os noſſos Religiozos com a idéa de fundar, quando Pedro Lhebrés, homem de negocio muito rico, experimentou o milagre de livrar ſua náo das mãos dos Mouros, como referimos nos milagres poſthumos do noſſo Santo. Fundou eſte Convento no melhor da Cidade, com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, e ſuſtenta quarenta Religiozos.

Convento de N. Senhora da Soledade 1584.

PErſuadome, que eſte Convento foi o primeiro, que ſe fundou neſta Ilha; porque o P. Pizzurno no Catalogo poem ſua aceitaçaõ no anno de 1684. Eſtá ſituado eſte Convento fóra da porta da Cidade a diſtancia de dois mil paſſos, com o titulo de *Noſſa Senhora da Soledade*. He Convento pequeno, que naõ ſuſtenta mais que doze Religiozos.

Convento de Campos 1599.

CInco leguas diſtante de Malhorca, na Villa de Campos, ſe fundou outro Convento, com o titulo de *S. Franciſco de Paula*. Tambem he Convento pequeno; e ſuſtenta doze Religiozos.

Con-

Convento de Muro 1599.

PElos meſmos annos ſe fundou outro na Villa de Muro, com o titulo de *Santa Anna*, e naõ ſabemos mais particularidades.

Outro Convento achamos no Catalogo fundado em 1667.

Provincia de Loreto.

DEſde o monte Apennino até ao Mar Adriatico ſe extende hum pedaço de terra, que os antigos chamaraõ Piceno, e hoje Marca d'Ancona, ſituada entre dois rios caudalozos. He terra muito fertil, de clima muito benigno, e conta algumas Cidades populozas. Neſtas terras, que incluem a Cidade de Loreto, de donde tomou o nome a Provincia, eſtaõ fundados os Conventos, que a compoem, tomando alguma parte do Abruzzo.

Convento de Ancona 1594.

NEſta Cidade Epiſcopal, celebre por ſeu porto, que mandou fazer o Emperador Trajano, ſe fundou hum Convento de noſſa Ordem na Igreja Parroquial dedicada a *S. Priamo*, aonde eſtá depoſitado o corpo do meſmo Santo em huma caxa de pedra marmore, que tem eſte letreiro: *Hic jacet corpus Beati Priami Epiſcopi, & Martyris, qui fuit Græcus.* Antigamente eſtava na Sacriſtia; trasladouſe para debaixo do Altar mór, quando ſe fez a Igreja nova, pondo a caxa de pedra dentro de outra, que tem tres chaves, das quaes huma tem o Biſpo, outra o Magiſtrado, e outra o Padre Corrector do Convento. Suſtenta eſte perto de trinta Religiozos.

Convento de Pezaro 1598.

JUnto ao rio Pezaro, que banha os ferteis campos da Umbria, e os muros deſta Cidade, que lhe dá o nome, fundou o Biſpo della Cezar Benedicto hum Convento, dando humas cazas, que havia comprado para o intento. Depois o Duque de Urbino naõ tendo ſucceſſaõ fez voto, como já diſſemos nos milagres poſthumos, de fundar hum Convento: e eſta Cidade de Pezaro offereceo, e mandou huma figura de hum menino de prata ao ſepulcro do Santo em Turs, como fizeraõ outras Cidades, mandando eſte voto por huma Deputaçaõ de Cavalheiros da meſma Cidade, entre os quaes eraõ os Senhores Valerio Pompey, e Pedro Bolle, Vaſſallos do meſmo Duque: e para que naõ faltaſſe a memoria mandaraõ pôr diante do painel do noſſo Santo eſta inſcripçaõ:

Ad D. Franciſcum de Paula ex parte Sereniſſ. Ducis Franciſci Mariæ II, Urbini Ducis VI, Pro impetrando, & obtinendo ejus ſucceſſore à D.O.M. Piſſaurenſes univerſi ſuppliciter deprecantes.

Sancte Pater, quæ animo tibi dat devotus Iſauri
Accola cum lachrimis, ſuſcipe vota libens.
Ora age tu ante Deum ſupplex, naſcatur ut alter
Succeſſor, tanto maximus imperio.

Tunc Templum Auguſtum, ſacraſque dicabimus Aras
Proni, humileſque Deo, munera grata tibi:
Cujus longinquas læti mittemus ad oras
Oſſa veneratum: gratia ſi dabitur.

O titulo deſta Igreja he de noſſo Padre *S. Franciſco de Paula*, e o numero dos Religiozos, que ſuſtenta, ſaõ dezaſeis. Augmentouſe eſte Convento a expenſas da Cidade.

Con-

Convento de Fano 1602.

NAs praias do mar Adriatico na Cidade de Fano, ſe fundou hum Convento de noſſa Ordem, favorecendo muito eſta fundaçaõ o Biſpo deſta Cidade o Senhor Julio Otineli, e dando ſuas eſmolas avultadas, e juntamente outros Cavalheiros ſeus parentes. O titulo da Igreja he o *Eſpirito Santo*. O Convento naõ he grande, mas ſuſtenta dezaſeis Religiozos.

Convento de Caſtelleone 1604.

ESTando já ſem eſperanças de vida, e dezenganado dos Medicos o Illuſtriſſimo Senhor Juliaõ de la Rovere Abbade de S. Lourenço no Campo Bachino, a que Cicero deu o nome de Forum Bovarium, ſendo Referendario do Papa Paulo V, e ſobrinho do Pontifice Julio II; invocou o patrocinio do noſſo Santo, e lhe prometeo fazerlhe hum Convento neſta terra de Caſtelleone, aonde ſe achava doente. Na meſma noute, em que fez eſte voto, lhe appareceo S. Franciſco de Paula, com cuja prezença ſe achou totalmente livre de ſua incuravel enfermidade. Logo no outro dia mandou chamar os Padres Fr. André de Perugia, e Fr. Cezar de Napoles, e deu ordem a fundar eſte Convento neſta terra do Marquezado de ſeu irmaõ o Illuſtriſſimo Senhor Hippolyto de la Rovere. O titulo he do *Santiſſimo Crucifixo*; e o numero dos Religiozos, que ſuſtenta, dezoito.

Convento de Vaſto 1603.

NA Calabria, com quem confina a Marca d'Ancona por aquelle lado do Abruzo, em hum lugar chamado Vaſto, ſe fundou hum Convento, que ſuſtenta oito Religiozos.

Convento de Orſonho 1603.

PElo meſmo tempo fundou o Illuſtriſſimo Filippe Colonna outro na Cidade de Orſonho, dando dote para ſuſtentar doze Religiozos.

Convento de Fermo 1607.

O Illuſtriſſimo Biſpo de Nocera, o Senhor Sulpicio Conſtantini, fundou neſta Cidade de Fermo hum Convento de noſſa Ordem com conſentimento do Arcebiſpo della. O titulo da Igreja he *S. Pedro Apoſtolo.* Logo no principio da fundaçaõ ſuſtentava doze Religiozos. He grande a devoçaõ, que toda eſta Cidade tem com o noſſo Santo, porque tambem faõ ſem numero as mercês, que recebem de Deos pelo ſeu patrocinio. Referirei ſó hum cazo ſuccedido a huma nobre Senhora chamada Dolarice Valyerina, que havia oito annos, era cazada com Franciſco de Pedibus, das antigas, e illuſtres familias da Cidade. Como naõ ſó lhe faltaſſe a ſucceſſaõ, mas ainda a eſperança de alcançala, por conſelho de huma Religioza de Santa Clara ſe determinou a fazer as treze ſextas feiras, jejuando em todas ellas, e prometteo, que em parindo, veſtiria o menino com o habito da noſſa Ordem por eſpaço de dois annos, e igualmente veſtiria hum pobre mendigo para ſer padrinho do Baptiſmo de ſeu filho, ſe foſſe varaõ. Foi Deos ſervido, antes que acabaſſe as treze ſextas feiras, acharſe e Senhora Doralice com eſperanças, e poucos dias antes da feſta do noſſo Santo deu á luz hum formoſo menino, com cujo naſcimento ſeus pais louvaraõ a Deos, e ao noſſo Santo com muita alegria. (1)

Con-

(1) Montoya liv. 3. pag. 276.

Convento de Rimini 1610.

COm o titulo de *Santo Antonio de Padua* ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem neſta Cidade, que ſuſtenta doze Religiozos.

Convento de Chieti 1623.

FUndouſe neſte lugar de Chieti pela devoçaõ do pôvo, com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, hum Convento, que ſuſtentava nos ſeus principios poucos Religiozos.

Convento de Aquila 1623.

NO meſmo Capitulo Geral foi aceito eſte Convento, do qual naõ temos mais noticia.

Convento de Ripalta 1623.

DEſte Convento temos ſó a noticia, que foi ſeu Fundador o Nobre Cezar Caraciolo Cavalheiro Napolitano.

Provincia de Aragaõ.

Convento de Saragoça 1576.

NA celebre, e antiga Cidade de Saragoça hum nobre Cidadaõ por nome Joaõ Cornay fundou hum Convento de noſſa Ordem com o titulo de *Noſſa Senhora da Victoria*. A Igreja he magnifica, e o Convento he dos melhores, que tem a Religiaõ. Suſtenta ſincoenta Religiozos. Neſte Convento ſe conſervaõ os oſſos do Veneravel P. Fr. Joaõ de Barreda, que viveo com rigoroza pobreza, e profunda humildade;

prediſſe a hora de ſua morte, e antes de expirar, lhe appareceo Maria Santiſſima, a cuja viſta diſſe aos Religiozos, que lhe aſſiſtiaõ, que ſe puzeſſem de joelhos, porque eſtava alli a Rainha dos Anjos: e com grande alegria expirou neſta meſma vizaõ. Morreo em 4 de Agoſto de 1602. Floreceraõ neſte Convento os Varoens ſeguintes.

O P. Fr. Joaõ Barreda de familia illuſtre de Madrid, mórgado de ſua caza, renunciou tudo para ſer filho do noſſo Santo Patriarca S. Franciſco de Paula, e ſeu imitador, conſervando-ſe ſempre em continua oraçaõ, e obſervantiſſimo da Santa Regra; foi duas vezes Provincial, ſendo Corrector de alguns Conventos; depois de Matinas gaſtava o tempo em enſinar os Noviços para terem oraçaõ, e diſtribuindo-lhes o tempo para ſe occuparem em exercicios de piedade até ás tres horas da madrugada. Teve ſempre huma profunda humildade, fazendo hum baixo conceito de ſi meſmo; muitas vezes ſendo Prelado andou pedindo paõ pelas portas com a ſacola. Na ſua cella nunca teve couza de valor, e que naõ deſſe quanto tinha nella a quem neceſſitava. Profetizou a hora de ſua morte, e neſte tranſito vio a Maria Santiſſima, e diſſe aos Religiozos, que ſe puzeſſem de joelhos para adorala, porque eſtava alli preſente. Morreo cheio de alegria, e conſolaçaõ em 4 de Agoſto de 1602. Todos os ſeculares, que conheciaõ ſuas raras virtudes, lhe tiraraõ o habito a pedaços no tempo, que o depoſitaraõ no ſepulcro.

O P. Fr. Mathias de Ribas natural de Navarra, foi inſigne em letras, e virtudes: morreo de idade de 56 annos com provas da ſua ſantidade.

O P. Fr. Joaõ Abarca, deſde que tomou o habito, ſe dedicou a huma vida penitente de continuo jejum, e aſperiſſimas penitencias, acompanhadas de huma inceſſante oraçaõ, na qual gaſtava a maior parte do tempo: e deſoccupado deſtes exercicios hia á enfarmaria a conſolar os doentes, e ſervilos em todos os

actos

actos de humildade. Morreo em 21 de Dezembro de 1589.

O P. Fr. Braz de Montalvan de vida inculpavel, por cujo motivo teve grandes lutas com o Demonio, que o perſeguia fortemente. Naõ ſabemos quando morreo.

Convento de Freſneda 1580.

NA diſtancia de meia legua deſta Villa de Freſneda eſtaõ humas montanhas aſperas, e incultas pelas muitas neves, que ſempre conſervaõ a maior parte do anno: entre duas dellas eſtava huma concavidade grande debaixo de hum penhaſco, que fórma huma dilatada lapa capaz de muitos commodos, como logo veremos. Neſte ſitio deſcobrio (ſegundo a tradiçaõ antiga) huma paſtorinha, que andava guardando hum rebanho de ovelhas, huma Imagem de Maria Santiſſima, que, como era de pequeno vulto, a levou a ſua caza, referindo a ſeus pais o ſitio, aonde a tinha achado; porém poucos dias depois deſapareceo a Imagem, e foraõ achala outra vez no meſmo lugar. Entenderaõ todos, que a Senhora queria alli ſer venerada, e neſta intelligencia dentro da lapa fizeraõ huma Ermida, ſervindo-ſe de huma parte da concavidade: teve muita devoçaõ, e experimentáraõ todos os vizinhos daquelle ſitio muitos milagres, do que ſe infere, que ſeria eſte o motivo, porque lhe deraõ o titulo da *Senhora da Graça*. No anno de 1580 foi dado eſte ſitio com huma legua de terra de circumferencia aos noſſos Religiozos, que dentro da meſma lapa formáraõ o Convento formal capaz de acomodar vinte quatro Religiozos. Porém por falta de ſaude, e outros inconvenientes mais irremediaveis no anno de 1595 fundaraõ outro Convento dentro da Villa, e por naõ deſamparar o culto da Senhora reſidem na lapa quatro Religiozos para dizer Miſſa, e ſatisfazer as obrigaçoens do Côro em ordem a conſervar a memoria.

Con-

Convento de Caſcante 1585.

NO Reino de Navarra na Villa de Caſcante, com o titulo de *NoſſaSenhora da Victoria* ſe fundou hum Convento, que ſuſtenta vinte quatro Religiozos. A Igreja he magnifica, e o Convento tem huma cerca muito grande, aonde eſtá hum tanque, ou viveiro de muito peixe, que alli ſe cria. Eſtá ſepultado neſte Convento o Veneravel P. Fr. Simaõ Garcia varaõ de admiravel piedade, e inſignes virtudes, que podia ſer exemplar de Correctores, e Meſtres de Noviços. (1) *Vide Montoya.* Era natural de Teruel, e ſendo hum anno Corrector em Perpinhaõ, no eſpaço deſte tempo naõ comeu mais que paõ, e hervas: chegou a debilitarſe tanto, que veio a morrer deſtes rigores pelo mez de Julho de 1610. Foi muito combatido do demonio, mas nunca vencido nas continuas batalhas, que lhe dava.

Neſta Provincia, e nas mais dos Reinos de Heſpanha ha muitos Veneraveis, de que omittimos a noticia por naõ fazermos eſta obra muito extenſa, e tambem porque ignoramos os nomes de alguns, que morreraõ em boa opiniaõ, e com fama de ſantidade, contentando-nos com os que temos referido para darmos ao publico huma idéa dos fructos, que deu a noſſa Religiaõ, deſde que o Santo Patriarca a fundou até ao anno de 1619, em que o Padre Montoya imprimio a Chronica da Ordem, por onde nos temos guiado em todo eſte Appendix, por naõ termos mais noticias, que nos podeſſem ſervir de ſoccorro. Eſperamos em breves annos hum Dictionario, que ſe anda trabalhando para ſe imprimir por hum Religiozo da meſma Ordem de Naçaõ Franceza, que com mais abundancia dará noticias melhores.

Con-

(1) Iſnardo Parte II. pag. 106.

Convento de Fuentes 1595.

OS Excellentiſſimos Condes deſte titulo fundaraõ hum Convento com a invocaçaõ da *Senhora Santa Anna*. Eſtá bem acabado, e adornado de excellentes pinturas. Tem huma grande cerca, e ſuſtenta dezoito Religiozos.

Convento de Albalate de Cinca 1612.

OS Excellentiſſimos Barões, que tem o titulo deſte ſitio, fundaraõ hum Convento com o Orago de *Noſſa Senhora da Victoria*, dando entre outras fazendas tres hortas bem grandes. Suſtenta quatorze Religiozos.

Provincia de Flandes.

Convento de Antuerpia, ou Amberes 1614.

NEſta Cidade Epiſcopal no ſitio mais nobre da Cidade, o Senhor Agoſtinho Balbi Genovez de Naçaõ, fundou hum magnifico Convento com o titulo de *Jeſus Maria*, á imitaçaõ do de ſua patria, dando aos noſſos Religiozos poſſe delle no dia da Conceiçaõ de Maria Santiſſima, que celebrou com prociſſaõ, e feſtas excellentes, nunca viſtas naquelles paizes, mandando pintar em ricos paineis os milagres mais ſinalados do Santo Fundador, que ſe puzeraõ nas ruas armadas com grandeza. Suſtenta vinte e quatro Religiozos.

Convento de Andrelech 1615.

A Diſtancia de meia legua da Cidade de Bruſſellas eſtá hum palacio, ou caza de campo dos Excellentiſſimos Duques d' Aumale; e o Exceſſentiſſimo Senhor Carlos de Lorena, que era ſenhor deſta caza, junto com ſua filha D. Anna, que depois cazou com o Duque de Nemours, fundáraõ naquelle ſitio hum Convento com o titulo de *S. Carlos*, e *Santa Anna*. O Eminentiſſimo Cardial Borromeo em agradecimento de haver dado o titulo de S. Carlos a eſta fundaçaõ, lhes mandou de preſente hum Manipulo do Senhor S. Carlos ſeu Tio, o qual ſe conſerva junto com outras Reliquias mais, que a piedade dos Fundadores doou aos noſſos Religiozos, de que logo no principio da fundaçaõ ſe ſuſtentavaõ vinte.

Convento de Bruſſellas 1617.

HUm homem de Negocio deſta terra, que naõ permittio ſe publicaſſe ſeu nome, fundou hum Convento com o titulo de *Santo Eſtevaõ*, e *Santa Catharina*, que ſuſtenta vinte e quatro Religiozos, dando congrua baſtante para dezaſſeis.

Convento de Mons em Haynaut 1617.

FUndou-ſe eſte Convento neſte anno, e naõ temos mais noticia, como tambem dos que ſe ſeguem.

Convento da Ilha.

Convento de Grandmont.

Convento de Dovay, que todos foraõ aceitos pelos Capitulos Geraes de 1617. *e* 1629.

Provin-

Provincia de Lorena.

Convento de Serres 1593.

COm o titulo da *Santiſſima Trindade* fundou eſte Convento o Illuſtriſſimo Senhor Joaõ de Lenoncourt, que depois de morto continuaraõ ſeus filhos.

Convento da Nanci 1592.

FUndou-ſe eſte Convento com o titulo de *S. Joaõ Baptiſta* pelos Sereniſſimos Duques de Lorena, e foi augmentado pelos ſucceſſores, até que o Duque Henrique II. do nome, e fez voto de aperfeiçoalo, ſe tiveſſe ſucceſſaõ de ſua caza, que conſeguio, e por eſta cauza hoje he dos melhores Conventos da Ordem, muito rico de ornamentos, e prata para o culto Divino, de pinturas exquizitas, e de renda.

Convento de Sammiel 1605.

O Sereniſſimo Principe Carlos de Lorena, Duque de Mayne, fundou eſte Convento com o titulo de *S. Theobaldo*, cujo Priorado aggregou á noſſa Ordem o Papa Urbano VIII. a inſtancias do Eminentiſſimo Cardial de Lorena. Todos eſtes Principes naõ deſcançavaõ em accumular beneficios á noſſa Religiaõ; porque depois de mandar conſtruir eſte Convento ás mil maravilhas, deraõ muita renda. O Duque Fundador deu cento e ſeſſenta e ſeis mil eſcudos para ſe pôr a juro annual deſtinado para o ſuſtento dos Religiozos, fóra as grandiozas rendas, que ſe ſeguiraõ a eſta, impoſtas pelas peſſoas deſcendentes da meſma caza.

Convento de Eſpinal 1611.

COm o titulo de noſſo Padre *S. Franciſco de Paula* ſe fundou eſte Convento por Madama Claudia de Baſſompierre com grandeza, e baſtante renda para ſuſtento dos Religiozos.

Convento de Dun 1611.

ESte Convento de Dun com o titulo de *Santo Egydio* foi fundado pelo Senhor Domingos Olrion Conego da Sé de Toul.

Convento de Stenay 1611.

O Sereniſſimo Duque Henrique II. de Lorena fundou eſte Convento dedicado a *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Vezelize.

ESte Convento fundou o nobre Senhor Deziderio Virion.

Convento de Baſſignis 1611.

DEbaixo do titulo de *Noſſa Senhora* fundou eſte Convento o nobre Senhor Hercules de la Foreſt.

Convento de Dieuze 1611.

COm o titulo de *S. Franciſco de Paula* ſe fundou eſte Convento: naõ ſabemos o nome do Fundador.

Convento de Nomeni 1611.

DEſte Convento ignoramos tudo.

Convento da Luneville 1623.

ESte foi fundado com o titulo de *S. Franciſco de Paula.*

Convento de Barle Duc 1623.

DEſte Convento nada ſabemos.

Convento de Marcheville.

O Senhor Henrique de Gournay com admiravel piedade fundou eſte Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Annunciada.* He Convento magnifico, que o acabou o Fundador com toda a perfeiçaõ, de ſorte que no meſmo dia, em que os noſſos Religiozos tomaraõ poſſe do Convento, e celebráraõ os Officios Divinos, ſe celebrou no meſmo Convento o Capitulo Provincial.

Convento de Santa Luzia 1629.

O Excellentiſſimo Senhor Luiz de Lorena Principe de Faltzbourg, e Lixim ſoi aceito, e reconhecido pelo Capitulo Geral, celebrado neſte anno de 1629 por Fundador deſte Convento.

Provincia de Veneza.

A Republica de Veneza entre todas as da Europa a mais politica, e pîa, naõ quiz deixar de ter nos ſeus

ſeus Eſtados cazas , aonde ſe eſtabeleceſſem os filhos de Franciſco ; porque ſempre veneraraõ ſeu grande nome; e muito mais ardia nos ſeus peitos o affecto depois de Canonizado ; pois ſe fizeraõ mais patentes ſuas virtudes aos que naõ tiveraõ a ventura de o communicar em ſua vida. Querendo o P. Geral , que naquelle tempo governava a Religiaõ, extendela neſte paîz taõ accommodado para a noſſa vida quareſmal, mandou com parecer do Capitulo Geral aos Padres Fr. Nicoláo de Chriſtianis, e a Fr. Joaõ Baptiſta de Sarracina , naturaes de Calabria, para que ſupplicaſſem á Sereniſſima Republica lhes déſſe licença para fundarem alguns Conventos nos ſeus Eſtados. Conduziraõſe de tal modo eſtes dous Religiozos, que deſempenharaõ os dezejos do Padre Geral Fr. Eſtevaõ de França, varaõ de grandes talentos, e de inſignes virtudes, e igualmente encheraõ de alegria os piedoſos animos dos Venezianos , que eſtimáraõ muito a commiſſaõ dos Religiozos para ſatisfazerem ſua devoçaõ, como veremos nas fundaçoens dos Conventos, que compoem eſta Provincia de Veneza.

Convento de Veneza 1595.

A Caſa dos Senhores Quirinis por direito de Padroado tinha hum Hoſpital com o titulo de *S. Bartholomeu do Caſtello* com humas cazas, e fazendas miſticas. O Senhor D.Franciſco Marino de Quirinis Biſpo de Concordia, com ſeus irmaõs havendo primeiro alcançado conſentimento do Papa , e Decreto da Republica , com generozidade fizeraõ doaçaõ de tudo o que pertencia ao Padroado , e juntamente Priorado, que andava annexo á familia dos Quirinis , a favor da Religiaõ. Logo que ſe celebráraõ es eſcrituras, foraõ tantas , e taõ copiozas as eſmolas de todos os Senadores , Cavalheiros, e Cidadoens deſta Cidade, que brevemente ſe acabou o Convento, e Igreja, que ſe reedificou de novo, conſervando

vando o titulo do Orago. Poz a primeira pedra o Senhor Patriarca de Veneza com toda a ſolemnidade, a a cujo acto aſſiſtio o Sereniſſimo Doge acompanhado de todos ôs Senadores. Mandaraõ gravar neſta pedra a ſeguinte inſcripçaõ:

Hujus ædis Minimorum Sancti Franciſci de Paula, Divo Bartholomæo Apoſtolo dicatæ, reſtaurandæ fundamenta jacta fuerunt a Fratribus ejuſdem Ordinis, Sixto V. Pontif. Max. Paſchali Ciconia Duce Venetiarum, Joanne Triviſano Patriarcha, Franciſco Marino, Joanne, & Aloyſio de Quirinis fundatoribus anno a Nativitate Domini
M. D. LXXXVIII.

Quando ſe fundou eſte Convento, foi com a condiçaõ, que ficaria immediatamente ſujeito ao P. Geral, nomeando para ſeu governo hum Vigario Geral; porém depois que ſe edificaraõ mais, ſe formou Provincia á inſtancia da meſma Republica, ainda antes de ter o numero de ſinco Conventos, e hoje he das que daõ mais luſtre á Religiaõ. A Igreja deſte Convento he muito frequentada dos Fiéis em todo o dia pela grande devoçaõ ao noſſo Santo, eſpecialmente ás ſextas feiras he innumeravel o concurſo. O Senhor Biſpo Fundador deu hum pedaço de ſanto Lenho engaſtado em ouro, e o cobre huma caxa de hum grande topazio guarnecido de prata. Outras raridades tem eſte Convento, qne omitimos por naõ ſermos extenſos.

Convento de Breſcia 1588.

A' Imitaçaõ da Cidade de Veneza os moradores da Cidade de Breſcia, ou Briſcia tambem fundáraõ hum Convento da noſſa Ordem fóra dos muros da Cidade com o titulo de *S. Joaõ Baptiſta*, ſendo Biſpo della o Senhor Joaõ Franciſco Moroſino. Promoveo muito eſta fundaçaõ, e a noſſa Ordem lhe deu o titulo de Fundador ao Senhor Vicencio Zumbano natural da meſma Cidade.

Convento de Verona 1593.

NA celebre Cidade de Verona os Cavalheiros mais principaes della levárão a esta terra os nossos Religiozos para fundarem. Constrúio-se hum Convento magnifico com o titulo de *S. Francisco de Paula*.

Convento de Padua 1635.

ESte Convento com o titulo de *S. Miguel Archanjo* foi acceito pelo Capitulo Geral segundo, celebrado em Marselha.

Convento de Bergamo 1655.

NA Cidade de Bergamo fundou hum Convento da nossa Ordem com o titulo de *Todos os Santos* o Reverendo Abbade o Senhor Francisco Tasso.

Convento de Cabo de Agger 1673.

NEste lugar situado no Bispado de Chioggia nos Estados da Republica, se fundou debaixo do titulo de nosso Padre *S. Francisco de Paula* a expensas da Camara.

Convento de S. George in Alga 1673.

EM huma Ilha junto á Cidade de Veneza estava hum Convento de Conegos intitulado de *S. George in Alga* fundado por S. Lourenço Justiniano, e no anno de 1673 se deu á nossa Religião por haverse extincto a dos Conegos.

Convento de Vicencia 1667.

DEſte Convento naõ temos mais noticia que haverſe aggregado á Provincia de Veneza pelo Capitulo Geral celebrado em Marſelha no anno de 1667. ſegundo conſta do meſmo Capitulo num. 33.

Convento Salodienſe 1679.

ACHamos eſte Convento fundado neſte ſitio com o titulo de *S. Bento* aceitado pelo Capitulo Geral primeiro celebrado em Milaõ no anno de 1679. n. 14.

Provincia de Milaõ.

Convento de Milaõ 1547.

ENtre os edificios nobres, que ſe admiraõ neſta Cidade Epiſcopal, tem ſeu lugar o Convento da noſſa Ordem fundado pelo Excellentiſſimo Senhor D. Fernando Gonzaga, ſendo Governador deſta Cidade. Eſtá fóra da pórta chamada Comana á diſtancia de huma milha, em huma baxa, aonde antigamente foi achada huma Imagem da Senhora, de cujos pés naſcia huma pequena fonte de agua. Neſte ſitio edificaraõ huma Igreja dedicada a *Noſſa Senhora da Fonte*. O Excellentiſſimo Fundador deu á noſſa Religiaõ a Igreja com todas ſuas pertenças. Daquelle valle para entrar a Igreja ſe deſce por duas eſcadas de quinze degráos de marmore. Tem a Igreja ſeis porticos em roda adornados de formozas columnas tambem de marmore a modo de clauſtro, em cujas paredes eſtaõ hiſtoriados os Myſterios de noſſa Senhora, e a vida, e milagres do noſſo Santo Patriarca. A fonte milagroza eſtá hoje debaixo do Altar mór, aonde concorrem todos os enfermos da Cidade, e forafteiros, e os que naõ podem ir peſ-

ſoalmente, mandaõ buſcar a agua, que dá perfeita ſaude por milagre de Maria Santiſſima. Tambem tem outra fonte pouco mais adiante do altar, a que ſe deſce por quatro degráos; e em cada lado tem huma bica, donde podem beber todos. A terceira fonte he de fórma redonda fóra da Igreja á maõ eſquerda cercada de parede: os que padecem lépra, ou ſarna, lavando-ſe com eſta agua ficaõ ſaõs. Entre a Igreja com os mencionados cláuſtros de hum lado, e o Convento de outro, há hum lago de comprimento de cento, e oitenta palmos, e de largo ſeſſenta palmos geometricos, no qual ſe cria muita variedade de peixe com abundancia. A Sacriſtia eſtá magnificamente adornada de tudo o pertencente ao culto Divino; e todo o Convento reſpira grandeza pelo dezafogo dos dormitorios, cellas, e mais officinas. Suſtenta mais de ſeſſenta Religiozos incluindo o Noviciado, que he muito grande, e a Enfermaria, que eſtá dentro da clauzura á diſtancia de ſincoenta paſſos, ſegundo o que manda a Regra.

Convento de Pavia. 1578.

DEbaixo do titulo de *S. Marcos* ſe fundou neſta Cidade Epiſcopal hum Convento muito primoroſo, aſſim pelo que reſpeita á Igreja, como pelos clauſtros, que eſtaõ guarnecidos de columnas de marmores exquiſitos.

Convento de Caſtelleone 1623.

NEſte lugar de Caſtelleone ſituado no Biſpado de Cremona, ſe fundou hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Eſtrella.* Suſtenta doze Religiozos.

Convento de Cremona 1623.

ESta Cidade Epiſcopal tem hum Convento de noſſa Ordem com o titulo de *S. Franciſco de Paula*, ſegundo conſta do Capitulo Geral celebrado em Roma no expreſſado anno.

Convento de Como 1623.

DEbaixo do titulo de *Santa Maria de Vico* fundou hum Convento o Illuſtriſſimo Senhor Ottavio de Viſconde Governador deſta Cidade, e deu congrua para ſuſtentar doze Religiozos.

Convento de Alexandria 1623.

ESte Convento foi fundado pelo Eminentiſſimo Senhor Cardial Borgueſe, que deu a Igreja dedicada a *S. Joaõ Baptiſta.* Mandou fazer o Convento, e deixou congrua para ſuſtentar os Religiozos.

Convento de Lodi 1635.

COm o titulo de *Noſſa Senhora da Graça* foi aceito hum Convento pelo Capitulo ſegundo de Marſelha celebrado no anno de 1635, fundado neſta Cidade de Lodi, como conſta do meſmo Capitulo n. 46.

Convento de Summa 1673.

DEſte Convento faz menção o Capitulo Geral nono celebrado em Genova no anno de 1673, cuja fundaçaõ foi principiada em 18 de Junho de 1671 pelo Excellentiſſimo Senhor Marquez Hermes Viſconde, e ſeus Irmãos.

Provincia do Condado de Borgonha.

Convento de Ornans 1611.

NEſta Cidade ſituada no Biſpado de Bezançaõ fundou hum Convento da noſſa Ordem com o titulo de *Noſſa Senhora áa Purificaçaõ* Madama Laurencia de Orſan He nobre edificio, e bem aſſiſtido de peixe por eſtar junto a hum rio. (1)

Convento de Bezançaõ 1611.

NEſta Cidade Epiſcopal, em cuja Sé ſe conſerva o ſagrado Sudario, em que o Corpo do noſſo Redemptor eſteve amortalhado no Sepulchro, e outras Reliquias mais, ſe fundou hum Convento da noſſa Ordem, ſendo fundadora delle a nobiliſſima Senhora Anna de Groſpain, filha da fundadora do Convento de Ornans. He Convento excellente, e ſegundo a tradiçaõ antiga na Igreja delle celebrou muitas vezes S. Claudio Biſpo da meſma Cidade, cuja mãi ſe diz tambem eſtar ſepultada na meſma Igreja, adornada de tudo o que pertence ao culto Divino com grandeza.

Convento de Rupt 1611.

ESte Convento com o titulo de *S. Jacintho* foi fundado pelo Illuſtriſſimo Senhor Jordaõ de Clermont, Baraõ de S. George, Rupt &c. e ſua conſorte a Illuſtriſſima Senhora D. Joanna de Harlay.

Con-

(1) Iſnardo pag. 115.

Convento de Romond 1623.

NA Helvecia eſtá ſituado eſte lugar, aonde tem hum Convento a noſſa Ordem com o titulo de *Santa Maria.*

Convento de Arbois 1623.

NO Biſpado de Bezançaõ ſe fundou outro com o meſmo titulo de *Santa Maria.*

Convento de Eſtavahi 1623.

NA Helvecia debaixo do meſmo titulo de *Santa Maria*, fundou outro o Excellentiſſimo Senhor Baraõ de Gorgi.

Convento de Dola 1629.

EM Dola fundou hum Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Conceiçaõ* a nobre Senhora Benigna Sorder, viuva de hum letrado deſta Cidade. He Convento muito bem edificado de pedraria primoroza.

Convento de Mortuacenſe 1629.

ESte Convento foi fundado nas margens de hum rio abundante de peixe, e em hum ſitio ameno com o titulo de *S. Miguel Archanjo.*

Provincia do Ducado de Borgonha.

Convento de Chalons 1596.

HUm Conego da Sé deſta Cidade, e hum Irmaõ ſeu Luiz Gizillard Advogado, fundaraõ eſte Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ.*

Convento de Semur 1605.

COm o titulo *de Sant-Jago* os vizinhos deſta Cidade fundáraõ hum Convento magnifico, e perfeitamente acabado.

Convento de Avallon 1611.

A Cidade de Avallon devotiſſima do noſſo Santo Patriarca, edificou dentro dos ſeus muros hum Convento deſta Ordem com o titulo de *Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ* em hum ſitio muito commodo, e deliciozo. Suſtenta vinte Religiozos.

Convento de Tornay 1611.

O Excellentiſſimo Conde de Tonnerre Clermont &c. fundou eſte Convento com toda a grandeza; porque além da amenidade do ſitio, vizinhança do rio, abundancia de muitas aguas, que regaõ a cerca dilatada, e de grande recreio, eſtá conſtruido com magnificencia; deſorte, que naõ ha em toda a Religiaõ com que comparalo. O titulo he *S. Nicoláo.*

Convento de la Guiche 1617.

A Excellentiſſima Senhora Antonia de Lude Viuva de Filisberto de la Guiche, Vice-Rei, que foi da Provincia de Leon, fundou eſte Convento com o titulo de *Noſſa Senhora da Annunciada*, dando mil libras annuaes de renda para ſuſtentaçaõ dos Religiozos.

Convento de Dijon 1617.

NEſta Cidade Metropoli da Borgonha, aonde eſtá o Parlamento Regio, fundou hum Convento da noſſa Ordem o Eſcrivaõ do Real Theſouro Monſieur de

de Fraxam, e depois o continuou, e augmentou a Excellentiſſima Duqueza de Bellaguarda D. Anna de Bucil. O titulo deſte Convento he *Noſſa Senhora da Appreſentaçaõ.*

Convento de Maſcon 1623.

COm o titulo de *Santa Maria* ſe edificou eſte Convento neſta Cidade Epiſcopal á cuſta do Senhor Poncio de Chiberaut, Senhor de Boyer.

Convento de Beaulne 1629.

DEbaixo da meſma invocaçaõ, ſe fundou outro neſta Cidáde pelos votos publicos de todos os Cidadaõs, que receberaõ os noſſos Religiozos com grande devoçaõ. He Convento muito bem acabado, e aſſiſtido de peixe do rio.

Convento de Claya 1629.

NO Biſpado de Autum na Borgonha poem o Iſnardo eſte Convento na Cidade de Claya aceito em 1629. no Capitulo Geral III. celebrado em Barcelona, aonde ſe acha declarada por Fundadora a Excellentiſſima Senhora Alix Leonora de Chantemerle, e Laclayete.

Provincia de Alemanha.

DEvemos advertir, que eſta Provincia foi toda deſtruida pelos Hereges, que aſſolaraõ com inhumanidade todos os Conventos, e obrigáraõ os Religiozos a dezamparalos, os que naõ tiveraõ eſpirito para ſupportar o martyrio: por cujo motivo naõ ſabemos de certo os que hoje exiſtem, porque nos falta individual noticia dos que ſe recuperáraõ; e como naõ

naõ temos documentos, que nos certifiquem a verdade, por falta de livros, daremos noticia dos Conventos, que ſe apprezentáraõ ao Capitulo Geral III, celebrado em Barcelona no anno de 1629, por parte do Reverendiſſimo P. Fr. Franciſco Ricardo, que formavaõ já huma Provincia inteira eréćta por auctoridade Apoſtolica, ſendo Papa Urbano VIII.

No primeiro Capitulo Geral, depois da morte do noſſo Santo Patriarca, celebrado em 1507, achamos tres Conventos já fundados na Bohemia, porque aſſiſtiraõ a eſte Capitulo os Prelados Locaes, ou Correctores delles com ſeus Commiſſos. O primeiro, que ſe acha aſſignado he o P. Fr. Dionyzio Barbier Provincial de Alemanha, fazendo as vezes do P. Corrector do Convento da Senhora Santa Anna. O ſegundo he o Corrector de Santo André: e o terceiro o da Santiſſima Trindade. Eſtes tres Conventos já eſtavaõ fundados em vida do Santo, como referimos na Hiſtoria; porém ignoramos ſe ainda exiſtem depois da deſtruiçaõ dos Hereges, que naõ ſó ſaquearaõ eſtes, mas tambem os que ſe fundáraõ depois.

O primeiro Convento, de que no mencionado Capitulo de 1629 faz relaçaõ o P. Fr. Franciſco Ricardo, he o de *S. Salvador*, cuja Igreja he magnifica, e tem huns Palacios para Convento na Cidade de Praga antiga, dado tudo pelo Auguſtiſſimo Imperador Fernando II.

O ſegundo Convento he o de Vienna, admittindo para Fundador o Senhor Ambrozio Rents Procurador do Sereniſſimo Infante de Flandes neſta Corte, por haver dado a eſte Convento com maõ liberal terras, fazendas, e muita prata.

O terceiro, o Convento Fiſtricenſe, declarando Fundadores o Excellentiſſimo Senhor Paulo Adam Sclavata, e a Illuſtriſſima Princeza de Heggember ſua conſorte.

O quarto foi o Convento Pirnicenſe, Fundadora a Excellentiſſima Condeça Collalto.

Oquin-

O quinto, o Convento Monachenſe fundado pelo Sereniſſimo Duque de Baviera.

Ultimamente aggregáraõ a eſtes Conventos os antigos de *Santo André* de Xukulkyſit, e da Senhora *Santa Anna* em Teinovicht, os quaes a inſtancias de Sua Mageſtade Cezarea foraõ aggregados á meſma Provincia com condiçaõ, que ſe lhes déſſe rendas para ſuſtentar em cada hum delles doze Religiozos. O meſmo ſe fez á inſtancia do Eleitor de Baviera com os Conventos do Palatinado, dos quaes naõ temos noticia. Neſte Capitulo ſe concedeo ao Provincial o antigo aſſento, que tinha nos Capitulos Geraes, porque naõ era culpa ſua havelo perdido, mas ſim dos Hereges, que aſſoláraõ os Conventos, que compunhaõ aquella Provincia.

No anno de 1635 ſe aceitou na Moravia o Convento de Wranovienſe, fundado pelo Excellentiſſimo Principe Maximiliano de Liechtenſtein.

Provincia de Saboya.

ESta Provincia parece, que ſe compoz de alguns Conventos de outras vizinhas, porque o ultimo, que abaixo referimos (regulando-nos pela Chronologia dos annos, em que foraõ aceitos pelos Capitulos Geraes, que he a unica norma, que ſeguimos á cerca dos Conventos, dos quaes naõ temos outra noticia) foi aggregado a eſta Provincia no anno de 1703, e os outros, por ſerem modernos, pareceme eſtariaõ ſujeitos por alguns annos á Provincia de Milaõ, ou a outra da vizinhança, o que naõ temos averiguado, porque naõ fizemos particular eſtudo em dár eſtas noticias exactas, pois naõ he o noſſo intento mais, que dár huma breve noticia do numero mais, ou menos dos Conventos, que compoem as Provincias para curiozidade dos leitores devotos.

Convento de Turim 1635.

ESte Convento foi fundado na Corte dos Duques de Saboya, hoje Reis de Sardenha, pela Sereniſſima Duqueza de Saboya.

Convento de Nizza 1635.

DEſte Convento fundado no porto de mar pertencente aos Eſtados da Caza de Saboya, chamado Nizza, naõ temos mais noticia, ſe naõ, que foi aceito pelo Capitulo Geral ſegundo, celebrado em Marſelha em 1635.

Do Convento de *Noſſa Senhora de Pinella* naõ ſabemos mais que o titulo, e que foi aceito pelo meſmo Capitulo Geral em 1635.

Do Convento Tononienſe ſabemos, que foi fundado pelo Excellentiſſimo Senhor Alberto de Genova, e a Excellentiſſima Senhora ſua conſorte no anno 1643.

Do Convento Ulnenienſe naõ temos noticia alguma, mais que haverſe aggregado a eſta Provincia no anno 1703.

A eſta Provincia ſe aggregáraõ agora modernamente os Conventos, e Hoſpicios de Sardenha, que eſtavaõ governados por hum Vigario Geral nacional, fazendo as vezes de Provincia, porque tinha tres Conventos, e dois Hoſpicios, que ſaõ os ſeguintes.

Convento de Calhari, Capital da Ilha de Sardenha.

Convento de Oliena, Villa junto a hum rio perto do mar.

Convento de Aſſemini, Villa duas leguas da Capital.

Hoſ-

Hoſpicio de Villa Franca.
Hoſpicio de Sanluri.

A inſtancias de ElRei de Sardenha neſte Capitulo Geral celebrado em Florença em 1764 ficaraõ ſujeitos ao Provincial de Turim : e depois tomáraõ o titulo de Conventos , dos quaes ſe erigio a Provincia ſeparada pelo Capitulo Geral celebrado em Barcelona em 1770.

Provincia Romana , ou Bazilicata.

ESta Provincia teve principio no anno de 1728. determinando o Capitulo Geral celebrado em Pezaro , que havendo a Provincia de Napoles renunciado nas maõs do Capitulo o Convento Ebolitano , e a Provincia de noſſo Padre S. Franciſco de Paula tambem os Conventos de Marathea , e Libonato , pela grande diſtancia , em que ficavaõ das ſuas reſpectivas Provincias , foſſem eſtes tres Conventos governados por hum Vigario Geral , nomeado pelo meſmo Geral até haver mais dous Conventos , que faltavaõ para ſer Provincia , que devia intitularſe de Bazilicata.

Conventos Romanos.

DEntro de Roma eſtaõ tres Conventos , os quaes ſaõ immediatamente ſujeitos ao Padre Geral.

O primeiro he o Convento da *Santiſſima Trindade* dos Montes , fundado por Carlos VIII. Rei Chriſtianiſſimo. Eſtá ſituado no melhor bairro de Roma ſobre o monte Pincio ; e além da boa viſta , que goza pela eminencia do ſitio , tem huma grande cerca. A Igreja eſtá adornada de muitas Capellas , e mauzoleos de Cardiaes , e Biſpos , e entre eſtas a Capella , e jazigo , aonde ſe achaõ ſepultados os parentes de Paulo V. Tem excellentes pinturas , entre as quaes o meſmo retrato

trato do Santo, que ElRei Chriſtianiſſimo Franciſco I. mandou de França ao Papa Leaõ X. quando ſe tratava da ſua Canonizaçaõ. Na Sacriſtia tem muitas Reliquias, e he bem adornada de tudo o que ſerve para o culto Divino. Neſte Convento naõ póde morar Religiozo algum, que naõ ſeja da Naçaõ Franceza, nem ainda o Padre Geral póde pernoutar nelle, nem como hoſpede, nem pela precizaõ do acto de Vizita.

O ſegundo Convento he de *Santo André de Frata*, ou *Frattis*. Era Freguezia, que nos deu o Santiſſimo Padre Xiſto V. A noſſa Religiaõ quando aceitou eſta Paroquia, edificou a Igreja de novo a expenſas do Excellentiſſimo Senhor Marquez de Filina Octavio de Bufalo, que tambem ajudou a edificar o Convento principiado em 1587.

O terceiro he *S. Franciſco de Paula*, fundado pelo R. P. Joaõ Pizzulo, Sacerdote Calabrez natural de Regina, Biſpado de Bizignano, que comprou hum Palacio adornado de boſque, e jardim em doze mil, e quinhentos eſcudos para o Convento, havendo já feito doaçaõ *inter vivos* de todos ſeus bens para o meſmo effeito. Neſte Convento, ou Collegio naõ podem aſſiſtir ſenaõ Religiozos Calabrezes. Eſtá ſituado junto ao Convento de S. Pedro ad Vincula na Regiaõ dos montes.

Convento de Lima.

ATé á America chegou a devoçaõ do noſſo Santo Patriarca; porque nas partes mais remotas della, que he o Reino de Perú, ſe fundou na Cidade de Lima, Capital daquelle Reino, hum Hoſpicio, que no anno de 1716. todo o Capitulo Geral celebrado em Valença reconheceo, e mandou pôr no cathalogo dos Conventos, eſtando debaixo do titulo de *Noſſa Senhora do Bom Caminho*; e quando ſe mudou de ſitio para dentro da Cidade no bairro chamado de Belambo, mudou tambem a invocaçaõ em *Noſſa Senhora do Soccorro.*

ro. Eſtá eſte Convento ſujeito á Provincia de Caſtella, ou de Madrid, e governaſe por hum Vigario Provincial.

Convento de Lisboa.

ANtes de entrar a deſcrever a fundaçaõ deſte Convento de Lisboa, devemos dar as noticias, que alcançámos, da antiguidade, que a noſſa Religiaõ teve neſte Reino, ainda que naõ eſtabelecida, mas conhecido ſeu Inſtituto deſde o Reinado do Senhor Rei D. Joaõ III.: porque nos ſegurou hum ſujeito de vaſta erudiçaõ, Religiozo Agoſtinho Deſcalço, e Oppozitor ás Cadeiras da Univerſidade de Coimbra, (1) que os noſſos Religiozos no dito Reinado tiveraõ hum Hoſpicio no ſitio chamado *as Fargas da farinha*, aonde depois fundáraõ ſeu Convento os ſeus Religiozos Agoſtinhos Deſcalços debaixo do titulo de *Noſſa Senhora da Boa-Hora*, que ainda ſe conſerva, naõ obſtante o eſtrago do Terremoto, com o meſmo titulo; accreſcentandoſe-lhe de novo o chamar-ſe a *Boa Hora do Arſenal*, que fica no fim da rua nova de Almada. Deunos eſta noticia com a certeza de havella adquirido com a liçaõ de alguns livros, ou memorias antigas, accreſcentando, que no mencionado ſitio aſſiſtio o noſſo Reverendiſſimo P. Fr. Diogo da Silva, Inquiſidor Geral deſtes Reinos, o qual depois foi Biſpo de Ceuta, em cuja dignidade tornou a ſer ſegunda vez Inquiſidor no anno de 1536; (2) e ultimamente foi Arcebiſpo de Braga, havendo ſido antecedentemente Confeſſor do meſmo Rei. Era o Reverendiſſimo D. Fr. Diogo da Silva filho de huma das familias mais illuſtres deſte Reino, e ſuas virtudes lhe fizeraõ tanto lugar, que o mencionado Rei D. Joaõ III. o hon-

(1) O Reverendiſſimo Padre Meſtre Doutor Frei Jozé da Trindade, citando nomeadamente a Bordono por Author deſta noticia.

(2) O Reverendiſſimo P. Monteiro da Ordem dos Prégadores no ſeu Cathalogo dos Deputados do Santo Officio, que eſtá no tom. do anno de 1721. da Academia.

o honrou com o caracter de Inquiſidor Geral, havendo-o já eſcolhido para ſeu Confeſſor, e depois com as Mitras de Ceuta, e de Braga. O que ſe confirma pelo noſſo P. Fr. Lourenço de Peyrinis, citando a Freitas com as ſeguintes palavras: (1) *Deputaſſe Clementem VII. P. Fr. Didacum da Silva Ordinis noſtri, qui poſtea fuit Epiſcopus Septenſis*, (2) *in Comiſſarium Generalem pro Regnis Portugalliæ, & Algarbiorum.* Como conſta da Bulla de Paulo III., que principia: *Illius vices*, citada pelo meſmo Peyrinis, (2) e ſe refere no primeiro tomo do Bullario de Cherubim §. 1.

O noſſo P. Fr. Lucas de Montoya na ſua Chronica da Ordem dos Minimos, (3) citando a Paramo, tambem nos dá noticia deſte Varaõ illuſtre, que floreceo em Portugal no meſmo Reinado. Finalmente o Alvará Real, que Sua Mageſtade felizmente Reinante mandou paſſar no anno de 1753, com data de 30 de Julho, concedendonos a faculdade de podermos fundar Convento Regular no meſmo ſitio da Pampulha, em que eſtava o Hoſpicio deſde o Reinado do Senhor Rei D. Joaõ V. de ſaudoza memoria, explica mais a exiſtencia do Senhor D. Fr. Diogo da Silva com eſtas formaes palavras: *Além dos avultados ſerviços, que fizera a eſte Reino no Reinado do Senhor Rei Dom Joaõ III. o Veneravel P. Fr. Diogo da Silva ſeu Confeſſor, Arcebiſpo de Braga, e primeiro Inquiſidor Geral.*

De todos eſtes documentos de tanta auctoridade, devemos legitimamente inferir, que o noſſo Inſtituto era conhecido neſta Corte, e neſte Reino deſde o Reinado do Senhor Rei D. Joaõ III: e he veroſimil, que o mencionado Senhor D. Fr. Diogo tiveſſe na ſua companhia alguns Religiozos deſta meſma Ordem, os quaes ſe hoſpedaſſem nas meſmas cazas, ſitas nas *Fangas da farinha*,

(1) *In Conſtitut. Julii II. §. 12. pag. mihi* 88.
(2) *Ibidem.*
(3) Montoya Chron. geral de S. Franciſco de Paula l. 2. cap. 10. pag. mihi 29.

farinha, aonde diz o eruditiſſimo P. Meſtre Doutor, que nos deu as noticias, haver lido, que exiſtiraõ algum tempo.

No anno de 1559 tomou o noſſo ſanto Habito para Religiozo Leigo o Veneravel Irmaõ Fr. Antonio de Sañta Maria tambem natural de Portugal, ainda que ignoramos a terra do ſeu naſcimento. O deſcuido, que tiveraõ os antigos noſſos Religiozos em eſcrever alguma Chronica dos progreſſos deſta Religiaõ, até ao anno de 1619, em que o P. Fr. Lucas de Montoya a deu á luz, e que com grande trabalho eſcreveo por falta de noticias, nos obriga a valernos das inferencias, para acabarmos eſte Tratado Appendix, em que dezejamos inſtruir aos curiozos, e devotos do Santo. Parece-nos muito coherente, que neſte Reino foſſe conhecido o noſſo Inſtituto deſde aquelle tempo, pela multiplicidade de ſujeitos, que o profeſſáraõ aſſim naquelle ſéculo, como no ſeguinte; porque no anno de 1538 ſe dividiraõ os Conventos de Heſpanha em duas Provincias, a ſaber, Provincia de Andaluzia, que incluia os Conventos de ambas Andaluzias, alta, e baixa, e Provincia de Caſtella, que ficava com os mais Conventos daquelles Reinos; mas eſta divizaõ naõ teve principio ſenaõ no anno de 1538, no Capitulo Geral celebrado na quelle anno em Bolonha, em que foi eleito em primeiro Provincial da Provincia de Caſtella o Veneravel P. Fr. Joaõ Portuguez, ou de Portugal, já mencionado; talvez com a idéa, de que eſtando perto deſte Reino, e ſendo Portuguez, promoveſſe a fundaçaõ na ſua patria; e falecendo no anno de 1570, foi ſepultado na Capella mór do noſſo Convento da Cidade de Valença.

No ſeculo ſeguinte, e no anno de 1619, em que o P. Montoya deu á luz a ſua Chronica, refere, que eſtando eſta imprimindo-ſe, chegára á ſua noticia, que o P. Fr. André de Azevedo Religiozo da noſſa Ordem, natural da Cidade de Angra na Ilha Terceira, foi deputado pela meſma Cidade para vir a eſtes Reinos a

effeito de ſupplicar, e impetrar a licença Regia, para que a noſſa Religiaõ pudeſſe fundar naquella Ilha, o que parece naõ teve effeito, e o P. Montoya promettendo referir o cazo, naõ continuou; (1) e ſegundo parece naõ teria lugar de darnos eſta noticia. Tambem no anno de 1615, era conventual no noſſo Convento da Cidade de Baeça, que hoje eſtá ſujeito ao Provincial de Granada, o Veneravel Irmaõ Fr. Miguel de Jezus natural deſte Reino; foi Donado de profiſſaõ; e havendo-ſe conduzido com huma vida Religioza foi auctor da Confraria de noſſa Senhora da Victoria erecta naquelle Convento.

Deixamos ao juizo dos leitores todos eſtes fundamentos, que nos obrigáraõ a perſuadirnos, que neſte Reino nos dois ſeculos paſſados houve noticia baſtante do noſſo Inſtituto, e que o noſſo Santo Patriarca era conhecido nelle. Na Igreja de noſſa Senhora do Monte do Carmo deſta Corte, na Capella de Santa Maria Magdalena de Pazzi, eſtava collocada huma Imagem do noſſo Santo Patriarca, da qual dá noticia o Reverendiſſimo Padre Meſtre Frei Jozé Pereira de Santa Anna na ſua Chronica, (2) com as palavras ſeguintes: *Da parte do Evangelho ſe collocou huma formoſa Eſtatua do Grande Patriarca dos Minimos S. Franciſco de Paula, a primeira, que teve culto publico em Portugal. Hum Religiozo deſte Convento, por cauza dos continuos terremotos, que eſta Cidade experimentou no anno de 1699, expoz a dita Imagem á veneraçaõ dos Fieis no anno de 1701. Tendo noticia deſta piedoza acçaõ o Reverendiſſimo P. M. Fr. Zacharias Roslet Corrector Geral da Ordem do meſmo Santo, eſcreveo de Roma ao Provincial deſta Provincia, que era o P. M. Fr. Franciſco da Natividade, dando-lhe commiſſaõ a elle, e a ſeus ſucceſſores, para que por ſi, e por ſeus Delegados podeſſem*

(1) Montoya liv. 1. pag. 194.

(2) Chronica dos Carmelitas tom. 1. parte 4. §. 6. num. 1587. pag. 714.

ſem admitir á Confraternidade da ſua Religiaõ todas as peſſoas de hum, e outro ſexo, que lhes pareceſſe. O que tudo conſta da Patente, que ſe acha lançada no livro da Provincia. De cujas palavras conjecturamos, que o Santo antecedentemente era conhecido por peſſoas particulares; mas naõ havendo Igreja, ou Ermida, aonde ſe lhe déſſe culto publico, o Religiozo da Ordem do Carmo, talvez para querer ſatisfazer á devoçaõ dos que tinhaõ noticia do meſmo Santo, com o motivo dos continuados terremotos, que ſe experimentáraõ neſta Corte, ſe reſolveſſe a mandar fazer a ſobredita Imagem de talha para a expôr á veneraçaõ publica; e deſte modo cumprindo ſua devoçaõ particular, tambem liſongeava a dos devotos mais antigos.

Como o noſſo fim naõ he mais que dar ao publico as noticias, que alcançamos, cada qual poderá formar o juizo, que lhe parecer mais acertado, porque faltandonos o ſeccorro, que nos podiaõ dár outros livros, que naõ temos, naõ podemos deixar de ſeguirmos eſta opiniaõ, fundada na veroſimilhança, e coherente aos fundamentos, que temos viſto.

No anno de 1710 do preſente ſeculo, reinando o Senhor Rei D. Joaõ V. de ſaudoza memoria, acabada a guerra, que ſe havia principiado no reinado do Senhor Rei Dom Pedro, o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Marquez das Minas Dom Franciſco de Souza, como durante a campanha penetrou o Reino de Caſtella, correndo a maior parte das terras delle até á Catalunha, ou porque tiveſſe antecedentemente noticia do noſſo Inſtituto, ou porque a adquiriſſe neſte tempo, movido da devoçaõ do noſſo Santo Patriarca quiz trazer na ſua companhia o Veneravel Fr. Aſcencio Vaqueros Religiozo Donado profeſſo da noſſa Ordem, morador no Convento de noſſa Senhora da Conſolaçaõ extramuros da Villa de Utreira, Provincia de Sevilha, de cujas virtudes fallaremos a diante, e o teve por hoſpede em ſua caza até ao anno de 1717, em que a Religioza piedade do Senhor Rei Dom Joaõ V, movida das

ſupplicas, e repreſentaçoens de Fr. Aſcencio Vaqueiros, de cujos merecimentos já Sua Mageſtade havia formado grande conceito, e ajudado dos bons officios, que fazia o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Marquez das Minas na prezença da Mageſtade, obſervando as leys da boa amizade; foi a meſma Mageſtade ſervida conceder licença para poder fazer hum Hoſpicio neſta Corte, de cuja mercê mandou paſſar hum Alvará com a data de 13 de Julho do meſmo anno de 1717: e ainda que no dito Alvará naõ conſta o ſitio, aonde ſe fundou eſte Hoſpicio, foi o meſmo Senhor taõ pio, que eſtando ſequeſtradas pela Real Fazenda humas cazas ſitas na Pampulha, que eraõ de Franciſco Joaõ Lamberto, mandou Sua Mageſtade, que ſe deſſem a Fr. Aſcencio, para eſtabelecer nellas o mencionado Hoſpicio. E porque ainda depois de eſtarem dezembaraçadas eſtas cazas pelo que reſpeita á Fazenda Real, tinhaõ outro impedimento de huma penhora, que fizeraõ ſobre ellas os Religiozos do Convento de Jezus deſta Corte, da Terceira Ordem da Penitencia de S. Franciſco de Aſſis, ſobre cuja materia havia corrido hum renhido litigio entre eſta Communidade, e os herdeiros do dito Lamberto, foi o meſmo Senhor ſervido mandar pagar aos Religiozos da mencionada Ordem Terceira hum conto, ſetecentos, ſincoenta e tres mil, e oitenta, e dois reis pelo Reverendo Prior de S. Nicolao, que aſſignou o termo de deſiſtencia junto com o Procurador da Provincia da dita Ordem Fr. Euſebio de Santo Antonio.

Depois que Fr. Aſcencio teve o Alvará Real, fez jornada a Sevilha a dar parte ao P. Provincial da mercê, que Sua Mageſtade havia feito á Religiaõ; e reprezentar-lhe, que era precizo vieſſem alguns Religiozos daquella Provincia para a nova fundaçaõ: e que o Marquez das Minas á ſua cuſta mandou fazer as accomodaçoens precizas para os Religiozos, que deviaõ vir aſſiſtir nella. Foi o primeiro, que veio tomar poſſe em nome da Provincia com o caracter de Vigario

rio Provincial o Veneravel P.Fr.Franciſco de Penha,Lente Jubilado, Qualificador do Santo Officio, varaõ muito douto, e de grandes virtudes, como referiremos mais adiante. Por haver faltado a eſte Veneravel a vida muito cedo, vieraõ ſucceder-lhe outros Religiozos da meſma Provincia, ſendo o ultimo nacional della, que veio a eſte Reino, o P. Fr. Martinho Ximenes, Pregador Jubilado, e de grande virtude.

Neſte decurſo de tempo, a ſaber, deſde o anno de 1739, em que ſe auzentou o P. Ximenes, o Reverendiſſimo P. Geral, que naquelle tempo era o P. Fr. Franco Sirera, natural do Reino, e Cidade de Valença, mandou huma Patente de Vigario Geral ao P. Fr. Jozé Binader de Naçaõ Catalaõ; tomando debaixo da juriſdicçaõ immediata eſte Convento, o que durou o reſto do ſeu Generalato, e acabado, voltou eſte Hoſpicio a eſtar ſujeito ao Provincial de Sevilha, que no anno de 1741 mandou a Patente de Preſidente ao P. Fr. Joaõ de Santa Maria, aliás Fr. Joaõ de Tavora, natural deſte Reino; com cujo caracter governou até ao fim de Setembro de 1743, em que veio o Auctor deſta Hiſtoria com o caracter de Vigario Provincial, em cujo emprego tem continuado com alguma interrupçaõ até ao anno de 1761, em que por inſinuaçaõ Regia ſe ſeparou eſte Convento da juriſdicçaõ da Provincia, ficando immediatamente ſujeito ao Reverendiſſimo P. Geral; para cuja ſeparaçaõ foi o Auctor deſta obra a Sevilha, aonde eſtava o P. Geral Fr. Pedro de Vaux Vizitando, e no meſmo acto de viſita expedio duas Patentes, nomeando ao meſmo tempo, que ſeparava o Convento, ao mencionado Auctor em Vigario Geral, o que tudo ſe confirmou pelo Capitulo Geral, que ſe ſeguio, celebrado na Cidade de Florença nos primeiros dias de Junho de 1764.

Como a noſſa idéa naõ ſe extende a referir com miudeza todas as noticias dos progreſſos deſte Convento, nos contentamos com eſcrever as mais principaes. Havendo deixado correr a penna até ao preſente, deve-

mos agora moderala com dizer ſuccintamente, que eſte Convento conſervou o titulo de Hoſpicio até ao anno de 1753, em que ElRei noſſo Senhor D. Jozé I. em agradecimento das melhoras da Sereniſſima Princeza da Beira, que eſteve nos braços da morte deſconfiada dos Medicos, foi ſervido mandar paſſar Alvará, para que paſſaſſe o mencionado Hoſpicio a Convento Regular. Neſta meſma occaſiaõ a Auguſtiſſima, e Fideliſſima Rainha noſſa Senhora D. Marianna de Bourbon, prometteo ao Santo acabar a Igreja, que já eſtava principiada deſde o anno de 1743, havendo feito naquella occaziaõ a ceremonia de collocar a primeira pedra dos alicerces o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Filippe de Souza, Principal da Santa Igreja Patriarcal. Mas como a parte, que eſtava feita da dita Igreja era muito pequena, porque naõ paſſava do caſco da Capella mór, quando Sua Mageſtade deu ordem a acabala, quaſi nada do que eſtava feito, ſervio por ſer obra feita com adjutorio dos Fiéis com muita pobreza. Deuſe principio a eſta obra no anno de 1754, e ſe findou em Abril de 1765, no dia 29 do dito mez ſe benzeo ſolemnemente pelo Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Arcebiſpo de Lacedemonia D. Jozé Dantas Barboza, e no dia 4 de Maio a piedade incomparavel da Rainha noſſa Senhora celebrou huma feſta ao Santo Patriarca, vindo aſſiſtir a ella em companhia de ElRei noſſo Senhor, a Senhora Princeza da Beira, as Sereniſſimas Infantas, e o Senhor Infante D. Pedro, que todos eſtiveraõ na tribuna. Cantou a Miſſa o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Principal D. Antonio de Saldanha, officiada pelos Muſicos da Capella Real, e da Camera de Suas Mageſtades. Aſſiſtiraõ tambem á meſma feſta o Eminentiſſimo Senhor Cardial Patriarca em huma tribuna do corpo da Igreja, a maior parte da Fidalguia, que eſtava diſtribuida pelas outras tribunas, e no corpo da Igreja; e finalmente os Reverendiſſimos Padres Confeſſores, e mais Criados de ſuas Mageſtades.

He eſta Igreja taõ ſumptuoſa, que a todos, que entraõ

entraõ nella, infunde devoçaõ, e igualmente reſpeito; porque toda ella reſpira a piedade, e a grandeza mageſtoza de quem a mandou fazer, adornando-a de finiſſimas pedras de variedade de cores, de pinturas dos melhores profeſſores; e naõ contente com eſte adorno, deu com maõ verdadeiramente Regia ornamentos, naõ ordinarios, para o quotidiano, e ricos para os dias feſtivos, e tudo o mais, que diz reſpeito ao culto Divino. Entre outras couzas huma banqueta de prata de fabrica rara, e de grande valor, e duas alampadas tambem de prata. Eu deſcreveria aqui com miudeza todas as peças, que Sua Mageſtade foi ſervida dar a eſta Igreja, ſe naõ tiveſſe o receio de offender á meſma Mageſtade, que naõ ſe liſonjea de que ſe façaõ publicas ſuas eſmolas: contento-me com dizer, e repetir, que tudo he coherente á magnificencia da Igreja, que hoje naõ ha outra neſta Corte, que lhe exceda.

Como o Hoſpicio era baſtantemente reduzido, compadecendo-ſe a meſma Mageſtade da noſſa eſtreiteza mandou comprar humas cazas, que ficaõ para o Naſcente da Igreja, para dar mais cõmodos aos Religiozos, que chegaraõ a eſtar a tres, e quatro em cada huma das cellas. Eſtas cazas, que ſe compráraõ no anno de 1755 no mez de Agoſto, ſe deſmancháraõ no interior para fazer accomodaçoens para os mencionados Religiozos; além diſto ſe fez huma Igreja interina das meſmas cazas, e tambem no interior ſe fez caza de Noviciado, a qual hoje eſtá ſervindo para os Eſtudos, que no anno de 1763 principiáraõ os Eſtudantes de Filozofia, e actualmente eſtaõ em ſegundo anno de Theologia, que continuaõ com felicidade até ao prezente.

Dos Religiozos, que floreceraõ neſta nova fundaçaõ, deve ter o primeiro lugar Fr. Aſcencio Vaqueros, como primeiro principio deſte Convento, que ſendo, como já diſſemos, Religiozo Donado de profiſſaõ, ſuas virtudes lhe fizeraõ tanto lugar, que attrahindo os coraçoens de toda a Fidalguia, ſoube inclinar

a at-

a attençaõ das Mageſtades a fazer huma grande confidencia da ſua peſſoa. Foraõ infinitas as honras, que recebeo no Paço, franqueando-lhe a entrada até aos meſmos quartos Reaes. Ouvimos dizer, que eſtando doente de bexigas a Sereniſſima Senhora D. Maria Barbara, Rainha que foi depois de Caſtella, lhe ſervia Fr. Aſcencio de enfermeiro: e depois das paſſagens, ſendo Princeza das Aſturias, o Senhor Rei D. Joaõ V. de eterna memoria o mandára á Corte de Madrid de propoſito para lhe fazer huma viſita, para cuja jornada lhe mandou o meſmo Senhor dár pelo Reverendo Prior de S. Nicoláo ſincoenta moedas de ouro, que Fr. Aſcencio naõ quiz aceitar, recebendo ſó ſeis para fazer as deſpezas indiſpenſaveis das eſtalagens. Foi tratado naquella Corte com diſtintas honras. Teve depois de muitos annos huma dilatada doença, na qual além de manifeſtar as occultas virtudes, que encerrava ſua alma, acabou de purificar ſeu eſpirito de algumas imperfeiçoens. Morreu em 3 de Janeiro de 1738; ſeus óſſos eſtaõ hoje nos covaes deſta Igreja, que ſe trasladáraõ, quando ſe deſmanchou aque ſervia antigamente.

Em ſegundo lugar devemos fazer memoria do Veneravel P. Fr. Franciſco de la Penha, que foi o que com o caracter de Vigario Provincial veio tomar poſſe do Hoſpicio, como já diſſemos. Era eſte P. filho do Porto de Santa Maria na Andaluzia baixa: havia annos, que conſervava eſtreita amizade com o noſſo Veneravel P. Fr. Diogo Peres, porque na meſma eſchola aprenderaõ ambos a práctica das perfeiçoens Religiozas. Entre outras, que reſplandeciaõ no Veneravel P. Penha, era a caridade, dedicado ſempre aos exercicios de huma vida activa: naõ ſe negava a exorcizar as peſſoas vexadas, e como o demonio lhe havia cobrado horror, naõ ſó em quanto Miniſtro de Jeſus Chriſto, de cujo poder treme o inferno, mas tambem pelas ſuas grandes virtudes, nas occazioens, em que impunha os preceitos para que deixaſſe livre a criatura, como naõ achaſſe o demonio outro deſpique para manifeſtar a ſua raiva,

lhe

lhe chamava: *Pança de gloria*: recahia eſte dito ſobre ſer o Veneravel P. baſtantemente robuſto, e ter o ventre elevado. Em outras occazioens lhe dizia: *Tira-te lá, Pança de gloria.* E em outras, antes que o Veneravel chegaſſe ao ſitio, aonde devia exorcizar, dizia: *Ahi vem agora o Pança de gloria para atormentarnos.* Naõ obſtante, que o demonio he o pai da mentira, e naõ ſe lhe deve dar credito algum, devemos notar, que a vida irreprehenſivel do Veneravel Padre dava baſtante fundamento a que neſſas occazioens fallaſſe verdade.

Muitos annos antes de vir a eſte Reino, como era Qualificador do Santo Officio, coſtumava eſte Tribunal remeter-lhe algumas cauzas dos Réos, que ſe achavaõ nos carceres, para as qualificar. Havendo-lhe mandado huns autos em huma occaſiaõ para eſte effeito, e ſendo as culpas de tal qualidade, que naõ podia deixar de condemnar o réo; para dar a execuçaõ ao que lhe mandavaõ os Inquiſidores, logo depois de Ave Marias accendeu luz na ſua cella para lançar a ſentença, que havia concebido; apenas pôz a luz na cella, ao tomar a penna ſe lhe apagou o candieiro; voltou a accendela até á terceira vez; e vendo, que lhe havia ſuccedido o meſmo, cheio de afflicçaõ, porque já formava o juizo de naõ ſer accazo apagar-ſe-lhe tres vezes a luz; humilhou-ſe na prezença de Deos, exclamando: *Oh Senhor, ſe eu vou a eſcrever a ſentença contra eſte réo, quem me obriga a iſſo ſaõ as culpas, que acho no Proceſſo, e guiado da doutrina dos Meſtres, que eſcreveraõ ſobre eſtas materias. Se eſte réo eſtá innocente, daime, meu Deos, luz, para que eu conheça ſua innocencia. Se vós, meu Senhor, me fallais deſte modo apagandome a luz, eu naõ fico ſatisfeito. Naõ pertendo mais do que for juſtiça, e voſſa vontade: illuminai, meu Deos, illuminai meu entendimento para o acerto.* Eſtando nella reſignada ſupplica, e humilde proteſtaçaõ, chegou á porta da cella o Veneravel P. Fr. Diogo Peres, e pulſando á porta,

ta ſegundo o eſtilo, depois de reſponder de dentro, lhe diſſe: *Padre Penha, ponha luz, e ſiga ſeu dicta-me, e naõ tenha ſuſto.* Manifeſtou Deos deſte modo haverem ſido todas as antecedencias aſtucias do demonio para eſtorvalo.

Foi tambem muito amante da pobreza; e além de outras acçoens, que ſe lhe notaraõ, devemos referir, que naõ conſervava em ſi couza de valor: e da ſua roupa interior todos os annos diſtribuia toda entre Religiozos pobres; na occaziaõ que hum Irmaõ ſeu ſecular, que tinha no Porto de Santa Maria, lhe mandava novo fato para ſeu uzo, ſem rezervar para ſi mais que o muito precizo. Quando veio a eſte Reino, logo que chegou á raia havendo-ſe-lhe advertido pelos ſujeitos, que vinhaõ na ſua companhia, que já eſtavaõ dentro do Reino de Portugal, logo ſe apeou do cavallo, e pondo-ſe de joelhos, beijou o chaõ dizendo: *Eſta terra me hade dar a ſepultura.* O que ſe verificou, porque naõ chegou a completar hum anno, paſſando para a eternidade no dia 15 de Março do anno 1719, deixando o ſuaviſſimo cheiro das ſuas virtudes. Seu corpo eſtá depozitado na Igreja das Religiozas de Santo Alberto deſta Corte, e Bairro: por naõ haver neſte tempo no Hoſpicio jazigo, foi precizo procurar ſepultura no dito Moſteiro.

O terceiro, e ultimo, de que devemos fazer mençaõ para concluirmos eſte Tratado, he o Veneravel P. Fr. Marcos Gonçalves da Cruz, natural do Reino de Galiza, que havendo tomado o Habito, e profeſſado na Provincia de Sevilha, aonde viveo com grande regularidade, foi mandado pela meſma Provincia a eſte Reino com o caracter de Vigario Provincial, em cujo cargo moſtrou ſua grande caridade, e zelo das almas, porque naõ ceſſava de prégar nos pulpitos deſta Corte, enchendo as obrigaçoens de Miſſionario Apoſtolico; para cujo exercicio alcançou Breve de Sua Santidade. Nas confiſſoens era incançavel, porque a toda a hora, que eſtiveſſe fóra do pulpito, naõ lhe

lhe ficava tempo algum, que naõ eſtiveſſe confeſſando, ou reſpondendo a varios eſcritos das almas, que ſe governavaõ pela ſua direcçaõ; de modo que nunca foi viſto de peſſoa alguma deſocupado deſtes exercicios. Sahia fóra de madrugada, e ſeu deſtino era hir á Igreja da Mizericordia deſta Corte, aonde ſe punha a confeſſar, e ſe acazo ainda as portas deſta Igreja naõ eſtavaõ abertas, no meſmo adro ſe ſentava a confeſſar a muitas peſſoas pobres, que concorriaõ para ouvir a primeira Miſſa, ou porque as occupaçoens, com que ganhavaõ ſua vida, as obrigava a iſſo, ou porque a grande neceſſidade, com que viviaõ, naõ lhes permitia hir a outras horas por falta de fato decente ſegundo a qualidade do ſeu naſcimento. Morreu cheio de virtudes mais que de annos em 31 de Maio de 1733, no dia Domingo da Santiſſima Trindade. Eſtaõ ſeus oſſos depozitados nos covaes deſta nova Igreja, deſde que ſe deu principio a ella, que ſe trasladáraõ da ſepultura, em que eſtavaõ, quando ſe deſmanchou a Ermida, que no ſeu tempo ſe fez com porta para a rua.

Laus Deo, Beatæ Virgini Mariæ, atque Beato Franciſco de Paula P. N.
Omnia dicta humiliter ſubjicio correctioni Sanctæ Matris Eccleſiæ.

DEpois de feito o ſobredito Appendix, havendo-ſe reconhecido eſtar muito diminuto, por nelle ſe naõ fazer mençaõ de huma Provincia, nem ſe declararem outros muitos Conventos da Ordem: para ſatisfazer ao dezejo dos Devotos curiozos, ſe lhes offerece o ſeguinte Summario, em que rezumidamente ſe comprehendem os de que até ao prezente temos noticia.

Note-ſe I. que em algumas Provincias ſe naõ referem muitos Conventos, que algum tempo tivéraõ; porque pela erecçaõ, ou divizaõ de novas Provincias, neſtas elles ſe incorporáraõ.

Note-ſe II. que ainda que já naõ exiſtem alguns dos Conventos, de que ſe faz mençaõ, vaõ com tudo apontados com ſignal ✠, para memoria de que os houve.

Note-ſe III. que naõ obſtante conſtárem dos AA. outras muitas fundaçoẽs de Conventos da noſſa Ordem, advertidamente ſe omittem neſte Catalogo, por ignorarmos ſe tivéraõ execuçaõ, ou ſe ainda exiſtem.

Note-ſe IV. que como os tres Conventos Romanos naõ ſaõ ſujeitos a alguma das Provincias da Ordem, por ſerem izentos, e ſó eſtárem debaixo da immediata obediencia do Reverendiſſimo Padre Geral, naõ os incluimos na ſérie dos mais Conventos das Provincias; mas delles fazemos ſeparadamente em primeiro lugar a memoria ſeguinte.

Conventos de Roma.

1. SAntiſſima Trindade do Monte, de Religiozos Francezes, 1495.
2. Santo André de Frattis, de Religiozos cada hum de ſua Provincia, 1585. 1587.
3. S. Franciſco de Paula, de Religiozos da Provincia da Calabria Citerior, 1623.

SUMMARIO
DE TODAS AS PROVINCIAS,
E CONVENTOS DA ORDEM DOS MINIMOS
DE
S. FRANCISCO DE PAULA:

Onde, deſignados em cada huma das Provincias os annos de ſuas erecçoẽs, ou divizoẽs, ſe apontaõ em primeiro lugar os nomes das Terras dos Conventos: em ſegundo os Titulos, ou Invocaçoẽs de ſuas Igrejas: e em terceiro os annos de ſuas fundaçoẽs, ou aceitaçoẽs, ou renovaçoẽs de cada hum dos Conventos.

Provincia I. de S. Franciſco de Paula da Calabria Citerior, ou inferior,
1507. 1571. 1574.

PAULA, N. Senhora do Anjos, S. Franciſco de Aſſiz, e S. Franciſco de Paula, 1435.1571.
Paterno, N. Senhora Annunciada, 1444.1635.
Eſpezzano, Santiſſima Trindade, 1453.1758.
Corilhano, Santiſſima Trindade, 1458.1635.
Coſſencia, N. Senhora do Loreto, 1510.1661.
Montalto, N. Senhora Annunciada, 1513.1516.1703.
Regina, 1515.1667.
Belvedere, JESUS MARIA, 1518.
Biſignano, N. Senhora do Loreto, 1518.1685.
Bonifato, N. Senhora do Loreto, 1536.
Cirella, N. Senhora da Graça, 1545.
Ciro, ou Ziro, 1578 1581.
Roſſano, JESUS MARIA, 1580.1581.
Caſalnovo, 1580.1581.1710.
Santa Agueda, S. Miguel, 1593.1605.
Caſtrovillar, S. Franciſco de Paula, 1595.1694.
Longobardo, N. Senhora da Aſſumpçaõ, 1600.
Altimonte, 1611.1697.1718.

Pedacienſe, N. Senhora Annunciada, 1618.1623.
S. Marcos, S. Leonardo, 1619.1623.
Amanthéa, S. Franciſco de Paula, 1623.
Fiumefredo, S. Franciſco de Paula, 1623.1710.
Calopezzate, S. Franciſco, 1623.1661.
Luzzienſe, 1626.1635.
Mayto, 1635.1653.1655.
Acrienſe, 1653.1655.
Terra nova, 1660.1697.1703.
Ypſieronenſe, 1697.1703.

Provincia II. de Turs, 1507.

1. TUrs, ou Turonenſe, JESUS MARIA, 1482.
2. Turs, S. Gregorio Turonenſe, 1623.1629.
Amboyſe, ou Ambaſienſe, JESUS MARIA, e Todos os Santos, 1489.
Giene, ou Genabenſe, Santiſſima Trindade, e Santa Elena Imperatriz, 1498.1507.1602.1605.
Caſtro-Eraldo, JESUS MARIA, 1500.1661.
Monte-Gauger, S. Jago, 1502.1520.1617.
Nantes, ou Nannetenſe, Santo Antonio de Padua, 1504.1587.1593.
Bomiers, N. Senhora Annunciada, 1507.1520.1527.
Poitiers, ou Pictavienſe, Santa Maria, 1529.1593.
Surgéres, Santo Egidio, 1602.
Chimpigny, 1602.
Orliens, ou Aurelianenſe, 1613.1617.
Blois, ou Bleſſenſe, 1614.1617.
Angiers, ou Andegavenſe, 1614.1617.
Iſloudun, 1617.
Chartres, ou Charnotenſe, 1617.
Bourgés, ou Bituricenſe, 1617.
Mans, ou Cenomanenſe, 1623.
Angolême, ou Engoliſmenſe 1623.
Caſtelnovo, 1623.
Rennes, ou Rhedonenſe, 1623.
S. Paulo de Leon, 1623

Dun

Dun-le-Roy, ou Duno-Regienſe, 1623.
Chinon, 1623.1629.
Syllis, ou Sylliacenſe, 1623.1629.1661.
Rochella, ou Rupellenſe, N. Senhora da Victoria, 1628.1629.
S. Fiacrio, 1661.
Monte-Relaxo, 1661.

Provincia III. de Meſſina, ou de Sicilia, 1507.

1. Meſſina, Jesus Maria, e Santo Sepulchro, 1503.1596.
2. Meſſina, de Freyras, S. Elias, 15...
Milazzo, ou Mylaytano, Jesus Maria, 1464.1596.
Catanea, Santo Onofre, 1523.1581.
Caſtanea, S. Nicoláo, 1579.1596.
Syracuſa, S. Antaõ, 1579.1581.
S. Angelo, S. Franciſco de Paula, 1582.
Lentino, ou Leontinenſe, Santo André, 1584.1587.
Lingua-groſſa, N. Senhora do Loreto, 1584.1587.
Eſcaleta, S. Filippe, e Sant-Iago, 1584.1587.
Calatagirona, S. Antaõ, 1585.1593.
Condró, 1601.1605.
Melitello, 1617.
Taormina, ou Tauromenienſe, 1617.
Vizzini, 1617.
1. Monforte, Santiſſima Trindade, 1623.
2. S. Pedro de Monforte, S. Maria Maior, 1635.1692.
Noto, ou Nectenſe, Santa Maria, 1623.
Geyſo, ou Gypſenſe, Santo Antonio, 1623.
1. Rendace, S. Franciſco de Paula. 1623.
2. Rendace, 1665.
Terra nova, 1630.
Sicienſe, S. Franciſco de Paula, 1635.
Auguſta, 1646.
Victoria, 1680.
Rocca-Aluméra, 1728.

Pro-

Provincia IV. de Pariz, ou de França, 1507.

1. NIgeon de Pariz, N. Senhora de todas as graças, 1493.1593.
2. Vicena de Pariz, N. Senhora dos Reys, 1585.1587.
3. Praça Real de Pariz, S. Francisco de Paula, 1605.1611.
Amiens, ou Ambianense, 1498.1596.
1. Abbeville, Nossa Senhora da Assumpçaõ, 1499.1500.1596.
2. Abbeville, de Freiras, JESUS MARIA, 1621.
Catacense, 1578.
Dieppe, 1583.1596.
1. Soyssons, ou Suessonense, 1583.1599.
2. Soyssons, de Freiras, S. Anna, 1655.
Fublines, S. Pedro, 1588.1593.
Ruaõ, ou Rothomagense, Santa Maria, 1593.1602.1607.
Cretecense, S. Francisco de Paula, 1596.
Insulano, 1599.1619.
Masanense, 1605.
Casteutierre, ou Castroterense, JESUS MARIA, 1605.1611.
Perona, 1607.1611.
Compiegny, ou Compendiense, S. Pedro, 1607.1611.
Nervers, ou Nivernense, 1608.1611.
Cálais, ou Calestiense, 1612.1617.
Guisa, 1617.
Beauvais, ou Bellovacense, 1617.1623.
Chaulay, ou Calniacense, 1623.
Bone-Maison, 1618.1623.
Desise, 1623.
Aulnoy, ou Alnetense, 1623.
Royense, 1635.
Vitri, ou Vitriacense-Briense, 1641.1655.

Bolo-

Bolonienſe, 1646.
Briconterobertenſe, ...

Provincia V. de Genova, 1507.

1. GEnova, JESUS MARIA, 1494.1615.
2. Genova, Santa Margarida de Moracio, 1622.1623.
Savona, S. Lazaro, 1600.
Sarſana, Santo André, 1601.
Alberga, S. Francisco de Paula, 1602.
Levante, S. Francisco de Paula, 1603.1611.
Burgueto, Eſpirito Santo, 1604.1611.
Nervi, 1606.1611.
Elpédia, 1617.
Algaliola, em Corcega, 1623.
Genturio, 1623.

Provincia VI. de Aquitania, 1507.

TOlóſa, JESUS MARIA, e S. Roque, 1490.1503.
Sammathan, S. Roque, 1543.1661.
Narbona, Santo Antaõ, 1570.1578.
Tornay, ou Torracenſe, Santa Maria do Caſtello, 1592.1593.
Blaye, ou Blavyenſe, Noſſa Senhora do Bom Porto, 1606.1611.1655.
Bordéos, ou Burdigalenſe, Santa Maria de todas as graças, e S. Roque, 1607.1611.
Vicco, ou Viccienſe, 1609.1611.
Beziers, ou Biterrenſe, Saõ Franciſco de Paula, 1609.1611.
Caſau, ou Caſalenſe, S. Franciſco de Paula, 1611.
Aubeterre, ou Albeterrenſe, 1617.
Plainac, ou Planiacenſe, 1617.
Carcaſſona, 1629.
Aginenſe, 1661.

Provincia VII. de Granada, 1507.

Malaga, N. Senhora da Victoria, 1492.1599.
1. Andujar, Santa Elena, 1495.1667.
2. Andujar, de Freiras, Santa Elena, 1495.
Ezija, ou Aſtigitano, N. Senhora da Victoria, 1506.
1. Cordova, N. Senhora da Victoria, 1510.
2. Cordova, de Freiras, JESUS MARIA, 1535.
Granada, 1518.
Oſſuna, 1548.1587.
1. Baeza, N. Senhora da Victoria, 1551.
2. Baeza, de Freiras, S. Ildefonſo. 1561.
1. Archidona, S. Catharina, 1556.
2. Archidona, de Freiras, 1556.
Noalejo, 1556.
Ubeda, N. Senhora da Purificaçaõ, 1557.
Loxa, S. Sebaſtiaõ, 1559.
Eſtepa, 1562.
Motril, 1580.
Almunhecar, 1582.
Olvêra, S. Sebaſtiaõ, 1583.
1. Antequêra, 1585.
2. Antequêra, de Freiras, 1601.
Cabra, 1589.1593.
Torre-Ximena, 1604.1605.
Vera, 1605.
Fuente Santa, N. Senhora da Fonte Santa, 1608.1623.
Puente de D. Gonſalo, 1617.
Torrox, N. Senhora das Neves, 1710.
Lucena, S. Franciſco de Paula, 1710.
Verxa, S. Maria de Gador, 1710.

Provincia VIII. de Germania, ou Alemanha, 1508.1629.

THeinnovichtenſe, em Auſtria, Santa Anna, 1505.1507.1629.

Kukul-

Kukulkyſitenſe, em Bohemia, Santo André, 1505.1507.1629.
Outro, em Bohemia, Santiſſima Trindade, 1505.1507.1655.
Baccha, em Bohemia, Santiſſima Trindade, 1505.1635.1655.
Fiſtricenſe, 1507.1629.
Tachovienſe, em Bohemia, SS. XIV. Auxiliadores, 1507.1646.
Praga, em Bohemia, S. Salvador, 1629.
Vienna, em Auſtria, 1629.
Pirnitcenſe, em Moravia, S. Mattheos, 1629.1646.
Monacho, em Baviera, 1629.
Warnovienſe, na Moravia, 1635.
Neoburgenſe, no Palatinado, S. Jorge, 1646.
Hambergenſe, no Palatinado, 1655.1697.
Leobchiſtzenſe, na Silezia, 1655.
Kometzenſe, 1664.
Hungarienſe, 1697.
Talchimenſe, 1697.
Neopaccenſe, 1728.
Santa Maria da Ilha Schitls, em Hungria, S. Franciſco de Paula. 1728.
&c.

Provincia IX. de Napoles, ou Terra de Lavor, 1535.

1. NApoles, S. Luiz, 1478.1535.
2. Napoles, N. Senhora da Eſtrella, 1574.
3. Napoles, N. Senhora dos Anjos, 1583.1587.
4. Napoles, S. Sebaſtião, e S. Franciſco de Paula, 1595.
† 5. Napoles, S. Cypriano, 1635
Caſteilamar, Santa Maria de Puzano, 1506.
Campanha, S. Maria Nova, 1513.
Salerno, S. Franciſco de Paula, 1516.
Averſa, S. Franciſco de Paula, 1516.

Cava, Santa Maria del Olmo, 1583.
S. Jorge, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1586.1593.
Maſſa, S. Proceſſo, e S. Martiniano, 1587.1593.
Nócera, N. Senhora da Saude, 1587.1588.
Nola, S. Franciſco de Paula, 1593.
Gefuni, 1593.1617.
S. Arpino, ou Elpidio, N. Senhora da Eſtrella, 1593.
Capua, S. Maria de Via Cœli, 1605.
Caſerta, S. Franciſco de Paula, 1617.
Otayano, ou Octavîenſe, 1618.
Sermoneta, 1618.
Pedemontano, 1710.

Provincia, X. de Apulia, ou Terra de Bari, 1535.

1. LEcce, ou Aletino, ou Licienſe, S. Miguel, 1524.1764.
2. Lecce, de Freiras, os Santos Anjos, 1535.1555.1623.
Taranto, N. Senhora da Graça, 1530.
Monópoli, S. Franciſco de Paula, 1530.
Grotalla, N. Senhora da Graça. 1538.
Otranto, ou Hydruntino, S. Franciſco de Paula, 1540.1679.
Brindizi, ou Brunduzino, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1581.1667.
Oria, ou Uritano, S. Marſinofrio, 1601.1602.
Martina, S. Franciſco de Paula, 1608.
Galliano, Santo Elias, 1612.1617.
Gallipoli, N. Senhora da Saude, ou de Canneto, 1612.1617.
Nardo, ou Neritonenſe, Santa Maria de Conſtantinopla, 1612.1617.
Capurſi, S. Franciſco de Paula, 1612.1617.
Caſtellana, Santa Luzia, 1612.1617.
Bitonto, S. Miguel, 1615.1617.
Bari, S. Franciſco de Paula, 1616.1617.

Con-

Converſani, S. Miguel, 1623.
Meſiagnia, ou Meſanienſe, S. Roque, 1623.
Oſtuni, Santa Maria Magdalena, 1623.
Meſſapienſe, 1667.
Phoſano, ou Taſano, 1697.1716.

Provincia XI. de Caſtella, ou de Madrid, 1535.

Toledo, S. Bartholomeu, 1525.
Valhadolid, ou Valliſoletano, N. Senhora da Victoria, e S. Roque, 1544.
Salamanca, S. Franciſco de Paula, 1554.1617.
Madrid, N. Senhora da Victoria, e da Soledade, e S. Franciſco de Paula, 1561.1625.
Camarena, N. Senhora da Conceiçaõ, 1562.
Alcalá de Henares, ou Complutenſe, Santa Anna, 1578.
Burgos, 1582.1584.
Villalon, S. André, 1585.1587.
Segovia, N. Senhora da Saude, 1591.1593.
Mancêra, N. Senhora da Aſſumpçaõ, 1602.
Saldanha, 1606.
Lima, no Reino do Perû, na America, N. Senhora do Soccorro, 1703.1716.

Provincia XII. da Calabria ulterior, ou ſuperior, 1571.

Cotrône, Jesus Maria, 1460.
Mayda, Jesus Maria, 1469.
S. Braz, N. Senhora dos Enfermos, 1508.
Tropea, N. Senhora do Soccorro, 1534.1764.
Rocca-Bernarda, S. Franciſco de Paula, 1539.1758.
Bitriaco, Santa Maria, 1550.
Burrelo, S. Franciſco de Paula, 1555.

Rhegio, S. Franciſco de Paula, 1552.
Catanzáro, S. Franciſco de Paula, 1577.1581.
Pizzo, S. Roque, 1579.1581.
Roccella, S. Victor, 1580.1581.
Anoya, N. Senhora das Graças, 1582.1593.
Geraci, ou Hieracenſe, ou Locrenſe, Santiſſima Trindade do Monte, 1585.1657.
Nicotera, S. Franciſco de Paula, 1593.1605.
Synopoli, S. Franciſco de Paula, 1595.1758.
Monte-Leaõ, S. Franciſco de Paula, 1604.1605.
Oppido, S. Franciſco de Paula, 1610.1623.
Bagnara, ou Balnearenſe, 1622.1635.
Seminarenſe, N. Senhora da Annunciaçaõ, e S. Franciſco de Paula, 1623.
Converſára, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1623.
Cotôna, ou Catôna, 1629.
Poliſtina, 1403.
† Eſquilláce, 1710.
Roſſarnenſe, 1758.

Provincia XIII. de Leaõ, 1571.

1. Grenoble, Jesus Maria, e S. Braz, 1496.
2. Grenoble, 1667.
† Frejûs, ou Forojulienſe, N. Senhora da Piedade, e S. Franciſco de Paula, 1490.1529.1571.
Leaõ, N. Senhora da Aſſumpçaõ, 1553.1578.
Montmerle, S. Maria, 1606.1611.
Feurs, ou Fevrenſe, Santa Maria, 1611.
Valença, N. Senhora da Aſſumpçaõ, 1611.
Roſſelhon, Santa Maria. 1611.
Santo Eſtevaõ, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1611.
Tullins, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1617.1623.
Romans, Santa Maria, 1517.1623.
Moulins, Santa Maria, 1623.
Sanchaumond, ou Sanchamondenſe, N. Senhora da Annunciaçaõ, e S. Joaõ Evangeliſta. 1623.
Rimnenſe, 1631.

Roanenſe, 1655.1655.
Fiennenſe, 1660.
Viennenſe, 1758.

Provincia XIV. de Valença, 1574.

VAlença, S. Sebaſtiaõ, e S. Franciſco de Paula, 1533.1596.
Alaquáz, N. Senhora da Oliveira, 1534.1596.
Caſtalha, S. Sebaſtiaõ, 1586.1596.
Villa de la Puebla, S. Coſme, e S. Damiaõ, 1603.1605.1643.
Vivel, S. Franciſco de Paula, 1603.1605.
Muchamiel, S. Franciſco de Paula, 1605.1611.
Almoradi, S. Franciſco de Paula, 1609.1611.
Ondára, N. Senhora da Conceiçaõ, 1411.
Xábea, N, Senhora da Victoria, 1616.1617.
Alcantarilha, 1758.

Provincia XV. de Toſcana, ou de Florença, 1581.

ILha de Martha, N. Senhora do Monte, 1574.
Bolſena, ou Vulſino, SS. Crucifixo, 1574 1611.
Peruggia, ou Peruſino, Eſpirito Santo, 1578.
Viterbo, Santa Maria, 1578.
Galleze, N. Senhora do Repouzo, 1578.
Piza, S. Torpes, 1581.1587.
Orbitello, ou Urbevetano, 1582.1611.
1. Florença, S. Joſeph, 1583.1611.1958.
2. Florença, S. Franciſco de Paula, 1605.
Forli, ou Forolivienſe, S. Franciſco de Paula, 1605.
Piſtoria, S. Onofre, 1614.1617.
Peſciano, S. Franciſco de Paula, 1675.1669.
Curtenſe, S. Salvador, 1764.

Provincia XVI. de Catalunha, 1581.1586

1. Barcelona, S. Franciſco de Paula, 1570.1596.
2. Barcelona, de Freiras, 1629.
Perpinhaõ, 1575.1673.
Granolles, S. Franciſco de Paula, 1578.
1. Valles, S. Franciſco de Paula, 1582.1584.
2. Valles, de Freiras, 1679.
Cervêra, S. Franciſco de Paula, 1591.1593.
Menoricenſe, 1596.1685.
Hoſtalric, S. Franciſco de Paula, 1610.1667.
Girona, ou Gerundenſe, S. Franciſco de Paula, 1611.1685.
Iſſoudun, 1617.
Manreza, S. Franciſco de Paula, 1629.
Tortona, ou Dertonenſe, 1629.
Villa de Pontes, 1646.
Baguta, S. Reparata, 1716.

Provincia XVII. de Provença, e Languedoc, 1535.1596.

Aix, ou Aquenſe, Santa Maria da Sé, 1556.
Avinhaõ, ou Avenionenſe, N. Senhora dos Milagres, 1570.1578.1593.
Porrieres, N. Senhora do Boſco, e S. Franciſco de Paula, 1578.1596.
Marſelha, N. Senhora dos Anjos, S. Miguel, e S. Rafael, 1594.1596.1599.1611.
Arles, ou Arelatenſe, N. Senhora da Graça, e S. Honorato, 1596.1617.
Mana, 1602.1605.
Valeta, N. Senhora do Monte-Olivete, 1602.1605.
Ilha, Santa Maria, 1604.1605.
Sancti-Spiritus, Santa Maria, 1604.1605.
Tolon,

Tolon, S. Joaõ Baptiſta, 1609.1611.
Venaſco, N. Senhora da Vida, 1616.1617.
Idraguignanenſe, 1617.
Civitatenſe, S. Franciſco de Paula, 1635.
Dracenenſe, 1636.
† Bormes, 1655.
Caſtella-Royenſe, 1655.
Marignanenſe, 1655.
Trets, ou Tretenſe, 1665.1667.
Albanienſe, 1758.

Provincia XVIII. de Campania, 1596.

BRacancourt, S. Maria, 1496.1596.
Rhetel, 1571.
Rheims, S. Coſme, e S. Damiaõ, 1572.1574.
Verdun, ou Virodunenſe, S. Luiz, 1578.
S. Miguel, S. Theobaldo, 1599.1602.
Metz, S. Luiz, 1611.
Laon, ou Laudunenſe, 1611.
Vitry, 1611.
Eſpina, N. Senhora da Eſpina, 1611.1629.
Eſpernay, 1623.
Villerienſe, Santa Maria, 1635.1655.1667.
Domnolupenſe, 1655.
Briennenſe, 1635.1646.
Breveronenſe, 1655.
Calvomontano, ou Mechinetenſe, 1703.1728.

Provincia XIX. de Palermo, 1596.

1. PAlermo, Jesus Maria, e Santa Oliva, 1518.1596.
2. Palermo, N. Senhora da Victoria, 1596.1600.
3. Palermo, de Freiras, Os Santos VII. Anjos, 1532.
Salemo, S. Luzia, 1523.
Girgento, ou Agrigentino, S. Franciſco de Paula, 1534.

Tra-

Trapani, ou Drepanenſe, N. Senhora da Conſolaçaõ, e S. Franciſco de Paula, 1572.1574.
Marzála, S. Franciſco de Paula, 1583.1587.
Termine, N. Senhora da Graça, 1584.1587.
Caſtro-Giovanne, N. Senhora do Loreto, 1601.1661.
Nicoſia, 1605.
Egnenſe, 1605.
Caſtelvetrano, S. Franciſco de Paula, 1607.1661.
Pacecco, 1608.1728.
Alchamo, Santiſſimo Crucifixo, 1609.
Xiaca, S. Franciſco de Paula, 1610.1667.
Siculano, ou Inſulano, 1613.
Cimina, S. Franciſco de Paula, e S. Leonardo, 1618.

Provincia XX. de Sevilha, 1581.1599.

PORto de Santa Maria, N. Senhora da Victoria, 1502.1504.1703.
1. Sevilha, em Triana, N. Senhora da Victoria, 1524.
2. Sevilha, em Triana, de Freiras, N. Senhora da Conſolaçaõ, 1548.
3. Sevilha, S. Franciſco de Paula, 1589.
4. Sevilha, de Freiras, N. Senhora da Conſolaçaõ, 1593.
1. Xeréz de la Frontera, 1524.1543.
2. Xeréz, de Freiras, JESUS MARIA, 1524.1646.
Arahal, N. Senhora da Victoria, 1546.
Puebla de Caſſalha, N. Senhora da Purificaçaõ, 1555.
Aznalcazar, N. Senhora da Victoria, 1558.
Utrêra, N. Senhora da Conſolaçaõ, 1561.
Conil, N. Senhora das Virtudes, 1568.
Almonte, 1568.
Medina de Sydonia, S. Sebaſtiaõ. 1579.
Alcalá de los Ganzules, ou Complutenſe, 1580.
Ximêna, Santa Anna, 1583.
Moron, S. Sebaſtiaõ, 1584.
Huelva, 1588.
Sanlucar de Barrameda, N. Senhora da Victoria, 1593.

† Ayamon-

† Ayamonte, 1623.
Porto-Real, S. Franciſco de Paula, 16...

Provincia XXI. de Lombardia, 1602.

Bolonha, S. Bento, 1529.1635.
Ferrára, Santa Cruz, 1535.
Final, 1535.
Parma, S. Joaõ Baptiſta. 1574.
Placencia, Santiſſima Trindade, 1584.
Cotigori, N. Senhora do Rozario, 1588.
Módena, S. Barnabé, 1588.
Mantua, 1593.1605.
Bagnuolo, ou Balneonenſe, S. Franciſco de Paula, 1603.1605.
Forli, ou Forolivienſe, 1611.1679.
Reggio, S. Eſtevaõ, 1667.1697.

Provincia, XXII. de Malhorca, 1602.

1. Malhorca, N. Senhora da Soledade, ou da Sodalidade, 1584.1667.
2. Malhorca, S. Franciſco de Paula, 1599.1605.
Campos, S. Franciſco de Paula, 1599.
Muro, Santa Anna, 1599.1697.
Sunienſe, JESUS MARIA, 1667.1673.
Palma, 1716.

Provincia XXIII. de Loreto, 1629.1679.

Ancona, S. Primiano, 1594.1661.
Peſáro, S. Franciſco de Paula, 1598.1667.
Fano, Eſpirito Santo, 1602.1629.
Vaſto, 1603.1667.
Orſonho, ou Urſonienſe, 1603.
Caſtelleone, Santiſſimo Crucifixo, 1604.1611.

Fermo, ou Firmano, S. Pedro, 1607.1611.
Rimini, ou Ariminense, S. Antonio de Padua, 1610.1764.
Chieti, ou Theatino, S. Francisco de Paula, 1623.
Jésio, ou Aquilense, S. Francisco de Paula, 1623.1629.
Ripalta, 1623.
Salmona, 1623.
Cesenna, 1629.
S. Severino, 1646.
Æsino, 16...
Loreto, 1728.
Montiano, 1728.
Ptavayense, 1728.

Provincia XXIV. de Aragaõ 1596.

Aragoça, N. Senhora da Victoria, 1576.1578.1593.
1. Fresnêda, N. Senhora da Graça, da Lapa, 1580.1596.
2. Fresnêda, N. Senhora da Graça, 1595.
Cascante, N. Senhora da Victoria, 1585.1587.
Fuentes, Santa Anna da Victoria, 1595 1602.
Albaláte de Cinca, N. Senhora da Victoria, 1612.1617.

Provincia XXV. de Flandres, 1617.

Anvers, ou Antuerpiense, Jesus Maria, 1614.1617.
Anderlec, S. Carlos, e Santa Anna, 1615.1617.
Bruxellas, Santo Estevaõ, e Santa Catharina, 1617.1710.
Mons, em Hannonia, 1617.1623.
Ilha, ou Insulense, 1617.1623.
Grandmont, ou Gerardimontense, 1617.1623.
Liege, ou Leodiense, 1620.1623.1697.
Douay, ou Duacense, 1629.

Dieste,

Dieſte, em Brabante, 1635.
Lovayna, ou Lovanienſe, 1638.
† Dunkerque, 1646.1695.
Juppilienſe, 1655.

Provincia XXVI. de Lorena, 1617.

SErres, Santiſſima Trindade, 1593.1596.
1. Nancy, ou Nanceyano, S. Joaõ Baptiſta. 1592 1596.
2. Nancy, N. Senhora do Loreto, 1593.1602.
3. Nancy, N. Senhora, do Soccorro, 1609.
Sammihel, S. Theobaldo, 1605.1617.
1. Eſpinal, S. Franciſco de Paula, 1611.1617.
2. Eſpinal, ...
Dunenſe, S. Egidio, 1611.
Stenacenſe, S. Franciſco de Paula, 1611.1617.
Vezelize, 1611.1617.
Baſſigny, Santa Maria, 1611.1617.
Nomeni, 1611.1617.
Dieuze, S. Franciſco de Paula, 1623.
Luneville, S. Franciſco de Paula, 1623.
Bar-le-Duc, ou Barrenſe, 1623.
Marche-Ville, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1623.
Santa Luzia, 1629.
Muſſipontano, ...
Dunienſe, ou Duzienſe, 1680.1685.
Ponte a Mouſon, 1710.

Provincia XXVII. de Veneza, 1596.1617.

VEneza, S. Bartholomeu, 1585.1587.
Breſcia, ou Brixiano, S. Joaõ Baptiſta, 1588.1593.
Verona, S. Franciſco de Paula, 1593.
Gubernol, S. Franciſco de Paula, 1617.

† Solferino, 1617.
1. Padua, S. Miguel, 1635.
2. Padua, Eſpirito Santo, 1673.
Bergamo, Todos os Santos, 1655.
Vicencia, 1667.
Cabo de Agger, S. Franciſco de Paula, 1673.
S. Jorge de Alga, 1673.
Salodienſe, S. Bento, 1679.

Provincia XXVIII de Milaõ, 1620.1623.

1. Milaõ, N. Senhora das Neves, ou da Fonte, 1547.1593.
2. Milaõ, N. Senhora da Fonte, 1667.
3. Milaõ, Santo Anaſtaſia, 1675.1679.
Pavia, S. Marcos, 1578.
Caſtelleone, N. Senhora da Eſtrella, 1623.
Cremona, S. Arcaldo, e S. Franciſco de Paula, 1623.
Como, Santa Maria de Vico, 1623.
Alexandria, S. Joaõ Baptiſta, 1623.
Lodi, ou Laudenſe, N. Senhora da Graça, 1635.
Verlemano, Santa Urſula, 1623.
Suricenſe, 1623.
Summa, 1673.

Provincia XXIX. do Condado de Borgonha, 1621.1623.

Orrnans, ou Ornacenſe, N. Senhora da Puriſicaçaõ, 1611.
Beſançons, ou Veſontionenſe, Santa Maria, 1611.1617.
Rupt, S. Jacintho, 1611.
Romond, em Helvecia, Santa Maria. 1623.
Arbois, ou Arboſiano, Santa Maria, 1523.
Eſtavahi, ou Eſtaiacenſe, na Helvecia, S. Maria, 1623.

Dola,

Dola, N. Senhora da Conceiçaõ, 1629.
Mortuacenſe, S. Miguel, 1629.
Arlenſe, 1655.1661.
N. Senhora da Conſolaçaõ, 1669.1673.

Provincia XXX. do Ducado de Borgonha, 1623.

Dijon, ou Divionenſe, N. Senhora da Prezentaçaõ, 1596.1617.
Chalons, ou Cabilonenſe, N. Senhora da Aſſumpçaõ, 1596.1602.
Semur, S. Jago, 1605.1673.
Avallon, N. Senhora da Aſſumpçaõ, 1611.
Tornay, ou Tordonorenſe, S. Nicoláo, 1611.
Guiche, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1617.
Maſcon, ou Matiſconenſe, Santa Maria, 1623.
Beaulne, ou Belnenſe, Santa Maria, 1629.
Clava, ou Clayetenſe, 1629.
N. Senhora do Tanque, ou de Stagno, 1635.
Vitellenſe, 1654.1655.

Provincia XXXI. de Alvernia, 1664.1667.

Beauregard, ou Belli-regardenſe, N. Senhora da Annunciaçaõ, 1514.1596.
Chaumond; ou Calvimontenſe, S. Pedro, 1606 1611.
Breude, ou Brivatenſe, S. Ferreol, 1608.1611.
Clermont, ou Claromontano, 1617.1635.1673.
Berdenſe, ou Bertenſe, 1665.1667.
Curtipetrenſe, 16...
† Uſſouenſe, 1667.1673.
Coprerienſe, ...

Provincia XXXII. de Saboia, 1673.

Onon, 1643.
Turim, ou Taurinenſe, 1625.1635.1646.
Nizza, ou Nicienſe, 1633 1735.1646.
Tinella, Santa Maria N. Senhora, 1628.1635.1646.
Aſtenſe, 1635.
Unelnienſe, 1703.

Provincia XXXIII. de Lucania, ou Baſilicata, 1728.

Boli, S. Pedro, 1577.1578.1728.
Marathéa, S. Leonardo, 1603.1728.
Libonate, Santa Maria de Calimotes, 1610.1611.1728.

Provincia XXXIV. de Sardenha, 1623.1770.

Alher, ou Calaritano, 1623.
Aſſemini, 1710.
Oliena, 17...
Sanluri, 17...
Villa-Franca, ou Villa-Nova, 17...

Provincia XXXV. de Portugal, 1761.

Lisboa, S. Franciſco de Paula, 1717.1761.1764.

RUM OI

D E

IN FLU

REDUN

) VOLUP

UM (*ECC*

R CAPIT

:

ciam XIX. Panormi
nciam XV. Etruria
nciam XXI. Lombar

e.

inciam XXVI. Lot

vinciam XXV. Flar
vinciam XXIX. Com
vinciam XXX. Duca
vinciam XXXI. Alv

ciam XIV. Valentina

Provinciam XXXV.

SCHEMA GENEALOGICUM PROVINCIARUM ORDINIS MINIMORUM

S. FRANCISCI DE PAULA,

QUI EST FONS PARVUS CRESCENS IN FLUVIUM MAXIMUM, ET IN AQUAS PLURIMAS REDUNDANS: SEU FLUVIUS EGREDIENS DE LOCO VOLUPTATIS (*PAULÆ*) AD IRRIGANDUM PARADISUM (*ECCLESIÆ*,) QUI INDE DIVIDITUR IN QUATUOR CAPITA (*NATIONES*,) QUÆ SUNT:

I. Italia, continens XIII. Provincias, nempè, Provinciam I. Calabriæ Citerioris, nunc dictam S. Francisci de Paula, ex se proferentem
- Provinciam III. Messanæ, gignentem Provinciam XIX. Panormitanam.
- Provinciam V. Genuensem, ex qua
  - Provinciam XV. Etruriæ.
  - Provinciam XXI. Lombardiæ, & per ipsam, Provinciam XXVIII. Mediolanensem.
- Provinciam IX. Neapolitanam.
- Provinciam X. Apuliæ.
- Provinciam XII. Calabriæ Ulterioris.
- Provinciam XXIII. Lauretanam.
- Provinciam XXVII. Venetam.
- Provinciam XXXIV. Lucaniæ, seu Basilicatæ.

II. Gallia, complectens XII. Provincias, scilicet,
- Provinciam II. Turonensem.
- Provinciam IV. Parisiensem, & ex istâ Provinciam XVIII. Campaniæ, ex quâ Provinciam XXVI. Lotharingiæ.
- Provinciam VI. Aquitaniæ, per quam
  - Provinciam XIII. Lugdunensem, & ex ipsâ
    - Provinciam XXV. Flandricam.
    - Provinciam XXIX. Comitatûs Burgundiæ, de quâ Provinciam XXXII. Sabaudiæ.
    - Provinciam XXX. Ducatûs Burgundiæ.
    - Provinciam XXXI. Alverniæ.
  - Provinciam VII. Gallo-Provencam.

III. Hispania, in IX. distincta Provincias; nimirùm, Provinciam XVII. Granatensem, & ex ipsâ
- Provinciam XI. Castellæ, ac per hanc Provinciam XIV. Valentinam, divisam in
  - Provinciam XVI. Catalaunam.
  - Provinciam XXII. Majoricæ, ex quâ Provinciam XXXIII. Sardiniæ.
  - Provinciam XXIV. Aragoniæ.
- Provinciam XX. Hispalensem, & ex illâ Provinciam XXXV. Lusitaniæ.

IV. Germania, unicâ clausa Provinciâ VIII. Bohemico-Germanicâ.

BX
4700
F78F7

Francisco de Paula Bossio, Frei
Vida prodigioza

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 06 03 12 024 5